

Preço: Cr\$ 5,00
em todo o Brasil

Revista da Semana



NUMERO DE ANIVERSARIO

Elegancia e Bom Humor

DOIS ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS À SEDUÇÃO DA MULHER MODERNA

PARA CONSERVAÇÃO DA ELEGÂNCIA, MEIA HORA DIÁRIA DE GINÁSTICA; PARA CONSERVAÇÃO DO BOM HUMOR, UM CIGARRO SEMPRE QUE O ABORRECIMENTO OU O CANSAÇO MENTAL NOS APRISIONE O ESPÍRITO. E O CONSELHO DAS JOVENS ESTRELAS CINEMATOGRAFICAS

Elisabeth Fraser, a encantadora estrelinha da Warner que terá sua grande oportunidade na filmagem do delicioso romance de Margaret Kennedy, A NINFA CONSTANTE, aconselha aqui quatro exercícios capazes de manter irrepreensível ou corrigir os defeitos de qualquer corpo jovem.

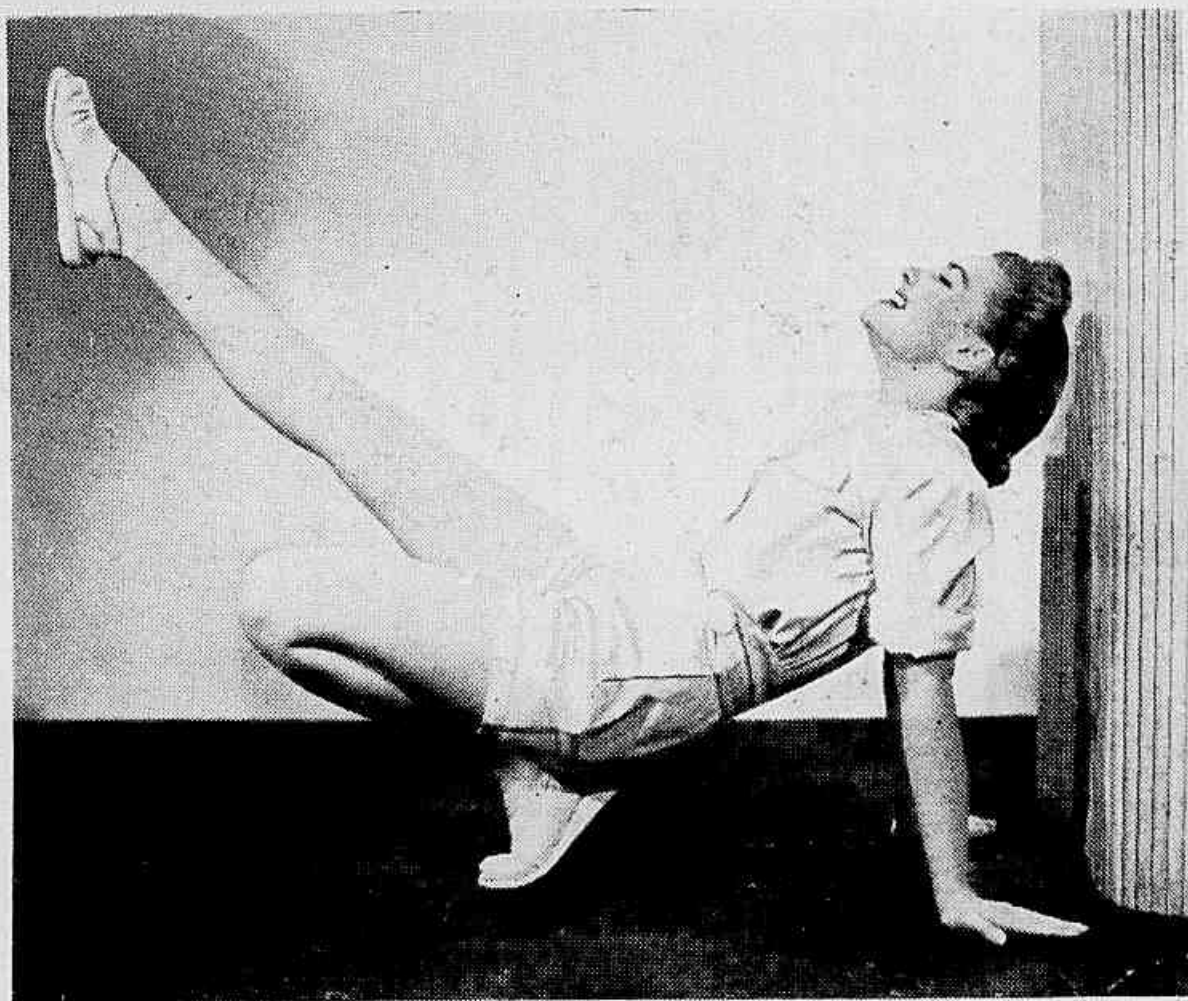
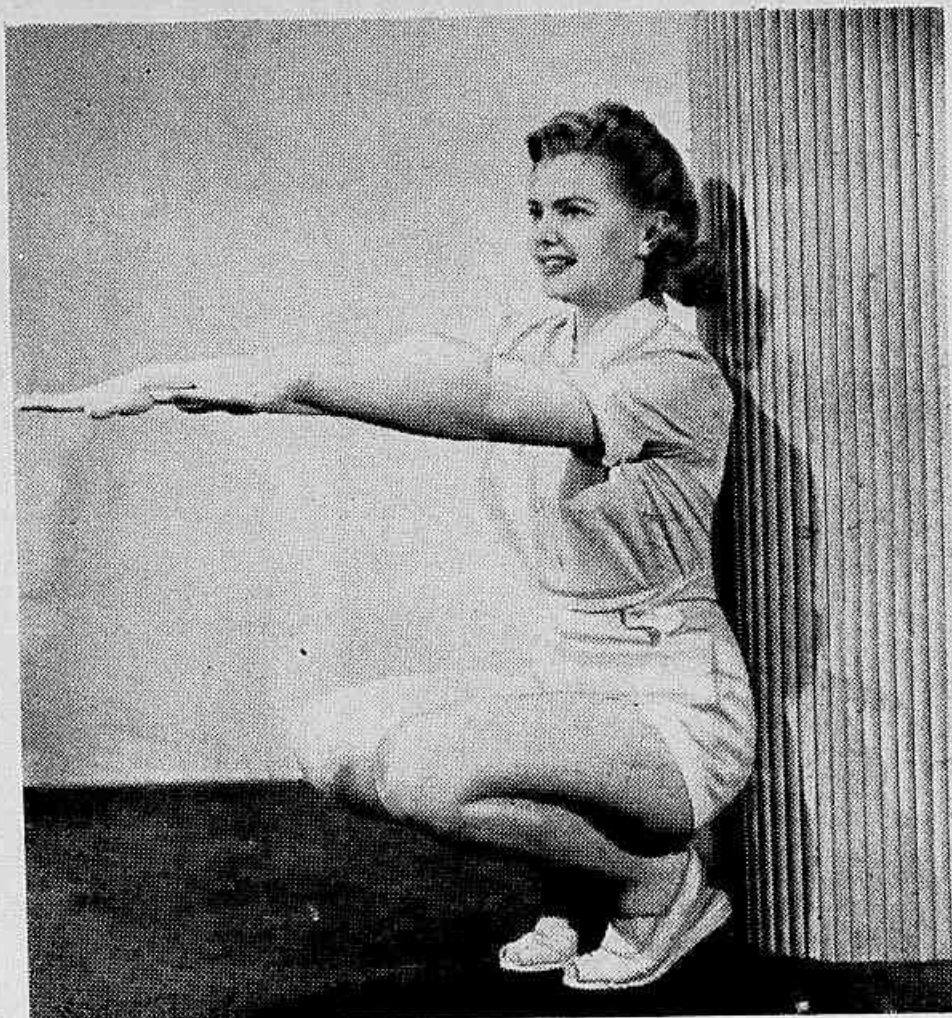
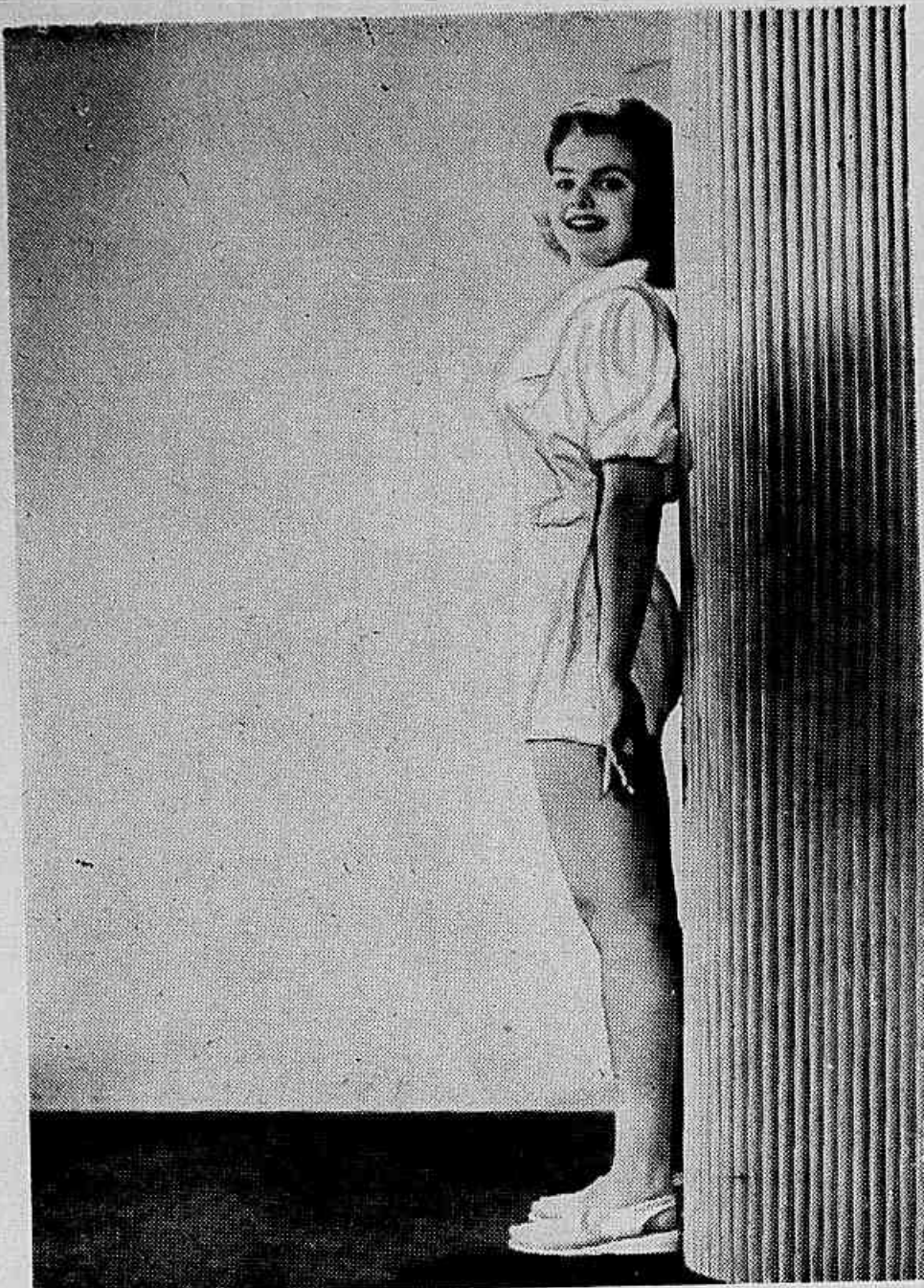
Uma mulher curvada, de ombros caídos e estômago saliente, jamais poderá ser elegante e nem mesmo parecer bonita, por mais lindo que seja o seu rosto. Uma posição perfeita pode ser conseguida facilmente se nos colocarmos erectas contra uma parede, com os pés, as pernas e as costas bem encostados contra ela, a cabeça alta, o estômago e o abdômen para dentro. Depois é só esforçar-se para que esta posição passe a ser normal.

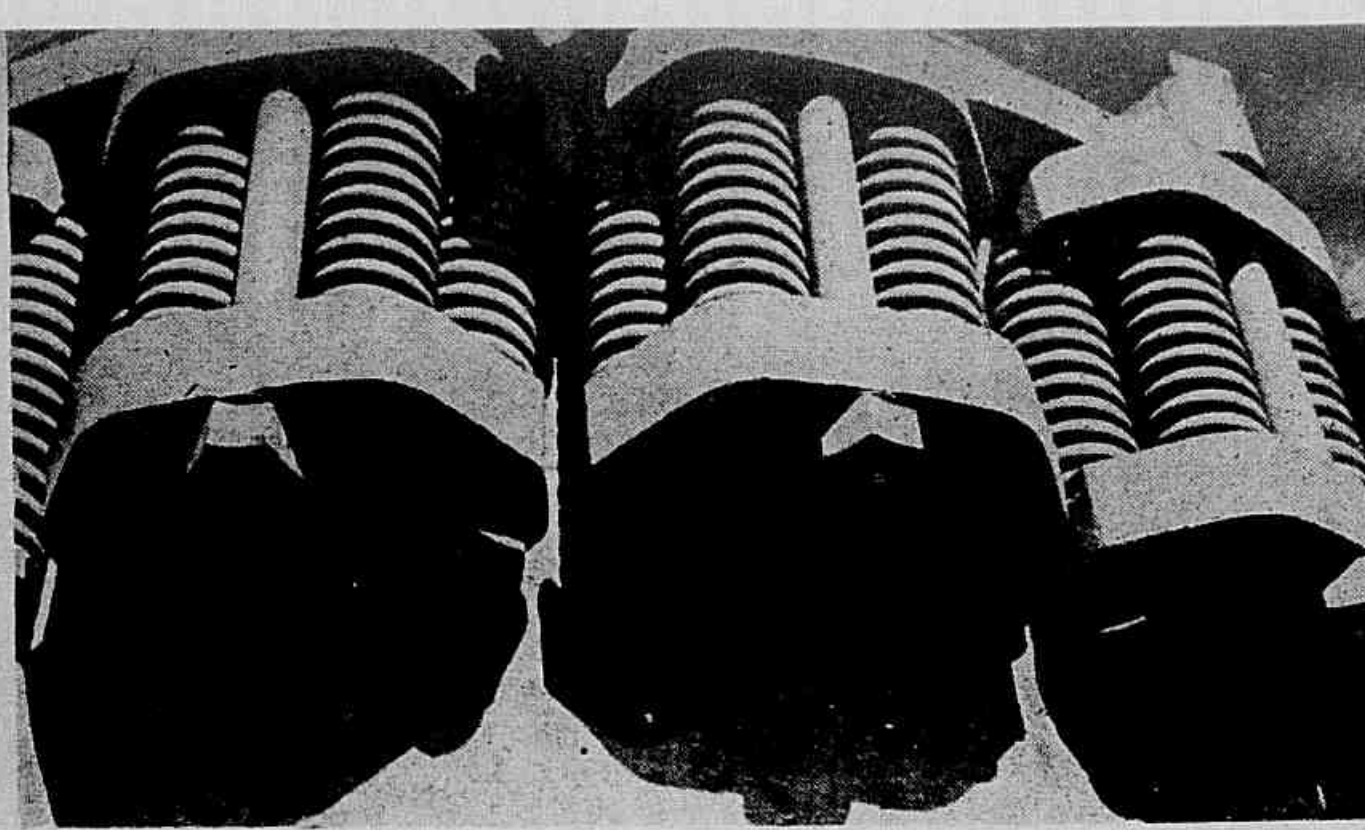
Para fortalecer os músculos das costas e das pernas e manter o equilíbrio é excelente este exercício, que, começando pela posição anterior, termina conforme se vê nesta fotografia, após o corpo haver deslizado lentamente pela parede abaixo. Este exercício, depois que se tiver alguma experiência, deve ser feito sem apoio, para que o equilíbrio, seja perfeito.

"Sim, declara Carol Landis, um dos elementos novos da Fox que surge com um futuro mais promissor. É linda, atraente e bem humorada. Sim, declara ela, tudo isso nós sabemos e somos obrigadas a fazê-lo para conservar a elegância; mas de que serve esta se tivermos o espírito torturado ou cansado? É o que nem todos sabem é que após meia hora de ginástica precisamos alguns minutos de repouso integral, do corpo e do espírito, e o melhor para isso é relaxar os músculos e umar um bom cigarro".

E, finalmente, um excelente exercício para fortalecer os músculos das costas, cintura, abdômen e pernas. É simples e engraçado: basta segurar os tornozelos com as mãos e caminhar assim.

Para tonificar os músculos e mantê-los em perfeito estado de flexibilidade eis aqui um exercício perfeito, que cansa um pouco a princípio, mas depois proporciona um adorável bem estar: colocar-se de barriga para cima, cabeça atirada para trás, apoiada apenas nas palmas das mãos e nas pontas dos pés; estender uma perna e depois a outra, de cinco a dez vezes.





QUEM abandona a faixa litorânea, quem deixa atrás de si o perfil geométrico dos arranha-céus, os ruidos cosmopolitas de uma civilização alienígena — e penetra o continente — cedo ouvirá coisas do boitatá: "...o compadre não viu o 'bicho' na encruzilhada da Tapera?" "...aquele desaparecimento misterioso do padre Antonio?" Não tem dúvida, é ele". E' o boitatá, que ainda percorre os caminhos sertanejos, deixando um rastro de fogo nas noites mortas. Fugiu das cidades porque as luzes o espantam e o barulho o aborrece. De resto, nada mais teria a fazer nas cidades. Ele é o gênio protetor das florestas, é o espírito diabólico que conduz aos atoleiros e aos abismos, todos os que lavram o incêndio sobre o campo e destroem as matas. Mais do que um duende misterioso, representa um símbolo. A terra guardando seus tesouros, resguardando as verdes catedrais, em cujos rios se batistaram os filhos da Grande Raça.

O caboclo sabe de sua existência. Compreende o boitatá. O caboclo também ama sua terra, ama ferozmente este solo que está sob seus pés; ama seus rios, suas florestas, seus horizontes. Dorme nas suas veias a ressonância atávica dos sangues que vieram de longe; e flutua uma grande tristeza nos seus olhos mansos. A saudade é uma doença. Ele sente a nostalgia imprecisa do berço, da pátria de seus maiores, donde, um dia, desceu o povo inquieto para a aventura bárbara nas planícies do litoral...

Enquanto os moleques dormem nas esteiras rústicas e só a brisa agita, de leve, o silêncio, ele "acende" os ouvidos, encosta-se atrás da porta da noite — e escuta. O desfile fantástico dos gênios da selva. Desde o tropel forte do caeteté, até o passo lírio do saci. E esses passos trazem uma mensagem ao seu coração. Que importa o tempo, que importam os séculos? E' como se escutasse a voz das próprias origens. Bem sabe que os outros não acreditam, que os outros não vêem, não ouvem, nada, mas isto não o preocupa. Um dia, despertarão as multi-

O Boitatá acende o seu lume em Volta Redonda

ANSELMO MACIEIRA

dões sepultas, um dia ressuscitarão as alegrias extintas. O boitatá apontará com a sua espada de fogo, o caminho estupendo da conquista. Plantará o seu lume entre os homens. Ao redor desse fogo, entoaremos o cântico da vida nova. O brado de guerra de um povo que tomou conta do seu destino.

A Usina Siderúrgica de Volta Redonda assinala a emancipação material do Brasil. Permitirá que forjemos trilhos para nossas ferrovias, máquinas para nossas lavouras, armas para nosso exército, navios para nossa marinha.

Apoderando-nos do território pátrio, com o aumento das vias de comunicação; arrancando um maior rendimento do solo, graças ao progresso dos métodos de cultivo e defendendo melhor as riquezas nacionais, auxiliados por um exército moderno e eficiente — sairemos, de uma vez, dessa rotina econômica em que nos vinhamos arrastando até há pouco.

A velha tradição de "país essencialmente agrícola desapareceu". Se o solo fecundo constitua uma sugestão à atividade agrícola, isso não impede que cuidemos, ao mesmo tempo, da formação de um grande parque industrial. Só através de uma poderosa indústria, os estados modernos conseguem atingir à plenitude nacional. Não basta "sustentar" princípios. E' necessário "produzir" riqueza. Onde

reina o pauperismo, onde campeia a miséria, os mais belos princípios são inócuos e o povo sempre está insatisfeito. "Governar" é hoje, mais do que nunca, "fomentar" a produção da riqueza, dentro do âmbito dos interesses máximos do Estado.

O "porque-me-ufanismo" vem sendo um mal e, entretanto, encerra uma verdade. O Brasil é um dos países mais ricos do mundo. Esta circunstância, porém, não justifica um deslumbramento em face de nossas possibilidades. Um povo que espera pela sua redenção econômica e não dá um passo no sentido de precipitá-la, é um povo fadado ao declínio. Porque não avança é implicitamente "regredir".

A terra...

"...a terra em si é de mui bons ares, assim frios e temperados, como os d'entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assim os achavamos como os de lá: as águas são muitas, infundas; em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem."

Mas aconteceu exatamente que não quizer os aproveitá-la. O "plantar do d'á" define a mentalidade da nossa gente. Uma gente "que não planta". Que preferiu perpetuar, através do tempo, o entusiasmo do velho Pero Vaz de Caminha — em vez de lançar as bases de um vasto programa de organização e de construção. Pois, as gerações venceram.

ras só poderão colher, se as gerações atuais souberem semear.

Esse programa foi traçado e está sendo empreendido pelo Governo do senhor Getúlio Vargas.

O antigo pretexto de que as nossas condições financeiras não permitiriam a instalação de uma indústria pesada, foi removido com o gesto do governo, negociando a cooperação material de um país amigo. Se fossemos esperar pelos nossos próprios recursos, permaneceríamos, toda vida, num círculo vicioso. E todo progresso econômico, toda ascensão política deriva, antes de mais nada, de um ato de "audácia". Aliás, tal política não vem mais do que confirmar o adágio que por aqui circulava, nos tempos vetustos do Brasil-colônia: "Quem quizer o Brasil do Brasil, traga o Brasil para o Brasil..." (quem desejasse obter riqueza em nosso País — o pau Brasil, particularmente — deveria inverter capital — o escravo negro — na exploração).

Ninguém mais duvida de Volta Redonda. Os enormes edifícios de suas usinas já se encontram de pé. Uma população esboçada, possuída de uma verdadeira ansiedade, emprega-se na construção da cidade. Tudo isso é admirável. Significa uma era nova para nós. Dir-se-ia que retornamos, em boa hora, à tradição de Mauá.

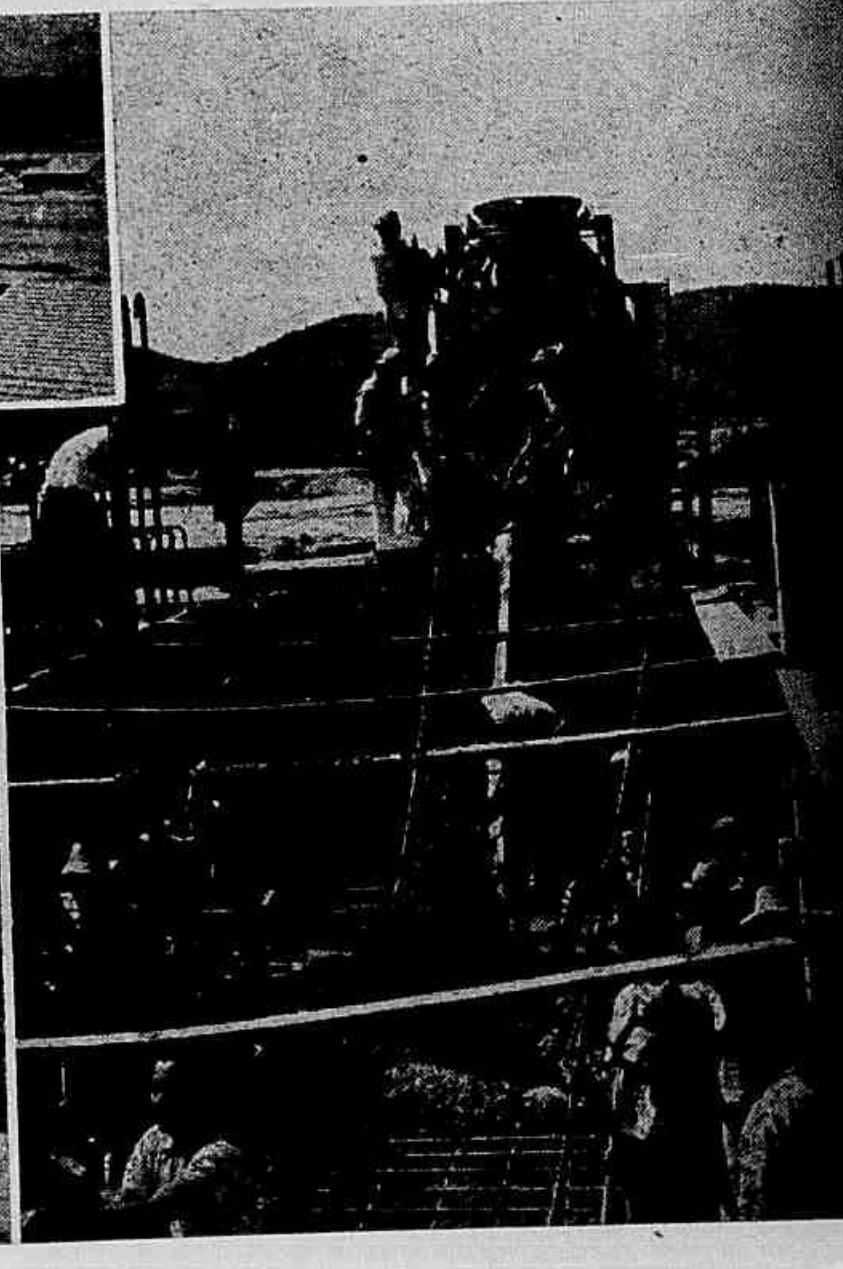
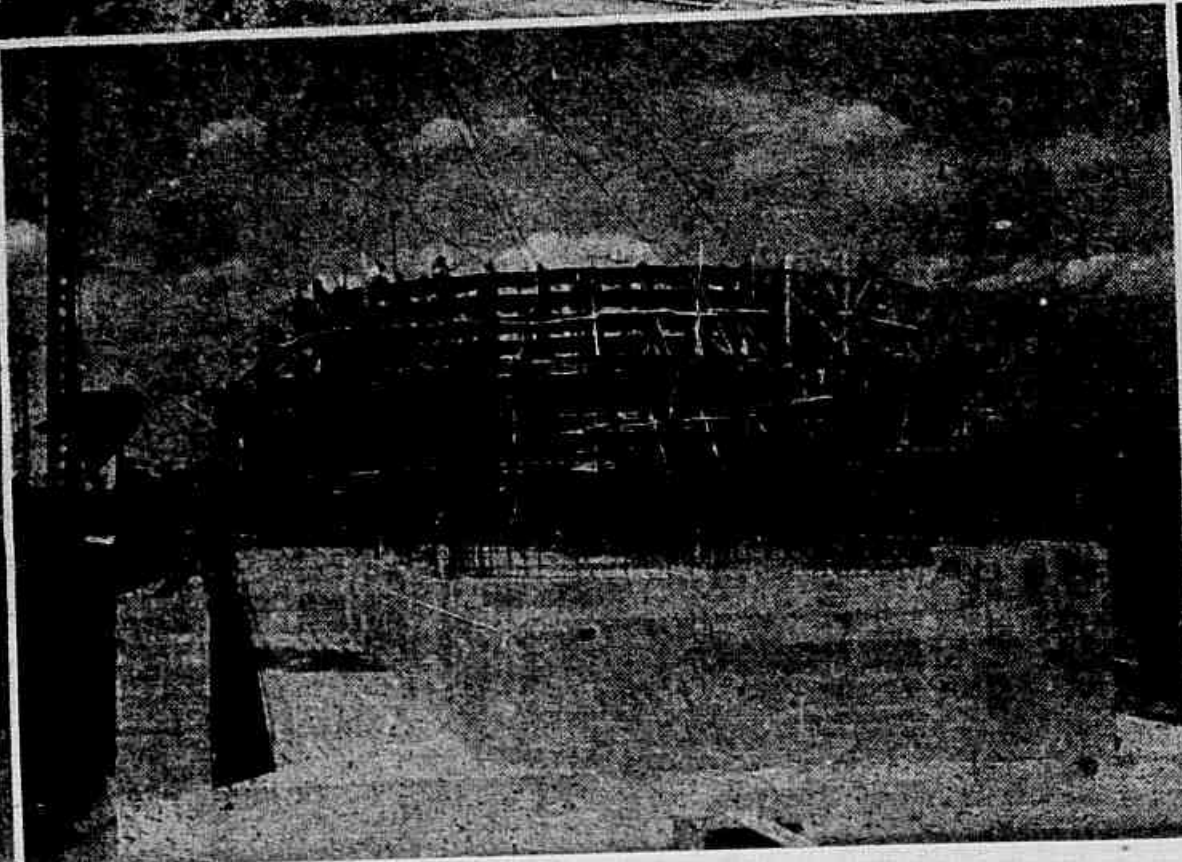
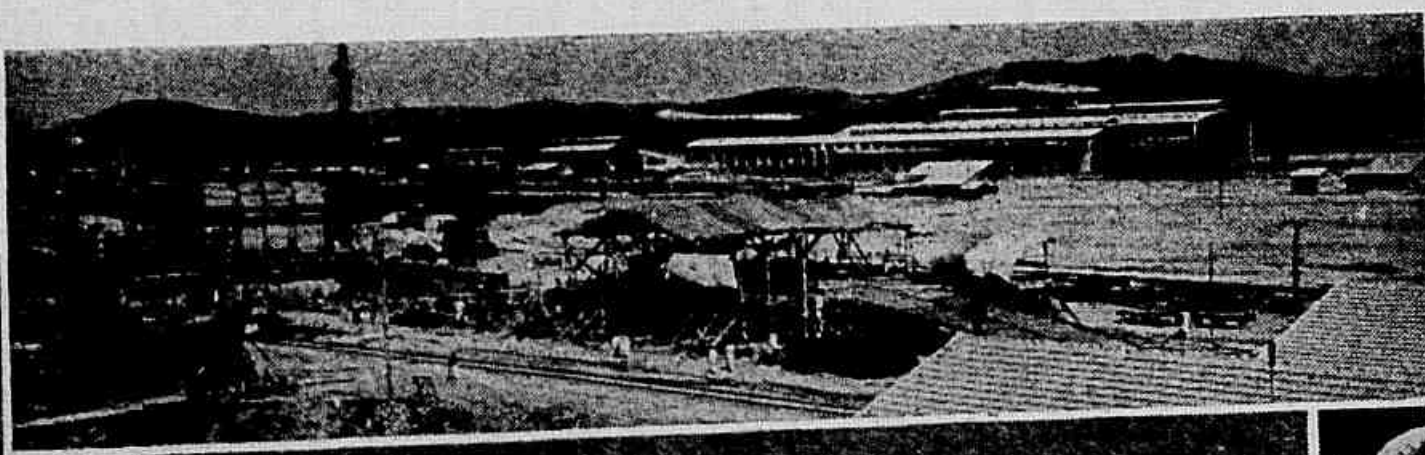
Frei Vicente do Salvador já afirmara, no seu tempo, que o Brasil tinha a forma de uma harpa. No entanto, agora — só agora! — arrancaremos dessa harpa a música triunfal de uma vitória. Uma autovitória contra os males de origem...

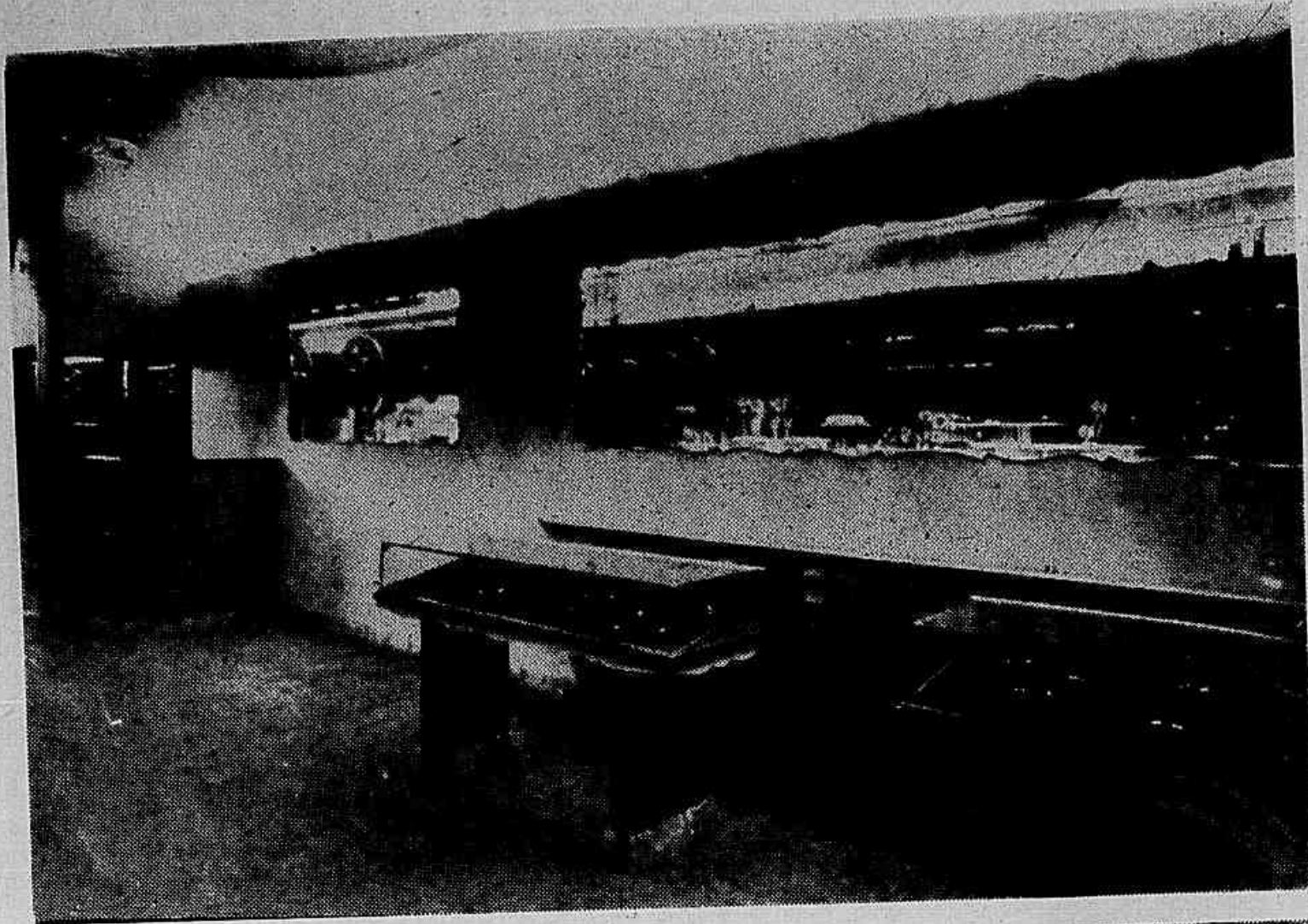
O boitatá vai acender o seu fogo perto do mar. Nos altos fornos, fundiremos instrumentos de trabalho e de guerra. Assim, guardaremos o patrimônio que o destino nos confiou. Há a marcha para o Oeste que deve ser empreendida... ao contrário. E' a reconquista do País, pelo espírito do Brasil imortal. E' o retorno às origens. Que a nação compreenda: estamos em face de uma redenção nacional.

O boitatá vai acender o seu lume em volta Redonda.

Revista da Semana

Ano XLIV N. 24 12-6-43





Deslumbramento

esta reportagem; a previsão que tiveram, neste momento difícil, reunindo considerável estoque para que não faltassem lentes para os que delas dependem no seu labor diário; mantendo enorme corpo de técnicos especializados em ótica, etc.

Agora a abertura da filial veio confirmar ainda mais a segura orientação que os Srs. Ennio e Oscar Gabriel vêm imprimindo às suas realizações. É o testemunho do seu esforço e dedicação. A abertura da filial da O'tica Brasil, disseram seus dirigentes, representa sua gratidão ao público que tem cooperado nas suas realizações; e agora, dizemos nós, a casa que nos foi oferecida é um presente digno dos seus ofertantes. Convidamos aos nossos leitores a fazer uma visita, mesmo por curiosidade, à filial da O'tica Brasil e assistirem a um espetáculo de deslumbramento.

Jamais a abertura de uma casa comercial despertou, entre nós, tamanha expectativa. Tornou-se um fato comentadíssimo. Finalmente no dia 3 p. passado, foi satisfeita a curiosidade pública. A O'tica Brasil inaugurou a sua filial à Av. Rio Branco, 172. O espetáculo que assistimos foi simplesmente deslumbrante. A loja que a nossa Organização em O'tica ofereceu ao público excede a qualquer expectativa. Seus idealizadores e executores são dignos dos maiores encômios.

Encontramos na filial da O'tica Brasil tudo que há de bom e belo: — bom gosto e distinção. Felicitamos mais uma vez os proprietários daquela organização comercial que é o orgulho do nosso comércio e indústria de óculos. Aos Srs. Ennio e Oscar Gabriel muito devemos o desenvolvimento desse ramo científico; as grandes maquinárias instaladas na casa matriz à Rua Buenos Aires, 210, cuja foto ilustra



Daviria

Um aspecto do animado e elegante baile com que o casal David Serrador comemorou o aniversário de sua filhinha Daviria.



Na foto acima, colhida durante a festa de aniversário de Daviria, veem-se, da esquerda para a direita: Mme. Laerte, Mme. Luiz Moreli, Dr. Luiz Moreli e Mme. David Serrador.

Fez anos a 29 de maio ultimo, a interessante menina Daviria, filhinha do casal Maria-David Serrador e neta do saudoso idealizador e creador da Cinelandia, Sr. Francisco Serrador.

Por motivo da passagem da data natalícia de Daviria, os seus pais cfereceram às pessoas de seu largo círculo de relações e amisade, uma linda festa, que transcorreu num ambiente de distinção e alegria, em sua residencia, á rua Sá Ferreira, em Copacabana, a que esteve presente a REVISTA DA SEMANA, gentilmente convidada pela familia Serrador.



A SEMANA EM REVISTA

O BEIJO DOS CONTINENTES



Esses cientistas... Na verdade, não costumamos levar muito a sério o que eles dizem. Desde aquela história inventada por Copérnico de que a terra é arredondada, etc., etc., a humanidade encara com uma certa desconfiança suas afirmativas. A gente sabe que este planeta é, de fato, um planeta, e como tal faz a sua vagabundagem cósmica, sob a perseguição implacável de um satélite. Entretanto, cá, muito no fundo da consciência, a gente duvida — e preferimos conceber o mundo à boa maneira antiga, como o centro do universo, imóvel — petrificado sobre o abismo. Garantem eles inúmeras outras coisas, diante das quais coçamos a cabeça e perguntamos — será mesmo? Disse-ram, por exemplo, que o território inglês está diminuindo, solapado pelo mar. Agora, em plena Alemanha conflagrada, a douta Sociedade Geológica de Berlim anuncia que o Velho e o Novo Mundo estão se aproximando.

O fenômeno dá margem a uma série de considerações. Primeiramente, existe o aspecto geográfico. Sendo o avanço de um pé por ano, com a sucessão dos séculos irá desaparecendo o grande mar. Substituindo os transatlânticos, correrão veículos terrestres. Tomaremos um trem para a França, um ônibus para Portugal... São probabilidades de tal maneira sedutoras, que não escondemos a inveja de que estamos possuídos, imaginando como serão felizes os homens dessa época. Nesse tempo de intimidade entre os continentes, compreenderemos, nós americanos, que nos separa da Europa não o tempo, a diferença de idades entre as culturas — e sim o espaço, a distância física. Essas linhas, porém, não passam de uma conversa fiada. Porque não damos crédito a isso. Trata-se de uma nova mentira em nome da ciência. De um simples boato geográfico lançado pelos cientistas germânicos. Talvez eles esperem que a Alemanha alcance uma vitória naval sobre a América, com essa ofensiva do próprio continente.

ABRIGO DE INVALIDOS

A história da solidariedade humana é uma das coisas mais edificantes, que, acaso, poderemos conhecer. Ela nos transmite a impressão de que a espécie não é tão ruim quanto se pensa. Afinal, possuímos um vestígio de bondade, de amor ao próximo, no fundo de nossas almas. Dir-se-ia que em cada ato de caridade, vive um pouco de penitência. Penitência íntima pelas ações más, porventura praticadas anteriormente. Assim, é muito comum verificarmos que os ricos tomam frequentes iniciativas filantrópicas. Não existe calão, não existe obra de caridade onde não apareça, à frente, algum personagem de alto coturno, alguma senhora irrimavelmente virtuosa, alguma senhorinha pedante. "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade", diria o Eclesiastes. O que acontece é que, em algumas cidades, os pobres, os cegos, os orfãos, dispõem de maior número de casas, de maior soma de auxílio do que, na realidade, seria necessário. No entanto, um bocadinho longe das capitais, onde não existe uma imprensa para businar o nome dos magnânicos, campeia o absoluto desamparo às sub-classes. Tudo isso — cremos — não interessará ao leitor da REVISTA; nem, muito menos, nos interessa. Assistir a uma sessão cinematográfica, ouvir um concerto de Zenkar ou ler um romance de Huxley, são maneiras bem mais agradáveis de passar o tempo. Mais agradáveis do que empregando-o na meditação dos problemas sociais. E tudo isso não pretende constituir uma lição de arte de viver. Vem a propósito de um fato curioso. Em Caracas, foi lançada a pedra fundamental da Casa do Escritor. Sim, na linda Capital da Venezuela, os homens de letras, os proletários da pena, irão possuir o seu lar, onde esconderão, do mundo, a velhice e a doença. Desconhecemos se a dita casa abrir-se-á, somente, aos velhos. Não, por certo será destinada aos intelectuais inválidos, em geral. Aí — eis o problema — todos eles são mais ou menos uns inválidos, hoje! Inválidos, porque nada mais podem fazer, nenhuma influência podem exercer na sociedade. Não passam de importunos, elementos suspeitos que os outros encaram com desconfiança e precaução. São braços e não cérebros que governam o mundo. Muito mais importante a palavra do técnico. Muito bem. Uma vez que nenhum papel podem desempenhar mesmo cá fora, nada mais humano, nada mais razoável do que possibilitar a eles o gozo tranquilo da própria invalidez. Nossas humildes felicitações aos beneméritos realizadores de tal empreendimento.

Diga isto a seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adoentado, com empachamento, pêsso, dór e outros desarranjos do estômago, a língua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, pêsso, calor e dór de cabeça, tonturas, nervosismo, certas coceiras e irritações da pele, mal estar depois de comer, preguiça e moleza geral, dóres, cólicas e outras perturbações do ventre, muita sede e quentura na garganta, âncias e vontade de vomitar, mau hálito, indigestão, arrôtos, gases, diga-lhe que todos estes sofrimentos são causados por substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre evita e trata estes sofrimentos porque combate a prisão de ventre e limpa o estômago e intestinos das substâncias infectadas e fermentações tóxicas que tão grande mal podem causar a todo o organismo.

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre
em casa **Ventre-Livre**

NOSSO ANIVERSÁRIO



Não, o leitor indiferente, que ocupa alguns minutos de suas horas de lazer, borboleteando o olhar pelas páginas de um *magazine*, não fará uma idéia do quanto custa realizar uma revista. Nem, muito menos, a jovem elegante que, entre duas baforadas de cigarro, num recanto confortável de seu apartamento de Copacabana se distrai com uma crônica, ou procura, na seção de modas, uma sugestão para o próximo *toilette de soirée* que está planejando. Sim, nenhum pensa no outro lado de uma revista. Como

o espectador de teatro, todos guardam a mais enganosa das impressões, porque só vêm aquilo que deve ser visto; desconhecem os bastidores, ignoram os sacrifícios ingentes, os idealismos anônimos daqueles que labutam na caixa-de-teatro da imprensa.

As condições da imprensa brasileira ainda não permitem que o jornalista disponha, por aqui, das mesmas possibilidades e vantagens de que dispõem seus colegas de outros países. Resulta daí, empregar atividades paralelamente noutros setores, o que representa uma considerável dispersão de energias. Aquilo que o prende à imprensa é mais um capricho, uma coisa que nem ele mesmo sabe explicar. De outro lado, as empresas enfrentam dificuldades bem sérias, agravadas, agora, pela situação anormal que atravessamos. Tudo deve ser vencido para que o público receba o seu *magazine* no dia certo; é necessário garantir ao público sua razão de emoções e de imagens, semanalmente. Hoje, comemoramos nosso aniversário: A REVISTA DA SEMANA iniciou sua existência quando também se iniciava o século. O mundo transformara-se; a humanidade vestira-se de novo. Uma vida social diferente surgia nesta Capital, onde circulavam as melhores revistas francesas. Nessa atmosfera apareceu o nosso primeiro número. E desde então, circulou ininterruptamente, espelhando a vida social brasileira nos seus múltiplos aspectos.

FLÁVIO

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47866

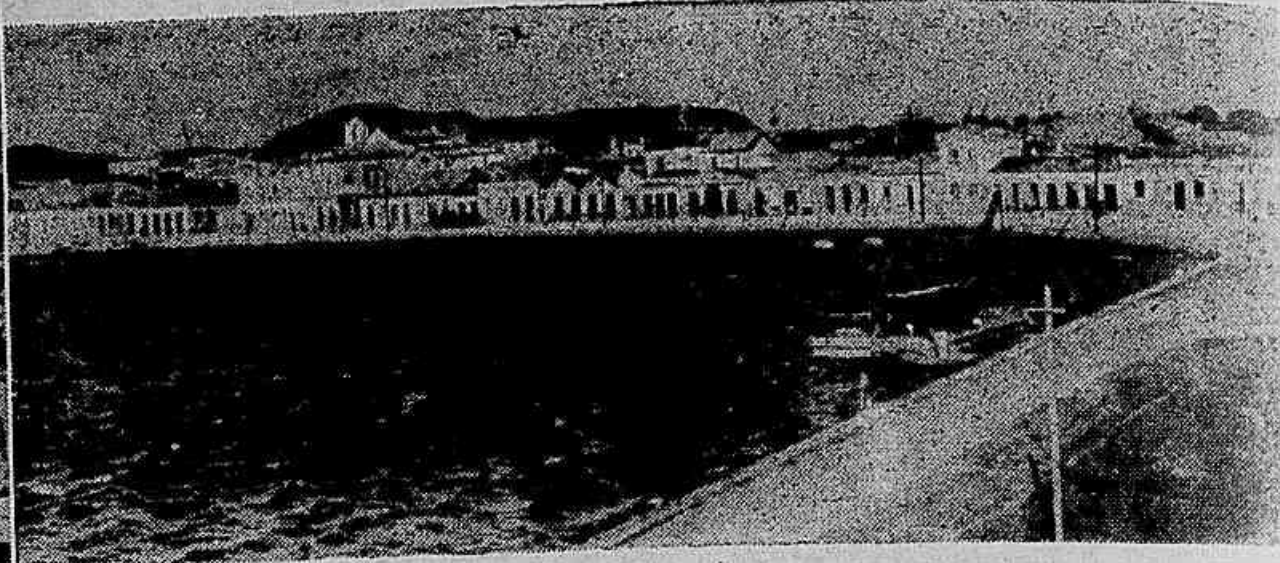
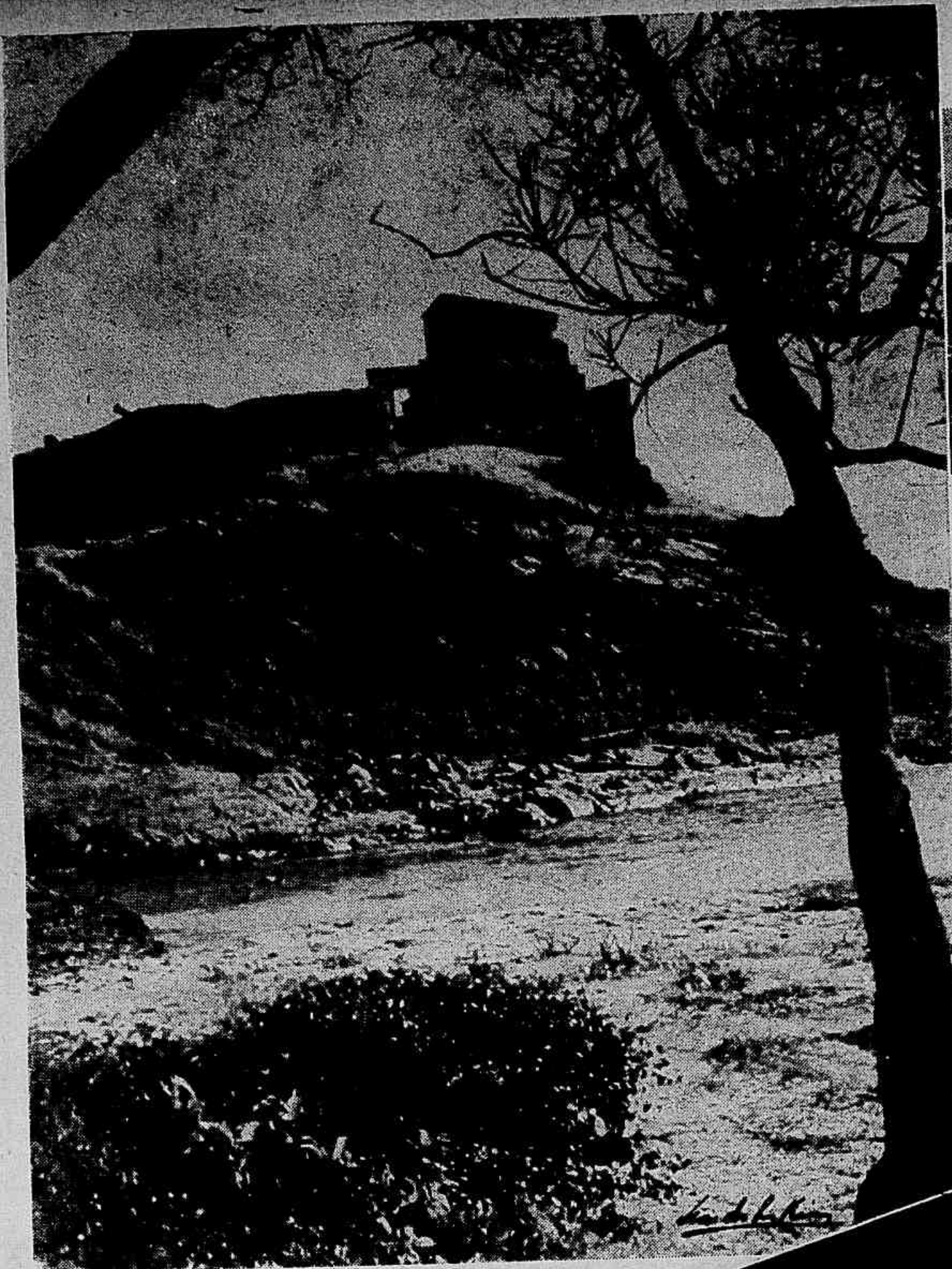
IDEALISE O TYPO
e
O ENCONTRARA' NA

CASA DA



CALÇADOS
URUGUAYANA, 72-74
Tel. 43-5140

O TURISMO NO ESTADO DO RIO



UMA ESTÂNCIA MODERNA NO "MEDITERRÂNEO" FLUMINENSE

nas regiões praianas do Estado, o município privilegiado pela natureza ávida do turismo.

Os encantos dos areais extensos da lagoa — "Mediterrâneo fluminense" — os cômodos movediços, as restingas com seus frutos agrestes e a vida nômade dos homens da pesca e da indústria salinera, são atrações que falam à alma dos que visitam Araruama, velha cidade do Brasil colônia.

As perspectivas dessa região, em matéria de turismo, são as mais promissoras, dada a sua posição privilegiada, à margem de um gigantesco lençol d'água de insuperável beleza, onde a natureza aprimorou os encantos de suas paisagens. Nas águas da lagoa imensa caprichosamente orladas em recôncavos aprazíveis e sombreados de capujeiros em profusão, há muito em que divertir o espírito e restaurar o físico. A salubridade do clima convida ao exercício do remo e da natação, à prática da pesca, enfim a uma vida de retemperamento física. Além disso, a poucos quilômetros de Araruama, estão Cabo Frio e São Pedro da Aldeia, de um lado, e Saquarema, de outro, oferecendo passeios magníficos, sedutores, agradabilíssimos a quantos façam, naquela cidade, a sua vilegiatura, e queiram desfrutar as emoções de pequenas viagens a cavalo ou nos barcos que singram as águas pacíficas. As salinas, que alvejam nos horizontes límpidos, são outro motivo constante de atração e de encanto para turistas estrangeiros e nacionais.

UM HOTEL MODERNÍSSIMO

O hotel de Araruama, mandado construir pelo comandante Amaral Peixoto, é um prédio moderníssimo, com todos os requisitos materiais para satisfazer as suas finalidades. No seu interior, as instalações sóbrias, elegantes e confortáveis, permitem uma temporada agradável a quantos desejam repousar, aproveitando o sossego bucólico daquela região encantadora. No seu parque haverá motivos para mundanismo e sociabilidade, com diversões e esportes elegantes, que facultarão uma vida alegre, vivida no contato direto da Natureza, aspirando o oxigênio puro que as brisas marinhas tonificam.

URBANIZAÇÃO DAS CIDADES FLUMINENSES

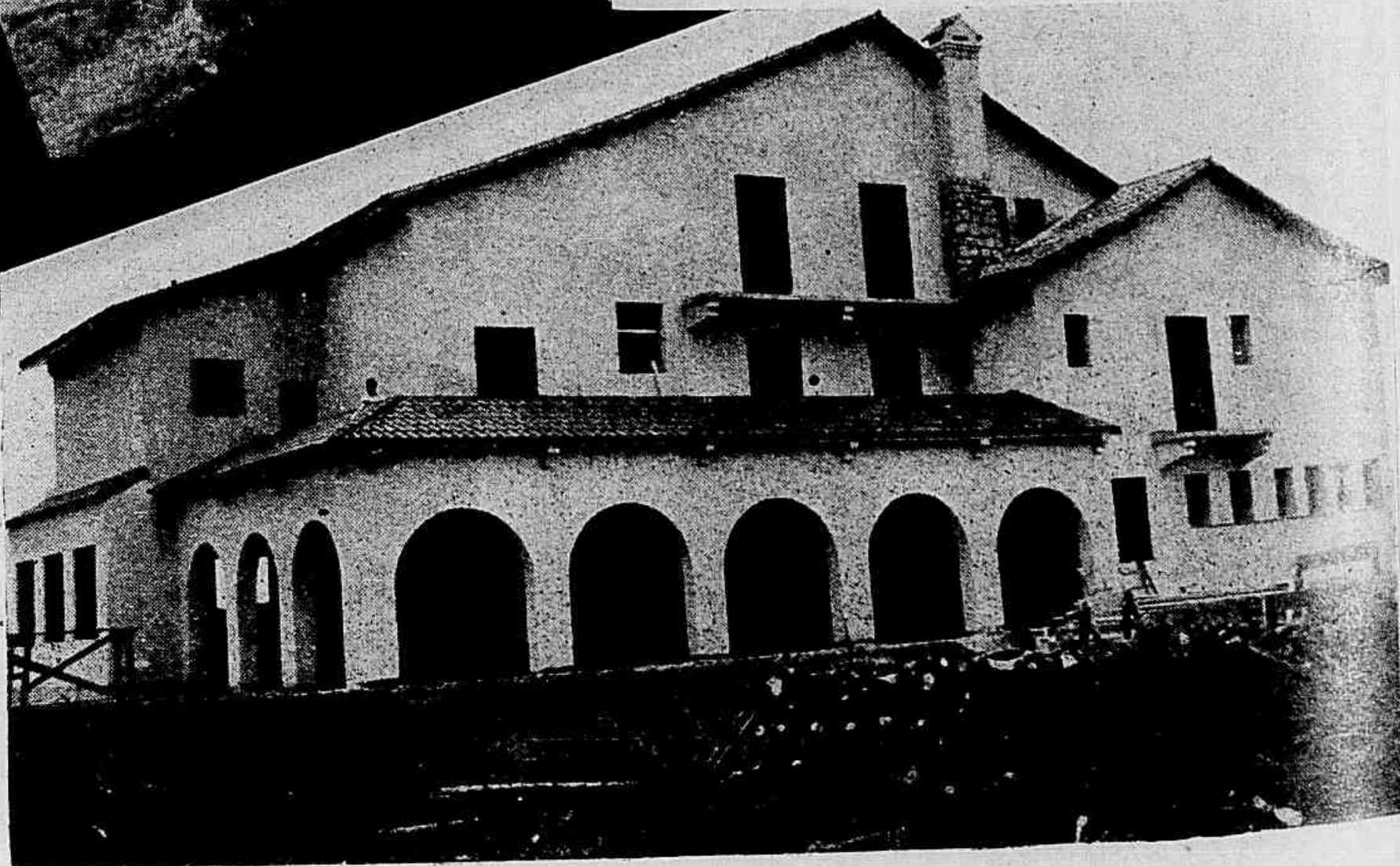
Por outro lado, o plano de urbanização que abrange muitas cidades fluminenses, contempla Araruama e Atafona, esta última no município de S. João da Barra, duas localidades que se apresentam em excelentes condições de atrair as correntes turísticas. Esse plano, corrigindo, disciplinando, orientando e propiciando o desenvolvimento local, elimina os aleijões existentes, reprime as desordens construtivas, facilita melhoramentos futuros e, ao mesmo tempo, embeleza e torna atrativas as condições presentes, prevendo e provendo a todas as consequências decorrentes do desenvolvimento, por força das correntes turísticas atraídas.

CABO FRIO

Vale a pena citar como uma das grandes atrações turísticas da zona litorânea do Estado do Rio a cidade de Cabo Frio, fundada em 13 de Novembro de 1613. Os prédios centenários, com suas paredes espessas, constituem uma atração para os estudiosos de assuntos arquitectónicos. Alguns andam no seu quarto século de existência.

A par de suas edificações seculares, como o Convento e a Igreja de N. S. da Guia, há prédios modernos, residências, tudo em harmonia com o seu parque industrial e os melhoramentos urbanísticos ali em execução.

O governo do comandante Amaral Peixoto vem realizando um programa prático de aproveitamento das regiões de turismo. Os melhoramentos executados pela administração estadual em várias localidades fluminenses, despertaram a iniciativa particular, fazendo surgir construções modernas, em áreas de terras até então desvalorizadas. É a realização de uma nobre e sábia política de aproveitamento das regiões pitorescas, fixada, em seu programa de governo, pelo interventor Ernani do Amaral Peixoto, que regulamenta o assunto, concretizando-o em lei pelo decreto n.º 125, de 3 de Agosto de 1940. De muitos melhoramentos careciam essas regiões, algumas delas até agora votadas ao mais lamentável abandono. Araruama, situada pitorescamente à margem de uma lagoa extensa e iscosa, é,



AUTORIZADO A FUNCIONAR O BANCO PAN-AMERICANO S. A.

ATE' bem pouco tempo o estabelecimento bancário era uma espécie de fortaleza cercada de paliçadas, tendo ao centro um senhor feudal de aspecto impenetrável, com o sentido diretamente fixo no rendimento de juros dos capitais a emprestar.

Os interesses coletivos muitas vezes se esboroavam, pelo fato de os banqueiros não julgarem o mérito das propostas dos que os procuravam, pelo real valor dos programas de negócios a florescer amparados pelo indispensável apoio do capital.

Hoje, felizmente, os Bancos possuem uma fisionomia específica voltada exclusivamente para o interesse do progresso nacional, estimulando as iniciativas dignas de todo o concurso material desses núcleos capitalistas que formam o comércio bancário.

O Brasil já não pode ser classificado como o país da usura. Seus filhos sabem empregar os meios circulantes como elemento básico para aumentar, em todos os centros de atividades, o potencial de energias de que tanto precisam os povos jovens e operosos como é o Brasil.

Os Bancos tem papel destacado e decisivo no desenvolvimento social, moral, econômico e financeiro do país, modificando hábitos e influenciando no caráter de nossas transações comerciais.

O Banco arejou os ambientes produtivos e deu propulsão ao progresso dos povos. Em nenhum país, a instituição bancária é tão necessária, útil e preciosa como no Brasil. País de escassez de dinheiro, seus filhos precisam de numerário ou crédito bancário para dar à Nação a vida movimentada e intensa que ela exige.

Um Banco que se funda é mais um passo na escalada em busca da emancipação nacional, porquanto vamos contar com mais um forte elemento de êxito para a boa articulação entre a idéia, o capital e o trabalho.

O despacho do Sr. Ministro da Fazenda, deferindo o requerimento em que o Banco Pan-Americano S. A. pede para realizar operações bancárias nesta cidade, é a garantia de que o comércio bancário no Distrito Federal vai contar com um novo elemento de transações financeiras, colaborando firmemente para o progresso coletivo.

O Banco Pan-Americano S. A. é constituído, exclusivamente de acionistas brasileiros, sendo seus diretores, os srs. dr. Edgar Pessoa de Queiroz, Arnaldo Pereira de Oliveira e Alexandre Goetschel.

Bastariam esses tres nomes para garantir o mais rápido progresso do Banco, uma vez que se trata de tres vultos dos mais destacados no alto comércio e na grande indústria do país, como passamos a discriminar:

EDGAR PESSÔA DE QUEIROZ é o representante de uma das mais tra-

dicionais, cultas e eminentes famílias do nordeste do Brasil, com um passado que honra o nome do próprio país. O sr. Edgar Pessoa de Queiroz herdou dos seus maiores o amor ao trabalho, a honestidade da palavra e o prazer quase religioso de estimular as iniciativas meritórias. Nasceu, desenvolveu-se e formou seu espírito no ambiente do trabalho cotidiano, da produção industrial com que se constroem o futuro dos povos livres. Daí, o não habituar-se à inatividade, procurando sempre criar tudo o que possa encerrar motivos de progresso para a sociedade em que vive e atua como elemento dinâmico. Sua atividade é prodigiosa, tendo-se em vista a sua idade. É diretor da grande e moderníssima Usina de açúcar *Santa Terezinha* em Pernambuco, da conceituada Usina do Outeiro, em Campos e da Companhia de Imóveis Copacabana. É agora, como dissemos acima, um dos diretores do Banco Pan-Americano S. A.

Outro diretor, o Sr. Arnaldo Pereira de Oliveira é nome conhecido e conceituado na praça do Distrito Federal e Estado do Rio, pois, o sr. Pereira de Oliveira é diretor e co-proprietário da Usina *Barcelos* uma das maiores e melhor aparelhadas usinas de Campos. Sua capacidade financeira completa um espírito prático e experimentado em organizações comerciais, onde sobressaem, entre as suas grandes qualidades de administrador, o zelo e a honestidade que caracterizam os homens que, à frente das empresas nacionais, procuram engrandecer o seu País.

Assim, o sr. Pereira de Oliveira completa com sua longa experiência e insuperáveis qualidades, a direção, sobremodo feliz, do Banco Pan-Americano S. A., pois, é o seu Presidente.

O terceiro dirigente é o sr. Alexandre Goetschel, brasileiro nato, chefe da grande firma Eugenio Goetschel, em Paris, que ha bem pouco tempo exportava para todo o Brasil. Possuindo um grande tirocinio econômico-financeiro, o sr. Goetschel gosa da mais justa fama e desfruta, em nosso alto comércio, o mais sólido conceito.

São a esses tres nomes de real valor comercial, industrial e moral, que vão ser entregues os destinos do Banco Pan-Americano S. A. já autorizado a funcionar pelo Ministro da Fazenda.

Todos eles são pessoas capazes de levar o estabelecimento a grandes alturas, prestigiados pelo comércio e pela indústria, que terão no Banco Pan-Americano S. A. decidido ponto de apoio para os estímulos que são iminentes ao capital bem dirigido e honestamente empregado.

Está a Capital Federal de parabens, com a próxima inauguração do Banco Pan-Americano S. A. nome que irradia, desde logo, a maior simpatia e vem propulsionar ainda mais a circulação da riqueza coletiva.



PAMPULHA

MARCO DECISIVO DO PROGRESSO de BELO HORIZONTE



O governador Benedito Valadares, ao pronunciar a sua eloquente oração.



O Chefe da Nação chega ao pavilhão armado no início da avenida Pampulha onde inaugurou solenemente aquela majestosa via pública.

Durante a sua recente visita a Minas Gerais, o Presidente Getúlio Vargas teve ocasião de inaugurar solenemente as obras do bairro da Pampulha, marco decisivo do progresso e da civilização de Belo Horizonte.

Estas obras suntuosas e monumentais, que se devem ao dinamismo progressista do prefeito Juscelino Kubitschek, muito bem assinala uma administração arrojada e empreendedora, que tem contado com o apoio decidido do governador Benedito Valadares. Muito justo foi pois o aspecto de festa popular de que se revestiu a inauguração das obras do novo e futuro bairro, que constitui um presente da atual administração de Belo Horizonte ao povo da capital montanhosa.

As festividades tiveram início com a inauguração da avenida Pampulha, extensa via de 11 quilômetros de comprimento, que liga o centro da cidade ao lago do maravilhoso bairro.

O Presidente Getúlio Vargas chegou à praça Vaz de Melo ponto inicial da avenida, em automovel aberto, precedido de batidores. Grande massa popular que se aglomerava no local recebeu com calorosa e entusiástica ovação a chegada do Presidente da República. O Chefe da Nação cortou então, entre as aclama-

ções da multidão, a fita simbólica, dando assim como inaugurada a avenida Pampulha.

Em seguida S. Excia., acompanhado do governador Benedito Valadares, prefeito Juscelino Kubitschek e outros membros do governo mineiro, dirigiu-se ao lago da Pampulha, fazendo a pé parte do trajeto, entre os entusiásticos aplausos dos milhares de colegiais que se formavam ao longo da avenida, em alas compactas.

A inauguração das obras do novo bairro teve lugar no edifício do Iate Golfe Clube, onde S. Excia. foi recebido por senhoritas da alta sociedade belcrizantina, que lhe atiraram flôres ao passar.

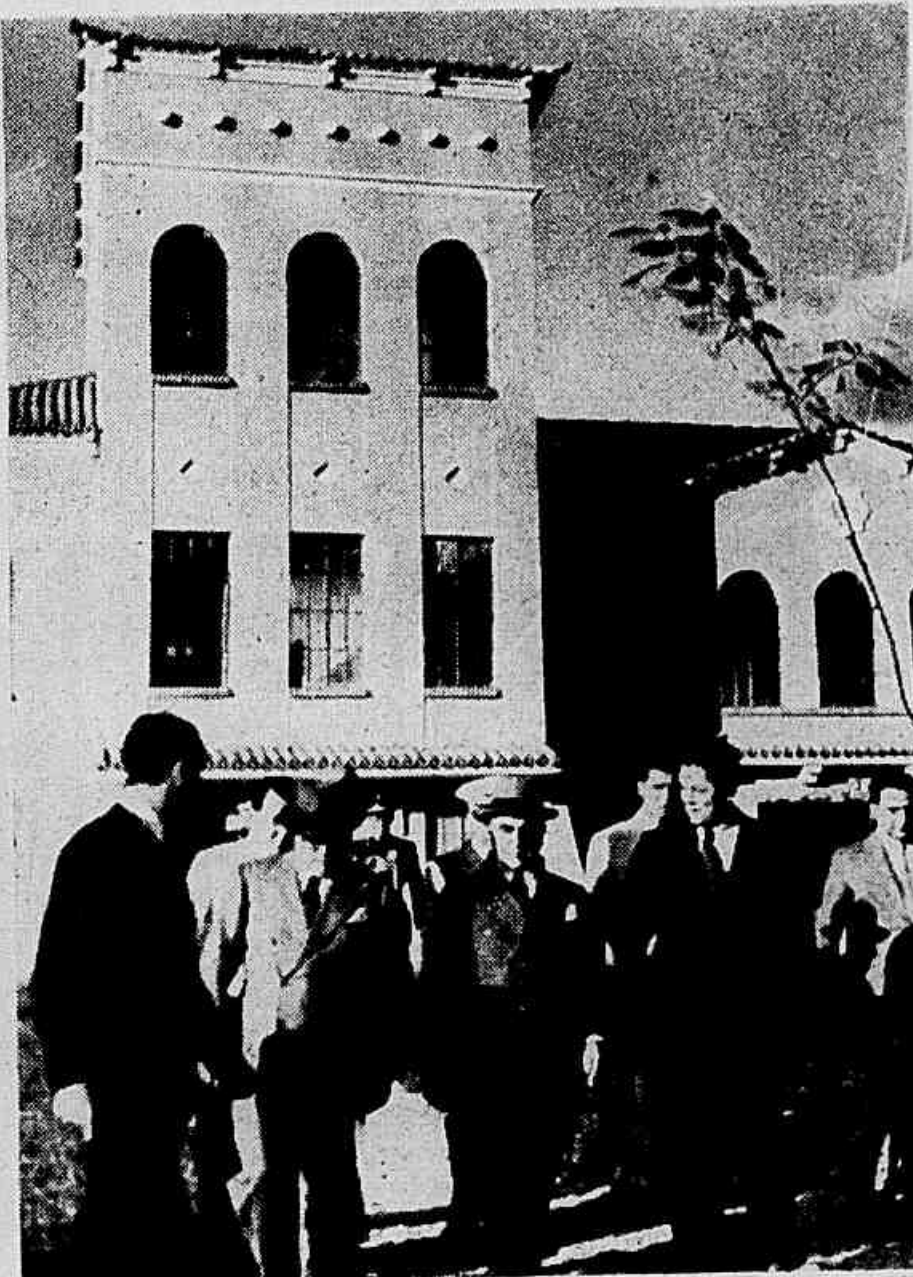
No ato da inauguração o governador Benedito Valadares pronunciou eloquente discurso, que terminou sob calorosos aplausos. Terminada a ovação às palavras do governador, o Chefe da Nação declarou inaugurada as Obras da Pampulha.

Terminada a visita ao majestoso edifício do Iate Golfe Clube, o Chefe da Nação, sempre ladeado pelo prefeito Juscelino Kubitschek e governador Benedito Valadares, percorreu as instalações da estação de tratamento de água da Pampulha, um dos mais perfeitos serviços de saneamento da América do Sul.

Na gravura vemos o Chefe da Nação coberto das flôres com que o recebeu na Pampulha a multidão que ali o aguardava.

O Chefe da Nação deixando a estação de tratamento de águas da Pampulha.

Um passeio de lancha no lago da Pampulha. A embarcação é dirigida pelo prefeito Juscelino Kubitschek.



O Chefe da Nação, o comandante Amaral Peixoto, governador Valadares e prefeito Kubitschek sobem o plano inclinado que dá acesso à sede do Iate Golfe Clube, para assistir às provas esportivas ali realizadas.



O Presidente Getúlio Vargas, em companhia do governador Benedito Valadares e do prefeito Juscelino Kubitschek, percorre as obras da Pampulha.

O Presidente da República visitou ainda a Casa do Baile, destinada às diversões populares e passou pelo lago numa lancha dirigida pelo Prefeito Juscelino Kubitschek.

Em seguida o sr. Getúlio Vargas, em companhia do governador de Minas e do prefeito da Capital, assistiu às provas esportivas, realizadas em sua honra, do terraço do Iate Golfe Clube.

Ao término das solenidades, S. Excia. manifestou a ótima impressão que lhe causara o bairro da Pampulha, o mais arrojado e vultuoso empreendimento urbanístico de Belo Horizonte.

A REVISTA DA SEMANA, que esteve presente às solenidades, oferece nestas páginas aos seus leitores os mais destacados aspectos fotográficos da inauguração dos notáveis melhoramentos da Pampulha.

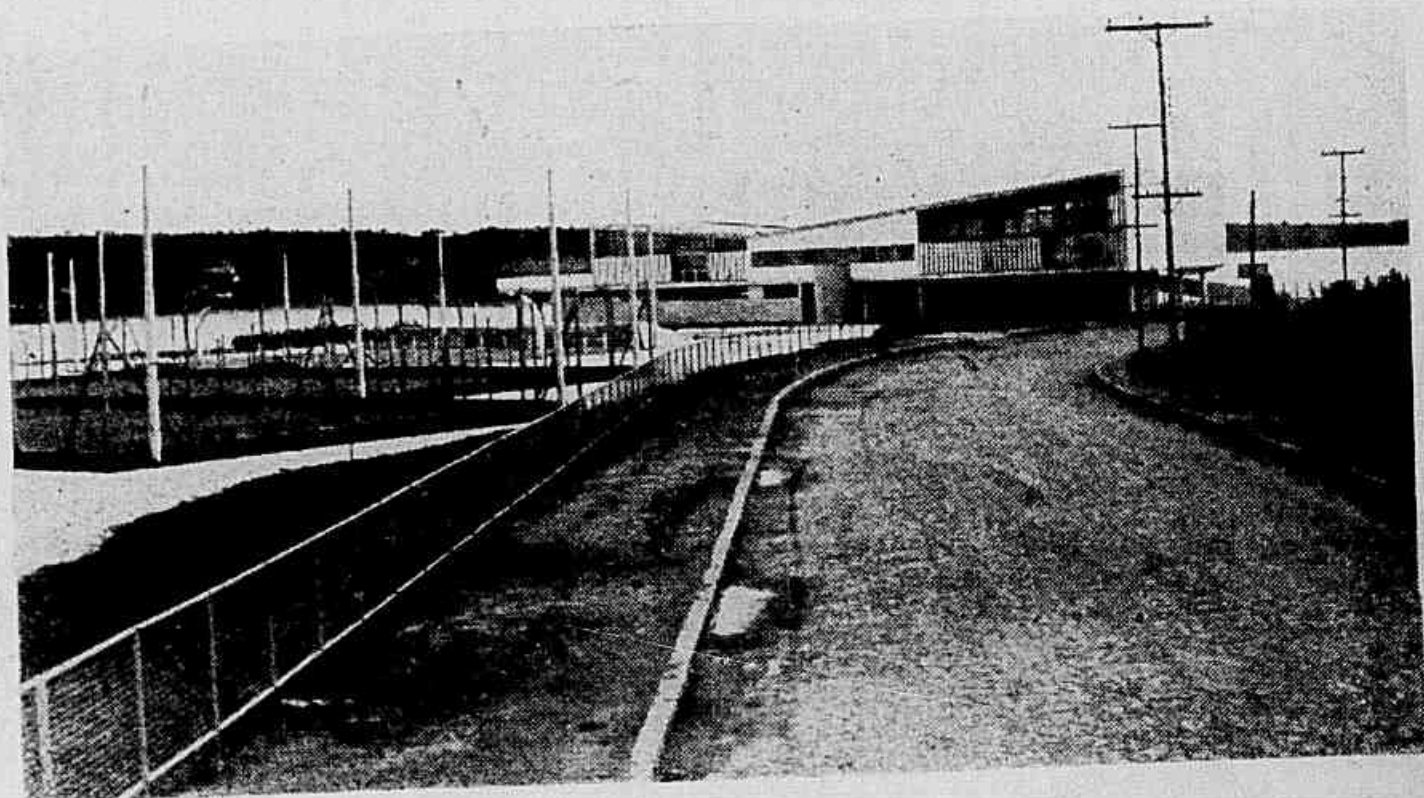


Após a visita ao Posto Médico da Pampulha, outra notável obra da administração da cidade, o Presidente Getúlio Vargas dirige-se de automóvel à Casa do Baile.



Cercado pelo comandante Amaral Peixoto, governador Valadares, prefeito Kubitschek e membros de sua comitiva, o Presidente Getúlio Vargas assiste, do terraço do Iate Golfe Clube, o desenrolar das provas esportivas.

Uma vista da avenida Getúlio Vargas, que contorna o lago da Pampulha, vendo-se ao fundo o majestoso edifício do Iate Golfe Clube.



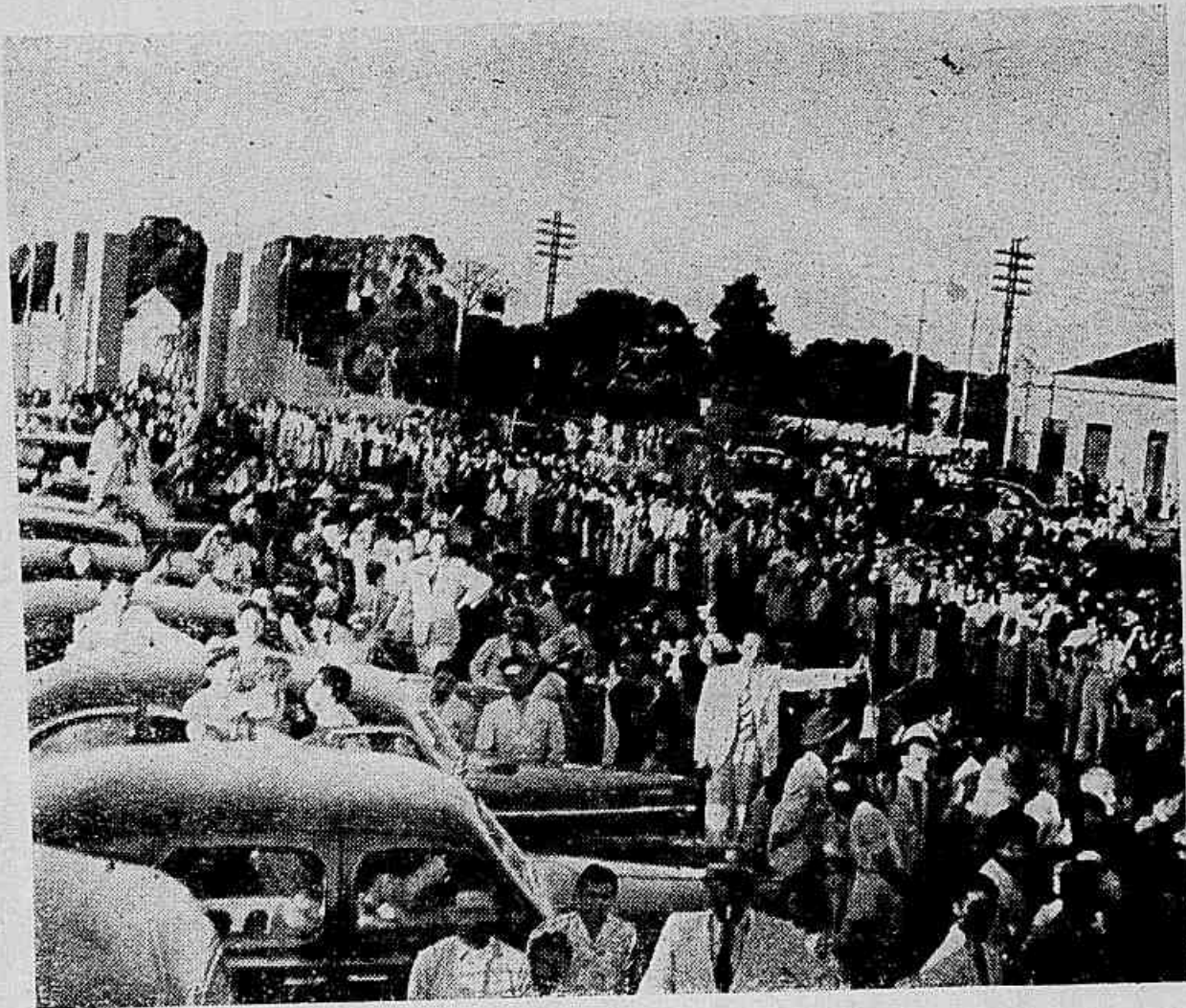
O Presidente Vargas no Estado do Rio



Quando o presidente Getúlio Vargas discursava no banquete que lhe foi oferecido em Campos, no estádio do America F.C.



Momentos antes da inauguração oficial da Estrada Campos-Niterói.



Aspectos da recepção do Presidente Vargas em Campos, vendo-se a multidão ao longo da Avenida Pelinca.



Desfile trabalhista em Friburgo, por ocasião da passagem, ali, do Presidente Vargas.

A população do Estado do Rio viveu horas de intenso entusiasmo cívico, quando da excursão que fez recentemente o Presidente Getúlio Vargas, através do território fluminense.

Desembarcando de lancha na Praça Martin Afonso, de Niterói, onde foi aclamado por enorme massa popular, o Chefe da Nação, após curta estada na Capital do Estado vizinho, seguiu de automóvel para Campos, em companhia do Comandante Amaral Peixoto e D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto,



Flagrante da inauguração da Exposição Agro-Pecuaría de Cordeiro, quando falava o sr. Rubens Farrula, Secretário da Agricultura do Estado do Rio.

inaugurando assim solenemente a Rodovia Campos-Niterói, uma das grandiosas obras do atual Governo Fluminense.

Em todas as localidades compreendidas no itinerário, o Supremo Magistrado da Nação foi alvo de entusiásticas manifestações populares, salientando-se entre estas o imponente desfile trabalhista realizado em Campos, quando de sua chegada àquela Cidade, sendo de nossa reportagem os aspectos que ilustram esta página.

OS LOBOS NEGROS

Ao ver a multidão que se agitava na principal praça de Antílope, onde acabava de ser erguido um grande circo, ninguém poderia imaginar que, há menos de quinze anos, nada existia desta cidade hoje tão florescente. Nenhum Branco, naquele tempo, se arriscaria até à confluência dos dois rios, tão temíveis pareciam aos colonos alemães das vizinhanças do aldeamento de índios que ali existia. Índios do Texas, os "Lobos Negros", senhores daquelas paragens, sabiam defender deveras o seu território; e bastantes Europeus temerários ali conheceram o horror do escalpo.

Tal estado de coisas não podia realmente durar.

Por uma noite de lua cheia, muitas centenas de "Caras Pálidas" cairam sobre a povoação adormecida. E ao amanhecer já a vitória da boa causa se tornara completa. Chiavatta — tal a denominação da localidade índia — ardera inteiramente; e os habitantes tinham sido degolados sem distinção de idade nem de sexo. Só alguns guerreiros que, naquela estação do ano, caçavam na planície, tinham escapado à carnificina.

Destruída a aldeia, os conquistadores verificaram que o lugar era ótimo. E bastante tendo contribuído para tal resultado o contingente da imigração alemã, surgiu sobre as cinzas da bárbara Chiavatta uma Antílope civilizada. Em menos de cinco anos subia a população a dois mil habitantes; e esse número não tardou a dobrar, triplicar, graças à exploração das minas mercuriais da vizinhança.

Por efeito da Lei de Lynch, dezenove guerreiros — os últimos capturados da tribo dos Lobos Negros — eram, sete anos após o extermínio da sua gente, enforcados na praça onde hoje estruge a fanfarra do circo. A fanfarra do circo faz um barulho dos demônios. E bem esperto seria o observador que, no público já acomodado à espera do começo da função — negociantes enriquecidos e modestos trabalhadores — distinguisse os homens impiedosos que, quinze anos antes, haviam praticado a chacina e o incêndio naquela praça hoje em festa...

Milhares de curiosos ocupavam as arquibancadas. E qual a causa desse êxito realmente excepcional? Primeiramente, o desejo legítimo dum divertimento ao cabo do rude trabalho do dia; depois, certa gratidão pela Empresa Dean que vinha dar à cidade uma importância a que ela ainda não estava bem acostumada... Havia, porém, uma terceira razão, sem dúvida a de mais peso. É que o número 2 do programa dizia:

*Passeio em arame
a 15 metros do chão,
com acompanhamento de música,
pelo célebre acrobata
"Abutre Vermelho"
Chefe dos Lobos Negros,
último descendente real da raça,
único sobrevivente
da tribo!*

O empresário Dean contara a várias pessoas que, de passagem por Santa Fé, quinze anos antes, ali encontrara, acompanhado dum rapazinho, um velho Índio quasi a morrer. Antes, porém, de soltar o último suspiro, o Índio lhe revelara que o menino, filho do chefe dos Lobos Negros, era o legítimo herdeiro de seu pai, morto no assalto a Chiavatta e por conseguinte "Sachem" incontestado da tribo destruída ou dispersa. Recolhido na companhia de circo, o garoto se tornara, com o tempo, o primeiro dos seus acrobatas. E só depois de chegar a Antílope, o empresário — afirmava ele — soubera que ali fora situada Chiavatta e portanto o artista ia dansar na corda sobre a sepultura de seu pai.

Espalhada, como se pode imaginar, tal notícia, o Sachem se tornou a *great attraction* da função. Os burgueses de Antílope tinham ido ao circo para ver o derradeiro sobrevivente duma raça que eles haviam exterminado, para o mostrar às esposas, aos filhos, aos parentes ou conhecidos recentemente chegados da Alemanha e que, por consequência, nunca tinham visto Índios. Que orgulho poderem dizer:

— Olhem, olhem! O último dos Lobos Negros, que nós massacraramos!

— Ah! Herr! Ych!

— Que bela satisfação de amor-próprio! As exclamações admirativas entrecortavam as narrativas do feito memorável; e por toda a parte se ouvia a palavra impressionante:

— Sachem... Sachem...

Desde manhã cedo, em volta do circo, os garotos mais audaciosos andavam de cá para lá, tentando espreitar pelas fendas, pelas tábuas mal ajustadas. E os mais crescidos, como que animados, nesse dia, do espírito guerreiro, estufavam o peito e retezavam as pernas, marchando ameaçadoramente...

Soaram enfim as oito da noite. Noite maravilhosamente clara, toda estrelada. A brisa trazia de longe o aroma das laranjeiras. E no circo erguiam-se grandes clarões, vindos de archotes de pes, ao passo que imenso lustre a petróleo iluminava a pista.

Cá fora, aglomera-se a turba dos que não conseguiram arranjar bilhete e agora embasacam para os carros enormes, os cartazes onde se vê, a cores berrantes, um combate de Brancos e Peles Vermelhas. E no bar improvisado à entrada do circo há já grande movimento.

— *Frisch Wasser! Frisch Bier!* Água fresca! Cerveja!

Soa uma campainha e subitamente toda a gente se cala, esperando.

Seis palefrenheiros de altas botas vermelhas se dispõem em duas filas, à entrada da arena. Passa entre elas, a galope, um cavalo sem rédea nem sela e sobre ele uma nuvem de fitas, tule e musselina. É a amazona Lina que faz a sua entrada.

Começa o programa com grande estardalhaço da charanga. Lina é tão bela e tão graciosa, que a jovem Mathilde, filha dum salchicheiro de Oppunciagasse, subitamente inquieta, se inclina e murmura ao ouvido do vizinho, o jovem Floss, dono duma *grocery*:

— Amar-me-ás sempre? Sempre?

O cavalo galopa, resfolegando como uma locomotiva. Estalam os chicotes. Os palhaços, muitos dos quais fizeram a sua entrada logo após a *ecuyère*, esgançam-se, reboam-se em pinchos e cambalhotas. Estalam bofetadas. E a cavaleira dança agora freneticamente no lombo do animal. Na retirada da artista, há uma ovação. Que soberbo espetáculo!

Mas a palavra Sachem! Sachem! anda de boca em boca. E os aplausos, ardentíssimos embora, não tardam a extinguir-se.

A banda de música deixa de tocar o *Yankee Doodle* e passa à ária lúgubre do Comendador, de D. João. Estendem o fio de ferro entre dois mastros e a toda a largura do circo. E de repente uma cascata de fogos de Bengala inunda a arena deslumbradoramente. Toda a gente fica esperando com ansiedade o terrível Sachem, o derradeiro dos Lobos Negros... Mas que é isto? Não é o Índio que aparece e sim, o diretor do circo em pessoa, o ilustre Dean!

O Sr. Dean saúda o público e toma a palavra. Tem a honra de pedir "aos benévolos *gentlemen* e às gentilíssimas *ladies* que se conservem o mais sereno possível, abstando-se de aplaudir ou, de qualquer modo, perturbar o trabalho que vai ser executado, pois o chefe índio,

Continúa na página 98

ELIXIR DE NOGUEIRA



DEPURATIVO DO SANGUE

(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

É Sãbará da Casa Níspaga para Tado

Seu fígado deve produzir diariamente 1 litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

Deixa aí Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empoças. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo

MENTHOLATUM

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Recebemos o volume III, do tomo XXI do Mensario do "Jornal do Comercio", referente a Março de 1943.

Traz, como sempre, materia de real interesse sobre diversos assuntos.

TINTAS PARA IMPRESSÃO

Nello Garavini

DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO DAS TINTAS DA

GENERAL PRINTING INK CORPORATION de NEW YORK

Rua do Senado, 10 - Telefone 22-4869

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendencia para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00

O numero avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o numero atrasado: Cr. \$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5603

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITP

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 124 páginas

Outros riram...



— Nós aqui não te os despertador. Mas o senhor fique descansado, porque o galo o acordará.

— Está bem. Ponha-o então nas cineas em ponto.



— Minha se ho a, seu marido ordena-lhe que vá imediatamente para sua casa.

— A senhora é uma impossora! Nurca meu marido se atreveria a dar-me ordem alguma!



"SINTO-ME SATISFEITA, E COM RAZÃO!"

VERIFIQUE O ACAMPAMENTO INDIO EM CADA PACOTE

Naturalmente, sinto-me tão bem disposta... cheia de vivacidade e energia. Boa saúde é a razão da alegria de viver! Assimile alimentos verdadeiramente nutritivos, preparados com Maizena Duryea — o alimento supremo.

MAIZENA DURYEA

▲ LTDA.

A nossa capa

Número de aniversario, este, com que celebra 43 anos ininterruptos de vida publicitária, procurando sempre merecer a atenção e a compensadora acolhida que lhe tem dado o publico leitor de todo o Brasil, a REVISTA desta semana circula com a linda fotografia, da capa — uma criança brincando entre as flores da primavera.

E' — uma estampa simples, de simbolismo facil, mas nem por isso menos comovente, pois nada pode sugerir mais claras imagens de esperança e de renovação do que o espetáculo duma criança que brinca.

Bem serve essa gravura, portanto, para enfeixar este numero de festas, com que a REVISTA DA SEMANA evoca, em fotografias e textos escolhidos, as nações que se acham na guerra contra o Eixo. E' — uma hora de esperança num futuro melhor, um passo novo no caminho do futuro.

Renovar-se é viver, disse a clara filosofia de Rodó.

Trilhando sempre a estrada larga do programa que nos foi talhado pelos nossos amigos de perto de meio seculo, procuramos constantemente alguma coisa que sirva para afirmar a nossa vontade de oferecer sempre alguma coisa de novo e de seletto, aos nossos leitores, alguma coisa que lhes faculte a encontrar na nossa REVISTA o que mais lhe agrade á sensibilidade e ao espirito.

O maior amigo da DENTADURA POSTICA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postica frouxa. FIXO-DENT, um novo pó para polvilhar a dentadura postica, prende-a com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postica". Perfuma o hálito. Compre FIXO-DENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

ARTIGOS FINOS
PARA PRESENTES

CASA CARRACENA
GOMES, CARRACENA & CIA.
9 — CARIOCA — 9

CRISTAIS
PORCELANAS
ETC.

A pérola do Oriente

Conto de HORMINO LYRA

Norita possuía a virtude de atrair. Pela delicadeza de temperamento e grande formosura, pelas virtudes próprias, caía sempre em graça a todos que dela se acercavam. A sua bondade era ingênita.

Menina boa mesmo, consoante repetiam as pessoas mais íntimas, pois nasceu num ambiente impuro: o pai, natural do Brasil mas indivíduo de maus precedentes; a mãe, de uma república Hispano-Americana, e cuja conduta muito dava que falar.

Eram ricos.

Da sua árvore genealógica Norita conhecia apenas isto: os avós maternos, dois calabreses que se estabeleceram, no fim da vida, em região meridional do Brasil; o avô paterno, fidalgo luso, descendente pela sua vez de nobre e antiga família portuguesa, sendo que o pai dela foi registrado como filho natural. Por sê-lo ilegítimo, não adotou o apelido da nobre família paterna, senão o da mãe com quem sempre morou.

Nasceu a bondosa senhorita, por acaso, a bordo de grande navio numa viagem dos pais ao Oriente.

— o —

A cidade sulina, onde residia a encantadora jovem, chegou um médico nortista, recém-formado, com carta de apresentação ao prefeito da localidade, doutor Onevo Cedro, de caráter íntegro e bastante amável.

O prefeito apreciava-o muito e muito fazia por ter o facultativo amigo uma grande clientela.

Como noivas, certas pessoas davam-lhe em poucos dias diversas senhoritas. A família do governador do município ia apresentando-o às outras famílias; relacionava-se ele com todas as jovens da nata social; e a gente solta de língua ia fazendo casamentos!

— o —

A Prefeitura, por ocasião de um baile oficial, comemorativo do centenário da fundação da cidade, compareceu doutor Onevo Cedro.

Lá estava também Norita, o símbolo da pureza, como diziam os habitantes dali. Ninguém lhe tolerava a família mas toda a gente festejava o lírio branco.

O médico foi-lhe apresentado, como ainda a outras jovens da localidade. Dansou com diversas. Quando chegou a vez de Norita, sentiu doutor Onevo Cedro que a gentilíma creatura lhe tocara a fundo o coração.

Em deleitosa palestra, estava o par ficando permanente, quando pediu ela licença para descansar e desapareceu.

Desapareceu por supor estar prejudicando as outras moças que teriam desejo de dansar com o nortista, por evitar antipatias, não obstante se sentir contente ao lado dele.

Ferida de inveja, interessante amiguinha de Norita teve para esta uma expressão zombeteira, mas inofensiva com respeito à constância do par; porém, em atitude graciosa, fôra, então, delicadamente repelida.

Repeliu a irreverência sutil da amiguinha e resolveu ir para casa. Nada de se dar ao desfrute. Poderia o doutor convidá-la de novo a dansar. Gostaria, é certo, de dançar outras vezes e m o nortista mas aconselhável não era por poder provocar zombaria... E pediu a viúva Ferreira, acompanhada do filho, levá-la até a porta da casa, ali perto; e foi-se embora, pretextando sentir-se doente, quando as dansas iam bem animadas.

A viúva Ferreira tinha uma filha a quem Norita faria sombra; solícita por isso, atendeu de boa vontade o pedido.

Irrequieto, a uma e outra parte lançava o doutor Onevo Cedro olhar perscrutador, afim de descobrir a singela flor, cujo perfume o sensibilizava. Debalde, porém.

— o —

O doutor Onevo Cedro, numa cidade de cinquenta mil almas, passou muitos dias sem ver Norita, sem descobrir a sua residência.

Aos domingos percorria todas as igrejas em horas de missa, mas a falta de coincidência era fatal.

Um dia, tudo coincidiu para o encontro. Safu o doutor do Hotel. Andava ao acaso e, por acaso, defrontou Norita na rua do Comércio. Estendeu-lhe a mão. Perplexa, a jovem apertou-lhe a dextra.

— Muita alegria em vê-la.

— Agradecida, doutor. Igualmente.

— Naquela noite desapareceu, sem que eu descobrisse a causa. E o baile estava tão animado...

— Um sofrimento súbito.

— E' doente?

— Não senhor! Gozo boa saúde.

— Nem ao menos tinha eu conseguido gravar o seu nome.

— Norita Parseval, para o servir.

— Parsifal?

— Não senhor! O meu apelido de família nada tem com o drama musical de Wagner. E' Parseval. Compreendeu?

— Perfeitamente. Muito obrigado. Onevo Cedro, para ser um criado seu.

— Obrigada.

— Nunca mais a vi. Mora fora da cidade?

— Não senhor! A rua Quinze de Novembro, trinta e nove.

— Tão perto... Hei de ter o prazer de vê-la sempre.

— São pouco. Nunca chego à janela.

— Há de chegar de hoje em diante para nos vermos. Isso não lhe agrada?

— Se quizer dar-me a honra de ir até a minha casa, esta é à rua Quinze, trinta e nove. Isso não agrada também ao doutor?

— Muito. Irei à hora que me determinar.

— Vou pedir a mamãe mandar chamá-lo para um exame na pessoa dela. Mamãe é doente.

— Peça. Irei com muito prazer.

— Muito obrigada, doutor! E eu terei imenso prazer em recebê-lo na minha casa.

— Pois bem. Lá, então, conversaremos...

— Muita honra vai dar-me.

— o —

No mesmo dia, ficou sabendo toda a cidade que o doutor Onevo Cedro se encontrara com a graciosa Norita em plena rua do Comércio, mantendo ambos conversação agradável. Era este o assunto principal das conversações entre as jovens casadoiras.

As mais íntimas chasqueavam o doutor com ditos irônicos acerca da sua paixão súbita pela senhorita gentil; e não compreendia ele o motivo dessa espécie de alarma, quando uma jovem despeitada não se pôde afastar do caminho da maldade, e contou ao médico quem era a família da sua pretendida.

— Ah! Sim. Compreendo agora tudo.

— E' menina boa, rosseguiu a senhorita. E seria digna do senhor, se não fôsse a família.

— E' boa mesmo ou criou fama?

— Possui qualidades invejáveis. Fui sua condiscípula no colégio de Nossa Senhora da Conceição e nunca a peguei numa falta, numa perfidiazinha. Ajuizada, inteligentíssima, modesta, carinhosa, era o ídolo das companheiras.

— E' bonita.

— Sim. Para mim é a moça mais linda que mora na minha terra. E' pena...

— Pena, por que?

— Pois eu não o informei sobre a família dela?

— Informou.

— Não sei como de gente tão daninha nasceu aquela singela flor!

— Do mesmo modo por que de boas pessoas, cheias de probidade, nasce às vezes outra que desce ao último grau de abjeção.

— Como se explica isso?

— Explicar?... Só a Soberana Sabedoria que governa os homens e as coisas.

— Sabe que ela nasceu no Oriente?

— Alguém já mo informou.

— Seria digna do doutor, mas é pena...

— Seria, diz a senhora, mas afirmo-lhe ser digna de qualquer homem de bem.

— Doutor diz assim, porque está apaixonado!

— E' o que a senhorita pensa.

— Não pode ser outro o motivo.

— Por que não?

— Afirmo-lho.

— A senhorita afirma obstinadamente o que não pode provar.

— Depreende-se da sua atitude a minha afirmativa.

— Muitas vezes se infere o contrário do que se deveria concluir. Aprecio muito a pessoa de quem falamos; mas, em absoluto, não é pelo fato de apreciá-la, que a julgo digna de qualquer homem de bem.

— Explique-se...

— Ouça: gostei de Norita sem saber nada acerca da família; e, hoje, gosto ainda mais por sabê-la superlativamente virtuosa, pois, vivendo num ambiente vicioso, os erros dos outros não a contaminaram. A virtude, como a quer Nietzsche, é a pérola no lodo. E Norita está nesse caso.

— Pérola falsa, talvez...

— Bem vê a senhora que ela é pérola de bonito oriente; e tem conhecimento de ser, de fato, uma pérola do Oriente.

ELETRODOS

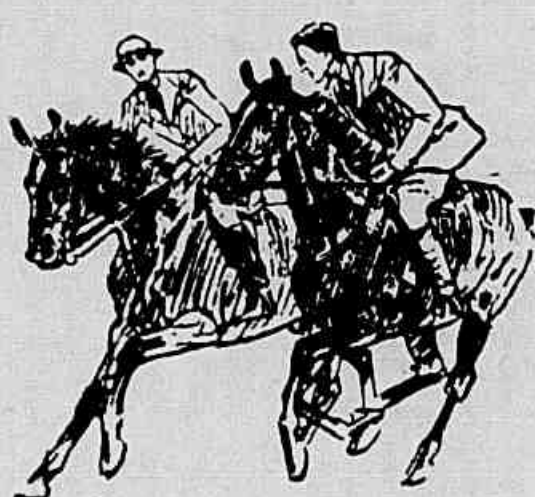
Revestidos, para solda elétrica



MARCA REGISTRADA
FABRICANTES

HIME & C.

Rua Teófilo Otoni, 52
TEL. 23-1741



Seguro contra Acidentes na prática de Esporte

Os acidentes ocorridos na prática de esportes, alguns dos quais já são por natureza violentos, podem ter suas consequências graves ou leves, devidamente amparadas e seus custos indenizados se o "sportman" tiver tido o cuidado de fazer um Seguro de Acidentes Pessoais na

SUL AMERICA. TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

Este Seguro cobre além de todos os acidentes comuns, os que possam sobrevir durante a prática de esportes, como Automobilismo, Caça, Equitação, Velocipedismo, Futebol, Tennis, Golf, Polo, etc.

SUL AMERICA. TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

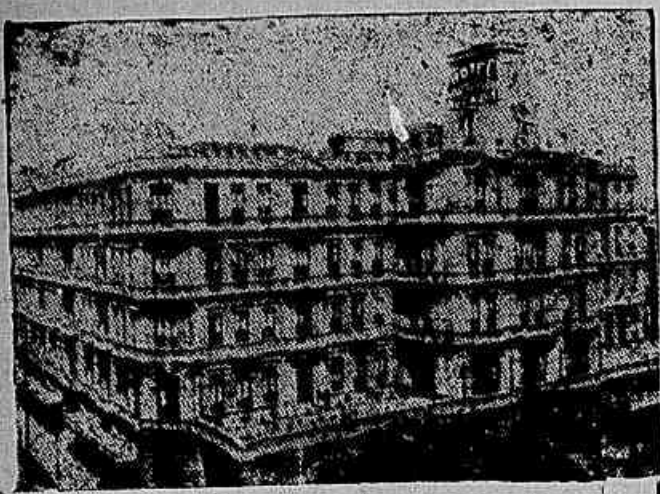
Rua Buenos Aires, 29-37

SUCURSAIS E AGENCIAS EM TODO O BRASIL

Caixa Postal 1077

Rio de Janeiro

HOTEL AVENIDA



Capacidade para 500 hóspedes
O MAIS CENTRAL
O MAIS COMODO
O MAIS ECONÔMICO
 Água corrente e telefone em todos os quartos.
 Diária por pessoa de 40,00 a 50,00
 Diária para casal de 70,00 a 80,00
 Com banheiro para casal de 90,00 a 100,00
 End. Teleg. "AVENIDA" — Tel. 22-9800
 Avenida Rio Branco, 152-162
 RIO DE JANEIRO

ÁCIDO ÚRICO

- Dôres nas costas
- Dôres reumáticas
- Urina turva, escassa
- Pés inchados

Aos rins cabe a tarefa de eliminar as impurezas do organismo. Com os anos ela se torna mais árdua e nem sempre mantém plena eficiência provocando os sintomas acima que podem indicar uricemia, envenenamento do organismo pelo ácido úrico. Tome as PÍLULAS DE FOSTER e ajude a remover o excesso de ácido úrico prevenindo-se de graves enfermidades.

PÍLULAS DE
FOSTER

Para os Rins e Bexiga

• Diuréticas e balsâmicas — desinfetam e ativam os rins. Combatem o ácido úrico e manifestações. Também para pielites, uretrites e cistites.

Aprov. pela D.N.S. sob n.º 233 em 15-4-42.

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"

TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & C. S. A. RIO DE JANEIRO

DOR de ESTOMAGO?

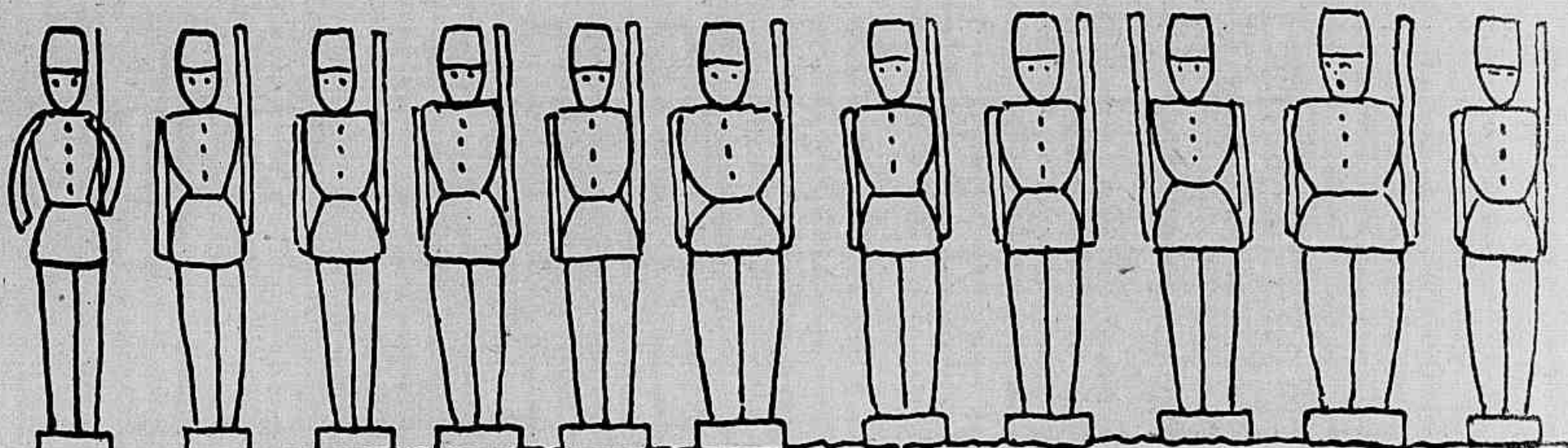
AZIA - MÁ DIGESTÃO
 DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS

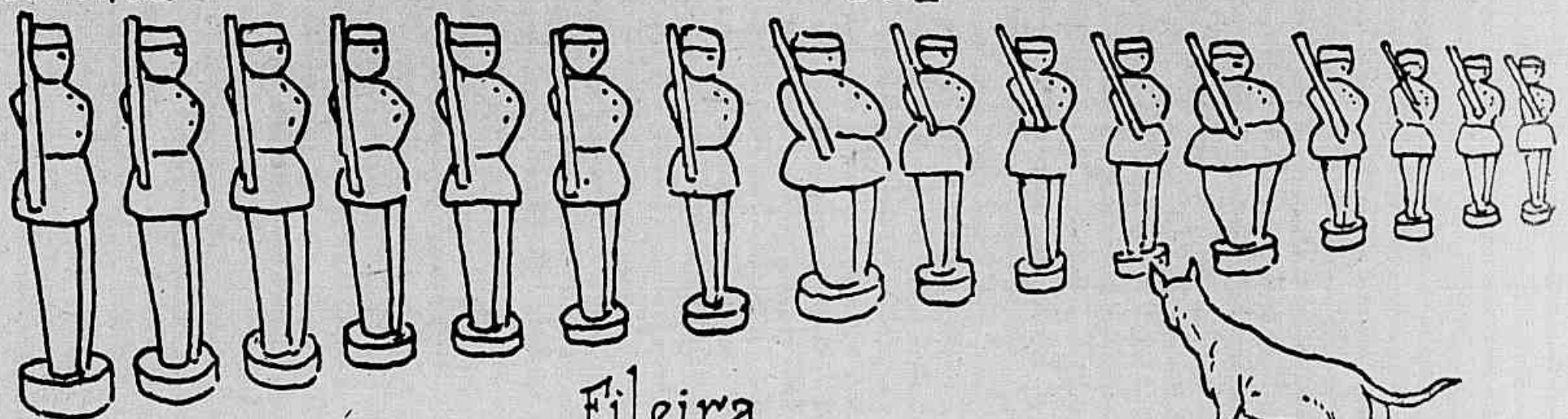


FILAS...



Serra fila

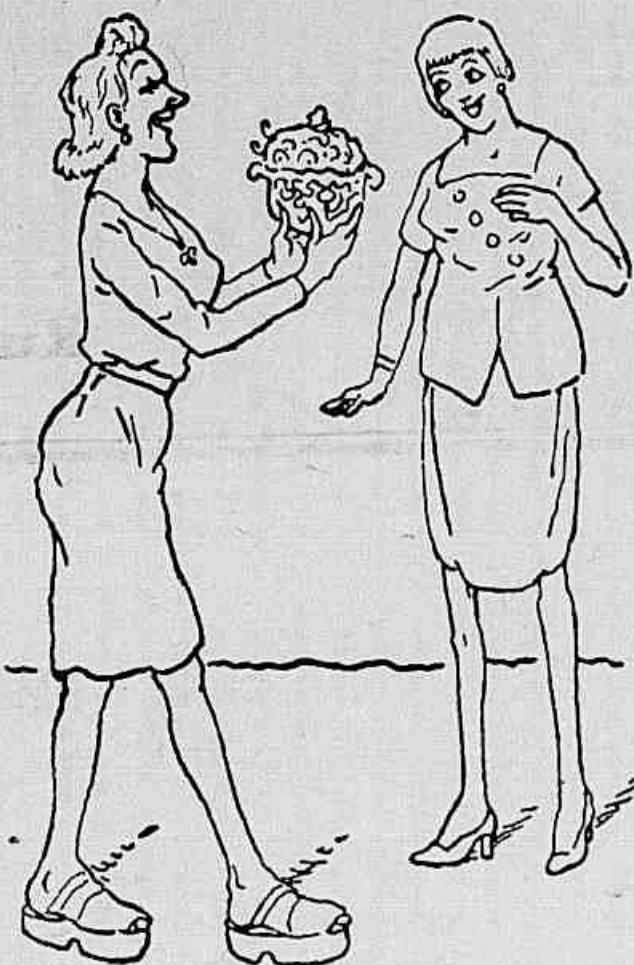
Fila



Fileira



cão de fila



Filagrana



Filante



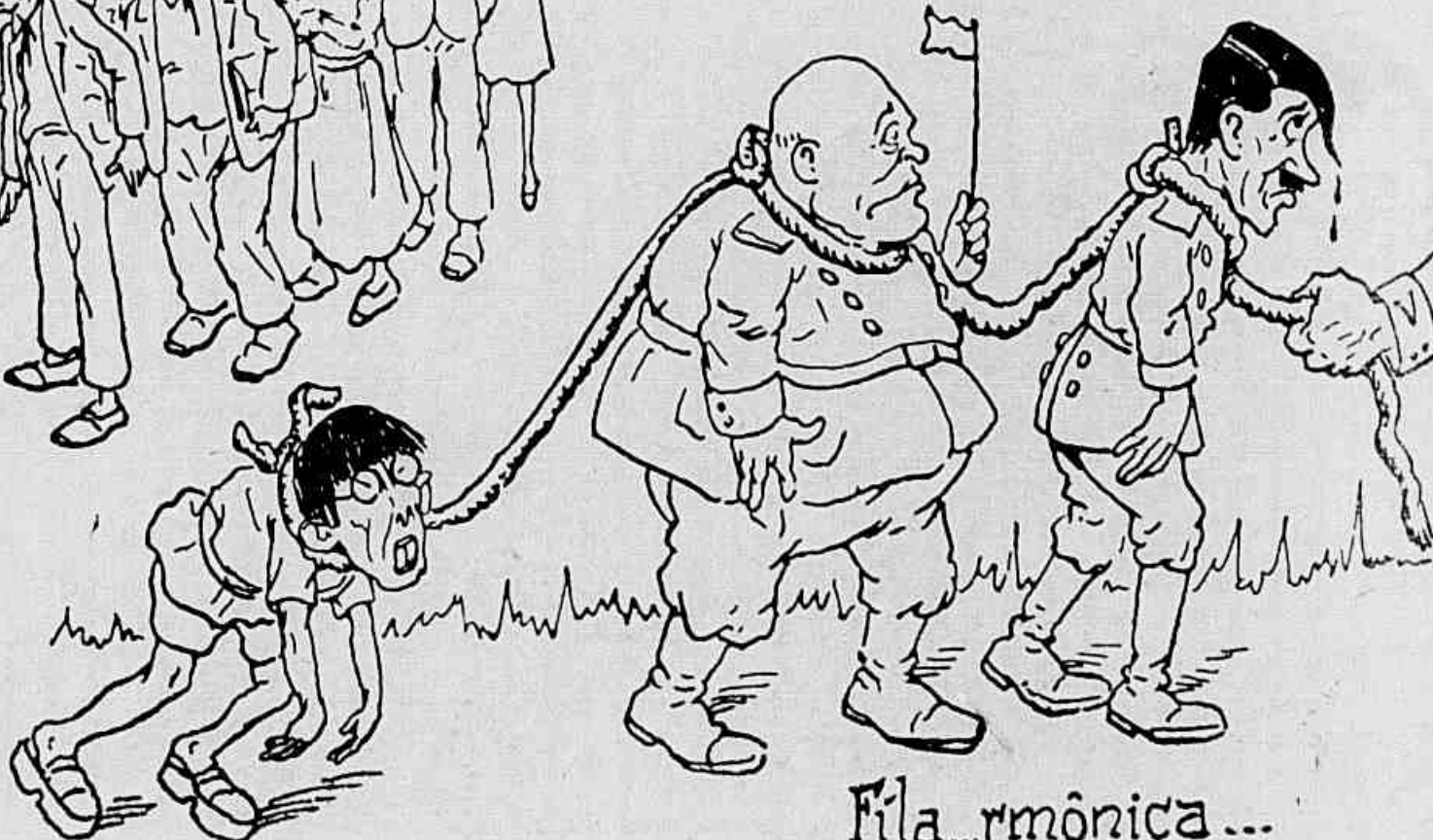
Filântropo.



Filas de paciência em
 "omnibus", guichês, balcões,
 elevadores, racionamentos,
 etc. etc. etc.



RAUL
 1943



Fila...rmônica...

A TRAGEDIA DE UM HOMEM FEIO

Sainte-Beuve derrotado pelas mulheres

"Os que conheceram Sainte-Beuve na juventude não acham que ele tivesse sido menos feio do que na velhice. Oh, natureza cruel que dá a um poeta o sentimento do belo e a sede de ser amado, ao mesmo tempo que lhe reveste a alma de uma máscara grotesca! Nada estava no seu lugar no rosto de Sainte-Beuve: alguns raros cabelos ruivos, orelhas em forma de bacia de barbeiro, fronte sulcada de rugas desde a primeira idade, faces reluzentes e coradas num rosto ligeiramente alaranjado; nariz pequeno e arrebitado; olhos vivos, porém mal colocados; boca sensual, mas descolorida; queixo fugitivo, no qual a barba aparecia falhada. Tudo isso, acima de um corpo grosso e curto. Sainte-Beuve vencera, por assim dizer, a natureza."

Tal é o impressionante retrato que Arsène Houssaye nos deixou de Sainte-Beuve, seu colega e amigo, escritor de quem se pode dizer em verdade que personificou a crítica no século XIX. Com o andar dos anos, segundo outro de seus contemporâneos, foi adquirindo, além disso, certo aspecto monacal.

Os traços filionômicos descritos por aqueles que o conheceram bem não pareciam ser os mais indicados para se lançar em empresas amorosas, ainda que estivessem acompanhados de uma inteligência superior, uma erudição pouco comum a um encanto especial na conversa e no trato.

No entanto, apesar de tão desfavoráveis condições físicas de don Juan, Sainte-Beuve amou sem descanso, sem aparentes desfalecimentos, passando de ilusão a ilusão e de fracasso a fracasso, pois amou a todas as mulheres e não foi amado por nenhuma. Nelas procurava o amor e somente encontrava a amizade. Acreditou ingenuamente que seus versos lhe abririam portas que se conservaram fechadas. Para vencer corações fingiu crenças que não tinha, fez-se astuto. O amor, mais forte nele que o despeito e o orgulho, fê-lo ridículo em certos momentos. Tornou-o desleal, ao cortejar apaixonadamente e sem êxito a mulher de Hugo, quando a viu esquecida por seu marido. E o fez cometer a má ação de publicar aquele famoso LIVRO DE AMOR, "pequeno monumento elevado à beleza de Adela Hugo", segundo se disse e que, em meio da condenação geral, foi declarado calunioso.

A vingança que nessa ocasião meditava Victor Hugo ficou sem efeito. Mas, talvez sem pensá-lo, vingou-se sem piedade do galã impertinente, quando disse:

— As odiosas calúnias de Sainte-Beuve anulam-se deante de sua fealdade.

Outros homens igualmente desajudados pelo amor, souberam prescindir estoicamente ou se votaram a denegri-lo, como Schopenhauer, que se desforrou das mulheres, escrevendo sobre elas páginas terríveis.

Sainte-Beuve, ao contrário, com a mesma perseverança com que punha na sua obra de trabalhador infatigável, esquecendo suas contínuas derrotas galantes, refazia-se de um golpe para tentar outra vez a sonhada e impossível vitória.

Depois de Adela Hugo, amou mademoiselle Pelletier, filha dum general; Ondina Valmore, filha da poetisa Desmordes-Valmore; madame d'Arbouville, com quem voltou insistir com seus versos desesperados. Com outra Adela, Adela Couriard, que vivia na Suíça — manteve, sem conhecê-la pessoalmente, de Paris, uma larga correspondência que, de confiança em confiança, o fez vislumbrar, — afinal! — o amor triunfante. A primeira entrevista que tiveram deu-lhe porém a decepção doutro fracasso.

Depois de várias desconhecidas, tocou-lhe

a vez à "Dama das Violetas", a depois célebre condessa de Loynes, de quem foi professor quando ela chegou a Paris, com o projeto de o ter um dia a seus pés. Teve a seus pés o professor e a cidade. Sainte-Beuve tratou de consolar-se desse novo desastre amoroso. Ficou amigo da antiga aluna, a quem visitava com frequência no seu salão; instalava-se comodamente e, adotando a pouco donjuanesca atitude de tirar do bolso seu famoso barrete de veludo e cobrir a calva, entregava-se à sua palestra amena, esperançado talvez de uma reação que não vinha.

Pobre Sainte-Beuve! — costumava dizer-se, mirando-se num espelho. De fato, pobre Sa-

inte-Beuve! Poeta admirado e crítico notável. Homem de exceção, solicitado por todas as eminências de sua época. Dotado de todas as graças e privilégios do espírito, mendigou o amor inutilmente.

Foi essa a tragédia de Sainte-Beuve. Dai a infelicidade de sua vida sem consolo. Foi um predestinado, como dizia Houssaye, "a compreender os esplendores do céu, porém ficando sozinho para compreendê-los."

"Eu teria a idéia de estar beijando um cura disfarçado de homem" — foram as palavras cruéis que epilogramam certa ocasião um encontro de aventura galante. Pobre Sainte-Beuve, efetivamente!

E na velhice do escritor triunfante e do tenório fracassado, exclamava melancólico, sem se render, no entanto: "Tudo se vai! Os deuses que não amamos e as mulheres que amamos sempre!" Com razão se pôde dizer dele: "ainda que rodeado de uma multidão de admiradores, morreu sozinho no mundo."

GALLY

OS PÓS DE ARROZ QUE DESAFIAM CONFRONTO!

Pós de Arroz
GALLY
Realçam a beleza!

RÊVE ROSE ORYGAM NARCISO AZUL

A VENDA EM TODO O BRASIL

A BOEMIA E O SONHO

No começo deste século, a geração que pontificava na literatura brasileira era ainda a de 89 — a da Abolição e da República. Raul Pompéia já tinha morrido; Aluizio Azevedo, instalado na carreira consular, deixara de escrever; mas Coelho Neto estava no apogeu de sua prodigiosa atividade; Bilac desfrutava cada vez maior consagração; Verissimo, Araripe e Silvio Romero continuavam ser as três grandes e quasi únicas figuras da crítica; Medeiros e Albuquerque ocupava diariamente a atenção do público nos jornais. Quanto às tendências predominantes, verificava-se mais ou menos, o seguinte: No romance, a supremacia do realismo, apesar das sobrevivências românticas; na poesia, a do parnasianismo, em choque com o simbolismo que, mau grado suas incertezas, ia exercendo influência na literatura brasileira.

A vida literária continuava sendo a mesma de vinte anos atrás: as tertúlias

sonho. As belas frases tinham extraordinária importância e os bolsos vazios podiam tornar-se sinônimo de consagração literária. Nada como uma daquelas tardes na Confeitaria Pascoal. O espírito es-corría como a espuma do chopp! Quanta expansão de sensibilidade e vida mental! Tardes verdadeiramente heróicas. E



Silvio Romero

o provinciano que chegava, com a esperança sôbrea dos seus primeiros sonetos, e lograva a ventura de uma apresentação, ficava deslumbrado. Poderia fracassar. Poderia voltar na miséria e tuberculoso para o seu recanto nativo, mas sobrava-lhe uma compensação, a grande compensação — frequentara a roda de Bilac no Café Papagaio.

O "habitat" da literatura brasileira era o Rio e, particularmente, a rua do Ouvidor. O jovem provinciano da "Capital Federal", de Coelho Neto, ao chegar à metrópole, pergunta logo pela rua do Ouvidor, e quando lhe apontam a artéria mater da civilização brasileira, exclama surpreso: — Mas é um beco!... Nesse beco faziam-se as reputações, consagravam-se os artistas e adquiria-se uma celebridade com uso corrente no país todo.



José Verissimo

de café, a boemia, o afastamento da realidade, a impossibilidade de alguém viver da pena. Ardia-se pelo ideal e pelo

Quarenta e três anos

VISÃO PANORÂMICA DA LITERATURA

"OS SERTÕES" E A REALIDADE BRASILEIRA

Afastamento da realidade — dissemos há pouco. Embora muitos elementos da geração de 89 tivessem participado da propaganda abolicionista e republicana, não haviam agido com uma consciência social e um sentido nítido do fenômeno brasileiro. Coelho Neto escrevia contos sobre a escravidão, como mero tema literário, e a história tanto podia desenrolar-se aqui, como em qualquer outra parte do mundo, onde houvesse escravos. A terra, o homem, o meio, os traços específicos do nosso caráter, nossos conflitos políticos e sociais, até então, não haviam merecido o interesse dos escritores, que parece conservavam certo orgulho desse isolamento. O Brasil não encontrara ainda quem o interpretasse, quem o explicasse. A obra de Euclides da Cunha se avulta sob esse aspecto — é a primeira interpretação do Brasil e feita por mão de mestre, de forma verdadeiramente magis-

visava atingir, através da arte, um problema social e nacional. O meio brasileiro estava mais ou menos caracterizado.



Olavo Bilac

Sentíamos nosso ambiente, nossa gente, nossa natureza, tudo vivo e real. Mas o que deu força e durabilidade ao livro foi o lado artístico. Na demonstração de tese em que se empenhou, Graça Aranha, pode-se dizer, fracassou duplamente, pela inaceitabilidade da tese e a fraqueza da demonstração. Com seus defeitos e suas belezas, "Canaã" ficou, entretanto, como um dos mais louváveis esforços para uma aproximação entre os nossos escritores e o tema brasileiro.

JOÃO DO RIO E A TRANSFORMAÇÃO DO JORNALISMO

Em 1903 o presidente Rodrigues Alves empreende a remodelação do Rio. A velha cidade colonial adquire novo aspecto e a abertura da Avenida Central ofusca o prestígio da rua do Ouvidor. Uma febre de progresso, de modernidade alastra-se por toda a Capital. E essa transformação vai determinar, naturalmente, novos costu-



João do Rio

tral. Reportando os episódios da guerra de Canudos, Euclides situa-os no quadro político, social e geográfico do país, realizando, assim, um profundo inquérito sobre o drama brasileiro. A verdade, apresentada de chofre, por esse sociólogo "double" de artista poderoso, causou deslumbramento e assombro, ao mesmo tempo. Tínhamos então ainda um mundo por descobrir? Nada conhecíamos do Brasil, da terra a cuja fatalidade estávamos ligados? Como compreender semelhante isolamento? A repercussão de "Os Sertões" foi grande, mas sua influência não se manifestou de maneira direta e imediata, e sim por uma lenta saturação. Sob o ponto de vista puramente literário, convém observar o seguinte: Si o estilo de Euclides da Cunha não teve imitadores, o certo é que ele reagiu contra o academismo, incentivando uma rebeldia e uma independência que iriam frutificar daí a alguns anos. Nada mais errôneo do que classificá-lo de precioso ou falar na sua hispidez, dizendo que Euclides escrevia com cipó. Os vocábulos raros e pouco usados de "Os Sertões" constituem uma transigência accidental com o gosto da época e nunca uma condição orgânica do estilo. Si Euclides vivesse hoje, possivelmente já teria substituído essas preciosidades léxicas em novas edições. E isso de falar em cipó — descoberta do sr. Afrânio Peixoto — é confundir com asperidade o que de telúrico e pujante existe na forma admirável de "Os Sertões".

O SENTIDO DE "CANAAN"

No mesmo ano da publicação de "Os Sertões", surgia, saudado como auspiciosa estréia, o romance "Canaã", de Graça Aranha. Seduziu logo o público nesse livro um pouco daquilo que encontramos em "Os Sertões": realidade brasileira. "Canaã" não era uma história destituída, como as de Coelho Neto. O autor



Coelho Neto

mes, novas formas de vida, uma mudança de estrutura, que refletirá diretamente no terreno intelectual. Pela Avenida fulgurante de luzes, com seus prédios modernos, não podem mais ser apreçados aqueles jornais sizudos, em que se enquadravam massivos artigos de fundo. A imprensa doutrinária, em todos os grandes centros civilizados, já ia cedendo lugar à imprensa informativa de reportagens, inquéritos, entrevistas. Quem seria o pioneiro dessa renovação entre nós? Um jovem obscuro e irreverente, a mais rica sensibilidade artística que até então desabrochava numa envergadura de jornalista: Paulo Barreto, o magnífico João do Rio. Seu mérito e sua posição na literatura brasileira ainda não foram convenientemente fixados pela crítica. E para bem os avaliarmos, basta recorrermos às

Bruno Mandarinino & Cia.

Casa Bruno
FUNDADA EM 1917

Papelaria e objetos de escritório, Livros comerciais, Fichas, Arquivos, etc.
Largo da Lapa, 34-B
Telefone: 22-4487



Artes graficas em geral

OFICINAS:
Trav. do Mosqueira, 13
Telefone: 42-6494

EDITORA GUANABARA

WAISSMAN - KOOGAN LTD.

RUA DO OUVIDOR, 132 - TELEFONE 22-7231
END. TELEGR. "EDIGUA" - RIO DE JANEIRO

Companhia Fornecedora de Materiais

Ladrilhos -- Azulejos -- Louças sanitarias e materiais para construção

TEL. 22-7740 — REDE PARTICULAR
TELEGRAMAS "ARTHEDO"

RUA FREI CANECA, 35-39
RIO DE JANEIRO — BRASIL.

de vida cultural

BRASILEIRA NO DECORRER DESTE SÉCULO

Por BRITO BROCA

coleções dos jornais no começo do século. O mau gosto com que se escreviam comentários, crônicas, artigos de fundo



Medeiros e Albuquerque

é patente. Salvavam-se um Machado de Assis, um Bilac, mas estes passavam pelo jornalismo como escritores, sem exercer influência. João do Rio inaugurou uma maneira nova, moderna e original. Era a leveza, a graça, a elegância, o cunho artístico. E aqui está um ponto que precisa ficar bem esclarecido: João do Rio foi mais escritor, artista do que propriamente jornalista, e na qualidade de escritor é que ele influuiu na modernização da nossa imprensa, realizando esse acordo entre a literatura e o jornal, hoje em pleno vigor em todos os ambientes culturais. Suas crônicas e reportagens, enfiadas em livros, continuam a viver, porque não possuem apenas o valor imediato da obra jornalista, que morre com os fatos. João do Rio pode ser considerado — e parece que até hoje ninguém lhe atribuiu esse mérito — um precursor do movimento



Machado de Assis

modernista de 1922. Qual era um dos pontos principais da pregação modernista? O abandono à tutela dos clássicos, das velhas disciplinas estilísticas, que nos foram transmitidas pela influência lusitana. Ora, quem mais liberto dessa tutela do que João do Rio com seu estilo trepidante, agil, colorido, cheio de imprevisões e surpresas. Pelo fundo e pela forma, ele encarnou entre nós a ânsia de renovação, o espírito moderno contra o ranço, a rigidez, a falta de dinamismo do espírito acadêmico. O primeiro livro de Paulo Barreto, o Inquérito sobre as "Religiões do Rio" abriu uma nova perspectiva em nossa imprensa. Bem maior ainda foi o sucesso do "Momento Literário", em 1907, marcando uma data nas letras brasileiras. Tratava-se de interrogar os nomes mais destacados, da prosa e do ver-

so, da cultura em geral sobre a respectiva formação intelectual, sobre o que pensavam do jornalismo como fator literário, das escolas em luta, do possível desenvolvimento de núcleos culturais na província. O Inquérito foi feito na "Gazeta de Notícias" por meio de entrevistas e cartas, e obteve tanto êxito que logo os jornais dos Estados resolveram aplicá-lo aos respectivos ambientes culturais. Isso equivalia a um balanço em nossas letras, uma mobilização de opiniões e idéias, um exame fecundo de nossas forças intelectuais.

A POSIÇÃO DE COELHO NETO

Coelho Neto desenvolveu formidável atividade nas letras brasileiras, durante cerca de quarenta anos, escrevendo mais de cem volumes. Um recorde de fecundidade, não só no Brasil, como em toda a América. Mas a época em que produziu o melhor de sua obra e teve, certamente, maior público, foi a primeira década deste século. De 1901 a 1910, o autor de "Rei Negro" viveu seu período áureo; nos dez anos seguintes seu prestígio acentuou



Joaquim Nabuco

leve declínio, para depois entrar em franca decadência. Justamente nessa última fase hostilizaram-no, pretendendo negar-lhe todo mérito, os modernistas, talvez porque, com evidente "parti-pris" só lhe vissem então a obra de decadência. O que ainda se faz necessário é um exame minucioso e fiel desses cento e tanto volumes para concluir-se do que na realidade eles representam em nossa literatura. Os limites desta resenha não nos dão margem para tanto. Os críticos de Coelho Neto colocam-se em pontos de vista extremos, considerando-o um gênio ou vendo nele um fantasista inocuo e palavroso, o protótipo da literatura inconsequente. José Veríssimo foi dos poucos, talvez o único, a fazer uma crítica serena e justa, distinguindo defeitos e qualidades. Ainda há pouco, excelente revista cultural, dedicando um número ao romance brasileiro, não tratou de Coelho Neto. E' incidir numa falta de senso crítico. Contaremos assim tantos livros notáveis em nosso ficcionismo, para dele excluímos romances como "A Conquista", "O Morto", "A Miragem", "O Rei Negro" e, principalmente, "O Turbilhão"? Este último, bem pouco divulgado, constitui um dos momentos mais felizes de Coelho Neto, podendo figurar ao lado dos melhores romances brasileiros. Mas que se há de fazer? Os críticos do escritor maranhense não se dão ao trabalho de conhecer-lhe a obra. Entretanto, concordamos que não seria o romance o gênero mais adequado a Coelho Neto. Faltava-lhe capacidade de representação psicológica. Com exceção dos personagens de "O Turbilhão", seus heróis quasi nunca têm alma, isto é, uma realidade psíquica capaz de ser acreditada pelo leitor. Ele iria melhor

no conto, novelas de caráter episódico, como o "Bom Jesus da Mata", "Os Velhos". Seus livros nesse gênero, apesar de certos defeitos inerentes a toda a obra do autor, encerram páginas magníficas. Aí consegue os melhores efeitos a imaginação exuberante e romântica do maior do nosso fantasista. Em suma, dos cento



Monteiro Lobato

e tanto volumes do escritor maranhense podemos salvar no mínimo uns oito ou dez que honram a literatura brasileira. Coelho Neto quiz ser tudo, fazer tudo, no seu tremendo labor intelectual, muito digno de respeito e admiração da posteridade. E o resultado foi deixar uma obra que mais representa como demonstração de força do que como realização.

O SIMBOLISMO

Em "Momento Literário", os escritores interrogados por João do Rio falam, quasi sempre com desdém, nos poetas neofeliba-

ica e decadentes que então procuravam ocupar a atenção do público. Essas poetas eram filhos legítimos do simbolismo e descendiam de Cruz e Souza. O simbolismo, como o movimento romântico, constituiu mais uma inquietação do que propriamente uma escola. Daí as subcorrentes que dele se formaram, as divergências de orientação entre os seus adeptos. E aqui, como na França, o simbolismo foi um prelúdio do modernismo; os neofelibatistas com suas indisciplinas, suas extravagâncias já tão malsinadas, anunciavam os poemas de Mario e Oswald de Andrade, na Semana de Arte Moderna. Cruz e Souza pertence ao século passado, mas deste século foi Alphonsus de Guimarães, nome que, sem



Ronald de Carvalho

dúvida, pode ombrear-se com o do mestre. Derivando para o lado místico e religioso, sob a inspiração, de certo, da velha ci-

(Continua na pág. 67).



FINALMENTE EM TODAS AS LIVRARIAS:
HISTORIA DO BRASIL
De J. ARMITAGE

3.ª edição brasileira, com prefácios e anotações de Eugenio Egas e Garcia Junior.

Preço do volume em grande formato, com 400 páginas:
Cr\$ 40,00 — Tiragem em papel especial inglês; numerada:
Cr\$ 250,00.

Pedidos à LIVRARIA-EDITORA ZELIO VALVERDE —
Travessa do Ouvidor 27 — Rio — Caixa Postal 2956.

Aos clientes do interior — Se não encontrarem no seu
livreiro, peçam pelo Serviço de Reembolso Postal.

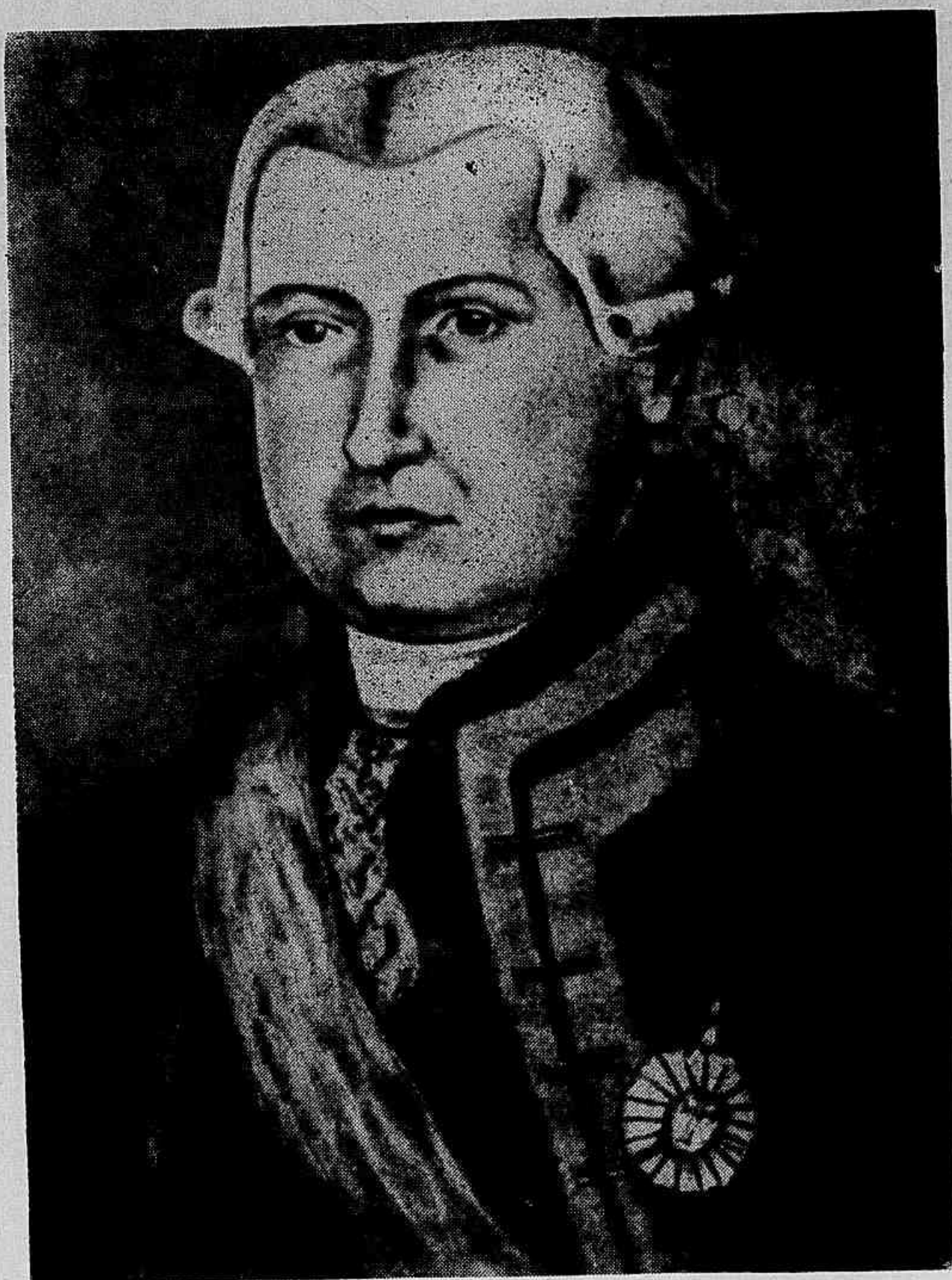
ESCRAGNOLLE DORIA

ACADEMIAS

Os dicionários registram acepções diversas da palavra Academia. Uma a de sociedade de literatos, cientistas ou artistas, sociedade pois de naturezas e fins diferentes. Agremiações tais, de maior ou menor aureola, conhece-as o mundo inteiro. No decurso tri-secular de nossa vida colonial a metropole lusitana sempre nos abriu exemplos, bons e máos. Em 1720 deu-nos D. João V o bom exemplo de instituir a *Academia de Historia Portuguesa*. Outro exemplo veio em 1736 com a fundação academica da *Arcadia Ulissiponense*. Lembrava este ultimo nome pretensão de lenda apontando Ulisses como fundador de Ulissipo, depois Lisboa. Não precisava o grego, castigado após a destruição de Troia, chegar á barra do Tejo depois de conhecer aguas e mais aguas até pôr vista em Itaca. Os povos tem as suas vaidades alimentadas pelas lendas. Perdoemos as vaidades fugindo de acreditar.

Arcadia diz Hélade. Na literatura helenica, nas letras latinas, por Teocrito e Virgilio, as bucolicas e as eglogas primam. A Arcadia lusitana as lêra e impoz a seus membros nomes e sobrenomes pastoris. Bécage academicamente Elmano Sadino, Garção fingindo de Coridon, ambos com dispensa de cajados e trajes sumarios e pastoreios.

Quizemos também ter Academias. Favoreceu-nos o desejo um vice-rei da Bahia o conde de Sabugosa, ao crear, em seu proprio palacio, a *Academia Brasileira dos Esquecidos*. Esquecidos logo ao nascer? A Academia recebeu emblema em honra do vice-rei protetor, antes vice-rei da India. Declarou-o o emblema só no Oriente



O Marquês de Lavradio.
Vice-rei do Brasil no Rio de Janeiro de 1769 a 1779.

e no Ocidente. O Rei Sol, em aurora de ambições, pino de gloria e o caso de revezes se limitára a iluminar o Ocidente.

Os Esquecidos adotaram pseudonimos, a um entretanto laborioso, Rocha Pitta, coube o de Vago, a outro João de Brito Lima, o de Infeliz, contrabafançado por Cunha Cardoso, o Venturoso.

Nascida em 1724 a Academia bahiana morria em 1725. Receiosos do olvido, os Esquecidos deixaram manuseritos, primeiro recolhidos á sala da livreria do Mosteiro bernardo de Alcobaca, a sala menor que a cozinha conventual de engenhos para assar bois inteiros, por ela passando corrente d'agua vinda do rio Alcôa e comunicando com tanques ricos de peixe fresco. O espirito é pronto, a carne fraca, revigora-se na mesa lauta a compensar jejuns.

Em 1736, justo quando em Lisboa a Arcadia era fundada, Gomes Freire de Andrada reunia no Rio de Janeiro a *Academia dos Felizes*, nome sempre preferivel ao de Esquecidos.

O Andrada deu emblema aos Felizes, mostrando nele Hercules servindo-se de clava para afugentar o ocio. Não se encontra, por mais que se procure, classificada a proeza entre os doze trabalhos do forçado heróe lendario sobrevido á limpeza dos estabulos do inolfativo Augias, estabulos não lavados havia só trinta anos e abrigo de tres mil bois.

Com poucos membros, a *Academia dos Felizes* viveu pouco, confirmando a brevidade da ventura humana. Não deu tempo a Hercules para manejar a clava contra o ocio.

Ainda na governança de Gomes Freire surgiu a *Academia dos Seletos*. Também desapareceu logo, nas letras mais comuns a turba multa que o escol.

A idéa de Academia voltou para o Norte, recebeu-a a cidade do Salvador. Vinguando a morte rapida das antecessoras, fundou-se a *Academia dos Renascidos*. A designação não deixava de ter seu sal, se substanciação tão friavel pôde ser lembrada a proposito de instituições sempre propostas a vida perpetua.

Não a tiveram os quarenta Renascidos alojados no convento do Carmo da Bahia, logar para quaisquer exequias. A vista do desaparecimento em massa dos Renascidos, a idéa de Academia regressou ao Sul, ao Rio de Janeiro. Ai vice-reinava o marquês de Lavradio, sob cujos auspícios se fundou em 1771 uma *Academia Scientifica* existente até 1779, a instituição com programa assáz enciclopedico, o que é sempre.

Lavradio deixou o governo e a *Academia Scientifica* deixou a vida. Veio vice-reinar D. Luiz de Vasconcellos do qual Leandro Joaquim nos conservou retrato, imprimindo aos labios do fidalgo um voejar de sorriso entre amavel e ironico, o sorriso dos fatos da humanidade.

Vasconcellos creou Academia com o nome de *Sociedade Literaria*, entre consocios desta Silva Alvarenga, o poeta da *Glaura* e Mariano da Fonseca ainda não autor de maximas, nas quais se condensa a experiencia acumulada pelos anos.

Luís de Vasconcellos foi substituido pelo conde de Rezende. Suspeita de discutir assuntos politicos e religiosos, a *Sociedade Literaria* entrou em crise, finda em dissolução por ordem do vice-rei. A crise da associação atingio mais de perto Alvarenga e Fonseca, ambos presos e processados, custando a livrar-se do carcere, mas com pleno reconhecimento de inocencia.

Todas as Academias do nosso tempo colonial merecem reverencia dada a seus fundadores e aos seus membros, uns e outros promovendo centros de cultura reunindo a dispersa existente. O valor dos iniciadores não se afere pelo máo exito ou brevidade das iniciativas.

Na *Academia de Historia Portuguesa* já nos representára Bartolomeu de Gusmão, o Voador, por cuja mente, como pela de outros proceres da aviação, passou apenas a idéa de voar para servir universo sem cancelar civilização.

Em nossas Academias do tempo colonial figuraram pessoas pelo tempo avantajadas a par de outras de menor evidencia. Não significa isto menos apreço por elas e lh'a dariam coevos se hoje estão em diminuto relevo.

Não foram as Academias coloniais ninhos de parolagem. Por obras e manuscritos atestaram trabalho se pela brevidade de existencia não o puderam prolongar. A boa vontade recomenda.

Na Biblioteca Publica de Lisboa, na do Rio de Janeiro, no Instituto Historico e Geografico Brasileiro, por originaes ou volumosas copias se pode avaliar o que produziram as Academias primitivas nossas vencendo obstaculos, desde meio caminho. As obras impressas de Tavares de Siqueira e José Miralles, um Selêto, o outro Renascido, constituem fontes de informação, as das paginas dos *Jubilos da America* e da *Historia Militar do Brasil*.

A este, lograda Independencia, não foi dado cuidar de Academias literarias, o Primeiro Reinado férvido período de transição. A Regencia, em 1835, coube instituir Academia, mas de Medicina, oficiando tentativas de Sociedades Medicas.

Lutas civis armadas enlutaram o Segundo Reinado até 1850. Cessadas as lutas fratricidas abriu-se era de outras lutas, a nação em guerras provocadas por tiranias no Prata e no Paraguai.

A despeito de obices, o Segundo Reinado poude registrar na sua fé de officio o florescimento de ciencias, letras e artes. O Instituto Historico e Geografico Brasileiro tomou feição de Academia, sem nome, tutelada por D. Pedro II a presidir-lhe sessões anos a fio. Ao ser exilado D. Pedro II, uma voz de socio sôou no Instituto Historico. Fez o mais alto elogio do exilado, propondo que a cadeira do soberano na associação ficasse, durante a vida dele, inocupada e coberta com um véo. Partiram o elogio e a proposta do dr. João Severiano da Fonseca, irmão de Deodoro, quando quinze dias tinha a Republica.

Decenio antes em uma das sessões do Instituto Historico, então dirigido pelo visconde de Bom Retiro, e a 24 de Maio de 1878, o socio Dr. Maximiano Marques de Carvalho propuzera a creação da *Academia das Letras Brasileiras*, futura seção de Instituto Geral constituído pelo molde do Instituto de França. Sem realização a proposta, cumpre registrar os intuitos do proponente, medico e fervoroso homeopata.

Mais tarde, em principios de 1884, a idéa de Academia voltou a andar na balha. Renovou-a o Dr. Ernesto de Souza e Oliveira Coutinho, filho do visconde de Sepetiba, medico, humanista de cultura aparada em França. Entendeu-se com o Dr. Antonio de Castro Lopes, outro medico, latinista de valia e antigo professor de latim no Colégio de Pedro II.

Para formação de uma *Academia Brasileira de Letras*, Castro Lopes ouviu notabilidades da epoca, uma das mesmas Homem de Mello, recebeu animações e a ponto de lhe confiarem a incumbencia de formular estatutos para a projetada Academia. Deu-se Castro Lopes o trabalho de formulal-os apresentando a futuros consocios as bases da associação.

Constavam de 34 artigos distribuidos por 7 capitulos, oferecendo os estatutos disposições dignas de lembrança.

De duração ilimitada, a Academia teria por presidente honorario o chefe do Estado. O principal escopo da instituição seria o estudo da lingua vernacula.

Entre os primeiros deveres da Academia tres seriam obrigatorios os da composição de dicionario, de gramatica critica e de vocabulario ortografico da lingua portuguesa.

Contrataria a Academia, quando lh'o permitissem recursos, professores da lingua santa, de arabe, de sanscrito e de tupi, mediante modica contribuição de alunos revertida em provento da Academia.

Considerada oficialmente tribunal de superior instancia científica e literaria, com voto consultivo, decidiria a Academia não só nas questões controversas de corporações científicas e literarias como nas consultas particulares merecedoras de estudo.

Os membros da Academia seriam efetivos e honorarios, aqueles em numero inalteravel de quarenta, estes em numero ilimitado sem onus pecuniarios, os membros efetivos sujeitos unicamente á joia de trinta mil reis. Deviam ser brasileiros no gozo de direitos civis e politicos. Os socios estrangeiros contariam tres anos de residencia no Brasil. Efetivos e honorarios teriam pelo menos 50 anos de idade.

O socio efetivo leria na sessão solene de recepção como academico o elogio do predecessor ou peça científica ou literaria na hipotese de ser a vaga devida a qualquer outra causa, entre elas a da demissão espontanea do academico antecessor.

Os trabalhos da Academia seriam reunidos em volume anualmente publicado e constituindo as *Memorias* da Academia, a qual fundaria biblioteca.

Academia a socios ou estranhos caberia outorgar a *Ordem do Mérito Cientifico e Literario*, com tres graus, cada qual dando direito ao uso de placa diferente.

Nas sessões festivas da Academia os socios poderiam usar um uniforme deixando á sua escolha. Os diplomas academicos seriam escritos em latim.

Na frontaria do edificio da Academia, edificio proprio ou alugado, ler-se-ia o seguinte mote gravado em grego: "A raiz da sciencia é sem duvida amarga; mas os frutos são doces".

Emquanto não obtivesse sede propria a *"Academia Brasileira de Ciencias e Letras"*, sem prejuizo de serviço publico, celebraria sessões no edificio da Escola Politenica.

Ficam por transcrever outras disposições dos estatutos da projetada Academia de 1884, bem lembrados como de precusores os nomes de Maximiano de Carvalho, Oliveira Coutinho e Castro Lopes.

Tal o retrospecto das realizações ou tentativas de fundação de Academias em nosso antanho. Numerosas no Brasil moderno são as Academias. Historie-as quem a elas pertençam ou conheça de perto, não podendo bem fazel-o quem as conheça de longe e pois de outiva.

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

HOLLYWOOD

Out. der. 59 - Tel. 43-7134
OBRIGADO - 1000 - 1000 - 1000

VIM-entem a braços com um homem terrível. Infelizmente, não lhe guardei o nome, se é que ele chegou a revelar-mo; e isso me impede de prevenir as pessoas de nervos mais ou menos melindrosos para que o evitem. Mas é um sujeito esgalgado, macilento, com um ardor de febre nos olhos entre o azul e o cinza e um jeito curiosíssimo de beliscar, repuxar o lábio superior, como quem procura com ansiedade o bigode ausente, ou então, — e eis o que me parece mais indicado — como se naquele ponto da fisionomia estivesse o núcleo, o foco, a essência da sua inspiração e dos seus argumentos, todas as suas recordações. Talvez com efeito este cacoete se torne suficiente para os senhores o identificarem. E então lhes digo sinceramente: Cuidado com ele!

Além do mais o sujeito é insidioso. Começa amavelmente nos solicitando a atenção. Arranja duas ou três frases que nos fazem olhá-lo com simpatia. Entra com pés de lã na nossa confiança. Depois é que são elas!

Imaginem. Trata-se dum grande estudioso, merecedor até de o qualificarmos de erudito, mas que, ao fim dalguns minutos, revela a preocupação de nos dominar, nos ajuizar, nos esmagar com tanta sabedoria. Já isto, francamente, desagradaria a qualquer de nós. Ninguém gosta de se sentir esborrachado pela sapiência alheia. Principalmente não tendo rogado as suas luzes nem mostrado qualquer interesse em as receber. Que diabo! Quando queremos estudar, fechamo-nos na nossa sala, com os nossos livros e vamos metodicamente procurando os conhecimentos de que necessitamos ou que, por qualquer motivo e até sem nenhum motivo especial, desejamos obter. Fazemos isso quando entendemos, como nos apraz, sem intervenção, muito menos imposição de pessoa alguma. E assim somos capazes de ficar uma tarde inteira e pela noite dentro, absorvendo as noções que nos faziam falta ou simplesmente nos parecia interessante possuir. Agora, com um cavalheiro ao lado, exigindo que não percamos uma só das maravilhas de saber que lhe empanturram o cérebro, uma só das preciosidades de eloquência que se lhe despenham dos lábios — e aí vai mais história, e tome mais literatura e agente mais filosofia... Oh, não! A gente se revolta, não é verdade? E, se estamos — como, desgraçadamente era ontem o meu caso — em lugar onde não possamos reagir, donde não possamos fugir, pelo menos marcamos bem o indivíduo e juramos nunca mais!

Este, então, além de todo o pedantismo e toda a tirania que se arroga, cultiva uma especialidade verdadeiramente calamitosa. Especialidade, mania, vício, delírio, nem sei como lhe chame, dá-lhe para desmentir as mais belas e nobres afirmações que colhemos nos livros ou pela vida aquém, de todas fontes instrutivas e exemplares, viemos adquirindo. Imagens que eu guardava, tão preciosamente conservada no espírito ou no sentimento, atirou-se ontem a elas como um possesso, na fúria de as destruir. Estávamos no salão da Sra. Silva, no vão duma janela, para onde ele cavilosamente me conduzira, sequestrando-me das outras visitas. Discorria em jato contínuo, impetuosamente, sem tomar fôlego, sem me permitir um aparte nem um



por JOÃO LUSO

instante de relativa liberdade. E, arrepanhando o beijo com dois dedos da mão esquerda, com a direita inteira me segurava pela gola do jaquetão.

Assim, por exemplo, me demonstrou que a Beatriz do Dante nunca existira. Nem com esse nome nem com outro. Absoluta ficção. Nem o Poeta a podia ter encontrado na ponte de Carraia, porque nunca lá puzera os pés. Mais ainda: Estava absolutamente provado que o autor da *Divina Comédia* não sofria apenas, em relação ao belo sexo, duma frieza, uma indiferença que os seus versos pretendiam desmentir... Era realmente um misógamo; era essencialmente misógino. Mas, objetariam certos autores: e, o seu casamento, dois anos após a morte de Beatriz, isto é: em 1287, com Simona Bardi, que dele teve cinco filhos? Versão completamente errada! Ignorância pura! — Notando o assombro do meu semblante e talvez certo ímpeto de fuga, o interlocutor aferrou-se com mais veemência à gola do meu pobre jaquetão. — Achava eu inverossimil aquilo? Parecia-me impossível? Pois, senhor, nada mais certo. Ele estivera em Florença, revolvera os arquivos, compulsara todos os documentos, confrontara cada sistema de dados ou indicações com os locais que meticulosamente visitara; e as conclusões a que havia chegado não admitiam a dúvida mais ligeira. Nunca o imortal Alighieri — se seu verdadeiro prenome Durante e não Dante como julgavam os néscios — atravessara a ponte de Carraia, nem na sua vida entrara Beatriz de espécie alguma!

Ia depois arremessar-se contra Laura e Natércia ao mesmo tempo, mas já por essa altura se declarara a debandada mundana. Além de nós ambos, restavam apenas dois casais que se fingiam distraídos diante dum

quadro mas a quem de certo a Sra. Silva convidara para jantar. E a própria Sra. Silva, com o seu sorriso sempre encantador, nos indicava implicitamente a porta do salão. Saímos. No omnibus só havia dois lugares e separados. Devia ser Beatriz que do Paraíso e a mais de seis séculos de distância me protegia... Forcei o seu pretenso assassino a instalar-se lá para a frente, perto do motorista, sem me despedir.

rista; e à primeira parada saí subreptícia-

Pavorosos todos esses esmiuçadores, esses espiolhadores da celebridade universal. Em geral, a idéia que formamos acerca dos vultos magníficos da ciência, da arte, da poesia, eles a combatem com uma energia jubilosa, em que há o orgulho e a volúpia da demolição. Para eles não foi Newton mas um outro — que ficou anônimo — quem descobriu as leis da gravitação universal e da decomposição da luz; nem foi da boca de Arquimedes que saiu o vitorioso brado *Eureka*; nem Copérnico criou o sistema do seu nome; nem Galileu encontrou o pêndulo; nem Gutenberg construiu o primeiro aparelho de impressão; nem Jansen lançou o microscópio... E então nos tempos modernos que desgraça! Pasteur não curou ninguém de raiva nem é a Roux que se deve o soro antidiftérico; e nem Santos Dumont algum dia subiu em balão, nem Edison entendia patavina de eletricidade. Tudo foi feito por outros!

Uma cidade da Grécia se poderia orgulhar e todos nós a poderíamos venerar como sendo o berço de Homero. Mas vieram os pesquisadores, os farejadores de pontos duvidosos na história dos gênios, e as cidades onde o épico da *Iliada* "talvez" houvesse nascido ficaram sendo sete. Segundo os mesmos rebuscadores implacáveis, talvez não fosse Homero quem compoz aquele poema, bem como a *Odisséia* que igualmente tem conduzido de século em século o esplendor da sua fama. Depois ao certo, ao certo, quando ficou ele cego? E constituirá ponto ao abrigo de controvérsia a cegueira do Poeta? Finalmente: existiu de fato Homero?

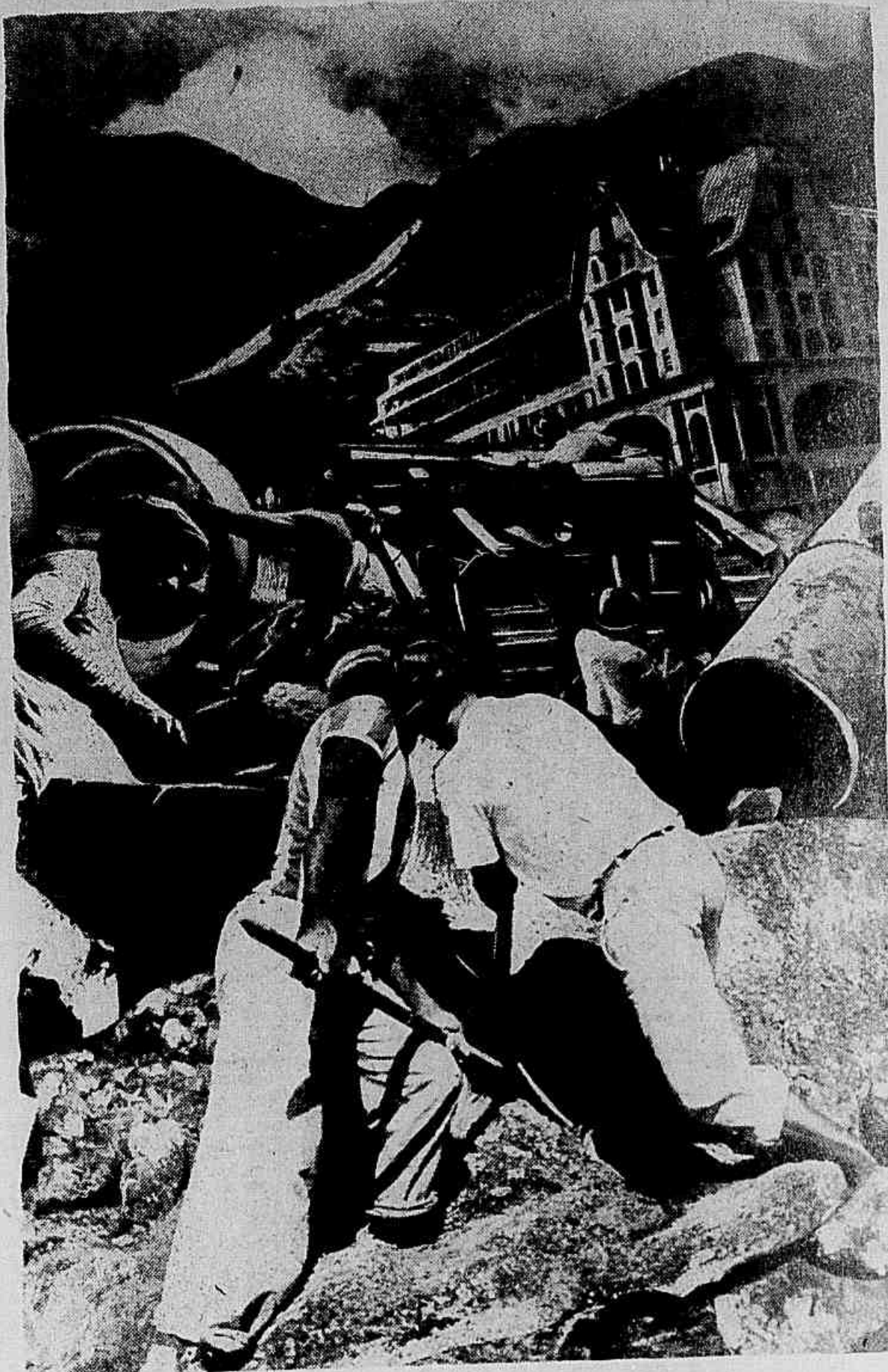
Quantos esmerilhadores, em acessos de rapinagem ou de escamoteação, já "demonstraram" que a obra shakespeariana não passa duma serzidura contínua de plágios? Muitos outros deixaram patente esta averiguação: que, não querendo pôr em evidência a própria individualidade, vários escritores verdadeiramente dotados e cultos se serviram do moço de cavalaria por bambúrrio elevado a comediante, para lhes assinar as produções. E ainda, na asseveração de numerosos indagadores, o "grande Will", cujo sobrenome aparece nas enciclopédias composto de vários modos: Shakespeare, Shakspeare, Shakspere, Shakespere, Shakespeyre, Shasper e até Chasper, não usou absolutamente nenhuma dessas formas, por não haver jamais habitado este planeta fazendo parte da nossa humanidade.

Oh, os tais esquadrinhadores, os tais averiguadores, que miseráveis! E, então, este de ontem? Não me pesa no coração ter jamais denunciado pessoa alguma. Com este, porém, iria além da acusação pura e simples. Se o pudesse fazer passar por quinta-colunista ou fraudador da lei de coordenação...

Quitandinha — O hotel e a cidade



Dentre as grandes realizações que se destacam no panorama do Brasil atual como das que mais expressam a marcha do nosso país pela senda de um progresso rápido e grandioso, Quitandinha figura, entre as de caráter particular, como das mais vultosas e importantes. Tanto pelo aspecto material como pelo que se prende aos seus objetivos e imediatos de tornar o Brasil o maior e mais luxuoso centro turístico da América Latina, Quitandinha, documenta uma realização única e digna de ser comparada com as de maior fama no gênero em todo o mundo. Bastaria o grande hotel para realçar a invulgar significação da imponente obra, mas há ainda outros detalhes para elevá-la a categoria de incomparável. São os complementos que a caracterizam. Por exemplo: as piscinas, uma das quais de água tépida para os banhos de inverno e localizada no interior do edifício para evitar as consequências da temperatura exterior; a pista de gelo para *skiing*; o lago para os sports náuticos de toda a natureza, inclusive *yachting*; os campos para os jogos sportivos de toda a espécie, desde o *golf* ao *tenis*; os parques sombrios e os bosques; os jardins modernos e outros pontos para o repouso do corpo e do espírito. Tudo isto, entretanto, apesar de ser um grande mundo de luxo, bem estar e satisfação ainda não é tudo, porque, em torno do hotel de Quitandinha, surgirá também a cidade de Quitandinha. Será a mais bela e a mais moderna estância de veraneio da América do Sul e, desde o traçado das ruas até o tipo das habitações, não admitirá comparações com qualquer outra, porque tudo terá ali o aspecto diferente, o feitiço original de uma cidade construída de propósito para um determinado fim.



Rio, cidade prodígio

O Rio antigo, a velha cidade de Machado de Assis, onde os pardieiros de três andares ladeavam vielas escuras, enfeitadas a espaço pela alegria do jardim de um solar fidalgo, vai desaparecendo aos poucos, tomado de assalto pelo surto trepidante do progresso que, ao fragor estupendo das dragas e das brocas mecânicas, rasga os caminhos antigos, onde transitavam as "cadeirinhas" de outrora, e abre caminhos novos para os automóveis aerodinâmicos de amanhã.

Assim a poesia antiga da cidade ensombreada e romântica, vai cedendo lugar à poesia nova que o homem de hoje sente nos monumentos de aço e cimento, cuja fila se estende ao longo das amplas e arejadas avenidas que vieram substituir os becos da velha "Córte".

Foi assim que se ergueu Copacabana, foi assim que se edificou o Leme, e é assim que se está construindo a avenida Getúlio Vargas, símbolo eloquente do dinamismo da nossa época.

Esta grande arteria, que dentro em breve será inaugurada, foi o local escolhido pela Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil, para a construção de um grande edifício, que será um dos primeiros a serem edificados, naquela magestosa via. Esta é mais uma afirmativa da segurança e inteligência com que são empregados os capitais daquela Sociedade de Previdência, que conta já com um patrimônio superior a Cr. \$ 1000.000,00.

O movimento desse capital, que se desenvolve de modo prático e progressista, cria gestos de elevado patriotismo e humanitarismo, por isto que, enriquecido como está sendo o patrimônio da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil, maiores possibilidades adquire a instituição para cumprir o amplo programa de benefícios aos seus associados traçado pelo dinamismo de seu atual Presidente, o Sr. Orlando de Almeida Cardoso.

Além de contribuir de maneira tão eficiente para o plano de urbanização da Capital Federal, a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil acaba de ter outro simpático gesto, subscrevendo, por intermédio de seu Presidente, cinco milhões de cruzeiros de obrigações de guerra, em cerimônia há dias realizada no gabinete do Presidente do Banco, Sr. Marques dos Reis.

CREME DE MILHO

"LUX"

Em pacotes de celofane
de um e meio quilo.

Produto muito imitado, mas
nunca igualado, alimento ideal
para adultos e crianças, em
mingaus, bolos e biscoitos.

Fabricação do
"Moinho da Luz"

Exija pela marca "LUX"
nas casas de primeira ordem

Extraordinário ato de bravura de uma jovem escocesa

Do B. N. S. para a REVISTA DA SEMANA

Foi numa noite de agosto que a Sra. Marion Patterson teve de servir, pela primeira vez, como voluntária, no posto de bombeiros de Aberdeen. Esposa de um jovem escocês em serviço na RAF, a Sra. Patterson nasceu em Aberdeen, mas passou a maior parte da vida no Canadá, somente tendo regressado à Escócia por ocasião do seu casamento.

Mal ouviu as sirenes de alarme naquela noite, a jovem voluntária correu, instintivamente, ao posto onde devia servir. No interior da estação de bombeiros tudo já estava em atividade e, de fato, dentro de pouco tempo, começou a se ouvir o ronco dos motores dos aviões inimigos, que se aproximavam do centro da cidade. E esse ronco foi se tornando cada vez mais forte, até se confundir com o ruído dos canhões anti-aéreos. Aberdeen assumiu o seu lugar na linha de frente da Grã-Bretanha.

Os assobios das bombas cortando os ares também foram se tornando cada vez mais nítidos, até que todo o edifício da estação de bombeiros tremeu, como se um terremoto o abalasse. As vidraças se faziam em mil pedaços. E não se tardou a ouvir os gritos não muito distantes de "Fogo!"

Em poucos segundos entrava em cena o primeiro grupo de bombeiros, do qual fazia parte a senhora Patterson. Grandes jactos de água atacavam, por todos os lados, o edifício em chamas. Todos trabalhavam com ardor e coragem. De repente, contudo, foi ordenado que se interrompessem as atividades. O edifício estava na iminência de desabar, e seriam inúteis os esforços para salvá-lo.

Mas, no meio das ordens de comando e do crepitar das chamas, ouviu-se a voz da sra. Patterson, levantando uma objeção. Ainda ha-

via alguém, no interior do edifício incendiado, e ela estava disposta a tentar salvar essa pessoa. Argumentos, e mesmo ordens severas não conseguiram dissuadir a corajosa mulher de penetrar no edifício, apesar do teto e das paredes internas já terem desabado, transformando todo o prédio num montão de ruínas em chamas.

Era quase irrealizável a tarefa a que se aventurara a Sra. Patterson. Mas nada pode demovê-la de seu intento. Tirando o palitô, que lhe tolhia a liberdade de movimentos, penetrou no inferno de chamas e fumaça e, vagarosa e cuidadosamente, foi abrindo caminho, entre os destroços fumegantes, em direção à voz que pedia socorro, enquanto, do lado de fora, as vozes, nervosas, lhe advertiam:

— Cuidado! Mais depressa! Volta!

A Sra. Patterson não se apressou, contudo, apesar de ter confessado, mais tarde, que aqueles poucos minutos lhe pareceram anos. Finalmente, encontrou um marinheiro ferido e preso sob um barrote.

— Tenha confiança, que em breve estará de novo no seu navio! — disse a Sra. Patterson, simplesmente — Vou tratar de retirá-lo daí.

Embora incapaz de se mover, o marinheiro estava conciente e juntou os seus pedidos ao do pessoal que ficara do lado de fora, insistindo para que a sra. Patterson saísse daquele inferno, antes que fosse demasiadamente tarde.

Mas ela, num esforço sobrehu-

mano, libertou o marinheiro, erguendo, com ambas as mãos, o pesado barrote. Acorreram, então, alguns dos assistentes e transportaram o ferido.

Poucos instantes depois de Marion Patterson ter se retirado do interior do edifício em chamas, o mesmo desabava, com pavoroso estrondo.

A heroína escapara com vida, mas não quis, de maneira alguma, revelar a sua identidade, apesar da insistência geral.

Mas, como Cinderella, havia se esquecido de um objeto que poderia identificá-la: o seu palitô. E pouco tempo depois, a sra. Marion Patterson recebia a "George Medal", por "ato de coragem e iniciativa sem levar em consideração a própria vida".

COMO A "CRUZEIRO DO SUL" FORMA OS SEUS ESPECIALISTAS

Muito pouca gente ignora verdadeiramente o que seja a organização da empresa nacional de transportes aéreos "Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda.", principalmente em matéria de técnica.

São em numero reduzidíssimo as pessoas que sabem da verdadeira importância dos estaleiros e oficinas que a veterana empresa nacional mantém na Ponta do Caju para os serviços de revisão, reajustamento e reparação de seus aparelhos. Por um impulso natural da índole da nossa gente, a maioria prefere creditar ao fator sorte a pontualidade e a segurança que oferecem ao público os aviões da "Cruzeiro".

Entretanto, si os nossos jovens patricios que estudam nas escolas de engenharia, ou antes, os seus mestres promovessem um dia uma visita àquele verdadeiro formigueiro humano, onde centenas de brasileiros trabalham incessantemente para garantir o máximo de segurança aos enormes pássaros de duralumínio que cortam os céus do Brasil em todas as direções pervingando a extensa rede mantida pela importante organização, poderiam verificar que aqueles primorosos operários que ali executam os mais difíceis mistérios da arte mecânica não foram importados de parte alguma, nem foram recrutados em outras organizações, mas sim formados ali mesmo, nos cursos de uma pequena mas modelar escola de aprendizes, à qual se poderia emprestar, mui propriamente, o título de "Escola de Homens". Ela funciona sob a supervisão do Major aviador Antonio de Resende Furtado e sob a direção do mestre mecânico E'rico Friedrich, brasileiro, profissional produzido pela mesma escola em que, agora, ministra instrução.

Anualmente abrem-se matrículas para aquela escola — em numero reduzido, pois seus alunos destinam-se ao suprimento das necessidades da oficina da empresa — e diante da extraordinária afluência de candidatos, a direção técnica da "Cruzeiro do Sul" promove no início de cada ano um concurso de admissão no qual, invariavelmente se inscreve uma centena de jovens que se submetem a prova escrita da qual constam questões sobre a língua vernácula e sobre matemática elementar, conhecimentos esses julgados indispensáveis para os que queiram ingressar no curso de mecânica da "Cruzeiro".

FORNECEDORA DE PAPEL PARA ESTA REVISTA

PAPEL PARA JORNAIS E REVISTAS
PAPEL EM BOBINAS E FARDOS

As indústrias siderúrgicas, de fundição, e outras que necessitem de material refratário de alta qualidade, recomendamos o emprego dos produtos nacionais

MELRODE

Barro cru refratário ultra-plástico e chamote em pó e em bruto, tijolos para altos fornos e cubilots — Cunhas — Blocos — Cimento refratário — isolamento térmico para caldeiras.

Recomendamos o

SULFATO DE ALUMÍNIO FLOCALUMEN "BRASIL"

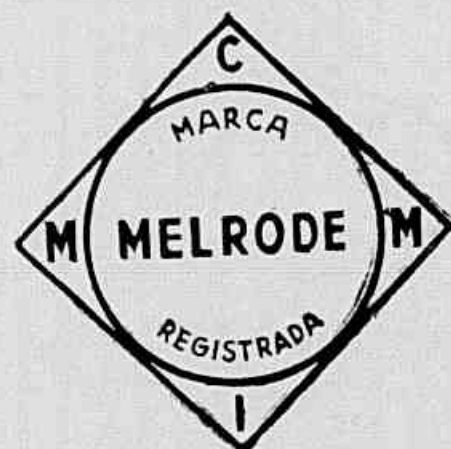
que está sendo empregado com grande vantagem e em larga escala no Brasil e no estrangeiro, nos mais variados ramos de indústria.

PEÇAM OFERTAS COM AMOSTRAS.

S/A MERCANTIL ANGLO-BRASILEIRA

Matriz
RIO DE JANEIRO
Rua Visconde de Inhauma, 109
Caixa Postal 1121
Telefones: 23-2885 - 23-4461 - 23-4569

Filial
SÃO PAULO
Rua Senador Feijó, 205 — 1.º andar
Caixa Postal 979
Telefones: 2-3241 - 3-5881



MORREU NO NORTE UM POETA

DEMOCRITO ROCHA

O meu conhecimento de Soares Bulcão data de 1910, quando eu ainda nem ao menos pensava em vir bater no Ceará.

Passara alguns dias com Ulisses Sampaio no interior de Sergipe e, ao voltar a Aracajú, à mesma noite da chegada, recebi, na famosa "república" da rua Itabaianinha, a visita de três poetas amigos: Gamaliel de Mendonça, Garcia Rosa e Jackson de Figueiredo, um parnasiano, um lírico e um simbolista.

Jackson trazia dois números da revista "Careta" e foi quem nos deu a notícia:

— Apareceu no Norte um poeta originalíssimo chamado Soares Bulcão.

Mostrei as revistas onde, em cada edição, se publicava uma página inteira com os versos das "Parêmias".

O autor dos "Zíngaros" estava cheio de entusiasmo pela obra do cearense e já lhe sabia toda a história privada e literária. Garcia Rosa gostou do poeta e Gamaliel de Mendonça, um crítico insaciável, pôs em destaque o talento de Soares Bulcão em dar poesia de forma ao tema vulgar da sabedoria do povo, "no seu ingênuo falar". E sentenciou:

— O homem é sóbrio.

Jackson, com o seu natural arrebatamento, retrucou: — Sóbrio, não. Esse homem é um monstro.

E começou a recitar as parêmias que mais o sensibilizaram, desdobrando-lhes o sentido filosófico.

Garcia Rosa, um gigante delicadamente macio e doce como o lirismo de seus versos, obtemperou que precisava ler o trabalho de Bulcão. Não podia julgá-lo através da ênfase sugestiva de Jackson, cuja voz, cujos olhos, cuja mimica exerciam uma espécie de fascinação sobre os ouvintes, quando lia uma página qualquer. Quem depois fosse ler o verso ou a prosa muitas vezes não encontrava mais a beleza anterior. Toda a magia fora obra de Jackson, do calor de sua expressão.

Mas a verdade é que nós todos, em seguida, vivíamos ansiosos pela chegada dos vapores do Rio, com a "Careta" e as "Parêmias".

Dois anos depois acolhia-me o Ceará e, no atordoamento da mudança de terra, Soares Bulcão não me veio à lembrança.

Certo dia, na rua Guilherme Rocha, avistei uma aglomeração popular. Apreseiei os passos. Havia um homem contundido, derrubado no calçamento e outro que dele se afastava tão sereno como se apenas tivesse ido recolhê-lo.

Alto, esbelto, elegante, vestindo linho branco e usando um chapéu de largas abas — esse homem, que derrubara um antagonista e se retirava tranquilo, era Soares Bulcão, o poeta que eu de longe sonhara uma figura débil e melancólica, a escrever quadras nostálgicas e poesia sentimentais.

Fui aos poucos me integrando na vida cearense, ampliando minhas relações e conquistando amizades. Bulcão foi um amigo que eu tive desde 1920 e as nossas afinidades tinham maior valor exatamente porque, no meio das mais extremadas lutas partidárias, o seu campo não era o meu.

Dois temperamentos capazes dos mais rudes embates e dos mais suaves enternecimentos — nunca entre nós uma nuvem turvou a atmosfera de nossa cordialidade (e quantas vezes as refregas políticas e os episódios da vida nos atiraram um contra o outro!).

Aristocrata do pensamento e das atitudes, circunspecto, mesmo entre os mais íntimos do seu convívio, Soares Bulcão tinha uma inquebrantável personalidade e a composição do seu estilo literário era um retrato fiel do equilíbrio de seu temperamento e de seu caráter.

Quando morreu Antônio Sales encontrei o autor de "Parêmias" em nosso ponto diário de palestra, no "Banco da Opinião Pública", da Praça do Ferreira, e lhe pedi:

— "Você vai escrever um trabalho sobre o Sales".

Bulcão tivera uma desinteligência de menor importância com o glorioso cantor de "Minha Terra". Mas dona Ligia Bulcão de Vasconcelos, sua dileta filha, espírito brilhante e generoso, conseguiu apagar aquela ligeira mágoa entre os dois poetas e, quando Sales se partiu, com o coração a sangrar pela derrota da França, o autor de "Parêmias" foi um dos que lhe velaram o leito.

O artigo de Bulcão sobre Antônio Sales é uma página de antologia, em que o artista, o crítico e o amigo maravilhosamente se confundem e se misturam. Depois veio a doença.

Em várias ocasiões, encontrei-o no consultório médico e compreendi que o homem não sabia lutar contra a enfermidade. Faltava-lhe o temperamento para combater em retiradas e transigências.

A última vez em que nos avistamos foi no princípio de Maio, um Maio sem flores, de uma terra orfanada, sem as chuvas do inverno.

A fisionomia do poeta guardava a majestade de um rei medieval, com a sua imponente cabeleira grisalha e um ar de quem sentia a morte, mas desejava morrer de pé.

Contaram-me depois que ele fora ao sertão ver as águas nos açudes e o sol nos algodoads.

Acreditou na vida e tentou vivê-la, numa espécie de pre-ressurreição.

Mas a doença, inexorável, continuou a sua marcha. O poeta notou de fato que a morte chegava e reagiu como Cyrano de Bergerac:

— Elle vient. Je me sens déjà botté de marbre
Ganté de plomb!
Oh! mais!... puisqu'elle est en chemin,
Je l'attendrai debout, et l'épée à la main."

E como Cyrano deverá Soares Bulcão ter entrado no reino de Deus, varrendo o batente celeste com o penacho de sua compostura individual "sans un pli, sans une tache".

—oOo—

"Um estudo de Soares Bulcão comportaria perquirições diferentemente orientadas, porque, no autor de "Parêmias" e "Helianthus", militavam três psicologias quase irreconciliáveis no comum dos mortais: a do áspero e rude combatente; a do infatigável e sereno pesquisador histórico e, finalmente, a do poeta inclinado aos mais suaves enternecimentos.

Do ponto de vista literário, a sua vida foi, sem dúvida, mais completa, e será este o seu aspecto duradouro, o que irá conduzi-lo à posteridade.

"Parêmias", publicado em 1910, e "Helianthus" que ele deixou organizado e por editar a qualquer momento, são duas obras imperecíveis, que afirmam e consagram o poeta.

Historiador e, sobretudo, genealogista, nesse terreno, — evidentemente aquele em que mais trabalhou e ao qual dedicou o maior esforço e o mais longo tempo — a sua valiosa bagagem ainda não pode ser lançada ao grande público, porque existe como elemento apenas coligido e reunido, destinada à instrução de obras posteriores que o autor, surpreendido pela morte, não teve tempo de consolidar.

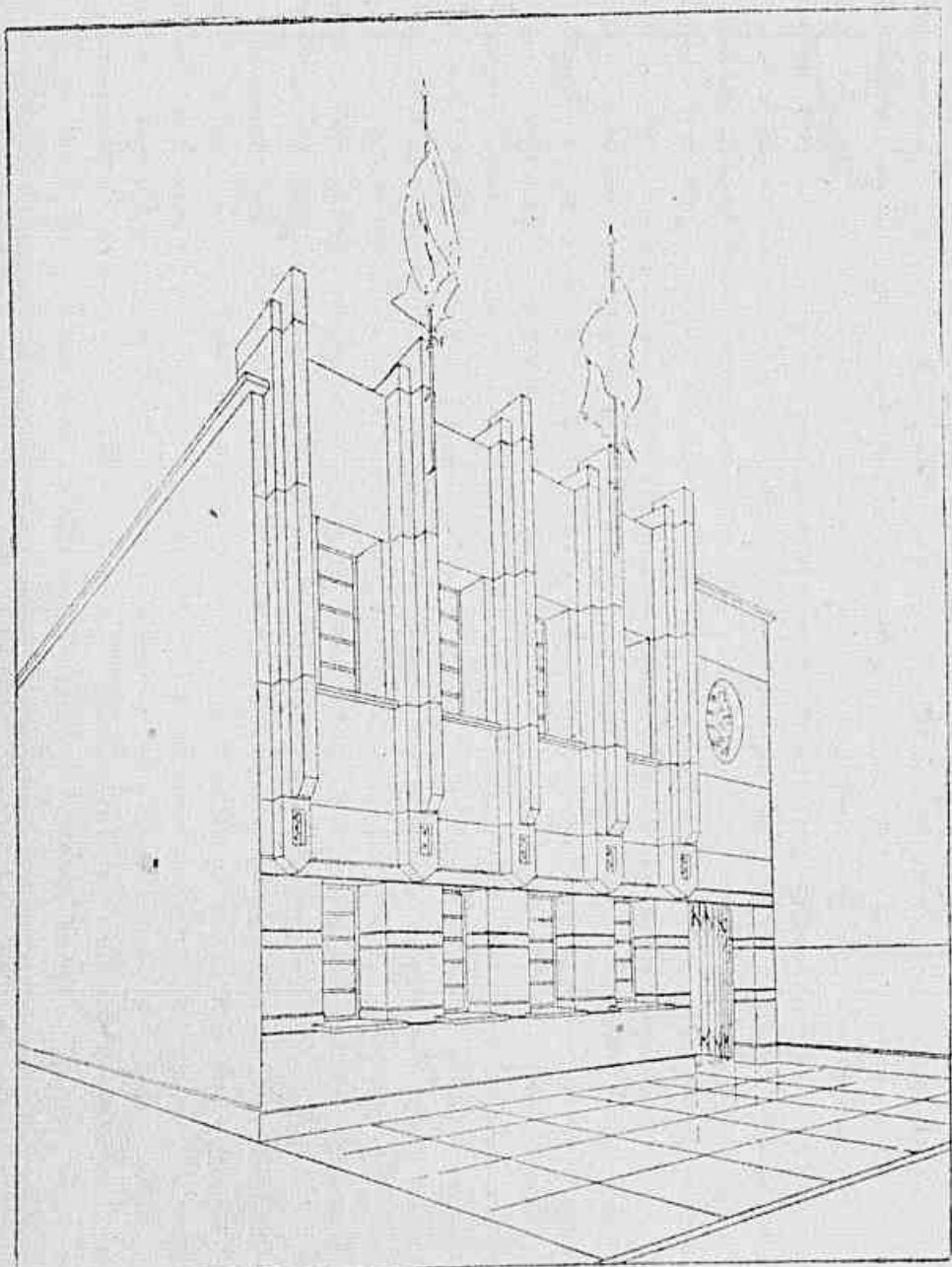
Neste setor de sua atividade intelectual, Soares Bulcão trabalhou sem as ambições da glória de autor, sentimento comum a quantos estudam e esmerilham os escocinhos

SEJA PREVIDENTE

Evite inquietações, inscrevendo-se na Caixa Geral Funerária — Sociedade Beneficente. Fundada em 1.º de Maio de 1909. Séde própria: Rua Carolina Meier, n.º 29 — Entre as ruas Arquias Cordeiro e Lucidio Lago, Rio de Janeiro.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO POPULAR DE BENEFICÊNCIA

Patrimônio	Cr\$ 1.446.812,00
Funerais e outros benefícios pagos desde a fundação	Cr\$ 4.029.176,00
Funerais pagos no ano de 1942	Cr\$ 463.150,00



Assistência médica, jurídica e econômica.

Mensalidades:

Chefe de matrícula Cr\$ 2,00
e Cr\$ 1,00 para cada pessoa da família.

Informações na Secretaria:

Fone 29-4173.



Soares Bulcão, em 1913

empoitrados dos arquivos, movidos tanto pelo desejo de saber e conhecer, quanto pela paixão de transmitir e vulgarizar.

Mas o renome de Soares Bulcão se projetou, em todo o Brasil, marcadamente, como poeta, em 1910, quando foi editado o seu livro "Parêmias", uma obra originalíssima, única, no gênero, em língua portuguesa.

"Parêmias" é um adagiário poético. É um trabalho de pensamento, arte e sabedoria. Tudo, nessa obra, é substancioso. Estilização da filosofia popular, codificação, em verso, da moral de uma centena de gerações, refundida pacientemente pelo estro de um artista cuidadoso — "Parêmias" é um monumento literário, que há de subsistir, um desses livros privilegiados que as idades não destroem, antes valorizam.

"Carola", a primeira parte de "Helianthus" é um livro do noivado e dos esposais do poeta.

Relembremos a história dessas nupcias.

Soares Bulcão no decênio de 1890 já estivera no Extremo Norte. E encontrava-se em Fortaleza, quando chegou do Amazonas, em Março de 1895, uma linda criança de treze anos que ali se demorara algum tempo com pessoas da família. Era Mirandinha — o nome familiar daquela que, ao morrer, a 3 de Março de 1909, se chamava Filomena Leal de Miranda Soares Bulcão.

Mirandinha deslumbrou a alma romântica do jovem de 22 anos e esse amor é proclamado ardentemente no soneto "Filha do Céu":

Um pedaço do céu, límpido e belo,
Desprende-se do Azul, fendendo os ares.
E todo o mundo, deslustrado ao vê-lo,
Viue dele surgir à flôr dos mares:

Vinhas da origem desse Azul singelo,
Trazendo em volta nimbus e luars,
Estrelas nos aneis de teu cabelo,
E a luz do sol na luz de teus olhares.

Vite emergir como as visões radiosas,
Triunfal, por entre as ondas espumosas,
Branca, engastada na extensão marinha:

Deslumbrou-me o esplendor da claridade,
Em ti adorei céu e divindade,
E agora estou no céu porque és minha.

Noivo de Mirandinha, Soares Bulcão continuou, porém, o seu nomadismo, entre o Ceará e a Amazônia.

Essas viagens eram dolorosas para a saudade da noiva que ficava no Ceará. Havia súplicas que não partisse. Mas o poeta terminava por seguir. Era o destino, que é o mesmo de todo cearense.

Depois de uma longa ausência o poeta veio do Acre com os seus versos e o seu amor e uniu-se pelo casamento à sua doce musa. Foi a 30 de Junho de 1900. A lua de mel não se prolongou. Um mês depois de casado era o poeta novamente obrigado a partir por força do seu cargo no Acre.

Partiu e Mirandinha ficou no Ceará, aonde ele veio, em meados de 1909, e, quando voltou, em fevereiro, ao chegar em Manaus, teve um mau pressentimento. Em vez de prosseguir para o Alto Purús, voltou a Fortaleza.

E a 3 de Abril de 1909 Mirandinha fechou os olhos para sempre.

O poeta, que progredira em sua arte e já se reafirmara aprimorado nos capítulos "Hastil", "Folhas" e "Meu Filho", do livro "Helianthus", batido pela grande dor adquiriu uma espécie de sublimidade.

O primeiro soneto de sua viuvez é um lamento angustiado:

"— Só no céu me verás! — tu disseste na extrema hora em que de lá vinha o convite fatal. Aureolava-te a fronte um fúlgido diadema de esperança e de fé, na renúncia final.

Foi teu último adeus. Nessa angústia suprema, vi a morte invadir o teu corpo lírio, e fiquei, mudo e só, no terrível dilema, de seguir-te ou ficar: e fiquei, por meu mal.

Vai, minha filha, vai. Contigo seguirão os meus sonhos de moço. E todo o meu destino, que também era o teu, findou. No coração,

eterna guardarei, entre dobras de sino, de teu corpo, que foi o meu culto pagão, a tua alma, que é hoje o meu culto divino."

E o trovador escreveu um dia:

A chave de fita escura,
Com que fechei teu caixão,
É a mesma da fechadura
Que trancou meu coração.

Como batalhador foi expedicionário nas campanhas do Acre, defensor da autonomia do território nas lides da imprensa. Bulcão deixou o Alto Purús em Janeiro de 1918, transferindo-se para o rio Piauí, no Amazonas. Volveu

definitivamente ao Ceará, em 1920, quando o seu grande amigo Justiniano de Serpa veio ocupar a presidência do Estado, cargo em que faleceu, em 1923.

Homem de partido, não tardou a insurgir-se contra o critério pessoal da distribuição dos cargos representativos da política estadual, entre parentes e amigos inexpressivos dos chefes. E foi assim que, em um dos jornais da oposição, ele, governista, farpeou, com ironias cortantes o vulto principal da sua corrente, o pachá da sua tribu partidária. A sua carreira política não podia obter marcha assencional, dentro daquelas virtudes civicas que ele apreçou no seu trabalho sobre a exata finalidade dos partidos.

Faltava-lhe a qualidade mais procurada pelos chefes políticos: a da completa subserviência. Marcado por suas honestas rebeldias, Soares Bulcão pendeu para o ostracismo dois anos antes da Revolução de 1930, que dissolveu o poder legislativo, pois não era mais deputado estadual quando caiu a primeira República.

A migração adesista, em massa, que se verificou em seguida ao movimento de 1930 e terminou por absorver novamente o Estado, onde mingua o quadro dos valores administrativos, não teve em Soares Bulcão um vanguardista, nem um caudatário. Deixando a política ou sendo por ela abandonado, o homem de pensamento volveu ao gabinete e ingressou no Instituto do Ceará, para maior título do seu nome e glória desca Casa.

O lutador, ao fim da jornada, estava de mãos vazias para afrontar a velhice.

Use
PYOTYL

...e os dentes
brilharão outra vez!

LIQUIDO

e CREME DENTAL

PYOTYL o dentifrício mais completo
— creme dental e líquido

"O CRIADOR DE SORRISOS"

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

ITABIRA, terra pobre de hoje, milionária de amanhã

(Especial para a "Revista da Semana" por Bica de Almeida)

Desde os tempos de estudante de direito, no Rio, ouvia falar na questão da Itabira Iron. De começo, não muito interessado, afinal, um dia, quiz saber do que se tratava.

Um amigo, que era estudante de engenharia e, assim, por méra curiosidade, talvez, conhecedor de seus detalhes, explicou-me, numa mesa de café, as razões de acaloradas discussões. Não prestei muita atenção ao caso industrial, aliás, claramente exposto por ele, mas a certa altura, a narrativa me interessou, porque se tratava do gigantesco panorama do Vale do Rio Doce, sua imensa riqueza e as possibilidades inesgotáveis de suas jazidas.

Falou-me, depois, em tom de lenda, na cidade de Itabira de Mato Dentro, que conhecia, por ser trânsito obrigatório para o lugar onde nascera e onde passava as férias escolares.

Isso foi pelo ano de 1910.

Formados os dois, nos separamos. Cada qual para o seu Estado, a tentar a vida. De Ruiz Ferreira, natural das vizinhanças de "Antonio Dias", nunca mais tive notícia. Se vivo ou morto, ignoro.

Por vezes, no Sul, pensava, ao ler telegramas sobre a questão do ferro, na viva descrição que ouvira do velho amigo desaparecido, e, na lembrança me acudia a cidade de Itabira, para muito além de Santa Bárbara.

Em 1914, após curto estágio numa comarca atrapalhada e cheia de tricas políticas, resolvi em definitivo vir para o Rio. Pensei num programa de vida diferente do que geralmente adotam os jovens bachareis formados. Para mim, enriquecer em trinta anos de advocacia, metido no mato, e depois de velho vir para o Rio, gastar a fortuna com a cura do fígado, estômago, bexiga ou sangue, não era um grande negócio. Fiz o contrário: passei a boa mocidade aqui, e talvez sofra uma velhice imprestável, no interior. Não sei se acertei, mas estou satisfeito!

Passados eram vinte anos, quando se me ofereceu a oportunidade de ir a Itabira. Foi em dezembro de 1930. Aceitei o convite. O meu amigo, José Bonifácio de Andrada e Silva, deu-me a primeira informação, afirmando que havia estrada de ferro até lá. Talvez confundisse Itabira do Campo com Itabira de Mato Dentro. Mesmo assim, prestou-me um serviço, pois conhecendo as dificuldades talvez não me atrevesse.

Abalei, de noturno, para Belo Horizonte. Foram dezesseis horas de viagem, com mais duas de atraso. No outro dia, tomei, pela manhã, o ramal de Santa Bárbara, primeira etapa do caminho. Bitola estreita, muitas voltas e trem vagaroso.

Mas que gloriosa Natureza!

Era uma manhã clara, ligeiramente fria, que me dispunha os nervos e me atilava as idéias. Nunca usei óculos. A minha vista alcançava distâncias enormes, pelas serras longínquas, e divisava com facilidade e clareza, os detalhes de regiões distantes, estasiando-se nos recortes quasi sempre originais, das serranias acinzentadas pela bruma da manhã.

Embevecido, não prestava a menor atenção ao atrito dos metais enferrujados dos velhos vagões, que há muito serviam o ramal, nem na cômoda e vagarosa marcha do comboio. Parecia que a máquina, preguiçosa ou talvez também estasiada, propositadamente demorasse o percurso.

Estávamos em pleno Vale do Rio Doce. O leito da estrada corre pela meia encosta da descomunal serra, exibindo ao viajante a beleza sem igual, de uma região riquíssima, que assenta majestaticamente num leito de aço, na magnitude esplêndida da mais bela visão que imaginar se possa.

Ao longe, muito distante, se destaca um ponto branco, no verde escuro da serra, como um pingo de cal, localizando o histórico Caraça, onde gerações sobre gerações de moços haviam recebido a base sólida de um ensino rigoroso. Um pouco da vida do Brasil está ligado àquela casa. Quantos homens públicos, grandes magistrados e escritores de raça deixaram ali o traço inesquecível de uma trajetória gloriosa. Poderíamos recordar mineiros e filhos de outros Estados, mais tarde personagens de destaque no cenário nacional.

Era o austero "Colégio do Caraça". A explicação está no próprio nome. Os recortes dos morros formam uma cara enorme, de descomunal tamanho, e daí — A Serra do Caraça.

Mais alguns quilômetros e estamos em Santa Bárbara. Cidade velhíssima, de casas e solares de antigos tempos, é o berço da família Pena, donde um dos mais ilustres, o conselheiro Affonso Pena, foi o varão que ainda conhecemos, patriota de boníssimo coração e cidadão de uma integridade absoluta. Tão sensível fora o seu caráter e tão honestas as suas diretrizes políticas, que não pôde sobreviver a uma manobra desleal, que lhe sacrificaria os amigos. E isso aconteceu, após a sua morte.

No trajeto, vi Caetés, cidade natal de João Pinheiro, o grande presidente mineiro e que ali se acha sepultado. Dedicado ao bem do povo, pela sua simplicidade e coragem lembrou a figura máscula do Cincinato romano.

A viagem de Santa Bárbara para Itabira, em automovel, foi penosíssima. Tempo de chuvas. As estradas, eivadas de atoleiros, dificultavam o percurso. Parti ao meio dia e só no dia seguinte, às duas da tarde, alcancei a Cidade do Ferro, com sacrifícios ingentes e tropeços quasi insuperáveis.

Soube recentemente que os sessenta quilômetros, que separam as duas cidades, ainda agora apresentam as mesmas dificuldades de trânsito.

A povoação se alonga pelo vale que circunda uma colina, e pela própria colina. Ruas sinuosas, bem poucas com calçamento. As casas, de antigo estilo, e na maioria velhíssimas, apresentam o aspecto de quem se abandonou ao tempo, sem esperanças da menor promessa de ressurreição. Há, entretanto, naquilo tudo, qualquer cousa que impressiona. Ao fundo, está a imensa Serra de Itabira, adormecida como gigante formidável, que, estendido sobre a Terra e sepultado há séculos, na sua majestade, fosse fundido no próprio aço que lhe desenha os recortes.

Pequena cidade, com hercúlea gente. Alguns dos mais antigos prédios, batidos pelas intempéries e descuidados na conservação, mostram com o desmoronar do rebôco, o arcabouço interno, ainda resistente, armado em ferro forte, e desafiando, ainda, o dobro das idades já transpostas. Aranhas imensas, habitando as fendas dos solares, passeiam durante o dia, em busca do sustento e à tarde, aos pulos, regressam aos lares, como os operários extenuados do trabalho.

A população, que na sua grande maioria é pobre, possui uma coragem inaudita e inexplicável, porque não abandona aquele rincão distante. Ama o pedaço de terra onde nasceu e vive, talvez, em constante êxtase, diante da Serra que lhe serve de fundo, na tela extensa, que vai de horizonte a horizonte, perdendo-se de vista numa vastidão que não se mede nem se calcula.

Um pugilo de homens abnegados ensina, num estabelecimento, onde os alunos aprendem bem e nada pagam. Todos são pobres, e os professores verdadeiros apóstolos, emissários da Civilização, postos ao Bem da Humanidade. Ali estavam João Gonçalves, Feliciano Pena, Rizzolia e outros. Todos ensinavam com o mesmo entusiasmo, com o mesmo amor, num apostolado divino, para formar as culturas do futuro. Um velho casarão não pagava aluguel e os poucos bancos eram conservados com especial cuidado. Vi a sua pobreza e admirei a coragem daquela gente. Tive, há poucos dias, a satisfação de rever Feliciano Pena, professor de Latim. A sua fisionomia calma e moça e os seus gestos ponderados, refletiam ainda a calma da cidade e a ponderação da sua gente. Falamos de Itabira. Apesar de jovem, alicerçou algumas gerações e deve trazer uma consciência tranquila, pelo bem que fez e pela bondade que espargiu.

A meia encosta da colina, num patamar, se ergue a Matriz, olhando para o Nascente.

Em baixo, no vale, a mais antiga, dos tempos coloniais, a Igreja do Rosário, trazendo nas grossas paredes a própria história da região e dos tempos primeiros do país. É bastante antiga a Igreja da Saúde.

O ponto mais alto da Serra é o Pico do Cauê, majestoso e de onde se avistam as regiões do sul e norte, do éste a oeste. Numa altitude de 1.300 metros, o viajante estende a vista pelo dorso da Serra, perdendo-se num infinito azulado, extenso depósito de incalculável quantidade de ferro, onde todas as forjas do Universo poderiam trabalhar livremente.

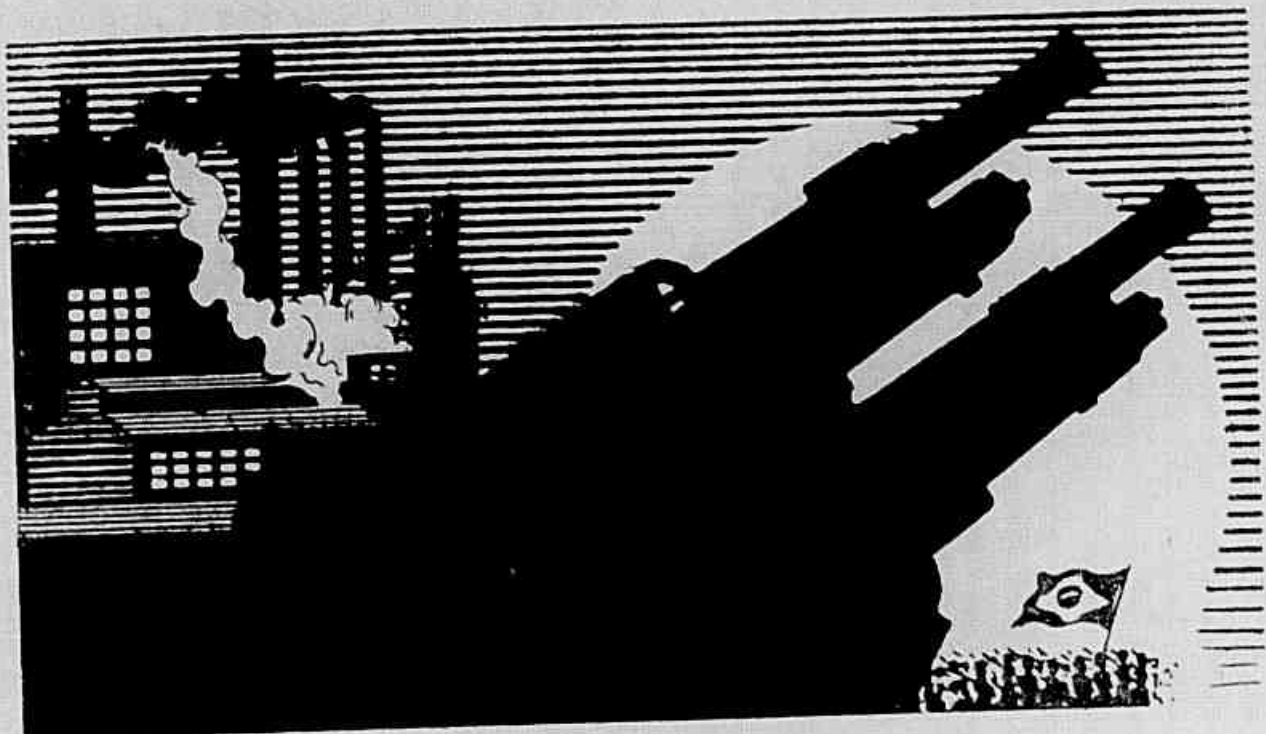
Lá em baixo, a cidade, olhando orgulhosa para o Pico do Cauê, pede-lhe, em orações constantes, que seja sempre o seu vigia, e que um dia, num grito estridente, anuncie: "Veem aí os operários do progresso, fazer desta cidade pobre o mais rico empório do ferro, para que seja o traço predominante de um Brasil Futuro, forte e generoso."

ESPECIALISADA

ÓTICA CENTRAL

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 9 - RIO

Mobilização



AS autoridades militares e civis estão empenhadas em mobilizar todos os recursos do Brasil na hora presente. A mobilização não atinge somente os indivíduos para os campos de luta e os trabalhos de retaguarda. Atinge as forças econômicas da Nação e todas as suas energias. Sua base é a mobilização dos espíritos para a luta contra o inimigo externo e o inimigo interno. Um inimigo interno é o dinheiro parado. A estagnação dos recursos financeiros particulares não se concebe quando temos necessidade de mobilizar todos os capitais para estimular os empreendimentos

uteis. O brasileiro que deposita dinheiro em um banco brasileiro não está apenas procurando segurança e compensação para sua economia. Está mobilizando os seus recursos dentro do país, em benefício do seu próprio país. Nossa organização bancária canaliza esse dinheiro para as empresas que possam realmente desenvolver a economia nacional e concorrer para a valorização das nossas riquezas. A magnífica expansão de nosso banco mostra a capacidade de economia e realização dos brasileiros, e acompanha o ritmo do esforço geral para superar a emergência da guerra e construir a prosperidade na paz.

Banco do
DISTRITO
FEDERAL ^{S/A}

Diretores:

Djalma Pinheiro Chagas
Drault Ernanny
Paulo Rodrigues Alves
Nelson Ottoni de Rezende
Gilenio Amado

Rua 1.º de Março, 93

Sucursais ou Agentes
em todos os Estados

ITABIRA, terra pobre de hoje, milionária de amanhã

(Especial para a "Revista da Semana" por Bica de Almeida)

Desde os tempos de estudante de direito, no Rio, ouvia falar na questão da Itabira Iron. De começo, não muito interessado, afinal, um dia, quiz saber do que se tratava.

Um amigo, que era estudante de engenharia e, assim, por méra curiosidade, talvez, conhecedor de seus detalhes, explicou-me, numa mesa de café, as razões de acaloradas discussões. Não prestei muita atenção ao caso industrial, aliás, claramente exposto por ele, mas a certa altura, a narrativa me interessou, porque se tratava do gigantesco panorama do Vale do Rio Doce, sua imensa riqueza e as possibilidades inesgotáveis de suas jazidas.

Falou-me, depois, em tom de lenda, na cidade de Itabira de Mato Dentro, que conhecia, por ser trânsito obrigatório para o lugar onde nascera e onde passava as férias escolares.

Isso foi pelo ano de 1910.

Formados os dois, nos separamos. Cada qual para o seu Estado, a tentar a vida. De Ruiz Ferreira, natural das vizinhanças de "Antonio Dias", nunca mais tive notícia. Se vivo ou morto, ignoro.

Por vezes, no Sul, pensava, ao ler telegramas sobre a questão do ferro, na viva descrição que ouvira do velho amigo desaparecido, e, na lembrança me acudia a cidade de Itabira, para muito além de Santa Bárbara.

Em 1914, após curto estágio numa comarca atrapalhada e cheia de tricas políticas, resolvi em definitivo vir para o Rio. Pensei num programa de vida diferente do que geralmente adotam os jovens bachareis formados. Para mim, enriquecer em trinta anos de advocacia, metido no mato, e depois de velho vir para o Rio, gastar a fortuna com a cura do fígado, estômago, bexiga ou sangue, não era um grande negócio. Fiz o contrário: passei a boa mocidade aqui, e talvez sofra uma velhice imprestável, no interior. Não sei se acertei, mas estou satisfeito!

Passados eram vinte anos, quando se me ofereceu a oportunidade de ir a Itabira. Foi em dezembro de 1930. Aceitei o convite. O meu amigo, José Bonifácio de Andrada e Silva, deu-me a primeira informação, afirmando que havia estrada de ferro até lá. Talvez confundisse Itabira do Campo com Itabira de Mato Dentro. Mesmo assim, prestou-me um serviço, pois conhecendo as dificuldades talvez não me atrevesse.

Abalei, de noturno, para Belo Horizonte. Foram dezesseis horas de viagem, com mais duas de atraso. No outro dia, tomei, pela manhã, o ramal de Santa Bárbara, primeira etapa do caminho. Bitola estreita, muitas voltas e trem vagaroso.

Mas que gloriosa Natureza!

Era uma manhã clara, ligeiramente fria, que me dispunha os nervos e me atilava as idéias. Nunca usei óculos. A minha vista alcançava distâncias enormes, pelas serras longínquas, e divisava com facilidade e clareza, os detalhes de regiões distantes, estasiando-se nos recortes quasi sempre originais, das serranias acinzentadas pela bruma da manhã.

Embevecido, não prestava a menor atenção ao atrito dos metais enferrujados dos velhos vagões, que há muito serviam o ramal, nem na cômoda e vagarosa marcha do comboio. Parecia que a máquina, preguiçosa ou talvez também estasiada, propositadamente demorasse o percurso.

Estávamos em pleno Vale do Rio Doce. O leito da estrada corre pela meia encosta da descomunal serra, exibindo ao viajante a beleza sem igual, de uma região riquíssima, que assenta majestaticamente num leito de aço, na magnitude esplêndida da mais bela visão que imaginar se possa.

Ao longe, muito distante, se destaca um ponto branco, no verde escuro da serra, como um pingo de cal, localizando o histórico Caraça, onde gerações sobre gerações de moços haviam recebido a base sólida de um ensino rigoroso. Um pouco da vida do Brasil está ligado àquela casa. Quantos homens públicos, grandes magistrados e escritores de raça deixaram ali o traço inesquecível de uma trajetória gloriosa. Poderíamos recordar mineiros e filhos de outros Estados, mais tarde personagens de destaque no cenário nacional.

Era o austero "Colégio do Caraça". A explicação está no próprio nome. Os recortes dos morros formam uma cara enorme, de descomunal tamanho, e daí — A Serra do Caraça.

Mais alguns quilômetros e estamos em Santa Bárbara. Cidade velhíssima, de casas e solares de antigos tempos, é o berço da família Pena, donde um dos mais ilustres, o conselheiro Affonso Pena, foi o varão que ainda conhecemos, patriota de boníssimo coração e cidadão de uma integridade absoluta. Tão sensível fôra o seu caráter e tão honestas as suas diretrizes políticas, que não ponde sobreviver a uma manobra desleal, que lhe sacrificaria os amigos. E isso aconteceu, após a sua morte.

No trajeto, vi Caetés, cidade natal de João Pinheiro, o grande presidente mineiro e que ali se acha sepultado. Dedicado ao bem do povo, pela sua simplicidade e coragem lembrou a figura máscula do Cincinato romano.

A viagem de Santa Bárbara para Itabira, em automovel, foi penosíssima. Tempo de chuvas. As estradas, eivadas de atoleiros, dificultavam o percurso. Parti ao meio dia e só no dia seguinte, às duas da tarde, alcancei a Cidade do Ferro, com sacrifícios ingentes e tropeços quasi insuperáveis.

Soube recentemente que os sessenta quilômetros, que separam as duas cidades, ainda agora apresentam as mesmas dificuldades de trânsito.

A povoação se alonga pelo vale que circunda uma colina, e pela própria colina. Ruas sinuosas, bem poucas com calçamento. As casas, de antigo estilo, e na maioria velhíssimas, apresentam o aspecto de quem se abandonou ao tempo, sem esperanças da menor promessa de ressurreição. Há, entretanto, naquilo tudo, qualquer cousa que impressiona. Ao fundo, está a imensa Serra de Itabira, adormecida como gigante formidável, que, estendido sobre a Terra e sepultado há séculos, na sua majestade, fosse fundido no próprio aço que lhe desenha os recortes.

Pequena cidade, com hercúlea gente. Alguns dos mais antigos prédios, batidos pelas intempéries e descuidados na conservação, mostram com o desmoronar do rebôco, o arcabouço interno, ainda resistente, armado em ferro forte, e desafiando, ainda, o dobro das idades já transpostas. Aranhas imensas, habitando as fendas dos solares, passeiam durante o dia, em busca do sustento e à tarde, aos pulos, regressam aos lares, como os operários extenuados do trabalho.

A população, que na sua grande maioria é pobre, possui uma coragem inaudita e inexplicável, porque não abandona aquele rincão distante. Ama o pedaço de terra onde nasceu e vive, talvez, em constante êxtase, diante da Serra que lhe serve de fundo, na tela extensa, que vai de horizonte a horizonte, perdendo-se de vista numa vastidão que não se mede nem se calcula.

Um pugilo de homens abnegados ensina, num estabelecimento, onde os alunos aprendem bem e nada pagam. Todos são pobres, e os professores verdadeiros apóstolos, emissários da Civilização, postos ao Bem da Humanidade. Ali estavam João Gonçalves, Feliciano Pena, Rizzolia e outros. Todos ensinavam com o mesmo entusiasmo, com o mesmo amor, num apostolado divino, para formar as culturas do futuro. Um velho casarão não pagava aluguel e os poucos bancos eram conservados com especial cuidado. Vi a sua pobreza e admirei a coragem daquela gente. Tive, há poucos dias, a satisfação de rever Feliciano Pena, professor de Latim. A sua fisionomia calma e moça e os seus gestos ponderados, refletiam ainda a calma da cidade e a ponderação da sua gente. Falamos de Itabira. Apesar de jovem, alicerçou algumas gerações e deve trazer uma consciência tranquila, pelo bem que fez e pela bondade que espargiu.

A meia encosta da colina, num patamar, se ergue a Matriz, olhando para o Nascente.

Em baixo, no vale, a mais antiga, dos tempos coloniais, a Igreja do Rosário, trazendo nas grossas paredes a própria história da região e dos tempos primeiros do país. E' bastante antiga a Igreja da Saúde.

O ponto mais alto da Serra é o Pico do Cauê, majestoso e de onde se avistam as regiões do sul e norte, do este a oeste. Numa altitude de 1.300 metros, o viajante estende a vista pelo dorso da Serra, perdendo-se num infinito azulado, extenso depósito de incalculável quantidade de ferro, onde todas as forjas do Universo poderiam trabalhar livremente.

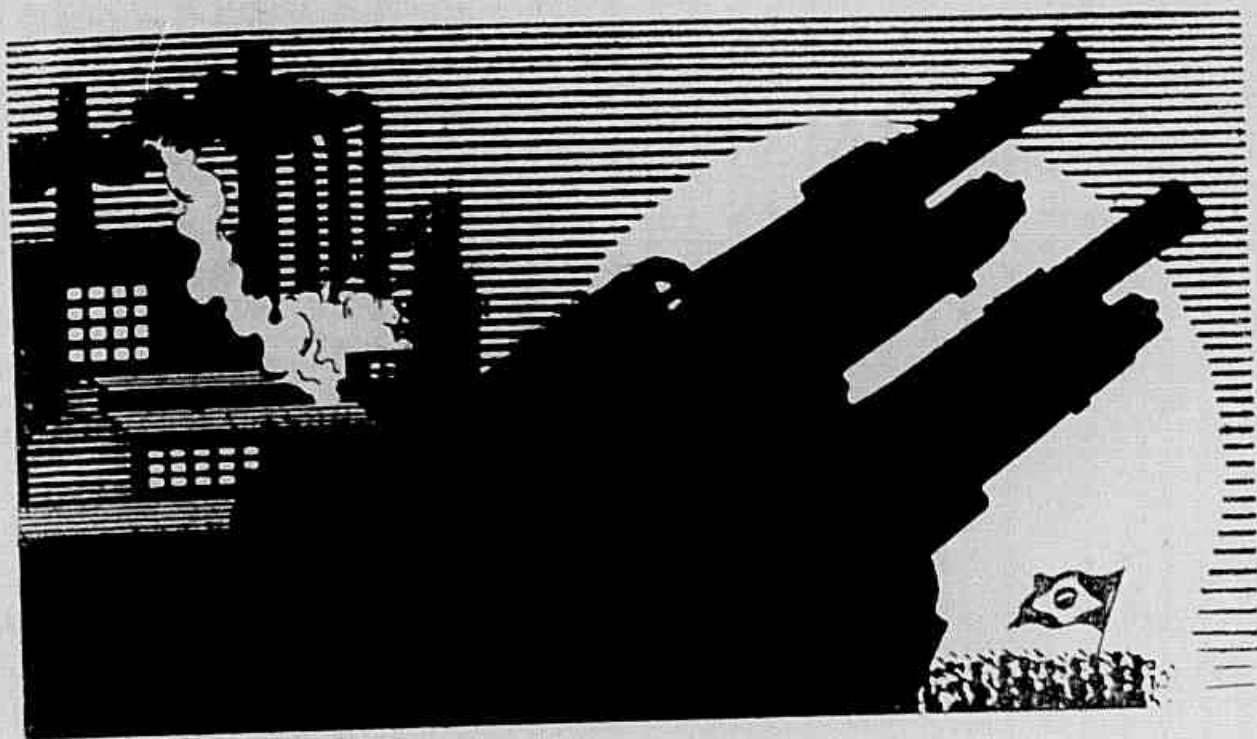
Lá em baixo, a cidade, olhando orgulhosa para o Pico do Cauê, pede-lhe, em orações constantes, que seja sempre o seu vigia, e que um dia, num grito estridente, anuncie: "Veem aí os operários do progresso, fazer desta cidade pobre o mais rico empório do ferro, para que seja o traço predominante de um Brasil Futuro, forte e generoso."

ESPECIALISADA

ÓTICA CENTRAL

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 9 - RIO

Mobilização



AS autoridades militares e civis estão empenhadas em mobilizar todos os recursos do Brasil na hora presente. A mobilização não atinge somente os indivíduos para os campos de luta e os trabalhos de retaguarda. Atinge as forças econômicas da Nação e todas as suas energias. Sua base é a mobilização dos espíritos para a luta contra o inimigo externo e o inimigo interno. Um inimigo interno é o dinheiro parado. A estagnação dos recursos financeiros particulares não se concebe quando temos necessidade de mobilizar todos os capitais para estimular os empreendimentos

uteis. O brasileiro que deposita dinheiro em um banco brasileiro não está apenas procurando segurança e compensação para sua economia. Está mobilizando os seus recursos dentro do país, em benefício do seu próprio país. Nossa organização bancária canaliza êsse dinheiro para as empresas que possam realmente desenvolver a economia nacional e concorrer para a valorização das nossas riquezas. A magnífica expansão de nosso banco mostra a capacidade de economia e realização dos brasileiros, e acompanha o ritmo do esforço geral para superar a emergência da guerra e construir a prosperidade na paz.

Banco do
DISTRITO
FEDERAL ^{S/}A

Diretores:

Djalma Pinheiro Chagas
Drault Ernanny
Paulo Rodrigues Alves
Nelson Ottoni de Rezende
Gilenio Amado

Rua 1.º de Março, 93

Sucursais ou Agentes
em todos os Estados

O REGRESSO DE PITAGORAS

Amora Maciel

Apocalipse de São João narra-nos que Satanaz, solto na prisão, depois de mil anos saíra para enganar de novo as nações e seduzir Gog e Magog, cujo número é como a areia do mar...

Papini, dentro da maneira, tão sua, de defrontar a força dos contrastes como deleite, conta-nos que conheceu o rei dos ímpios num manicômio particular, quando fôra fazer companhia, por momentos, a um poeta dálmata, condenado ao delírio por causa de uma paixão mal correspondida.

Trazia o paradoxal Gog um embrulho de papel verde amontoando manuscritos feitos com a recordação das terras por onde viajara, sedento de curiosidade. O visitante leu as "memórias" do desconhecido, mas, quando foi entregar-lhas, ele se partira, não se sabe se para outra viagem pela vida ou para a morte.

O certo é que Papini esclarece não haver cousa alguma de comum entre ele e o desventurado Gog.

E, em homenagem ao ex-dono das terras de Magog, publicou a prosa do adventício, para que se percebessem as deformidades secretas da civilização atual, permitindo-se, destarte, "fazer o mal de Gog servir ao bem comum".

O homemzarrão, sem cabelo, sem sobrancelhas, sem bigodes, sem barba e de mandíbulas quadradas, concebia unicamente a enfermidade como benefício e necessária à saúde, como medicamento, e, diante de Einstein, dizia-se sem profissão, pois "era um ignorante que desejava instruir-se".

Em Atenas encontrou-se com Pitágoras, de regresso à vida, na trigésima encarnação.

E o grego que inspirou a Horácio a sátira em que se escreve que o filósofo era parente da fava, possuidor da propriedade de transformar-se em sangue humano, e que proibia que alguém dela se servisse, para alimento, em tom pejorativo declarava, 24 séculos

alem da primeira encarnação, que "a novos tempos correspondem preceitos novos." E, que, hoje em dia, ninguém tem receio de comer carne e favas, mesmo que saiba ter havido, noutras eras, quem se dissesse das últimas aparentado.

Mas o homem que assim se pronunciava mantinha igual apêgo ao 1.º Pitágoras, que ensinava a realidade e, partidário da metempsicose, permanecia a afirmar que SOMENTE OS NÚMEROS NÃO MUDAM.

E Pitágoras, no século XX, se vangloriava da atualidade, quando os homens, sem se referirem à sua doutrina, reduzem a formas numéricas todas as ciências.

Nas suas viagens pelo Mundo somente leu e ouviu Cifras, repetia, para finalizar: "Entrem nas inúmeras administrações que cobrem a terra e que os senhores chamam repartições, escritórios, tesouros, bancos, e só encontrarão cifras escritas em grandes volumes e não ouvirão falar senão em números. Cada soldado tem o seu número, cada prisioneiro é chamado por uma cifra, os habitantes das grandes cidades são designados, nos livros, pelo número do seu telefone. Nesse novo templo que se chama Bolsa só se ouvem números, gritantes, e todas as nações, em lugar de se orgulharem das suas glórias, se fazem preceder, orgulhosamente, das cifras dos seus habitantes, da sua superfície, das suas importações e exportações. Pelas estradas correm veículos, aos uivos, os quais levam um número para serem reconhecidos, e as máquinas voadoras no céu conduzem, igualmente, o seu número por entre as nuvens. E no país onde os senhores nasceram, e que eu conheci, vi julgar e avaliar os homens por meio de cifras: este vale 3 milhões, aquele apenas 800 mil. Assim pois, este é o século dos números onipresentes e triunfantes, o século pitagórico por excelência."

"O indivíduo já não existe senão na teoria pura; na prática cada homem é um átomo, uma reta, um número, um selário."

Pitágoras, porém, no século XX, não se avistou com Splenger e com Carrel, no seu caminho.

Olhou para a máquina voadora, mas não soube ir além do que viu. Porque, com certeza, fugindo de Atenas, não saiu para a vida, mas para a morte.

Não alcançou o que poderia ser a guerra no ano de 1942...

Estamos no reinado da Máquina que, vista pelo feticista da cultura fáustica, significa Deus para o Crente, toma formas humanas, decide com tudo o que tem dentro dela, de maneira que sente o micrôcosmo superior ao macrôcosmo e o poderio da técnica sobre o da natureza.

Enquanto isso o autor de "O homem, esse desconhecido", afirma que o homem procura somente a utilidade, motivo por que é, hoje, em dia "um estrangeiro no mundo que se criou." Porque, acrescenta, o enorme avanço tomado pelas ciências da matéria manipulada, sobre a dos seres vivos, é um dos acontecimentos mais trágicos da Humanidade.

"O meio construído pela nossa inteligência e pelas nossas invenções — conclui — não se ajusta nem a nossa estrutura, nem a nossa forma. Somos vítimas, portanto, do atroz das ciências da vida em relação as da Matéria. Porque a Tencologia construiu o Espírito da Ciência, mas segundo concepções metafísicas erradas."

E a Máquina passou a devorar o Criador.

Assim, quando nos desertos, à beira dos campos, cultivados ainda ou já destruídos pela guerra, e em todos os continentes, as colunas motorizadas se encaminham para os choques bélicos, os monstros de aço são criaturas de metal, onde pulsam não corações de metais, também, mas de homens defendendo a Civilização.

Aos ceus, as máquinas voadoras sobem, não para irem procurar Deus nos ninhos dos astros, mas, tripuladas por homens, darem caça aos seus semelhantes, na morada dos tufões.

Ao fim dos embates, porém, as cifras dos comunicados não referem o total das criaturas que se imolaram pela sobrevivência da Humanidade e "lutando para manter-se humana", segundo Sforza.

Somente a frieza das estatísticas e dos números de máquinas destruídas, e nada mais.

E Pitágoras, que concebia a existência do demônio como de um intermediário entre Deus e os Homens, a acreditar-se nos seus enunciados, a estas horas, pelos holos dos seus discípulos, deve estar satisfeito vendo o ar cheio das almas dos heróis e dos satans e a vitória das suas afirmações: NÚMEROS! SOMENTE NÚMEROS!

A máquina de ler pensamentos foi romaneada por Maurois e as massas dos mesmos fotografada por um professor de Cambridge, chamado Edgar Douglas Adrian.

As mais complicadas operações atômicas são solucionadas pela máquina, porém o homem superior, incontentável e imolado no mundo em que vive, sem se entregar às mutilações que a natureza oferece, não as sente na alma, mas unicamente no corpo: faz-se herói da "RAF", nesse imortal Douglas Badler que, sem pernas, sobe à sua máquina e comanda esquadrilha de Hurricanes, para ir caçar nos ares os piratas que não vêem mais fronteiras no mundo, porque donos da teoria do "espaço vital", infringente de todas as afirmações do Direito Internacional Público.

O piloto, com 30 anos, já obteve 20 vitórias aéreas, derrubando igual número de aparelhos na chamada "Batalha da Inglaterra", motivo por que conquistou para o peito valente, as condecorações que somente recebem os privilegiados.

E razões assistiam ao criador do Pragmatismo quando enunciava que nas cenas do mundo o Heroísmo tem grandes papéis.

Mas a Tristeza paira, quando se contam aqueles engenhos destruídos nas refréguas e se olvidam os corpos inanimados de seres humanos, uns imolados em prol da sobrevivência do Espírito, dentro da Humanidade, e outros fanatizados pelas forças que tentam dominá-la, escravizando-a à Máquina sem freios...

E dizer, quando o Espírito dos Fortes ensina, por intermédio de Pitágoras, nos "versos de ouro", que entre os mortais o homem será também um Deus, que passa pela terra um Jesse Owens para emparelhar-se com um cavalo, afim de mostrar quem corre mais!

Uma alma de mãe, porém, aparece para dizer a todos os heróis: — Vai, meu filho, dá-te à Humanidade, mas não desdenhes do Fraco, que não deve perecer como queria Nietzsche. Vence o inimigo e, se pudéres, inutiliza a Máquina e salva o homem que dela se apoderou para o Mal, pois quem sabe se a sua alma não poderá salvar-se?

E' por tudo isso que os Genios também choram.

Santos Dumont, certa vez, relutou em subir ao seu dirigível, diante dos olhos maravilhados do Presidente Loubet, na parada de Longchamps, afim de mostrar que as aeronaves podiam ser empregadas em campanha. Deixou de voar, adiante, para a vida inteira, pois o criador possuía aversão pela criatura, "filha dos seus desvelos", porque posta à aviação a serviço da guerra.

O "macabúzio da Encantada", como passou a ser apelidado, tapa os ouvidos nas praias de Guajurá, quando ouve o rônco dos motores entre as nuvens, e encontra a morte na véspera de São João, dia consagrado, pelas festas populares, aos brinquedos de baldezinhas de papel, tão a gosto da infância de todos os tempos, nos meios rurais.

E quando será que a Máquina entrará para os Museus, deixando aos homens somente os braços para as colheitas fartas?

Antes assim, pois o ideal de Roosevelt, no discurso de Virginia, que a divinisou se retida nas mãos da humanidade em conjunto, quando esta era o seu amo e aquela a criada obediente, não foi mais possível entre os homens, porque o controle de grupos, sem alma e sem Deus, pôs a Máquina a serviço das forças anti-espirituais do Mundo. E assim desaparecerão os "sem trabalho", como aquele velho cearense, no conto de Vinícius Meyer, o qual, perseguido pela Máquina em todos os recantos da terra aonde ia, se vingou da mesma destruindo-a com a força dos hercules do Nordeste.

E Deus voltará de novo, não para ser crucificado, mas para abençoar os homens de boa-vontade, como desejou, um dia, o maviioso estilista da minha Pacatuba, ao cantar a Paz Universal com a entrada da Máquina e dos engenhos de guerra para os Museus do Mundo.

Pitágoras, então, não voltará mais, porque o Homem deixou de ser um NÚMERO para afirmar-se o Espírito que serve a Deus e à Humanidade.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

ALFANDEGA, 50 - RIO DE JANEIRO

Funciona até às 19 horas
DEPOSITOS
DESCONTOS
CAUÇÕES



Londres do futuro

"DAS CRATERAS" ABERTAS PELAS BOMBAS NAZISTAS SURGIRÃO BELAS E AMPLAS CIDADES". — O QUE A REAL ACADEMIA PLANEJOU PARA A CIDADE DE LONDRES DEPOIS DA GUERRA.

(Do B. N. S., exclusivo da REVISTA DA SEMANA)

No fim do ano passado, na capital inglesa, houve uma exposição na Real Academia, para mostrar os projetos relativos à reconstrução de Londres, depois da guerra.

Os projetos eram da autoria dos académicos britânicos reunidos em comité oficial, para estudar o assunto. Suas conclusões principais foram: uma artéria circular ligando todas as principais estações terminais, algumas das quais são mudadas para novos pontos. Os canais fluviais utilizados para passeio e transportes comerciais. As margens do Tamisa, nos pontos principais, transformadas em jardins e esplanadas. Remoção dos mercados para áreas menos centrais. Parques e espaços abertos distribuídos pelo East End, na mesma proporção do West End. Pequenas ruas comerciais, livres de tráfego no orizão. Estradas de des congestionamento, ligadas às estradas principais. Aberturas urbanas para melhor vista de certos edifícios e conjuntos arquiteturais, etc.

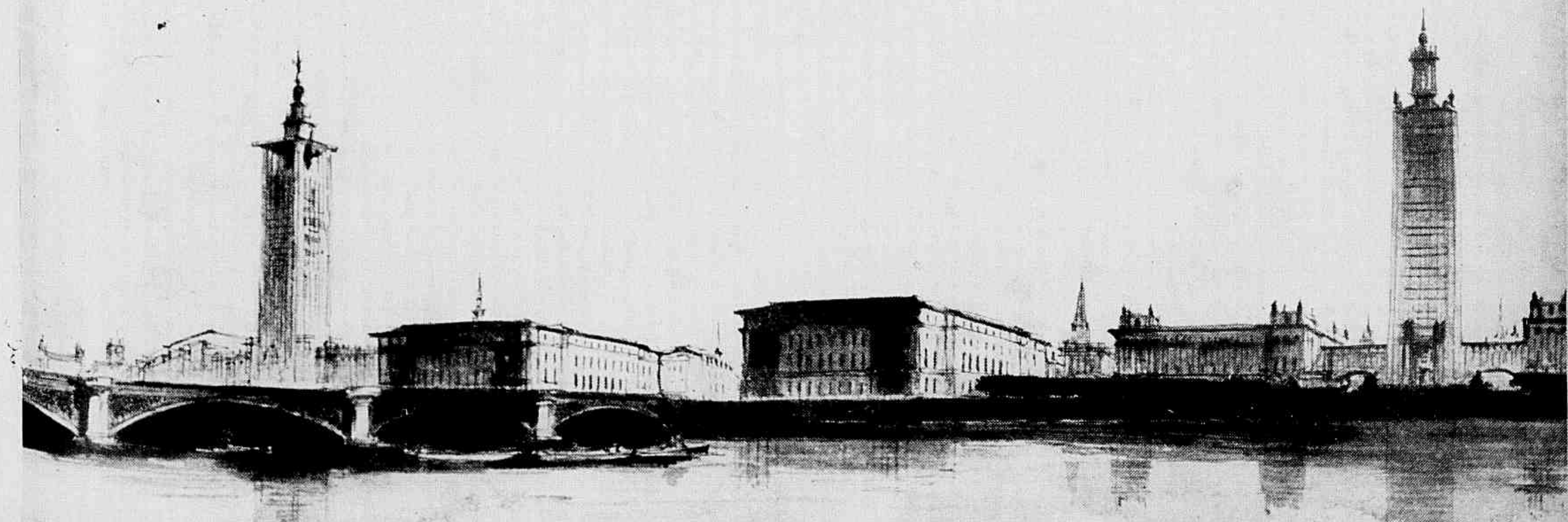
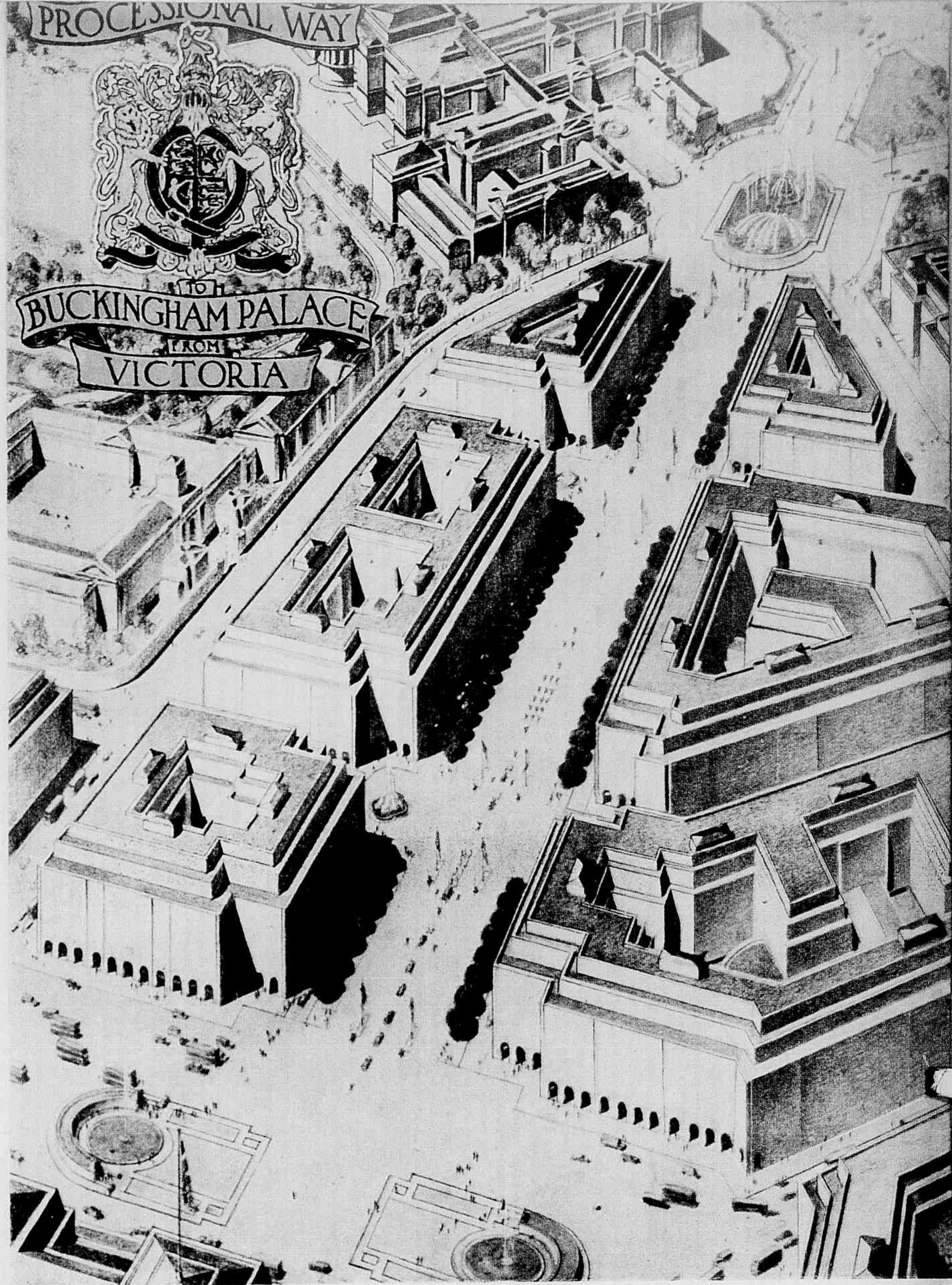
Certas áreas de Londres mereceram um reparo especial. Assim Trafalgar Square será ampliado até Whitehall, afim de dar mais imponentia ao conjunto, com a ligação do Arco do Almirantado.

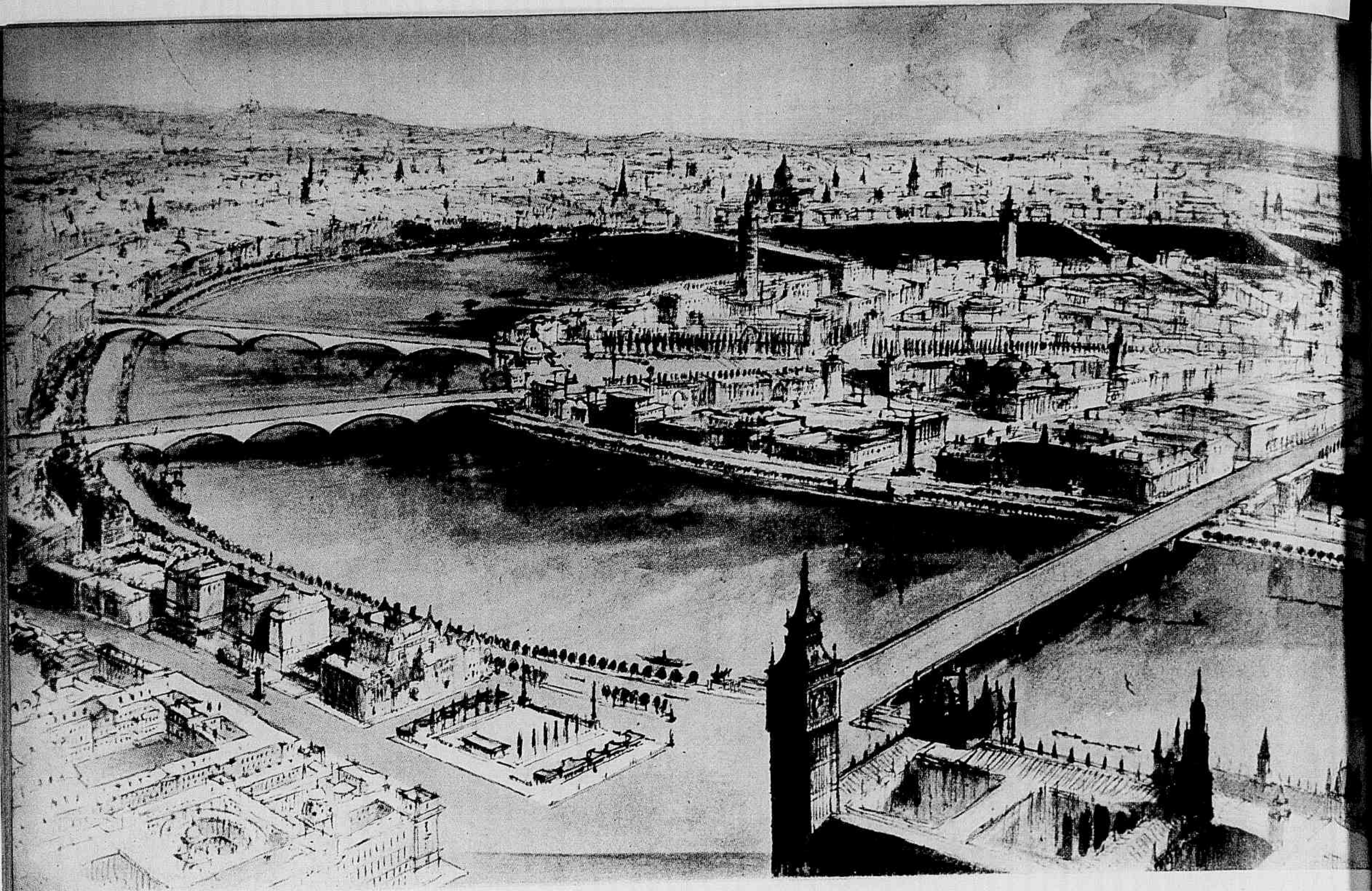
Piccadilly Circus, um dos pontos mais famosos de Londres e do mundo, será reconstruído como um retângulo.

Covent Garden, a Ópera londrina, será incorporada ao outro Teatro Real, Drury Lane, formando um corpo único — ao mesmo tempo ópera, hall de concertos etc.

Uma vista aérea da nova artéria processional ligando Victoria Station a Buckingham Palace. Esta aléia facultaria um caminho imponente para os reis em visita à cidade e a estadistas em visita ao Rei. Apresentaria também uma visão maravilhosa para os turistas ao saltar do trem, na estação terminal da linha intercontinental.

Uma sugestão para o desenvolvimento do cais da margem sul do Tamisa. O efeito será conseguido, equilibrando o conjunto das construções já existentes com a ereção de novos edifícios.





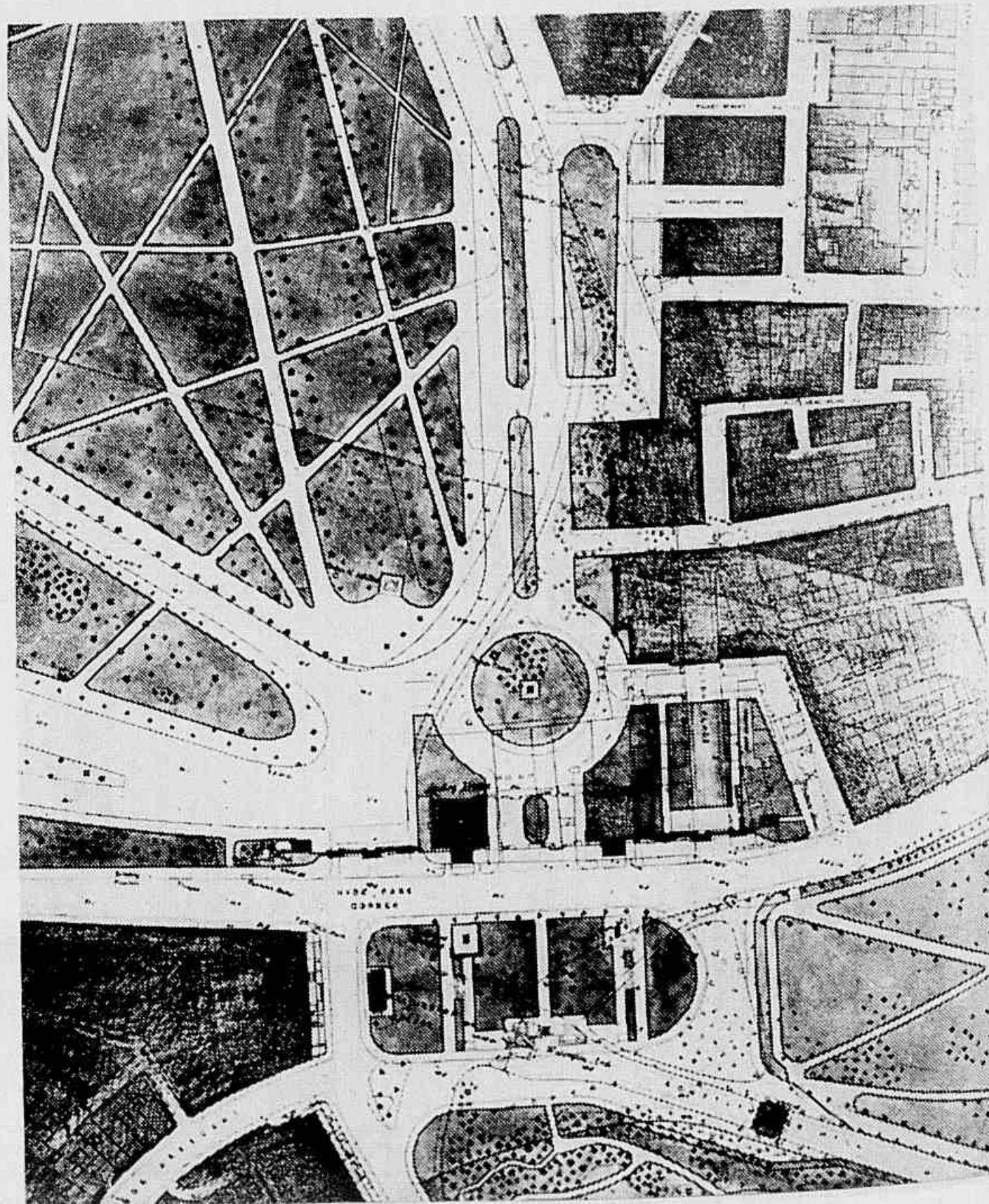
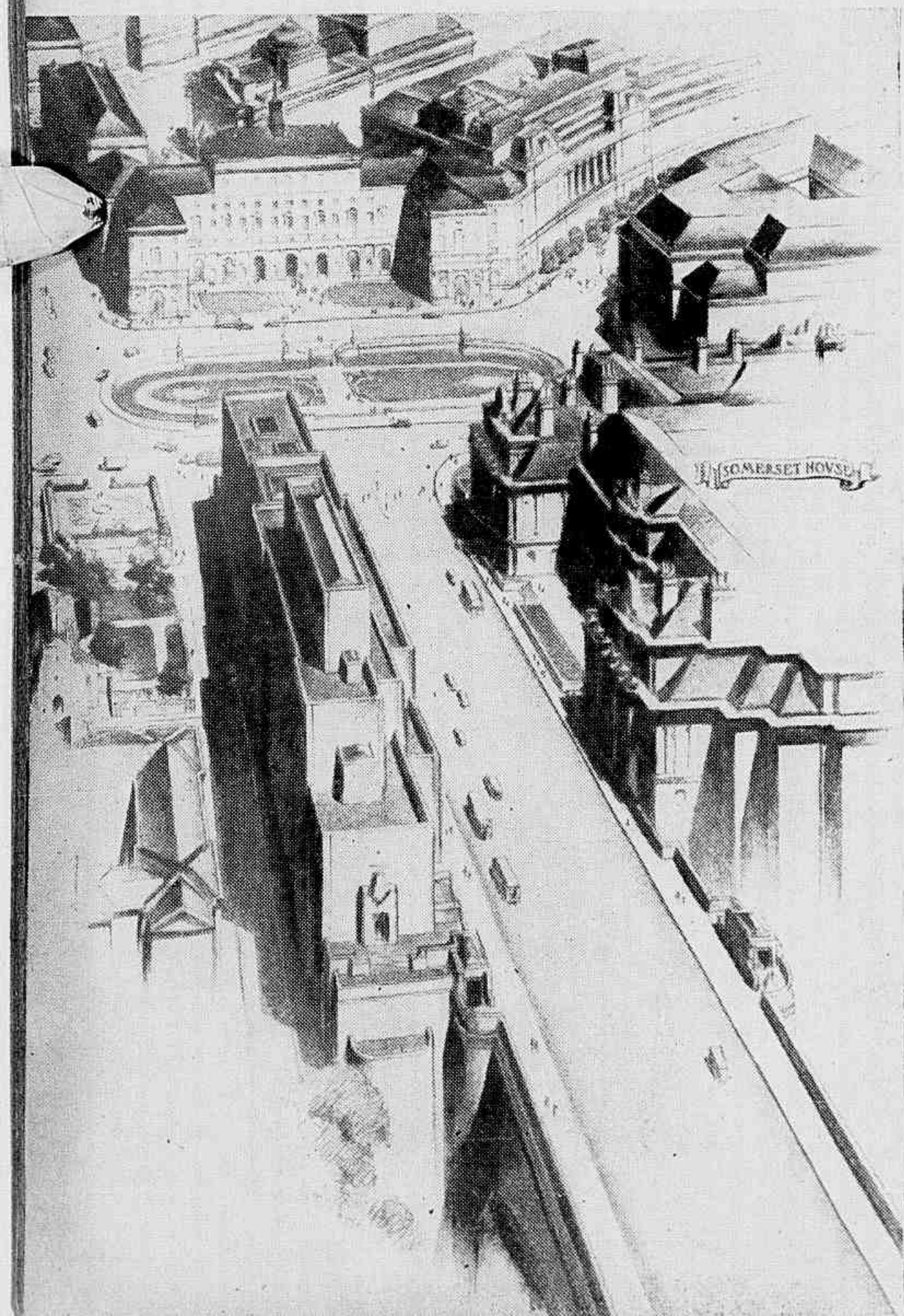
Hyde Park — o imenso parque londrino, que tem quasi o tamanho duma cidade, sofrerá transformações revolucionarias.
A mais violenta transformação será a que diz respeito á area circundante á grande Lado norte da ponte de Waterloo, mostrando a junção com o Strand e Aldwiche uma nova praça que deve ser construida deante do teatro Gaiety.

Lado sul do Tamisa, visto do alto da ponte de Westminster. A Real Academia prestou uma atenção especial a este trecho da cidade. O projeto beneficiará enormemente a beleza da capital londrina.

Catedral de S. Paulo. Quarteirões inteiros virão ainda abaixo, além dos que as bombas nazistas já arrasaram, para deixarem um largo espaço aberto em torno do imponente templo. Haverá filas de arvores rodeando-o e outra larga arteria dará acesso da catedral ao rio.

O comitê declara que esses projetos estão em continuos estudos e são sujeitos a

A disposição planejada para Hyde Park Corner, mostrando a abertura de novas vias de comunicação que cortarão o grande parque.



repetidas alterações e a uma cuidadosa revisão. Não ha nada ainda de definitivamente assentado. Ao contrario, são um campo largo á imaginação daqueles que teem a responsabilidade do trabalho da reconstrução duma cidade das proporções de Londres.

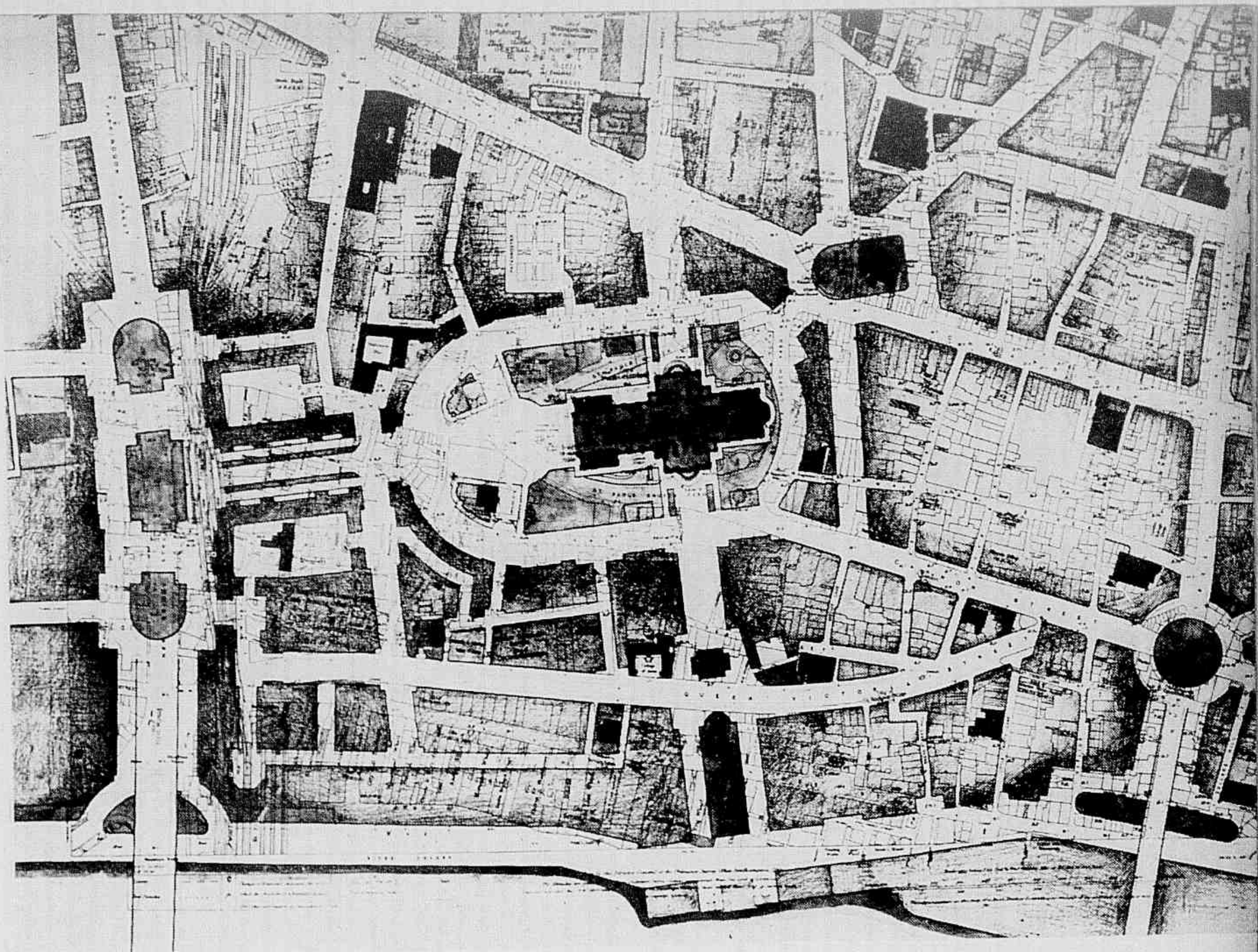
Os tecnicos não tem considerado a questão dos edificios propriamente ditos. Mas, é claro que se torna necessario um sistema uniformizado e racional para evitar o caos de certas cidades, que, com o correr do tempo, se transformam em verdadeiras mostras de estilos de bom e mau gosto.

Antes de qualquer plano ser posto em pratica, é preciso considerar tambem o caso do desenho das ruas e dos pontos de cruzamento, pontos de vista e logradouros. O aumento do volume do trafego requer urgentemente o alargamento das ruas, a melhora do padrão urbano e a abertura de novas vias de acesso. As construções devem fornecer um padrão individual para servir de motivo para os edificios circunvizinhos. Isso, tem ainda uma importancia maior quando se trata dos edificios que defrontam as praças ou dominam as cercanias, pela elevação do terreno.

Levada a efeito como se pretende, a reconstrução de Londres emprestará seguramente á fabulosa metropole britânica uma fisionomia inteiramente diversa da que era familiar aos seus habitantes de 1940.

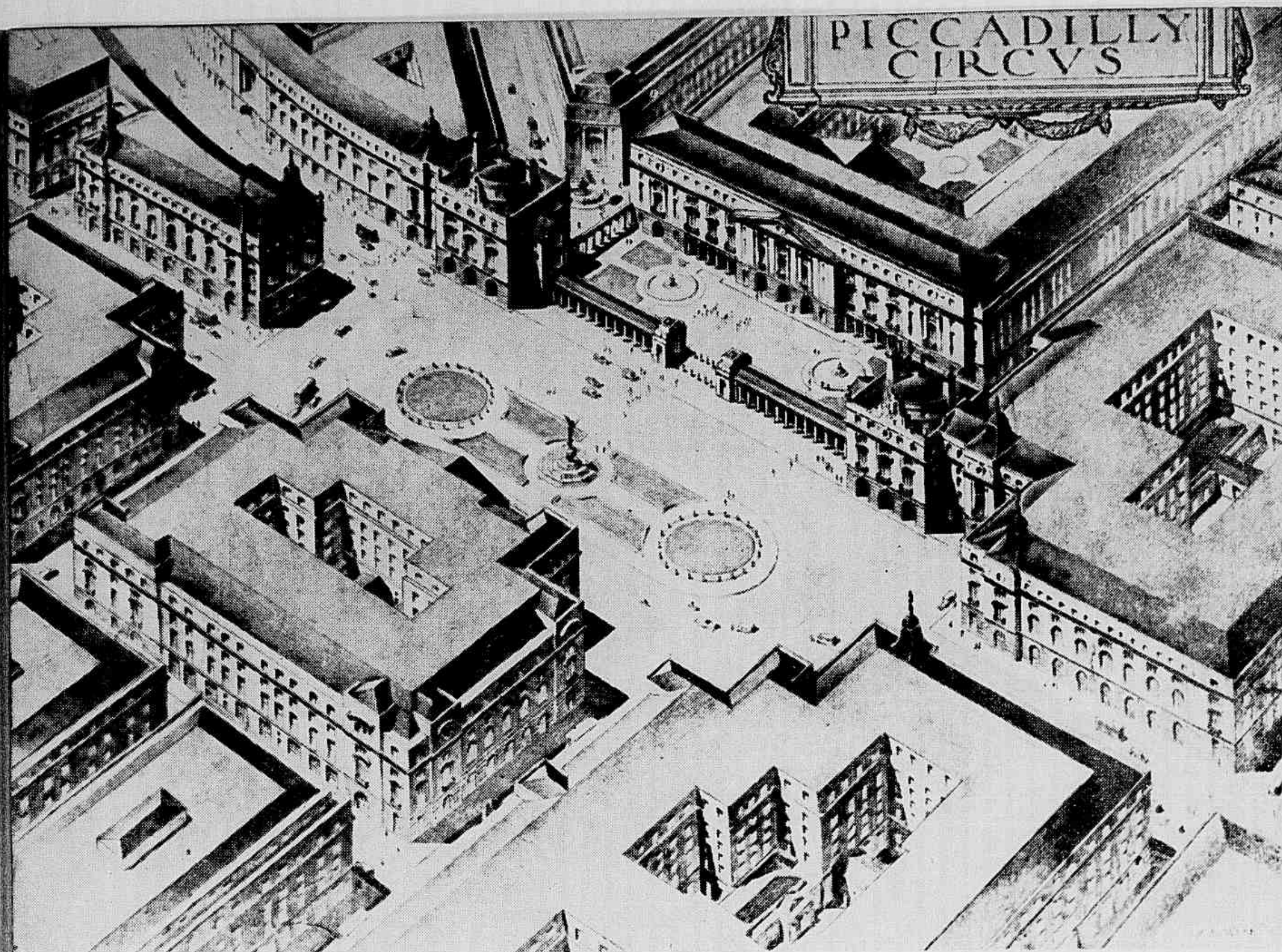
Ocupando-se deste assunto, dizia ainda ha pouco um jornalista inglês:

O mercado de Convent Garden transformado num centro lirico e teatral, com as casas de espetáculo rodeadas de logradouros amplos.

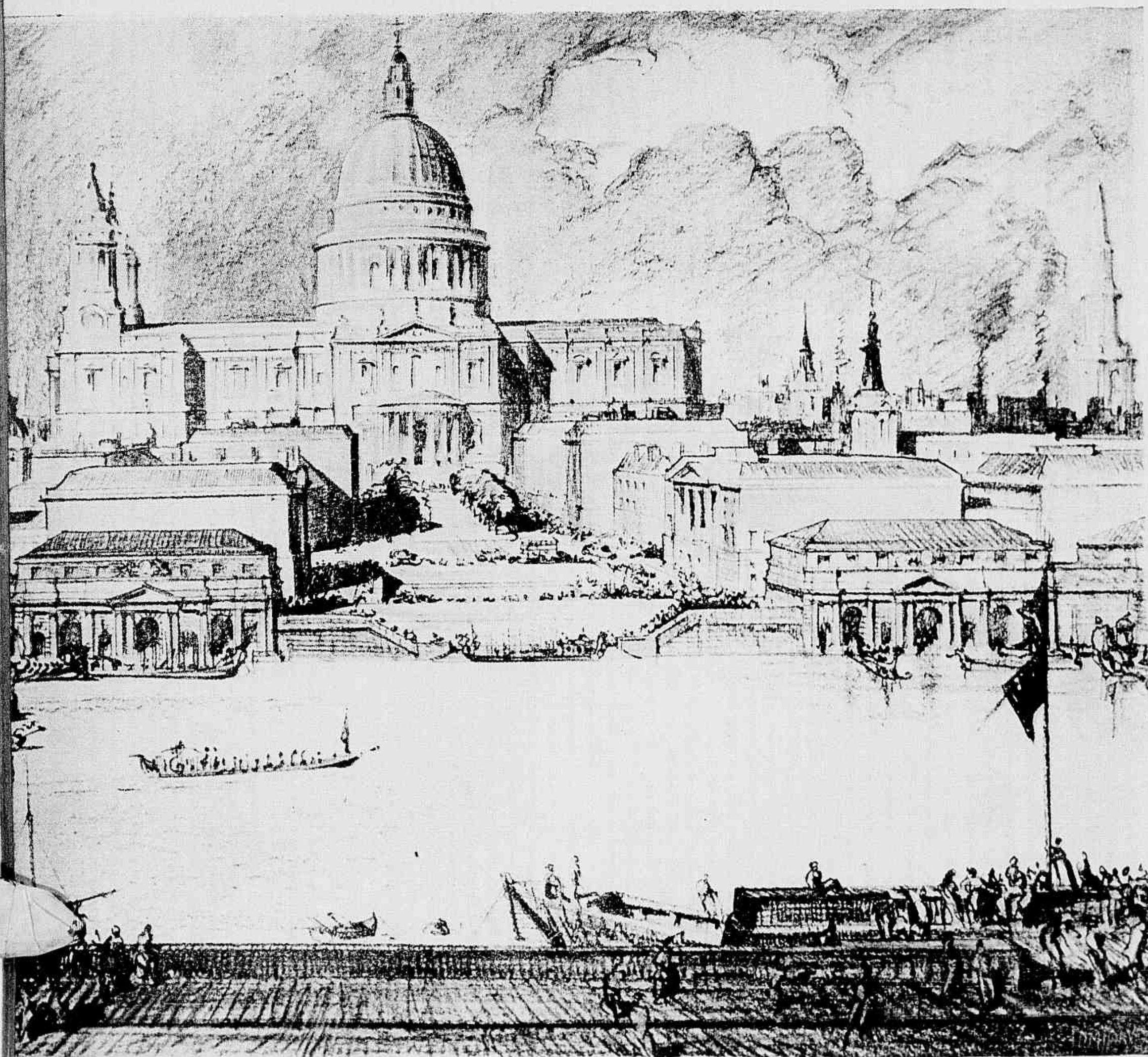


S. Paulo, como ponto central na nova cidade de Londres, mostrando a maneira pela qual novas avenidas e "boulevards" serão construídos no lugar das ruas antigas.





Piccadilly Circus alargado, com a estátua de Eros ainda dominando o centro do novo espaço aberto. Alguns edifícios atuais serão recuados para obtenção deste belo retângulo.



"Algumas pessoas têm criticado o fato de se perder tanto tempo durante a guerra, elaborando planos que só serão aplicados depois da guerra. A essa objeção, Lord Reith, ministro das Obras Públicas da Grã Bretanha, respondeu com uma frase laconica: "Os planos devem estar prontos antes da guerra terminar. Nós sabemos o que foi a falta de preparo para a guerra e essa lacuna, quando tivermos que enfrentar a paz, poderá assumir um aspecto muito mais sério.

Nas quatro páginas desta esplendida reportagem, gentilmente cedida, pelo *British News Service*, com exclusividade para a nossa REVISTA, os leitores têm ocasião de apreciar detidamente a grandiosidade e o alcance prático dos planos de remodelação que hão de fazer de Londres seguramente a mais impressionante capital europeia, livre de todos os vícios urbanísticos que lhe têm sido tão severamente criticados até hoje.

S. Paulo, como será vista do lado sul do Tamisa, com uma nova avenida que a ligará ao rio. Se o projeto for adotado, a grande Catedral será vista pela primeira vez em toda a sua glória arquitetural.

COMIDAS BAHIANAS

MARIO DE ANDRADE
(DO NORTE)

transporá o século, esquecido nos livros de receitas e no paladar dos homens de boa-vontade. Ou existirão sempre indivíduos como nós, capazes de descobrir, outra vez, o Brasil, sempre que se aproximam destes quitutes?

O almoço estava a terminar. Mas o poeta de *Plenitude*, o mesmo suave promotor de Justiça bahiana, advertido de que a pimenta perde, aos poucos, o trono, três vezes secular, não quis abandonar a oportunidade. E sem precipitação, para a *garçonette*:

— Maria Antônia, outro camarão muqueca!

POESIA, SIM, POESIA

Carvalho nunca diz versos, nem seus, nem de outros. Contudo, nesse fim-de-almoço era possível descortinar-se na enseada imperturbável o recorte das ilhas que ele cantou, um dia. E, embora não falasse, penso que esse "místico da natureza" (o qua-

lificativo, suponho é Chiacchio) estaria dizendo: *as ilhas se deslocam e se movem sobre os mares...*

Assim como se profundas forças submarinas lhes quebrassem as raízes,

lhes partissem as amarras da terra,

e as levassem enormes, soltas e pesadas sobre os oceanos.

ONDE SE FALA NO LIVRO DE SODRÉ VIANA

Naturalmente que eu me atrazara no consumo do carurú. Falo pouco. O angú de arroz, branquíssimo, me auxilia a desanestésia das papilas gustativas em brasa.

— Mas por que você não reúne em livro as receitas da cozinha bahiana?

Carvalho Filho não esperou pelos exemplos que eu ia citar. Gilberto Freyre... Carvalho Filho explicou: — O Sodré Viana já fez o livro que você quer.

Chama-se *Caderno de Xangô*.

Ao deixarmos o *Estrela do Mar* (não beijamos mãos besuntadas de azeite.) Carvalho Filho me levou à Editora Bahiana. Comprámos o *Caderno de Xangô* e eu pude ver, depois, em casa o segredo culinário de tanta coisa gostosa, mesmo para os fastiosos da minha marca.

Estou lendo *Caderno de Xangô*. Vou anotar-lhe as receitas mais úteis e as publicarei depois.

Divulgar a Bahia, em qualquer dos seus aspectos, será, decerto renacionalizar o Brasil.



ESTA perdendo o prestígio a cozinha bahiana. Pode-se talvez afirmar que só agora o mal se agravou, mas os sintomas dessa triste decadência nada têm de recentes.

Lembro-me de que, em 1931, retornando do Rio, quis experimentar os excessos ardentes da celebrada culinária africana. Pura decepção. Na Bahia — que já expunha ao turismo de cabotagem, e ao estrangeiro, os seus floridos restaurantes franceses — só uma lamentável tasca oferecia, então os provocantes quitutes regionais. E mesmo nessa tasca se denunciava aquela falha depois evidenciada no *Caderno de Xangô*, de Sodré Viana: "Sobram poucas das grandes cozinheiras que fizeram o encanto e a sensação da mesa bahiana. E os pratos, à medida que vai rareando a velha guarda, deformam-se, perdem o *il* nas mãos dessas mocinhas negras de agora, que são mais *joujoux* que *balançandans*, dessas creolinhas afrancesadas que copiam modelos de Chanel e usam *balon* nos desafortados beijos".

Antes disso, por sinal, o jornalista e escritor da boa terra relembra com saudade a preta Eva, "a quem o Zeca do Patrocínio, aquele saudoso boêmio de gênio, depois de devorar um almoço, fez questão de beijar os dedos ainda besuntados de azeite..."

MARIA ANTONIA — REENCARNAÇÃO ESTILIZADA DE MÃE PRETA E JOANINHA

Milagre de Oxú, Ogun ou do próprio Agê-Xaluga? Não sei. Sei apenas que Carvalho Filho, o poeta bahiano de *Integração*, nos leva, a mim e a Edgar Torres, um seu conterrâneo de espírito, pelos meandros do Mercado público, na cidade-baixa.

Disse-me, mais ou menos, que me mostrará uma reencarnação estilizada de Mãe Preta — fada do dende — Mãe Preta, cuja vista, apagada aos noventa anos, era substituída por um faro canino:

— "O Jovita, menina! Bota mais um dente de gengibre nesta panela!"

E nos leva, a mim e a Edgar Torres, pelos meandros do Mercado; faz-nos embicarmos por uma escada em zigue-zague, e subirmos, e cumprimentarmos desconhecidos amáveis.

ERA ALI O "ESTRELA DO MAR"

Nunca que se pudesse recompôr mentalmente o cenário do *Estrela do Mar*. O *Estrela do Mar* é simplesmente aquilo que não se reproduz de memória.

Pois aqui estou, neste grande almoço regional, trazido pelo Carvalho Filho, aquele bahiano alourado e introspectivo de *Plenitude* — que por ser alourado e por ser introspectivo não desama a cozinha típica.

Naturalmente que ha uma *garçonette* servindo a mesa. É a própria Maria Antônia.

O normal nesta descrição é que eu começasse pelo cenário. Mas os personagens, neste caso mais do que noutros, comandam a vida. E agora procurem emoldurar, como estou fazendo, num retângulo de janela, a risonha e feminina Itaparica, esbatida num azul claríssimo, polvilhada de sol, ao fundo da paisagem; noutro plano, mais chegado, rafaeslescamente disposto e pintado, o forte de São Marcelo, perto da praia e tão inocuo que parece um brinquedo boiando nas águas em nível; diante de nós alguns passos, paradas, tranquilas, as embarcações de longos mastros pontudos, que mais tarde irão para as ilhas, para outros portos, para o mar...

Ha muitas vozes no andar térreo. Muitas vozes mesmo, um borburinho, pregões, pragas, gritos, imprecisões. E sobe de lá até nós um cheiro internacional e enciclopédico — cheiro de cousas boas e más, cheiro difuso e obrigatório, indecifrável e indefinível. Sim, no andar terreno fica o Mercado Público da cidade de São Salvador, a síntese do original e do brasileiro, empório de todos os produtos e de todas as artes desta terra riquíssima.

Carvalho Filho reclama, no cardápio, a inclusão de um intruso: *beef à inglesa*. Qual! Nós queremos, e agora comemos como irresponsáveis, é o acassá, o abará, a muqueca, o aracajé, o vatapá e o carurú.

Verdade é que, para consolidar o apetite, Edgar Torres, antes do almoço, nos levou a ingerirmos cálices rotundos de aguardente de cacau e de milhome.

Passámos, assim, em revista os pratos ultra-condimentados desta cozinha tentadora, que vai perdendo aos poucos todo o prestígio local. Creio que o vatapá — tomado como o símbolo das iguarias regionais — não

A ODONTOLOGIA AMERICANA LIMITADA

tem o grato prazer de comunicar à ilustrada classe Odontológica e aos Snrs. Comerciantes de artigos dentários, que acaba de receber da América do Norte, de sua exclusiva distribuição para o Brasil, grande partida dos seguintes artigos:

- ♦ **Porcelana Smith** — em todas as côres, tamanhos grande e pequeno. Fabricação de Lee S. Smith & Son Mrg. Co.
- ♦ **Dentes de porcelana** — todos os tipos. Naturatone, Pinoro, Pinoro transparente, White Pin, Corôas Vita-Lux, Dentes para ouro com pino, Corôas Justi, etc. Fabricação de H. D. Justi & Son, Inc.
- ♦ **Cêras de todas as espécies** — rosa em lâmina Utility e Reguladura, azul em bastões, para fundição em lâmina, pegajosa em bastões, etc. Fabricação Moyco.
- ♦ **Godiva em placas** — Fabricação Moyco.
- ♦ **Discos de carboril para separar** — Fabricação Moyco.
- ♦ **Tiras de celuloide** — caixas com 50 e 100. Fabricação Moyco.
- ♦ **Guta Percha** — em pontas e bastões. Fabricação Moyco.
- ♦ **Filmes Raio X** — extra rápidos. Fabricação Rockland.

IMPORTANTE

Dentes PEARL "acrílicos inquebráveis"

Em vista dos inúmeros pedidos de informações que vimos recebendo, sobre o novo estoque de Dentes Pearl, temos a satisfação de comunicar à ilustrada classe que acabamos de receber grande partida, em todas as côres e tamanhos.

ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.

Avenida Rio Branco, 114 — 1.º andar.

ISABEL DE FRANÇA

De
Geraldo Geraldês

COMO todas as grandes revoluções da história da humanidade, a revolução francesa de 1789 deixou páginas sublimes e outras tristes, deploráveis, sinistras apenas, ainda que de uma grandeza bárbara. Todo o "Terror" é, como quadro galvanizador, um fresco de hedionda beleza. E assim como tem páginas exequíveis a par de outras de uma generosidade ideal, também as marionetas que se agitam no seu imenso tablado são, umas, farsantes grotescos, outras génios predestinados, outras ainda sinistros sicários, e por último, algumas, figuras dolorosas, esmaecidas pelo palor das lágrimas, sacrificadas, vítimas do seu triste destino. Entre estas, uma das figuras mais singulares no seu martírio é, sem dúvida, Madame Isabel.

Irmã de Luís XVI, o Capeto que pagou com a cabeça a monstruosidade do regimen social que representava por herança, Isabel nasceu em Versailles, no ano de 1764, em pleno brilhantismo daquela corte fantástica, única na época, em pleno triunfo decorativo de seu pai, o grande Luís XV, a frivolidade feita guião de milhões de famintos. Nasce e é como uma pérola negra em meio de tanto diamante de beleza avassaladora; talvez a pedra mais bela sendo a que mais despercebida passe.

E despercebida passou sempre Isabel, modesta, silenciosa, em meio da agitação febril de saraus e festas deslumbrantes a que nunca assistia. A sua amiga melhor, contudo, foi sempre a Delfina, Maria Antonieta de Austria, esposa de seu irmão Luís, a quem devia acompanhar ainda mais, nos trágicos dias da Conciergerie e do Templo, do que nos dias faustos do Pequeno Trianon.

Maria Antonieta tem verdadeira idolatria por esta deliciosa princezinha loira. A aia de seus filhos, Madame de Marsan, não lhe perdôa este affecto, querendo sempre através de todos os esforços, privar dele a pequena Isabel, para o brindar a sua irmã mais velha, a princesa Clotilde, obesa e desagradável *la grosse madame*, mais tarde rainha de Sardenha.

No entanto, a figurinha gentil de Madame Isabel, está destinada sempre a segundos planos e a um plano secundário é relegada, imediatamente, logo que Luís XV é proclamado rei de França e a sua amiga dileta passa a ser a mais linda e altiva rainha da Europa.

Isabel é então, apenas, uma réstea de simpatia, sempre na penumbra, sempre silenciosa, sempre bela e eternamente modesta. E afastava-se voluntariamente de todo o orgulho e toda a vaidade cortesãs.

Se toda a corte enche de risos e de fausto as galerias imensas de Versailles, a linda Isabel consegue ficar em Fontainebleau, ambiente calmo e romântico, onde, em passeios intermináveis pelo lago plácido e espelhento, gasta a sua apagada mocidade em secreto devaneio romanesco. No inverno, não é Paris o seu poiso doirado. O seu palacio de Montruil é-lhe mais grato. Ali, os seus jardins calmos, um pouco tristes como toda a sua

vida tocada secretamente pelo destino implacável, são um paraíso para os pobres. A triste princesa vêm rogar auxílio os famintos e os sedentos.

Nenhum volta ao seu mísero lar sem pão para a boca e sem esperanças que lhe inun-dem a alma. Richard a pintou em amorável e doce prática com os pobrezinho que as rodeiam, encantados de sua bondade.

A sua vida, que podia ser principalmente espantosa, é apenas um rosário de horas límpidas, iguais, como transparentes águas do regato límpido que é sua alma.

Mas este rosário vai correndo, implacavelmente, em mãos do tempo cruel, até julho de 1789.

Surtem os dias terríveis, sangrentos, cheios de angústia e de ameaças. E então, Isabel, a figura esfumada, recolhida na sua bondade, é a que corre para junto de seus irmãos ameaçados, a prestar-lhes, com o seu peito imaculado, um escudo branco, que vele as culpas dos reis soberbos, que os defenda da cólera das turbas enfurecidas. Troa o canhão. A morte anda no ar. Os tambores soam a batalha e a execução capital.

Ela, a linda e boa princesa, está em Versailles em 20 de Junho, no dia espantoso de 10 de Agosto, em 5 e 6 de Outubro. E está quasi sózinha. Os cortesãos, os mais brilhantes, os mais adictos, os mais fanfarrões, fugiram aterrados ante a ameaça de destruição daqueles semi-deuses que adulavam e diziam adorar. Todos, ou quasi todos, se põem a salvo traíndo o seu rei pelo abandono em que o deixam ante a plebe sangui-nária. Os próprios irmãos de Luís XVI, os flamantes condes de Provença e de Artois, saem de Paris para capitanear um exército invasor que venha proteger o soberano opri-mido, coisa que se assemelha muito a uma fuga para se pôr a salvo do perigo mais ime-diato. Só Madame Isabel ficou junto de el-rei.

Então, uma noite, já desesperado de todo o auxílio, Luís XVI decide-se também a abandonar a França. Prepara-se a fuga. E' preciso alcançar o Réno. Tudo está dis-posto, mudas para a carruagem real, escoltas de dragões e hussares que se renderão pelo caminho fóra, as tropas do marechal de Bouillé que guardarão a caminhada de el-rei através da França em ebulição. Mas há que contar com os imponderáveis. Um fato minúsculo, imprevistos, atrasa a partida vinte e quatro horas. E nas mudas, outros vian-dantes utilizam os cavalos preparados; os hussares e dragões, julgando inútil a sua dedi-cação, abandonam os seus postos e juntam-se aos seus longínquos esquadrões.

Contudo, o cochê real empreende secretamente a marcha. Dentro, o rei de França, a rainha, o Delfim, Madame Royal e Madame Isabel tentam, inutilmente, dominar o seu pavor. Em Varennes não ha cavalos para a muda. Luiz XVI assoma à portinhola para saber da demora e um garoto reconhece-o.

O povo amotina-se e a real familia tem que dormir na pousada sob a tutela do sor-riso heroico de Madame Isabel, que dominou o próprio pavor. Chegam depois os dele-

Fator da elegancia e do conforto das mo- dernas edificações



Artístico trabalho, construído por B. Gonçalves de Azevedo, que guarnece luxuoso palacete carioca.

O surto de construções que atualmente vem imprimindo um cunho de remodelação na fisionomia da metrópole carioca e cidades circunvisi-nhas, é devido, em grande parte, á boa vontade e ao gosto estético de alguns espiritos esforçados que ha mui-to estão liderando este movimento de restauração urbanística. E', pe-lo menos, esta impressão que nos fica, sempre que nos voltamos para assuntos que dizem respeito a cons-truções.

Ha uma nota característica, en-tretanto, nas dependencias internas das modernas edificações, tanto mais digna de aplauso quanto capricha-da com esmero e com a mais perfei-ta elegancia. Trata-se de interessan-tes e artisticos jogos de escadas que adornam muitos dos mais luxuosos edificios e palacetes do Rio de Janei-ro e Petrópolis. Era justo, pois, que procurássemos identificar o construtor de escadas tão aparatosas e tão bem confeccionadas. Assim é que entramos



Sr. B. Gonçalves de Azevedo.

em contácto com o sr. B. Gonçalves de Azevedo que dirige movimentada ofi-cina de carpintaria, á rua do Rezen-de, n.º 105. Após agradável palestra, durante a qual pudemos medir a sua tenacidade e perseverança, chegamos a saber, confirmando o nosso prog-nóstico, que as suas lindas escadas são distinguidas com a preferencia de gran-de numero de empresas construto-ras, cumprindo salientar, entre ou-tras, a conhecida firma FREIRE & SODRÉ, para quem mantem exclusividade no fornecimento de artigo tão necessário e tão bem trabalhado.

gados da Convenção e conduzem os fugitivos a Paris. Vão todos presos, cativos do povo soberano.

Entre estes convencionais está o poeta Barnave, o herdeiro da oratória do Marquês de Mirabeau, o homem que, com as suas imagens lapidadas, demoliu o trono de França e ateou, em peitos populares, o amor louco pela liberdade. O poeta da Convenção terá trinta anos, e Madame Isabel tem vinte e oito.

E o deputado por Grenoble, durante a viagem, enamora-se perdidamente da triste e amável princesa de bondade.

Péthion insulta os prisioneiros e Barnave sustenta com êle uma discussão terrível.

Depois, numa paragem, um velho sacerdote rural aproxima-se do infeliz monarca para lhe levar o consolo das suas palavras humildes. O povo, cruel, de uma sensibilidade primária, quer linchar o sacerdote.

Barnave, sob o influxo dos olhares piedosos de Isabel de França, joga a vida contra o povo.

E quando chegam a Paris, o demolidor de tronos ergue a sua voz pedindo piedade e compaixão pelos vencidos. Mas ninguém o ouve e a praça da Greve, durante todo o ano de 1793, está perenemente ensanguentada. Nas suas lages sinistras mistura-se, democraticamente, sangue real e sangue plebeu.

Cai a cabeça do *Capêto*, depois a altiva e formosa cabeça da *Austriaca*, logo a seguir a cabeça jovem e harmoniosa do convencional Barnave.

Ao chegar 1794, ainda corre o sangue, mas já os cárceres estão quasi vazios. Madame Isabel vive a recordação de todo o terror que presenciou. Faz um ano que levaram seu irmão ao patíbulo, que os tambores redobram, sinistros, ao tempo que caía a sua cabeça.

E não vai muito longe o triste outono em que os sicários de Fouquier-Tinville levaram Maria Antonieta, a rainha formosa.

Ficou Madame Isabel sózinha, desde então, com Madame Royal, a orfã, O Delfim foi com o sapateiro Simão para o desconhecido.

A menina não tem outro amparo senão sua tia, anjo de abnegação.

Numa manhã de Maio vêm buscar Madame Isabel.

— Espera-me, que eu volto já — diz ela à apavorada princesinha.

E sabe bem que não volta, como não voltou Maria Antonieta, a mãe. Sabe que está condenada já antes do julgamento.

Responde ao acusador sem jactancia mas sem servilismos. E' toda serenidade. E ouve a sentença sem perturbar-se. Espera na Conciergerie a hora derradeira e até que ela chegue espalha bondades, consolações, resignação, com as suas palavras mágicas, com o toque de suas mãos ungidas. A' roda dela, como por milagre, desapareceu o terror da morte. Ha em todos resignação que roça pelo sublime. Quando o verdugo lhe corta os loiros cabelos, os cativos disputam-nos como relíquias sagradas.

A carrêta trágica que a levou à guilhotina atravessou as ruas de Paris coalhadas de gentio. E o povo bravo, cruel, nesse dia de Maio não gritou, não apostrofou. Todos baixavam a cabeça e algumas maritornes de barrete frigio nas cabeças desgrenhadas, ocultamente fizeram o sinal da cruz.



Isabel de França (segundo uma gravura da época).

São vinte e três os condenados executados nesse dia. A vinte e dois viu morrer a sublime princeza. Todos lhe beijaram a mão antes da morte, a todos abençoou em derradeiro transe a triste estrava do seu escuro destino. E nenhum desfaleceu ante o carrasco, como se todos estivessem seguros da bem-aventurança. Um anjo lhes dera a mão a beijar.

Por fim, consumou-se o crime. Um dos mais ter riveis crimes cometidos em nome da liberdade, a impulsos do triste destino.

Rechasse a INVASÃO com SHELL TOX!



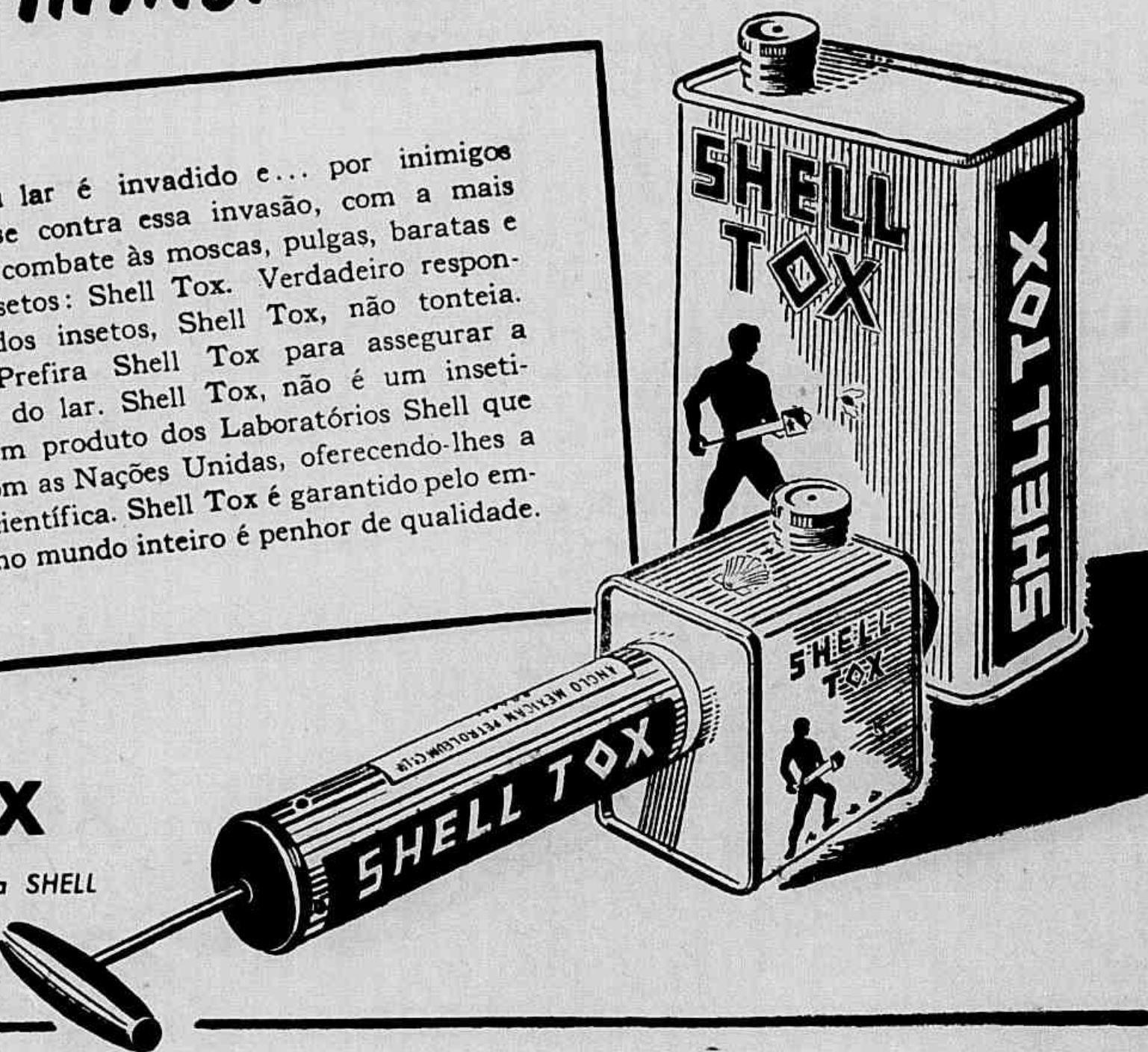
Diariamente o seu lar é invadido e... por inimigos impiedosos. Arme-se contra essa invasão, com a mais moderna forma de combate às moscas, pulgas, baratas e toda a sorte de insetos: Shell Tox. Verdadeiro responsável pela morte dos insetos, Shell Tox, não tonteia. Mata de fato! Prefira Shell Tox para assegurar a higiene e a saúde do lar. Shell Tox, não é um inseticida comum. É um produto dos Laboratórios Shell que hoje colaboram com as Nações Unidas, oferecendo-lhes a sua contribuição científica. Shell Tox é garantido pelo emblema Shell, que no mundo inteiro é penhor de qualidade.



SHELL TOX

Um dos 6 produtos da família SHELL
sob a garantia da

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM Co. Ltd.



INDUSTRIA DE TINTAS E VERNIZES

Cottomar Ltda

TINTAS FINAS DE IMPRESSÃO
TINTAS PARA FINS INDUSTRIAIS, ARQUITETURAIS, ETC.

Endereço:

CAMPO DE SÃO CRISTOVAM, 170

Tel. 28 - 4039 e
48 - 3243

RIO DE JANEIRO



MARCA REG.

MATRIZ:

RUA BENEDITINOS, 17
RIO DE JANEIRO
Tel. 23-2064

FILIAL:

ED. MATARAZZO, 12.º And.
SÃO PAULO
Tel. 3-5116

T. JANÉR & CIA.

Fornecedores do "JORNAL DO BRASIL"

PAPEL

STOCK

STOCK

PAPEL COM LINHAS D'AGUA
PARA JORNAIS E REVISTASPAPEL NACIONAL PARA
IMPRESSÃO E ESCREVER

STOCK

PAPEL PARA EMBALAGEM
DE FRUTAS CITRICAS

DISTRIBUIDORES DA INTERNATIONAL PAPER COMPANY, NEW YORK

Celulose e Pasta de Madeira

REPRESENTANTES DE BULKLEY, DUNTON PULP CO., INC., NEW YORK

MARCAS PRINCIPAIS:

PUGET SOUND -- SOUNDVIEW -- TACOMA

Secção de Exportação

PRODUTOS INDUSTRIAIS E AGRICOLAS

Endereço Telegrafico "JANER"

O pobrezinho de Assis

A BREM-SE os olhos de Francisco à luz do ano de 1182, na velha cidade de Assis, ericada de Construções feudais, no meio dessa U'mbria de maravilhosos arvoredos e de águas cristalinas e cantantes. Filho de um opulento mercador, nem sombra de miséria escurenta a sua infância e a sua adolescência. Vestido de ciclatão e mais estofos de preço, ostentando jóias de mirífico valor, cavalcando ginetes ricamente gualdrapados, corre-lhe perdulário e folgazão esse período moço da existência. Com o oiro a escoar-se-lhe dos dedos ociosos como a chuva no inverno se despenha das nuvens, do escol da nobreza com quem acamarada mui pouco o distancia, tamanha pompa a da sua veste, tanto o garbo da sua figura, tão a primor suas falas e maneiras. Mulheres de estonteadora beleza, vinhos de raro sabor, o jogo com suas alternativas caprichosas, a nenhum destes ou doutros refinados prazeres mundanos os seus sentidos despertados se mantêm alheios, e, por último, nem sequer as honrarias de guerreiro lhe minguem, pois ingressa nas hostes que a sua cidade envia contra Perúsia.

Bastas vezes, todavia, em meio dos seus regalos, um assômo de comiserção e ternura pelos pobres o invade. Em muitas ocasiões o surpreendem a despojar-se do manto em favor de um mendigo e a fazer partilha do recheio da sua bolsa pela multidão dos andrajosos e famintos, prodigalidades essas que seu pai, o Pedro Bernardone tão avaro e soberbo, menos perdôa do que os desperdícios que originam luzimento e fama de faustosa para a sua casa.

Um dia, porém, a doença acomete-o com fúria. Entre medonhos sofrimentos, a vida periga-lhe. E quando, já salvo, entra na convalescença, uma espantosa mudança patenteia seu espírito. Eis o prelúdio da beatitude. Começam então a enfiá-lo o mundo e o seu tumulto, afasta de si a estouvada corte que sempre o apagiava nas orgias, passa a dar preferência à companhia dos pobres, quando se não entrega ao prazer inédito e inefável da solidão, no recesso dos bosques. E de renúncia em renúncia, cada vez a sua alma mais entregue a sentimentos de piedade, acerca-se dos leprosos, lava-lhes as chagas, acarinha-os com abnegação fraternal.

Já solto da autoridade paterna, que um dia o quisera fazer encarcerar como doido, exorta à pobreza, à castidade, à obediência única, à vontade divina. Que o sigam bastantes discípulos não tarda, como não tarda que as conversões se multipliquem à sua volta, exactamente como sucedera outrora, na Judeia, em tórno do doce Nazareno, seu mestre e espelho.

Vê então ensejo de fundar a nova Ordem, a Ordem franciscana, cuja regra, alheia aos silogismos da escolástica e à rigidez dos dogmas, assenta, apenas na prática espontânea daquelas três virtudes. E', portanto, a simplicidade tocante dos evangelhos que ressurgem: é o fogo do cristianismo puro, que sob o seu bafo inspirado, aviventa a áurea chama.

Já, ao afago da sua abençoante mão, terras da Itália fora, desde Perúsia a Spoleto, desde a Toscana ao último dos contrafortes dos Apeninos, os milagres florescem. Alvorçam-se os espíritos, reanimam-se as crenças. E o santo prossegue o seu apostolado original, mais feito de ação que de doutrina, trabalhando com afinco, carregando êle próprio sobre as espáduas dêbeis as pedras que a gente do povo oferece para a reconstrução das capelas, expandindo-se em cânticos e louvores, numa alegria ingênua, impregnada de frescura e de aromas silvestres, de que a religião havia muito se despojara. O Artista, amoroso da natureza bela que o rodeia, alvora nele neste instante, celebrando no íntimo do peito as inebriantes núpcias do misticismo com a poesia. A prece que daí por diante lhe esvoaça dos lábios sobe sempre no azul, em direito à mansão dos anjos e do Senhor, nas asas irisadas duma canção. São já notas sôltas, ensaios tímidos, do seu maravilhoso hino ao sol, símbolo do Eterno, hino em que êle há de cantar tudo que é criado, tudo de que se sente o mais humilde e enternecido irmão: a lua e as estrelas, o vento, a água, o fogo e, por fim, a nossa madre-terra, que nos acalenta em seu generoso seio. *Laudato sia lo Signore!*

De que a bem-aventurança o aguarda, são já nessa época inúmeros os indícios. Um dia, no pino do duro inverno, quando a neve encarapuça com os seus alvos flocos



A casa em que, segundo a tradição, nasceu S. Francisco, na cidade de Assis, célebre pela sua influência na arte italiana.



Imagem de "terra-cotta" atribuída a Lucca della Robbia, da insigne dinastia dos escultores de "quattrocento": diz-se que o rosto é cópia da máscara dos anto, obtida quando da sua morte.

as frondes altivas da montanha, o *Poverello*, numa repentina crise de humildade, roja o corpo pelas roseiras hirsutas de espinhos, para se mortificar — e logo elas, de lés a lés, se revestem de esplendentes, de lindíssimas rosas brancas e vermelhas. Doutra vez, como aconteça que um bando de andorinhas lhe perturbe a oração com os seus galreios inocentes, ele roga-lhes que se calem — e imediatamente as avezitas emudecem e, recolhidas, imóveis nos troncos das árvores, esperam que finde a reza do seu afável companheiro. E, como não há dócil animal ou fera bruta que se esquivasse à sugestão da sua voz, sucede também um dia que certo lobo, que por aquelas bandas trazia em susto os zagaís, lhe surge no caminho e se lhe deita aos pés, lambendo-lhes com meiguice, como se fôsse manso cordeiro. Por fim, já no retiro ascético do Alverne, dá-se a decisiva e assombrosa cena dos estigmas.

Na companhia de três irmãos sómente, entre os quais o seu dilecto Leão, fizera já a custo, por mingado de forças, a subida ao monte que tanto amava e que ia ser o seu Tabor. A floresta, inextricável em muitos sítios, oferecia o mais delicioso espectáculo. O ciclame e a hera corriam de tronco em tronco, estreitando em imprevistos abraços os fortes castanheiros, os carvalhos majestosos e os pinheiros franzinos, como que num incitamento à completa fraternidade de todas as coisas.

A passadeira, de plumagem multicolor, ora em bandos cerrados que chegavam quasi a escurecer a luz do sol, ora dispersa, cada ave improvisando seu púlpito e balouço numa vergôntea das frondes, entretinha-se em chileiros de música rebelde a qualquer batuta que os tentasse disciplinar em melodia, mas, assim mesmo, bem gostosa de se ouvir pela alegria cândida que a repassava. E, por entre a relva e a urze, o rosmarinho e o líquem, nos seus álveos sinuosos, aqui e além rebrilhavam fiozinhos

de água, correndo e murmurando, numa cantilena que lhes devia servir de consolo na longura da jornada.

Tudo isto era grato ao espírito de Francisco, e dissipava um pouco a preocupação que dele se assenhoreava havia tempo: a sua morte próxima, sem que Deus lhe desse anúncio de que merecera o divino amor. Para o interrogar de mais perto, no maior recolhimento, na meditação mais profunda, é que se resolvera a peregrinar até aqueles cumes inacessíveis à própria vegetação audaz, e onde só o vento monologa e rodopia. Estando prestes a última escarpa, separou-se dos companheiros, e depois, sozinho, quasi de rastos, de extenuado que a ascensão o pusera, buscou uma caverna no rochedo áspero e calvo, e dali fez pousada durante muitos dias e muitas noites. Reerguendo de continuo na memória os lances dramáticos da Paixão de Cristo, no mais rigoroso jejum e na mais fervente oração, foi ao termo deste período que o patético e deslumbrante caso sucedeu: nublara-se o céu, até ali límpido de todo, e logo em seguida, rompendo-o, um vulto temeroso, cujos contornos a vista enfraquecida de Francisco a princípio não apercebe, avança vertiginosamente para ele, que logo cai de joelhos, extático, hirtó; já muito perto essa figura enorme, que oculta o horizonte, ele vê então que é um serafim, de cujo corpo níveo e esbelto se desdobram seis asas de remígio longos e fulgentes; e no peito do alado visível e sobre essas asas de todo abertas, desenha-se agora, nítido, angustiante, o vulto de Jesus crucificado. De subito, uma dor agudíssima, dilacerante, rasga a carne de Francisco, que, dissipada a visão e repossado de seus sentidos, olha com pasmo os pés e as mãos, e os vê perfurados, gotejando sangue. E também o seu flanco está ferido, tal como Cristo, quando o crucificaram no cimo do Gólgota!

Recalcando então a dor física, ébrio de místico júbilo, Francisco solta desconexas, atropeladas frases de louvor e gratidão ao Altíssimo, que lhe concedera, enfim, o martírio.

O peremptório aviso do céu chegara, pois, ao filho do ímpio Bernardone: a morte podia vir, cruel e estugada no passo — ele ficara sagrado para os dias venturos, para todo o sempre dos séculos sem fim!

No outono de 1226, quando Deus entendeu que era chegada a seu termo a missão de Francisco no mundo, foi na pequenina cela de Porciuncula, donde se avistavam as imponentes montanhas da sua querida terra, que ele exalou o último suspiro. Nú, sobre a terra húmida do solo, num derradeiro voto de pobreza, como rei dos pobres que sempre quisera ser, com um sorriso de infinita beatitude nos lábios e sentindo que o universo inteiro, na essência do amor, lhe enchia a alma, assim pereceu.

E diz a lenda que, nessa hora religiosa e doce do crepúsculo vespertal, de 3 de Outubro; a sua irmã água, "útil, humilde, preciosa e casta", cantou mais alto por todas as fontes e regatos da umbrosa serra. E que o mesmo fizeram as aves, aquelas avezinhas que, confiadamente, quando ele ia de caminho pela selva, lhe pousavam nos braços, nos ombros e na fronte. Uma e outras fizeram assim córo com os monges que rodeavam o santo moribundo e, a pedido dele, entoavam mais uma vez o formoso hino ao sol, de tão singular acento lírico.

Depois, a Igreja afirmou que passara pelo mundo mais um Justo, mais um Santo. Mas as aves e as águas — e eu estou com elas — essas, o que afirmaram então e afirmam ainda, é que ali vivera e morrera mais um grande Poeta, o que, no fundo, talvez venha a dar na mesma coisa!...

C. DE F.



DEPOSITE O SEU DINHEIRO
E ESTARA' TRANQUILO

Pague sempre por cheque,
pois é muito mais
seguro, mais limpo e
mais distinto.

BANCO DO COMERCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DO RIO
RUA GENERAL CAMARA, 8

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /**



**DÔRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL

HONORE' DAUMIER (1808 - 1879)

POR SAM A. LEWISOHN



Os bebedores.



O vagão de terceira classe.

Daumier nasceu em Marselha, filho dum vidraceiro que escrevia versos medíocres. As aspirações literárias do pai quixotesco levaram a família para Paris, quando Daumier tinha quinze anos. Aí ele trabalhou primeiro para um beleguim do Tribunal; depois para um livreiro antes do pai consentir em que estudasse com Lenoir, um continuador de David. Ganhou a vida trabalhando em litografia e aos vinte e dois anos começou a contribuir com algumas sátiras políticas para "La Caricature", jornal republicano. Em 1832, uma "charge" de Louis Philippe custou-lhe seis meses de cadeia onde ele só se queixava amavelmente da falta de tinta e dos prisioneiros que estavam sempre reclamando que lhes desenhasse os retratos. Depois de solto, continuou seus ataques ao governo, até que "La Caricature" foi oficialmente supressa.

Embora seu interesse real fosse sempre pela pintura, a necessidade eco-

nômica e as fortes simpatias sociais conservavam-no continuamente ocupado no seu vasto retrato litográfico da época, chegando a fazer 4.000 pranchas, que expunham as injustiças políticas e os males sociais do tempo. Sua popularidade como caricaturista obscureceu sua estatura de pintor, que só era reconhecida por seus amigos artistas; a litografia permaneceu seu único meio de vida e aos setenta anos perdeu este ganha pão por ter cegado. Corot, seu amigo havia muitos anos, salvou Daumier do despejo, comprando-lhe o cottage que ele alugava em Valmondois. Uma grande exposição retrospectiva de suas litografias, pinturas e retratos em bustos, realizada em 1878, facultou-lhe as homenagens da maioria de seus contemporâneos de relevo, embora fosse um fracasso popular. Morreu no ano seguinte e foi enterrado por subscrição pública.



"Adeus, querido, vou visitar meus editores; provavelmente só voltarei muito tarde... Não deixa de dar ainda duas vezes a manivela ao neném" (Da série "Les Bas-Bleus")



O "groom" público (Da série "Bohémie de Paris")



Nós todos somos criaturas honestas: abracemo-nos.

O espírito de tragédia obseda todos os trabalhos de Daumier. Como um frade medieval, ele insistentemente nos lembra as duras forças implacáveis que operam sob as sorridentes superfícies da vida. Sob a carne, sentimos a chaga do músculo e dos ossos.

Para esse fim, ele usava a curva e torcida linha barroca de Miguel Angelo — um barroco muito diferente de seu posterior desenvolvimento rubenescos, usado com tanto êxito por Renoir para exprimir os joviais contornos da vida.

Daumier nunca é brincalhão ou frívolo; sua comédia é uma sátira amarga. Seus trabalhos de mais sucesso são suas figuras de advogados cínicos, empedernidamente tripudiando com os trágicos incidentes da vida cotidiana dos Tribunais. Doutro lado, há uma terna simpatia pelos oprimidos. O pequeno painel da mãe e da filha intitulado "As lavadeiras", da Coleção Bliss, e um comovente quadro de saltimbancos famélicos e maltrapilhos, exprimem sua intensa afinidade com os desprovidos de recursos.

Freud, em seus últimos trabalhos, sugere que ha duas vastas forças naturais operando dentre dos seres humanos — o amor e a morte. Renoir pode ser considerado como o grande expoente da primeira, Daumier, da segunda. Vemos a obsessão de Daumier com as fúrias sinistras que zombam sob a superfície da vida, em cenas aparentemente mundanas como seus "Jogadores de xadrez". O jogador do primeiro plano não é um jogador de xadrez comum, pois alguma coisa na tensão dos ombros sugere que se trata dum participante no desesperado jogo da morte. O mesmo acontece com o acabrunhamento do homem diante do "Açougue" ou mesmo com a tesa emoção de alguns de seus desenhos de pinturas dos colecionadores de estampas. Ele investe suas figuras com uma trágica intensidade muitas vezes inteiramente fora de proporção para a cena cotidiana que representa.



"Ema, eu te amo!" (Da serie "Croquis d'expressions").

Esse espírito trágico é particularmente apropriado quando pinta Don Quixote e Sancho Pança, ou multidões ansiando freneticamente pelo inatingível, e às vezes alcança os seus melhores resultados quando põe de lado sua amargura e se torna um filósofo camarada, aceitando os ritmos da vida, como em seus "Bebedores". A arte de Daumier era baseada essencialmente na linha e no claro escuro, e não na cor. Sua visão escultórica permitia-lhe sugerir o rude potencial que ha dentro da moldura humana. Não é apenas uma imitação literal de ossos e de músculos das verdadeiras criaturas humanas, mas uma expressão simbólica de luta humana. Virou Rembrandt pelo avesso, fazendo da sombra o centro de interesse, em vez de estar esse na luz intensa. Talvez o contraste seja apropriado: Rembrandt exprimiu a cintilante humanidade da vida; Daumier as sombras escuras; Rembrandt aceitava a vida como ela é, Daumier nunca abandonou seu papel de crítico e comentarista.

Mas, naturalmente, o assunto da arte de Daumier e sua intenção filosófica não explicam seu alto posto como pintor. Fora de suas indagações e amarguras, ele usava em cada caso um desenho especial que é poderoso e satisfatório. Como em Rembrandt, o jogo de sombra e luz é sempre interessante e atraente. A inextinguível linha herdada de Miguel Angelo tem uma originalidade sedutora e uma autoridade própria. Ha uma fascinação nos seus barretes legais parecidos com turbantes, e cada polegada de sua pintura daria um "abstrato" interessante em si mesma.

Como outros mestres do século dezanove, foi um indivíduo — um indivíduo, que selecionou do passado os materiais e os métodos que melhor se adaptassem á mensagem que pretendia exprimir. Sua arte não foi determinada por uma orientação estética e dinâmica que o impelisse, mas pelo seu próprio dinamismo interior.



"Afim de contas, Madame Concardeau ainda tem uma boa linha!" (Da serie "Les Baigneuses").



O amador de estampas. (Da serie "Types parisiens").

Descobertos no Mexico três valiosos documentos históricos

(Serviço especial da Inter-americana, exclusivo para a REVISTA DA SEMANA)

Tres valiosos documentos históricos foram descobertos pelo Instituto Mexicano de Historia e Antropologia numa remota aldeia costeira do Estado de Guerrero. Trata-se da parte desaparecida do Codice de Humboldt, que se encontra no Museu de Berlim, de uma manta genealogica pintada em tecido de algodão, e um livro completo pintado em papel e fibra de *maquey* que relata a historia de uma cidade denominada Tlapa Tlachinola.

Os documentos em questão foram encontrados na posse de um indio mexicano pelo Dr. Alfonso Ortega, jovem advogado e arqueólogo mexicano. O indio afirmou que conservava aqueles codices porque eram "documentos de seu povo". O jovem Ortega conseguiu persuadir o indio a confiar os manuscritos raros ao Instituto Mexicano de Historia e Antropologia, que poderia melhor preservá-los.

O exito de Alfonso Ortega constituiu o ponto culminante de uma serie de pesquisas de dois anos, que começaram quando outro advogado, o Dr. Salvador Toscano, descobriu outro valioso codice. O dr. Toscano recebeu o documento das mãos de um engenheiro agrônomo que realizara explorações nas proximidades da pequena cidade de Azoyu, na zona costeira do Estado de Guerrero. O documento foi entregue ao Museu Nacional do Mexico, que imediatamente organizou uma expedição para procurar as partes restantes do codice. A tarefa foi entregue ao Dr. Ortega logo depois que circularam rumores de que um estrangeiro teria visitado aquela região, a procura de velhos manuscritos.

Uma das descobertas do Dr. Ortega,

o Codice Provisorio, chamado também *Azoyu A* ou *Azoyu Ortega*, consta de 38 paginas, escritas em hieroglifos que o identificam como de origem azteca ou hahua, com alguma influencia mixteca. O periodo coberto pelo Codice Azoyu A é de 266 anos. Na pagina 32 ha uma figura de espanhol, e a numerologia do hieroglifo indica o ano de tres *calli* ou mais ou menos o ano de 1521.

O outro manuscrito consiste apenas de 15 paginas, mas é também muito interessante, porque tem pinturas adicionais no reverso das 5 primeiras pá-

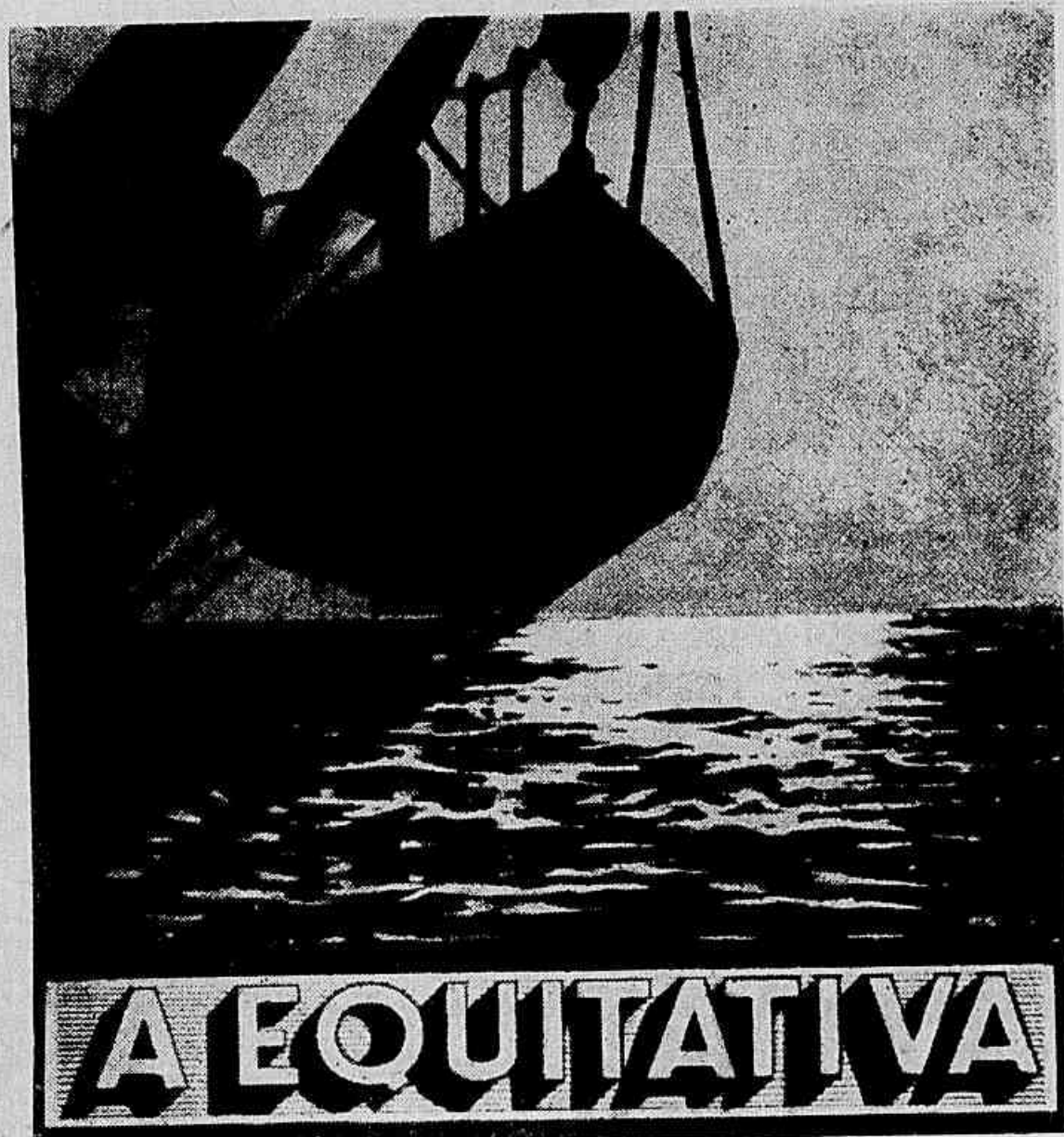
ginas. Essa é indubitavelmente a parte que falta do famoso Codice de Humboldt, cuja primeira secção se encontra no Museu de Berlim.

No reverso do Codice Azoyu A se encontram quadros curiosos, mostrando um rio e varios povoados, uma missão e um frade de sandalias. A pintura é feita em estilo pre-cortesiano, mas revela influencia europeia. Em outras palavras, a Conquista já havia começado quando foram pintados.

O manto genealogico está admiravelmente bem conservado, considerando-se o seu material e o fato de que estava

guardado nos acampamentos dos indios desde ha cinco seculos. É também pintado em estilo pre-cortesiano, mas no fim aparecem figuras e nomes espanhóis. Sob cada uma das figuras, vêm-se dizeres em lingua hahua, mas escritos em caracteres europeus.

O sr. Salvador Mateos Higuera, Curador de Codices do Museu Nacional do Mexico, calcula que de 200 a 300 codices e fragmentos de codices se encontram fora do Mexico, em museus oficiais ou em coleções particulares, contando o Museu Nacional do Mexico com apenas aproximadamente 100.



MESMO COM O MAR BONANÇOSO
O BOTE SALVA-VIDAS
DEVE ESTAR SEMPRE PRONTO
PARA QUALQUER EMERGÊNCIA...

EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

A EQUITATIVA

é a única Sociedade de Seguros de vida que opera em **SORTEIOS** pagos em dinheiro á vista. **A EQUITATIVA** tem as suas operações de Seguro garantidas pelo Governo Federal de acordo com o decreto-lei n.º 4.609 de 22-8-1942.

A EQUITATIVA é a unica sociedade de seguros que dá participação dos seus lucros aos respectivos Segurados, sem aumento de premios.

PAGAMENTOS

realizados até 31 de Março de 1943

Sorteios.....	Cr \$ 30.300.000,00
Sinistros.....	Cr \$ 68.960.415,30
Em vida.....	Cr \$ 104.262.356,50
T o t a l.....	Cr \$ 203.522.771,80

Apólices liberais. — Apólices com Sorteios em dinheiro á vista. — Apólices de dotação de creanças. — Apólices de garantia de empréstimos hipotecários. Seguro Comercial. — Seguro em Grupo.

AGENCIAS EM TODOS OS ESTADOS.

SÉDE: -- AVENIDA RIO BRANCO, 125 -- RIO

QUADROS que eu admirei

Um grande romancista conta-nos
suas experiências em outra arte
(De Life)

POR SOMERSET MAUGHAM

A coisa mais impressionante que me aconteceu nos últimos meses parece, à primeira vista, nada oferecer de extraordinário. Achava-me por acaso em São Francisco quando se realizou a exposição de uma série de pinturas francesas que, antes da guerra, a República ora defunta enviara à América do Sul, com a intenção de patentear a esses povos a fina flor da cultura francesa. Fui vê-la num sábado à tarde. A galeria estava cheia de jovens. Admiravam os quadros com gulosa atenção; discutiam-nos entre si, julgavam-nos, e, em muitos rostos, vislumbrei um clarão de prazer que não podia deixar de ser o signo exterior de uma emoção íntima e verdadeira.

Diga-se, porém, que nem todas estas telas exerciam uma atração inteligível. Variavam da escola de Fontainebleau aos quadros de mestres modernos para cuja compreensão, devo ter pensado, grande conhecimento e alguma educação na arte da pintura são essenciais. Mas estes moços e moças estavam a encará-los, mesmo os mais avançados; como mereciam; não me pareceu que fossem hostis ao que era novo e estranho, mas ao contrário estavam ansiosos para compreendê-lo afim de receberem a comunicação que, segundo julgo, instintivamente sentiam ser de grande valor para eles. Não acredito que há 30 ou 40 anos passados uma exposição semelhante pudesse atrair uma multidão tão ávida e interessada de jovens; muitos deles eram colegas de Berkeley com suas namoradas, mas muitos outros eram empregados das lojas vizinhas, com suas esposas, que haviam passado a semana inteira executando os mesmos movimentos na mesma monotona tarefa. Era uma visão impressionante. Pode ser um erro grosseiro, mas gosto de pensar que isso indica uma obscura revolta contra a mecanização da vida moderna e o centelhar, talvez mais que isso, de um desejo, ainda não completamente conciente, de coisas espirituais que podem fazer a vida mais rica e mais variada.

Agora devo dizer, que não creio, como muitas pessoas da última geração, na arte pela arte. Não penso que a arte tenha por fim o mero prazer. Muitas obras de arte têm sido produzidas, em pintura, música e literatura, sem outro objetivo que não seja dar prazer, e devem ser valorizadas, porque o prazer é bom e o prazer espiritual é duradouro; mas o valor último da obra de arte reside no seu valor moral. Se a arte não enriquece a alma, e conduz à reta conduta, é mero divertimento e então não é mais estimável que refrescos ou um *ice-cream*. Mas a grande arte realiza exatamente isso; e, enquanto passeava pela galeria, contemplando mais as pessoas que as telas, a maioria das quais me eram familiares, não pude deixar de alegrar-me, pois me pareceu que seu entusiasmo e apreciação, sua sensibilidade receptiva representavam uma brilhante promessa para o futuro da humanidade. Pois, no fim, a democracia depende da virtude do indivíduo e a grande arte conduz à virtude. Somos o produto de muitas forças. Muito poucos poderão dizer que influências trabalharam para fazê-los a espécie de seres que são hoje. Naquela noite, incapaz de dormir, indaguei a mim mesmo que teriam significado precisamente essas telas, algumas tão difíceis para aqueles que eu vi a estudá-las, e o que resultaria, para alguns poucos felizes, de tal encontro.

Muitos de nós podem apontar um livro que lemos num momento auspicioso e teve o efeito de uma revelação. Pode ser o Evangelho de S. João ou as Confissões de S. Agostinho, alguns diálogos de Platão, poemas de Keats ou Walt Whitman, ou mesmo um romance. Duvido que um quadro tenha efeito tão violento e revolucionário. A influência da arte plástica é mais temperada. Da minha parte tenho a noção de que há certos quadros que tão profundamente me emocionaram que pouco têm a ver com a espécie de homem que sou; antes, porém, de falar neles, gostaria de dizer o quanto creio errados os pintores que afirmam só poderem apreciar e falar

Mont Sainte-Vitoire — Raul Cézanne



O autor, num retrato de Gerald Kelly.

proveitosamente de pintura aqueles que estão familiarizados com a técnica. Nós, pacatos cidadãos, usamos um avião para transportar-nos de um lugar a outro e pouco nos importa o processo de sua manufatura. Terá interesse para um mecânico, mas não é assunto da alçada particular do passageiro. Assim também um pintor tem uma comunicação a fazer e isto é que nos diz respeito; os passos que deu para exprimir esta comunicação da melhor maneira nada têm a ver conosco.

A ARTE PRODUZ UMA IMPRESSÃO DURADOURA NA MOCIDADE

Mas, enquanto os grandes livros estão ao alcance de todo o mundo e podemos obtê-los com facilidade e lê-los à vontade, a maioria das grandes pinturas acaba nas galerias dos museus. Poucos dentre nós são bastante felizes para possuírem um quadro cuja beleza seja uma fonte constante de enriquecimento espiritual. O único milionário que eu invejava era o falecido Mr. Frick porque possuía aquele retrato do filho de Rembrandt que é conhecido como o *Cavaleiro Polonês*. Julgo-o uma tela cuja significação emotiva dificilmente poderá esgotar-se. Está saturada de romance. E já que as obras-primas devem ser vistas em galerias só por acaso haverá quadros que contribuam ao desenvolvimento de qualquer pessoa. Pois é na juventude que o espírito está mais apto a receber as duradouras impressões que plasmam o caráter e os moços não podem escolher lugar para moradia.

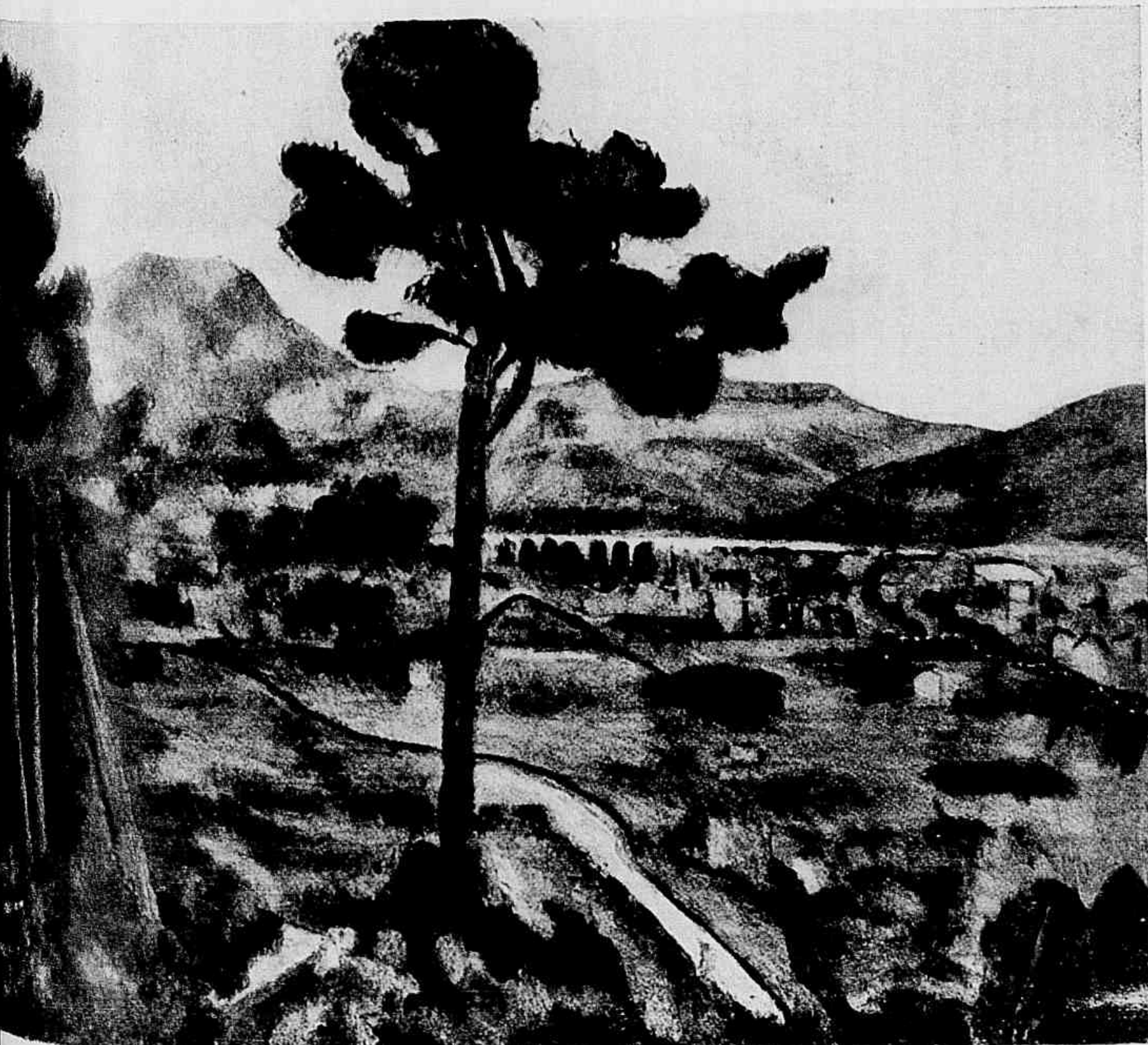
Acho-me muito feliz por terem as circunstâncias de minha vida contribuído a que eu frequentasse o Louvre em minha juventude e justamente porque ia tão frequentemente em Paris e que alguns dos quadros daquela galeria tão rica, tão mal conservada e tão mal guardada fizeram uma funda impressão no que suponho deva chamar meu subconsciente. Não tenho por natureza bom gosto. Decorei o primeiro quarto que tive com retratos brilhantemente coloridos de pequenas que tirei aos números de Natal de algumas revistas e cõro ao lembrar o quanto me orgulhava deles. Posteriormente envergonhei-me e os substituí por grandes fotografias de mestres antigos; apenas me recordo que entre estas havia a reprodução de uma cabeça algo sentimental de Van Dyck e de uma paisagem de Hobbema.

Mas, pouco tempo passado, vi um quadro no Louvre que, depois de tantos anos, não perdeu seu poder de comover-me e deliciar-me. Devia tê-lo visto muitas vezes antes, porém, com olhos cegos, e não posso dizer como aconteceu que um dia me fez uma impressão tão pungente que durou toda a minha vida. Foi o *Sepultamento de Cristo*, do Ticiano que está na chamada *salle carrée*. Suponho que não é considerada uma das mais importantes pinturas de Ticiano, pois raramente aparece nas ilustrações dos livros que se têm escrito sobre ele, e, se continuou a achá-lo um dos maiores quadros do mundo, deve ser porque nele existe qualquer coisa que tem importância para mim. Não tentarei descrevê-lo, pois os quadros devem ser contemplados e as palavras são impotentes para dar a noção que o leitor possa traduzir numa imagem da coisa vista. Pode-se tentar dizer a um surdo como soa um coral de Bach? Sem dúvida, este quadro tem a suntuosidade de cor que é comum à maioria dos venezianos e possui um ritmo flutuante que semelha a própria palpação da vida; mas, tem mais que isso; o ato que pinta é um dos mais dilacerantes da história humana, as mulheres que choram estão curvadas ao peso da dor e contudo o instinto, aí, é beleza. A única coisa com a qual posso compará-lo são as últimas pungentes palavras de Hamlet. O resto é silêncio.

Não muito distante do *Sepultamento*, na Grande Galeria, há outra pintura sua da qual nunca me canso e é o *Homem com a luva*. Mesmo quando evoco o retrato de Velasquez, em Roma, do *Papa Inocencio*, penso que é o mais belo retrato do mundo. Foi pintado entre 1510 e 1520 e supõe-se que seja de Girolamo Adorno, um genovês que era embaixador do Santo Império Germanico em Veneza. É o retrato de um homem moço. Está tão vivo que parece sustentar nossa indagação e perguntamos a nós mesmos, como fariamos a um recluso, numa estranha cidade, em país longínquo, que amargo segredo calarão seus lábios. Vivía nas cortes e conhecia suas intrigas e decepções. Contemplou a frívola beleza da Renascença e, seu semblante pensativo, sua serenidade desiludida, persuadem-nos que, como outros homens da época, aprendera a sabedoria dos antigos; mas pôde ser que haja, naqueles olhos escuros e ardentes, um pressentimento da morte prematura e a nostalgia de algo além dos prazeres da arte e das letras, além da inútil atividade da vida, além da azáfama da mercantil Genova, da sensual magnificência de Veneza, uma nostalgia pela paz do Absoluto. Morreu aos 33 anos.

ACHA REMBRANDT ESTRANHAMENTE SOBRENATURAL

Passeando em imaginação pela Grande Galeria, — já que agora, com Paris calcada pelo brutal invasor e seus quadros dispersos ou escondidos, é esta a única maneira de visitar o





O Homem da luva — Ticiano

Louvre — paro ante uma das suas télas mais emocionantes. E' *A Ceia em Emaus*. O incidente que o artista escolheu para pintar é narrado belamente por S. Lucas. Os dois discipulos, todos se lembram, afastavam-se da cidade comentando os fatos que haviam acontecido, quando veio reunir-se a eles aquêle que tomaram por um estranho, "pois seus olhos estavam obscurecidos para que não o conhecessem... E aproximavam-se da aldeia para a qual caminhavam. E ele pareceu querer ir mais longe. Mas eles o retiveram, dizendo: "Vem conosco, pois é quasi noite e o dia já se finda". E ele os seguiu na hospedaria. E aconteceu que, quando se assentou a comer com eles, tomou o pão e o abençoou, e partiu-o e deu-o a eles. E então, tiveram os olhos abertos e conheceram-no a ele desapareceu diante d'elles."

E' um quadro intensamente dramático, mas é dramático sem enfase, de modo que, se já não conhecessemos Rembrandt como um grande artista, um mestre do claro escuro, seríamos levados a crêr que apenas por um feliz acaso, produzira uma pintura que satisfizesse tão profundamente o senso estético. Não tem a coloração suntuosa do *Sepultamento* do Ticiano, é de um tom calmo e restrito, mas possui uma riqueza sóbria e radiante que sobreleva o espirito e pergunto a mim mesmo se é isso ou uma emoção profunda no pintor que dá a este pequeno quadro o estranho sentimento do sobrenatural que, para mim, é seu traço mais surpreendente e perturbador. E' uma das pinturas mais profundamente religiosas do mundo.

Passo a esmo, procurando meu Chardin, favorito mas sei que não o posso achar porque não está no Louvre e sim na *National Gallery* de Londres. Chardin é considerado por muitas pessoas como um mestre secundário. Não o julgo assim. Numa coisa era sumamente hábil. Tinha o maravilhoso talento de pôr na téla o jogo da luz e o sabor do colorido e, justamente porque gostava de fazê-lo, preferia pintar naturezas mortas que arrumava como queria. Era um pintor muito igual e não me recordo de um só de seus quadros em que caísse abaixo do seu alto nível.

De vez em vez pintava cenas domesticas, mulheres trabalhando, porque tinham de vender para comer e parece que não vendia suas naturezas mortas. Os plutocratas da época queriam interesse humano; é estranho que não vissem estar a importancia de suas naturezas mortas não só em suas belas harmonias, como na sua rara delicadeza, mas principalmente no seu interesse humano; pois a virtude peculiar de Chardin é que era capaz de ver a beleza e a vida palpitante que existem nas coisas humildes e comuns, como panelas e frigideiras. Não se pode crêr que as tivesse pintado por poder fazer delas um arranjo decorativo e uma delicada harmonia de cor; se isto fôsse tudo, difficilmente as teria pintado com tanta ternura, e não se pôde resistir á convicção de que eram para ele; de algum modo, simbolos de sentimentalidade, da bondade, da coragem e do sofrimento, da paciência, boa-vontade e honestidade do povo.

Ha algum tempo escrevi uma novela na qual introduzi certo personagem, um refugiado russo, que falava de uma determinada téla de Chardin: aconteceu que fôsse a pintura da *National Gallery*, mas, como isso não me convinha, usei da liberdade do novelista e a coloquei no Louvre. Descrevi como pude o sentimento que produzia em mim e, já que não posso exprimir melhor o que considero como a profunda significação de Chardin, peço venia para repeti-las.

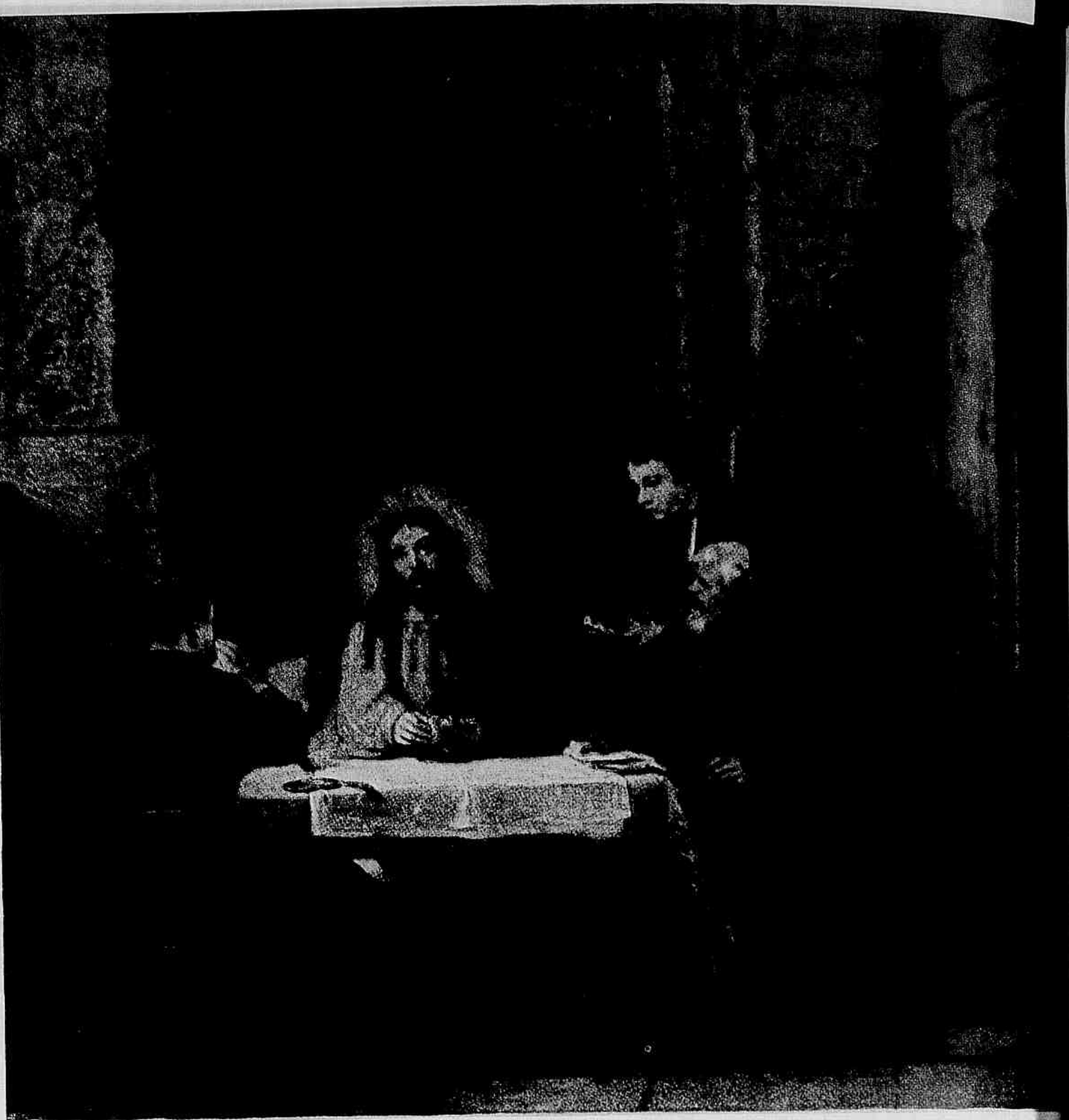
A ARTE E' UMA CHAVE DO MISTERIO DO SER

E' uma téla pequena na qual estão pintadas uma fatia de pão e uma garrafa de vinho. E não é — faço meu personagem dizer — que com estes obistos tão simples, pela aguda sensibilidade do pintor, movido pela caridade em seu coração, aquêle velho engraçado fez algo tão belo que nos compunge? E' como se inconscientemente talvez, difficilmente avaliando o que fazia quisesse mostrar-nos que com um pouco de amor, um pouco de simpatia, da dôr, da desconfiança e da maldade do mundo, podemos criar a beleza.

Não é apenas uma fatia de pão e uma garrafa de vinho; é o pão da vida e o sangue de Cristo, mas não apartados dos que têm fome e sede d'elles e distribuidos pelos sacerdotes em determinadas ocasiões; é a razão diária dos homens e das mulheres que sofrem. E' tão humilde, tão natural, tão acolhedor, é o pão e vinho dos pobres que só pedem que os deixem em paz, que lhes permitam trabalhar e comer sua comida simples em liberdade. E' o grito dos despresados. Diz-nos que, quaisquer que sejam seus pecados, os homens são bons de coração. Aquella fatia de pão e aquella garrafa de vinho são simbolos das alegrias e das tristezas dos humildes. Apela para nossa compaixão e nosso afeto; afirmam-nos que são feitos da mesma carne e do mesmo sangue que nós outros; contam-nos que a vida é curta e dura, que o tumulto é frio e solitário. Não é apenas uma fatia de pão e uma garrafa de vinho, é o misterio do destino do homem na terra, sua aspiração por um pouco de amizade e um pouco de amor e a humildade de sua resignação quando vê que até isso lhe é negado.

Não sei se é possível chamar de quadro o t-to que Miguel Angelo pintou para a Capela Sixtina. E' certamente a pintura mais impressionante que existe no mundo. Por mais que a vejamos ficamos estupefactos. Suponho que, em tempo algum, figura mais nobre foi criada por mão humana que a de Adão, no momento da criação. Sua beleza tira-nos o fôlego. E as sibilas que, sentadas, fiam o destino do homem, possuem uma imponente grandeza que nos comove.

As pinturas de que falei até aqui apela para a imaginação, apela directamente para nós mas o efeito deste t-to da Capela Sixtina é algo diverso. Não é a beleza, do desenho nem a sublimidade destas figuras sobre-humanas que me comovem mas o genio do homem que concebeu e executou esta obra estupenda. Muito se abusa da palavra genio; já a vi aplicada a alguns autores de sucesso na Broadway e aos de algumas novelas bem vendidas. Mas pode ser usada com tanta segurança, reg-



A ceia de Emaus — Rembrandt.

peito a Miguel Angelo como respeito a Shakespeare.

Quando deslocamos o pescoço e cansamos a vista olhando para esse teto, ao fim, o que nos impressiona acima de tudo, é a personalidade do artista. Sua grandeza é evidente em cada parte deste vasto afresco. Esmaga-nos e humilha-nos, ao mesmo tempo, enche-nos de alegria por conseguir o homem, com toda a sua fraqueza e pequenez, todas as suas falhas,

(Continua na pagina 72)



"L'Absinthe" — Degas.



Tes quartos filipina, um quarto chinesa. Quinze decimas-sextas partes hawaiana, um décimo sexto de sangue branco. Japonesa pura. São o grupo racial isolado mais numeroso.

HAWAII

CALEIDOSCOPIO DE TIPOS E DE RAÇAS



Coreana pura. Chegam a ser 7.000 em Hawaii. Espanhola pura. Decresceram perceptivelmente a partir de 1915. Tres quartos hawaiana, chinesa e branca em partes iguais.



Portuguesa pura. Os primeiros chegaram em 1870. Esta cantora é acidentalmente filipina com um traço espanhol, Sete oitavos hawaiana, um oitavo chinês.

Os viajantes e os analistas militares que apenas consideram as hulas, as praias de banho e o valor estratégico de Hawaï—fecham os olhos à sua verdadeira significação como perfeito laboratório para observar os efeitos

do cruzamento das raças. Os povos da terra que se encontram nessa ilha encantada estão tranquilamente entrelaçando suas castas em busca duma apuração étnica ideal.

As ilhas, durante um milênio foram

ocupadas pelos polinesianos, até que 300.000 deles foram descobertos pelo capitão Cook em 1778. Hoje os hawaianos puros chegam a 14.000 contra 160.000 japoneses, 150.000 brancos, 52.000 filipinos, 30.000 chineses, outros

numeros menores de varios grupos e 52.000 mestiços nativos oriundos das combinações mais inimagináveis. Estas fotografias foram tomadas pelo biólogo Dr. William W. Krauss, durante sua permanência de seis anos na ilha.



O pai desta criança é indú, a mãe dinamarquesa. Chinesa pura. Os chineses figuram entre os mais primitivos colonos. Hawaiana pura de sangue nobre, uma raridade nos dias de hoje.

estabelecimentos
do Brasil



♦ Fundada há quasi seis lustros, a Casa Anglo-Brasileira, antiga Mappin, moldada nos mesmos princípios das grandes organizações européas ou americanas, é hoje, em São Paulo e no Brasil, um "magasin" que merece ser visitado por todos os viajantes que demandam a capital paulista. Da sua importância e prestígio falam por si as seguintes referências:

♦ Cincoenta e quatro departamentos, sempre repletos das últimas novidades lançadas nos grandes centros de elegância mundial, proporcionam, a uma clientela de elite, a escolha de artigos na melhor qualidade que é possível imaginar-se.

♦ Para delecto ou comodidade do público, a Casa oferece os seus serviços de Restaurante, Chá musical todas as tardes, Livraria inglesa, Salão de cabeleireiro, Salão Elizabeth Arden e Bureau de Turismo e Viagens.

♦ A Casa Anglo-Brasileira mantém, em pleno funcionamento: oficinas próprias e completas de Alfaiateria, Camisaria, Ateliers de Modas, Chapéus, Roupa branca, Roupas infantis e Cintas Rejane, e "studio" para Mobiliários, Tapeçaria e Decorações interiores.

♦ Nesta organização trabalham para cima de seiscentos empregados, havendo intérpretes nos principais idiomas.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores — S. Paulo

SUITE HOLANDESA

GEORGES DUHAMEL

(Da Academia Francesa)



Avenidas e ruas de água são o sinete de Holanda. Este é o canal do Norte que corta a "região das couves".

QUANDO os primeiros odores da primavera atingiram as regiões mais remotas do Paraíso, os anjos Uriel e Zofiel vieram prosternar-se diante de Deus:

— Senhor, disseram eles, é hoje a nossa vez de ir passar alguns dias na terra. Não esqueçais vossa promessa.

Deus permanecia abstrato. Uriel repetiu, após um momento de respeitoso silêncio:

— Lembrai-vos, Senhor: esta viagem será, para mim, a quarta. É uma viagem de estudos documentários. Quanto a Zofiel, o querubim que aqui se acha presente, é a primeira vez que ele vai descer entre os homens. Eu poderia servir-lhe de guia, Senhor, se concordais com este arranjo.

Deus sorriu, sacudiu a cabeça e fez então conhecer sua vontade.

— Partireis ambos esta noite. Uriel, quero que esta viagem, que é a tua quarta jornada, com efeito, a realizes como mendigo cego. Assim não te distrairás com o espetáculo da minha obra; mas teu ouvido perceberá até os mais ternos suspiros dos homens, até os pensamentos que eles formam na solidão e se esforçam em ocultar não somente ao Criador, mas ainda à sua própria consciência. Quanto a ti, Zofiel, goza livremente desta primeira viagem. O acaso será teu guia único. Deveis separar-vos desde a primeira noite e cada um seguir seu caminho. Ide preparar-vos. Tenho dito.

Vinda a noite, os dois anjos trocaram um aperto de mão e a descida começou nas trevas. Foi rápida,



A famosa tela de Frans Halls, "A jovem cigana".

essa descida, mas nem por isso menos longa. Enfim, os dois sentiram passar contra a face, uma brisa quente e fria, rude e suave, doce e amarga uma brisa carregada de perfumes e de acres vapores, de queixas de canções, de silêncio e de tumulto, de angústias e de extase. Uriel disse: "Estamos chegando". Alguns instantes mais tarde, estavam de pé, lado a lado, sobre a terra. Um grande quarto de hora se passou. A aurora do dia surgiu. Uriel era, segundo a vontade divina, um velho vagabundo cego, Zofiel um jovem caminhante.

— Onde estamos? — perguntou o arcanjo.
— Meu irmão, como poderei saber? — respondeu Zofiel. — É a primeira vez que venho ao país dos homens. Vós, Uriel, que conheceis este mundo soberbo já percorrido por nós, porque não tendes estes olhos que não sei como utilizar?

— Irmãozinho, murmurou o arcanjo, explica-me, pelo menos, o que estás vendo.

— Estou vendo uma cidade com um número infinito de casas, torres, abobadas, palácios...



As tulipas formam um tapete indescritível às margens dos canais holandeses, como neste trecho visinho de Barlem.

— Sim, sim, disse Uriel, vê-se isto em toda a terra. Que vês mais?

— Um porto, e milhares de navios fumegando e cantando.

— Ehl! grande Deus!, não adiantamos nada. Continúe.

— Estou vendo deste lado, belas pastagens cortadas de canais e vacas de pelo lustroso, babujando a erva.

— Tenho visto i so, doutras vezes, em todas as partes do globo.

— Aqui perto ha uma pequena fazenda de tijolo; tem um teto de feno cuidado e aveludado como uma pele de castor, um teto que se gostaria de acariciar com a mão, pelo prazer...

— Porque te interrompeste, irmãozinho?

— Estou vendo uma bonita moça na casa



Frans van Wassenhove, de Rembrandt, um dos mais estupendos retratos da pintura universal.

E forte e robusta, tem os braços roliços e cor de rosa...

— Sim, sim. E que está ela fazendo?

— Está limpando as vidraças com um pano. Já os limpou de tal maneira que ha mais de cinco minutos parece estar esfregando o vacuo.

— Irmãozinho, isto está me lembrando alguma coisa. E que é que ela está fazendo agora?

— Está colocando na janela um vaso de cristal. Põe tres flôres de crocus, duas amarelas e uma violeta. Olha as flores com uma grande ternura. Mas, que é que tendes, Uriel? Estais chorando?

— Oh! disse Uriel, enxugando os olhos, tu me estás trazendo á memoria belas recordações! Agora estou bem certo de que nós caímos na Holanda.

Uriel não se enganava. Os dois anjos tinham aterrado na Holanda setentrional. Passearam todo o dia e ao cair da noite se separaram, para obedecer ás ordens do Senhor.

Uriel, anjo e mendigo cego, fez, nos Países Baixos, uma longa e misteriosa jornada de que falaremos talvez mais tarde. Quanto a Zofiel, ficou um mês inteiro na Holanda, vagando de fazenda em fazenda, e de aldeia em aldeia. Passando o mês, Deus chamou Zofiel ao Paraíso.

Zofiel estava ainda cheio de admiração, quando retomou seu lugar entre os querubins. Desde que revestiu as vestes celestiais, apresentou-se deante de Deus.

— Então, meu filho, que tal achaste a terra? perguntou-lhe o Criador.

— Maravilhosa, Senhor! Limpa e bem arranjada, engenhosa e florescente!

— Tudo bonito, meu filho, e os homens?

— Senhor, eles têm o ar de serem felizes e prudentes. São bem vestidos e comem bem.

— Bem, fez o Mestre Supremo, sorrindo. E em que parte do mundo foste cair?

— Senhor, eu vi a Holanda, toda a Holanda, apenas a Holanda.

A estas palavras, o rosto do Senhor se tornou sombrio.

— Ah! Zofiel, disse ele, meu filho, é preciso que voltes á terra e que vejas outros países.

Deus parecia preocupado, descontente. Repetiu:

— É preciso que vejas outros países, para fazeres do mundo uma idéia mais modesta e mais justa.

Zofiel, confuso, prosternava-se ao pé do trono. Murmurou para fazer com que a alegria voltasse á augusta face:

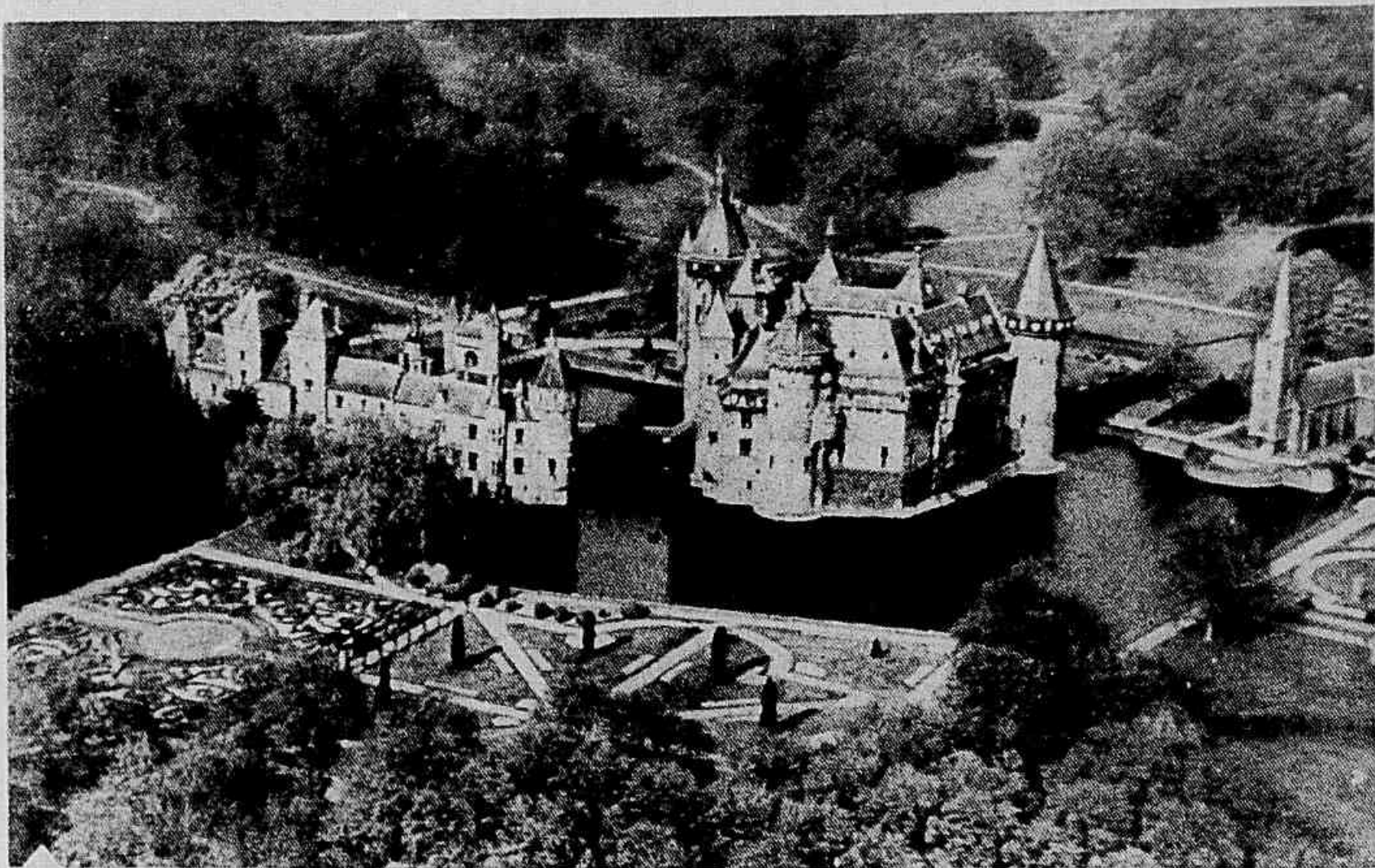
— Senhor, vossa obra é admirável.

Então Deus pôs-se a rir com muita bonhomia.

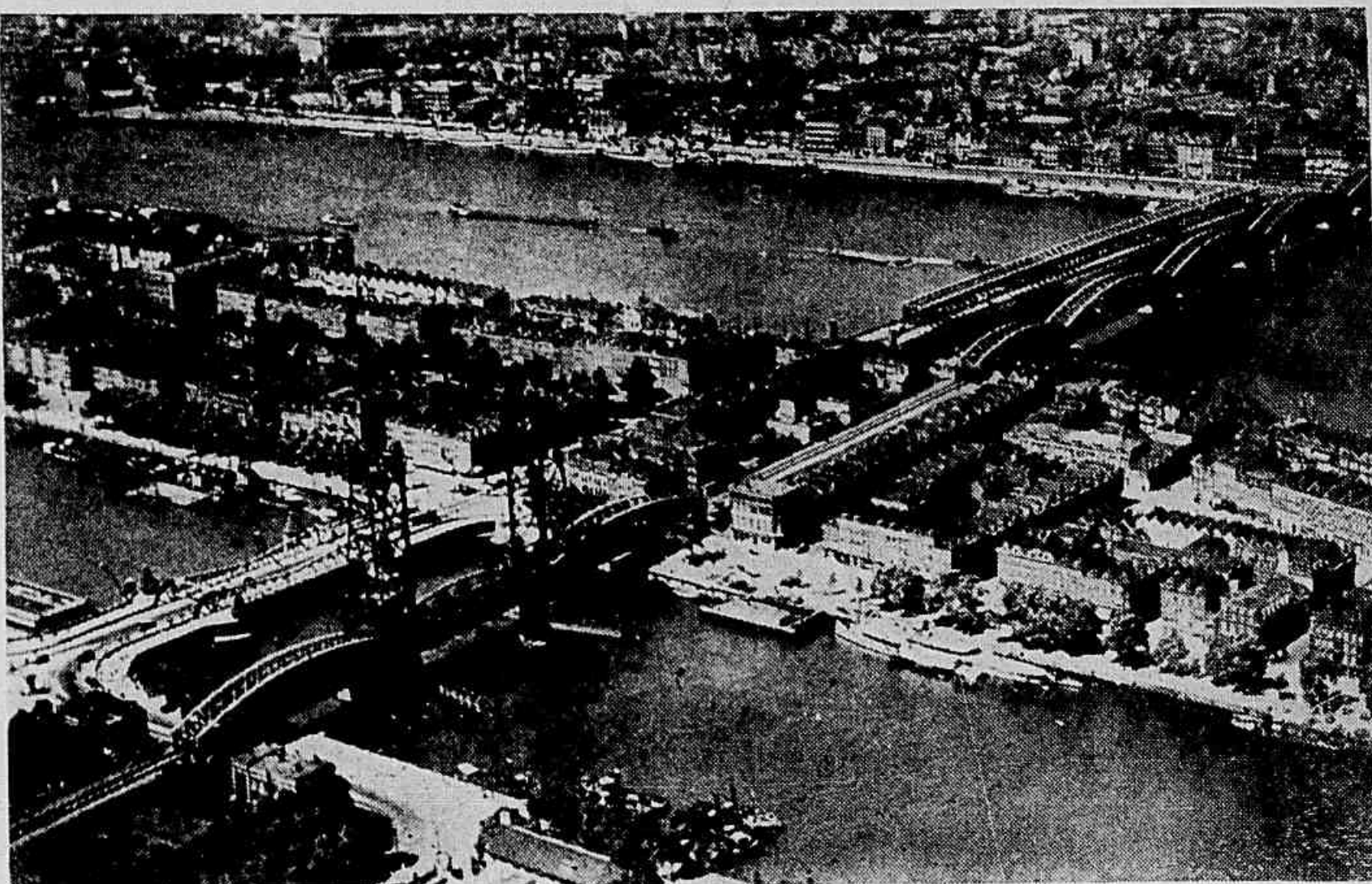
— Levanta-te, Zofiel, disse ele, e vai cantar com os outros. Mas um dia deste eu te mandarei de novo á terra.

Enquanto Zofiel se afastava, Deus soltou um suspiro, levantando os ombros:

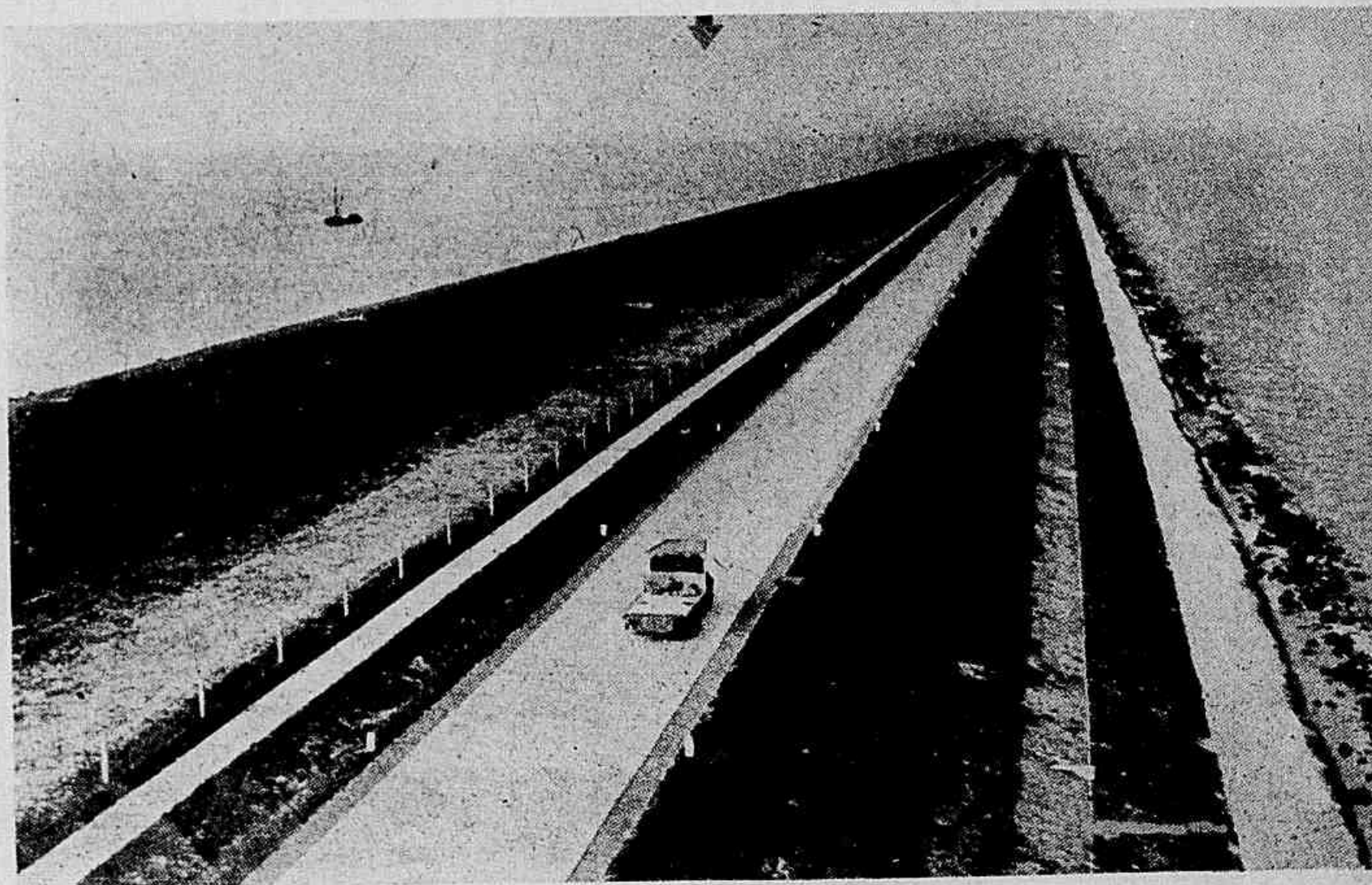
— Ele fala na minha obra! E viu apenas a Holanda. E é o unico país no mundo onde eu não fiz quasi nada.



O castelo de Haar, perto de Utrecht, onde no século XV o famoso Jacoba da Bavaria se retirou para morrer, depois de casar com uma francesa, uma brabantina, uma inglesa e uma holandesa, afim de assegurar, em vão, seu direito ao trono holandês.



Vista aérea de Rotterdam, que os alemães firmemente reduziram a escombros, no mais criminoso dos raides aéreos desta guerra, em que têm sido férteis essas provas de brutalidade nazista.



O dique de Zuiderzee, medindo 32 ks. e construído em 12 anos de trabalho continuo. Separou o mar do Norte de Zuiderzee, transformado em lago desse modo.

GRECIA

ALPHONSE DE
LAMARTINE



O PARTENON, RESTAURADO COM
FUNDOS AMERICANOS EM 1930.

Este sombrio grupo de colinas, promontórios e vales, que o olhar abrange daqui integralmente, como

se fosse uma pequena ilha perdida no oceano, e é apenas um ponto no mapa, tem produzido mais bu-

lha, mais glória, mais brilho, mais virtudes e mais crimes do que continentes inteiros. Este pedaço de ilhas e de montanhas, donde saíram quasi ao mesmo tempo Milcíades, Leonidas, Trasíbulo, Epaminondas, Demóstenes, Alcibiades, Pericles, Platão, Aristides, Sócrates, Fídias; esta terra que devorou os exercitos de dois milhões de homens de Xerxes, que mandou suas colonias a Bizâncio, á Asia, á Africa; que criou ou renovou as artes do espirito e as artes manuais e as elevou, em seculo e meio, a um grau de perfeição em que se tornariam típicas e não seriam mais ultrapassadas; esta terra cuja historia é a nossa historia e de que o Olimpo é ainda o céu de nossa imaginação; esta terra donde a filosofia e a poesia tomaram vôo para o resto do mun-

do, e para onde voltam sem cessar, como filhos que regressam á patria: ei-la. (Voyage en Orient)



UM FRISO VIVO DE JOVENS GREGAS,
DEANTE DO TEMPLO DE NETUNO.



O MARAVILHOSO APOLO DE BELVEDERE,
QUE SE ADMIRA NO VATICANO.

MEDICINA CONTRA O AMOR?

Mais de uma vez, por certo, o leitor terá comprovado, remexendo a gaveta de sua mesa de trabalho ou sua carteira, a existência, em ambos, de uma infinidade de objetos e papéis que não servem mais para nada; entretanto, guardamos, sem coragem de destruí-los. Sempre que o desejamos fazer, a vacilação apodera-se de nosso espírito e acabamos admitindo que essas coisas poderão ser muito úteis num momento inesperado.

A natureza, por seu lado, experimenta igual vacilação, antes de desfazer-se de alguns órgãos que já deixaram de desempenhar qualquer função no conjunto de suas criações. Em tal sentido, nosso corpo se parece um pouco à gaveta de nossa mesa: ele poderia dispensar perfeitamente o apêndice ou a membrana da pupila. Estes órgãos, hoje atrofiados, tiveram em um momento determinado da evolução da espécie, um papel importante, com funções perfeitamente determinadas. Hoje não passando vestígios superfluos que se transmitem de geração em geração, apenas pelo instinto de conservação da natureza.

Semelhante prudência, o zelo que leva a natureza a não eliminar com demasiada ligeireza os órgãos inúteis, é, no fundo, de uma profunda sabedoria, e obedece, na sua essência, a que a natureza tem uma arte inegável para realizar seus desejos. O homem possui no cérebro o vestígio de um velho órgão que já não serve para o fim a que se destinava, mas que está, não obstante, investido de novas funções. Esse corpo, do tamanho de um grão de milho, chama-se glândula pineal ou epífise. Trata-se de um terceiro olho que nossos remotos antepassados teriam na parte posterior do crânio e que ainda subsiste em algumas espécies marítimas.

Por mais surpreendente que isso possa parecer, o homem, em um momento rudimentar da existência, ostentou esse terceiro olho, com um orifício no crânio, dotado de um nervo ótico. No estado embrionário — pois, a natureza fez com que percorressemos mui rapidamente as diferentes etapas da evolução das espécies — esta recordação do terceiro olho é impressionante. Cedo o órgão se atrofiou, mas nem por isso ficou inativo; a natureza, uma vez que não lhe pede visão, encarrega-o de trabalho diferente.

Não é sinão figuradamente que tal órgão continua sendo um olho, uma vez que, na atualidade, seu papel é velar pela inocência das crianças. Uma lei natural quer, com efeito, que antes da puberdade menino permaneça despojado de todo sentimento amoroso. E tal é a função que está reservada ao terceiro olho humano, ou seja, a epífise, provendo o sangue do menino, de certa substância reguladora do crescimento e retardadora dos sentimentos amorosos. Tal subs-

tância, que bem pode ser chamada o hormônio da inocência, está sendo objeto atualmente de pacientes estudos e de aplicações, cujos resultados são cada vez mais surpreendentes.

Muito bem poderia aplicar-se a tudo o que acabamos de dizer, a célebre frase aposta por Schiller à teoria de Goethe sobre a metamorfose das plantas: "Isto não é uma experiência, é uma idéia". Entretanto, de uns tempos para cá, posuimos provas irrefutáveis

sobre a curiosa atividade da epífise. Certo investigador preparou, não faz muito, um extrato das secreções dessa glândula, realizando algumas experiências com ela. Os resultados obtidos em animais adultos foram revelados. Bastaram poucas doses para que esses animais preferissem estar sós. Renunciavam, de bom grado, a qualquer contacto com os de sua espécie e até adoeciam sendo forçados a tal companhia.

Logo, os investigadores chegaram à conclusão de que o único

remédio possível contra os amores desgraçados é a epífise. Uma injeção de epífise aplicada oportunamente apagaria, em um momento, a mais violenta paixão amorosa. Não serão mais possíveis nem as Julietas nem os Romeus, nem os Eros nem os Leandros. E até pode dar-se o caso de que, quando os funcionários pressintam que qualquer Cleópatra está para arruinar o condutor do maior império do mundo, uma droga discretamente ministrada devolva a razão ao cego Marco Antonio e o convença a continuar ganhando batalhas verdadeiras e não as outras.

O futuro do extrato de epífise está, pois, garantido. Como serão as coisas depois que o romantismo acabar? Paciência! O mundo caminha; nós devemos como ele e não como desejaríamos que fosse.

Guarana
Champagne

É UM PRODUTO DA ANTARCTICA

CONTINENTAL

Aqui seu está seu chapéu!

(Serviço especial para
a REVISTA DA SEMANA)

Com o guarda-roupas patrioticamente simplificado edrasticamente racionado, cabe aos chapéus darem cor e vida aos conjuntos do inverno que se aproxima. Uma revista a esta coleção de chapéus sugeridos pelas modistas dos Estados Unidos descobre bastante colorido, originalidade e *oomph*.

São chapéus faceis de manter na cabeça, sem ajuda de elásticos, nem prejuizo para os penteados modernos, mais cuidados do que nunca. Fazem assim lindas molduras para os rostos e convidam a um segundo olhar mais atento do que o primeiro.

O material empregado e as côres não deixam nada a desejar. Marabú, setim, franjas de peles correm parelha com o azul turquesa e o azul real, ou jogam com a gama dos verdes e rosas que são lissonjeiros como lumes de velas. Naturalmente o feltro leva a palma a todos os outros materiais, mas ha também que atentar para belbutinas ponteadas, *suedes*, franjas de fio e até mesmo plumas, para temperar a variada coleção.

E sob o ponto de vista puramente masculino, ha isto a se dizer: os chapéus novos parecem mesmo chapéus e não outra coisa que tivesse vindo com o vento cair em cima de certas cabecinhas gentis.

As fotos destas paginas dão a leitora uma ideia do que vai ser a proxima parada de chapéus.





Lábios

QUE OS BEIJOS AVIDOS PROCURAM...

...ao simples toque do **BATON COLGATE!**

OS homens gostam de lábios que provocam vontade de beijar... Dê aos seus lábios o mágico tom de exotismo tropical com que o Baton Colgate torna seus lábios mais ardentes... mais atraentes e... muito mais *beijáveis*! O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!



**O coração bate...
com BATON COLGATE**



*Elegância e
bom gosto...*

Água de Colonia
RUA DO OUVIDOR

**CUJO PERFUME ENCANTA,
ATRAI E TORNA A PESSOA
INESQUECIVEL.**

MENDEL

Dist. geral — LEONCITO AMBRAN
Av. Rio Branco, 109-4.º — Telef. 23-3947
Em São Paulo — SANTOS NEVES & CIA.
Rua Libero Badaró, 443-5.º — Telef. 2-1046



Variações sobre Copacabana

por THE'O FILHO

N a praia de Copacabana, em frente ao Posto 2, o mar, quando baixa, mostra aos curiosos um pedaço de roda de leme, restos de um veleiro inglês ali encalhado há cerca de vinte anos.

A ponta enferrujada dessa reliquia impõe a presença do navio sossobrado que, recordam-se os moradores do Inhangá, ofereceu aos praiheiros, com a sua lenta agonia, uma festa do espírito — o espetáculo da ressaca a rebentar mastros, vergas de estais, gurupés e querena. Transportava esse barco, do sul para portos do setentrião, um pesado carregamento de milho. Este espalhou-se pela orla da praia, bordou-a de caprichosos rendados topásios, misturou-se com as algas apodreceu, provocou fedentina. Passaram-se os dias passaram-se os anos. As vagas solaparam, a pouco e pouco, a estrutura do navio, alargando-lhe as fendas. A areia procedeu à sua paciente tarefa de aniquilamento. Hoje, apenas resta um arcabouço atravancando na arre-bentação e a sua roda de leme a surdir á flôr das ondas, quando as águas retrocedem, na maré baixa.

O comandante daquela embarcação, calcularam os jornais da época, confundira as luzes da avenida Atlântica, com as do colar diamantino de Botafogo. Parece ter-se averiguado, entretanto, que se desorientou no nevoeiro, na densa neblina que em certos meses de inverno envolve o litoral e provoca os angustiosos apelos de sereia a que se habituaram, pela madrugada, os moradores de Ipanema e Copacabana.

*Qu'il va lentement le navire
a qui j'ai confié mon sort...*

exclamava Beranger, exposto ás mesmas vicissitudes que arrancaram de Malherbe o lamento humaníssimo:

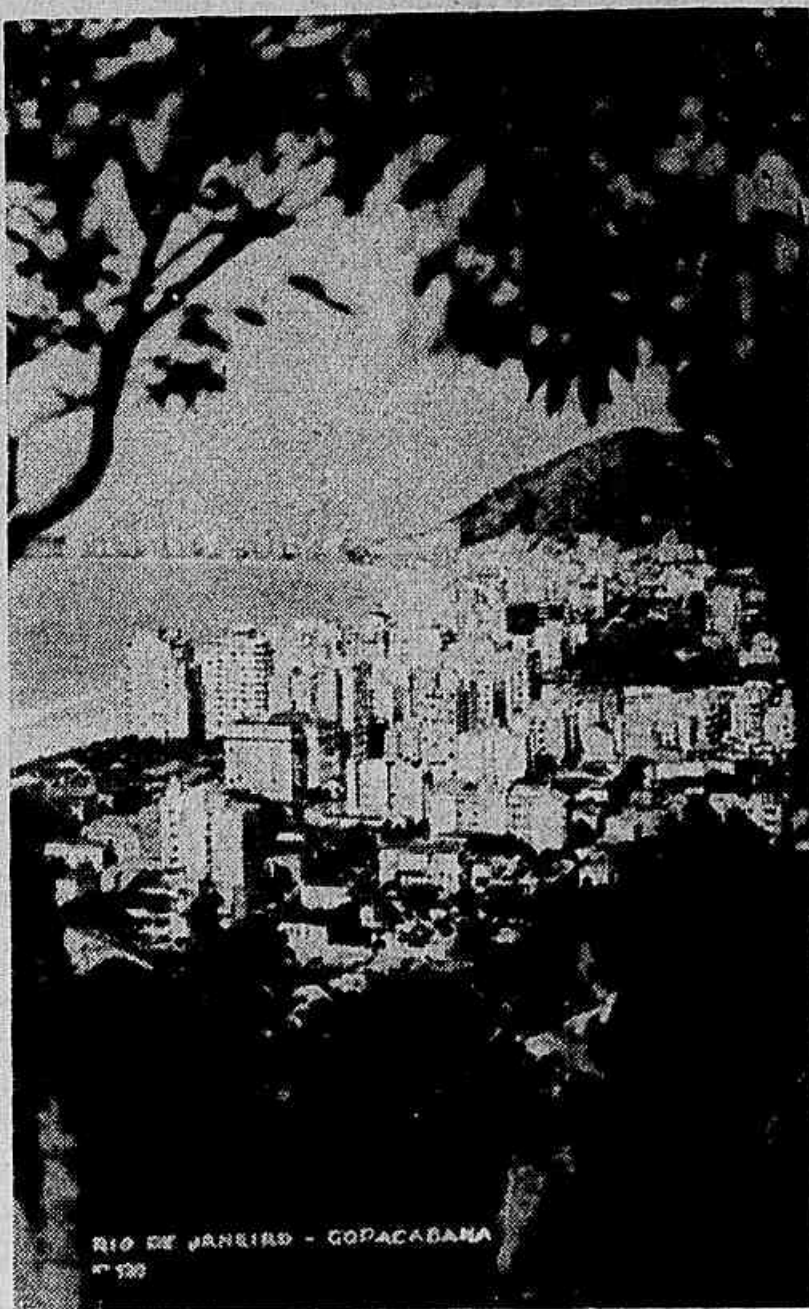
Un homme dans la tombe est un navire au port.

Um homem no túmulo... Um navio no porto... Um veleiro encalhado em Copacabana... Seres desamparados... Quanto coisa a dizer-se, a narrar-se, a romancear-se, quando se observa que Copacabana se transformou em um grande hotel de refugiados europeus, o bairro da preferencia de milhares de vítimas da guerra, fugitivos de todas as latitudes, humilhados e luminosos, e que até o Leme, de tantos hospedes israelitas que acolheu, já não mais se chama Leme. Apenas um pouco mais: Jerusaleme...

Segundo Laudelino Freire, Copacabana quer dizer miradouro do azul. *Copac*, termo de lingua quichua, significa azul. *Cabana*, expressão muito nossa, significa miradouro ou observatório. Esse curioso esclarecimento filológico é digno de ser divulgado. Adotei-o, de elmo erguido, desde recuados tempos. Percorrendo a curva da praia tendida a geito de arco tupi, nada encanta tanto a vista como a exultante fixidez do seu firmamento. Um céu sempre indigo e um mar sempre verde tenro. A Igreja de perfilava-se na extremidade do Arpoador,

numa faceirice de prometida ingênua, apontando, dos rochedos para as nuvens esbatidas, um campanário immaculado e uma flecha de ferro. Nada deve ter entristecido mais aos primitivos moradores de Copacabana que a demolição desse pequenino templo airoso, sempre tão repleto de romeiros e de estetas.

Naquele tempo — digamos há trinta anos — ainda se podia viver em Copacabana com simplicidade e bom tom, apesar das palavras amargas de Gonzaga Duque



COPACABANA

em suas *Graves e Frivolas*: "Os nossos patricios, escrevia êle, citam com orgulho a Copacabana, sem dúvida afirmando que ela é a primeira praia do mundo. Mas, até hoje, ninguém pensou em fazer de Copacabana, distante uns trinta e tantos minutos do centro da cidade, uma praia de banhos. O que ele é, senhores, é um arrabalde á beira mar, agradável, direi mais: um lindo arrabalde surgido das macegas, das restingas e da mata num abrir e fechar d'olhos e que, por ser naturalmente um encantador pedaço de terra carioca, pela baratesa dos primeiros leilões dos seus terrenos, a Prefeitura Municipal concedeu a quem ali quizesse construir, e pela crescente fama das suas águas oceanicas, se tornou

cada vez mais povoado, graças á Companhia Jardim Botânico, que fez trafegar para os melhores pontos da praia os seus carros americanos. Mas, praia de banhos, na accepção particular dada a essa palavra, ela não é. Falta-lhe tudo e principalmente o carater. Não possui nem um cassino, nem um hotel balneario, nem mesmo uma hospedaria cômoda".

De fato, na época de Gonzaga Duque, Copacabana nem de longe acalentava o sonho de imitar *Palm Beach*. Dormia sob pitangueiras e profusão de cajueiros floridos. Aprazia-se em recordar, com ternura, os ananases consolidadores da sua riqueza local e que viajavam em canoas, barra á fóra, até o Saco de João de Souza, hoje enseada de Botafogo, ou sobre o dorso de muare, através das encostas, pelo caminho do Pasmado. A curva depois batisada de Avenida Atlântica tinha um trecho que se chamava praia do Veiga, outro do leme e, finalmente, terceiro, de Copacabana.

Casebres de sapé, bamboleantes, habitados por pescadores solitários, casinhas de folhas de zinco erguidas no Pasmado, nos Cabritos e em Vila Rica, eis as manchas que se podiam observar, de vida humana, na Copacabana de nossos avós. O cidadão já se habituara a procurar a sensação da grande praia, aos domingos, desde o tempo dos imperadores, transpondo o íngreme caminho que coleava, sinuoso, a partir das proximidades do cemiterio de São João Batista.

Quando Cupertino Coelho Cintra quiz perfurar a montanha, para conduzir, pelo tunel, os transvia ao areal, não acreditaram os cepticos na possibilidade de atingir o progresso a rústica amplidão do arrabalde. Mas o tunel abriu-se por força da eterna lei da evolução material e os bondes da Jardim Botânico começaram a trazer, até á rua Gonçalves Dias, onde faziam ponto, o odor da maresia impelida pelo sueste e o ácido das pitangueiras vermelhas do descampado do Leme.

Ergueram-se imediatamente bangalós ao longo da praia e das linhas de carris, até Malvino Reis, hoje praça Serzedelo Correia, daí até á Igreja de São João, e, por fim, até o largo do Ipanema, agora praça General Osório. A *Mere Louise* foi o primeiro sorriso semi-mundano dos bairros sul, afoita precursora dos *Palaces* onde se joga roleta e se mercadeja amor entre whiskie e cocktails.

Nesta hora de guerra Copacabana parece envergonhar-se da simplicidade do seu recente passado. Derubam-se prédios que ainda há dez anos eram vistosos palacetes. O cimento armado desfraldou o seu estandarte de conquista arrojada. A vida encareceu de tal forma que é impossível ao pobre residir á beira do mar!

Copacabana de nossos dias, bairro cosmopolita, caravansará de todas as raças, adquiriu, por tudo isso, e pelo surto de seus rasga-céus, uma significação universal. Nela vejo Ulisses legendários que choram, vencidos, com saudade da pátria e vejo um denso conglomerado de criaturas alegres que não sabem o que hão de inventar para melhor fruir os prazeres balnearios. Nela tudo é novo, é gritante, é intencional.

Assim como o Mediterrâneo, no dizer de Ludwig, é a pátria da Humanidade, para onde o homem torna sempre, como ao ventre materno, assim como o Oeste brasileiro é o caminho do desbravamento das riquezas sonhadas pelos bandeirantes — assim Copacabana revela um sentido de iman oceanico: os entes que a povoam fixam o mar, com melancolica ansiedade, porque vieram de outros continentes, sejam africanos, latinos ou nórdicos, descendentes do homem de Neandertal ou do homem da Rodésia.

Os olhos da nacionalidade voltam-se para o horizonte oriental porque o Brasil veio ao mundo de um milagre do mar. Copacabana é o sentido brasileiro voltado para as audácias da aventura marítima...

PURO E GENUINO MADEIRA "BORGES"



UM NUMERO PARA CADA PALADAR
MADEIRA "BORGES" ♦ MARCA DE QUALIDADE

NEVOA E LUZ DA NORUEGA

RAFAEL ALBERTI

I

Vamos por ele agora, por sobre a sua fúria cheia de sulcos cambiantes e de abissos, vinte anos depois de o ter descoberto, pendente de um prego na parede das primeiras classes, procurando, do alto da ponte do navio, antes que as brumas e a noite baixem para borrifos, as grandes letras de seu nome, que esperávamos, como no mapa do colégio, ver escritas em arco sobre seu ombro. Este é o mar em bruto, com os frios punhos fechados, cegos os olhos cinzentos, patejando sempre contra as rochas mais duras, metendo a cabeça nos troncos por entre os blocos mais unidos das costas, lutando noite e dia para desencravá-las de seu sítio e levá-las para longe. Assim, tal como é, eu o entendi desde as seteiras do Porto e da Ilha, pelas dunas baixas de Rota, entre os pinheiros de Porto Real, Cadiz ao fundo. As neves árticas lhe contagiam a fronte. Nos extremos da sua cabeleira produz-se às vezes um trê-mulo, trazido pela passagem dos ursos polares. Contra os cantos da Noruega e da Jutlândia quebra um ombro e um dos lados, a outra ladeira de seu corpo vai deixando-a sobre as praias da Inglaterra e os riscos da Escócia, da Holanda, da França e da Bélgica se defendem das insurreições de suas plantas, sofrem a cólera de seus pés descalçados. Velhos cadáveres de homens chocam-se perdidos na vertigem de suas correntes contrárias e profundas. Passa do verde-chumbo mais triste ao negro de hulha mais sinistro. Assinou contrato com as névoas e as sombras. Seu domínio cresce com o vento. As chuvas, ao tocá-lo, levantam-no até a altura das nuvens.

— Eh, ruído!

Uma onda saltamos em frente, dobrando nosso barco, que se erque e afunda até deslizar a face de toda a paisagem assomada à borda. Vamos de Rotterdam a Bergen.

— Alerta!
— O mar de Norte.

II

Através da neblina, os carregadores do cais de Stavanger transportam sacos de cereais que os quindastes vão extraindo dos porões obscuros do "Ariadne", recém-desperto. De toda a cidade, das madeiras pintadas de suas casas, sai um cheiro forte a bacalhau seco. O mercado, numa praça pegada mesmo à maré do Nord, está cheio só de ameixas. Frutas, como bolas de neve arroxeada e verde. Presidindo-a, sobre um pequeno pedestal, há um solene cavaleiro de bronze, de sobretudo, chapéu côco e guarda-chuva. Com tanto afino e apertado sob a axila, que o cavaleiro, de perfil, parece atravessado por um estoque. E a estátua de um rei. Dalgum Cristiano romântico de olhos de mares turvos? Não. É a effigie do rei da sardinha. Monumento levantado ao capitalismo pela cidade norueguesa de Stavanger. É isto me dizem agora, quando eu, lúcido, estava imaginando um hino em homenagem ao rei da ameixa.

Anzapot, chove. Com a bruma, não sabemos se Sua Majestade terá aberto o guarda-chuva.

III

São grandes os fjords e desertos. Sua solidão está cheia de naufrágios, de recordes de pescadores perdidos. A qual porta chamar os que, salvos de uma catástrofe marítima, atribuem a suas ilhas peladas, a seus rochedos cortantes, sem amparo? São os patos selvagens saíram a recebê-los, esses mesmos que emigram para os pântanos do Guadalquivir e que Fernando Villalón, poeta e criador da gado, viu voar muitas vezes sobre a garupa negra de seus touros.

Ante Bergen, o céu dos fjords se levanta do mar, rasgando-se. Sobre faixas do azul celeste frio, estiram-se, até deslizar-se, nuvens geladas, como palmas de ar. No pequeno golfo, cabeceiam, refugiadas, alguns barcos baleeiros.

Dois veleiras minúsculas navegam em direção contrária, cortando seus rastros de nossa viagem. Heróicos, antigos "vikings", em galetas não maiores, baixaram da Espanha, fundando no sul uma colônia ártica de gelos.

IV

Em Bergen, a vida e os gostos das pessoas da cidade deliveram-se. Em suas vitrines, vêem-se os manequins mais fora de moda. Usam chapéu côco, mas cheiram a bacalhau. Esta essência os distingue dos noruegueses do interior, que, na sua maioria, são pequenos e grandes, exalam um cheiro sadio a odor de ovelha ou leite de cabra. Ao embarcar, numa praça do porto, contra um fundo de mastros e de enxarcias imóveis, uma reunião de guarda-chuvas abertos assiste à prática aborrecida dum jovem estudante. Como ele, de luto, franja no braço estriada de vermelho, outros dois, as mãos transbordantes de pequenas Bíblias, esperam uma pausa do improvisado sermão de rua, para vendê-las entre os úmidos fiéis transeuntes. Chegando ao hotel, numa rua próxima do guarda-roupas, a Sagrada Bíblia também. E o mesmo santo livro, sob os dedos com saliva noturna, outra vez em casa, sobre a mesinha da noite, junto à cabeceira da cama. Bíblias! Bíblias por todas as partes e em norueguês! Que angústia! Fugindo ao Senhor, baixamos para nos perdermos em compridos becos de madeira, sem saída, ainda mais estreitos do que os de Génova e de Toledo, cruzados de escadas retumbando com as grandes botas dos trabalhadores, cortadas à altura dos joelhos. Pelas janelas baixas saem barris e um bafo apertado de bacalhau podre, que nos faz voltar de novo, com o estômago nos olhos, à névoa do cais.

Anolhecido, transfigurado Bergen numa escala de luzes subidas pelos montes, encontramos Bjorson. Ia por uma praça deserta, como um antigo explorador extraviado na bruma. Parecia dirigir-se ao Cabo Norte, em busca dos desaparecidos entre as névoas do Polo.

V

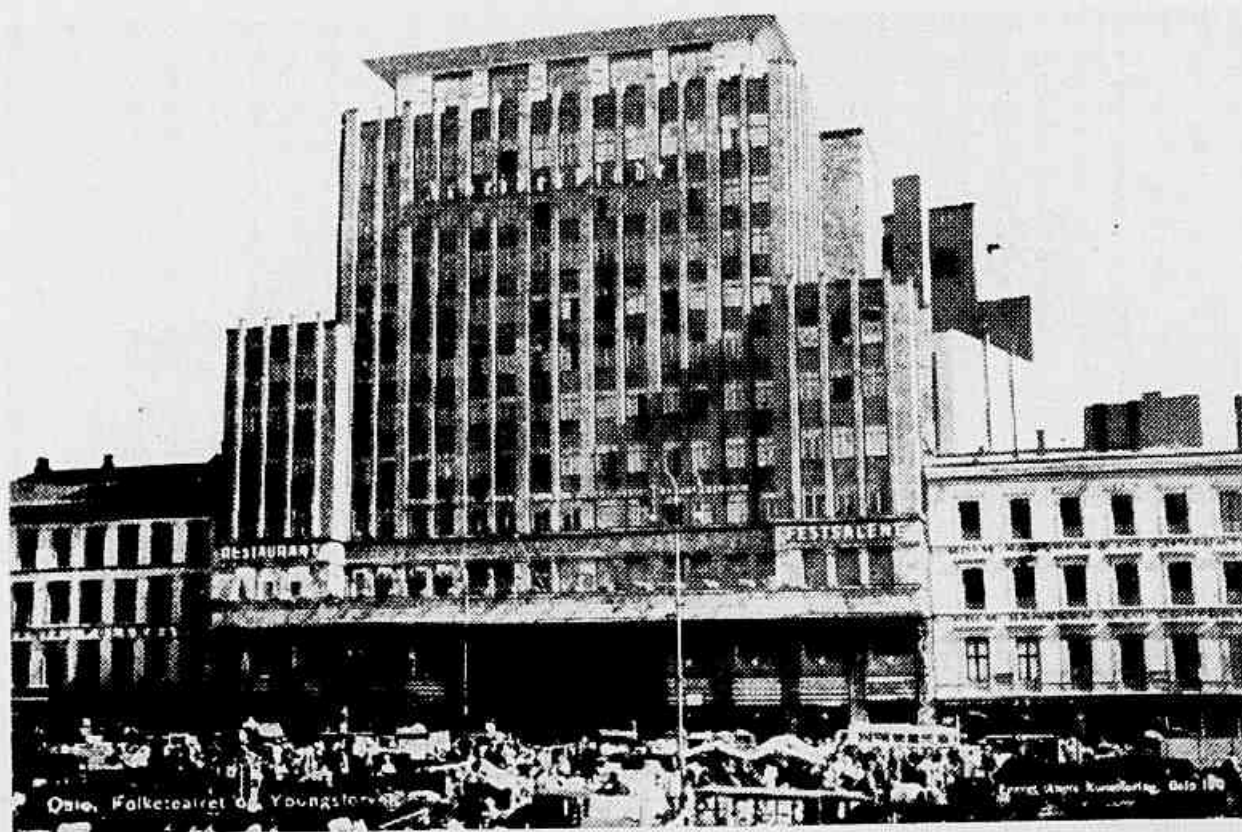
No rumo de Oslo, o trem sobe a dois mil metros, galgando as montanhas e os primeiros lagos gelados. Depois do Natal, costumam sempre baixar até aqui os patinadores da lua.



Um dos milhares de fjords escandinavos: Trollfjorden.



Uma igreja de madeira norueguesa trazida do interior para o Museu Popular de Oslo.



Um prédio moderno em Oslo. O estilo predominante nos novos edifícios é o desta foto.

NEVOA E LUZ DA NORUEGA

RAFAEL ALBERTI

I

Vamos por ele agora, por sobre a sua fúria cheia de sulcos cambiantes e de abismos, vinte anos depois de o ter descoberto, pendente de um prego na parede das primeiras classes; procurando, do alto da ponte do navio, antes que as brumas e a noite baixem para borrá-las, as grandes letras de seu nome, que esperávamos, como no mapa do colégio, ver escritas em arco sobre seu lombo. Este é o mar em bruto, com os frios punhos fechados, cegos os olhos cinzentos, patejando sempre contra as rochas mais duras, metendo a cabeça aos trancos por entre os ôcos mais unidos das costas, lutando noite e dia para desencravá-las de seu sítio e levá-las para longe. Assim, tal como é, eu o entrevi desde as seteiras do Porto e da Ilha, pelas dunas baixas de Rota, entre os pinheiros de Porto Real, Cadiz ao fundo. As neves árticas lhe contagiam a fronte. Nos extremos de sua cabeleira produz-se às vezes um frêmito, trazido pela passagem dos ursos polares. Contra os cantos da Noruega e da Jutlândia quebra um ombro e um dos lados, a outra ladeira de seu corpo vai deixando-a sobre as praias da Inglaterra e os riscos da Escócia, da Holanda, da França e da Bélgica se defendem das insurreições de suas plantas, sofrem a cólera de seus pés desatados. Velhos cadáveres de homens chocam-se perdidos na vertigem de suas correntes contrárias e profundas. Passa do verde-chumbo mais triste ao negro de hulha mais sinistro. Assinou contrato com as névoas e as sombras. Seu domínio cresce com o vento. As chuvas, ao tocá-lo, levantam-no até a altura das nuvens.

— Eh, cuidado!

Uma onda salta-nos em frente, dobrando nosso barco, que se ergue e afunda até desfigurar a face de toda a paisagem assomada à borda. Vamos de Rotterdam a Bergen.

— Alerta!

— O mar do Norte.

II

Através da neblina, os carregadores do cais de Stavanger transportam sacos de cebolas que os quindastes vão extraindo dos porões obscuros do "Ariadne", recém-desperto. De toda a cidade, das madeiras pintadas de suas casas, sai um cheiro forte a bacalhau seco. O mercado, numa praça pegada mesmo à margem do fjord, está cheio só de ameixas. Frias, como bolas de neve arroxeadas e verde. Presidindo-a, sobre um pequeno pedestal, há um solene cavaleiro de bronze, de sobretudo, chapéu côco e guarda-chuva. Com tanto afínco o aperta sob a axila, que o cavaleiro, de perfil, parece atravessado por um estoque. E' a estátua de um rei. Dalgum Cristiano romântico de olhos de mares turvos? Não. E' a efígie do rei da sardinha. Monumento levantado ao capitalismo pela cidade norueguesa de Stavanger. E isto me dizem agora, quando eu, iludido, estava imaginando um hino em homenagem ao rei da ameixa.

Ao zarpar, chove. Com a bruma, não sabemos se Sua Majestade terá aberto o guarda-chuva.

III

São grandes os fjords e desertos. Sua solidão está cheia de naufrágios, de recordações de pescadores perdidos. A qual porta chamar os que, salvos de uma catástrofe marítima, arribam a suas ilhas peladas, a seus rochedos cortantes, sem amparo? Só os patos selvagens sairiam a recebê-los, esses mesmos que emigram para os pântanos do Guadalquivir e que Fernando Villalón, poeta e criador de gado, viu voar tantas vezes sobre a garupa negra de seus touros.

Até Bergen, o céu dos fjords se levanta do mar, rasgando-se. Sobre faixas de um azul celeste frio, estiram-se, até desfazer-se, nuvens geladas, como palmas de ar. Num pequeno golfo, cabeceiam, refugiados, alguns barcos baleeiros.

Duas veleiras minúsculas navegam em direção contrária, cortando seus rastros os de nossa viagem. Heroicos, antigos "vikings", em galeras não maiores, baixaram até a Espanha, fundando no sul uma colônia ártica de gelos.

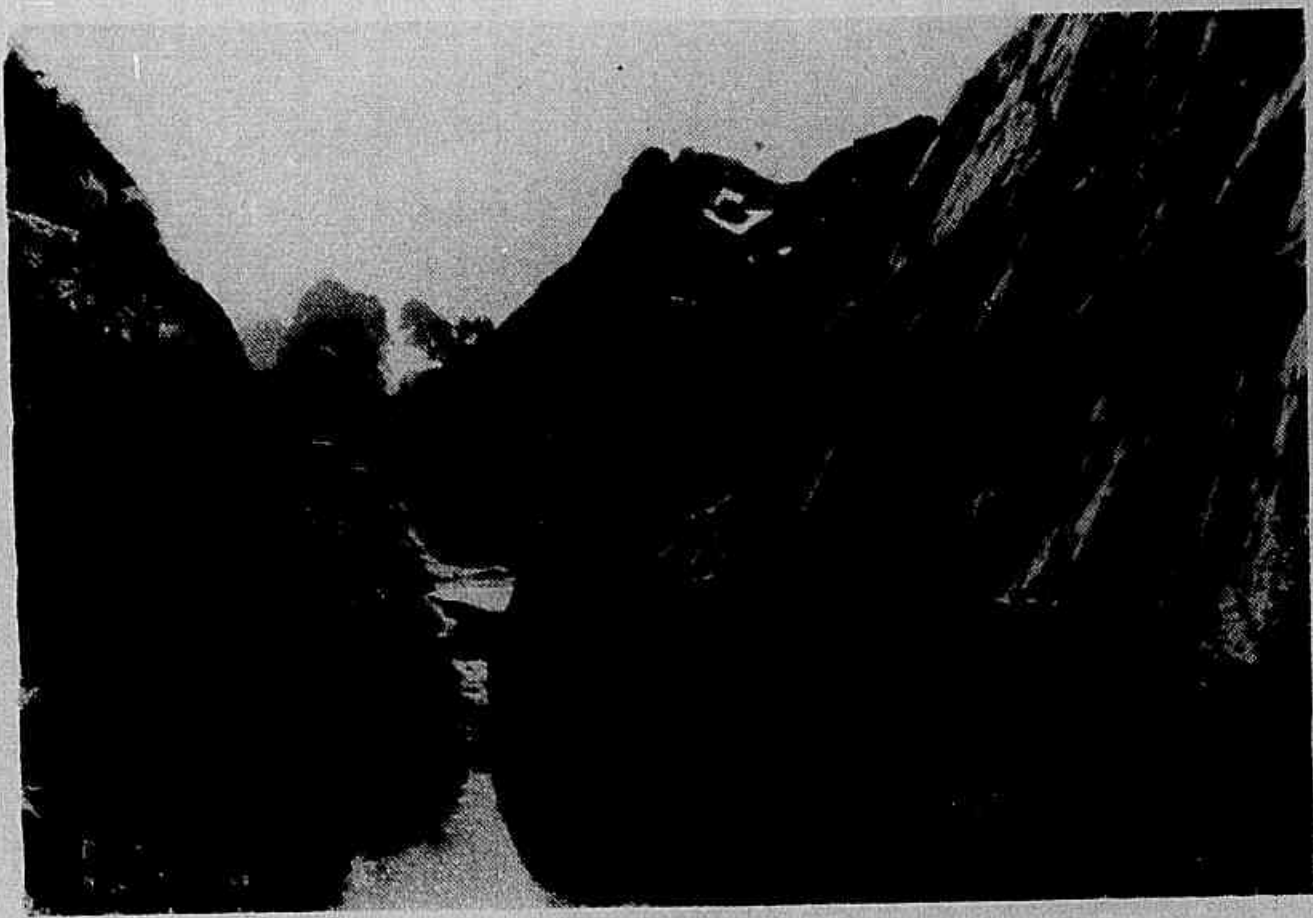
IV

Em Bergen, a vida e os gostos das pescas da cidade detiveram-se. Em suas vitrinas, vêem-se os manequins mais fora de moda. Usam chapéu côco, mas cheiram a bacalhau. Esta essência os distingue dos noruegueses do interior, que, na sua maioria, pequenos e grandes, exalam um cheiro sadio a olor de ovelha ou leite de cabra. Ao desembarcar, numa praça do porto, contra um fundo de mastros e de enxarcas imoveis, uma reunião de guarda-chuvas abertos assiste à prática aborrecida dum jovem protestante. Como ele, de luto, franja no braço estriada de vermelho, outros dois, as mãos transbordantes de pequenas Bíblias, esperam uma pausa do improvisado sermão de rua, para vendê-las entre os úmidos fléis transeuntes. Chegando ao hotel, numa mesa próxima do guarda-roupas, a Sagrada Bíblia também. E o mesmo santo livro, sujo de dedos com saliva noturna, outra vez em casa, sobre a mesinha da noite, junto à cabeceira da cama. Bíblias! Bíblias por todas as partes e em norueguês! Que angústia! Fugindo ao Senhor, baixamos para nos perdermos em compridos becos de madeira, sem saída, ainda mais estreitos do que os de Gênova e de Toledo, cruzados de escadas retumbando com as grandes botas dos trabalhadores, cortadas à altura dos joelhos. Pelas janelas baixas saem barrís e um bafo apertado de bocalhau podre, que nos faz voltar de novo, com o estômago nos olhos, à névoa do cais.

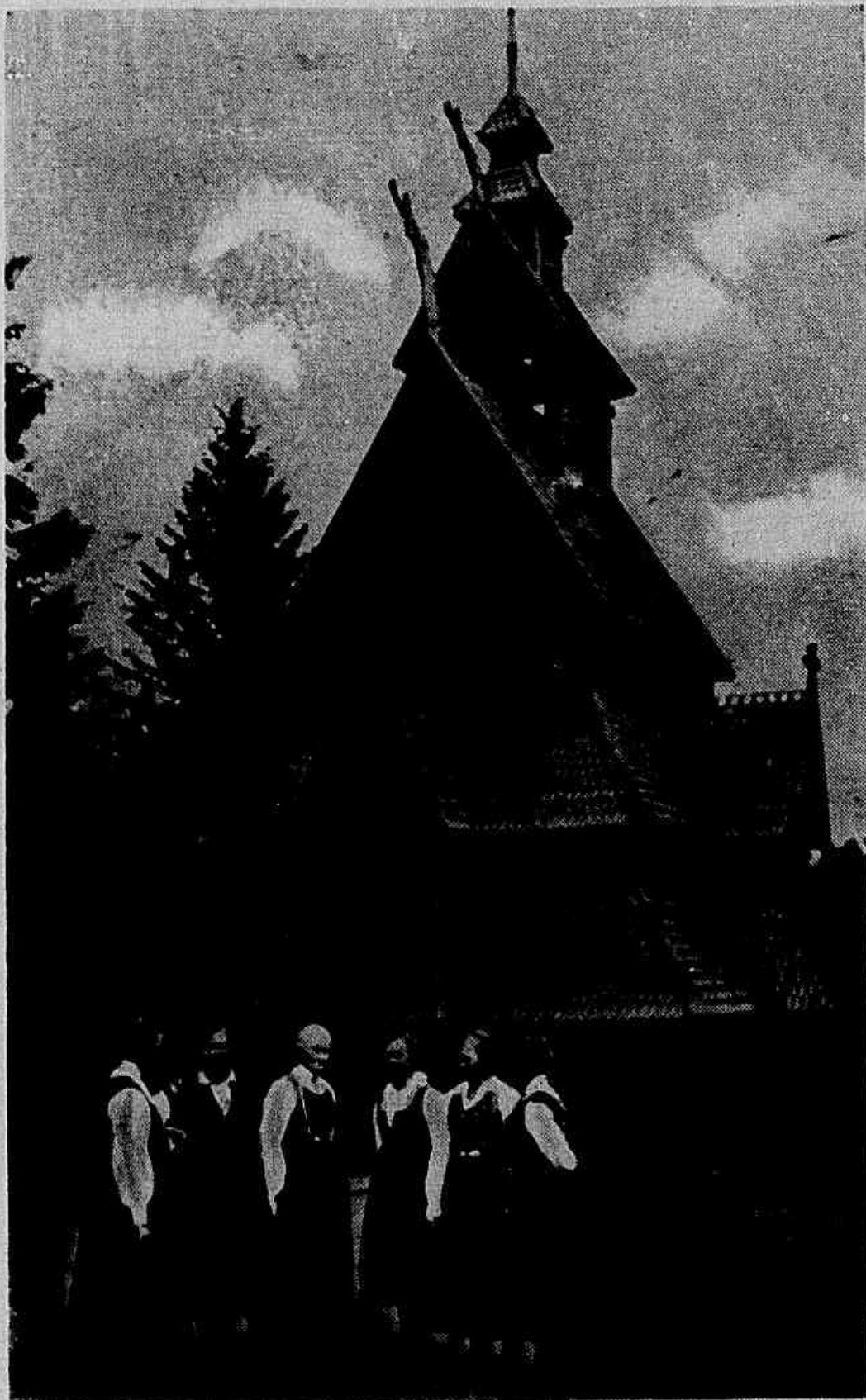
Anoitecido, transfigurado Bergen numa escala de luzes subidas pelos montes, encontramos Bjorson. Ia por uma praça deserta, como um antigo explorador extraviado na bruma. Parecia dirigir-se ao Cabo Norte, em busca dos desaparecidos entre as névoas do Polo.

V

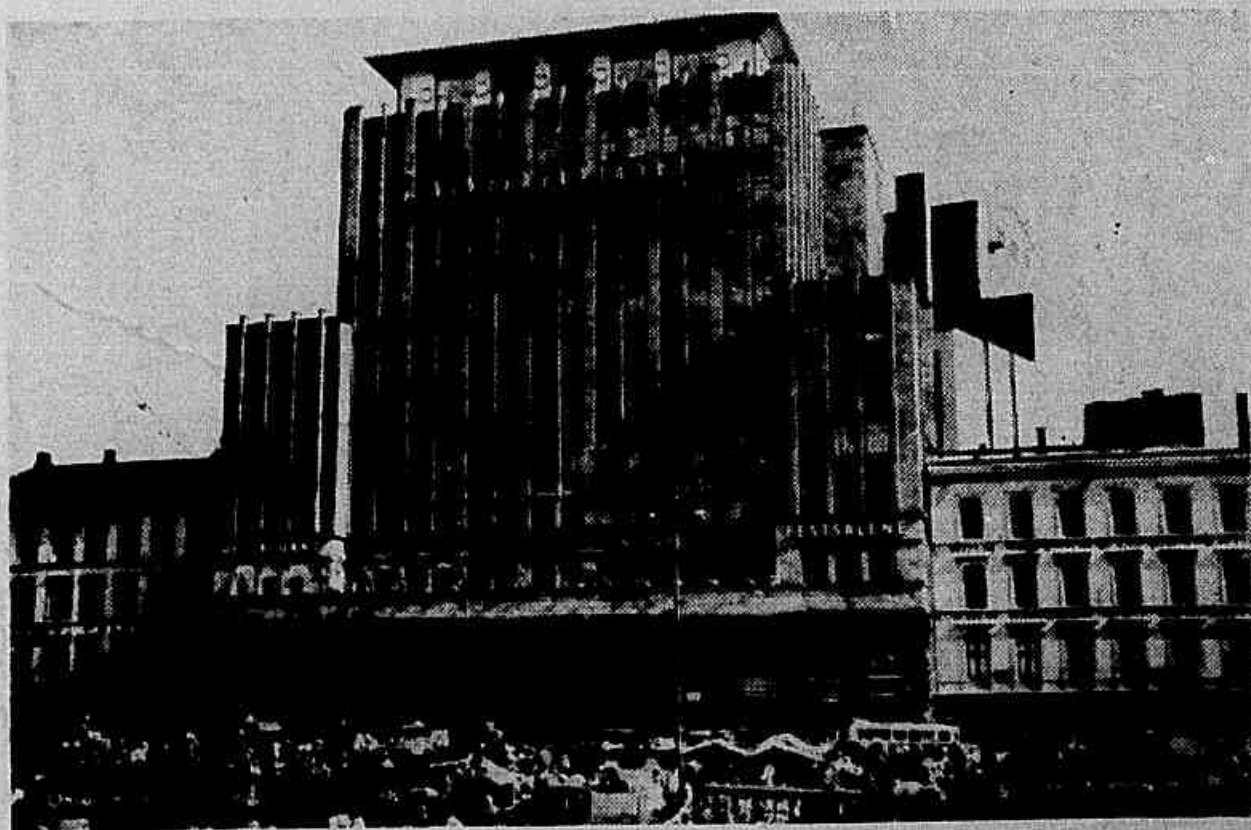
No rumo de Oslo, o trem sobe a dois mil metros, galgando as montanhas e os primeiros lagos gelados. Depois do Natal, costumam sempre deixar até aqui os patinadores da lua.



Um dos milhares de fjords escandinavos: Trollfjorden.



Uma igreja de madeira norueguesa trazida do interior para o Museu Popular de Oslo.



Um prédio moderno em Oslo. O estilo predominante nos novos edifícios é o desta foto.

ALMA IMORTAL

ro e tem fé em seu destino. Tenho prova disso na emoção que sacudiu o mundo ante as notícias do levante da população de Saint Nazaire contra os alemães, depois que os comandos britânicos desembarcaram. E não foi a França, toda a França que se prestou homenagem pela heroica resistência de Bir Hacheim, onde os soldados franceses se cobriram de glória, como seus irmãos americanos de Bataan e Corregidor?

Eis — disseram — a França real, quando falaram de Saint Nazaire e de Bir Hacheim ou dos reféns que tombam na França ante os pelotões de fuzilamento. Ou reações tão profundas quanto estas não têm sentido, ou significam que, aos olhos do mundo, a França ainda permanece na guerra com aqueles, dentre seus filhos, que continuam a lutar. A alma da França não podia participar das evasões, compromissos, trocas e negociações de alguns políticos e chefes militares da metrópole ou das colônias, nem tão pouco ter parte no derrotismo desses líderes cobardes que repetem diariamente ser a França uma nação vencida.

“A França perdeu uma batalha; não perdeu a guerra”. Disse-mo-lo em junho de 1940. Esta é uma guerra universal e a ela se prende o destino da humanidade. Como poderia a França ausentar-se dela? Justificar os que tentam afastá-la, encorajá-los, é entregar à corrupção a alma francesa, sinão a sua perdição.

O mundo não pode sofrer o eclipse da radiação que era a França, sem irreverência para com o passado ou despreocupação para com o futuro.

Cada nação contribuiu, de acordo com seu gênio peculiar, ao progresso da humanidade. Nessa contribuição revelam-se as qualidades da sua alma. Os leitores americanos não levarão a mal que, perante a angústia de seu país, um francês procure evocar a especial qualidade que é a um tempo o destino e a dignidade da França.

Talvez a característica mais saliente do gênio francês seja sua aspiração ao universal, seu poder de discernir e formular princípios, regras e objetivos que possam ser oferecidos aos homens, como um dom livre retirado da colheita de seu pensamento e experiência. Duas vezes pelo menos, em instantes supremos da história, a França chefiou um vasto movimento da humanidade, nas Cruzadas e na Revolução — um vez pelo evangelho de Cristo, outra pelo evangelho da liberdade.

O eco da voz que se ergueu das nossas plagas, há um século e meio, ainda não silenciou.

“O”, penso que o vento do oriente nos trás u’a marcha livre e triunfal, Já chega até mim, já me lança num alegre delírio”

Assim clamava vosso grande poeta Walt Whitman no seu poema “França”. Tres palavras cujas mágicas ressonâncias ainda abalam o mundo. Quando os cúmplices de Mussolini e Hitler se arremessaram ao poder sobre o corpo ultrajado da França manietada de pés e mãos pelo inimigo, tentaram negar a imortal legenda e ressurgir o passado morto. A consciência do mundo respondeu: Isto não acontecerá.

Foi o Presidente Roosevelt quem lembrou a Vichy que a verdadeira França, a seus olhos, era a França da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. O significado destas palavras para os franceses patriotas é que a contribuição da França ao mundo é demasiado preciosa para que o mundo se acostume a sua ausência.

E’ impressionante que esse aviso parta da América, do país de Franklin, Jefferson e Washington. Foram a França e a América que estiveram lado a lado no berço da liberdade, e juntas formularam os princípios da democracia, e entre os homens que fundaram nossas repúblicas fluía uma corrente constante de influência e pensamento.

Justiça e tolerância, não menos que liberdade, têm uma dupla pá-

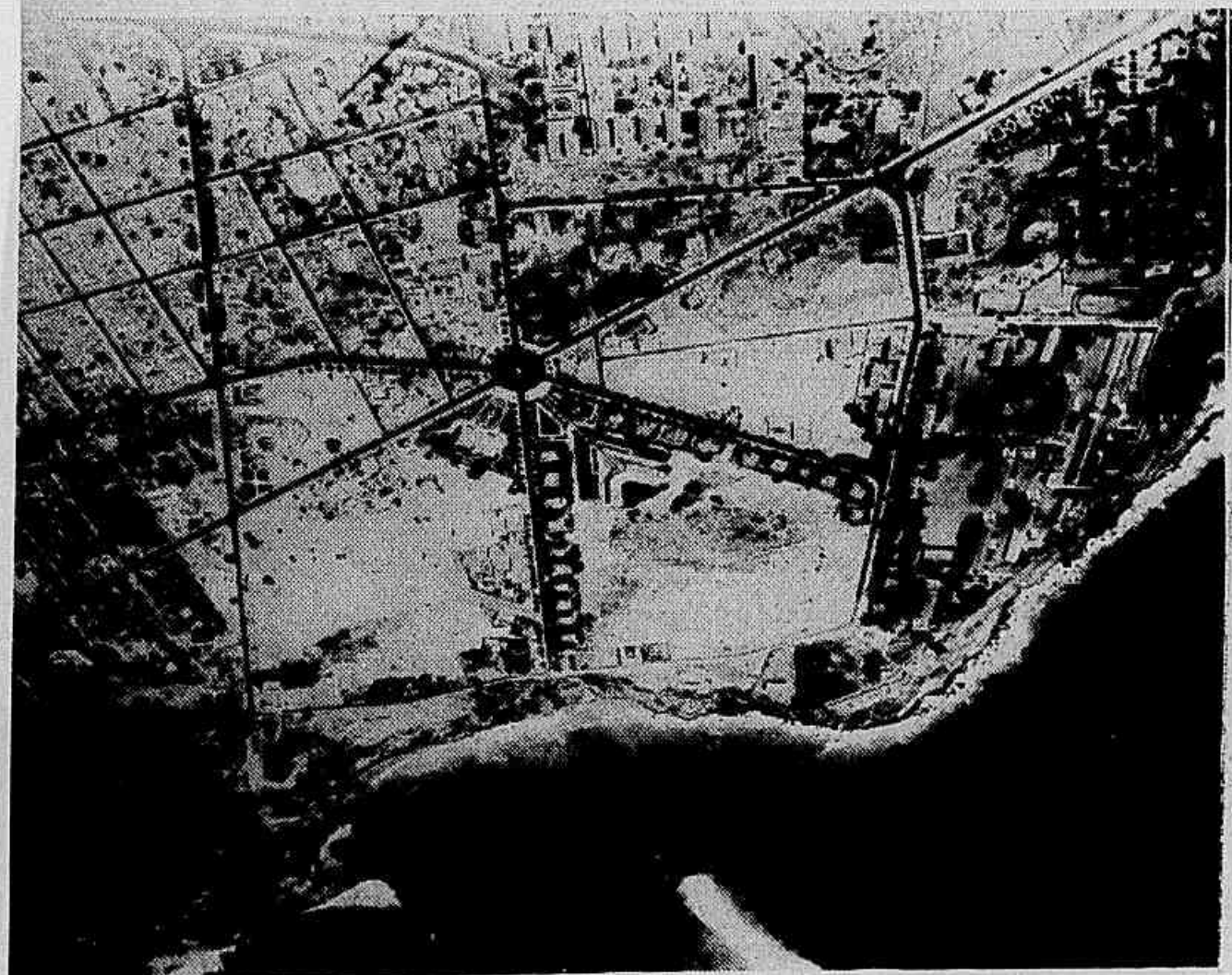


Torre Eiffel, verdadeiro sinete de Paris.

SI for verdade, como eu penso, que as nações, semelhantes aos indivíduos, têm uma alma, uma consciência e uma missão, daí deduzimos que ha deserções e repudios que nenhum “sagrado egoísmo”, como lhe chamam, pode justificar.

E’ por esta razão que aqueles cuja preocupação é a alma da França e a integridade de sua consciência, que estão convencidos da continuidade de sua missão imortal não reconheceram e jamais reconhecerão a capitulação de Junho de 1940.

Esta é a atitude dos franceses patriotas. Este é o sentimento, articulado ou não, de todo homem, quem quer que seja, que mantenha o olhar voltado para a França, que ainda tenha esperança em seu futu-



As colônias francesas: Vista aérea de Dacar.



A França heroica: Praça do Mercado Velho, em Rouen, onde foi queimada Joana d’Arc.

DA FRANÇA

Do General CHARLES DE GAULLE

tria — a América e a França. Agora que na França um governo usurpador prende e condena inocentes, persegue homens, mulheres e crianças por suas idéias, raça ou religião, como poderá o povo americano encarar tudo isto a não ser como a antítese da verdadeira França?

Exatamente por serem a justiça e a tolerância o cerne da alma francesa, seu genio pode exprimir-se tanto pela pena de Voltaire, como pela voz de Lammenais. Mas Vichy, essa caricatura da França, tolera apenas uma espécie de pensamento, faz da opinião um crime, revive a "lettre de cachet", e obriga a juventude a marchar a passo de ganso. A França combatente guarda em seu coração o crente e o descrente — homens cujas idéias se chocavam em agudo conflito antes da guerra e que combatem agora, lado a lado, pela pátria comum.

Liberdade, justiça, tolerância e igualdade de direitos — estas são as concepções comuns a ambos os nossos povos e inscritas por cada um deles, durante a mesma época, nas suas Declarações de Direitos. Estas concepções devem inspirar a futura carta do mundo. Ontem definíamos juntos os princípios da democracia política. Amanhã a tarefa deverá ser o preenchimento dos seus objetivos sociais.

Do papel que será desempenhado pelos Estados Unidos dependem tremendos destinos — não só em virtude de seu poder, mas porque, pela primeira vez, sósinho, proclamou em sua Declaração da Independência que a busca da felicidade é o direito inalienável de todo ser humano. A "libertação da necessidade" pedida pelo Presidente Roosevelt é um desenvolvimento lógico daquele direito. Será com paixão que o povo da França, sempre ávido de progresso social, trabalhará para tal objetivo. Mas, si a colaboração da França tem de ser ardente e efetiva, deve ser capaz de oferecê-la em consciencia de seu próprio valor, de sua própria grandeza; em outras palavras, como aliada que partilhou tanto do trabalho como do triunfo.

Perverter a alma da França tem sido um dos principais objetivos de Hitler. Que triunfo para as forças do mal, si depois de tomar posse física da França, despojando-a e desmembrando-a, pudesse tornar-se o senhor de sua alma! Que conquista para o Eixo si a França de Descartes e Pascal, de Pasteur e dos Curies aceitasse o evangelho do "Mein Kampf"!

Para esta obra de corrupção Hitler foi bastante astuto empregando aqueles líderes da França responsáveis pela capitulação de 1940 e que deviam encarar uma vitória alemã como o unico meio de camuflar seus crimes. Mas, si conseguiu encontrar entre classes governantes homens que não cumpriram seu dever, o povo da França, os humildes, os trabalhadores, com a superior intuição, a lógica e o sentimento de justiça que lhe são peculiares, nunca se deixou ludibriar.

Encostai vosso ouvido ao chão, escutai o povo de França. Lêde as cartas que escapam á censura. Sabemos o que os franceses estão pensando, o que murmuram em suas casas, nas ruas, fábricas e mercados.

Ouvi o grito da mulher de Billancourt — que aqui e acolá se repete — permanecendo entre as ruínas de seu lar bombardeado pela Royal Air Force:

"Não importa, si apressa o dia da nossa liberdade"

A presença do inimigo detestado em dois terços do território francês tem conservado acêsa a chama do ódio e da revolta. Além disso, os falsos clamores da chamada revolução nacional foram desmascarados pela servilidade e impotencia do regime de Vichy. A tenacidade britânica no exterior, depois a entrada da Rússia na guerra, e finalmente a entrada dos Estados Unidos, encorajaram os corações, e convenceram os espíritos franceses de que a capitulação não era só um crime, mas uma mentira.

Muito antes, porém, encontraram-se franceses que haviam realizado fugas perigosas da opressão dos alemães e dos seus colaborado-

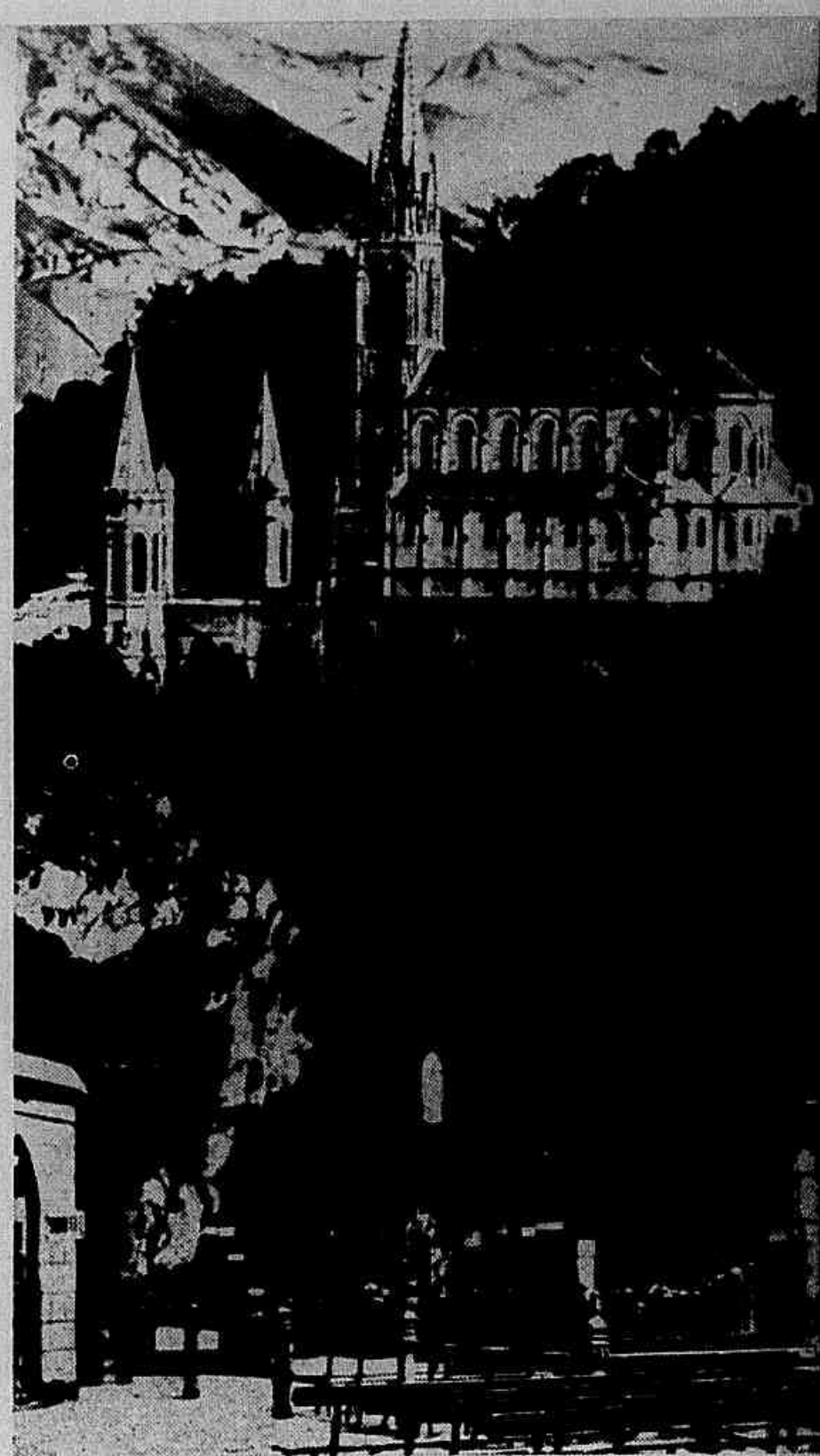
res, e que logo foram apoiados por uma grande parte do império; estes homens, de Junho de 1940 em diante, continuaram espontaneamente a luta pela redenção de seu país. Foi isto que ressuscitou do tumulto o orgulho e a esperança da pátria.

Para os nossos conterrâneos abalados e descrentes esta França combatente trouxe a coragem necessária num momento de humilhação e derrocada. Fê los sentir que a França prisioneira ainda responde á chamada no campo da liberdade.

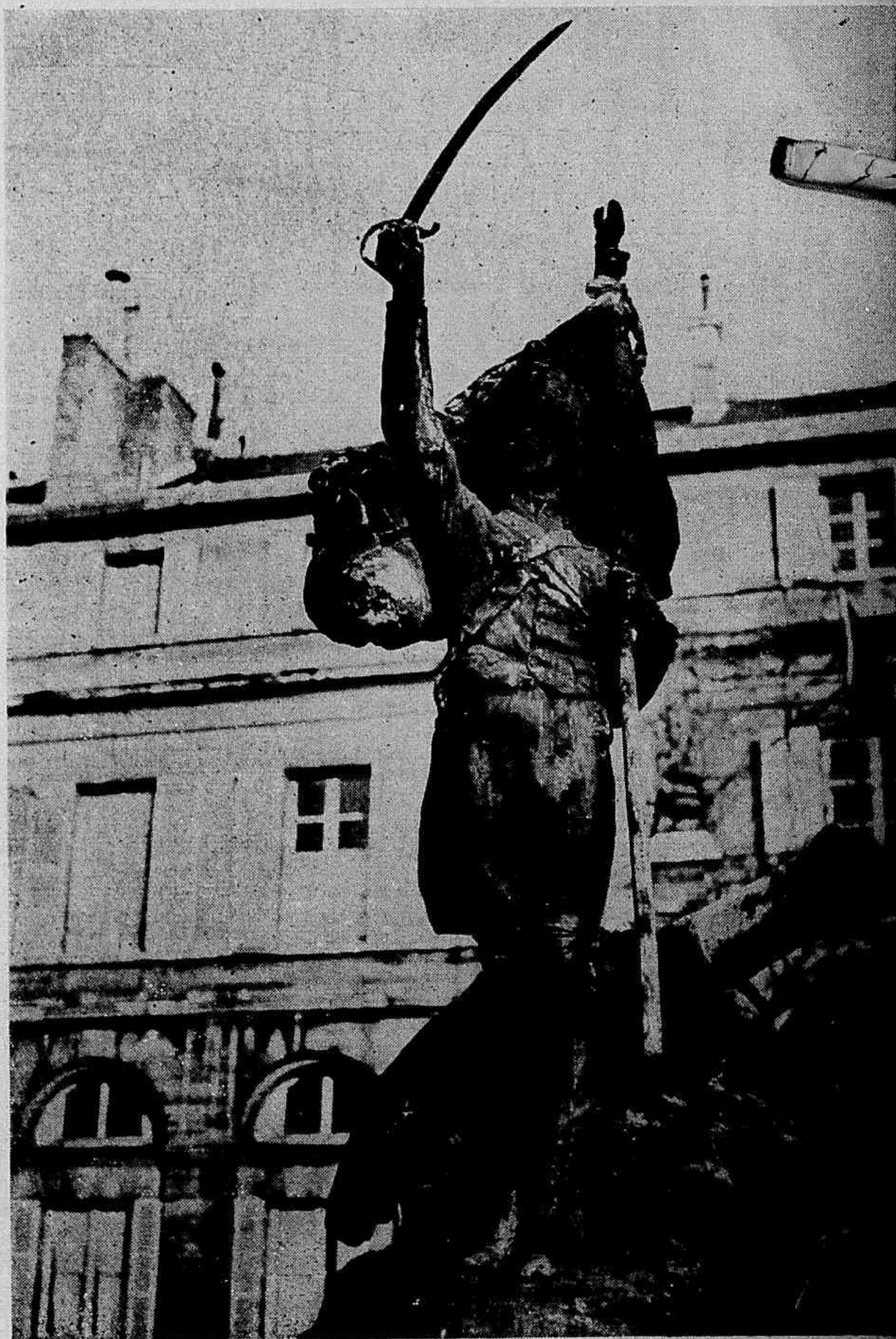
E' para estes combatentes que se voltam todos os franceses que ainda guardam fé em si mesmos. E' sua obra, sua apenas, o fato de constituir o inimigo, para a grande massa dos franceses o inimigo; os traidores, traidores e os aliados serem ainda os aliados. Para esta grande massa de homens é a França livre e combatente que simbolisa seu país, e defende sua herança, espiritual e material, através do mundo.

A França combatente, porém, necessita da amizade de seus companheiros d'armas. Si seus próprios aliados lhe derem uma fria acolhida ela se sentirá duas vezes solitária.

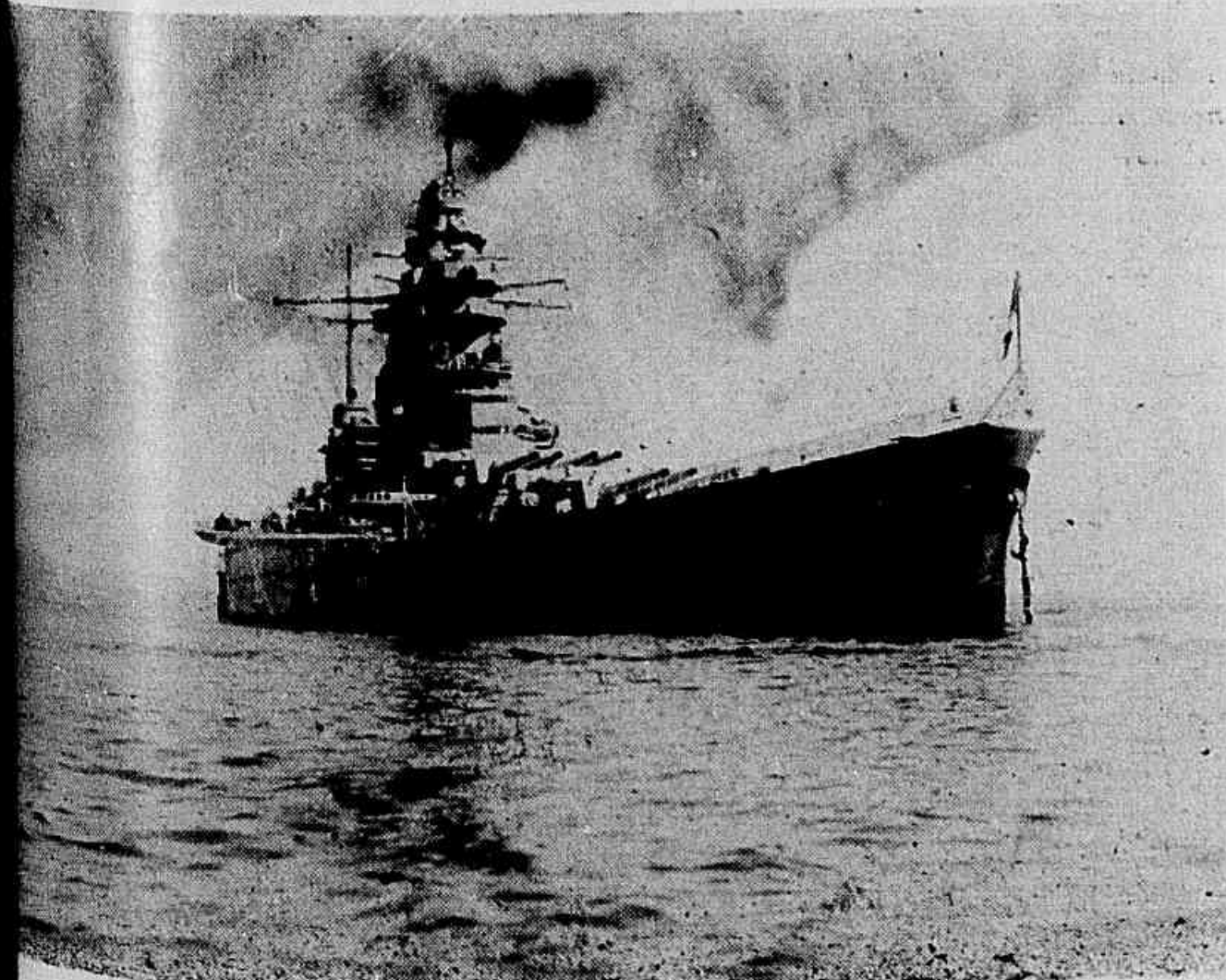
Na luta que se desenrola pela vida ou pela morte da civilização, cada pensamento, cada alma crente se volta para a América, vendo nela, não só uma grande potencia material, mas, sobretudo, uma grande força moral. Na história dos fracassos do mundo, é sua vez agora de ratificar a grande aliança das almas das nações contra os novos bárbaros. Praza a Deus que a nação americana compreenda que a alma da França não está com os senhores da abjeção e da tirania, mas com os servidores das liberdades humanas.



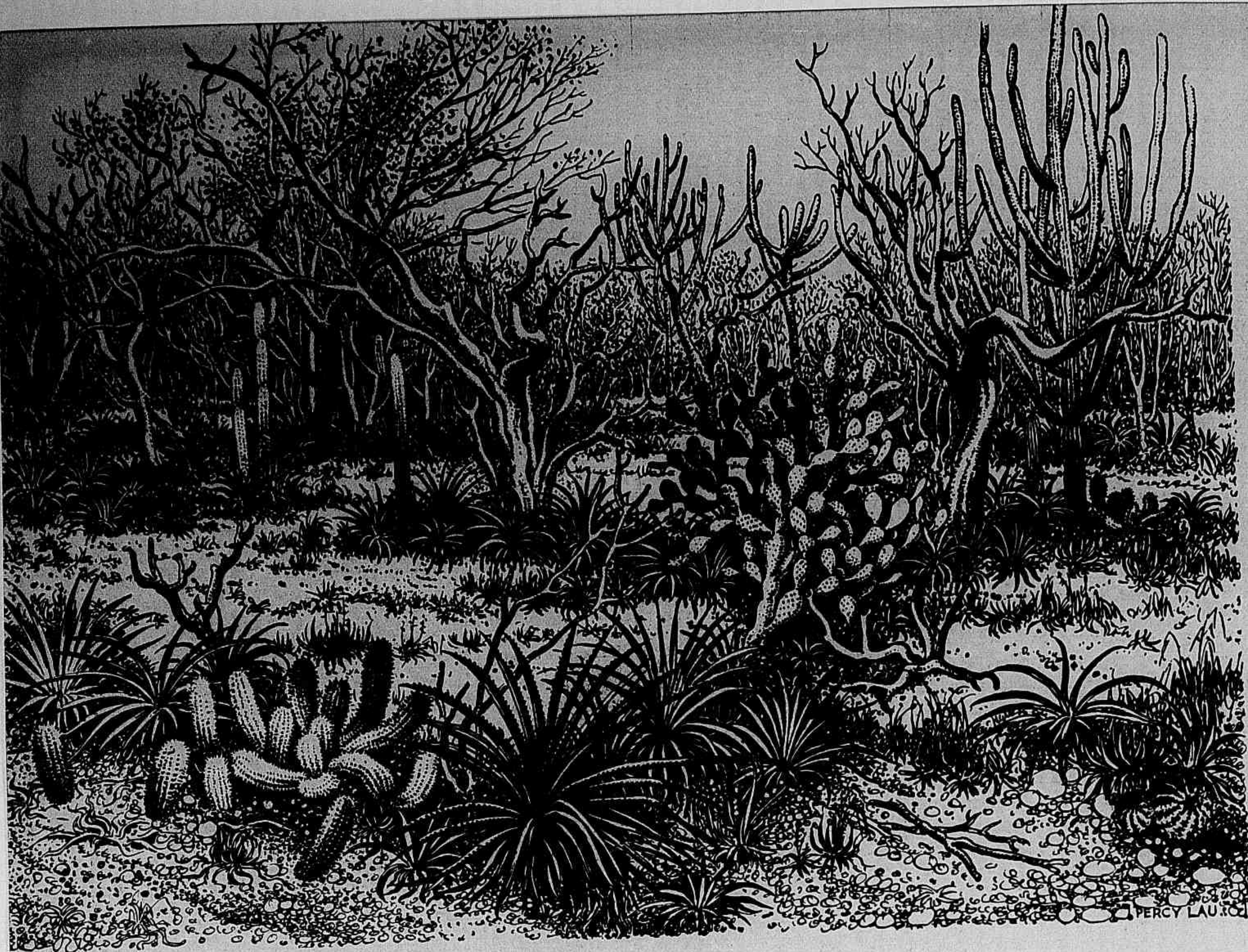
A França religiosa: A gruta de Lourdes.



Pela França! — Escultura francesa no pátio da Escola Militar de Saint Cyr.



O famoso cruzador francês Richelieu, hoje nos E. Unidos.



NORDESTE — desenho de Percy Lau.
(Por gentileza do Conselho Nacional de Geografia)

O NORDESTE SENTINELA DA PATRIA

(Especial para a "Revista da Semana")

MARTINS D'ALVAREZ

Guerreiro loiro que vindes de terras longínquas, da fortaleza da Mancha ou da oficina mágica da América, os caminhos de minha terra estão abertos para vós.

Quer pela rota dos céus que um dia Pinto Martins, filho destas plagas homéricas, ajudou a rasgar para o mundo; quer pelos mares traiçoeiros donde o inimigo ainda não conseguiu varrer a nossa afoita jangada, vinde, guerreiro loiro, que os caminhos da vitória se cruzam aqui.

Nós moramos bem perto, numa movimentada esquina do planeta, esquina que a civilização está transformando numa poderosa trincheira para defender a liberdade do mundo.

Não podereis transviar-vos. Quando virdes a nossa bandeira estendida nos mares; o céu azul lavado de sol; a fita loira das praias arenosas debruada de rendas caprichosas de espumas; coqueiros e mais coqueiros como gritos da terra varando o infinito, parai, irmão. Chegastes. Olhai em torno e vereis que nesta altura a minha pátria, em posição de sentido, empurra com o peito largo a vastidão do Atlântico.

Estais em face ao Nordeste.

Se quizerdes, caminhai terra a dentro. Embrenhai-vos na caatinga, no recesso agreste de uma flora exótica, raquítica, enfezada e rude, enredada de cipós e enfeitada de espinhos. Possivelmente encontrareis flores. Elas também florescem aí, como chagas vermelhas na corôa dos cactos.

Andai mais um pouco e a terra pedregosa, escalvada e nua estalará sob os vossos pés. São os taboleiros intermináveis, o pápiro primitivo da terra queimada onde se lê a tragédia milenar das secas.

Antes, porém, de vir a noite, encontrareis uma cabana de taipa coberta de palhas. Diante dessa cabana um homem acorocado fuma um cigarro de palha. Uma legião de crianças brinca no terreiro varrido. Ao lado da casa vereis um curral e dentro dele uma mulher ordenhando uma vaca. Não precisareis pedir pousada, esta casa é vossa. Tereis, sem pedir, cagalho, leite e comida a faltar.

Não estranheis, irmão, é a lei do Nordeste.

Se não quizerdes dormir, podereis partir após a ceia, dentro de um luar magnífico, galopando na areia fôfa no dorso de um árdego alazão. Travareis, então, conhecimento com um eflúvio misterioso que já não se encontra em três quartas partes da terra. Este eflúvio é a poesia. A enleicente, comovedora e dose poesia das noites tropicais, em que se misturam choros delíquescientes de violas, cantos de galos, ladrar de perdigueiros, trilar de grilos e melodias esfarrapadas de sanfonas.

E ao dealbar do dia, quando a cortina vermelha da alvorada romper-se para deixar surgir o sol, quedareis embevecido e enlevado diante da festa matinal dos pássaros, no concerto musical mais sonoro do mundo.

E assim podereis cortar o sertão todo de surpresa em surpresa, dormindo à sesta no leito dos rios secos, à sombra cariciosa das oiticicas frondosas, atravessando regiões que são verdadeiros oásis incrustados em charnecas, donde jorram nascentes, correm riachos, despenham-se cascatas, a terra rebenta em flores, as árvores pesam de frutos.

Se continuardes marchando, vereis brejos refletindo o céu enxuto, carnaubais farfalhantes, morros queimados pela canícula ao lado de agudes adormecidos que sangram irrigando vales e roçados.

E mais surpreendente de que tudo isso, na desconexão da paisagem, defrontareis por toda a parte, sempre em atitudes diferentes, aquele homem tranquilo de 1 metro e 60 que vistes acorocado na porta da primeira cabana.

No litoral ele é o jangadeiro bravo, habituado a dominar os verdes mares bravios em cima dos quatro toros de madeira de sua jangada.

Na caatinga, é o vaqueiro indômito, vestido de couro, forrado de coragem, sempre pronto a disparar no rastro da primeira rez que se tresmalhe da boiada.

No sertão, é o agricultor paciente de olhos pregados no céu e coração cheio de fé. Ou ainda o demônio das selvas, fruto das injustiças humanas, cangaceiro temível, herói e bandido, mas, acima de tudo, leal e valente: "jura que vai matar... e mata! Jura que morre por alguém... e morre!"

No entanto, guerreiro loiro, basta que o inverno venha e açoite o dorso vigoroso dessa região martirizada, para que tudo se transforme e as caatingas, os vales e as montanhas se confundam na mais prodigiosa das ressurreições.

E então vereis por toda a parte a vida estuando em borbotões. As caatingas ofertar-vos-ão rebanhos gordos. Os taboleiros, algodão macio para vestir o vosso corpo. Os canaviais imensos, docuras inigualáveis ao vosso prazer. O céu, a terra e o ar, o amplexo generoso de um clima paradisíaco.

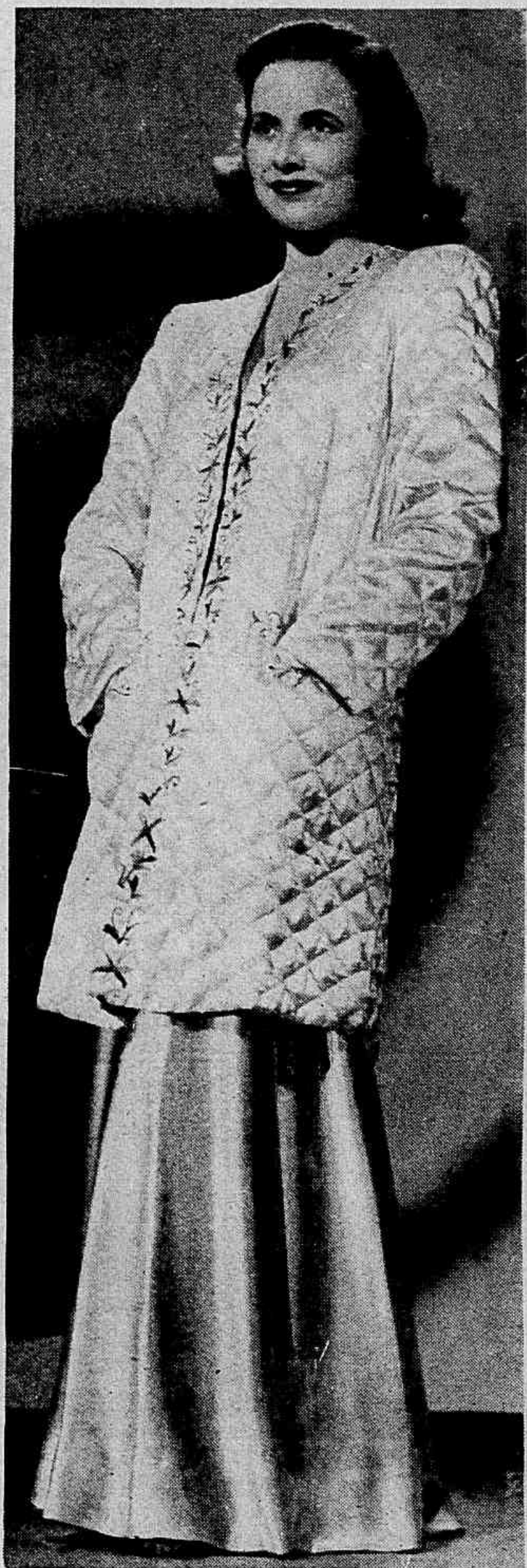
Tudo isso, guerreiro loiro, podereis gozar e fruir se quizerdes. Hoje, amanhã ou sempre. Quando a paz volver ao nosso espírito e a felicidade refizer os seus ninhos no beiral dos nossos corações.

E' o pouco que podemos oferecer-vos pelo muito que nos estais dando, fazendo com que o Nordeste seja, agora e no futuro, a sentinela avançada da pátria.



TIPO EXPRESSIVO DO CABOCLO NORDESTINO

"UNIVERSAL NIGHT PARADE"



E' assim que elas se apresentam para os jantares e as ceias do Waldor Astoria ou para as sensacionais premières do Chinese...

Numa dessas noites precedia o desfile:

Maria (Scheherazade) Montez, com a lendaria beleza da princesa oriental, apresentando uma feliz combinação de estamparia floral e crepe verde esmeralda;

a seguir passou a linda e talentosa Barbara Stanwyck por quem Bob Taylor se encontra cada vez mais apaixonado (segundo dizem as "tias" de Hollywood).

E, finalmente,

a deliciosa e "humaníssima" Teresa Wright, revelação de "Rosa de Esperança", com um vestido de setim prateado e saia também em setim prateado com matelassé...

A primeira dama do

MADAME CHIANG KAI-SHEK DECLARA QUE O ORIENTE E OCIDENTE EXPERIMENTARAM BASTAR-SE A SI MESMOS. NENHUM DOS DOIS O CONSEGUIU. CADA UM DEVE RECONHECER QUE O OUTRO TEM ALGO A ENSINAR

ção que o Ocidente inculcava na China, e que constituía a base da indiscutível crença do Ocidente na sua própria superioridade.

Embora muitos ocidentais respeitem culturalmente a China, parecem constitucionalmente incapazes de encará-la como a uma igual. O desenvolvimento do comércio tornou necessário a todas as nações concluir acordos políticos e económicos umas com as outras, e a China foi obrigada a desempenhar o papel de sócio. E', contudo, significativo que na prática a China fosse considerada implicitamente como um inferior, não um igual. Essa crença arrogante na ascendência inata do Ocidente foi consideravelmente alimentada pelos "taipans" (chefes estrangeiros de bancos e outras casas de comércio) cujo conhecimento da China, cheio de preconceitos, ficou restringido a contactos com seus sucessivos compradores chineses e á frívola palestra dos clubes e bars. Inútil dizer que essa atitude acarretou muito mal á China e ás suas relações com o mundo.

Começou, então, a segunda fase. Foi preciso que um grande abalo movesse o continente para que os Ocidentais compreendessem que a China era alguma coisa que jamais sonhara sua filosofia, e ainda, então, essa compreensão ficou imperfeita. Quando o Japão nos moveu guerra, em 1937, — o que vinha interferir com o comércio estrangeiro na China, — a atitude do Ocidente foi de simpatia. A China foi imediatamente aplaudida, embora, a principio, com certa condescendência.

O interesse, porém, embora simpático, era tão impessoal como o dos espectadores de uma partida de football que, seguros nas arquibancadas, não coratilham do risco do jugo. Só mais tarde, graças a grandes esforços de homens e mulheres amantes da liberdade, particularmente na América e no "Commonwealth" Britânico, é que o homem da rua compreendeu, enquanto nos observava, que nosso combate era o seu combate, que a causa pela qual derramávamos nosso sangue, e que nos fazia lacerar a sorridente paisagem do nosso país afim de proteger nossas cidades, aldeias e recursos — era também a sua causa. Ele nos encarava com um certo interesse perplexo inspirado pela boa vontade, mas ainda incompreensivo.

Que abismo de diferenças separa a luta de Shanghai em 1937 e a defesa da Linha Maginot, dita inexpugnável! As potências estrangeiras não permitiram aos chineses fortificar a área de Shanghai, ou sequer cavar trincheiras perto da cidade, embora fosse concedido aos japoneses usar Shanghai como base militar e naval. Extraordinário estado de coisas! E, no entanto, nosso exército, mal equipado, por quasi tres meses resistiu na sua linha improvisada, contra as forças conjugadas dos japoneses, que incluíam esquadões navais, artilharia superior, aviões de guerra e infantaria ótimamente armada.

Quando for escrita a história da resistência chinesa em Shanghai será recordado que sofremos enormes perdas de potencial humano porque nossos soldados ficavam tão ansiosos em agarrar o inimigo pelo pescoço que se recusavam a permanecer nas trincheiras. Foi apenas em obediência a ordens estritas do Alto Comando que nossos homens foram impedidos de se atirarem como projéteis humanos contra os japoneses.

Uma cabal compreensão da épica luta sustentada pela China começou a alvorecer na terceira fase, quando as próprias potências sentiram o ameaçador impacto do poder japonês, e principiaram a perguntar-se que arma secreta ajudara a China a se manter vitoriosa. Acostumados a considerar a guerra em termos de equipamento material, não puderam entender, de início, que nossa arma era a herança espiritual da raça chinesa. O equipamento, por mais importante que seja, não é todo-poderoso. Os homens das frentes devem ser inspirados, como são e foram os nossos, pela idéia de que lutam em prol de algo que vale o sacrifício de seus lares, de seus seres queridos e de tudo que é precioso na vida.

Durante os últimos três meses nosso povo observou com incrédulo espanto o espetáculo dos exércitos europeus entregando-se porque, como era explicado, os japoneses tinham forças superiores. Esta explicação é, para nós chineses, incompreensível. E' também incompreensível para nós a razão do Ocidente ter engulido por tanto tempo insultos, indignidades e bo-

Como uma serpente sinuosa, a grande muralha da China coleia pelas colinas de Passo Nankow.

DESDE que a China se abriu para o mundo, as relações entre o Oriente e o Ocidente podem dividir-se em três fases. Na primeira, a arma favorita do Ocidente contra a China foi a força. Apontando-lhe seus canhões, o Ocidente fê-la sofrer humilhação sobre humilhação. Todos os seus portos marítimos foram abertos, num sentido tão metafórico como real, á ponta de baioneta.

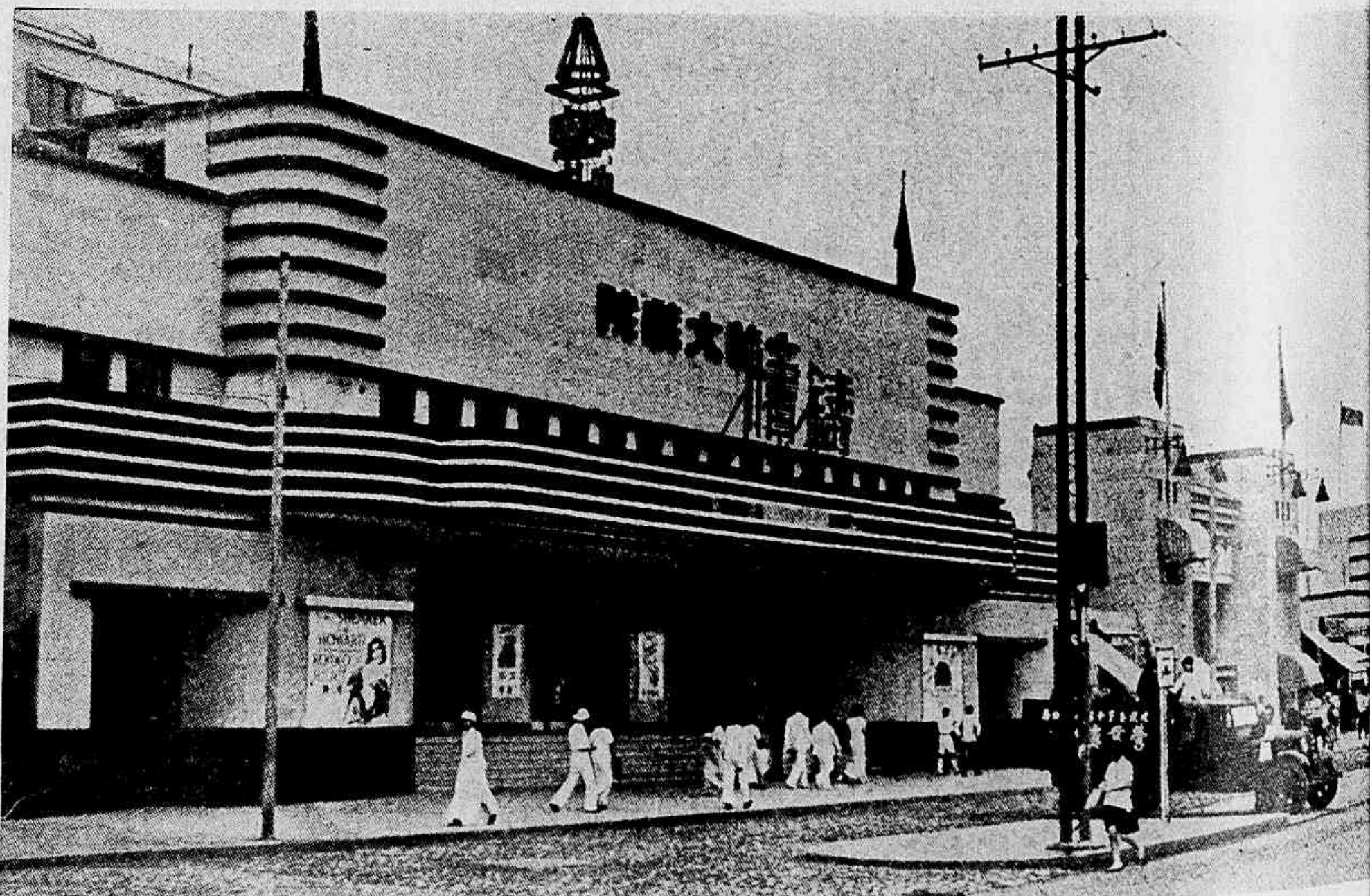
O resultado foi o que se devia esperar. A China deliberou ter o mínimo possível de relações com o Ocidente. Foi obrigada a comerciar, mas o fez com relutância e reduziu os contactos diplomáticos e sociais ao indispensável. Retirando-se para seu templo de marfim, decidiu deixar que o mundo continuasse seu caminho na trilha da adoração do poder. Renunciou a preocupar-se com o aprendizado dos costumes ocidentais.

Esta política não era proveitosa. Deixou a China atrasada do ponto de vista científico e industrial, obrigando-a, porisso, a perder o ritmo do progresso mundial. Entremetidos, o Ocidente estabeleceu cidades livres na China, de acordo com o próprio modelo europeu, violando os direitos soberanos da China, mas, salvando a face com um disfarce de estabelecimentos e concessões estrangeiras. Foi o Ocidente que instituiu também o processo legalmente vicioso, conhecido como extra-territorialidade, que roubava os estrangeiros á jurisdição dos tribunais chineses.

Tão pouco o Ocidente se conservou aparte dos nossos recursos materiais. Nossas minas mais ricas passaram para o controle estrangeiro. Estrangeiros passaram a administrar nossos costumes; a renda do sal, as ferrovias, de fato, arrebataram o manejo de todas as utilidades publicas, ao passo que o próprio controle do comércio exterior ficava em suas mãos. Com exceção da igreja cristã, a política ocidental, de um modo geral, parecia ser orientada para tirar de nós, pela força, o máximo possível e nada conceder, em compensação, que pudessemos reter.

O complexo de superioridade foi um ponto cardeal no crêdo do Ocidente, nas suas relações com os chineses e esse ponto e a frisação com ou sem ocasião.

O conhecimento da literatura e da filosofia chinesa, entretanto, fazia progressos entre estudantes ocidentais. Descobriu-se que, culturalmente, a China tinha uma grande contribuição a fazer ao mundo. Escritores consagrados de todas as nações traduziram algumas das maiores obras de autores chineses, e nos tornaram accessíveis ao mundo ocidental. Embora isto já fosse um passo na direção certa, não conseguiu retificar a falsa conce-



Norma Shearer e Leslie Howard, em ROMEU e JULIETA, emocionam também os chineses.

O Oriente fala ao Ocidente

De MAYLING SOONG CHIANG
(Madame Chiang Kai-Shek)

(De "The New York Times Magazine")

fetadas com semblante humilde, sob a excusa de não estar ainda preparado para a guerra.

Tão pouco compreendemos porque o Ocidente, com sua gabada preciosa, não via que cada hora passada dava ao Japão mais uma oportunidade de se preparar a lançar golpes decisivos, enquanto as potências ocidentais se contentavam em fortificar suas posições com muralhas de papel. Quando os japoneses agrediram a China, não estávamos preparados. De fato, nenhuma nação podia estar menos preparada que a nossa, pois a China não convalescera ainda das décadas de luta civil. E, no entanto, erigimos a luva.

Durante os últimos cinco anos não ha exemplo de tropas chinesas renderem-se ao inimigo. Por outro lado, têm havido inúmeros casos de oficiais e homens que lutam até o fim, embora sem esperança de reforço ou fuga — exceto pela rendição. Desprezaram tal alternativa. Vários oficiais do alto-comando chinês preferiram matar-se ao perceberem que a derrota era inevitável e a única esperança de salvação era a rendição. Preferiram a morte á deshonra.

Poderia relatar vários exemplos deste espirito indomável, mas mencionarei apenas um. Ainda no começo deste ano, o Major Wong Choa-Kwei deu batalha, perto do rio Singchiang, na provincia de Hunan, a forças esmagadoramente superiores. Cercados, ele e seus companheiros, caíram lutando.

Para o soldado chinês, a resistencia até o ultimo cartucho e até o ultimo homem não é uma bela figura de retórica. Quando nossos homens marcham para o campo de batalha estão acostumados a morrer. Sentem que lhes foi confiada uma missão sacrossanta, e estão determinados a executá-la fazendo, si necessário, o ultimo sacrificio. Esse patriotismo é amplamente partilhado por suas familias. Encontrei milhares de mulheres cujos maridos haviam tombado no campo de batalha e nunca ouvi uma palavra de queixa. Tristeza inevitável, sem duvida; mas, em lugar de desgosto um imenso orgulho por terem dado a seu país tudo que tinham. O Ocidente sempre imaginou os chineses como uma raça artística e filosófica, incapaz dos sacrificios espartanos que a guerra exige. Provamos a nós mesmos e ao mundo que esse julgamento é falso, pois a palavra rendição não se encontra hoje no vocabulário chinês:

"E' perdição para o homem salvar-se,
Quando pela verdade devia morrer".

é a máxima indelevelmente inscrita no coração do povo chinês.

Deixemos, porém, o aspecto moral da guerra e voltemo-nos para uma das vinganças sério-jocosas do Pai Tempo, demonstradas pelos acontecimentos mais recentes. No ultimo século uma força anglo-francesa ocupou os fortes de Taku, que eram uma das defesas costeiras de Tientsin e Peiping. Os fortes foram construídos e artilhados na expectativa de que o ataque viesse por mar. Foram tomados por destacamentos que haviam desembarcado na retaguarda, o que muito entristeceu o comandante chinês que se queixou amargamente de não terem os estrangeiros obedecido ás regras do jogo. O mundo ocidental ridicularizou o que considerava a burlesca concepção que os chineses tinham da arte militar.

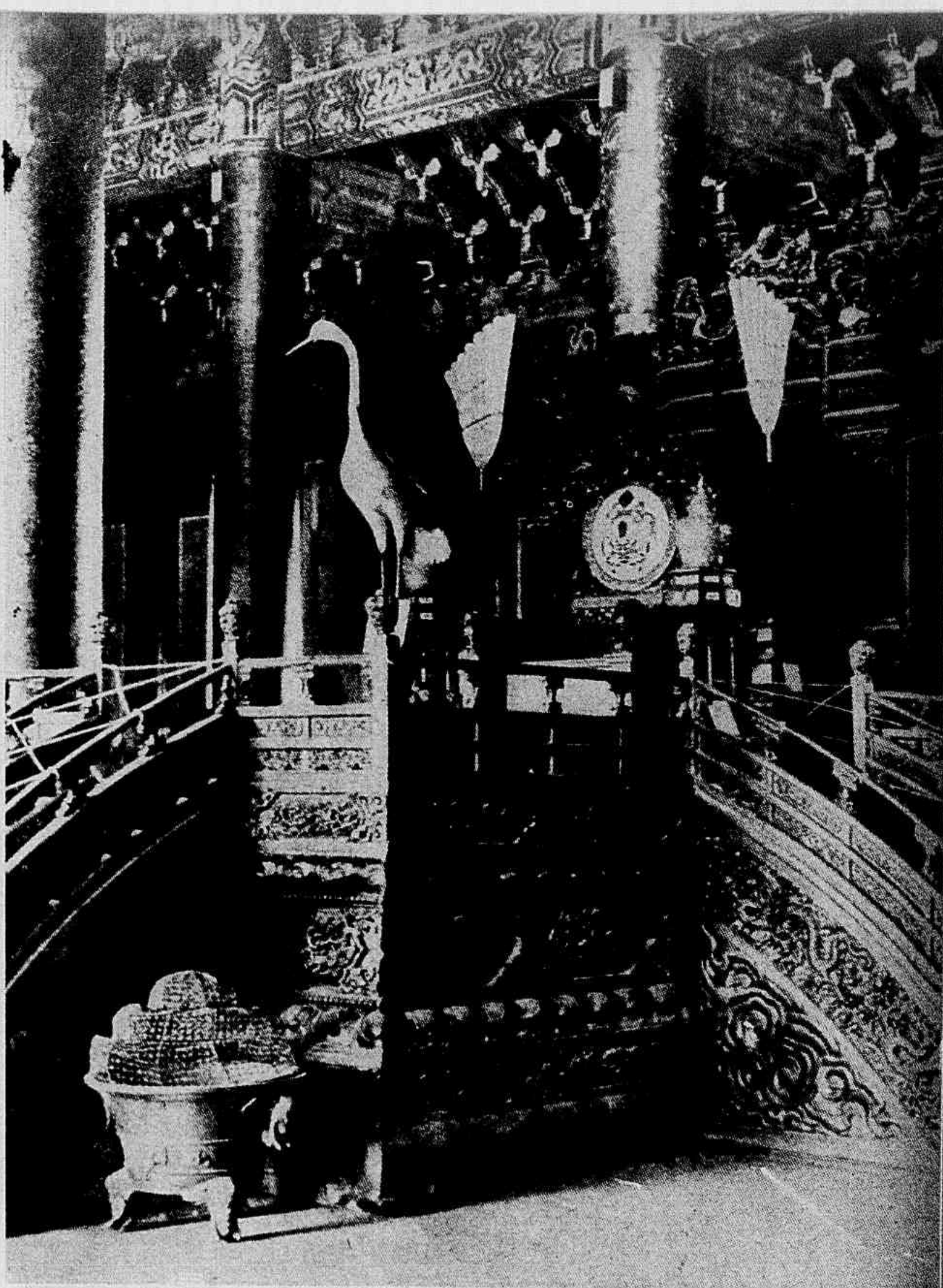
Os anos passaram. Poucos meses atrás, Hong Kong e Singapura foram atacadas. Inacreditáveis somas de dinheiro haviam sido dispendidas afim de torná-las inexpugnáveis do lado do mar, — isso para que acabassem tomadas pela retaguarda. O velho comandante chinês de Taku, ora entre as sombras do Eliseo, si ainda se interessar por assuntos terrenos, deve ser perdoado si soltar uma jupiteriana gargalhada ante a queda de Hong Kong e Singapura.

Voltando agora ao nosso assunto, o exemplo dado pela China em qua-

si cinco anos de cruenta guerra foi rivalizado pelo valente exercito filipino do General Mac Arthur. Seria proveitoso para o Ocidente perguntar a si mesmo porque estes homens conseguiram resistir por tanto tempo ao mesmo inimigo que provou irresistível em Singapura, Rangoon e Java. Certamente o General Mac Arthur não tinha mais recursos materiais que os outros. Este fenomeno deve ser explicado, a meu ver, pelo apelo humano que a América, através do General Mac Arthur, fez aos filipinos.

Esta psicologia ha-de afirmar-se sempre irresistível. Não se deu importância á superioridade do Ocidente. Os filipinos tiveram a promessa de sua independencia, e sabem que essa promessa será cumprida. Porisso lutaram orgulhosa e alegremente, ombro a ombro com seus camaradas americanos em defesa de sua própria terra, não como mercenários para quem a vitória ou a derrota significaria apenas, em ultima análise, uma simples mudança de senhor.

Isto me leva, por uma natural associação de idéias, a pensar na Índia, de



O trono do dragão, onde se sentavam os Imperadores irmãos dos deuses.

onde regressei faz pouco. Os Indús são uma bela raça, com um rico passado espiritual e cultural e dotados de infinitas potencialidades. Si estivessem convencidos de que lutavam pela libertação de seu próprio país, tanto como pela mais abstrata liberdade das democracias, estariam combatendo com o mesmo vibrante e insopitado entusiasmo que convulsionou o povo filipino.

No que diz respeito ao Ocidente, a força espiritual da Índia na nossa resistencia comum é um fator desconhecido. Os recursos de guerra da Índia não foram postos em ação, e ela não se preparou a resistir no sentido real da palavra. Uma vez que derem a sua vitalidade e energia, um definitivo impulso, ha de espantar o mundo.

Que dizer do futuro? O Ocidente precisa fazer uma revisão nas suas idéias sobre o Oriente. O mesmo conosco, na China. Na sociedade mundial que estamos em vias de criar, não deve haver preocupações de superioridade ou inferioridade. Devemos ser iguais, homens e mulheres, em busca do mesmo ideal.

O Ocidente e o Oriente tentaram bastar-se a si mesmos. Nem um nem outro o conseguiram, aliás não teriam podido consegui-lo. Cada um deve reconhecer que o outro tem algo a ensinar. Esperamos que o Ocidente tenha aprendido o valor que possui para ele próprio a força espiritual da China, que nos sustentou nos nossos momentos de treva. Nós outros, chineses, devemos aprender o valor que têm para nós os progressos científicos do Ocidente. Façamos, Ocidente e Oriente, dentro de nosso caminho próprio, contribuições indistintas ao acervo comum das conquistas culturais, espirituais e científicas que são a unica riqueza real.

Deveres das nações umas para as outras têm sido um dos temas centrais do pensamento filosófico chinês por milhares de anos. Um dos nossos maiores sábios ensinou que a humildade, remédio amargo em nações orgulhosas, trará sua inesquecível recompensa.

"Aquele que é grande deve fazer da humildade seu ponto de partida. Aquele que está no alto deve fazer do inferior seu ponto de partida". "Si um grande reino se humilhar ante um pequeno reino fará desse pequeno reino seu troféu". "E si um pequeno reino se humilhar ante um grande reino, vencerá este. Assim, este se humilha porque deseja, enquanto aquele o faz por ser de fato humilde". "Afim de que ambos realizem seus desejos, o grande deve aprender humildade".

"A razão pela qual rios e mares são senhores de uma centena de regatos de montanha é que aqueles sabem conservar-se num nível mais baixo". "Tenho tres coisas preciosas que estimo e valorizo. A primeira é gentileza, a segunda frugalidade, e a terceira é humildade, que me impede de colocar-me á frente dos outros. Sê gentil e poderás ser ousado; sê frugal e poderás ser magnânimo; evita colocar-te á frente dos outros e poderás vir a ser um chefe".

A sabedoria que ecôa até nós, vinda dos séculos meio esquecidos, pode suprir uma grande necessidade particularmente sentida no mundo perplexo de hoje e pode auxiliar-nos na completa revisão de nossas idéias a respeito do próximo, o que trará apreciação e entendimento mutuos entre o Oriente e o Ocidente.



O tumulto do soldado desconhecido em Nanquim.

ELES ESTÃO ACOSTUMADOS A MORRER

Os chetniks da Iugoslávia, que desafiam o invasor juraram lutar por sua pátria até eliminarem o ultimo alemão

De RAY BROCK

(DE "THE NEW-YORK TIMES MAGAZINE")

ANTES do desapiedado bombardeio de Belgrado pela Luftwaffe, iniciado na madrugada de 6 de Abril de 1941, as largas janelas do apartamento ocupado pelo correspondente do NEW-YORK TIMES dominavam o pequeno parque onde se erguia o Obilice Venac, monumento erigido pelos Sérvios a um dos seus maiores heróis.

O mesmo impacto que destruiu o apartamento e incendiou o edifício arrancou o monumento de seu pedestal. A grande figura em mármore de Vojvod Vuuk Popovich — comandante dos Chetniks sérvios na campanha de Salonica, durante a Grande Guerra — espatifou-se na rua no mesmo instante em que os Chetniks da nova geração acorriam a Belgrado, vindos das montanhas e aldeias, afim de combater o antigo invasor — a Alemanha.

Estes Chetniks — Komitajis é outro nome que lhes dão — são o núcleo central dos patriotas sérvios, homens e mulheres, moços e velhos, que juraram lutar por seus pais, não até o ultimo sérvio, mas até o ultimo alemão ou italiano. São aldeões e cidadãos, fazendeiros, pastores, marinheiros e pequenos comerciantes.

Alguns deles obtiveram suas armas em nada menos que quatro guerras. Uma das mulheres que respondeu ao apelo dos Chetniks em Abril tinha 50 anos de idade. Foi nove vezes ferida nas guerras dos Balkans e na guerra mundial e recebeu dez ou doze medalhas, assim como uma faca no cinto.

Facas, fuzis e bombas — ou mesmo armas maiores, são usadas nas incessantes lutas de guerrilha. Este correspondente que entrou em relações com os veteranos Chetniks nas KAFANAS de Belgrado, antes da invasão, viu-os mais tarde nas colinas da Sérvia, Bosnia, Montenegro e Herzegovina e ao longo da costa da Dalmácia, empacotando toneladas de armas leves, munições, granadas e mesmo canhões afim de remelê-los para seus esconderijos das montanhas.

Com o material que mais tarde capturaram em suas emboscadas aos Italianos e Alemães, calcula-se que os exercitos Chetniks em numero crescente, — devendo numerar agora 150.000 homens e mulheres — leem bastante munição para uma guerra de longa duração. Relatórios em ondas curtas emitidos por aparelhos ocultos na Iugoslávia informam que o bombardeio alemão e italiano das aldeias sérvias e bósnicas — Uzice, Krupanj, Loznica e outras — resultou inutil. Semelhante às esporádicas campanhas dos Afridis no Afeganistão ou da luta de Abdel Krim no deserto poucos anos atrás, a campanha Chetnik é fútil, enganosa como mercúrio — mas se estende a centenas de milhas quadradas.

Existem fortalezas chetniks nas aldeias das escarpadas montanhas, mas os combatentes andam por toda a parte, dentro das linhas inimigas, atirando, dinamitando, sabotando — afundando patrulhas e comboios de munições, jogando bombas nos centros de comu-



General Mihailovitch, chefe dos patriotas iugoslavios.

nicação, preparando emboscadas a patrulhas e mesmo a companhias inteiras dos desgraçados exercitos alemão e italiano de ocupação.

Relatórios fidedignos de fonte alemã e italiana, dizem que os soldados do Eixo preferem a frente russa á guerra na Iugoslávia, onde as frentes estabelecidas nada significam e onde a vida humana não tem segurança nenhuma — mesmo nos quartéis da retaguarda.

A guerra está sendo também feita aos Búlgaros na Macedônia sérvia, contra o Utashi eixista da Croácia e Bósnia e contra os húngaros que invadiram a Iugoslávia e ocuparam as terras férteis do Bachka e do Banat.

Alguns chetniks famosos agora no estrangeiro — Milan Gavrilovitch, representante da Iugoslávia em Moscou, Ilija Shumenkovitch, Embaixador na Turquia, o Coronel Bojin Simitch — sorriem ao falar em seus bombardeios e combates corpo a corpo com os austriacos e búlgaros, ha um quarto de século. O Coronel Simitch, que foi atacado pelo Ministro do Exterior da Alemanha, Joachim von Ribbentrop por ter, com Gavrilovitch, produzido o pacto soviético-iugoslavo de amizade quando os Soviets eram ainda "aliados" da Alemanha — foi um dos grandes guerrilheiros sérvios. Simitch era íntimo de Gavril Princip, que matou o Arquiduque Fernando da Austria em 1914 e acrescentou mesmo em palestra conosco: "Penso ainda que foi uma boa idéia".

Entretanto, os Chetniks dificilmente usam o termo de sanguinários que lhes dão, para aqueles que os conhecem bem. Violentos, rudes, incansáveis combatentes, devotaram-se á restauração e preservação de uma Sérvia livre — e de uma livre Iugoslávia, si os Croatas, Slovenos, Dalmátas e outros povos quiserem voltar para o antigo reino.

"O Rei Pedro I foi o libertador", costumam dizer "seu filho, Alexandre, foi chamado o unificador". Chamamos ao nosso Rei, Pedro II, o restaurador".

Os Vojvoda — líderes dos Chetniks — são muitas vezes mestres-escola ou padres nas suas aldeias ou cidades. O patriarca sérvio Gavril, era um chetnik. Pregou a revolta contra o governo eixista de Cetkovitch e ajudou o golpe de estado que derrubou o Principe Paulo e Cetkovitch e colocou no trono o jovem rei Pedro a 27 de Março. Vuuk Popovitch era um mestre-escola. O mesmo era Jovam Babuwski de Valas, que destruiu toda uma companhia búlgara no desfiladeiro de Babuna na Macedônia, durante a Guerra Mundial.



Tipo de guerrilheiro iugoslavo



Os invasores fizeram campo de batalha da amada fazenda desta mulher croata.

Os Bulgácos ofereceram 5.000 dólares pela cabeça de Babunski, mas Jovan continuou a lutar com os Chetniks pela libertação da Macedônia, lutou nos Balkans e na Guerra Européia e finalmente foi envenenado por um terrorista búlgaro em sua cidade natal de Valas, em 1920. Babunski trazia as cicatrizes de dezessete ferimentos. Morreu com 47 anos de idade.

Os Sérvios e Montenegreiros têm coragem e um espírito de luta que não se compara à ferocidade coletiva dos Alemães, nem mesmo ao valor individual dos Ingleses. Todo o mundo sabe, na Sérvia, a história quase inacreditável de Voga Tankovitch, embora no exterior seja atribuída a qualquer oficial sérvio não identificado. Pedro Mrkonitch — que foi Pedro I, o libertador da Sérvia — deu ordem ao seu estado-maior, no inverno de 1914 — para atacar o flanco direito dos Austro-húngaros que penetravam nas frias montanhas da Bósnia Oriental.

O Coronel comandante do batalhão sérvio naquela setor mandou chamar o chefe chetnik Tankovitch. Explicou-lhe que não podia desperdiçar sequer um pelotão de suas forças. Queria Tankovitch atacar os Austriacos com os Chetniks? Aceitou. Queria, porém, alimento para seus 500 homens. O Coronel não tinha alimento a dar.

"Como lobos", ordenou. Tankovitch conduziu seus homens através das montanhas da Bósnia, comeu lobos e destruiu os Austriacos, aniquilando ou dispersando metade de uma divisão, cortando suas linhas de abastecimento e dinamitando um paiol de munições inimigo. Tankovitch foi morto. Quando os Austriacos ocuparam Belgrado em 1915, abriram o túmulo de Tankovitch e dispersaram seus restos entre os corpos dos camponeses que haviam enforcado na praça do mercado de Krato Milana. Os Austriacos jogaram os corpos de outros chetniks executados nos grandes buracos cavados pelas bombas que haviam lançado sobre a colina de Topchirska, que domina Belgrado.

Esses mesmos buracos de bombas serviram ao campo de golf, construído anos depois por Ran Breck, um capitalista americano. Um dos mais divertidos passatempos dos golfistas de Belgrado era ver Gert Feine, encarregado de negócios da legação alemã — que possuía uma desatinada tacada no jogo — procurar a bola horas a fio, já entrada a noite, nas crateras dos chetniks. Um dia alguém casualmente perguntou-lhe se sabia a história dos buracos. "Sabia que tem jogado golfe nos túmulos dos Chetniks?" Feine empalideceu. Começou a tomar lições com o profissional italiano do club, mas não melhorou sua tacada. Cerca de um mês antes da invasão, Feine deixou de jogar.

O encarregado de negócios alemão permaneceu em Belgrado depois que o representante do Reich, Viktor von Heeren foi expulso da capital e Feine ali ficou

encurralado pelas bombas. Quando no quarto dia do ataque alemão os Nazistas não conseguiram alinhar Belgrado e quando chetniks patrulhavam as ruas desertas e cobertas de escombros na cidade incendiada, Feine ligou o telefone para o embaixador americano, Arthur Bliss Lane que ia trabalhar como de costume na cidade. Contou-lhe que Chetniks de aspecto ferós, barbudos e envoltos nos seus capotes de pele de carneiro preto, armados com fuzis, metralhadoras e granadas de mão estavam contemplando o edifício bombardeado da legação alemã.

"Eles vão entrar e agarrar-me, estou certo que o farão" — insistia Feine. "Por favor, não será possível conseguir um avião para todos nós diplomatas e voar para Budapeste?"

"Lastimo muito" — retrucou diplomaticamente o Ministro Lane — "mas o Departamento de Estado Norte-Americano designou-me para a Iugoslávia. Tranquillize-se." Não julgo que o agarrem, isto é, apostro que não o farão". Não o fizeram.

A desordem e o saque em Belgrado restringiu-se à canalha que infesta qualquer cidade em tais circunstâncias. Os disciplinados chetniks fuzilaram os saqueadores e os quinta-columistas, retirando-se para as montanhas quando os alemães entraram na cidade. e meçaram, então, uma campanha de guerrilhas no turnas, com o incessante estralejar do fuzil, pistola e metralhadora, a explosão das granadas de mão e das

bombas chetniks, ao voltarem os irregulares sérvios ao ataque do inimigo.

Rudes e desassombrados na guerra, os Chetniks são em tempo de paz, os melhores chefes de governo com um forte senso da diplomacia e da política sérvia. Foram os velhos chetniks veteranos das Kafanas de Belgrado, usando seus famosos emblemas da Liga Kragujevach, que iniciaram a onda de revolta contra Cvetkovitch. Camponeses chetniks no distante Montenegro já haviam iniciado a revolta ativa. Como observou velho Kosta Pavlovitch, ele não entendeu esse negócio de paz — a qualquer preço. Por cinquenta anos combatera, dormindo com seu rifle ao lado, até 27 de Março.

Nas noites estreladas depois que o Corpo Aéreo Sérvio se revoltou e derrubou o governo que se rendera, colocaram o rei Pedro no trono da dinastia Karageorgievitch e desafiaram o Reich, — todos os Sérvios adivinharam o que viria. Cantaram, naquela noite, aos milhares "SPREMIT, SE SPREMIT TCHETUICE!" (Preparai-vos, preparai-vos Chetniks!). A 28 de Março um jovem oficial admitiu a inevitabilidade da guerra e a provável derrota dos Sérvios. "Mas — acrescentou — ficarei contente em morrer amanhã depois de ter vivido ontem".

Num tributo aos guerreiros chetnik sérvios, o poeta croata Mazhurnicich escreveu:

"ELES ESTÃO ACOSTUMADOS A MORRER".



Nave da catedral de Oplenatz onde repousam os restos mortais do rei Alexandre, assassinado juntamente com o "premier" francês, Luis Barthou, em 9 de outubro de 1934, em Marselha.



Cópia do famoso quadro de Mattwson. Tem-se discutido muito se Washington foi ou não o primeiro presidente americano. O certo é que, mesmo que tenha havido vários outros anteriormente, foi ele o primeiro presidente constitucional.

Ainda o Primeiro

(Serviço especial da REVISTA DA SEMANA)

Talvez alguns americanos estejam se achando uns martires. Tem que passar com uma chicara de café, em vez das duas ou tres de antigamente e essa mesma não é tão doce, por causa do racionamento do açúcar. Depois, é o diabo não se poder usar o carro quando se quer, devido á falta de gasolina e de borracha, e esses impostos são de arrasar qualquer camarada, sem mencionar um dia sem carne, por semana...

Se, porem, pensam nessas coisas, apanham uma historia dos Estados Unidos e refres-



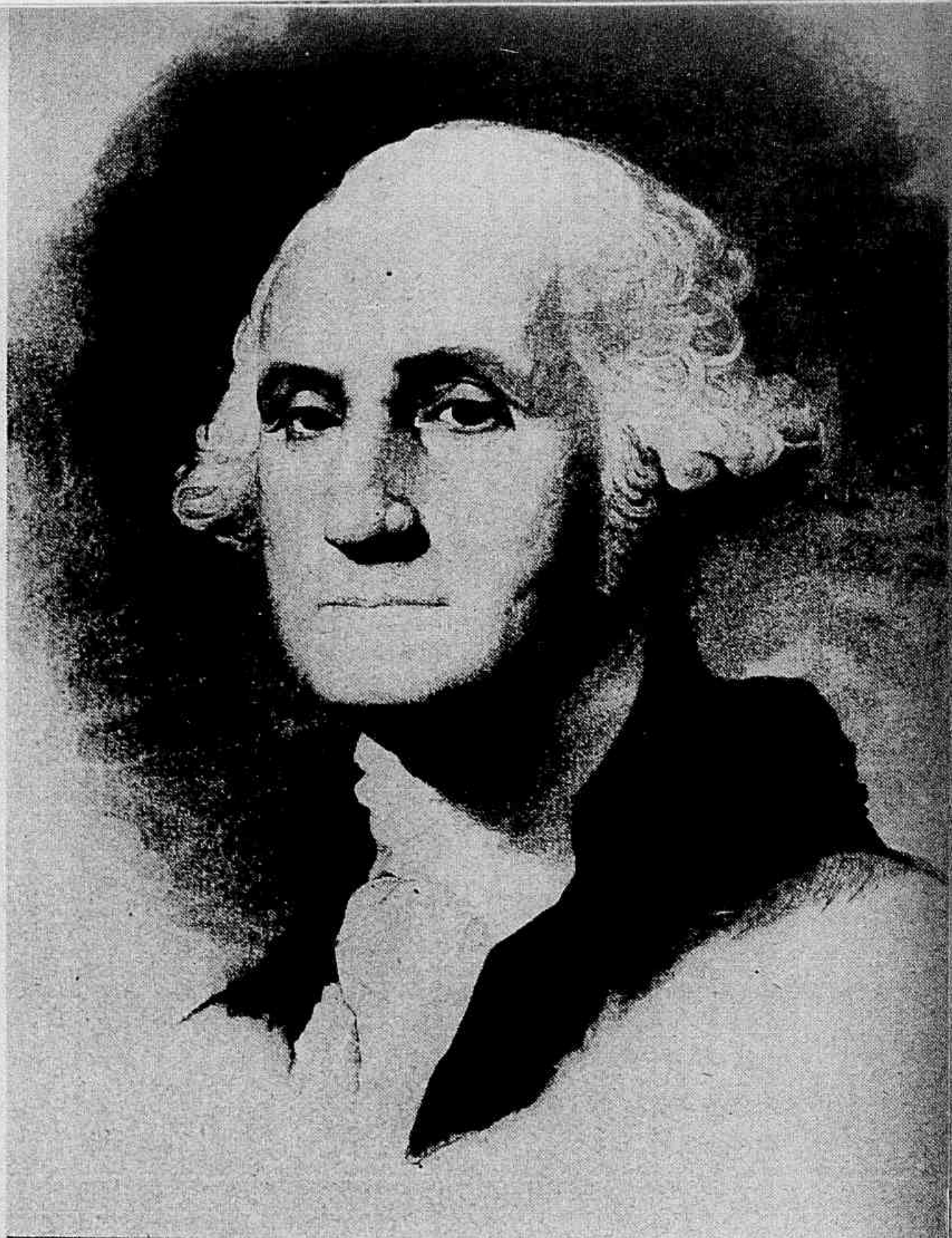
Reprodução do retrato familiar de Washington, primeiro presidente do E. Unidos.



Este é o aspecto do quartel general de Washington, onde ele se instalou durante a campanha no Estado de New York, esperando o momento estratégico que levou a Yorktown e a rendição de Cornwallis.



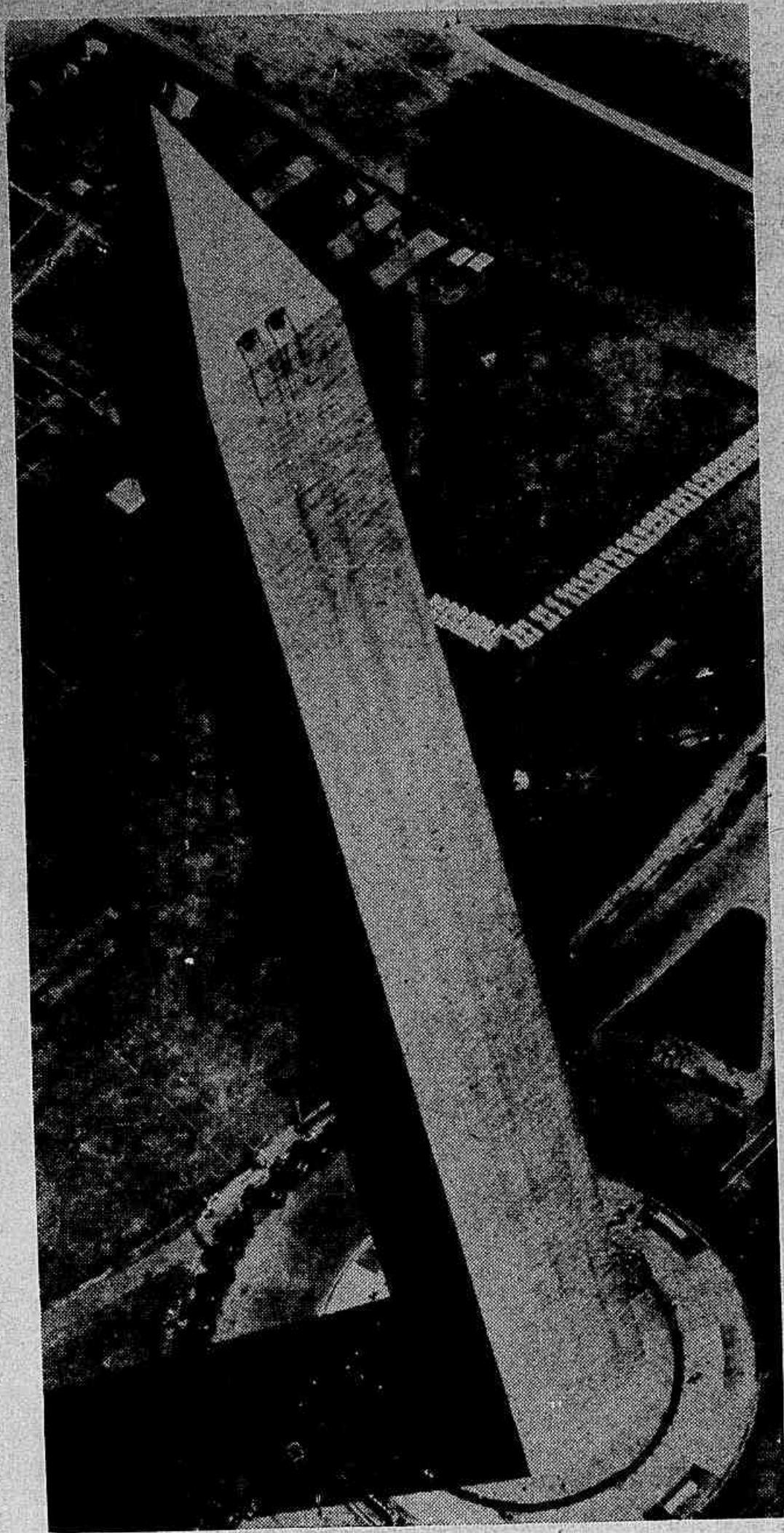
Vista do túmulo de Washington, em Mount Vernon, Virginia. Este monumento nacional é visitado todos os anos por centenas de milhares de americanos.



Esta cabeça do General Washington, por Gilbert Stewart, é uma das mais familiares para os americanos. Washington era um homem vigoroso, de 1,80 mts. de altura, pesando 100 ks. quando tinha 40 anos. Tinha os olhos azuis e os cabelos cor de areia e gostava da maior parte das coisas que são do gosto dos americanos de hoje.



Esta pintura histórica mostra o adeus de Washington a seus generais, depois de finda a guerra e alcançada a vitória. O fato se passou em Fraunces Tavern, New York, a 4 de dezembro de 1783.



Obelisco de mármore branco levantado pela gratidão dos americanos ao seu primeiro presidente. Mede cerca de 180 metros de alto e foi pago por subscrição popular. Foi erigido em 1888.

cam o espírito, lendo a respeito de George Washington. Lembrem-se de Washington? Foi um homem de resolução e de amor à justiça. Mas, com esses elementos, firmou a liberdade e



Um retrato juvenil de Martha Washington, que desposou o "leader" americano em 1759. O novo par se acomodou nos domínios de Washington em Monte Vernon, donde ele sairia com o exército continental, ao romper da guerra com a Grã Bretanha.



Este retrato de Washington pinta o futuro presidente como um carabineiro. Washington andava, provavelmente, por volta dos vinte anos, neste tempo.



Depois das derrotas de Bradwine e Germantown, o exército de Washington, mal equipado e mal alimentado, passou o terrível inverno de 1777 no Vale Forge. A história conta o que foi esta tremenda provação.



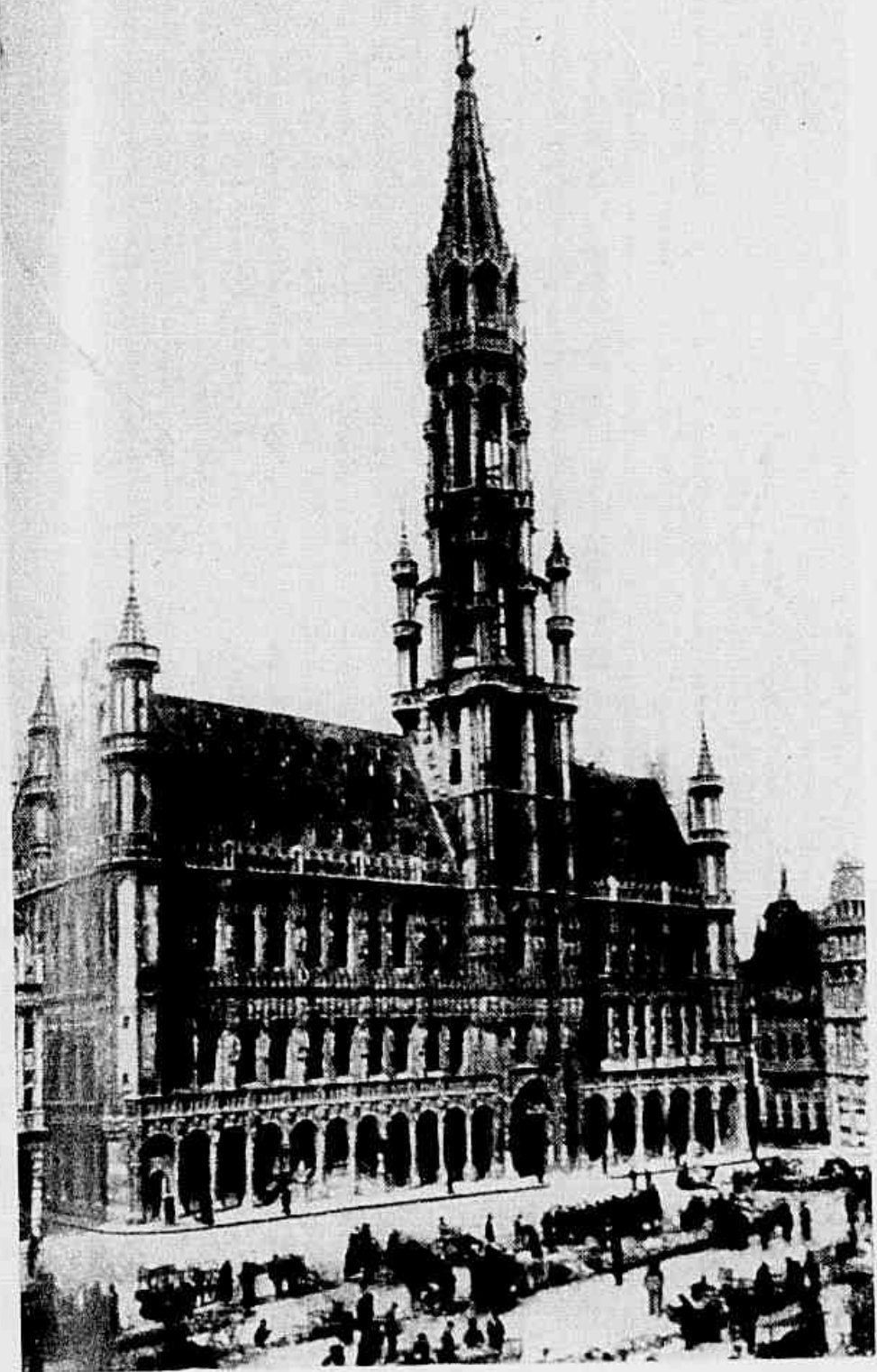
Uma reprodução do famoso quadro "Washington cruzando o Delaware", que mostra o general Washington cruzando o rio, para tomar Trenton de surpresa, no dia de Natal de 1776.

a independência de seu país. A liberdade que é a inveja do mundo todo e o direito de cada um ser o que é mesmo, sem o perigo de cair traspassado de balas diante de um pelotão de fuzilamento, ou de ver a mulher e os filhos mandados para um campo de concentração por uma versão americana da Gestapo.

Portanto, achamos que é uma boa ocasião de recordar George Washington, Pai da Pátria Americana, que lutou pelas mesmas coisas pelas quais lutamos hoje com uma fração do material que nós temos, e que venceu sua campanha, decidindo que tudo pode ser racionado nos Estados Unidos, exceto a liberdade. As fotos desta série ajudarão a evocar o homem que é ainda o primeiro nos corações dos seus concidadãos, se são verdadeiros americanos.

Belgica

LOUIS
DUMONT-WILDEN



PREFEITURA DE BRUXELAS



CATEDRAL DE MALINES

A Bélgica é um dos menores países do mundo.

Triângulo incrustado como uma cunha entre o mar do Norte, chamado, outrora, mar Germânico, a França, a Alemanha e a Holanda, mal se percebe num planisfério e pode-se muito bem atravessá-la, de La Panne a Arlon, na sua maior extensão, num dia de automóvel, mas, no decurso dessa jornada, ter-se-á visto a paisagem mudar tantas vezes de aspecto que se terá a impressão de haver atravessado diversos países diferentes a idéia formulada com tanta força pelo grande historiador belga Henri Pirenne, saltará imediatamente ao espírito: esta terra perigosamente privilegiada onde, há séculos, o mundo germânico toma contacto com o mundo latino, é um verdadeiro microcosmo da Europa Ocidental.

Em nenhum outro país se sente mais o trabalho dos homens; nenhum país foi mais profundamente assinalado pela sua história, mas em nenhum outro se vê mais claramente em que ponto a natureza do solo, o clima, o aspecto da terra e do céu condicionam as sociedades humanas.

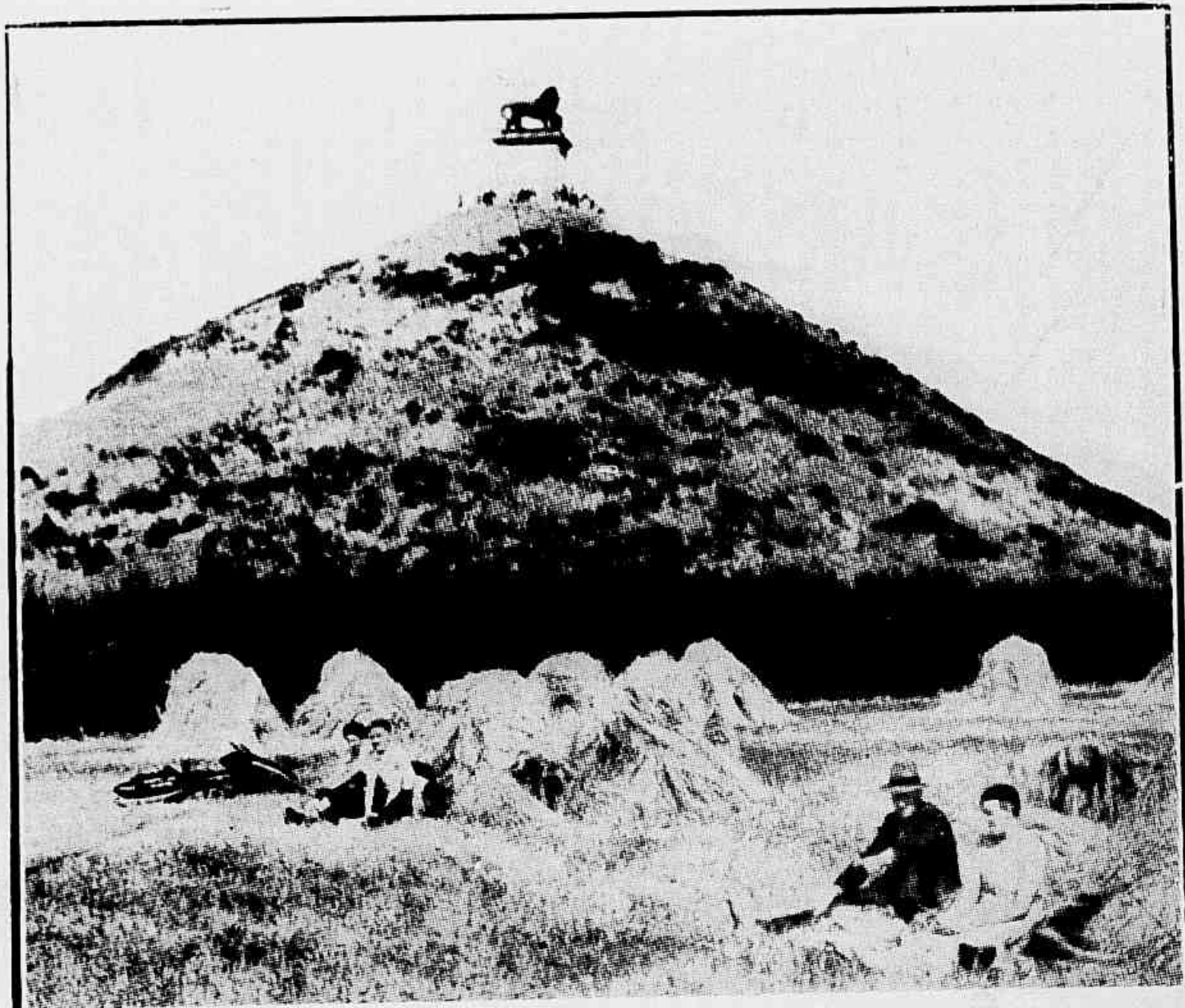
Não há canto da Europa onde se contem tantos campos de batalha; não há ponto onde se sinta mais fortemente a aspiração da paz.

E' talvez por isso que para um "bom europeu", seja do norte ou do sul, uma viagem à Bélgica é talvez mais comovente do que a visita a países mais ricos em magnificências naturais ou em tesouros artísticos.

Aquí o europeu descobre sempre reminiscências de família.



O RAPTO DAS SABINAS — de Rubens.



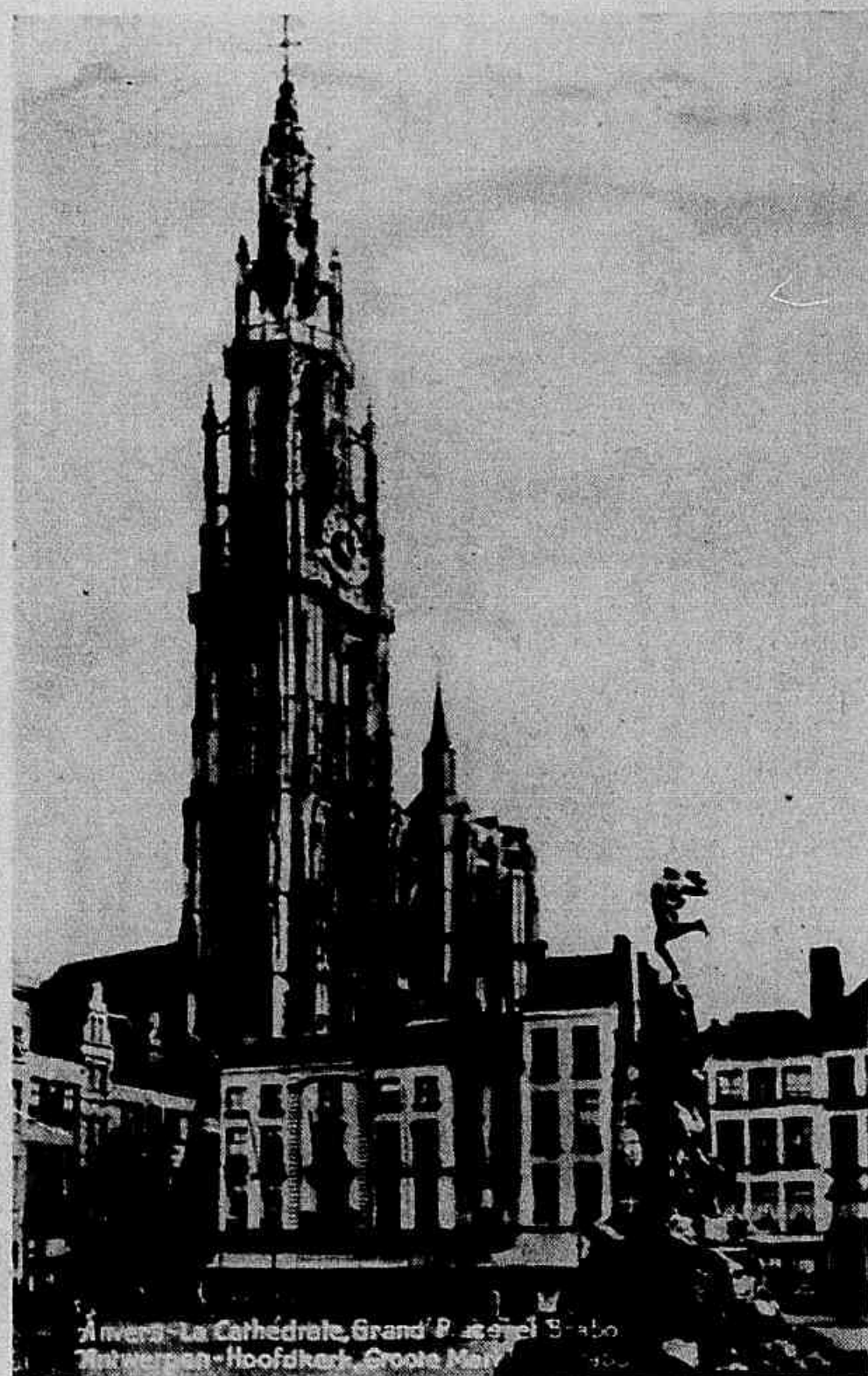
COLINA DE WATERLOO — nos arredores de Bruxelas.



PREFEITURA DE BRUXELAS

Belgica

LOUIS
DUMONT-WILDEN



CATEDRAL DE MALINES

A Bélgica é um dos menores países do mundo.

Triângulo incrustado como uma cunha entre o mar do Norte, chamado, outrora, mar Germânico, a França, a Alemanha e a Holanda, mal se percebe num planisfério e pode-se muito bem atravessá-la, de La Panne a Arlon, na sua maior extensão, num dia de automóvel, mas, no decurso dessa jornada, ter-se-á visto a paisagem mudar tantas vezes de aspecto que se terá a impressão de haver atravessado diversos países diferentes a idéia formulada com tanta força pelo grande historiador belga Henri Pirenne, saltará imediatamente ao espírito: esta terra perigosamente privilegiada onde, há séculos, o mundo germânico toma contacto com o mundo latino, é um verdadeiro microcosmo da Europa Ocidental.

Em nenhum outro país se sente mais o trabalho dos homens; nenhum país foi mais profundamente assinalado pela sua história, mas em nenhum outro se vê mais claramente em que ponto a natureza do solo, o clima, o aspecto da terra e do céu condicionam as sociedades humanas.

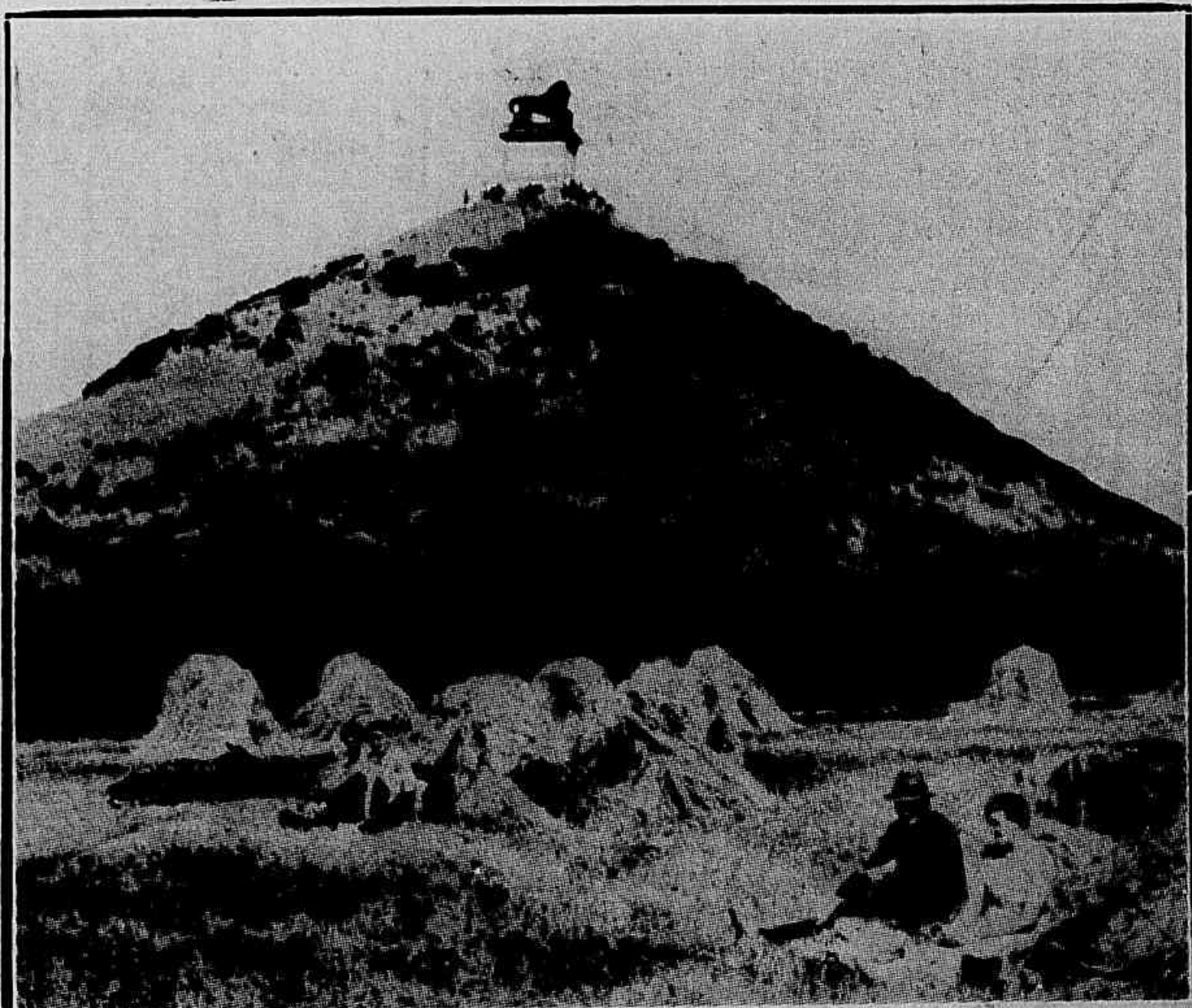
Não há canto da Europa onde se contem tantos campos de batalha; não há ponto onde se sinta mais fortemente a aspiração da paz.

E' talvez por isso que para um "bom europeu", seja do norte ou do sul, uma viagem à Bélgica é talvez mais comovente do que a visita a países mais ricos em magnificências naturais ou em tesouros artísticos.

Aquí o europeu descobre sempre reminiscências de família.



O RAPTO DAS SABINAS — de Rubens.



COLINA DE WATERLOO — nos arredores de Bruxelas.



Basilica de Guadalupe.



Jardim Revolução, em Cuernavaca.



Cone votivo de pedra em Los Remedios.

Por toda a nação mexicana só se vêem campanários. E que belos são! Altos e altos e frágeis e artísticos, adornados das melhores filigranas churriguerescas! Em qualquer parte que chegue o viajor, em qualquer vale a que assome o olhar, ali está certo de descobrir um campanário, assistido pela correspondente cúpula católica. Às vezes não é um apenas, mas dezenas e até centos de campanários igualmente graciosos. Como nesse fértil lhano de Cholula, donde as torres cristãs se erguem incontáveis em substituição exata de todos os teocalis ou adoratórios idolátricos que aí existiam quando Cortez apareceu com seus estupefactos companheiros de aventura.

A estupefação que revela Bernal Diaz del Castillo, o bom soldado e curioso narrador, quando nos conta: "Tinha aquela cidade a esse tempo sobre com torres muito altas, que eram cônes e adoratórios onde estavam seus ídolos, especialmente o cone maior era de mais altura que o de México e, segundo entendemos, ali havia um ídolo muito grande, o nome do qual não me recordo, mas entre eles tinham grande devoção e vinham de muitas partes a fazer-lhe sacrifícios, em rezar-lhe uma espécie de novena, e presentavam-no com os haveres que tinham. Recordo-me que, quando naquela cidade entramos e vimos o branquear das altas torres, pareceu-nos a própria Valladolid."

Os campanários vinham a ocupar o sítio daqueles templos, em cujo cume se entregavam os indígenas a suas cerimônias sanguinárias e antropófagas. Ainda que fosse apenas por esta obra de substituição, as esbeltas torres têm merecido bastante seu posto de preferência na paisagem mexicana. O índio do México foi antes, e o é agora profundamente religioso; sempre necessitou adorar, seja o espantoso deus de que nos falam os conquistadores, o Huichilobos, que se ali-

Campanários mexicanos

De JOSE' MARIA SALAVERRIA

menta dos palpitantes corações de suas vítimas, seja o doce Jesus ou a amável Virgem de Guadalupe. Pelas espadas dos espanhóis apenas, talvez não se houvesse chegado a pacificar e pôr dentro da ordem da civilização européia um país tão extenso, povoado de tanta e tão belicosa gente. Foi necessário plantar todo esse bosque de campanários que balsam o imenso território e que mantêm viva a chama religiosa da raça, embora vertendo-a numa linguagem mais culta e transformando a mística dos sacrifícios sangrentos na mística do amor e da fraternidade humana.

Um dos maiores prazeres do viajante no México consiste na exploração dos rincões afastados. Nisto se assemelha à Espanha. Eu jamais haveria imaginado encontrar a poucas léguas da capital uma paragem tão solitária, tão vetusta e cheia de simpatia campestre como esse "pueblo" de Tepozotlán, perdido ao pé de uma serra e separado das vias normais de comunicação. Todo o país, numa planície despejada, sorri com a perfeição e abundância dos cultivos. Borboteiam os regatos, branqueiam os casarios junto às manchas de árvores centenárias, estendem-se os campos arados com correia e promissora regularidade. Parece que aquele afortunado território lavrado se teria livrado dos transtornos e desastres da revolução e das arriscadas experiências da lei agrária. Depois, ao desviar-se o caminho

em direção às montanhas, o país vai acentuando seu caráter de coisa à parte, e, enquanto o automovel marcha aos solavancos, poderíamos imaginar-nos em qualquer lugar da Andalucia ou do Reino de Valência. O "pueblo" apresentava o mesmo ar vetusto e nobre, alegrado pela vivaz vegetação e pela beleza do céu, de nossas afastadas comarcas meridionais. Sobre o caminho real ostentam ainda seu maltratado senhorio algumas mansões que em seu tempo aspiraram a ser palácios.

E, de repente, o automovel desemboca na grande praça irregular do "pueblo". Presidindo o sítio, a cabeça de uma esplanada lageada, levantava-se a luxuosa mole do templo com o mais airoso rico e alto campanário que se poderia desejar. Ali nos vemos retirados, no tempo e no espaço, de toda a civilização moderna. Como transportado mágica e repentinamente ao fundo da época colonial. E, então, chegamos a compreender o matiz que teve a vida mexicana nos melhores anos do século XVIII, dentro de uma ordem social e religiosa que agora a nós pode parecer inconveniente, mas que naquele tempo era a mais justa e mais sábia. Passemos, porém, ao interior da igreja.

Os jesuitas deram livre voo à sua aficção barroca, e todos os altares, em efeito, se retorcem e convulsionam numa fantástica exaltação de mensulas, linhas

curvas, imagens gesticulantes. Tudo dourado, numa espécie de volutuosidade e delírio do ouro. E povoados os altares de inumeráveis estatuetas policromadas que penduravam-se em todas as saliências, que ocupavam todos os desvãos e pináculos, como para fazer com que os olhares dos fiéis nunca pudessem tropeçar num espaço deshabitado. A intenção profusa, animada, gesticulante e veemente do barroco exagerava sem dúvida ainda mais seus recursos nestas igrejas do México, talvez porque os indígenas, de alma ingênua, achavam um encanto muito vivo, uma força de sugestão muito grande nesse culto tão adornado e de plástica tão atraente e complicada. Mas essa volutuosidade barroca do adorno chega quase ao frenesim no pequeno e primoroso sacrário do templo de Tepozotlán.

A abóbada, pequenina e magistralmente proporcionada, luzia lá no alto como uma lanterna maravilhosa e, à claridade que de suas janelas invisíveis descia, toda a obra parecia espiritualizar-se, comover-se, tremer de estético ardor. Os estuques policromados das paredes, os retábulos dourados, a animada população dos santos, virgens e anjinhos, tudo palpita ali com um luxo e uma vida admiráveis... Mas, na realidade, estou descrevendo, não uma igreja, mas todos os milhares de igrejas que se erguem no México, porque assim é, numerosa e igualmente bela, a floração do barroco mexicano.

Em Flandres, no norte da França, na bacia do Reno, dir-se-ia que a paisagem não encontrou seu complemento arquitetônico apropriado até que apareceu a torre gótica. Os campanários barrocos parecem da mesma maneira completar oportuna e naturalmente a paisagem mexicana. A eles, ageis e graciosos campanários do México, devo uma das mais encantadoras impressões de minha viagem.



Uma paisagem típica mexicana: A praça de Tepoztlán.



Um dos famosos murais de Diego Rivera.



A deliciosa Calle de Tapetes, em Cuernavaca.

MEU PAÍS

De EDUARDO BENES, presidente da Tchecoslováquia

Em Setembro-Outubro de 1938, e em Março de 1939, a República da Tchecoslováquia, a última democracia da Europa Central, tombou sob a agressiva ditadura da Alemanha. Tombou, porém, com seu escudo sem mácula e seu espírito intacto. Aguardou o momento em que poderia de novo erguer-se para o combate decisivo e a vitória final. Esse momento chegou agora.

O estado Tcheco sucumbiu temporariamente porque a Europa que emergiu da última guerra não conseguiu salvar a liberdade e a democracia que tinham sido o seu escopo. Isto é sobretudo verdade da Europa Central; e a anexação da Austria, os acontecimentos de Setembro e Outubro de 1938, o ataque à Polónia e a presente guerra são as consequências desse fato.

Em Setembro de 1938, uma alternativa terrível patenteava-se à República Tcheca, em resultado das exigências germânicas. Devia fazer grandes e perigosos sacrifícios ou criar um conflito europeu. Após uma campanha de propaganda de violência e falsidade sem precedentes, o regime nazista concentrou tropas na nossa fronteira. Os líderes alemães declararam que deviam reunir ao Terceiro Reich o território que, havia séculos, fora uma parte integrante das terras da Coroa Boémica. Se este território não lhes fosse cedido, abririam guerra.

O povo tcheco começou a reviver os dias incertos e febris de vinte anos atrás, quando seu estado voltava a existir mais uma vez após séculos de opressão. Estávamos preparados a experimentar a democracia tcheca, a mostrar que ela podia subsistir em face dos ataques e concepções totalitários. Estávamos bem preparados, talvez mais que qualquer outra nação europeia, a defender a democracia de armas na mão. As mobilizações de Maio e do verão de 1938 demonstraram a força e a união de nosso povo. Mas não devia sobreviver. Os estadistas europeus de responsabilidade no momento não concordaram conosco em repelir os ataques totalitários. Decidiram lançar mão de processos que exigiriam da Tchecoslováquia sacrifícios tremendos, e que impunham a maior necessidade da disciplina moral do povo. A decisão do Governo Tcheco, sob violenta pressão, em aceder a tais sacrifícios e a resposta do povo como um todo, despertaram a admiração do mundo; foram, porém, incapazes de salvar a Europa do conflito que rapidamente se aproximava.

Constatamos, então, nós que éramos o governo eleito da Tchecoslováquia que a solução apresentada a nós em Munich não conseguiria preservar a paz. Constatamos que não podíamos confiar numa promessa sequer do ditador nazista. Constatamos que a força bruta, anelo de domínio e ruptura de tratados são sua política favorita. Mas, ante os insistentes pedidos de nossos amigos, oferecemos sacrifícios ímpares pela paz da Europa. Oferecemos sabendo no íntimo que não preservaríamos a paz, e que as promessas que nos haviam feito em troca não seriam cumpridas.

A brutal ocupação da Tchecoslováquia pelo Exército Alemão — desafiando garantias escritas e promessas solenes de que nossa independência seria respeitada — o estabelecimento de um protetorado nazista sobre o nosso território, e os acontecimentos que se lhe seguiram na Europa, confirmaram nossos temores. E, quando, finalmente, após a anexação da Tchecoslováquia, sobreveio a selvagem agressão alemã contra a Polónia, o mundo inteiro o constatou também. Agora é a vez da organização para a batalha final contra o Nazismo, que é uma combinação de venenos morais, políticos e sociais.

Este, já o disse, é o nosso momento. Estamos a lançar-nos mais uma vez numa luta pela libertação de nosso país ocupado e pela independência da República Tcheca. Em resumo direi como estamos organizando nossas forças.

Internacionalmente, nosso estado tem ainda existência legal. Continuará a existir e nenhum dos nossos compatriotas livres o abandonará. Não reconhecemos, legal ou politicamente, nenhum **fait accompli**; não reconhecemos — e não reconheceremos — nenhuma ocupação.

Mais ainda, a ocupação militar de nossa pátria, em Março de 1940, não é reconhecida internacionalmente por um grande número de Estados, entre estes as mais importantes potências — os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, com o restante do Império Britânico, a França e a Rússia Soviética. Os estados escandinavos, a Polónia e muitos outros países da Europa e da América do Sul também recusaram-se a reconhecer a ocupação alemã.

As declarações e os atos que foram produzidos nas chamadas negociações de Berlim, em Março de 1939, ao tempo da ocupação dos territórios tchecos e eslovacos, foram impostas às autoridades do Governo Tcheco no meio de cenas brutais e deshumanas. Foram impostas ao Presidente Hácha da Tchecoslováquia sob ameaças de violência, de destruição do povo e do território da República. Por estes métodos, o governo alemão, de acordo com sua própria declaração, recebeu a chamada "aprovação" da Tchecoslováquia à separação da Slovaquia, à ocupação dos territórios da República, e à sua integração no Terceiro Reich. Todos estes atos são inconstitucionais de acordo com nossas leis, que ainda são válidas; e nunca serão reconhecidos por qualquer cidadão livre da nossa República. Não têm e não podem ter nenhuma validade internacional, hoje ou no futuro.

E' nestas circunstâncias e contra tal tratamento que nos unimos hoje por uma Tchecoslováquia e uma Europa livre. Eis o que estamos fazendo.

Em primeiro lugar, um comité nacional tcheco foi organizado. Será a organização diretora da nossa política. Ao mesmo tempo, representa politicamente nossa pátria ocupada, com a qual está em contacto permanente. Nosso país hoje ainda é incapaz de exprimir-se completamente, mas toda a nação está pronta a marchar conosco, quando chegar o momento histórico.

Com esta organização política diretora haverá, trabalhando em perfeita harmonia dentro de muitos estados como dantes, nossas legações e consulados. São os representantes internacionais legítimos da Tchecoslováquia, e um claro sinal da continuação jurídica do nosso Estado independente.

Finalmente, cidadãos de origem tchecoslováquia estão se preparando em todos



São Wenceslau em tcheco Svaty Vaclav, patrono da Tchecoslováquia e símbolo da existência milenária do Estado tcheco.



O presidente Benes, conversando com moças em trajes nacionais da Tchecoslováquia.

os países livres do mundo para se reunirem aos Exércitos aliados, britânico, francês e polonês, afim de contribuirem à derrota da Alemanha Nazista no campo de batalha da Europa.

Há, no estrangeiro, cerca de dois milhões de pessoas de origem tchecoslováquia, há também muitos democratas alemães e todos estão conosco nessa luta pela sua independência. No nosso próprio país, temos por trás de nós mais de dez milhões de pessoas que continuam a resistir à opressão estrangeira, lutando corajosamente numa resistência passiva ao invasor, preparando-se noite e dia para o momento do colapso final da Alemanha Nazista.

A lei, os princípios de justiça e liberdade e a simpatia do mundo livre e civilizado estão conosco. Esta é uma força tremenda, uma força invencível. E há de nos trazer a vitória tal como durante a guerra de 1914-18.

Ninguém pode ainda prever como evoloverá a situação, mas todos nós esta-

mos firmemente convencidos de que a humilhação e a opressão de nosso país é apenas temporária, de que o regime nazista — devido à sua desintegração moral, sua brutalidade política, a escravidão que impõe, sua política interna e externa que tão profundamente ofende todos os sentimentos de dignidade humana por tudo que perpetrou na Europa Central, — cairá e será substituído por um governo livre e democrático.

No curso de nossa história, nosso país já sobrepujou muitos obstáculos — alguns mesmo maiores que os de hoje. Sempre apareceu vitorioso. Há de vencer também a crise atual. Por vinte anos nossa República foi uma das melhores e mais felizes democracias do após guerra. Foi um Estado sadio e florescente. Foi um Estado que correspondeu aos esforços espirituais e políticos e ao legado de nosso grande Presidente Masaryk.

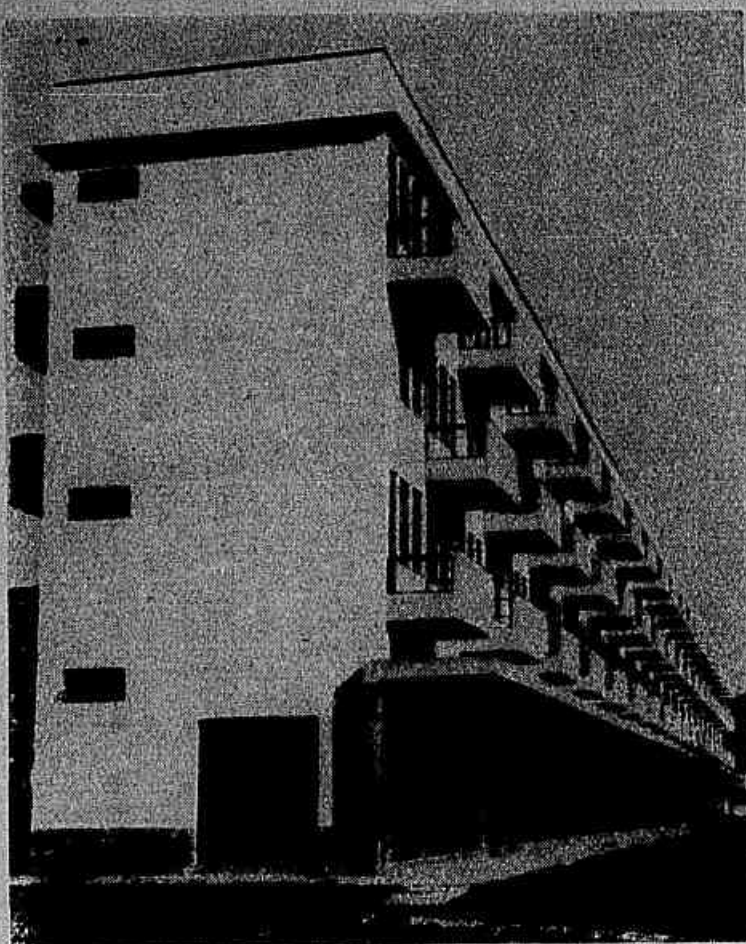
A Tchecoslováquia há de voltar a ser um estado livre e independente numa Europa nova e livre.



Panorama de Praga.

Duas visões panorâmicas da Cidade Operária do Realengo, que aparece em toda a sua imponência.

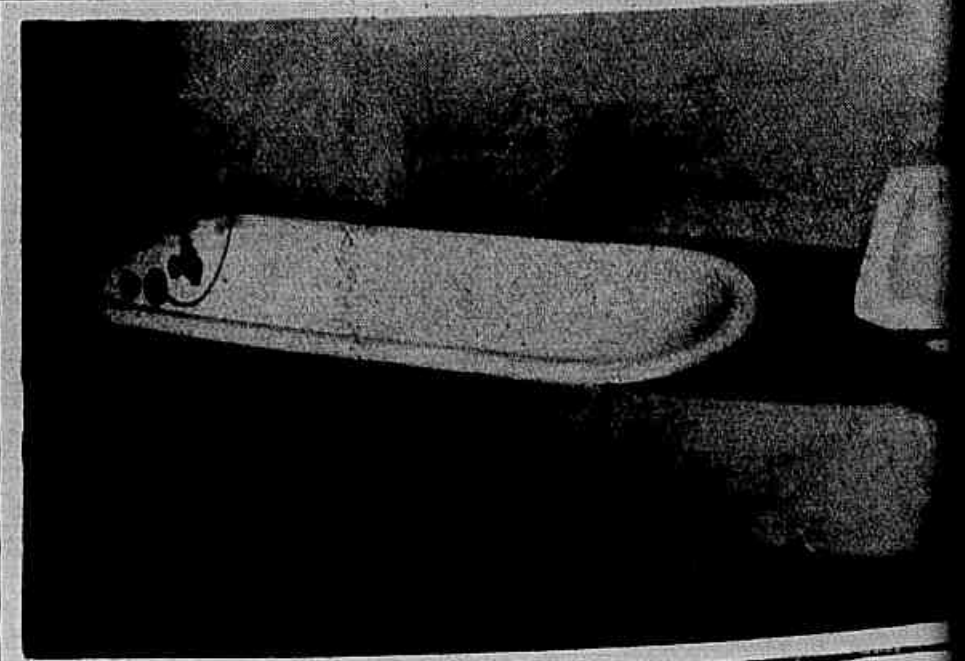
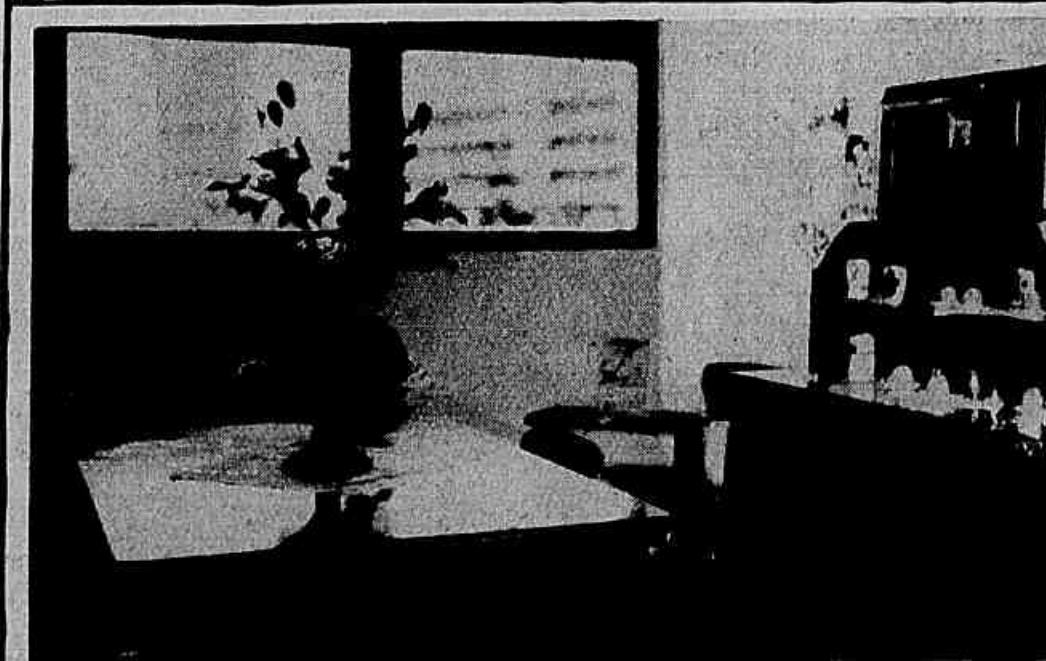
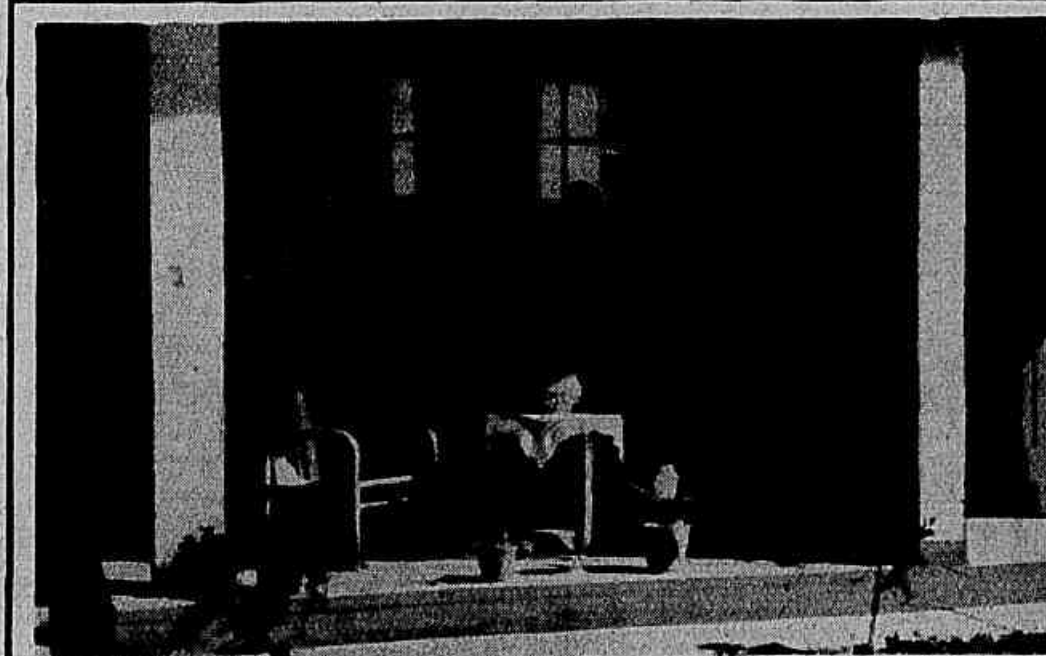
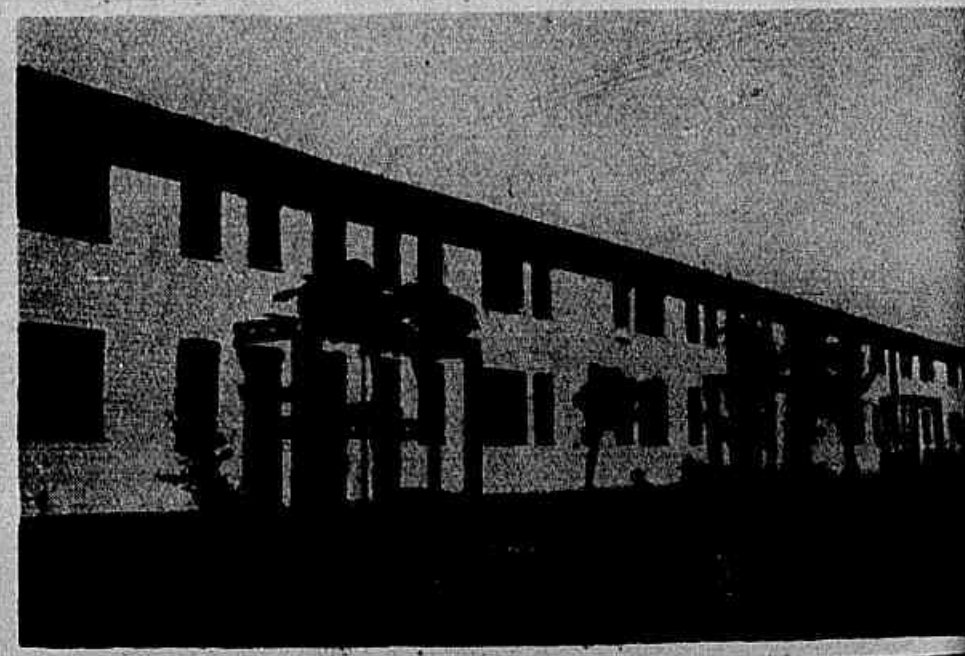
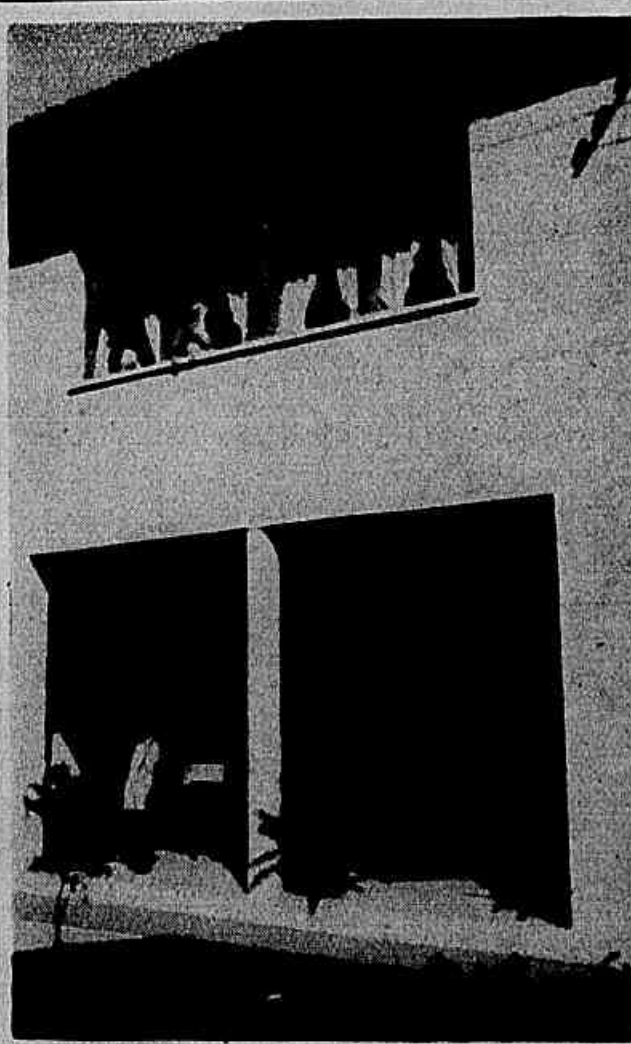
A CIDADE OPERÁRIA DO REALENGO



Prédio de apartamentos.

Focalizamos nesta página uma das maiores iniciativas dos últimos tempos, destinada a resolver o problema do lar operário: a Vila Operária do Realengo, importantíssima realização do Instituto dos Industriários. Ali, no tradicional subúrbio carioca, surgiu, pode-se dizer, uma nova cidade, com todas as características da moderna urbe. Ruas bem traçadas estendem-se por uma enorme área; casas e prédios de apartamentos, onde mais de mil famílias já habitam, enchem essas ruas, que contam, no momento, 1.400 habitações construídas, metade do grandioso plano de 2.800 residências, traçadas e executadas em obediência aos elementares preceitos da higiene e do conforto, cujo valor de locação varia de Cr\$ 118,00 a Cr\$ 140,00. Por tudo o que já está feito, o visitante não pode conter um gesto de surpresa; e pelo que se está fazendo, é impossível ocultar a mais viva admiração. A cidade operária do Realengo terá tudo para o seu habitante: hospitais, maternidades, creches, piscinas, cinemas, *play-grounds*, escolas, centros de saúde, tudo previsto na grandiosidade do plano que a concebeu. Armazens de comestíveis, açougues, quitandas, padarias, leiterias, já se encontram com locais determinados, em vias de funcionamento, encarregando-se o próprio Instituto dos Industriários do serviço de subsistência dos seus moradores, lhes fornecendo mercadorias a preço de custo. Ainda o Instituto vende ao ocupante do prédio, em caráter facultativo, mobília padronizada para sala e quarto, de preço acessível. A Vila Operária do Realengo é, em suma, um conjunto harmonioso e representa para o empregado da indústria uma grande conquista e um incalculável benefício, e assinala mais uma vitoriosa etapa na existência do Instituto dos Industriários.

O quadro mostra três tipos de casa da Vila, a varanda de uma residência, um quintal com horta bem cuidada, detalhes de sala de jantar e dormitório guarnecidos com mobília fornecida pelo Instituto e de uma instalação sanitária de que estão dotadas todas as habitações, atestando tudo isto o conforto e o bem-estar desfrutados pelos seus ocupantes.



QUARENTA E TRÊS ANOS DE VIDA CULTURAL

(Continuação da pág. 19)

dade mineira, onde se isolou, Alphonsus de Guimarães fez música — "de la musique..." — música suavíssima e inspirada — os mais belos sons de violino e violoncelo que já se ouviram em versos de poeta brasileiro.

Mário Pedernheiras, Gonzaga Duque e Lima Campos constituíram uma famosa trindade do simbolismo nos primeiros lustros deste século. Mário cantou em versos livres, de embaldadora naturalidade, as belezas do Rio e os atrativos de um lar burguês. É um poeta simples, espontâneo, mas primário, sem nada daquele mistério interior que caracteriza os simbolistas. Também mal se filiam às inquietações de Rimbaud e Verlaine, os contos de Gonzaga Duque e Lima Campos. Mais simbolista foi, talvez, Emiliano Pernet, poeta de raras qualidades e hoje bastante esquecido. Si em verso o simbolismo deu alguns bons frutos entre nós, o mesmo não aconteceu na prosa. Sob o signo da nova escola, ganhou fóros de cidade uma prosa artificial e sonora, de evidente mau gosto, cujas remanescências ainda encontramos, por vezes, nos dias atuais.

MACHADO E NABUCO

Em 1908 falece na sua residência de Cosme Velho, Machado de Assis; em 1910 morre em Washington, Joaquim Nabuco. São duas figuras culminantes das letras brasileiras, mas ambas pertencentes ao século passado, e lá é que devem ser estudadas. Machado realizou inteiramente a sua obra e, pode-se dizer, a sua vida. Atingiu a maior glória que um escritor é dado aspirar no Brasil. Não fosse absorvido pela política, e Nabuco teria deixado uma obra literária mais vasta. Quem lê, por exemplo, a crítica ao livro de Banados sobre "Balmaceda" fica a lamentar que o autor não nos tivesse oferecido outros trabalhos no gênero. E só Renan, com "Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse", fez na literatura francesa algo de semelhante à "Minha Formação", livro perfeito, luminoso, a que nunca voltaremos sem proveito e encanto.

DE 1910 AO FIM DA GUERRA

Com a modernização de nossa imprensa, a crônica começa a tornar-se um gênero mais cultivado, em seu feltro leve e agil. De 1911 são os primeiros escritos de Gilberto Amado, admirável envergadura de cronista e revelação de um estilo sóbrio, preciso, em que a justeza das expressões não exclui certa fulguração lírica. Medeiros e Albuquerque, discorrendo sobre tudo, acompanha a evolução do jornalismo, fazendo essa crônica ligeira que deleita o público. Alvaro Moreyra, cujas afinidades simbolistas eram sensíveis nessa época, conquista centenas de leitores com a malícia reticenciosa de suas notações sutis e seus pensamentos poéticos. João Ribeiro também reduz a erudição a doses homeopáticas para o público de jornal.

De 1910 a 1916, o Brasil perdeu os seus três grandes críticos: Silvio Romero, Arraújo, Veríssimo. O primeiro foi um poderoso desbravador de caminhos, e as nossas letras muito lhe devem, numa época em que tudo ainda estava por sistematizar. O segundo foi um impressionista, incentivando entre nós o gosto das divagações eruditas; o terceiro, um crítico militante: honesto, com profunda consciência do "métier", e muito mais agudo do que sempre o supuseram. Com a perda desses elementos, a situação da nossa crítica tornou-se precária, sustentada apenas pelo fervor literário de Nestor Vitor e as incursões isoladas de Medeiros e Albuquerque e João Ribeiro.

No romance, não vemos outra estréla digna de nota senão a de Afrânio Peixoto em "Estíngue", livro que, com todo seu artificialismo, revelava qualidades apreciáveis. Goulart de Andrade, tentando o gênero, fracassou em "Assunção". No conto nada apareceu de superior a "Pelo Sertão", de Afonso Arinos. No teatro, desde o início do século parece que começamos a decair. Artur Azevedo teve alguns discípulos consideravelmente inferiores. E no meio de um marasmo lamentável, só podemos assinalar as tentativas de Coelho Neto ("O Quebranto", "O Di-

nheiro", etc.) e de João do Rio ("Eva", "A bela Madame Vargas") na alta comédia, e de Roberto Gomes ("Berenice", "Canto sem palavras") na peça dramática, à maneira de Bataille.

Na poesia, o parnasianismo começa a reconquistar o lugar perdido para o simbolismo. E surgem valores novos como Hermes Fontes, Martins Fontes, Olegário Mariano, Da Costa e Silva, Cassiano Ricardo, Amadeu Amaral, Guilherme de Almeida. Uma florescência bem maior do que em qualquer outro terreno.

A pregação cívica de Bilac fez com que sua morte causasse maior abalo em todo o país. A crítica nunca divergiu no julgamento desse poeta. Bilac teve por si o público, os juizes mais severos, principalmente nos últimos quinze anos de vida. Deixou alguns sonetos famosos, nem sempre os melhores. E depois de ter sido um poeta mais decorativo e erótico (gênero, este último, em que se mostrou realmente admirável) recaiu na meditação íntima nos versos angustiados de "Tarde". Cabe-lhe a glória de haver conquistado a alma popular. Tornou-se conhecido e amado de norte a sul do país, como Castro Alves. Suas "Poemas" foram um dos livros mais lidos em todo o Brasil, durante o período de que nos ocupamos.

A guerra européia provocou também, entre nós, certo estado de crise moral e intelectual. Os últimos anos da conflagração e os primeiros, após o armistício, foram de hesitações, de sondagens, de exames de consciência, de procura de dire-



Graça Aranha

ções, na geração que então surgia. E dessa procura de direções, surgiu a corrente católica e reacionária, encabeçada por Jackson Figueiredo, na qual logo depois cerram fileiras Tristão de Ataíde; o realismo nacionalista de Monteiro Lobato e a Semana de Arte Moderna.

O JÉCA TATU

Seguindo a rota de Euclides da Cunha, Lobato, num golpe de mestre, vem concorrer para a transformação do nosso nacionalismo romântico em nacionalismo realista. Por certo, era preciso começar numa atitude pessimista e exagerada, fazendo carga sobre os pontos fracos para despertar o espírito de auto-exame adormecido e trazer o brasileiro à realidade de que se afastara em muitos anos de romantismo. A pintura brutal de Euclides da Cunha ficara isolada. Os escritores insistiam em não apresentar-nos sertanejos de carne e osso. Os tipos mais aproximados conservavam seu relevo idealista. Em "Urupês", cujo aparecimento coincidiu com o fim da guerra, Lobato foi buscar o que havia de pior — o Jéca — e no-lo apresentou na sua realidade chocante: sujo, esfarrapado, o ventre entumescido, sem nenhum matiz poético. E logo surgiram os protestos: "O sertanejo não era tão feio assim!" "Aquilo não passava de uma caricatura injuriosa". Mas Lobato, longe de encerrar no Jéca os diferentes tipos do sertanejo brasileiro, quizera apenas chamar atenção para uma

(Continua na pág. 72).

UM ABRIGO PARA ELES...



Nas tempestades da vida, PROLAR oferece um abrigo seguro a seus filhos, com apenas 10 ou 20\$000 por mês: uma felicidade que se adquire com uma ninharia. Para maiores detalhes, encha o coupon e envie nos

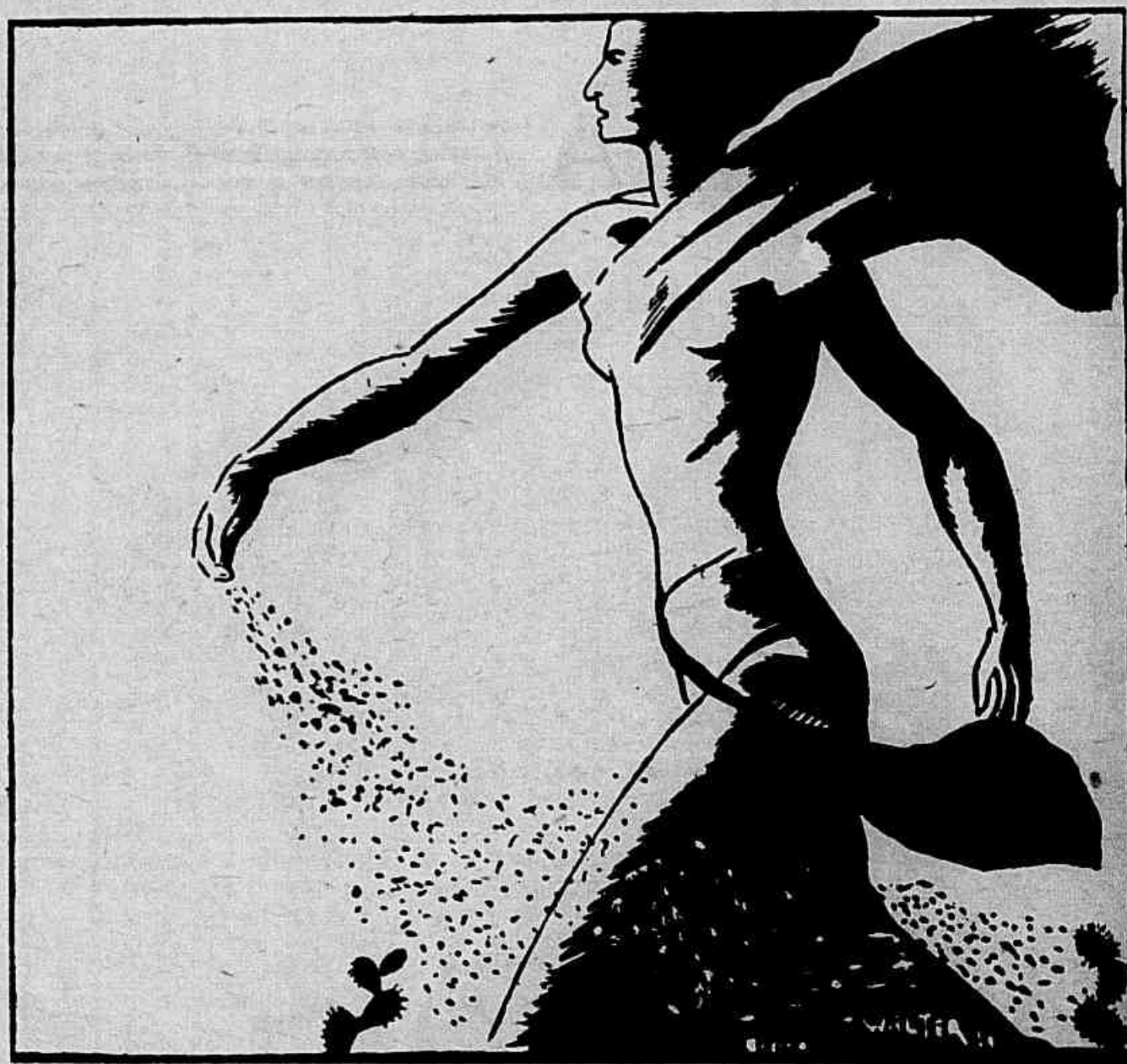
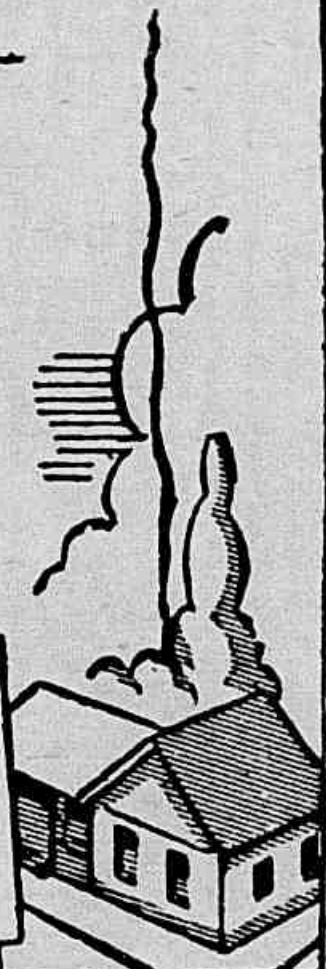
PROLAR

AVENIDA RIO BRANCO, 173
1.º e 5.º ANDARES
RIO DE JANEIRO

Nome _____

Rua _____

Estado _____



Onde a imprevidência prepara o terreno o destino lança as sementes do infortunio...
PENSE NO FUTURO DE SUA FAMÍLIA

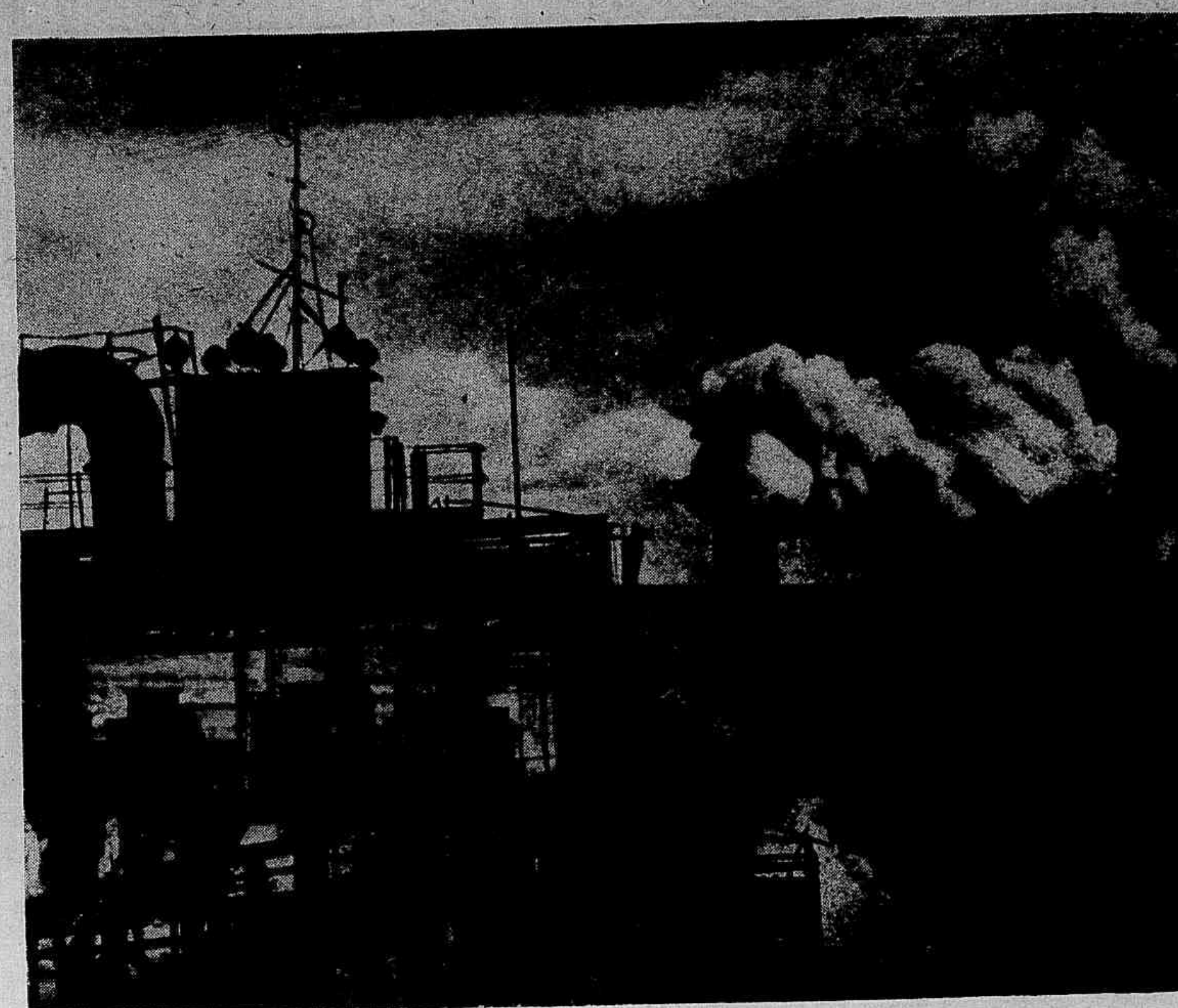
Uma apolice de seguro de vida é um dever para com os que lhe são caros

"METROPOLE"

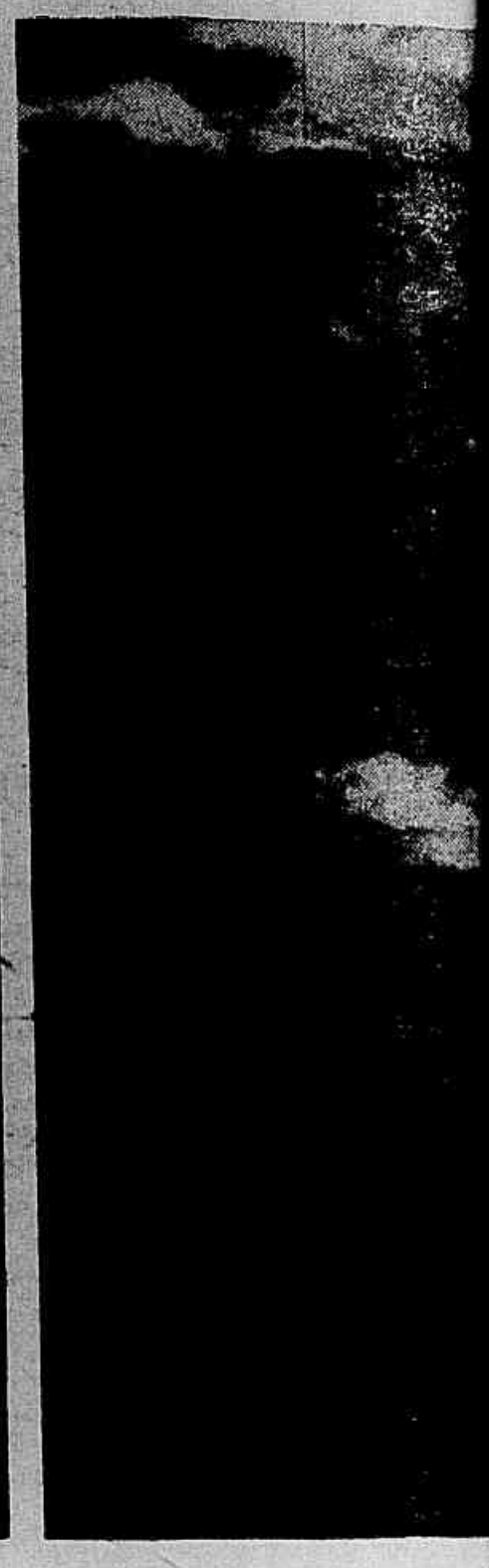
Companhia Nacional de Seguros Gerais
Ihe oferece as melhores taxas

Rua 1.º de Março, 88

Rio de Janeiro



Carvão e química — as fábricas russas têm tido um sucesso espetacular mas instável.



O Kremlin — passado e presente

O COLOSSO

A primeira impressão que produz a Rússia no visitante estrangeiro é sua grandeza peculiar. Cerca de um sexto a um sétimo da superfície total do globo está incluído nas fronteiras soviéticas. Apesar de pormos de parte os imensos tratos de escassa população no deserto Ártico, ao Norte da Rússia, e da Sibéria, bem como os vastos desertos da Ásia Central, ainda resta um enorme domínio com as maiores variedades de clima, temperatura e povos, que vivem em todos os estágios de civilização, desde aborígenes esquimós até eruditos e cientistas de reputação universal.

No Cáucaso e na Ásia Central há soberbas linhas de montanhas e cumes que excedem de muito o Monte Branco em altura. Mas, uma paisagem típica russa salienta a enorme extensão do país. Traz uma sugestão de ilimitado, de infinitude espalhando-se sobre planícies e estepes, tão longe quanto alcança a vista. Quando o governo soviético, há onze anos, convidou jornalistas a presenciarem a inauguração oficial de uma nova estrada de ferro, ligando o Turquestão à Sibéria, foi-lhes necessário viajar seis dias para chegarem ao local da cerimônia.

Com esta impressão de imensidade, recebemos também a de massa, pois a Rússia tem a maior população predominantemente branca incluída numa única unidade administrativa, com cerca de 170 milhões de habitantes, sem contar as regiões recém-anexadas que são o atual teatro das hostilidades. Toda a história russa tem sido de expansão, sob a pressão da massa e do peso, algumas vezes contra a resistência de povos estreitamente relacionados com a civilização ocidental, como os suecos e poloneses. A Rússia tem sofrido muitas derrotas militares, mas, desde que os tártaros subjugaram o país no século XIII, nenhum conquistador jamais conseguiu impor seu domínio a esta colossal agremiação de povos e territórios.

Um traço da geografia física da Rússia que sem dúvida se refletiu na psicologia do seu povo é o predomínio de tremendos extremos. Em parte alguma na Euro-

pa temperada encontramos invernos tão frios como no interior da Sibéria ou tão intensos calores como nos desertos da Ásia Central. Apesar do governo soviético ter criado certos padrões de uniformidade, lendo todos as mesmas idéias nos mesmos jornais, com vestuários idênticos, produzidos pelas mesmas fábricas, em lugar da antiga indústria doméstica e da rica multiplicidade de trajes, encontraremos uma grande variedade de tipos raciais durante uma jornada de Minsk a Vladivostok ou de Moscou ao Cáucaso ou à Criméia.

Pouco mais da metade da população da Rússia Soviética consta de russos. As férteis províncias das estepes meridionais são habitadas principalmente por camponeses ucranianos, e as pitorescas montanhas do Cáucaso possuem uma mistura de raças e tribus que lembra a Torre de Babel. Ao lado de povos muito antigos, com histórias que veem de milhares de anos, como os geórgios e armênios, encontramos pequenas tribos e clans nos vales das montanhas que não compreendem suas mútuas línguas.

A Rússia é um país profundamente eurásico, e, ao julgarmos a psicologia e o caráter nacional, é importante recordarmos que ela não foi atingida por três movimentos que grandemente contribuíram para a libertação da personalidade humana: a Reforma, o Renascimento e a Revolução Francesa. Mais ainda, os elementos que contrabalançaram a soberania absoluta nos outros estados europeus, tais como a existência de uma nobreza poderosa, cidades livres ou uma classe substancial de proprietários, faltaram à Rússia. Um tirano medieval russo, tal como Ivan, o Terrível, poderia matar o mais poderoso boyar ou nobre tão facilmente como um humilde servo. Esta tradição continua sob Stalin...

A influência oriental é muito forte na literatura e na música russas, como o sabem todos que conhecem intimamente os maiores líricos russos, Pushkin e Lermontov, com sua insistência em desenhar temas do Cáucaso, ou a ópera de Rimsky-Korsakoff ou o ballet russo. Graças à extensão de sua fronteira asiática, os russos tiveram desde muito, contatos físicos mais estreitos com os turcos, persas, chineses e outros povos asiáticos do que a maioria dos europeus, e a Rússia tem contribuído em muito para a etnologia e a exploração do Oriente.



— fortaleza do despotismo russo.



Campo soviético — onde os fazendeiros bolcheviques vivem durante a estação dos trabalhos.

RUSSO

WILLIAM HENRY CHAMBERLIN

Ha certos traços da personalidade e do espírito russos, mesmo da alma russa, que persistem através dos maiores choques externos.

O pensamento abstrato sempre apareceu fortemente na Rússia. O intelectual russo do século XIX — e a civilização russa, exceto quanto à arte eclesiástica, apenas existia antes do século XIX — tal como o pintaram, ora ironica ora bondosamente, grandes escritores da estatura de Turguenef, Tolstoi e Chekov, estava sempre sonhando com um mundo futuro perfeito, ao mesmo tempo que era, em geral, um estrangeiro e, muitas vezes, um alemão que fazia o possível por um mundo, do ponto de vista prático, bastante imperfeito.

A revolução varreu este tipo altamente civilizado e atraente, embora às vezes algo sonhador e pouco prático, de intelectual liberal. Mas, a energia intelectual permaneceu sob o comunismo. E' duvidoso que qualquer povo a não ser o russo pudesse ter concebido o plano gigantesco de criar uma economia nacional para seis anos e mesmo para maiores períodos com o preço de tudo, desde os moinhos de aço até as navilhas de barba, minuciosamente calculado. O fato de ter sido este plano um gigantesco fracasso burocrático não o faz menos caracteristicamente russo.

Durante anos de residência na Rússia fiquei muitas vezes impressionado com o intenso anseio de aperfeiçoamento do espírito russo e com uma quase completa ausência de horizonte mental, tal como o patenteiam as qualidades de moderação, instinto de compromisso e uma certa gradatividade. Si um comunista soviético, por exemplo, pudesse provar alguns casos de injustiça e opressão sob qualquer sistema estrangeiro, seu espírito permaneceria inteiramente fechado ao argumento de que um número infinitamente maior de pessoas estava sofrendo injustiça e opressão sob o regime soviético.

O comunismo é novo, mas esse perfeccionismo é provavelmente tão velho quanto o pensamento russo conciente. Nicholas Berdiaef, um dos mais proeminentes pensadores russos modernos, aponta, com razão, que o liberalismo está tão profundamente radicado na Inglaterra ou o

ceticismo na França quanto ambos são inteiramente contrários ao espírito russo.

Através das novelas de Dostoievski podemos lobrigar aspectos deste tremendo anseio por extremos espirituais, desta habilidade para sondar os mais fundos abismos e galgar as mais altas culminâncias do espírito humano, essa impaciência ante tudo que é tépido ou moderado. Ninguém foi condenado a uma desilusão tão amarga, a um sofrimento físico e espiritual tão cruel quanto o intelectual russo que, civilizado pelo contato e pelo estudo do Ocidente, esperava que um regime de respeito às personalidades e liberdades civis conseguiria governar a Rússia.

O russo possui uma extraordinária capacidade de tomar o ideal pelo real. Muitas vezes quando qualquer plano luminoso para o futuro é exposto como si já estivesse em plena realização, não há sequer um elemento de decepção ou propaganda conciente. Apenas a imaginação superou o abismo entre o pensamento e a realidade. Experimentei este característico curioso dos russos quando os alemães estavam nas vésperas de tomar Paris. Um velho revolucionário socialista russo, Victor Shernoff, que fora presidente da efêmera Assembleia Constituinte, visitou-me e, entre o reverberar do canhoneio cada vez mais próximo e as constantes explosões do fogo anti-aéreo, dedicou a maior parte da noite expondo como a Europa se levantaria a novos cumes de prosperidade com a simples realização de um complicado sistema de uniões federais entre os estados contíguos. Paris já estava assumindo o aspecto de uma cidade agonizante e ondas de foragidos corriam em busca de toda espécie de transporte.

Quando esta forma de imaginação é dirigida para os campos artísticos produz extraordinários frutos. A maior realização cultural do país, especialmente na literatura e na música, foi atingida no século XIX, sem o processo de lento crescimento que caracterizou o evol- ver das culturas nacionais inglesa, francesa e alemã.



COLÉGIO INDEPENDÊNCIA

INSPEÇÃO PERMANENTE —
CLASSIFICAÇÃO "EXCELENTE"

CURSOS:

Jardim de Infância
Primário
Admissão
Ginásio
Colégio
Comercial

RUA BARÃO DO BOM RETIRO 226
29-0333 Diretoria 29-1770 Secretária.

Artisticamente, os russos são um povo de mais dons do que o comum. Estreitamente ligadas às suas qualidades de imaginação e temperamento artístico são as qualidades de ingenuidade e originalidade. Por exemplo, um dos mais espetaculares caraterísticos da guerra moderna — o arremesso de tropas inteiras em paraquedas — era uma velha idéia do Exército Vermelho, frequentemente repetida em manobras. E' prematuro julgar si este uso das tropas de paraquedistas afetará ou não o curso desta guerra, mas, certamente nada havia durante a campanha russo na Finlândia que sugerisse uma comparação com a eficiência e extensão patenteada no uso alemão desta tática paraquedista na Holanda ou em Creta.

O russo é mais facilmente atraído pela oportunidade de cometer uma proeza arrojada do que de efetuar um trabalho rotineiro. Os jornais soviéticos anunciam com frequência fatos excepcionais de produtividade por operários soviéticos, mas o testemunho unânime de engenheiros e técnicos estrangeiros afirma que, no trabalho cotiliano, o operário soviético é muito inferior aos padrões europeus. Ha alguns anos, dedicava-se muita atenção ao cultivo das cerejas e outras frutas exóticas nas regiões polares. Mas, simultaneamente, as possibilidades de pomares em regiões mais favoráveis eram conspiciamente desprezadas.

Os efeitos da revolução nas fases exteriores da vida russa tem sido numerosos e vários. Houve um visível nivelamento social; houve tremenda superpopulação em muitas cidades, houve modernização, que se traduziu em muitas fábricas, em grupos de casas para operários, em construções para funcionários públicos e na tão falada estrada de ferro subterrânea de Moscou.

A União Soviética possui grandes obras de motorização construídas de acordo com o modelo da Ford River Rouge, embora com uma capacidade produtiva menor. Mas, como resultante das estradas comparativamente escassas e pobres, a motorização não está ainda muito desenvolvida na Rússia e a diferença entre o estilo soviético de vida e o norte-americano é tão grande que deve ser visto para ser apreciado. A vida suburbana tão característica das grandes cidades americanas não existe, exceto para a classe muito pequena de altos funcionários da União Soviética, devido à ausência de facilidades de acomodação e transporte. Enquanto o maior problema econômico na América tem sido prover a procura com a oferta, a Rússia, desde a Revolução, tem sido um país de crônica e às vezes tragicamente aguda escassez de mercadorias de consumo.

Enquanto houve altos e baixos no sistema econômico soviético, e um período de comparativa abundância seguiu aos anos extremamente vazios de 1929 a 1933, o começo das hostilidades em 1939 marcou uma nova diminuição no fornecimento de gêneros alimentícios e de mercadorias manufaturadas, com preços maiores, maiores deficiências e maiores "bichas" do que antes. Alguns viajantes estrangeiros na União Soviética, nos últimos anos, descobriram que podiam obter preços fenomenais em rublos soviéticos em troca de roupas usadas, a mais convincente evidência do fracasso das indústrias de panos, têxteis e de consumo para prover a procura, tanto em quantidade, como em qualidade.

A revolução realizou as mais arrasadoras mudanças nas condições de vida e na psicologia dos camponeses, que compreendem cerca de dois terços da população soviética. O primeiro resultado da invasão bolchevista no poder foi a legalização da venda pelos camponeses das propriedades dos senhores de terras. Doze anos depois da revolução, a Rússia era uma terra de pequenos lares camponeses cobrindo quinze ou vinte acres, tendo sido esquecidas a compra e venda das terras.

Começada em 1929 alastrou-se uma tremenda onda de propaganda concretizada em medidas da mais violenta compulsão, que incluíam expropriação e banimento de milhões de camponeses que se lhes

opunham, afim de forçar os camponios ao sistema das chamadas fazendas coletivas, onde grupos de famílias cultivavam maiores unidades de terra, que são servidas por tratores e outras máquinas maiores fornecidas pelo Estado. Estas fazendas coletivas estão inteiramente sob o controle do Estado e devem aceitar as ordens do Estado no que diz respeito às porções cultivadas, às quantidades de trigo e outros produtos a serem entregues ao governo. Esse novo tipo de fazenda varreu muitas formas da velha vida camponesa e transformou os camponios num grande proletariado agrícola.

Os camponeses mais moços, sob a influência soviética, aceitam o sistema com maior ou menor boa vontade e, talvez, agora, mal pudessem voltar ao sistema da fazenda individual mas a desilusão entre os camponios de meia idade sobre a perda da liberdade individual é grande, e, dois anos atrás, o governo soviético decretou severas penalidades para os camponeses que dedicavam mais tempo aos seus próprios jardins do que às fazendas coletivas. O grau de lealdade dos camponeses ao regime soviético é, com a eficiência do Exército Vermelho, o enigma mais importante que esta guerra resolverá.

A vida dos operários também mudou muito depois da revolução, e, para isso, bastaria o afluxo de grande número de ex-camponeses aos novos centros industriais, devido ao intenso programa de industrialização. O operário é ainda mais suscetível que o camponês à propaganda comunista, com sua teoria da ditadura do proletariado, embora seja difícil julgar a reação a medidas disciplinares tão severas, nos últimos anos, como os decretos que constituíram crime estar em atraso ou faltar ao trabalho ou mudar de tarefas sem permissão.

Tanto entre os operários como entre os camponeses, ha uma diferença significativa separando os diversos grupos de idade; os operários mais moços são mais influenciados pelos slogans soviéticos, enquanto os mais velhos são inclinados a dar maior importância à dureza das condições de vida e ao racionamento de mercadorias. E' talvez significativo para as massas russas que os Soviets, dessa maneira, muito tem salientado a nota nacionalista e pouco tem dito sobre as realizações revolucionárias ou as fazendas coletivas.

Até que ponto a doutrinação das idéias soviéticas penetrou a mocidade ou o povo russo de um modo geral, até que ponto a propaganda intensiva por meio das escolas, da imprensa, dos filmes e das organizações da juventude comunista é contrabalançada pela amargura que engendra a política soviética, — tudo isto só poderá ser conhecido com o desenvolvimento ulterior da guerra.

Eis aqui, em resumo, a terra e o povo que Hitler, seguindo Napoleão, tentou conquistar.

MATRIZ. SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja-107 s/ loja-1.º e 2.º and.

Caixa Postal, 178-B e 2999

fone 2-4550

Tele

grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

a maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos os Estados do Brasil
Agências em todas as cidades do Brasil

ORGANDY
DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A VENDA EM TODO O BRASIL

EXTRACTO Nº 1210 C/CX
Nº 1217 C/CX

SABONETE Nº 1280

BRILHANTINA Nº 1212

PC Nº 1250

Nº 1200-F
Nº 1201-F
Nº 1202-F

EXTRACTO Nº 1211 C/CX
Nº 1211 S/CX
Nº 1211-M



Praça do Palácio, em Varsovia, com o monumento erigido em 1644, por Wladislao IV a seu pai, Sigismundo III.

Visão da Polónia

A história da Polónia tem sido, através dos séculos, um poema admirável, feito de heroísmo e abnegação. Constante vítima dos impetus imperialistas dos seus vizinhos, retalhada em várias épocas pela garra do invasor, ela, não obstante, conseguiu manter uma indestrutível consciência nacional, que lhe dará a vitória definitiva. Graças a ela conquistou um lugar imperecível entre as nações do continente europeu, provando assim que tem direito à vida e que, pelos valores de sua cultura, representa um papel importante na civilização ocidental.

Monarquia poderosa na Idade-Média, solapou-a seu sistema de governo que facilitava a corrupção interna e a intromissão de estrangeiros. Foi esse vício interno

que, na Guerra dos Trinta Anos, a arrojou nos braços da Austria. Daí por diante tornou-se um jogo de política daqueles que Voltaire já chamava "grandes aves de presa" — a Rússia, a Austria e a Prússia. Em pleno século XVIII, na era das luzes, foi dividida entre as três grandes potências. Com a liquidação do império dos Habsburgos, após a Grande Guerra, pelo devotamento e abnegação de seus filhos, recobrou sua existência no concerto das nações, até que em 1939, foi de novo atacada pelo inimigo secular que mais uma vez tentou acorrentá-la a seu carro de vitória. O espírito que anima a Polónia, entretanto, não deixará que esta situação se prolongue por muito tempo. Cedo soará a hora



Jovem polonesa de Wilno, de grande formosura.

da vitória e chegará o momento em que a Polónia reassumirá seu posto de honra entre as nações livres.

As vicissitudes da história polonesa estampam-se nas ruas das suas cidades. O viajante que as percorre pode soletrar em seus monumentos a epopéia de um povo na conquista da liberdade. Assim, em Cracóvia, ha uma catedral que é o símbolo vivo do patriotismo polonês. Chamam-na o Wavel. Combinação de fortaleza, palácio e catedral, ergueu-se como um capacete de pedra sobre uma das colinas da cidade, refletindo sua imagem no rio Wisla. Quando os austriacos entraram em Cracóvia, em 1795, um dos serventúrios a cargo do Wavel ordenou aos operários que cobrissem rapidamente as magníficas escadarias de mármore com madeira e que revestissem de larga massa algumas das lareiras ornamentais e as colunatas trabalhadas. Durante muitos anos enquanto os soldados austriacos permaneceram aquartelados nos apartamentos reais e os cavalos foram alojados em outras partes do edificio, este caiu num estado de completo abandono. Finalmente os patriotas poloneses em 1905, obtiveram a concessão de adquirir a propriedade e presenteá-la ao Imperador da Austria, como um Museu Polonês!

A reconstrução do Wavel, atrasada pela Grande Guerra, estava quasi finda e suas belezas ocultas já se patenteavam aos olhos dos peregrinos poloneses, quando se deu a invasão. Do exterior produz uma curiosa impressão pela mistura dos estilos arquitetonicos que apresenta. É uma vasta estrutura em que entram o gótico, o renascentista e o barôco, com uma torre muito alta dominando todo o conjunto do castelo, e ostentando o emblema nacional — a grande aguia branca, simbolo da mais alta ordem do mérito da Polónia e que lhe deu o cognome de Terra da Aguia Branca. No Wavel é que se coroavam os soberanos poloneses. Essas coroações eram frequentemente perturbadas pelo sistema eletivo em vigor. Como solução havia o costume de só se considerar vago o trono após o enterramento do rei. As eleições se prolongavam por muitos dias, mas, enquanto o rei se conservasse sobre a superficie da terra o país não se considerava acéfalo.

Tambem nesta catedral, tão amada dos poloneses, repousam os heróis nacionais. Na cripta repousam Jan Sobieski, que salvou a Europa da invasão turca, vencendo os mussulmanos ante as portas de Viena, em 1683; Kociuszko que lutou pela independencia americana e foi honrado pelos Estados Unidos com a cidadania americana, propriedades e o posto de brigadeiro general. Sua memória é cultuada pelos poloneses porque foi ele quem os levou na sua derradeira batalha contra os exercitos esmagadores da Prússia, da Russia e da Austria. Na mesma cripta tambem descansam os restos mortais do poeta nacional da Polónia, Adam Mickiewicz. O Wavel, que agora é tumulo e santuário, tambem já foi baluarte e serviu de núcleo á muralha de defesa da cidade.

O Cloth Hall, ao centro da praça do mercado, é um monumento da época em que Cracóvia era o ponto de reunião das caravanas que traziam do Oriente as especiarias, da Hungria o trigo, da Itália e da Europa Central as sedas. Mas nem as mulheres com chales de côres variegadas que sentavam em banquinhos sob sua colunata, nem os judeus que apregoam suas mercadorias de toda espécie poderiam supor que isto fôsse, ha alguns anos, um grande celeiro. A quem percorresse o mercado, deleitando-se em apreciar o rico contraste de côres dos trajes e das frutas e legumes, surpreenderia o súbito toque de um clarim repentinamente estrangulado. Si indagasse a alguém sua razão de ser, saberia que é a recordação de um arauto que, em séculos passados anunciava a cidade a aproximação do inimigo e que teve seu toque de alarma cortado um dia pela seta de um tártaro. De uma das muralhas do Cloth Hall pende uma faca rústica sobre a qual se conta uma história. Dois irmãos receberam a empreitada de construir as torres da igreja de Santa Maria. Um deles terminou sua obra muito antes do outro e por isso incorreu no ódio do irmão. Quando o segundo descobriu, alem disso, que sua torre era muito mais curta que a do outro, matou-o num acesso de raiva e, por isso, a faca é preservada como memória.

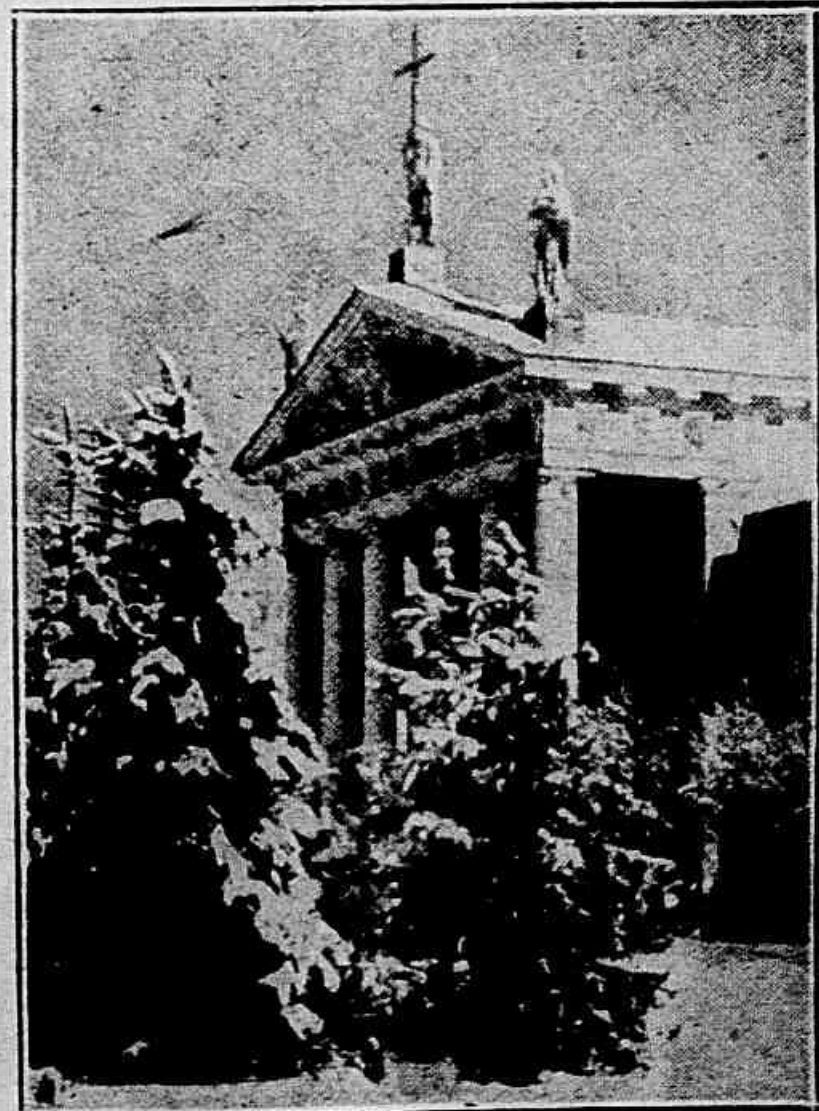
As tradições da Polónia e o indomável espirito de seu povo foram alimentados durante os trevosos dias de sua história pelos estudantes da Universidade de Cracóvia. Fundada em 1364 por Casimiro o Grande, é a segunda em idade, em toda a Europa Central. Os toscos instrumentos e os planisférios de Copérnico, cujos descobrimentos revolucionaram o mundo, estão preservados na biblioteca da Universidade.

As estradas da Polónia são longas e retilíneas e muitas vezes apresentam-se congestionadas pelo tráfego. O principal veículo que nelas avistamos é uma carroça comprida e baixa que é para o camponês carro de mercado e habitação ao mesmo tempo. Os camponeses geralmente moram em aldeias de trinta a quarenta casotas brancas, cada uma com um teto coberto de colmo e um só quarto, onde a família come, dorme e diverte-se. No cimo da casa ou na parede uma singela cruz de madeira é colocada.

O camponês da Polónia é conservador e lento em mudar seus costumes. Modas de vestuário ocidental influenciaram menos os costumes de festa do povo campesino do que em outros países da Europa.

Na Polónia, os casamentos representam uma ocasião de alegres festejos, que duram às vezes dias, antes e depois do acontecimento. A noiva é coroada com rosas e lírios, amarrados com fitas multicores. E por vezes a festa vai até tarde da noite, enchendo os campos com a sua música festiva e o tropel das danças locais.

Falando na Polónia, o nome de Chopin vem como uma corôa votiva, iluminar-lhes a lembrança. Por isso, ele vive e viverá, na eternidade de suas melodias que o mundo inteiro incorporou de ha muito ao seu patrimonio de artes mais alta e mais pura.



A catedral de S. Stanislaú, em Wilno, fundada em 1387.

Laminação Federal de Metais Ltda.

ESCRITORIO:

RUA 1.º DE MARÇO 7 — 6.º AND. (Edifício 1.º de Março)

TELEFONE 43-5505 — CAIXA POSTAL 2392.

FABRICA:

RUA FRANCO DE ALMEIDA, 62 — Telefone 28-9298

CHAPAS DE ZINCO COMERCIAL E POLIDO PARA CLICHÉS DE FOTO-
GRAVURAS, ZINCOGRAFIAS, TRICROMIAS, DOUBLÉS ETC. CHAPAS DE
COBRE ELETROLÍTICO PARA CLICHÉS. ANODOS DE COBRE PARA GAL-
VANO. LATÃO EM CHAPAS E EM TIRAS. COBRE EM CHAPAS E EM TIRAS.
BOBINAS DE COBRE. ZINCO LAMINADO PARA CALDEIRAS.



PAPELARIA BRASIL

L. J. COSTA & CIA.

FONIOS

43-6545 e 43-1769

ENDEREÇO TELEG.

“PAPELIL”

Artigos para Escritório, Desenho e Engenharia, Livros
para Contabilidade, Papel para Impressão Assestado, Apergaminhado e Couché,
Papel para Embrulho, para Capas e de Fantasia para Encadernação, Cartolina
branca e de cores, Tipografia, Encadernação, Pautação e Riscagem.

(OFICINAS PROPRIAS)

DEPOSITO E SECÇÃO DE EXPEDIÇÃO

RUA BUENOS AIRES, 189/191

Fônio 43-6966

RIO DE JANEIRO

Usem

Papel

Couché

Nacional

KLABIN

CASA NIEPCE

MATERIAL FOTOGRAFICO

Alberto Martins & Cia.

RUA 7 DE SETEMBRO, 133 - SOB.
TELEF. 22-6259 — END. TEL. GRAVOPHOTO — RIO DE JANEIRO

Quadros

atingir tais cimos. Como podemos achá-lo pequeno quando é capaz de tanta nobreza e nos assegura que a alma humana é de uma infinita capacidade?

Estas pinturas que tenho comentado são de uma alta seriedade e, mesmo, de uma forma trágica. Isto não é anormal, porquanto aquilo que julgo grande arte, a que é implicitamente moral, é séria; procura, quer o saiba ou não, a consciência por trás da mão que a pinta, procura dar-nos uma chave para o mistério do ser e derramar luz sobre a alma vária do homem. Versa coisas importantes. A vida é trágica e na beleza há mais lágrimas que risos. O homem é um animal muito estranho, podendo combinar grandeza da alma com os traços mais mesquinhos e discordantes; quando, porém chega a produzir uma obra darte, é da grandeza de sua alma torturada que extrai essa mensagem.

Grandeza da alma. É o que dá à uma pintura sua significação profunda. Tomem *O Embarque para Citera* de Wateau, também no Louvre. Aquelas graciosas criaturas nas suas belas roupagens, e tão a fazerem-se de vela alegremente para a ilha dos bem-aventurados, oculta no azul distante e na poeira dourada do sol. É uma cena alegre, descuidada e, no entanto, estranhamente recoberta de melancolia, como se ainda quando pintava, o artista tivesse em mente que a alegria é passageira e insubstancial e que o luminoso dia terminará com perguntas a que os refinados prazeres do momento não saberiam responder. É desilusão e saudade que a pintura sugere e não é só; é uma nota ansiosa, não trágica, e, ao fim, a tela apenas oferece encantamento aos olhos. É muito, mas não alimenta a alma.

MONET É TÃO IMPORTANTE QUANTO UMA TAVERNA PROIBIDA

Só vim a conhecer intimamente a pintura moderna quando já passara minha mocidade e me acostumei a ela. Não tenho grande confiança em meu julgamento e com o passar dos anos muitas vezes o modifiquei. Quadros que eu certa vez muito admirei tornaram-se para mim de nenhuma importância. Quando tinha 18 anos, um amigo meu foi presenteado com a pintura de um monte de feno, que eu não podia entender de nenhum modo. Não se parecia a nenhum monte de feno que eu vira e julguei-o horrível. Com o tempo, porém, cheguei a achá-lo uma bela pintura. Era fresca, viva e a cor era linda. Continuei a vê-la por quarenta anos e a última vez que a vi pareceu-me escura, vazia e vulgar. Foi pintada por Monet. Monet tinha algo a dizer que interessava apenas a um certo período, mas não era uma comunicação cheia de sentidos e, por isso, depois que ele a fez e que nós a recebemos, em nada mais nos interessa. Para mim um quadro de Monet é tão importante quanto uma taverna ilícita, após a queda da proibição.

Procuro na pintura algo que excite minha imaginação tanto quanto meus olhos e o encontro nas obras de alguns pintores modernos, mas tenho agora a consciência de que dou tanto quanto recebo. Por um processo associativo, enriqueço-os com minhas recordações, minha leitura e minha experiência. Não julgo que Utrillo seja

QUARENTA E TRÊS ANOS DE VIDA CULTURAL

(Continuação da pág. 67).

verdade brasileira. Era preciso ir ao extremo para destruir os "clichés" idealistas. Só o Jéca com a gafurinha horrenda, a boca desdentada, podia quebrar a tradição romântica dos tabaréus de Alencar. O reverso grotesco da medalha mostrava ao brasileiro a necessidade de não se embalar em quimeras, não alimentar um sentimento falso da sua terra e da sua gente com sonhos estereis. Imediatamente, apesar dos protestos dos idealistas empedernidos, começaram a aparecer novos Jécas; os escritores dos outros Estados foram fazendo suas descobertas; no Norte apareceu o Mané Chique-Chique; e um dia, na tribuna do Senado, Rui Barbosa diagnosticou no caipira de Lobato uma face da psique nacional. Era a investigação da realidade que se processava. O Jéca marcava um instante na evolução do nosso pensamento.

Em seguida, em "Cidades Mortas", Lobato continua a campanha de realismo nacionalista. Um logarejo do Interior com meia dúzia de casas, vida parada e humilde seria ótimo cenário para uma história sentimental. Qualquer dos nossos escritores de então iria enternecer-se com aquela pacatez, descobrindo ali o drama de uma mocinha romântica e transformando o logarejo em berço do sonho e da melancolia. Lobato, com seu espírito anti-romântico, seu sentido exato da vida brasileira, viu apenas a "cidade morta" e incorporou essa nova imagem à literatura nacional. Não transfigurou pela poesia o que era expressão de decadência. Denunciou o mal pelo riso e pela galhofa.

O MOVIMENTO EDITORIAL DE 1920-22

Em 1920, o próprio Monteiro Lobato torna-se editor, empenhado em fazer ler aos brasileiros. Concluindo de que era a falta de distribuição comercial que aniquilava o nosso mercado livreiro, envia suas edições para os recantos mais longínquos do país, ao mesmo tempo que acolhe "os novos" e se põe na pista de talentos ignorados. A "Revista do Brasil", fundada há uns anos atrás, fica sob a orientação do escritor-editor que para ela atrai vocações e méritos irrevelados. Lo-

bato favorece o aparecimento de Oliveira Viana, que iniciava verdadeiramente os nossos estudos sociológicos em "Populações Meridionais do Brasil"; Godofredo Rangel; Valdomiro Silveira; Ricardo Gonçalves; Carvalho Ramos, o magnífico escritor goiano, falecido tragicamente aos vinte e um anos e cujo livro "Tropas e Boiadas", em 1.ª edição não tivera a devida repercussão. Mas não era só o bom livro que Lobato pretendia oferecer-nos; era também o livro materialmente bem feito, materialmente belo. Suas edições assinalam, igualmente um marco no aperfeiçoamento gráfico do livro brasileiro.

A SEMANA DE ARTE MODERNA

A Semana de Arte Moderna foi a concretização de uma inquietude revolucionária que se manifestou em certo grupo da geração nova, a geração da guerra. A ideia da Semana surgiu em São Paulo, encabeçada pelos escritores Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade e o escultor Brecheret. A ela aderiram Graça Aranha, Ronald de Carvalho e outros elementos do Rio. Quando concertaram o movimento ninguém sabia exatamente o que seria o modernismo ou que espécie de modernismo se pretendia lançar. Estava tudo vago, tudo no ar, sob o bafejo das escolas avanguardistas francesas mal assimiladas é, a palavra que serviu a princípio para designar essa inquietação foi uma palavra infeliz, o "futurismo" de Marinetti, com o qual, aliás, os modernistas diziam não ter ligação. Demos aqui o título de curiosidade, por ser pouco conhecido do público, o programa das três noites realizadas no Teatro Municipal, de São Paulo. A primeira, a 13 de fevereiro de 1922, constava do seguinte: Conferência de Graça Aranha sobre o tema "A emoção estética na Arte Moderna",

ilustrada com música por Ernani Braga e poesias por Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho; música de câmara por Vila Lobos; conferência de Renato Almeida "A pintura e a escultura moderna no Brasil". Nesse espetáculo não houve nenhuma manifestação de hostilidade da assistência. O mesmo não se deu na segunda noite, a 15 de fevereiro e subordinada ao seguinte programa: Palestra de Menotti Del Picchia, ilustrada com poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade, Candido Mota Filho, Luiz Aranha, Mario Andrade, Sergio Mil-

que admirei

(Continuação da pag. 40)

um grande pintor, é muito desigual, mas ocasionalmente vi um quadro seu, do chamado período branco que despedaçou meu coração. Para quem quer que conheça Paris, aquelas cenas das ruas dos subúrbios sórdidos, com seu ar de desolação e seu silêncio hostil, têm uma infinita tristeza; aquelas casas humildes e enlameadas são a morada do Deus oculto e somos oprimidos pelo horror de suas vidas estreitas, aváras e sem esperança. Não quisera possuir um desses quadros; seria para mim uma constante censura.

Ha ainda Gauguin. Não é tão pouco um grande artista: julgo sua vida e sua personalidade mais interessante que seus quadros. Certa vez escrevi a descrição fantástica de uma fruta do museu de Stockolmo, mas nas suas cenas de Tahiti é que é mais verdadeiramente ele mesmo. São deliberadamente estilizadas, mas possuem um caráter idílico que evoca as belas ilhas dos Mares do Sul e, para quem nelas viveu, trazem recordações de um conteúdo sensual e de uma felicidade interior que o passar do tempo não consegue ofuscar.

COLECIONA DEGAS E CEZANNE

Ha dois artistas maiores que estes, Degas e Cézanne, e ha um quadro de cada um deles que coleciono na memória. Degas era o pintor da vida que o cercava: pintava dançarinas e lavadeiras, cafés e cavalos de raça. Ha no Louvre um quadro intitulado *O Absinto*, o retrato de um homem decaído e de uma mulher sórdida; estão sentados numa mesa de café bebendo e em suas atitudes de humilhada abjeção transpira degradante o desesperado do vício. Está admiravelmente pintado, a composição é bela e o colorido é rico. É um trágico retrato da vida real. É mal cheiroso e sujo, baixo e, contudo, tem um fogo estranho — cínico se assim o querem, amargo, asqueroso e, ao mesmo tempo, infinitamente patético. É o documento de uma época.

Resta-me agora apenas um quadro a comentar e é o de Cézanne, *O Monte St. Victoire*. Não sei onde anda agora. É um quadro da Provença de Cézanne, uma pintura verde de certa colina com oliveiras e casotas de telhados vermelhos; é poeirenta e quente e o sol tórrido que absorve a exuberancia das cores mediterraneas de modo que os verdes são pálidos e os vermelhos diluídos; é a Provença. Sem dúvida está belamente composto, pois nenhum pintor contemporaneo teve como Cézanne o dom que chamamos da construção arquitetônica. Isto, porém, para o leigo não interessa, ele não precisa saber o que lhe dá essa satisfação íntima; para mim o essencial do quadro é sua teluricidade e, ao mesmo tempo, sua espiritualidade, uma verdade, sóbria e uma terna poesia. É a Provença. É a terra da canção, do vinho e do riso, o berço de uma antiga civilização, país de belas recordações e de rica cultura, morada de santos e vinhateiros e mulheres de olhos negros sorridentes. É a França com sua graça, suas virtudes sólidas e seu amor ao torrão; a França que, apesar de todos os seus erros, tão amargamente expiados, é imortal.

list, Tarcito Almeida, Ribeiro Couto, Plínio Salgado, Agenor Barbosa; danças por Yvonne Daumerie; solos de piano por Guilomar Novaes. Logo depois da palestra de Menotti, quando começou a declamação de poesias modernas, as torrinhas se manifestaram com uma terrível assuada. Eram ladrados e cacarejos, que justificavam muito bem o lugar em que se achavam os manifestantes: poleiro. Um tumulto e um escândalo! A vaia foi, porém, a consagração da Semana e, principalmente dos modernistas. A última noite, de 17 de fevereiro constou apenas de um concerto de Villa Lobos, enquanto no saquão do Municipal continuou a figurar a exposição de pintura e escultura avanguardista, instalada na primeira noite. Em carta enviada a Menotti e por este estampada no "Correio Paulistano", logo depois da vaia, Mario Andrade dizia: "Eternos célebres! Enfim! Nossos livros serão comprados! Ganharemos dinheiro. Seremos lidíssimos. Insultadíssimos. Celeberrimos. Tudo por que os araras caíram na armadilha". Os araras eram o público que os tinha variado.

O REPTO DE GRAÇA ARANHA

Depois da Semana de Arte Moderna começa a definir-se dois campos opostos em nossas letras: o passadismo e o modernismo. Quem não ficava de um lado tinha que fatalmente colocar-se do outro. Essa situação acentuou-se ainda mais, depois do surrú de Graça Aranha, na Academia Brasileira de Letras, em junho de 1924. O movimento modernista fazia-se principalmente contra o espírito acadêmico que tinha seu reduto no "Petit Trianon". A propósito de um projeto rejeitado por Mario de Alencar, Graça Aranha pronunciou um famoso discurso, em que lançava o repto. A Academia tem dois caminhos a seguir: ou renova-se ou morre. O discurso provocou protestos iracundos de Osório Duque Estrada. Os modernistas presentes protestaram. Coelho Neto interveio e tudo degenerou em confusão, tal como na célebre noite da Batalha de Hernani, em Paris, em que o Romantismo foi recebido a petardos. Dias depois, Medeiros e Albuquerque respondia com muita finura e malícia à oração de Graça Aranha. 1924 e 25 marcam, por assim dizer, o período áureo do modernismo. De 1926 a 28 formam-se pequenos núcleos, combatendo isoladamente na

provincia, mas a decadência, apesar de um recrudescimento de hostilidade em 27, já é visível. Dos núcleos provincianos, o principal foi o de Cataguzes, agrupamento brilhante em torno da revista "Verde", da qual saíram para as nossas letras, Guilhermino Cesar, Rosario Fusco, Carlos Drummond de Andrade.

Em 1928 o rótulo modernista entra em franco descrédito. Os que tomaram parte no movimento vão encontrando suas diretrizes e desprezando as turbulências do período heroico. A integração do escritor brasileiro na realidade nacional torna-se cada vez maior. Nesse ano, a "Bagaceira", de José Américo de Almeida anuncia o ciclo dos romances nordestinos de 32.

O ESPLÊNDIDO SURTO DE 32

A Revolução de 30 teve uma repercussão imediata e surpreendente em nossa vida cultural. O movimento político afetou todas as forças vitais do país. Uma onda de dinamismo agitou, como uma corrente elétrica, a intelectualidade brasileira. Ia começar uma nova era em nossa literatura. A Revolução despertou definitivamente o senso político e social dos escritores e artistas. Ninguém mais queria ficar na torre de marfim. Foi uma debandada geral para a praça pública, em busca do povo, das massas. O postulado da arte pela arte transformou-se, de um momento para outro, em ridículo anacronismo. Era preciso tomar partido, ser por A. ou por B. A arte constitui fator social e só dessa forma devia ser cultivada. Abaixo os estetas, os cinzeladores ociosos do estilo, os sonhadores oníricos! O intelectual brasileiro precisava participar ativamente da grande hora do mundo. Circunstância bem curiosa e paradoxal é esse surto assombroso da nossa literatura — o maior que até hoje assinalamos — ter-se verificado sob o signo de uma mentalidade anti-literária. Justamente na época em que mais começamos a escrever, foi que menos importância se deu ao escrever bem. O fundo assumiu sensível predomínio sobre a forma. Mas tal predomínio estimulou uma sede de informação cultural extraordinária. O público pedia livros, e para atendê-lo multiplicaram-se rapidamente as editoras. Temos o grande movimento editorial de 32. O brasileiro passa a ver na literatura qualquer coisa de prático e útil, esque-

(Conclue na pag. 123)

RIO ELEGANTE
ALFAIATARIA
SOUZA & CHAPETA LTDA.
EXIMIO CONTRA-MESTRE H. W. CHAPETA
Corte Londrino
AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202
TELEFONE 43-3234

CH. LORILLEUX & COMP.
Pioneiros no Brasil, da industria de tintas para impressão.
Massas para rolos e acessórios em geral.
Casa Fundada em Paris em 1818
Fabrica no Rio de Janeiro:
RUA PEREIRA DE ALMEIDA N.º 27
(Matoso)
TELEFONES (Vendas — 28-2606
(Escrit. — 48-8501

SOCIEDADE ANONIMA
MARVIN
Fabricantes de: PARAFUSOS e PORCAS, REBITES, DOBRADIÇAS, PREGOS, ARESTAS, CANOS DE CHUMBO e CHUMBO EM LENÇOL, FIOS e CABOS de COBRE e ARAME de LATÃO
Importadora de: FERRO, AÇO e METAIS EM GERAL
Avenida dos Democraticos n. 207
TELEFONE 30-3800
RIO DE JANEIRO

CASA

AMERICO
MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO, CAL, TELHAS, CIMENTO, FERRO, ETC.
A. Rodrigues Vieira
VENDE E ENCARREGA-SE DA COLOCAÇÃO DE TACOS, ESQUADRIAS, ETC.
MATRIZ
RUA EQUADOR, 306 (Esq. rua 4)
TELEFONE 23-6116
RIO DE JANEIRO
FILIAL
AV. FELICIANO SODRÉ, 864
TEL. 208 — (EM FRENTE À PREFEITURA)
TEREZOPOLIS —:— EST. DO RIO

OS QUE SE ENCONTRAM NOS CAMINHOS DA VIDA

Conto russo de ADOLFO SCHWEITZER

A sala de audiências do tribunal de uma pequena localidade vinícola ao sul de Kishinew, na Bessarábia, estava apinhada de gente. Era o dia em que juiz Tchernikoff (barrigudo, de cabeça em forma de melancia e nariz vermelho de provador de vinhos, devia sentenciar o velho Serguei, o mendigo, pelo delito de ter assaltado a carrocinha de cachorros vadios, machucando o aprisionador e soltando toda a cachorrada.

O processo estava concorrido, porque, naquela pacífica localidade o povo não concordava com o procedimento de extermínio do "melhor amigo do homem". Outra parte interessante no caso era, também, a figura do delinquente, o velho pedinte Serguei.

Tratava-se de uma figura popularíssima na pequena cidade. Desses indivíduos que não se tornam populares pelos grandes feitos, mas pelo peso da desgraça que carregam. Um velho forte, porém, curvado, de emaranhadas barbas cinzentas, e espessas sobrancelhas á la Papai Noel, que quase lhe cobriam os olhos vivos, apesar da idade. As crianças chamavam-no Papai Noel e os velhos, não obstante a sua inqualificável posição social, votavam-lhe respeito, porque Serguei sabia ler e escrever (coisa rara naquela localidade) e, além disso, era, também, curandeiro. Ainda estava bem gravada na memória do povo a milagrosa cura que realizara no filho do coletor. O menino estava à morte. Os médicos chamados de Kishinew, só puderam dizer que não mais havia possibilidade de salvá-lo. E Serguei, um dia, batendo à porta do coletor e ouvindo os soluços de D. Anastácia, sua mulher, pediu licença para ver o pequeno doente. Examinou-o detidamente e no mesmo dia, trouxe-lhe umas ervas e recomendou a D. Anastácia que as fervesse em mel e desse ao menino enfermo uma colher das de sopa de duas em duas horas. Oito dias depois, uma das janelas estava quebrada. Sinal de que o menino já estava jogando futebol. O coletor quiz recompensá-lo magnanimamente, mas Serguei pediu que lhe desse apenas um bom prato de **borsh**, daquele, delicioso, que D. Anastácia costumava fazer às sextas-feiras.

Quando a porta lateral se abriu e o velho Serguei entrou na sala acompanhado por um gendarme, verificou-se um súbito silêncio entre a assistência. O réu caminhava com a sua habitual serenidade estampada no rosto castigado pelos ventos, apoiado em sua vara, sem aparentar nenhuma preocupação pelo julgamento a que iria ser submetido.

O escrivão, com voz sibilante, passou a ler os autos do inquérito, e quando terminou, o juiz, depois de tossir e suflar o nariz num grande lenço vermelho, iniciou o clássico interrogatório:

— Réu Serguei Dimitrevitch Petrakoff, reconhece o crime que lhe está sendo imputado?
— Reconheço, em parte, **gospodin** juiz.
— Estava em perfeita consciência da gravidade do delito quando o cometeu, réu Serguei?

— Mais ou menos, sr. juiz.
— Não admito meus termos, réu Serguei Dimitrevitch! Responda: sim ou não.
— Sim.

Verificou-se um tumulto entre a assistência e o juiz fez uso do martelinho, após o que, prosseguiu:

— E por que cometeu o delito?
— Para impedir um crime em massa.
Ouviu-se um murmúrio entremeado de risadas na sala. O julgador tornou a usar do martelinho.

— Então considera crime o que o mundo civilizado considera "preservação da saúde pública"? Está ciente, o réu Serguei Dimitrevitch, do mal que pode causar um cão attingido pela hidrofbia?

— Estou. Mas não acho justo que, com o intuito de prevenir um possível caso de hidrofbia, se proceda ao extermínio de cachorros sãos que, além de serem amigos do homem, têm tanto direito de viver quanto a sociedade que os elimina.

— Mas nem todos os cachorros presos são exterminados, réu Serguei Dimitrevitch. A lei concede um prazo aos donos dos animais para, em troca do pagamento de uma multa, libertarem seus cães e assim salvá-los da matança.

— Mas os cachorros de maior utilidade pertencem aos que não podem pagar a multa, sr. juiz. E se eu tivesse dinheiro, teria libertado todos os cachorros, sem estar agora no banco dos réus...

O juiz bufou, embaraçado, enquanto um murmúrio de aprovação passou pela assistência. O magistrado bateu o martelo valentemente, pedindo silêncio e continuou:

— Contudo, o réu Serguei Dimitrevitch não se limitou a soltar os cães. Agrediu, também, o cidadão que desempenhava suas funções em benefício da segurança pública, como aprisionador.

— Não o agredi.
— O inquérito estabelece ferimentos leves.
— Foi um cachorro grande que, ao sair da carroça, saltou sobre o aprisionador, sr. juiz.

— Baseio-me no inquérito que estabelece ferimentos leves causados não por animal.
— Eu costume falar a verdade, sr. juiz. Não agredi o aprisionador. E não o teria feito, mesmo porque, sabia que aquele cidadão, embora de maneira pouco recomendável, estava ganhando a sua vida...

— Pouco recomendável, não, réu Serguei Dimitrevitch Petrakoff! O cidadão exercia suas honradas atividades em benefício da coletividade. E... ademais, não lhe cabe... Qual é a sua profissão?

— Mendigo.
— Não me consta ser isso uma profissão, disse o juiz, enquanto vibrava o martelo para impedir os murmúrios entre a assistência.

— Juridicamente a mendicância pode não ser uma profissão, sr. juiz, mas, praticamente, nós que exploramos a mendicância, somos uma espécie de auxiliares dos padres. Estamos sempre à porta da igreja para incentivar a caridade que eles tanto apregoam. Auxiliamo-los, assim, numa árdua tarefa, que é a de semear na terra os mandamentos de Deus. Depois, nós, também, damos alguma coisa em troca da esmola que se nos dá. E note, sr. juiz, damos uma mercadoria que vale muito mais que um **kopek**... Damos ao esmolar a convicção de que fez uma caridade. E', portanto, um conforto moral que, creio eu, sai muito barato... Nós os mendigos, também desempenhamos um papel no drama da vida. E que papel, sr. juiz... afixo-lhe que merecíamos um Sindicato...

— Basta! réu Serguei Dimitrevitch! Não estamos aqui para filosofar e muito menos para fazer graça!

O velho sentou-se indiferente em sua cadeira, enquanto na sala ouvíam-se algumas risadas estrepitosas. Mais uma vez, o magistrado fez vibrar o martelo e o silêncio voltou a dominar o recinto.

Depois de um curto intervalo, o juiz levantou-se, tomou um ar severo e grave, colocou a mão sobre um grosso livro à sua direita e sentenciou:

— Réu Serguei Dimitrevitch Petrakoff, em virtude do que estabelece o código penal, condeno-o a seis meses de prisão ou à multa de duzentos rublos, incluídas as circunstâncias atenuantes.

Um murmúrio de protesto agitou a sala e o juiz esforçava-se em vão para manter a ordem. Ouviam-se vozes de indignação e assovios em sinal de desagrado. Por fim, os gritos do juiz Tchernikoff conseguiram sobrepujar o tumulto:

— Senhores! Senhores! Mandarei evacuar a sala se continuarem a desrespeitar este Tribunal! E dirigindo-se ao acusado: "Mais alguma coisa a declarar, réu Serguei Dimitrevitch?"

— Uma pergunta, sr. juiz: é livre a escolha entre a multa e a prisão?
— E' livre.
— E no caso de um mendigo, sr. juiz?...

O magistrado bufou, demonstrando evidentes sinais de embaraço e o recinto encheu-se outra vez de barulho dominado pelas risadas e gargalhadas estrepitosas, que, porém, diminuíam de intensidade, à medida que se aproximava do juiz um cidadão, que se levantara de uma das cadeiras reservadas à assistência. Depois de dizer qualquer coisa ao ouvido do julgador, este se levantou e disse no meio do silêncio que, subitamente, se fizera na sala:

— Réu Serguei Dimitrevitch, o nosso digno coletor, sr. Vladimir Dragomirovitch Leitchinsky, num gesto de alta magnanimidade, oferece-se para pagar a multa em troca de sua liberdade. Aceita?

— Muito me comove a nobreza d'alma do **starosta** Vladimir Dragomirovitch e agradeço-lhe do coração, disse Serguei, mas não posso aceitar o oferecimento. Não costume receber esmolas de duzentos rublos. E a minha honestidade profissional diz-me que o meu "Deus seja o teu guia no Céu e na Terra", agradecimento máximo que posso em "stock", não pagaria tão grande generosidade. Ademais, acho que, depois de trinta anos de exercício ininterrupto da minha profissão, uns seis meses de férias já veem um tanto atrasadas... Não posso perder tal oportunidade, sr. juiz.

Antecipando-se à manifestação da assistência, o magistrado gritou:

— Está encerrado o caso!
E assinalou a exclamação com uma vigorosa martelada.

Todas as sextas-feiras o prisioneiro Serguei Dimitrevitch Petrakoff recebia em seu cubículo um prato bem fundo de **borsh** enviado por D. Anastácia.

Um dia, enquanto estava em sua cela catando piolhos nas dobras da camisa, o velho Serguei ouviu o arrastar de botas do carcereiro sobre o cimento do corredor. Parou em frente à grade da porta e com voz enferrujada de cachaceiro, resmungou por entre as barbas sebetas e falhas:

— Tenho más notícias, **staroy** Serguei.
— Já esperava por isso. E' o trabalho do **starosta**.
— Parece, meu velho. Tenho ordem de libertá-lo. E si não quizer sair de boa vontade, de pô-lo na rua. Eis aqui a ordem do juiz.

— E' isso mesmo — suspirou o prisioneiro, olhando o papel timbrado — a prisão não foi feita para os que a querem. Enfim, não precisará pôr-me na rua. Vou saindo.

— Sinto muito, meu velho, sinto muito. Bem depressa se foram as cinco semanas que passou com a gente. Se pudesse fazer alguma coisa para prolongar a sua prisão...

— Não, meu velho, nada pode fazer. Ainda bem que estamos no verão. Poderel dormir em companhia das estrelas. E se fosse em janeiro? Adeus, Grushka. Quem sabe? Pode ser que algum dia ainda venha abusar de sua hospitalidade...

Serguei custou a identificar os perfumes de verão que flutuavam no ar. Já se havia acostumado a respirar o pestilento da cela e o ambiente puro parecia-lhe um vácuo. Olhou em redor: as árvores estavam carregadas de frutos e nos quintais as videiras já se dobravam ao peso dos cachos... Cedo virão as vindimas. Haverá fartura. E os homens sentirão necessidade de serem generosos, de agradecer a Deus pela sua bondade e distribuirão esmolas gordas. Será a época do seu ramo. Todos os ramos de

Continúa na página 118

Banco Aliança do Rio de Janeiro Sociedade Anônima

Fundado em 1906

Rua da Alfandega n.º 32

End. Tel.: BANCALI

Rêde Telef.: 43-8440

Taxas de depósitos

C. Correntes limitadas	5%
Depósitos à Ordem	4%
Depósito c/aviso prévio	6%
Depósito a prazo fixo:	
6 meses	6½%
1 ano	7%
Com juros mensais	a combinar

Operações

Descontos, cobranças em todo país, contas correntes garantidas e caucionadas, remessas para o interior e exterior, câmbio, administração de bens com assistência jurídica, etc.

Diretoria

Diretor Presidente: Dr. Dioclecio Dantas Duarte. Diretores Gerentes: Antonio Cupertino de Miranda e Dr. Cicero Aranha.

Conselho Fiscal

Pedro Rodrigues Péres
Manoel Gomes Moreira
Dr. Oswaldo Trigueiro
José Duarte Lopes Corrêa
José Antonio dos Santos
Dr. Antonio Theorge.

"ESTRELAS" brilham de noite...



A milionária DEANNA DURBIN numa sinfonia branca. (Universal).



O perfil helenico da lindissima STANWYCK, realçado pelo pentado e os brincos em forma de lira. E' assim que ela aparece em "Flesh and Fantasy". (Universal).



OLIVIA DE HAVILLAND, eternamente enamorada de Errol Flynn, numa visão maravilhosa de um passado romântico. (Warner).



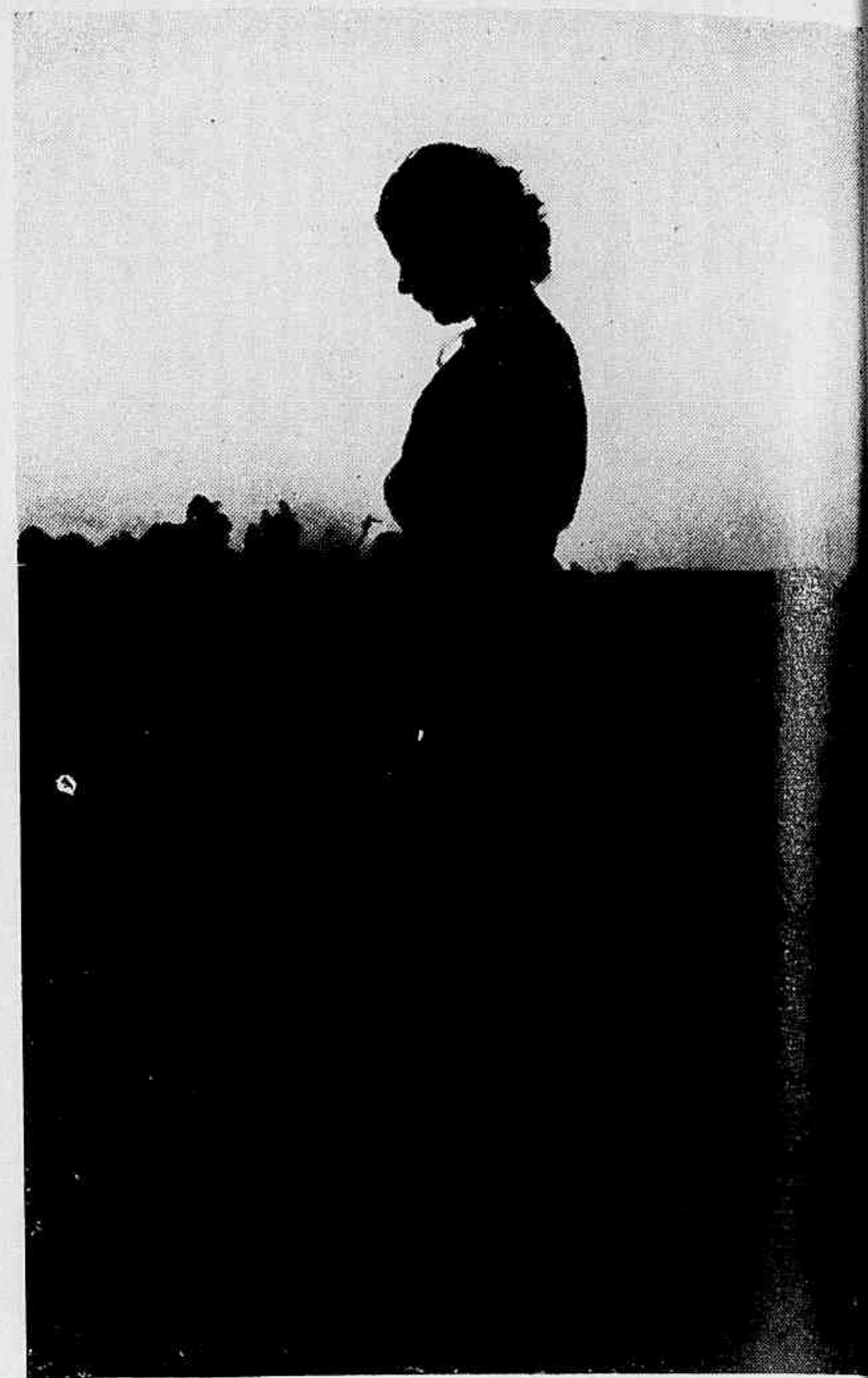
LOUISE ALLBRITTON, a nova "sophisticated" marcou um grande sucesso em "Ódio e Paixão" num elegantíssimo vestido bordado a prata. (Universal).



Sua aventura começou mesmo em certo alegre recanto baiano, junto aos "rincões dos frutos de ouro" de que fala Saboia Ribeiro. Visões dum idílio que enchem hoje as páginas de certo album íntimo para a recordação das mais doces horas do rosário da vida. Dos longos passeios á margem do rio Una, pôde mostrar a todos, no entanto, orgulhosamente, este quadrinho de gênero — As lavadeiras.



Muito nativa ainda esta floresta de mastros no porto do Salvador, com o velho forte de S. Marcelo fingindo de pano de fundo.



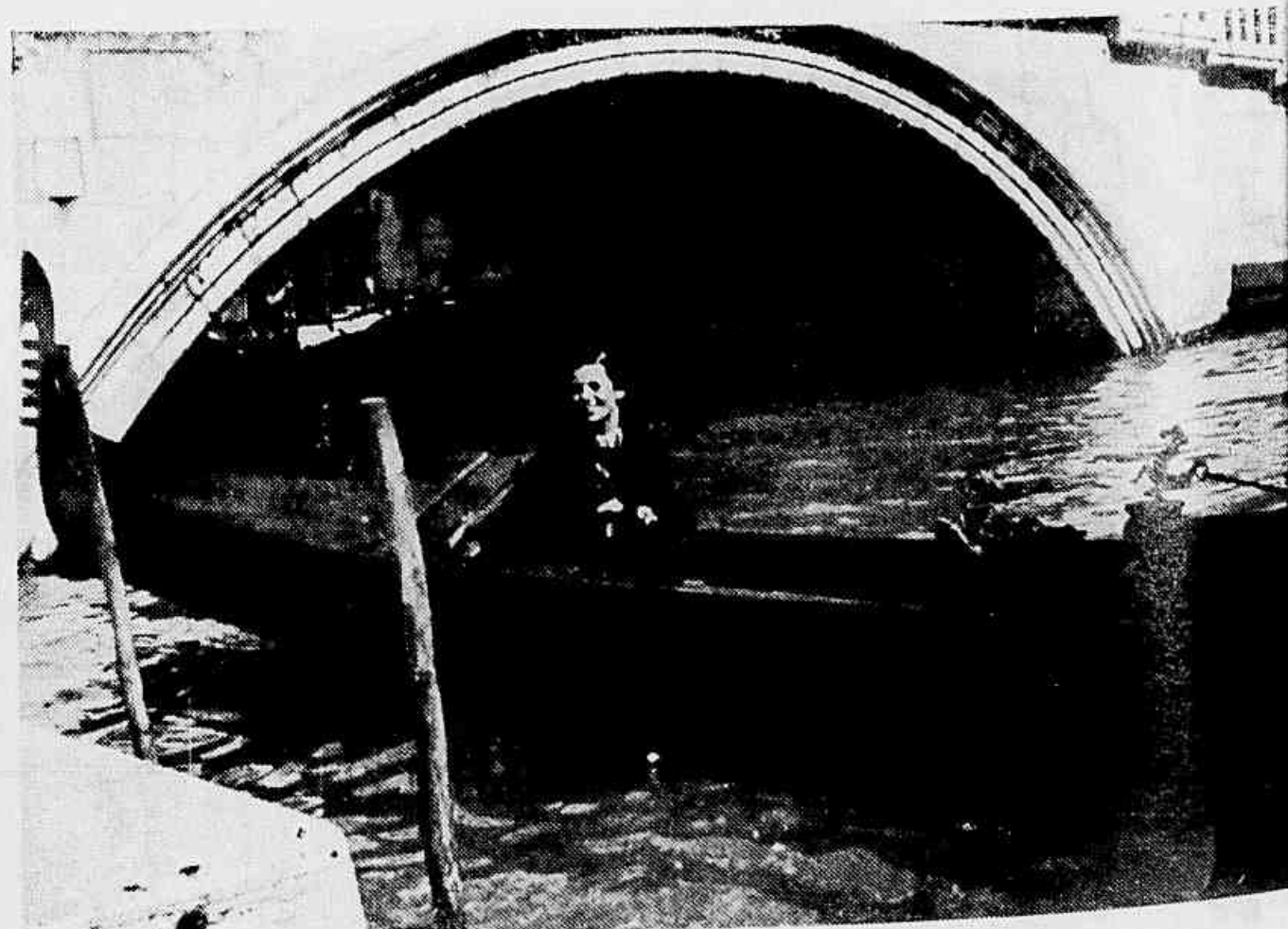
Depois, um giro ás dunas dos verdes mares bravios. Num crepusculo de ouro e sangue, defronte de Mucuripe, foi que gravou na placa sensível esta silhueta dum "Angelus" que não anda muito longe do de Millet.

Memorias de uma camera vagabunda

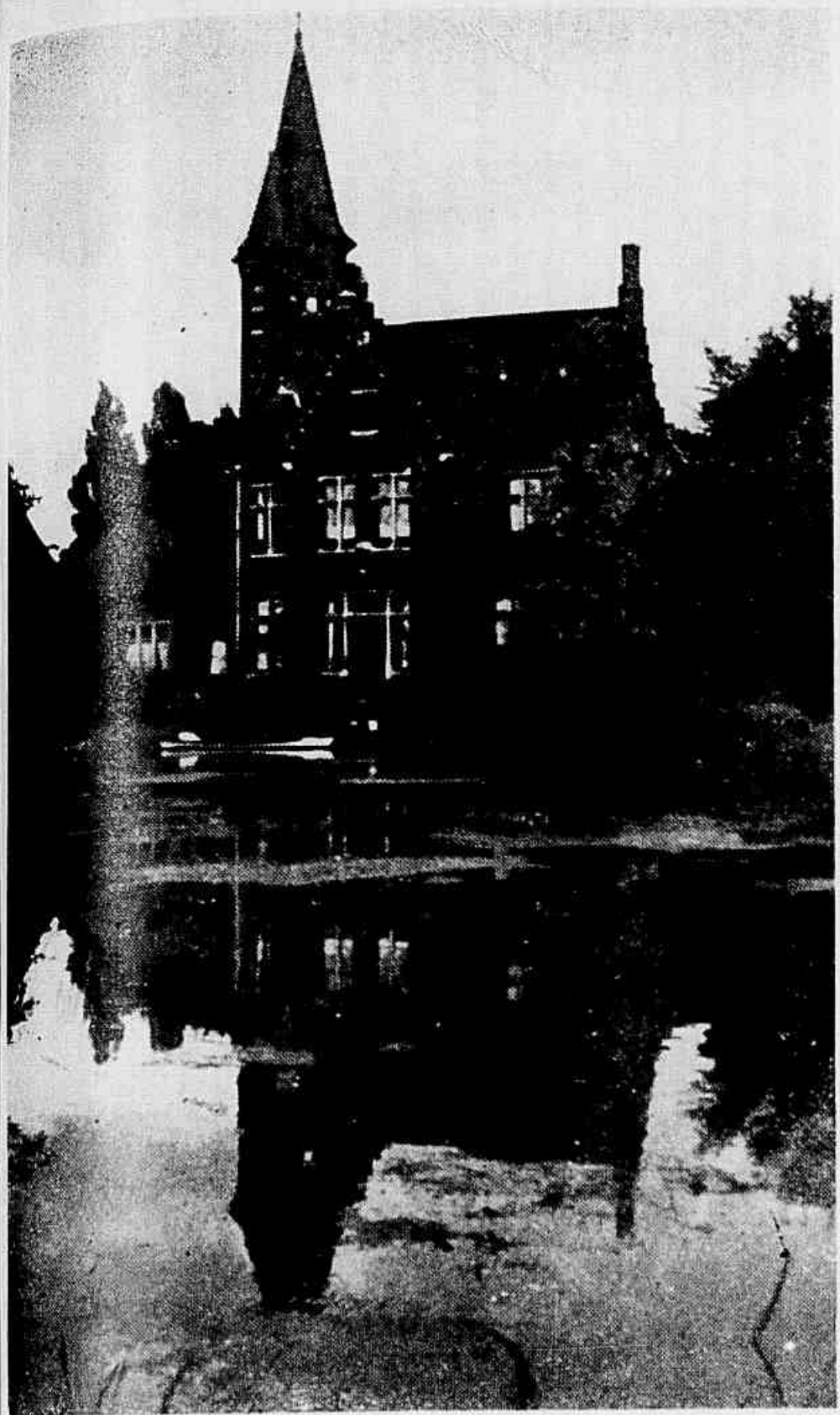
TEXTO E FOTOS DE HERMAN LIMA



Um salto, de repente, ás civilizações milenares: e aqui está este canto de rua de Argel, com a fonte mourisca toda encrustada de mosaicos policromos, a rapariguinha de calças bombachas enchendo o cântaro, e a irmã mais velha que vem, o rosto sob o véu branco, silenciosa e lenta como uma sombra do deserto próximo.



A Europa agora, justamente, com alguma coisa de tão distante e de tão belo que é um sonho prolongado para além da imaginação: as águas dos canais venezianos, o céu pintado pelo Veronese — a ponte que se encurva num risco de pedra, contra a outra curva da gôndola, invertida. Nessa hora, foi como uma valva de concha que se fecha, guardando um mundo de sugestões a recordar...



Bruges, com as águas adormecidas, num azul sonambulismo de êxtase, pela taça líquida do "Minnewater" — Lago do amor. Os cisnes passam, beirando os juncos. O céu dorme por cima. O palácio de fachada a sangue mira no espelho fiel os "pigeons" flamengos que do "dégrais de sonho", como lhes chamou Camille Maclaire. Bruges, onde o tempo fia o silêncio e as lendas, com a mesma arte sutil de suas rendeiras.



O grito de Rouget de Lisle anima duma verdade espantosa o ímpeto destas criaturas de pedra. Ao pé do Arco de Triunfo, Rude pôs toda a alma da França, no instante de levar para a frente o passo elástico da vitória.



Noutra hora de surpreendentes perspectivas, haveria de abrir-se para a maravilha polar dos Alpes todos floridos de capuchos de neve imaterial — algodoeiro ninfico, onde o sol põe refulgências de prata e de lura.

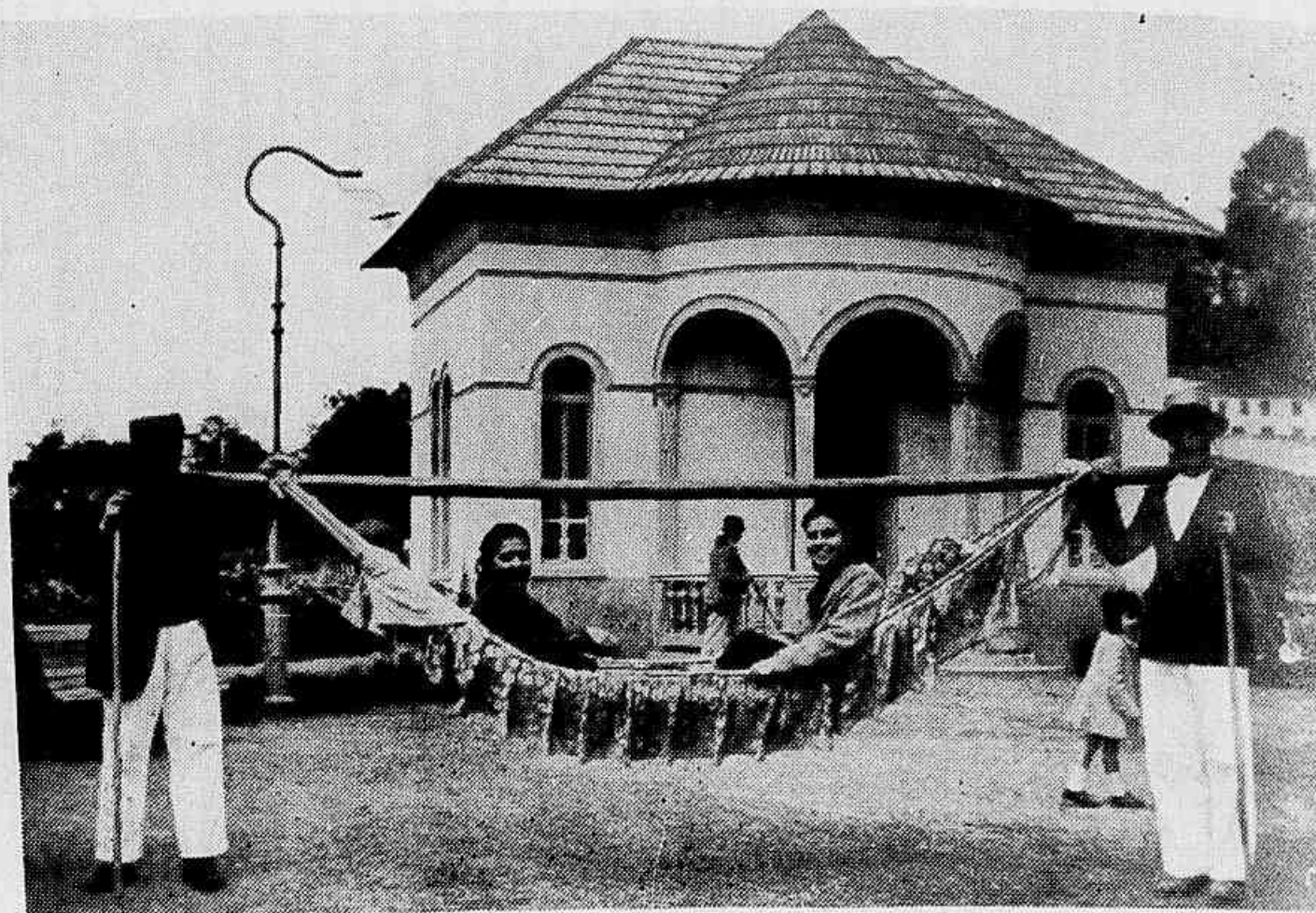
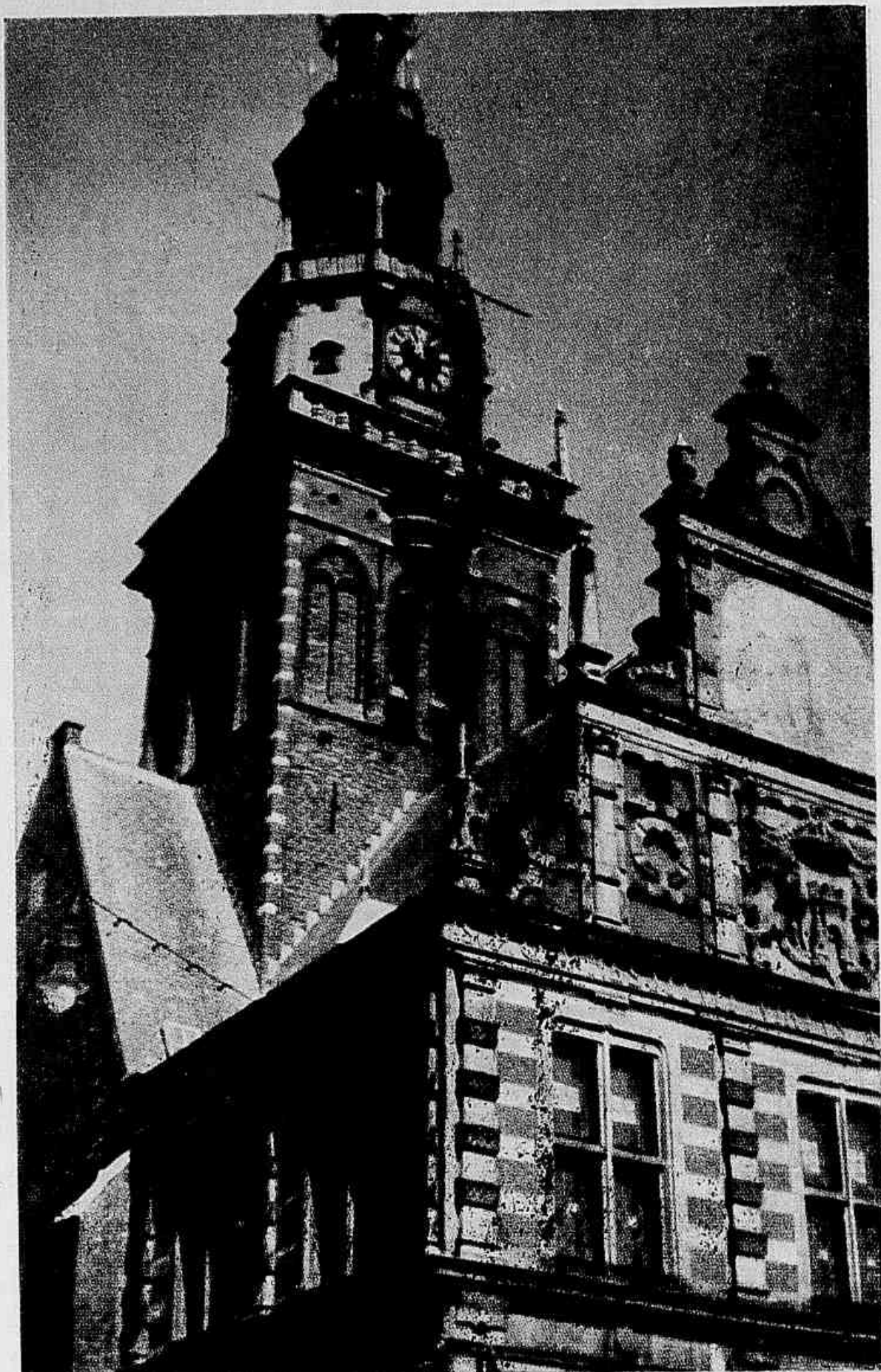
Não chegou a custar trez duzias dos cruzes atuais. Pequeninha e desgraçada, incomoda de porte, um legítimo *box* no seu forro de pano preto, um letreiro de fabrica que talvez nem exista mais no dorso: — N. 2 — *Brosnié* — *Eastman Kodak*. No entanto, correu mundo, abriu o olho luminoso para terras da Africa, pasmou deante dalgumas das mais illustres paisagens da cultura europeia, andou já de cima abaixo pela curva maior das costas do Brasil.



Da terra de Shakespeare também — e da sua cidade natal, para ser mais preciso, é igualmente esta maravilha de casa Tudor, donde saiu um dia Mr. Harvard, para fundar na América a Universidade do seu nome.

Em Londres, agora, espera-se ouvir o ronco dos leões de bronze da coluna de Nelson, no famoso Trafalgar Square. Mas o leão vela docilmente, sem assustar sequer os pombos nem a pequenina animosa deste "snapshot".

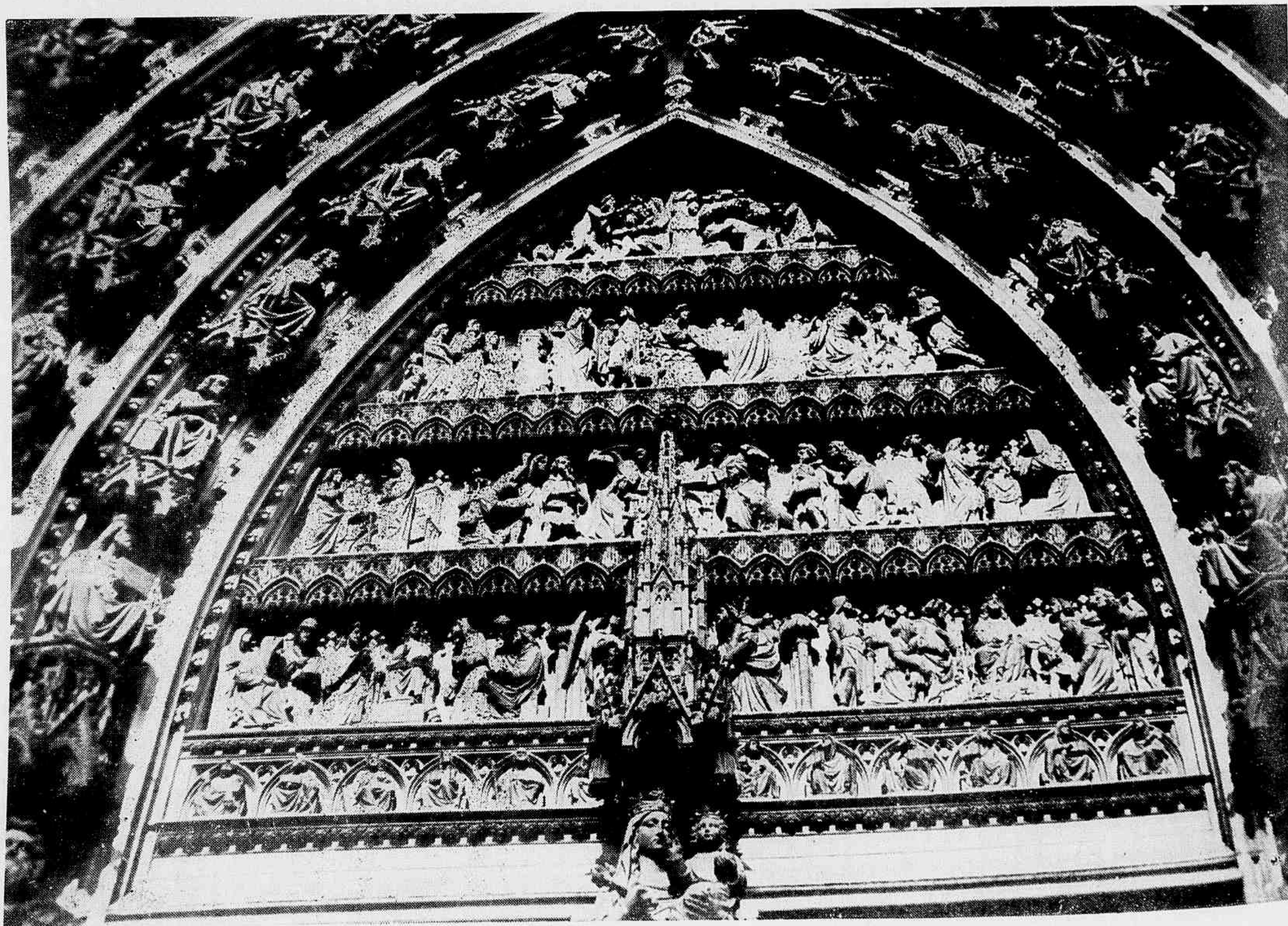




Agora, "clique"! — ficou tal qual uma gravura de Debret, do tempo dos nossos tataravós. Enquanto o "Almanzora" toma um hausto no porto de Funchal, depois de se esbofar três dias na travessia da Biscáia, bem que é agradável esta rêdinha especial para os turistas da ilha encantada.

Tem toda a graça duma velha ária de reelô a leveza deste recorte de torres do mais puro estilo holandês. E' a deliciosa prefeitura de Alkmar, metrópole dos queijos do reino, que são outros tantos milhares de luas-cheias enchendo, em dias de feira, a cidadezinha amorável.

E assim sobe e desce, pelos montes e pelos vales, por cima das ondas inquietas, por debaixo da terra, a pequenina "camera" vagabunda, cuidando, muita vez guardar na retina mecânica a visão dum sonho cristalizado — como acontece neste momento, que lhe parece do céu, ao refletir o tímpano estupendo da catedral de Colônia que, sabe Deus, outros olhos humanos poderão ainda voltar a vêr, algum dia, além do "dies irae" desta hora do Apocalipse.



AS MAIORES CATÁSTROFES SÃO SEMPRE INESPERADAS

UM curto circuito, uma ponta de cigarro aceso e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo em virtude de ataque traiçoeiro do inimigo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torna-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Cia. que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.

COMPANHIA
MINAS

Capital subscrito: Cr\$ 10.000.000,00
Cap. realiz. e Reservas: Cr\$ 6.544.310,40
Sede: Belo Horizonte
Ed. do Banco Comércio e Ind. Minas Gerais



DE SEGUROS
BRASIL

Sucursal no Rio de Janeiro:
Av. Graça Aranha, 62 - 8.º - Tel. 22-1844
rede interna - Sucursal em S. Paulo:
R. Ivaes de Almeida, 153 - 3.º - Tel. 3-4451

AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS.

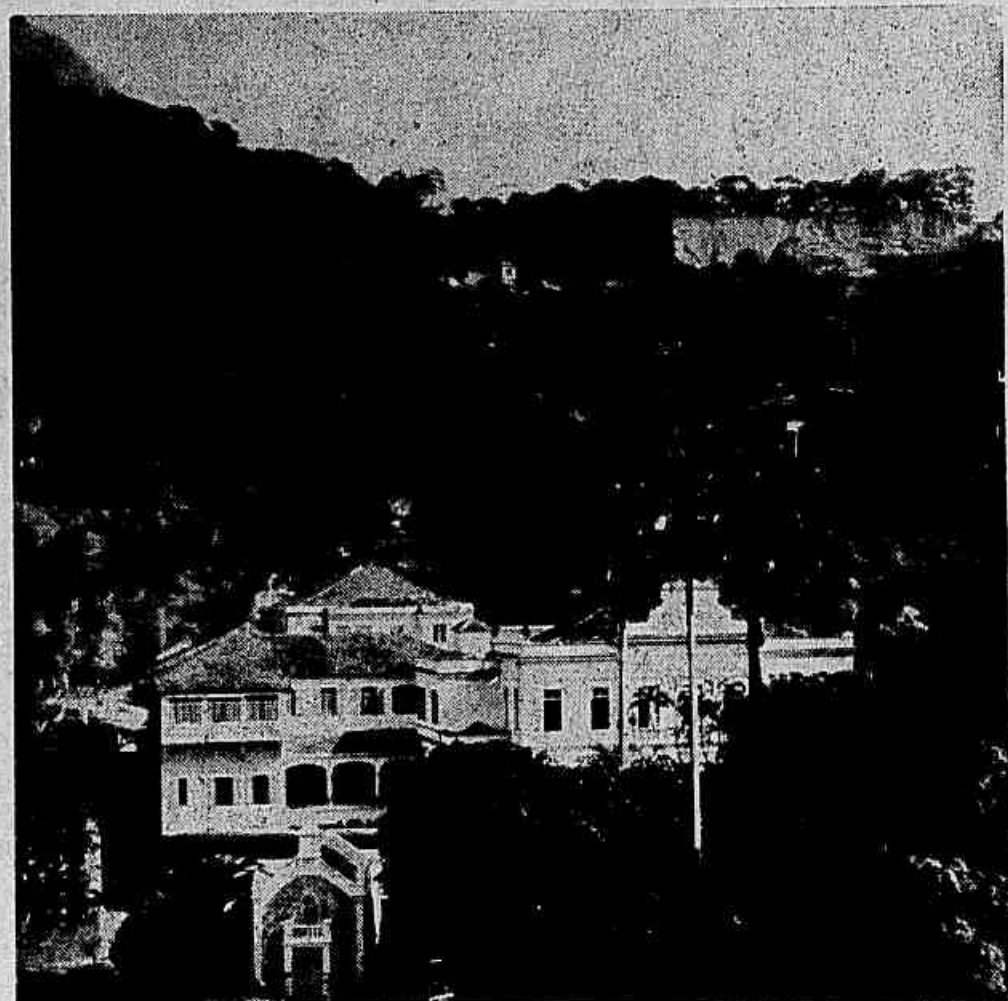
REUNIDAS

CASA DE SAUDE Dr. EIRAS

RUA ASSUNÇÃO N.º 10

Fone 26-5900

BOTAFOGO ♦ RIO DE JANEIRO



Vista geral dos pavilhões de psiquiatria e neurologia da Casa de Saúde Dr. Eiras.

Diretoria:

DR. MAURICIO BRANDON SCHILLER

e

EDUARDO BRANDON SCHILLER

CLINICA PSIQUIATRICA: Confortáveis instalações para tratamento das molestias nervosas e mentais, em Pavilhões isolados por espaçosos e aprazíveis pateos.

PSIQUIATRAS — Drs. Cruz Rangel, Leme Lopes e Joubert Torres Barbosa.

CHALE' OLINDA — Exclusivamente para doenças médico-cirúrgicas e partos. Provido de todos os recursos necessários para diagnóstico e tratamento. (Raio X, laboratório, diatermia — Raios ultra-violeta, etc.).

CIRURGIÃO — Dr. Mário Schiller de Sousa.

ASSISTENTES DE CIRURGIA — Drs. José da Silva Neves e Luis Seixas.

RADIOLOGISTA — Dr. Mauricio Rocha.

LABORATORIO — Dr. Eugênio de Sousa.

O estabelecimento tem médicos internos residentes, o que assegura pronta assistência aos seus internados. Os doentes podem tratar-se com os médicos de sua confiança, estranhos ao estabelecimento.

A administração e a direção do serviço de enfermagem estão a cargo das religiosas Filhas de Sant'Ana.

BANCO DO BRASIL

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO PAÍS

Agências em todas as capitais e cidades mais importantes do país e correspondentes nas demais cidades e em todos os países do mundo.

CONDIÇÕES PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS

Retiradas

Com juros (sem limite) 2% a.a. (livres)

Populares (limite de Cr\$ 10.000,00) .. 4% a.a. (livres)

Limitados (limite de Cr\$ 50.000,00) .. 3% a.a. (livres)

Prazo fixo — de 6 meses 4% a.a.

— de 12 meses 5% a.a.

Prazo fixo com renda mensal —

— de 6 meses ... 3, 1/2 % a.a.

— de 12 meses ... 4, 1/2 % a.a.

Nota — Nesta conta, o depositante retira a renda, mensalmente, por meio de cheque.

De aviso — Para retiradas (de quaisquer quantias) mediante **prévio aviso**:

— de 30 dias 3, 1/2 % a.a.

— de 60 dias 4% a.a.

— de 90 dias 4, 1/2 % a.a.

Letras a prêmio (sujeitas a sêlo proporcional)

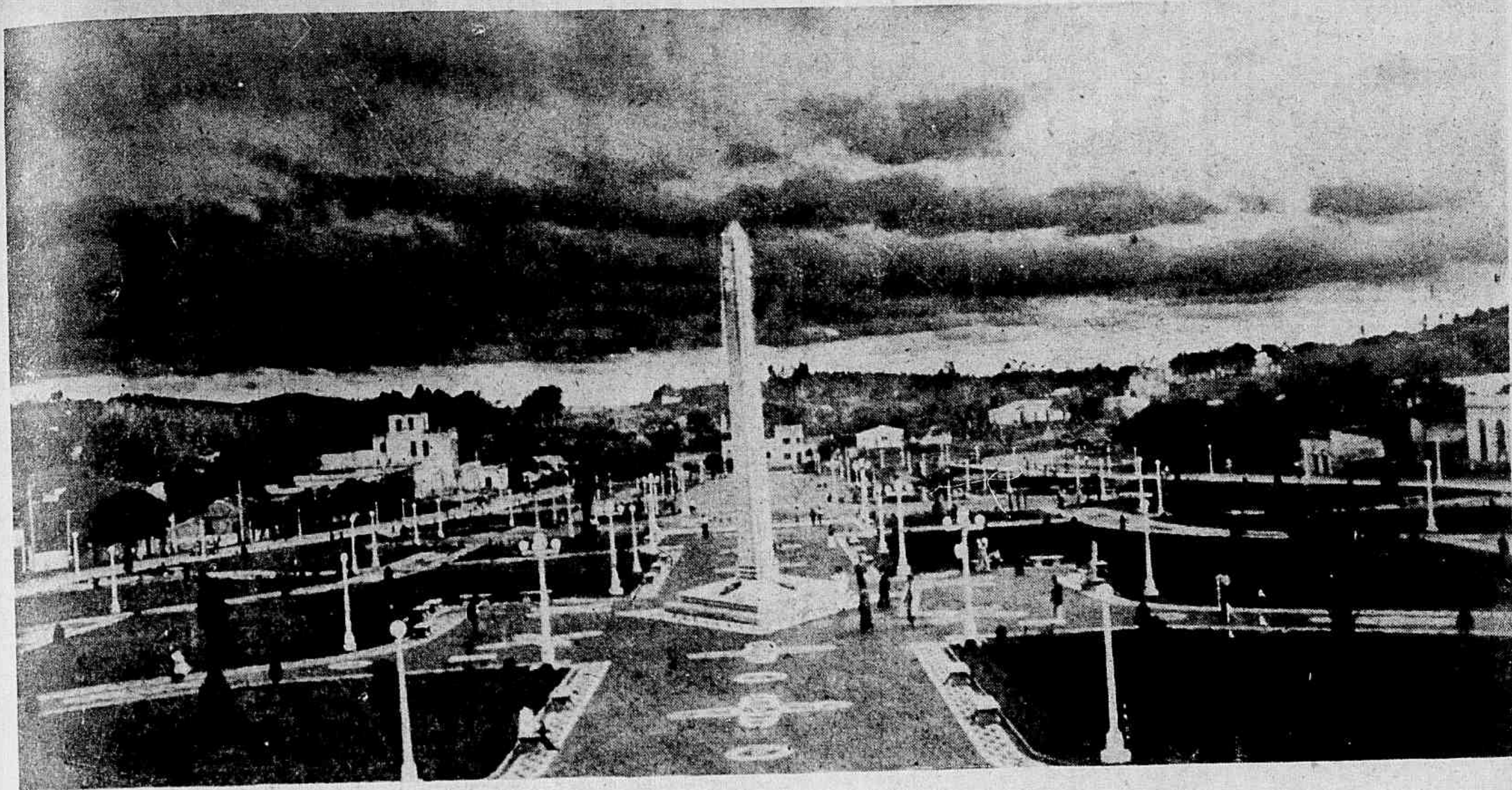
— de 6 meses 4% a.a.

— de 12 meses 5% a.a.

Nesta capital, além da Agência Central, sita na rua 1.º de Março, n.º 66, estão em pleno funcionamento as seguintes Metropolitanas:

Glória — Largo do Machado (Edifício Rosa).
Bandeira — Rua do Matoso, n.º 12
Tiradentes — R. V. Rio Branco, 52

Madureira — Rua Carvalho de Souza, n.º 299
Meier — Av. Amaro Cavalcanti, n.º 27
Sub-Agência de Campo Grande — Rua Cam-po Grande, n.º 100



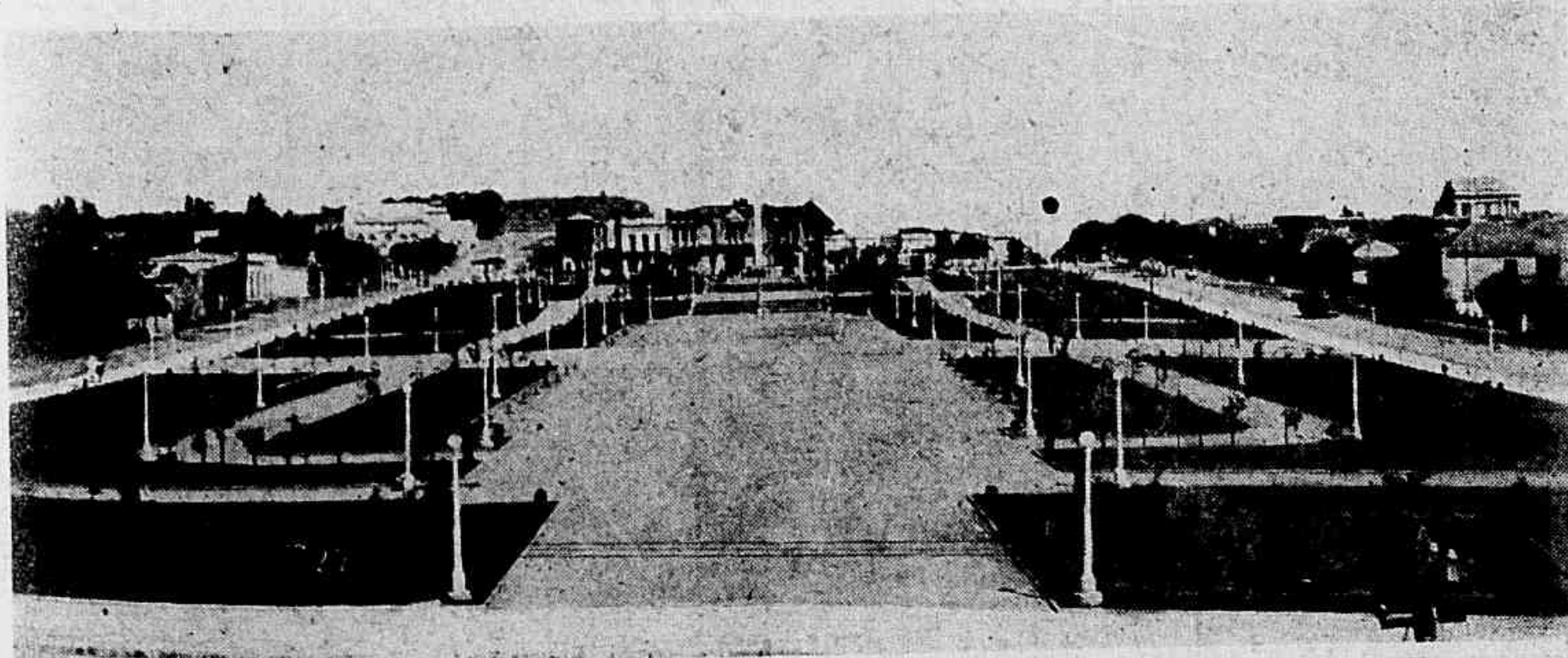
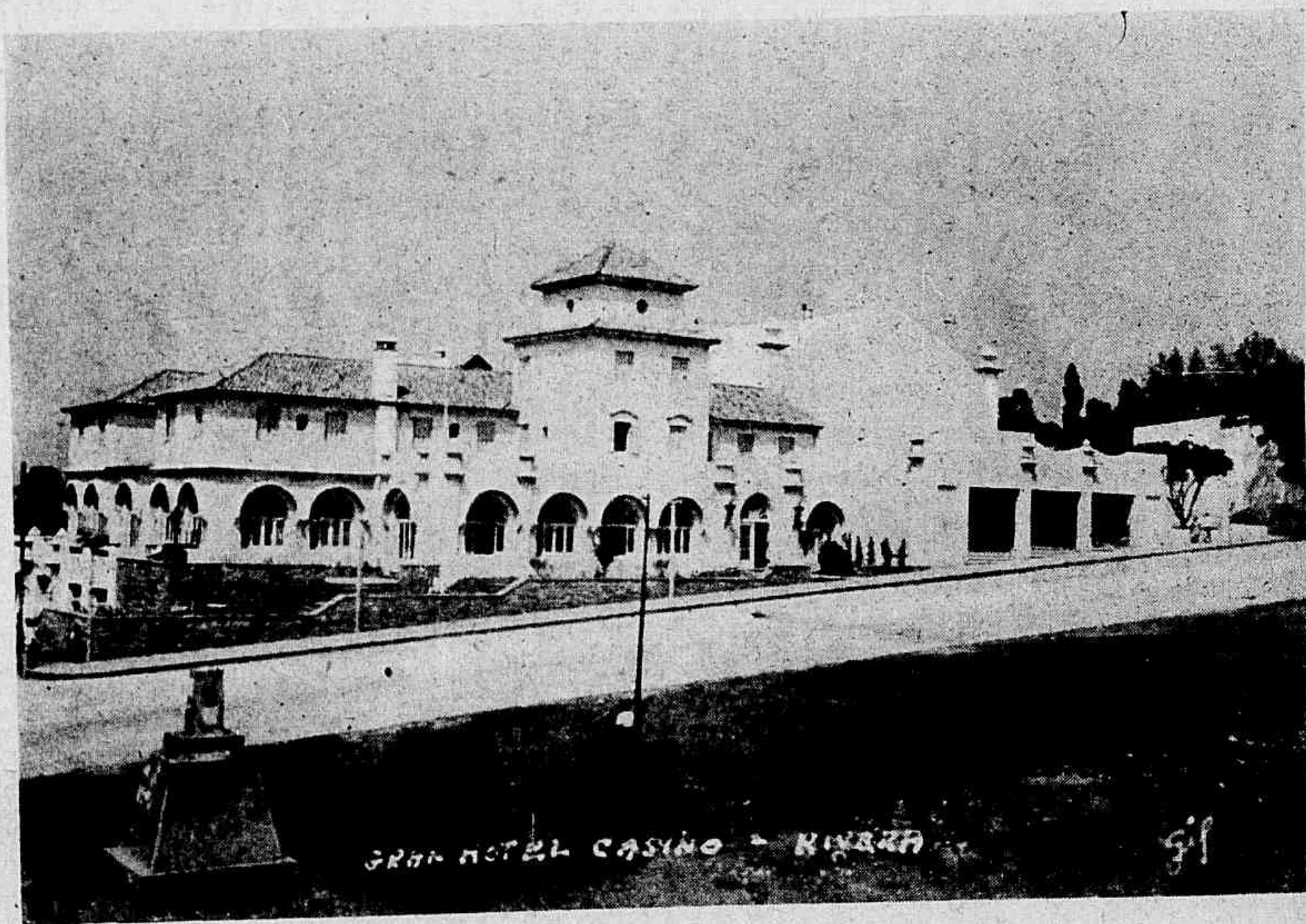
CORDIALIDADE GEOGRAFICA

LIVRAMENTO

--- RIVERA ---

Ao sul, existe um caso típico de fronteira viva: Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai, defrontam-se, misturam-se, realizando nesse conagraçamento físico, o que os corações das duas pátrias já consumaram, de ha muito, no plano espiritual.

Esse fato suscita consequências curiosas; é usual, por exemplo, dizer-se: "vou ao cinema no Brasil", "vou dar um giro no Uruguai", etc. E quem o deseja atravessa calmamente a fronteira em muitos pontos representada por uma rua. Estamos no continente da liberdade, numa terra onde não existem linhas Maginot.



No alto, impressionante aspecto do Parque Internacional situado no local onde as duas cidades se tocam. A segunda fotografia é do Grande-Hotel Casino de Rivera que acolhe os turistas de tôdas as procedencias. A' esquerda dessa foto, o marco divisorio dos dois países. Por fim outra visão do Parque Internacional.



GRAPHICÔR CONCENTRA HARTMANN IRMÃOS. S.A.

A mais moderna e
mais bem instalada
fabrica nacional de
tintas para impressão

Prepara em sua
fabrica, á Praia de
São Cristovão, 249:

QUALQUER TINTA para
Impressão em Tipogra-
fia, Litografia, Off-Set,
Folha de Flandres,
Rotativa, Marcar, etc.

TEL. 48-5435

RIO DE JANEIRO

Herculano

Ferreira de Castro, o fulgurante prosador da "Selva" e dos "Emigrantes", surpreendeu, com admirável sagacidade, os aspectos psicológicos e literários comuns às duas talvez mais opulentas mentalidades da lingua portuguesa — Alexandre Herculano e Euclides da Cunha. Eu mesmo já me sentira seduzido pelo encanto desse paralelo que se me apresentara como um tema antológico e clássico, digno das dissertações dos mestres de retórica e beleza, nos velhos tempos dos ginásios e dos porticos. Parecia-me ele cheio de rico argumento histórico-artístico, proporcionando o ensejo de mostrar, através do estudo desses mestres, na sua identidade moral e literária — eles que tão caracteristicamente representativos são dos dois povos — as similitudes peculiares a esses mesmos povos. Nenhum escritor é mais português que Alexandre Herculano. Nenhum escritor é mais bra-

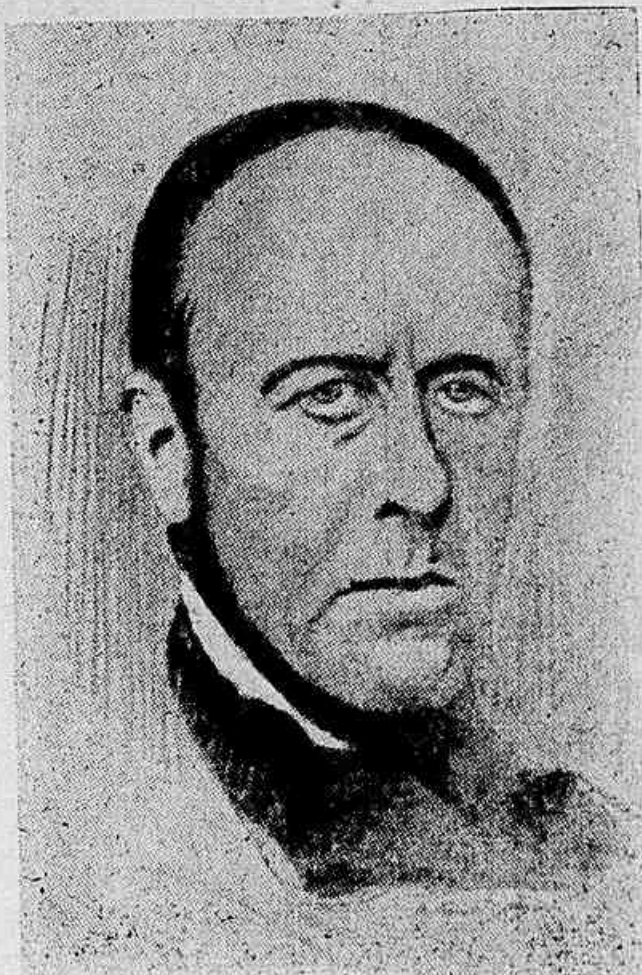
seus poetas, dos seus filósofos e artistas é que lhe fazem a civilização. Por isso é que num simples "boulevard" dos arredores de Paris ha muito mais civilização do que em toda Chicago. Comparada a Florença, Nova York não passa de uma taba de peles-vermelhas, grunhindo diante do Dolar, adorando o doutorado totem-Dolar.

E' por uma superstição da Inteligência que os povos inteligentes erguem sempre aos seus homens illustres estátuas e monumentos, que as gerações venerarão. E' o seu fabuloso tesouro. Por nada deste mundo daria a França o seu Molliére e o seu Descartes. Por nada deste mundo daria a Inglaterra o seu Newton e o seu Shakespeare. Eles é que são a França, eles é que são a Inglaterra, como Homero é a Grecia, como Virgilio é Roma.

No Brasil, o culto aos grandes homens assume, depois deles mortos, aspectos fanáticos e ideológicos. Após a morte (como no animismo das antigas tribus bárbaras) o grande homem ignorado ou desdenhado em vida, passa a ter as honras de um velho deus, de um velho tabú, que precisamos venerar como a um idolo no seu templo. Assim se tem dado sempre. O próprio Ruy Barbosa, figura obsoleta, obsoleta mesmo em vida, que não passou, como estilista, de um anacronismo obsoleto do padre Vieira — não é afinal, um fetiche?

Morto Euclides, fizeram logo dele um tabú. Mesmo os que nunca o leram, os que jámais o compreenderam, não passam diante do seu busto, alto e sereno, sem murmurar rezas supersticiosas e sandices literárias. Euclides, porém, é bem digno desse tocante fetichismo. Foi um imenso animador de idéias, um inesgotável criador de imagens vivas, um agitador de símbolos. Sua obra é autêntica e vital. Trouxe no espirito o sonho das geografias vivas e o mistério das geografias mortas. Havia nele um paleontologista, um etnógrafo, um botânico, um geólogo e um artista. O paleontologista deu-lhe o sopro das origens, o movimento das éras; o etnógrafo, as formações inconscientes e latentes dos séculos e das raças; o botânico, as pupilas ágeis que apreendem todas as sutilezas cromáticas e a alma invisível que faz florir o universo; o geólogo tomou-o pela mão e o levou às plasmagens dos mundos, às argilas ainda úmidas com que se fabricam os sóis, as terras errantes do Espaço; depois, tomou o artista todos esses multiplos seres que havia em Euclides, e deu-lhes as tintas fabulosas, o ouro, os mármore, os bronzes, os dianas da forma — toda a Atlântida verbal que ele fez fragmentar-se em cintilações, em walhalas de imagens e de sonoridades que tinham o esplendor e a força de ardentés cavalgadas walkyrianas. Amá-lo implica um dever de civismo, um dever de povo ainda não morto, ainda não cadáver. Seria realmente estarrecedor que o demiurgo de toda uma literatura jazesse no esquecimento, no mais pavoroso dos tumulos — o de uma nação morta! Mas o nome de Euclides está envolto num milagre. As musas e fadas da Poesia e da Beleza fizeram que florisse eternamente na memória dos homens a memória do seu genio.

Assim se dá com Herculano, em Portugal. Portugal ama devéras alguns dos seus grandes homens. E' um povo de culto. E' o mais apaixonado, talvez, dos povos tradicionalistas. E' um enamorado da Tradição, e esta é para ele um tesouro secular onde as gerações sucessivas vão buscar riquezas e jóias espirituais, sonhos de vida, e eternas belezas de existencia. Dai, a impressão de ruína que dá tal povo aos povos excessivamente dinâmicos, sem passado artistico ou histórico, os que não têm uma eppéia em suas origens, um poema imortal como os "Lusiadas" ou como o "Cid".



Alexandre Herculano.

(Desenho de A. Carreiro)

sileiro que Euclides da Cunha. Porque, pois, vistos agora á luz da psicologia literária nos parecem eles tão irmanados no alto do monumento que as suas mãos ergueram ao espirito político ou étnico do seu povo? E' que entre portugueses e brasileiros não ha diferenças por demais sensíveis na obra (o num do genio profundo da raça. Portugueses e brasileiros são estruturalmente homogêneos nas suas tendências psíquicas conservam o fundo moral, mantêm, nas extremidades longínquas do oceano, as mesmas raízes psicológicas, a mesma alma, a mesma fisiologia espiritual.

Não conhecemos um povo senão através dos seus pensadores. Os "representative men" de uma raça são os homens de cultura e de idéias. Quem deseja saber a mentalidade da America do Norte váe descobri-la em Emerson ou William James; a da Inglaterra, em Carlyle ou Byron; a da França, em Baudelaire, Flaubert ou Balzac; a da Espanha, no velho Cervantes; a de Portugal, em Camões, Herculano ou Camillo; a do Brasil, em Alencar, em Euclides. Esses é que são a palpitância eterna do espirito racial, a alma luminosa das nacionalidades. A não serem eles, tudo mais é vago, impreciso. O esplendor militar das nações, o seu dinamismo industrial, a grandeza do seu capitalismo, a enxurrada dos seus operários, negra como uma vasa rolando riquezas magníficas e trágicas, não inculcam senão o seu progresso, a sua força ou o seu fulgor material. Sómente o punhado dos seus grandes homens, dos seus escritores, dos

e Euclides

Por THOMAS MURAT

Detenhamo-nos, porém, a fixar no tempo e no espaço históricos as duas fisionomias excelsas: Herculano e Euclides.

Herculano — é a força misteriosa e profunda do Passado. É um poderosíssimo evocador. Dorme-lhe no cérebro toda a História e, para operar-lhe a ressurreição, é só despertá-la, erguer-lhe as lápides, libertar o povo fantasma, sepulto nas poeirentas lajeas do Tempo. E eis-lo, o mágico-demiurgo, a tocar com a ponta do dedo as cinzas, e a fazê-las movimento, ação, humanidade. Os séculos revivem-lhe nas páginas de bronze, sonoras como um ressoar de sino na eternidade. Todo um povo, feito poeira, se ergue lentamente do seu velho sonho, as pesadas portas da História rodam de vagar nos seus gonzes, a Idade-Média surge aos nossos olhos com os seus pátios sombrios de conventos, as suas muralhas negras de masmorras — e todo o seu teológico escurecendo as almas. Ouve-se, posante, o rumor das armaduras de ferro, vê-se a linda festa colorida das plumas. Herculano dá á multidão medieval que se agita nos seus livros um calor humano, um movimento de vida. A História foi a sua realidade. A Lenda, o seu sonho. Esse espírito severo e exato, esse geométrico construtor da "História de Portugal" capaz de erguer, linha a linha, um austero monumento de erudição e verdade, era igualmente capaz de fazer palpar, nessas páginas de um livro, a mais esvoaçante e lírica fantasia. Foi bem o Walter Scott da Idade-Média portuguesa, um suntuoso professor de história, e, pela palpação magnífica do seu idioma, pela emoção solene e larga das suas criações, o transplantador do Romantismo de Chateaubriand e Lamartine para a velha língua clássica de Vieira e de Bernardes. Foi poeta, profeta e panfletário. E o maior, o melhor caráter de seu tempo. Catão que escrevesse com a pena de Tácito,

Euclides — é a energia ardente e latente da Terra. É um paizagista de largos sopros pitóricos; ha um bafo quente de incêndio no seu pincel, e sente-se na sua prosa a palpação da terra fecunda. É um filósofo da paizagem, um paizagista do pensamento. A beleza é o seu oxigênio. Respira — e tudo nele é criação. Crêa em haustos, ebriando-se com a própria orgia verbal, com o cromatismo da sua palheta molhada de sol, com a orquestração do seu idioma onde rugem rios e árvores, onde murmuram ninhos e flores. É o mestre da Cor em nossa língua e, a não ser Eça de Queiroz, nenhum outro artista de estilo nos dá como ele, no seu expressionismo magrético, o desenho das colinas, a frescura dos regatos e o aroma palpitante dos vegetais.

Entretanto, foi como Herculano um historiador. Teve a tendência das lentas análises históricas, o amor paciente dos arquivos, uma serena ternura pela venerável poeira dos mortos. Que magia ressusitar a Vida! Ir, lentamente, remontando o Tempo, até às suas origens indefinidas! Como Herculano, ficaria Euclides inclinado sobre os velhos códices, namorando a imagem desbotada de outras épocas, sonhando esse sonho que só os historiadores sabem sonhar debruçados sobre pergaminhos ininteligíveis, e que têm uma alma enigmática e secreta.

Opulento em exteriorizações de conceitos e idéias, tendo a emoção do pensamento e o raciocínio da emoção, e sendo assim dotado de tão múltiplas faculdades e de tão múltiplos dons, natural é que só ele pudessem traçar, largamente e definitivamente, as páginas épicas dos "Serões". A sua figura domina, pois, de muito alto, o panorama da literatura brasileira.

É também, de certo modo, essa aração por que em Portugal per-

manece um isolado evocador da História o romancista admirável do "Monástico". São bem duas sombras solitárias. Um é o animador de cousas santas, de eternas reliquias sepultadas sob os mármore e os séculos. Como bem observa Ferreira de Castro, "Herculano tem pouca cor, usa poucas cores". Será na pintura um discípulo dos mestres espanhóis do século XVI, de Zurbaran, por exemplo, que pintou a vida monástica com tons austeros, como se observa na prosa de Herculano. Já Euclides preferirá, para a grandiosidade das suas telas, o naturalismo puro, as formas enérgicas nas oposições violentas da sombra e da luz, que caracterizam a pintura de Ribera. Herculano é grave e solene, tem a magestade, a severidade de uma túnica hierática. Euclides, ao contrário, é tropical,



Euclides de Castro, o creador d'"Os Serões".

(Desenho de Prescilano Silva)

possue um estilo tropical. É bem filho da terra materna do ouro e dos diamantes — todo o seu pensamento se veste de esplendor. O estilo de Euclides é o Eldorado dos escritores que sonharam um dia com a magnificência dos tesouros niebelungescos.

A energia disciplinadora e sintetizadora do genio de Herculano foi, assim, em Euclides, desordenada e caudalosa. Imitava bem as forças virgens e selvagens das nossas florestas primitivas. Seu cérebro tinha todo o fulgor das Geneses.

Herculano era um espírito mais escolástico animado pela Idade-Média que nele vivia — e, de certa forma, regido por uma disciplina que se poderia dizer canônica, rígida e severa.

Mas, no fundo, animou-os o mesmo sopro forte da Vida o mesmo vento profundo da História.

O genio de Herculano e de Euclides, no velho tronco da língua portuguesa, é a flor extrema e prodigiosa que floriu no alto do espírito da raça...

Em Herculano, tradicional e romântica; em Euclides, bárbara e profética.

Confeitaria
Colombo



AS MAIS DELICADAS IGUARIAS
EM UM
AMBIENTE DA MAIOR DISTINÇÃO

A Colombo

caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almoço, chás, lanches e "cocktails" acolhem diariamente o escol da sociedade carioca para os sutis prazeres do espírito, do coração e do paladar.

Serviço Irrepreensível, a domicílio, de
banquetes e recepções

Gonçalves Dias, 32/36

22-7650

PROVENDAS EMPRESA PROMOTORA DE VENDAS

Radios,
Refrigeradores,
Material de radiotransmissão e recepção,
Extintores de incêndio,
Grupos eletrogêneos a Diesel e gasolina,
Máquinas elétricas,
Ferramentas de precisão,
Artigos elétricos para uso doméstico, etc.

39, ASSEMBLÉIA, 41

TELEFONES:

Gerência: 42-9653 • Contabilidade: 42-9521

Loja: 42-9311

RIO DE JANEIRO

—Bairro ideal para a
construção do seu lar!

CIDADE-JARDIM LARANJEIRAS!

MANDE construir sua casa na verdadeira "cidade" que está surgindo em Laranjeiras — o bairro mais tradicional do Rio! Adquira um dos terrenos que a Cia. Textil Aliança Industrial está loteando na CIDADE-JARDIM LARANJEIRAS. Excelente situação entre a montanha e o mar. Clima saudável como o de Petrópolis. Próximo à praia do Flamengo, permitindo a frequência diária aos banhos de mar e nas imediações do Largo do Machado onde se encontram bons estabelecimentos comerciais e casas de diversões. A CIDADE-JARDIM LARANJEIRAS será ligada a Botafogo — através do futuro Tunnel Aliança — pela rua General Glicério, a nova artéria carioca, o que representa uma valorização crescente para todos os lotes localizados nessa área e uma sólida garantia para o capital empregado. Aproveite a grande facilidade de pagamento que a Cia. está oferecendo a todos os compradores e estabeleça a sua moradia num lugar aprazível, futuro e dotado de todas as comodidades.

- Distante 10 minutos do centro urbano. Condução rápida, confortável, abundante e econômica.
- Lugar independente e de absoluta tranquilidade, próximo aos melhores colégios de Laranjeiras.
- Rigorosa seleção de proprietários.
- Todas as ruas terão serviços de Água e Esgoto.
- A Cia. fornece aos compradores de lotes, pedra ou macadam da sua pedreira, com grande abatimento de preço.
- Não será permitida a construção de prédios de mais de 3 andares, nem prédios para fins comerciais ou industriais, exceto na área central onde a Prefeitura permite a construção de edificações de mais de 3 pavimentos.



ENVIE-NOS ESTE CUPÃO

Queira enviar-me, acompanhadas de plantas, folhetos, etc. sem o menor compromisso, informações mais detalhadas sobre as condições e facilidades com que poderão ser adquiridos os lotes de terreno na CIDADE-JARDIM LARANJEIRAS.

Nome.....

Endereço.....

INCORPORADORA

Cia. Textil Aliança Industrial

Av. Rio Branco, 120-7.º andar-sala 732-Edifício Associação
Empregados Comercio Tel. 42-6030

O PAULISTA NOS ENSINA MAIS UMA VEZ...

Urbanismo feito pelo povo -- Bancos em vez de estatuas -- Visão pitoresca de Rio Claro.



Nos países pequenos não existem, propriamente, surpresas, de região para região. Os costumes são de uma homogeneidade absoluta. O mesmo povo repete-se — igualzinho — através de toda a área geográfica. Os costumes, as tradições, o vocabulário, tudo já se apresenta cristalizado sob moldes idênticos. Nos países grandes, a coisa é diferente. E quando, então, os fatores que influenciam no processo social divergem, daqui para ali — e os transportes são escassos — a personalidade regional se assinala mais forte ainda. É o caso do Brasil. Quem conhece o Nordeste, com a sua paisagem pitoresca, o seu *flok-lore* típico e depois visita o Rio Grande do Sul ou a Amazônia, quase não acredita que esteja no mesmo país. Lá é a natureza portentosa — “último capítulo a ser escrito, do Gênesis” — cá é a configuração étnica, é a riqueza civilizacional, é o pampa que impressionam. Entretanto, mais do que esses aspectos de primeiro momento, iremos encontrar nas instituições locais, nas regras de comportamento, peculiaridades que caracterizam a região, de modo inconfundível.

Um dos fenômenos mais comuns a todo o Brasil é o bairrismo. A população de cada logarejo alimenta um forte desejo de assistir o progresso de sua terra; são até comuns as associações destinadas a incentivar esse progresso. Às vezes, porém, os esforços coletivos são encaminhaados para obras suntuárias, sem nenhum alcance prático; estátuas, chafarizes, edifícios, etc.

Em Rio Claro, Estado de São Paulo, revelando o espírito extraordinariamente prático do paulista, as firmas comerciais, as instituições, as pessoas de posse, presenteiam a cidade com coisas úteis, empreendendo, ao mesmo tempo, uma propaganda comercial inteligente, como a que mostram estas páginas.



POESIA. Não há palavra mais rica de substância vital. Mal o homem se livra da condição que o nivela com os animais irracionais se torna poeta; mais: porque se torna poeta logra sair da bestial servidão, e supera o campo de seus sentidos, e mede o mundo, e submete o ar e o mar, e espiritua-liza a matéria e povoa o céu crean-do os deuses à sua semelhança e imagem.

Poesia é levedura que, de ge-ração em geração, transmuta em farinha para pão e hóstia o grão nas-cido nos sulcos dos cerebros huma-nos. Se a rebelde, sombra da alma, engendra todos os progressos, a po-sia infiltra-lhes sua qualidade óti-ma: a de não limitar-se em si mes-mos. Nada perdura se durante mui-to tempo — vida intra-uterina dos partos cerebrais — não é quime-ra, fantasia, ilusão, meta inacces-sível à qual não parece conduzir ne-nhum caminho de cordura. E ape-nas podemos ver uma ou outra gran-de criação que não tenha sido an-tes sonho na imaginação de um poeta.

Poesia houve no primeiro can-tico com que a mãe sossegou o fi-lho, no primeiro balbúcio amoro-so, na primeira alegria e na primei-ra tristeza, na primeira embriaguez com que o homem pensou possuir ao mundo e a si mesmo, nos pri-meiros anelos, na primeira raia que havia de facilitar o triunfo sobre as distâncias e as quedas em tantos precipícios. Poesia há e haverá ao reviver as horas inefáveis e as ho-ras dramáticas de sempre, desde a pueril impaciência do enamora-do menos culto à emoção do cálculo matemático que permite situar uma estrela cujo flogor escapa aos teles-cópios potentes. Sem poesia até o mais prosaico perderia qualidades e até, quicá, a existência mesma. A poesia fertiliza por igual a vida do funambulo que joga com as pa-lavras faceis, e a do homem práti-co, ocupado no mais imediato e tan-gível.

Poesia é escala. Escala para su-bir e para descer, para a gente de-ter-se entre as etapas da viagem que leva do primeiro vagido ao ultimo estertor, medida a que referir to-das as dimensões, sucessão gradu-al de sons, de emoções, de sensa-ções, de cores. É espelho mágico que reúne as imagens mais heterogê-

ENSAIO SOBRE A POESIA

neas, e as coorde-na, as acendra, as sensibiliza. A palavra Poesia tem, embora não o digam os Dicionári-os, tres sinonimos que não coinci-dem em nenhuma outra. São: Deus, Existência, Homem.

E se a palavra Poesia se perdes-se num cataclismo, o Universo fi-caria sem brilho e sem graças, ine-xoravelmente.

Nascido o verso de um ditame espiritual e de um arbitrio intelec-tual — o anelo de elevar a voz so-bre o tom quotidiano para obter o cantico, e a ajuda da memoria me-diante os acidentos mnemotécni-cos da acentuação ritmica e da ri-ma — não tardou em constituir-se o vaso de eleição da Poesia. Sem embargo, não é necessario repetir que sem o conteúdo este vaso per-de toda virtude. Versificadores ha-bilissimos, verdadeiros doutores ou magos de todas as combinações mé-tricas, são esquecidos, enquanto per-dura tal cantar saturado de alen-to do povo, escrito em versos rudi-mentares, uma dessas sensações velhas e sempre novas em que ca-da geração testemunha haver des-frutado do mundo.

O poeta autêntico póde ser ho-mem de sabedoria, homem de ta-lento especulativo; pode tambem ser quase ignorante. É o dom da poesia estado de Graça, em cuja exal-tação, deliquio, visões irreais, su-per-reais ou infer-reais e frases co-mo que ditadas por uma voz alheia, fazem do poeta misterioso medi-um. Não seria árduo achar em to-das as literaturas exemplos dessa ignorância que, à iluminação de uma luz milagrosa, se converte em su-prema sabedoria. Dai o sem fim de revelações e de adivinhações que to-das as disciplinas do saber devem ao poeta. A antena metálica que já permite espalhar pelo orbe sons e imagens, não tardará o descobre-mento de células de tal sensibili-dade fotoelétrica que justifiquem e multipliquem esses casos chama-dos até agora sobrenaturais, em cujo numero se acha, indubitavelmen-te, o bardo.

A missão do poeta é iluminar o escuro, relacionar o aparentemen-te separado, destacar do quotidi-

por A. HERNANDEZ CATA'

ano o excepcional, meter passado e fu-turo no presente, tirar o homem de seu passo e de seu ambito fini-tos para projeta-lo por toda a face da Terra em direção ao sidéreo. Dai que a poesia tente a tantos, e que ambições se frustrem em numero maior que a de ser poeta.



A. Hernandez Catá

Inspiração e verso, fundo e fór-ma para dizê-lo ao modo precepti-vo, coincidem poucas vezes. A en-trevista mirifica que a vocação e a aptidão combinam nas mentes hu-manas, uma das duas costuma fal-tar, quando não ambas. O poeta che-ga à consciencia universal por mei-os em aparência dispares, e na re-alidade confluentes; decante-o uma super-posição de minorias; perfli-he-o o vulgar, obrigando depois os grupos intelectuais a descobrir-lhe qualidades subteis; transmita suas mensagens por graças verbais, es-

pontaneamente, ou o acendre com elocubrações; busque a alma pelo ouvido, pela vista, pela razão; seja sua musica a melodia facil ou a pi-tagórica que exige um ouvido in-terno compatível com a surdez fi-sica, o resultado é o mesmo. Nada importam lutas estéticas, nem te-orias, nem modalidades. Ele trans-forma os defeitos gerais em indi-vidual virtude e resiste a detrato-res e a imitadores com uma força misteriosa superior à dos materi-ais mais duros. E assim um poeta afeito às disciplinas intelectuais, como D'Annunzio, pode se a-tor aquele Pobre Leliano descendente de François Villon, de quem Ana-tole France disse: "É um selvagem. Ercheu nossa poesia de barbaris-mos e de extravagancia; tende, po-rém, cuidado com ele, porque de tempo em tempo ouve remotas vo-zes inefáveis, que mui poucos até hoje ouviram, e que talvez ninguém volte a ouvir jamais".

Nos poetas o idioma coletivo se itensifica, e só adquirir o cunho proverbial. Mais ainda: Pela poe-sia lirica, flor imarcessível, acha-ram as linguas que haviam de ma-nipular depois povo, filólogos, es-critores e homens de ofícios, uma cifra de perfeição, de claridade ple-na, já insuperável. Em um dos so-netos da "Vita Nova", em outro dos que Ronsard dedicou a Helena em certa canção de Carew, nas co-plas de Jorge Manrique, chegam o italiano, o francês, o inglês e o es-pañhol ao ápice máximo. E quan-to vem depois é obra fecundadora desse pólen, fruto desse germe.

Ninguém, pois, dá mais que o verdadeiro poeta. Seja qual for sua órbita, e quer ensine a conduzir-se por entre os ventos elegiacos ou a frequentar a companhia de Apo-lo ou de Dionisios, sua função so-cial participa da essência das três profissões que nenhuma civiliza-ção deixou de por acima de todas: o Sacerdócio, o Magistério e a Me-dicina, Restaurador de almas, Mes-tre de sentimentos e Mitigador de dores é o Poeta: antena viva, por onde tudo que é adivinhação do Fu-turo ou do Passado e calibração do Presente, chega ao alcance da Hu-manidade.

Pretendem insinuar os conceitos acima que cheguei, em minha hu-milde obra poetica, a tão alta meta? Não. A humildade está separada do orgulho pela vaidade; mas por bai-xo e por cima dessa separação os dois extremos se abraçam. Humildemen-te, orgulhosamente, confesso que, se fui sempre amigo da Poesia, nun-ca, ao olhar-me no espelho moral que tão poucos usam no asseio da alma, me contemplei pelo halo di-vino que orla os poetas; e, em tro-ca, cri ser chamado a outros ramos literários. Porque gozei e bem so-fri da Poesia; porque foi seu cha-mado o primeiro que me inclinou para as letras; porque seu exerci-cio é necessário ao prosador, sem-pre a cultivei. E hoje, passado já pe-lo "meio do caminho", encaro mi-nha colheita de todos os tempos.

Para semear? Para adornar? Para embriagar-me com a ilusão de vencer o grande tirano Tempo? Ignoro-o. E apesar de ciente do ris-co profissional ao lançar um pri-meiro livro de versos, depois de ha-ver publicado mais de vinte de li-teratura narrativa e dramática não conseguí furtar-me à tentação.

Na época em que nas caixas de fósforos brindavam fototipias, al-guns não colecionadores, movidos por certo vago pudor estético, em vez de jogar fóra a estampa ao abrir a caixa, metiam-na entre as duas superfícies da tampa, e ao acabar os fósforos jogavam ao lixo, juntas caixa e estampa. Exemplo ironico. Que importa ao todo-poderoso es-quecimento atuar mais sobre uns papeis privados que sobre um li-vro pouco menos secreto e leve? Quanto ao de ornar e semear, quem sabe? Isso pertence às dadias de que falou Jesus.

Versos sinceros, alheios a pro-pósitos de deslumbrar e ao triste desígnio de rebaixar a classe da ar-te — feito de loucura de eternida-de — ao efêmero das modas, en-tre os de ontem e os de hoje, não achareis diferença excessiva. Nem extremos extatismos, nem mala-

Senhor Doutor!

Procure conhecer as edições médicas da EDITORA CIENTIFICA.

Inscriva-se para receber catálogos e notícias de livros novos.

Rua Sete de Setembro, 180 - Rio

DEPÓSITOS
CAUÇÕES
DESCONTOS
COBRANÇAS
GUARDA DE TÍTULOS
E
ADMINISTRAÇÃO
DE IMOVEIS

BANCO NACIONAL
do
COMÉRCIO E PRODUÇÃO, S.A.
CAPITAL: CR\$12.000.000,00

Primeiro e único Banco
na América do Sul a pagar
CHEQUES DIRETAMENTE NA CAIXA

RUA DA ALFANDEGA, 34-RIO

Vogue

Primaveril

(Serviço especial da REVISTA DA SEMANA)



E' DE BALI, BONITO, NÃO ?

Se você quiser sugerir o encanto, o exotismo e a estranha beleza das terras de Bali, use esse vestido também premiado pelo I. V. N. Y. Representa um dos mais originais estampados dos últimos tempos. Próprio para "cock-tail".

PARA UM MARTINI...

Inteiro e com estamparia floral maravilhosa é este modelo próprio para a hora do "drink". Mangas de crochet e decote em forma de coração. Tem tudo, não acham? Acrescente um chapéuzinho "pompadour" e "ele" cairá nas suas malhas.



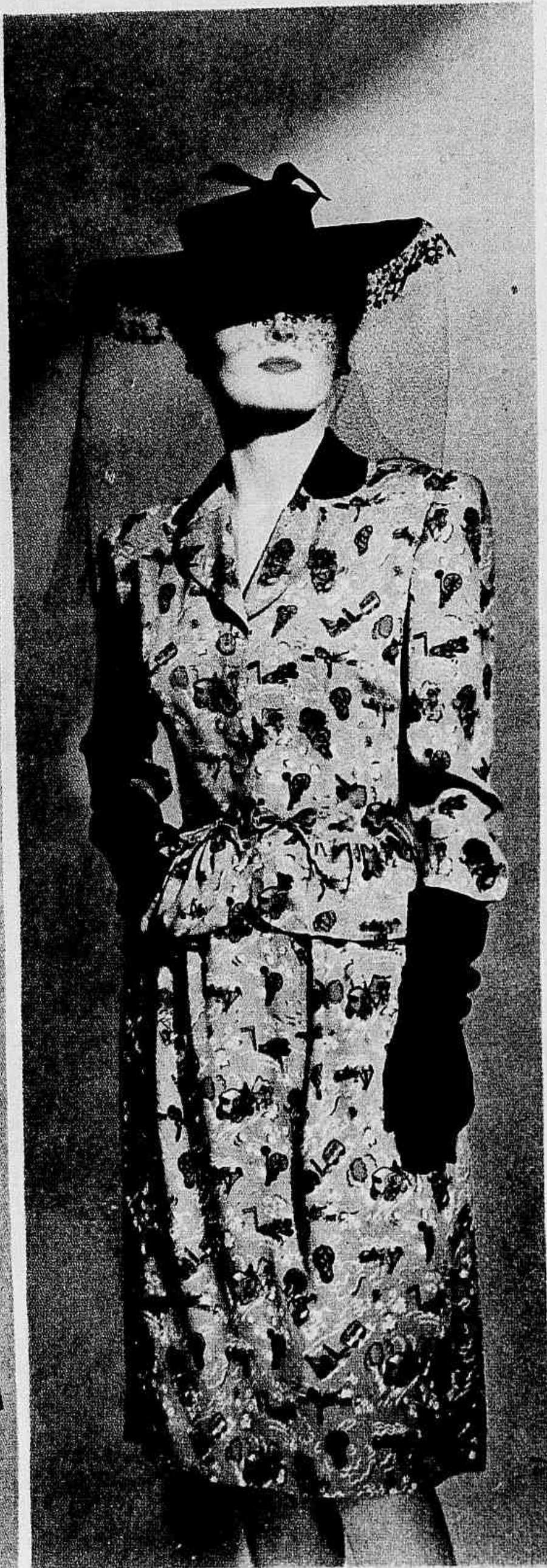
BOUQUETS

1890

VICTORY



Apanhados de flores envoltos num velho jornal formam o desenho impressionista desse estampado em crepe verde oliva. É uma criação nova-iorquina selecionada pelo Instituto dos Vestidos de New York.



A alegre era dos noventa é lembrada nesse estampado, onde "Toornewille Trolleys" misturam-se com balões e rocas. Duas peças, e uma curta jaqueta que sugere um "peplum". Mangas compridas e gola de veludo negro de Chesterfield.



Outra novidade selecionada pelo I. V. N. Y. este modelo inteiro de desenho inconfundível, onde, nadando num mar de crepe azul marinho, vêem-se as bandeiras da Vitória. Mangas curtas e fôfas emprestam ao vestido o último toque de elegância.

AS mulheres e as árvores têm pelo menos uma coisa em comum: ostentam a mais alegre roupa na primavera. Contudo, todos os anos as árvores põem as mesmas vestes. A idéia da Mãe Natureza, a respeito do que as árvores deveriam usar, é linda, mas conservadora. Mas as mulheres mudam sempre de gosto.

Na primavera deste ano nos Estados Unidos, enquanto os cravos, os lilazes e as tulipas estão ostentando as cores usuais, da malva mais delicada à púrpura mais sombria, as elegantes de New York aparentemente procuram ultrapassar todas as fantasias florais da primavera. Nunca houve maior brilhantismo de cores do que nos tecidos ultimamente lançados.

POST MERIDIAN

QUADRADOS E AZUL

NO TEMPO DE JOSAPHAT



Um exótico tecido estampado combinando com jersey de lã negra formam este simples e encantador modelo para a tarde. Inteiro, em seda azul e estampa rosa.

O conjunto completa admiravelmente o conjunto.

Os figurinistas americanos estão francamente da geometria. Senão vejamos: num crepe de fundo azul marinho, quadrados brancos dispõem-se num desenho simétrico. Entretanto a originalidade do modelo é dada pela variação dos tamanhos dos quadrados na saia.

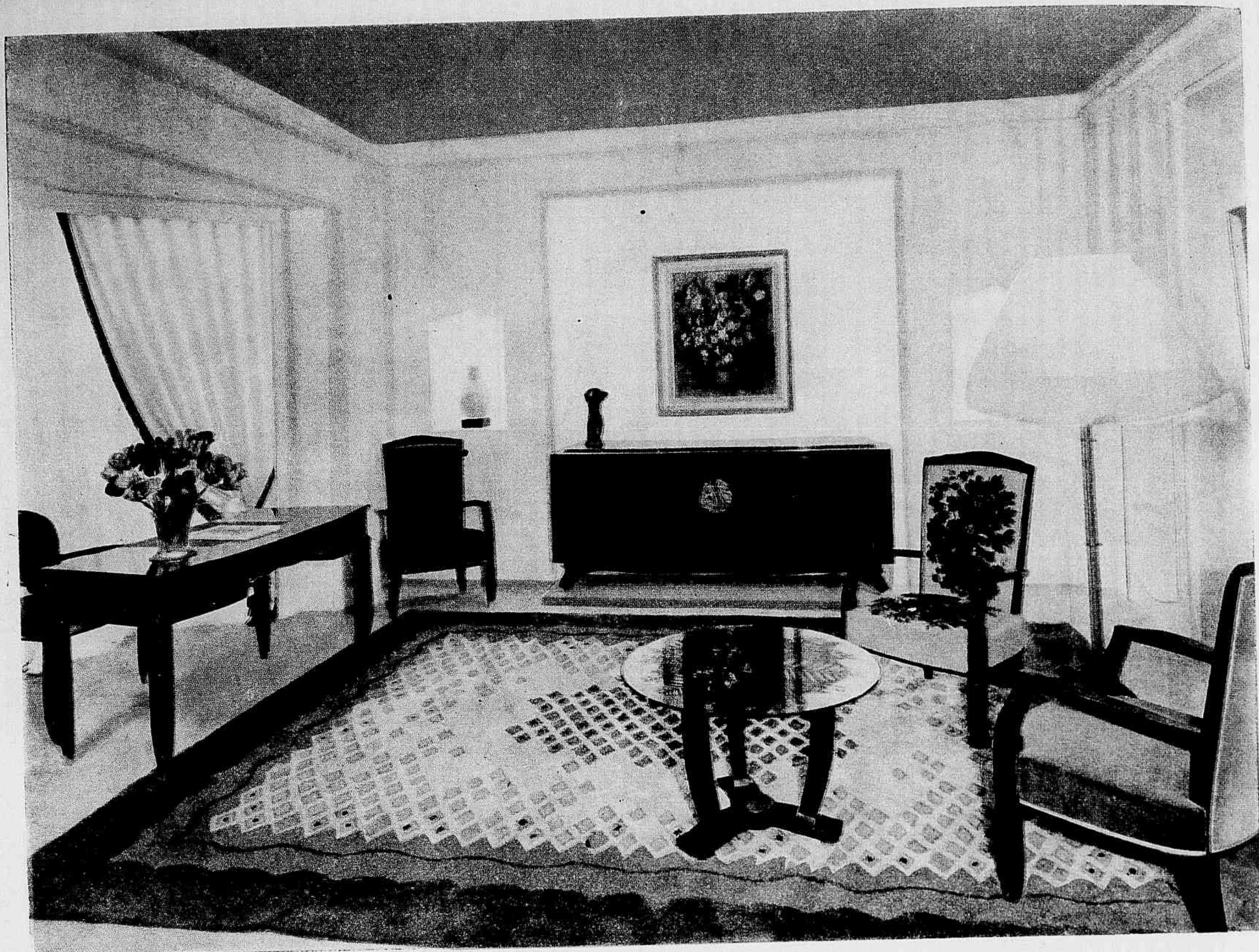
RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O célebre casaco bíblico de muitas cores nada significa comparado a este juvenil estampado onde verdes brilhantes, amarelos e púrpuras vão pouco a pouco esmaecendo. Inteiro e próprio para jantar.

O azul marinho, naturalmente, ainda aparece, de acordo com a tradição. Mas mesmo nessa cor básica, o padrão popular é evidente, variando do mais vivo ao mais claro. Há outros azuis, muito vivos, e vermelhos ainda mais vivos do que antes — carregados, agudos e chocantes. Há violetas e verdes em confusão quase tumultuosa. Parece que a idéia integral dos desenhistas e programadores de coloridos foi

fazer com que as flores desta estação se desvança diante de tais contrastos.

Nas lindas fotografias destas páginas, vemos as mais belas e vistosas combinações policrômicas dos costureiros de New York, vindas pelo último avião, especialmente para o prazer dos olhos de nossas leitoras.



DECORAÇÕES MODERNAS

REMINISCENCIAS

O *bric-a-brac* está de novo em moda, o que demonstra mais um saudosismo artificial pelas coisas antigas do que a compreensão da beleza — tantas vezes equivocada — que as antiguidades evocam de remotas épocas de riqueza e luxo.

Para combater os exageros inevitáveis que tanta gente explora, desapiedadamente, é que os decoradores modernos resolveram criar ambientes com reminiscências dos estilos clássicos que, não só deixam pouco espaço para essas *preciosidades* de que estão abarrotados os bairros elegantes, como permitem que se utilizem os adornos modernos, que também os há de valor artístico verdadeiramente excepcional.

É deste gênero o conjunto que ilustra esta página: — simples e discreto, a reminiscência do estilo Império dá-lhe grande suntuosidade, que é realçada pelos estofos e as tapeçarias executadas com *savoir-faire* e desenvoltura próprios de um bom *decorador*.

Note, porém, leitor amigo, que isto é apenas uma sugestão. Se o seu bom-gosto e a sua cultura não suportassem que alguém lhe recomendasse a aceitação de uma roupa feita para outrem, não permita que um *curioso* qualquer lhe insinúe, abusando da sua bôa-fé, que pode executar, ficando a seu contento, quaisquer idéias ou projetos, que aparecem nas publicações especializadas.

Esses *curiosos*... são perigosos!

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

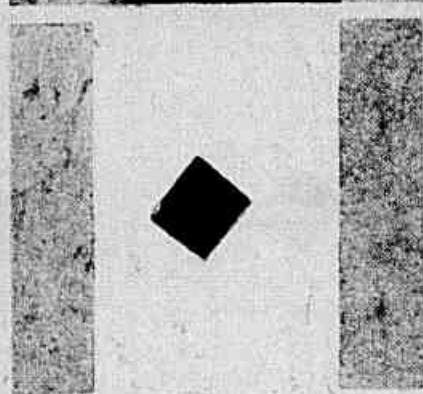
65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

O JOCKEY CLUB MUNDANO



Antes das corridas de domingo, a Diretoria do Jockey Club ofereceu aos criadores inscritos no seu quadro, um almoço que teve lugar no Hipódromo da Gavea. O "cliché" acima mostra um aspecto desta festa, vendo-se o ministro Salgado Filho, presidente daquela sociedade turfística, ladeado pelo general Silva Rocha e pelo dr. A. J. Peixoto de Castro.



Obteve amplo sucesso o meeting turfístico de domingo, no Hipódromo da Gavea. Pelas tribunas e "pelouses" desfilarão as elegantes alicionadas do nobre esporte, num espetáculo maravilhoso de elegância e distinção.

A REVISTA DA SEMANA logrou apanhar os flagrantes aqui esmaçados, durante as corridas de domingo último.



O MAR CARIBE,

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

por SILVIO JULLIO

Catedrático de Historia da America na Universidade do Brasil



Palacio Presidencial de Havana.

SIMÃO BOLIVAR, o Libertador, em sua famosíssima e profética epístola de Jamaica, a 6 de Setembro de 1815, quando encarou o destino da chamada América-Central, escreveu com profundo senso político: "Os estados do istmo de Panamá até a Guatemala formarão, quiçá, uma associação. Esta magnífica posição entre os dois grandes oceanos poderá ser, com o tempo, o empório do universo; seus canais encurtarão as distâncias do mundo, estreitarão os laços comerciais da Europa, América e Ásia; trarão a tão afortunada região os tributos das quatro partes do globo. Somente ali, talvez, poderá construir-se algum dia a capital da terra, como pretendeu Constantino que fosse Bizâncio a do antigo hemisfério!"

Genial e idealista, o maior de todos os filhos de nosso continente sabia bem os segredos do futuro e a importância da América-Central, situada entre os dois grandes oceanos, numa faixa que se adelgaça, permitindo-lhe, por meio de tres canais, — um deles já aberto, — apertar os laços comerciais da Europa, América e Ásia. E' possível maior clarevidência? Quem, aqui nas plagas novo-mundistas, teve igual visão do nosso porvir e do papel das democracias americanas no evoluer da humanidade?

Do Panamá à Guatemala existe, econômica, cultural e geograficamente, um imperativo unionista, que aconselha o estabelecimento do espírito confederativo em tudo. A América-Central depende, para tornar-se digna de sua privilegiada posição e das riquezas que Deus lhe deu, do entendimento capaz e sábio que Bolívar sugeriu. Repartida em repúblicas, umas alheias às outras e inimigas de vez em quando, nunca aproveitará a feliz circunstância de aproximar o Pacífico do Atlântico, à quasi igual distância da Europa, da África, da Oceânia, da Ásia, da América do Norte e da América do Sul.

Cortada a zona do Novo-Mundo que se estende do México à Colômbia por tres canais (o de Tehuantepec, o de Nicarágua e o de Panamá) as águas que a banham, de um e do outro lado, ver-se-ão coadunadas dos barcos mais diversos, oriundos de todos os pontos do globo. O mar Caribe e o golfo mexicano, — que são um unico e incomparável mediterrâneo, — atrairão o comércio universal. As opulências das planuras do sul dos Estados Unidos, a maior porção dos tesouros do México, todas as riquezas de Cuba, Santo Domingo, Puerto-Rico, América Central, Venezuela e Colômbia circularão pelo mar Caribe, sala de visitas da porvindoura humanidade.

Não ha na terra inteira situação mais prática e promissora. Todas as repúblicas que rodeiam o mediterrâneo de muitas bocas que é, segundo Humboldt, o mar Caribe, todas possuem ouro, prata, pedras preciosas, cobre, ferro, carvão, petróleo, quedas de água, linho, milho, trigo, café, cacáu, etc. O intercâmbio intenso entre elas bastará para criar, naquele pedaço do globo, o foco da máxima expansão comercial. Bancos, fábricas, agências, depósitos, tudo reunirá às margens do mar Caribe raças, povos, indivíduos, interesses e ideais.

O mesmo Bolívar que adivinhou, quando nin-

guém pensara no assunto, o progresso da América-Central e a abertura dos canais que a fortalecerão, também quiz, sempre e continuamente, colocar no Panamá a cidade-símbolo que atrairá os esforços humanos na busca da eficiência e da solidariedade. Capital do mundo, não méro centro das atividades de um país, eis o que ele sonhava que fosse a urbe à beira da via inter-oceânica. Ouçamo-lo: "E' uma idéia grandiosa pretender formar de todo o Novo-Mundo uma só nação, com um só vínculo que ligue suas partes entre si e à totalidade. Já que tem uma origem, uma língua, os mesmos costumes e uma religião, deveria por conseguinte ter um só governo que confederasse os diversos estados que se formem; mas não é possível, porque climas opostos, situações diferentes, interesses contrários, caracteres dissimelhantes dividem a América. Que belo seria que o istmo de Panamá fosse para nós o que o de Corinto é para os gregos! Oxalá que algum dia tenhamos a fortuna de instalar ali um augusto congresso dos representantes das repúblicas, reinos e impérios, para tratar e discutir sobre os altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras tres partes do mundo."

Este imenso e brilhante ideal que, desde 6 de Setembro de 1815, Bolívar sempre e continuamente defendeu, não era exclusivista, insulacionista, separatista, que puzesse a América longe e fóra do resto do globo; o que aí e depois pregou o insuperável guerreiro e pensador foi a união militar, econômica, política e cultural dos povos do Novo-Mundo, que assim solidários conseguiriam contrabalançar o poderio das velhas e retrógradas monarquias européias. Com este intuito, ele em 1826 reuniu a Assembléia do Panamá, onde os países liberais e amigos, como a Inglaterra e a Holanda, figuraram a título de membros assistentes. O americanismo bolivariano, portanto, é base e fulcro da concórdia universal das nações independentes, honradas, pacíficas, laboriosas, nunca feroz nacionalice soldadêsa para o preparo de agressões e roubos.

Desta maneira compreende-se a insistência de Bolívar na congregação das repúblicas, reinos e impérios em torno da América moralmente unida. O Panamá, eixo internacional dos povos livres, não lhe saía da cabeça. Assim, a 7 de Dezembro de 1824, convocando os governos ao congresso com que sonhára, voltou a explicar-se: "Parece que, si o mundo tivesse de escolher sua capital, o istmo de Panamá seria indigitado para este augusto destino, colocado como está no centro do globo, vendo a um lado a Ásia e a outro a África e a Europa. O istmo de Panamá foi oferecido pelo governo da Colômbia para este fim, nos tratados existentes. O istmo está à igual distância dos extremos: por esta causa poderia ser o lugar provisório da primeira assembléia dos confederados."

A predileção constante, invariável de Bolívar pelo istmo de Panamá, como região do canal inter-oceânico e sede da capital do mundo, autoriza-nos a declarar que a expressão *lugar provisório* obedeceu apenas a conveniências diplomáticas. A verdade é que o supremo e insuperado gênio americano desejara levantar, à margem da via líquida, um colosso de cidade, que pertencesse a todos os povos, raças e indivíduos da terra e hospedasse a liga dos plenipotenciários dos países livres do globo.

Não se pense que tão magno ideal morreu. Não. Ele vem lutando pela vitória, através de tre-

mendas, injustas, lamentáveis vicissitudes. A América-Central chegou a confederar-se sob o influxo de Francisco Morazán, até 1842, quando o assassinaram os mesquinhos partidários da fragmentação. Depois, ainda houve tentativas de unionismo, que a ambição dos caudilhêtes destruiu. Agora mesmo existe um poderoso grupo de homens superiores que pelejam pela causa nobre e redentora, tendo à vanguarda o sociólogo Salvador Mendieta, autor dos três tomos a respeito de *La enfermedad de Centro-América* e dos dois de *Alrededor del problema unionista centro-americano*.

Salvador Mendieta honra a inteligência continental e prova que possuímos nestas plagas caracteres tenazes. Conhecedor seguro e erudito das escolas sociológicas, aplicou-lhes à América-Central os princípios. Não se limitou a um trabalho



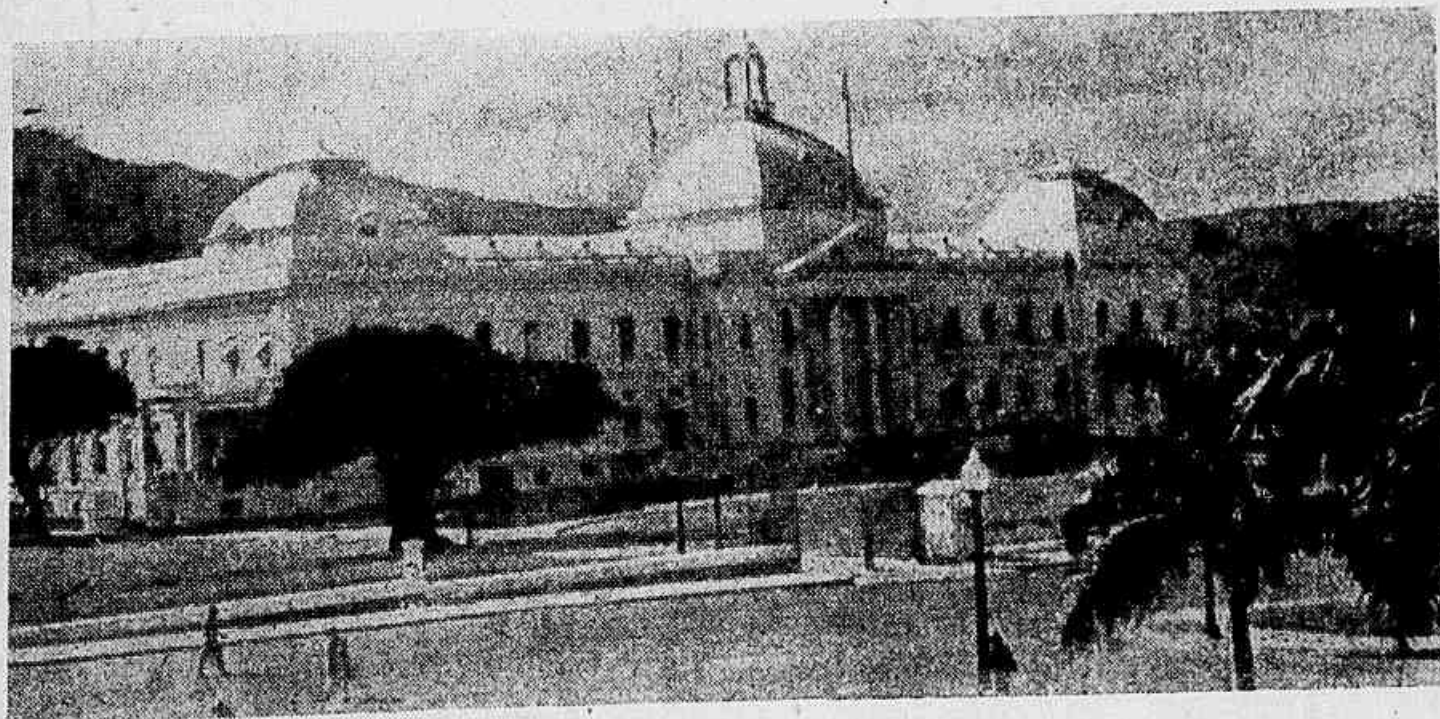
Palacio Presidencial de Tegucigalpa.

frio de gabinete. Viajou, sofreu, discutiu, emprestando a seus escritos calor, vibração, dignidade. Sua literatura científica poderá conter menos método do que a de José Ingenieros, Antonio Caso, Oliveira Viana, Enrique José Varona, porém vive, move-se, age, como a de Alberdi, como a de José Vasconcelos, como a de Silvio Romero, como a de Lastarria.

Nascido em Nicarágua, considera-se compatriota de quaisquer centro-americanos, pois para ele a nação unida que Francisco Morazán sustentou, até cair traído e vilmente assassinado, é um fato inevitável, uma realidade superior a paixões e seitas.

Reitor da Universidade Nacional de Nicarágua, reside Salvador Mendieta em Maragua. Autorador cálido e sincero do Brasil, pensa visitar-nos e, na correspondência que conosco mantém, salienta o seu desejo de conhecer a fundo a nossa cultura. Deixamo-lhe o endereço nesta informação, para que os sociólogos brasileiros lhe escrevam e lhe enviem suas obras diretamente. E' o melhor processo de fazer americanismo.

Acreditamos que o ideal de Bolívar, Francisco Morazán, Salvador Mendieta e outros, que compreenderam a vantagem da confederação das repúblicas centro-americanas acabará triunfante. O que é lógico, imprescindível, natural e quiçá predeterminado, um dia se realiza. Por enquanto, porém, a



Palacio Presidencial de Porto Príncipe, Haiti.



Palacio Presidencial do Panamá.

SALA DE VISITAS DA FUTURA HUMANIDADE

América-Central está fragmentada em seis países: Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa-Rica e Panamá.

Diante deste punhado de pequeninas nações centro-americanas e encerrando o parêntese às águas do mar Caribe, pairam as ilhas de Cuba, Santo Domingo e Puer-to-Rico, que deviam também formar, — conforme exigia o excelso sociólogo Eugenio María de Hostos, vulto imáculo de patriota sem ódios e angústias localistas, — uma nova confederação livre, republicana e democrática. As três deram à América páginas heroicas e contam com intelectualidades possantes, recursos econômicos, esplêndidas cidades, estabelecimentos universitários, grêmios culturais, tudo. Só lhes falta o que falta à América-Central e, graças a Deus, sobra ao Brasil: decisão e vontade incontestável de criar e manter contra seccionismos, um único país, unificado e unido.

A América-Central e as Grandes Antilhas têm glórias tão admiráveis quanto a Argentina, o México e o enorme Brasil. *Tamanho não é documento*, ensina o dito carioca. Às vezes uma republiqueta débil produz homens extraordinários. Vamos ver o que,

O importante é grifar que um nicaraguense reformou a poética castelhana, dulcificou-a, injetou-lhe seiva inédita, diafanizou-a, quebrando-lhe os ritmos solenes em dansas fidalgas e nostálgicas, aristocratizando-lhe os vocativos impetuosos em frases agudas e *irônicas*.

Era un aire suave, de pausados giros...

El erso azul y la canción profana...

Los claros clarines de pronto levantan sus sonos...

Toute la lyre, qual o vovô Victor Hugo: oceano e fonte, pétala e selva, penhasco e nuvem.

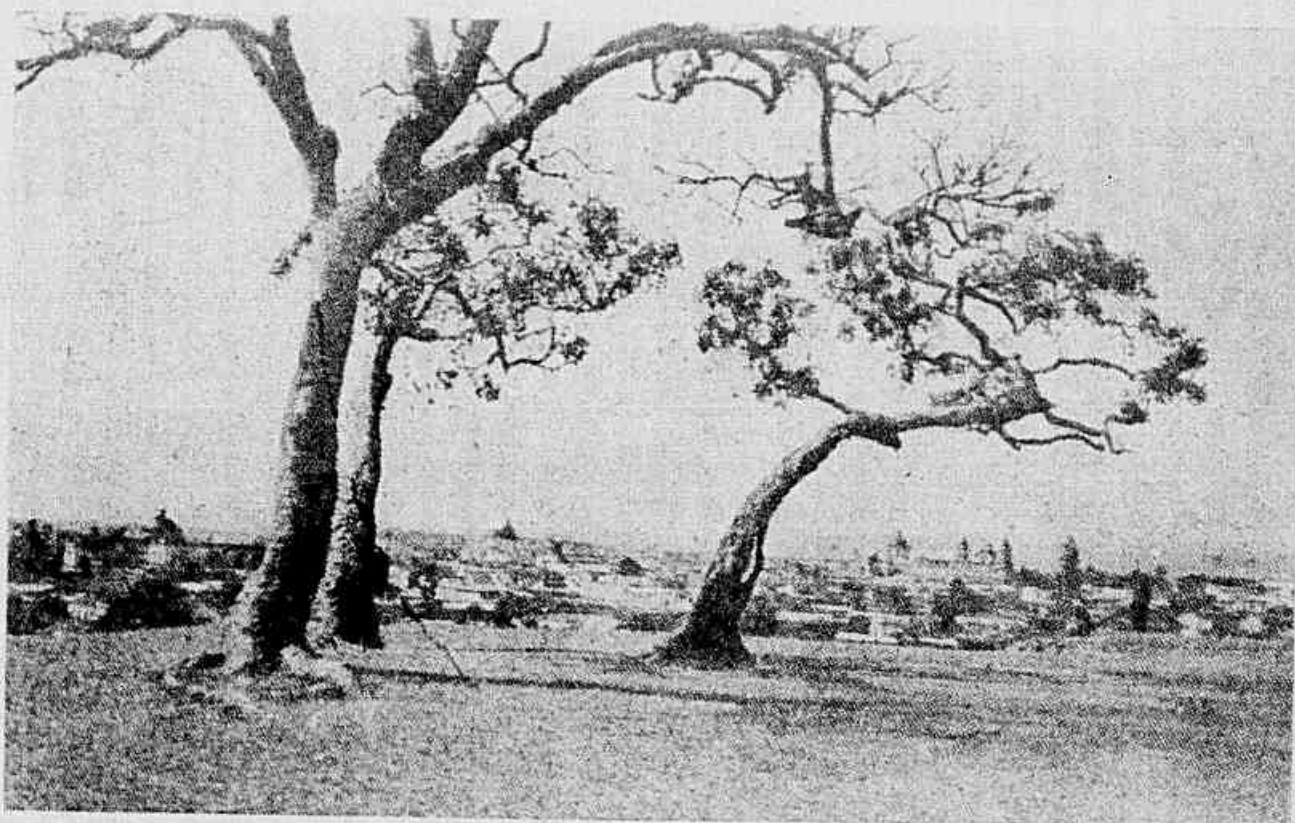
Não é só Rubén Darío que constitui incontestável motivo de orgulho para a América-Central. Conhecem os brasileiros, em francês, em português, em inglês e até em espanhol, crônicas magistrais de viagem e impressões de vastas leituras assinadas por Enrique Gómez Carrillo. Este inquieto e fulgurante prosador, amigo íntimo e espanto de Rubén Darío, nasceu na Guatemala. Aventureiro, amoral, meio doido em suas emoções violentas e exóticas, foi o mestre inigualável do artigo sugestivo e leve. Ninguém o alcançara na arte de pintar viva, graciosa, superlativamente uma cena oriental, uma cidade africana, um caminho duro e arcaico de terras ignotas. *Vistas de Europa, El alma encantadora de Paris, Desfile de visiones, Por tierras lejanas, Nostalgias, Grecia, De Marsella a Tokio*, que paisagens encantadoras contêm, que convites às mutações do panorama, que cinemáticos aspectos das coisas e dos seres!

Rubén Darío e o seu companheiro de boêmia Enrique Gómez Carrillo são a prova palpável e definitiva de que, no terreno intelectual, Nicarágua e a Guatemala nada invejam de nenhuma potência.

A América-Central ascendeu no conceito mundial por esses dois literatos sem par e imortais, cujos livros circularam nas terras mais longínquas, em vários idiomas. E circulam ainda.

Si Nicaragua não tivesse Rubén Darío — seu máximo e universal rebento — dom Santiago Arguello poderia apresentar-se à humanidade. Poeta e prosador, ele escreveu *Mi Mensaje a la juventud*, verdadeiro programa de ação americanista, *Modernismo y modernistas, Siluetas literarias*, prosa, e *Ojo y alma, La Vida en Mi, El alma dolorida de la patria*, poesia, entre outros volumes. Santiago Arguello foi joalheiro do ritmo e esculpiu estátuas. Dele alguém diria, repetindo um conceito rubendariano: *enorme e delicado*.

Já que não saímos de Nicarágua (onde quasi nada, até 1892, Menéndez y Pelayo encontrou no campo das letras) e da Guatemala, país bastante intelectual, resumamos a representação desta república. Nela viu a luz Rafael Landívar, a 27 de Outubro de 1731. Latinista e poeta sóbrio, deixou-nos *Rusticatio Mexicana*, modelo de americanismo literário. Em Bolonha faleceu o culto vate, a 27 de Setembro de 1793. Não se trata de figurilha inferior e trivial. Trata-se de autêntico artista. Seguiram-no muitos versejadores. O melhor, que igualmente manejou a prosa, chamou-se Antonio José de Irisarri. Clássico, impecável, tornou-se temível polemista e satírico. *La imprenta*, engraçado poemeto em decassílabos, devia traduzir-se a todas as línguas, pois é digna de Quevedo ou Bocage e dá direito a seu



Vista geral de Guatemala.

autor de entrar nas antologias. Nasceu Antonio José de Irisarri a 7 de Fevereiro de 1786 e morreu a 10 de Junho de 1868, ancião e decano do corpo diplomático em terras de Tio-Sam. O terceiro membro da velha guarda é José Batres Montúfar, natural de El Salvador, mas integrado na vida guatemalteca. Viveu de 1809 a 1844. Claro, sutil, agradável, precede o Campoamor dos contos metrificadas e humorísticos, pelo centro-americano batizado de *tradições*. Narrador fluente de histórias divertidas, soube burilar indestrutíveis e finas páginas, agora incluídas no patrimônio da cultura continental e ibérica.

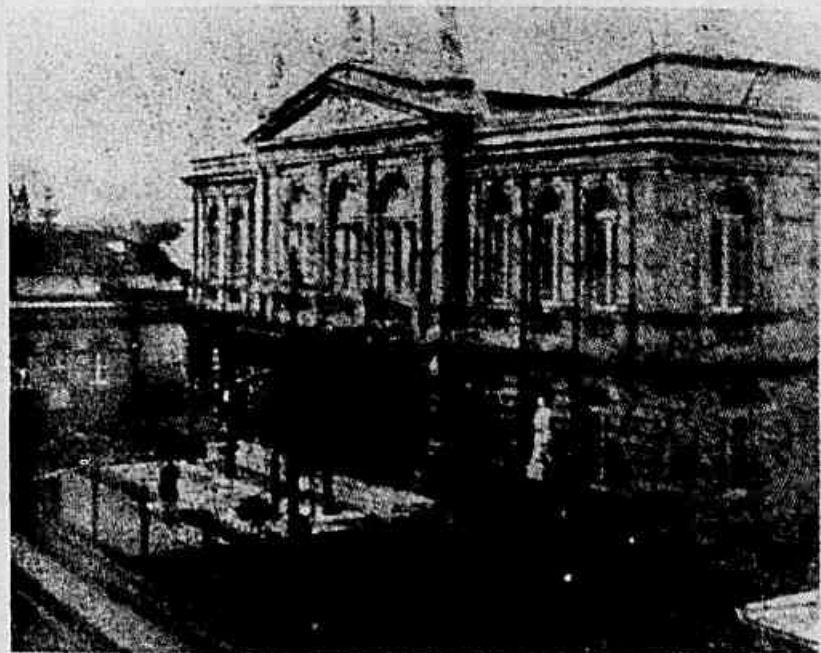
El Salvador — que se deita sobre o Pacífico, de costas para o mar Caribe — penetra no glorioso Parnaso das Américas com Francisco Gavidia, erudito e inspirado cantor do indigenismo.

Honduras pensamos que não se amesquinhem, si lhe mencionamos, como representativos, Froylan Turcios e um jovem que só ultimamente venceu, imprimindo o volume *Nieblas*. Referimo-nos a Carlos Aguirre.

Costa-Rica é bem mais culta do que El Salvador, Honduras e Nicarágua. Rivaliza com a Guatemala. Isto — é claro — de um modo geral, sem considerar casos pessoais, que às vezes são exceções. Democracia livre e caracterizada, a costa-riquense incentiva a instrução, protege a imprensa, favorece a arte tipográfica, ajuda o progresso do pensamento. Baste-nos enfileirar-lhe alguns nomes de intelectuais de primeira: Ricardo Fernández Guardia, esteta de *Cuentos Ficos e Hojarasca*, Joaquim García Monje, apóstolo do ensino e da concórdia americana, José María Zeledón, e dez que não precisamos destacar. Não houve em Costa-Rica um Rubén Darío nem um Enrique Gómez Carrillo, visto que dois assombros destes não abundam; ergue-se ela, todavia, como a nação liberal por excelência da América-Central e a mais amiga da instrução do povo.

O Panamá, recente república e sujeita a circunstâncias especiais, é notável pela higiene, pelo ensino superior e pelos seus escritores sérios. Um jurista, Arosemena, nobilita-a. Vivo, Octavio Méndez Pereira prossegue no seu esforço de dotar a pátria das obras nacionais que lhe faltam.

Não exgotamos, não podíamos exgotar, num articulo apressado e epidérmico, toda a ampla e interessante documentação do valor da América-Central que, com os demais países do mar Caribe, terá brevemente lugar principal na atividade humana. Traços vertiginosos e curtos serviram-nos apenas de insinuação de uma tese que merecerá, após, atenções muito singulares e profundas. Desejamos que os brasileiros comecem a preocupar-se com a zona do mar Caribe, a que sempre chamamos sala de visitas do mundo futuro.

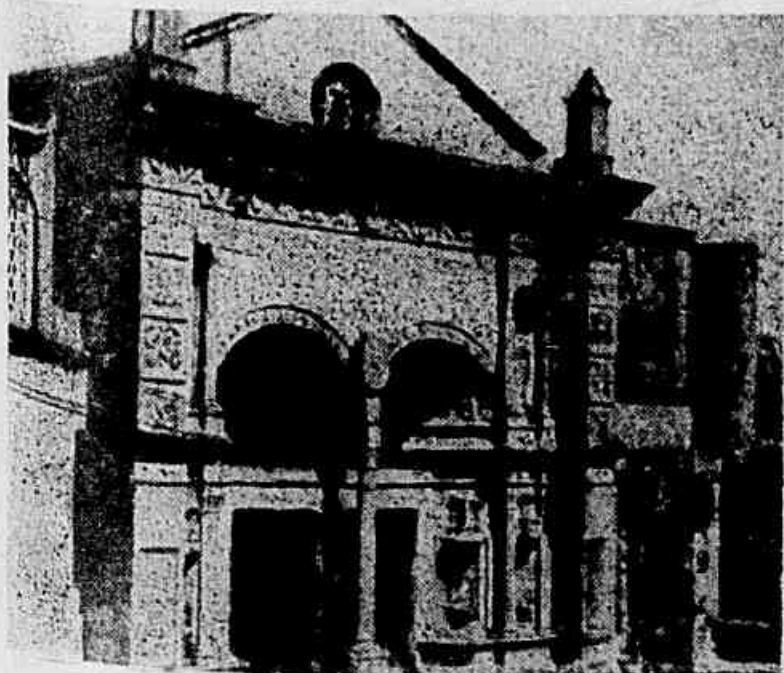


Palacio Presidencial de S. José da Costa Rica.

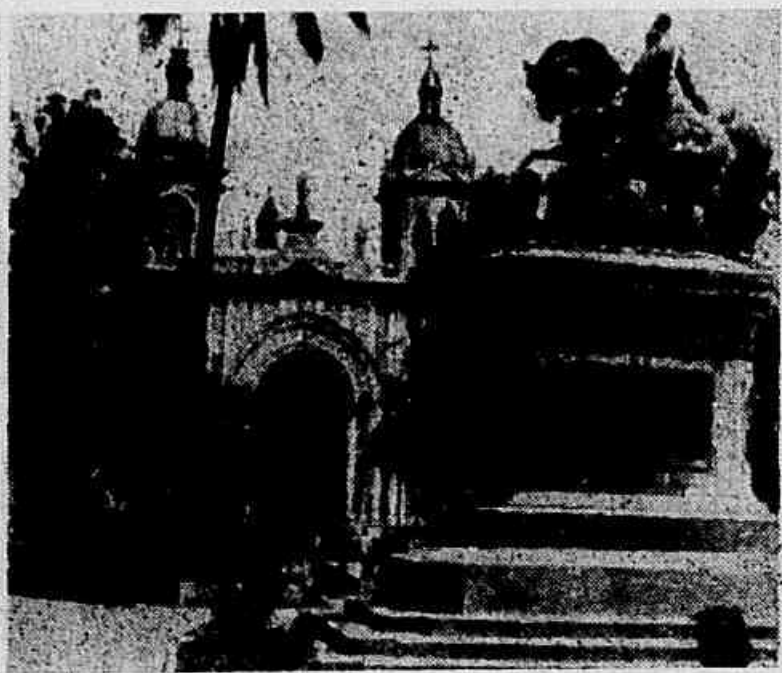
neste sentido, gerou a América-Central. Vamos vê-lo de pressa e insuficientemente.

Abandonando fatos e nomes menos significativos, salientemos que Nicarágua é o berço natal do poeta máximo da língua espanhola nos últimos quatro séculos: Rubén Darío. E' incalculável e infinita a razoabilíssima vaidade da América-Central de ter como filho dileto o artista das *Prosas profanas*, dos *Cantos de vida y esperanza*, do *Poema del Otono* e de *El canto errante*, obras-primas da mais requintada estesia.

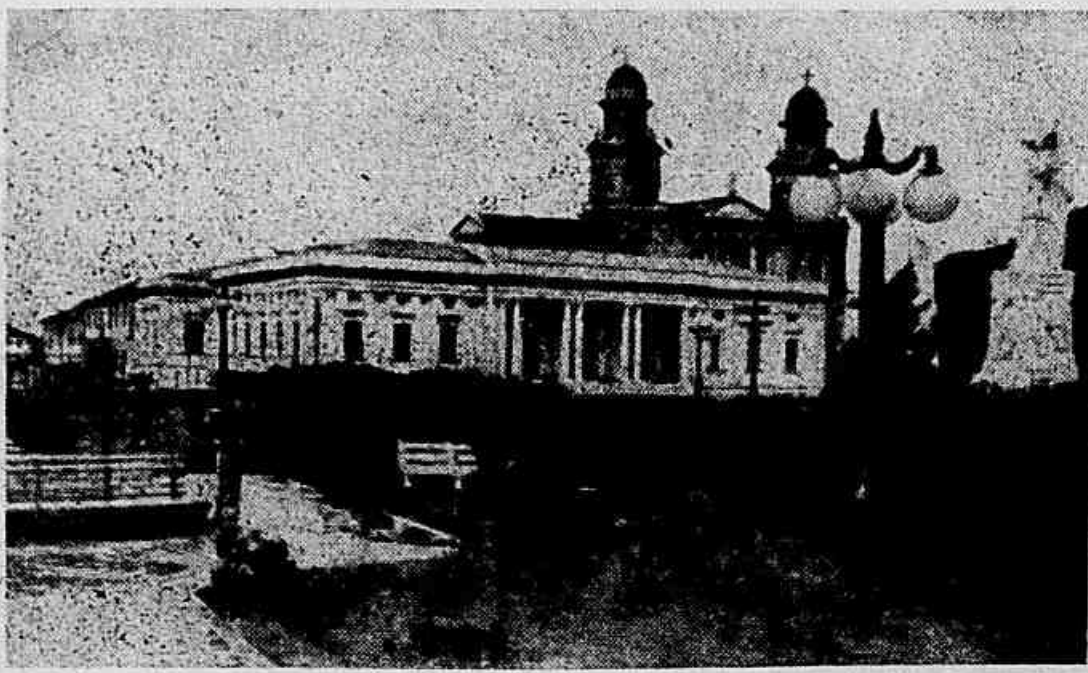
Já agora é possível que as novas camadas de intelectuais brasileiros sintam, com liberdade, o valor do verso elegante e trabalhado de Rubén Darío, não inferior, nunca, ao de Verlaine ou Baudelaire. Antigamente, influenciados pelo francesismo, os nossos escritores da geração anterior à guerra de 1914 não aceitavam que Rubén Darío se aproximassem, literato, ao menor dos vates parisienses. A própria língua espanhola, tão rica, sonora, cantante, flexível, colorida, eles a julgaram sob a galicana que lhes chegara nas obras de Voltaire, Zola, Anatole, Heredia, Richepin, Rollinat. Esqueciam a dívida de Corneille, Le-Sage, Victor Hugo e Gautier para com a galharda e proteimorfe imaginação ibérica.



Catedral de S. Domingos.



A catedral e o monumento ao general Barrios, El Salvador.



Trecho do Parque Ruben Dario, Nicaragua.

Santo Antonio de Lisboa

AQUILINO RIBEIRO

Eu vejo-o. Vejo-o, à maneira de Columbano, os olhos tão cheios de exaltação, que são eles chama de alma ardendo em afervorado amor. Está de pé, como tudo o que supõe tensão de forças, Jesus quando sobe aos céus, S. Simeão que ora, Joana d'Arc que intercede. O menino, regado de luz, é o termo simbólico da sua paixão. E nunca pincel, como o de Columbano, encontrou tintas mais ternas, mais humanamente supremas, para representar o Deus-menino. Tudo é silencioso, penumbra mística, em volta dos olhos que contemplam e do ser divino que se entrega. Disparmente, e aí está a originalidade de pensamento de Columbano, o concebeu Murillo, de frente atormentada, e de olhos tão tristes que, à força de ver o céu, se amoretcessem para a terra. Crânio regular, estatura meia, rosto anguloso — aquêle anjo dolorido que se vê na portada dos S. Tomás de Guínta, com a legenda bem agradecida *Bene scripsisti Thomae*. Vejo-o, como Columbano, em seus êxtases de iluminado, como Murillo em suas horas de místico pasmo e não é ele o monge rubicundo e bom comedor, que tem mula e jornada de borracha

nos alforjes, imaginado por Lazzaro Bastiani. E, fóra de seus transe de santo, uma tímida sombra do sol pôr, vivente, porque toda ela se derrama em cânticos de graças a Deus e às criaturas.

A sua fisionomia intelectual escapando ao domínio puro, subjectivo, em que se encerra aquela, apresenta-se-nos ainda com as lacunas desesperadoras duma bela lápide mutilada. S. Boaventura diz que ele abarcava todo o saber dos antigos. Do catálogo da livraria de Santa Cruz de Coimbra — onde decorreu sua formação — se deduz que os enciclopedistas da época, Isidoro de Sevilha e Capela, não lhe passaram estranhos. Os monumentos da Patrística eram-lhe familiares, bem como os filósofos da Escola de Alexandria, porque através do seu pensamento se nota este carácter simbólico que sinalava o neo-platonismo. Pelo seu poder de amor e de contemplação participa de Plotino; pelos jogos florais de textos e interpretações simbólicas de Philão, o Judeu. De Boécio herdou a união, e de Santo Agostinho aquela

disciplina dogmática que o reteve no campo ortodoxo apesar de influências tão contrárias. Se a sua dialética, se extenua no estudo das palavras, nêsgas de psicologia rasgam, aqui e ali, sua escolástica maciça. A sua metafísica, de pouca monta, emana toda ela do Timéo de Platão, e de Aristóteles, que devia conhecer por Boécio. Mas o favor com que acolhe as ideias platónicas não o leva ao realismo; contra a opinião do ilustre professor Teófilo Braga, em nenhum lugar vemos que explane ou indique o problema dos universais.

Quando em Bolonha se encontra com S. Francisco de Assis, este fica maravilhado do seu talento de dialético e de exegeta. Desde esse dia, António será o deputado às missões difíceis, cruzada contra os cataros e os albigenses, ensino de teologia em Tolosa, Limoges e Bolonha. Será nomeado, mesmo, o titular da cadeira de teologia dentro da Ordem menor. A carta de provisão, citada nos anais de Wading, constituirá um tema de farta e nunca unânime crítica. Há quem a repete apócrifa. Seja como for, averiguado está que António foi o primeiro *magister* da família seráfica. Dele parte a pressão inicial que vai separar a escolástica franciscana da escolástica propriamente dita; uma mística, falando mais ao coração que ao espírito, imbuída em platonismo vestindo as louçainhas duma ciência incipiente; e outra especulativa, inflexivelmente cerebral, Aristóteles com posto em mil prismas por teólogos de vista penetrante.

A sua ação em França não foi documentada. A ajuizar pela referência da *Vila anonima*, segundo o critério realista, resulta ela negativa: "António estava tão bem aparelhado de textos, tirados da Sagrada Escritura, eram seus argumentos tão decisivos e sólidos, que os miseráveis sequeiros do erro não ousavam proferir palavras, nem chegar à sua presença." O sistema franciscano de combater a heresia, desprezando-a cobrindo-a de impropérios e anátemas, não devia achar corpo no maniqueísmo, cuja metafísica era engenhosa e sutil.

O dr. Teófilo Braga, apoiando-se na História da literatura italiana de Tiraboschi, escreve que António foi enviado pelo instituidor dos menores frequentar a escola de artes e de teologia de Vercel, onde abriu cátedra Tomás Galo, o teólogo de mais nomeada naqueles tempos. Quer-nos parecer que o insigne escritor, do mesmo modo que José de Sousa Monteiro na sua curiosa monografia, foi induzido a erro por Tiraboschi, que interpretou mal uma passagem dos Bolandistas. Estes dizem que Santo António esteve em relações com o abade de Vercel, mas de modo algum que fôra seu discípulo. Se Santo António tivesse estudado em Vercel, perderia uma grande parte do interesse que, como por ugués, lhe atribuímos. Importa menos que ele seja um grande nome português que uma das figuras da história das ideias em Portugal. A meu ver, António reflete o Portugal letrado da sua época; a sua obra no estrangeiro não se afasta, um só momento, do género de formação que os seus historiadores inculcam como tendo sido o que colheira na escola de Lisboa e no mosteiro de Coimbra. Aqui compôs ele o seu livro *Concordantiae morales sacrorum biblicorum*. Mal havia posto o pé em Itália, os franciscanos de Forlì pasmam da sua erudição; S. Francisco, tão aprensivo por tudo o que era ciência, distingue-o entre os *corações simples* da ordem. Os dez anos que viveu no estrangeiro ocupou-os no ensino ou na pregação. A sua carreira oferece uma continuidade, que não deixa margem a ócios nem a isolamentos de estudioso. Foi um homem de ação; seu espírito estava cheio, usou dele.

Além disso, a interpretação de Tiraboschi pugna com o carácter de S. Francisco. Este prezava mais os ignorantes que os sábios; não mandava aos seus discípulos folhear livros, mas ler a grande obra da criação. As suas sentenças contra a ciência são tão proverbiais como as de Rousseau. António devia ter encontrado na Ordem menos estimulante a realçar-lhe o espírito, que contracção a apoucar-lo. Sou mesmo levado a crer que foi aí um paradoxo; seu ânimo e seu saber verboso deviam desagradar a S. Francisco que o afastava de Itália o mais que podia. Esta antítese explica, mesmo, a falta duma obra importante de Santo António, e os dissabores que seus biógrafos deixam entrever. "A distância que vai de António de Pádua a Francisco de Assis é imensa — afirma Sabatier; — é tão grande como a que separa Jesus de S. Paulo." Autores asseguram que António teria feito parte do Scisma dos Espirituais, vivendo a essa data.

Por um lado, Santo António enfileira na falange de S. Francisco, Santa Clara, Santa Catarina de Sena, Santa Tereza; por outro, na falange de Santo Anselmo, S. Bernardo, Santo Agostinho. Não foi, porém, um espírito ordenado e construtor como estes. Vulgarizou a ciência divina, toda a admirável exegese da Cidade de Deus. A Ordem Menor *agrançou-o*. Basta, porém, compulsar os seus trabalhos, os Sermões mormente, para se palpar o estôfo dum grande doutor. Perdura, mesmo assim, como teólogo fecundo, e um dos criadores da ciência mística, ciência singular e monstruosa, verdadeira patos da escolástica, que os dominicanos terão, esforçadamente, de sepultar sob sua rígida filosofia.

Corretores do Pregão Imobiliário:

A. Couto Brito & Carvalho	Av. Rio Branco, 111, 3.º, s. 304	Tel.: 43-4209
A. G. Cardoso de Menezes	R. Senador Dantas, 118, 4.º, s. 403	Tel.: 42-9398
Albuquerque & Van Erven	Trav. do Ouvidor, 7, 3.º	Tel.: 23-4887
Antonio Brito Vasconcelos	Av. Alm. Barroso, 97, 12.º, s. 1205	Tel.: 42-6658
A. C. Ourivio	R. General Camara, 19, 9.º, s. 4	Tel.: 23-6120
Antonio de Castilho Gama	Av. Rio Branco, 128, 16.º, s. 1603	Tel.: 42-8921
Antonio Gomes Filho	Av. Rio Branco, 123, 15.º, s. 1508	Tel.: 42-1130
Antonio Teixeira Garrido	R. da Candelaria, 9, 3.º, s. 303 a 305	Tel.: 43-3896
Armando David Pereira Braga	R. do Ouvidor, 73, loja	Tel.: 23-2372
Ascendino Gonçalves	Trav. do Ouvidor, 36, 4.º	Tel.: 43-7600
Carlos Mac-Dowell da Costa	Av. Rio Branco, 108, 7.º, s. 703	Tel.: 42-9304
Clyto Barbosa Bokel	R. Alvaro Alvim, 31, 16.º	Tel.: 42-8130
Cristovam de Souza Monteiro	R. do Carmo, 65, 4.º, s. 2	Tel.: 23-6048
Djalma Reis	R. da Quitanda, 20, 3.º	Tel.: 42-8739
Decio Lefèvre	R. 7 de Setembro, 54, 1.º	Tel.: 23-0554
Edmundo Cassio Horta	Pç. Getulio Vargas, 2, 6.º, s. 617	Tel.: 42-2053
Elias Margem	R. do Ouvidor, 169, 5.º, s. 517	Tel.: 43-5728
Ernani de Araujo Espindula	Trav. do Ouvidor, 8, 2.º	Tel.: 43-7698
Frederico Darrigue Faro Filho	Av. Alm. Barroso, 90, 11.º	Tel.: 42-5231
Gregorio Gomes dos Santos	R. Dom Gerardo, 7, sob.	Tel.: 43-9438
Hemeterio Fernandes de Queirós	Av. Rio Branco, 109, 3.º, s. 20	Tel.: 23-2880
João Carlos Osorio	Edifício Odeon, s. 914 a 916	Tel.: 22-4762
J. C. Faria	Largo da Carioca, 5, 1.º, s. 104	Tel.: 42-3407
J. C. Machado	Av. Rio Branco, 137, 7.º, s. 718	Tel.: 23-6263
J. C. Miranda Sá	Av. Rio Branco, 122, 3.º	Tel.: 42-4255
J. Rezende	Av. Rio Branco, 117, 5.º	Tel.: 23-4284
Jair Carlos Maciel	Av. Rio Branco, 69-77, 3.º, s. 14	Tel.: 23-4587
Jarbas de Camargo Penteado	R. 13 de Maio, 37, 1.º	Tel.: 42-6402
Joaquim Santos Parente	R. 13 de Maio, 37, 1.º	Tel.: 42-6402
José Freire Dantas Filho	R. Alvaro Alvim, 27, s. 30	Tel.: 22-5110
José Mendes Figueiredo	Av. Rio Branco, 108, s/loja	Tel.: 42-8155
José da Silva Couto	R. Gonçalves Dias, 67, 2.º	Tel.: 22-3902
Luiz Antonio Barcelos	R. 1.º de Março, 99, 1.º	Tel.: 23-5359
Luiz Fabricio da Silva	Av. Graça Aranha, 327, 6.º, s. 609	Tel.: 42-1198
M. de Freitas Vale	R. Alvaro Alvim, 33-37, 11.º, s. 1124	Tel.: 42-8311
Milton Freitas de Souza	R. Miguel Couto, 27-A, 1.º, s. 402	Tel.: 23-0536
Milton Ferreira de Carvalho	R. Miguel Couto, 51, 1.º	Tel.: 43-8816
Milton de Holanda Maia	Av. Graça Aranha, 357	Tel.: 42-0470
Orlando Mesquita	Av. Rio Branco, 128, 15.º	Tel.: 42-1130
Otacílio Mesquita	Av. Rio Branco, 128, 15.º, s. 1508	Tel.: 42-1130
Otavio Babo Filho	R. 1.º de Março, 6, 3.º, s. 5	Tel.: 43-6256
Penafiel & Duarte	R. Alvaro Alvim, 24, 5.º	Tel.: 42-0301
Ramã Cesar	Av. Rio Branco, 128, 15.º, s. 1512	Tel.: 42-9034
Raul Rebouças	R. Gonçalves Dias, 67, 2.º	Tel.: 22-3902
Roberto Moreira Calçada	Av. Rio Branco, 117, 3.º, s. 320	Tel.: 43-1316
Satyro Boselli	R. da Quitanda, 87, 1.º	Tel.: 23-4419
Theodoro Martins da Rocha Junior	Av. Rio Branco, 128, 11.º, s. 1111	Tel.: 42-0756
Thucydides Melo Araujo	R. do Rosário, 104, 4.º	Tel.: 23-4383
Wicar Teixeira	R. Senador Dantas, 118, 4.º, s. 412	Tel.: 22-0173

LOCAL DOS PREGÕES: Salão Nobre do Liceu Literário Português. Reuniões todas as 6.as. feiras, às 11 horas e 30 minutos.

Secretaria: Av. Rio Branco, 120 — 11.º andar — sala 1.105 — Tel. 22-0224

Euripedes Cardoso de Menezes.
Secretário Geral

Nos primeiros tempos de Italia, António tinha-se recolhido numa lapa, e deitado sobre a terra nua, macerando-se e jejuando mais que o Cristo no Monte das Oliveiras, percorre todos as gamas do amor divino. O Espírito visita-o, e, quem se aproxima do peneiro

Seu fogo combativo vinha-lhe, ainda, dêste estado expansivo de amoroso que tinha a peito comunicar a todos os seres. No seu século, como muito bem compreendeu S. Francisco, o abstencionismo era, aliás, inconciliável com o ideal religioso. Em todos aquêles atos, mesmo, que parecem exorbitar do quadro místico¹ ele persiste místico. Ora missionário, ora asceta, transitava dum ao outro plano automática e instantaneamente. A veemência do pregador e a humildade do místico sucediam-se nêlle sem interrupção nem esforço. Afoitamente cortará uma exposição meliflua como um grito indignado: "oh Judas, tu vais vender o filho do teu Senhor como um vil escravo e como um cão tinhoso." Ocupará uma homélia inteira a flagelar as pragas do século, os usurários, os soberbos, e os homens de lei "que para ganhar dinheiro, ladram como cachorros nos pretórios", e o remate será um cântico de beatitude a harmonia universal.

COMP. EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES, 639 - S. PAULO

Peça pelo Serviço de Reembolso Postal — Livraria Civilização Brasileira
Rua 15 de Novembro, 144 — S. Paulo — Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro

EXCENTRICOS INGLESES

Eugenio
Gomes



Como Doré representava
os ingleses de seu tempo.
(1850)

Excêntricos, ha-os em toda parte, mas não resta dúvida que a Inglaterra sempre os produziu de maneira excepcional.

Quando os totalitários prepararam a atual guerra, certamente acreditavam que a excentricidade britânica era um dos fatores negativos da suposta decadência de John Bull. A batalha de Londres mostrou-lhes o contrário. O povo inglês resistiu à sanha arrasadora, destinada a intimidá-la, sem abrir mão da sua fleugma tradicional. E a "Blitz", que devia provocar o medo e o terror, tornou-se finalmente objeto de ridículo. Haja vista o título da seção introduzida por uma revista inglesa justamente quando a fúria nazista ameaçava reduzir Londres a um montão de escombros: "FAZENDO A BARBA DURANTE A "BLITZ"..."

Produto de fleugma e displicência, a

excentricidade britânica tornou-se, desse jeito, paradoxalmente embora, uma força de afirmação resoluta, moralmente eficaz, nesta mesma guerra em que só parecia haver lugar para o ódio desatinado.

A excentricidade é um traço específico de inconformismo individual, conciente ou não, caracterizado pela rutura das convenções que formam a estrutura moral da sociedade humana.

No país do "humour", essa rutura já deu origem a inumeráveis criações imortais, no plano da ficção, com uma identidade tão grande entre os tipos da vida real e os tipos imaginários que, às vezes, não se sabe quais são aqueles que foram tirados da imaginação.

O "humour" e a excentricidade, virtudes ou vícios essencialmente peculiares à índole britânica, originam-se de reações individuais contra sentimentos, idéias e hábitos condicionados a uma rígida moral. Tais reações adquirem aspectos imprevisíveis de irreverência ou simples tolice humana.

Se a conduta da "gens" britânica não se revestisse ordinariamente de uma seriedade, que parece tornar os patricios do Dr. Johnson incompatíveis com o riso, certamente, essas reações individuais resultariam, em grande parte, desenxabidas ou mesmo inexpressivas.

Quem já leu, porém, essa bíblia do "humour", que são os "Pickwick Papers", não deixará jamais de achá-las divertidas.

Cada povo reage ou ri a seu jeito e, portanto, quando se diz que uma anedota, escandinava ou inglesa, carece de sal, diz-se uma coisa que revela apenas incompreensão.

Essa incompreensão será desastrosa em face do interessantíssimo livro de Edith Sitwell, publicado há já algum tempo, sobre os excêntricos ingleses ("The English Eccentrics"), especialmente do século dezenove.

Seria difícil, por exemplo, compreender por que razão essa escritora deu tamanho relevo a indivíduos e episódios que parecia não merecerem nem mesmo a graça de uma simples referência.

Isso não impede, entretanto, que a gente se entretenha largamente com a procissão de excêntricos que a pena nervosa e lépida de Edith Sitwell faz desfilar diante dos nossos olhos. É uma procissão impagável pela disparidade dos figurantes e pela exatidão de seus traços, atitudes, hábitos, manias.

Nessa turba bizarra, em que não é pequeno o número de mulheres, acolovelam-se os tipos mais disparees da so-

cidade humana: fundadores de religião, eremitas, heréticos, sábios, néscios, alquimistas, charlatães, falsos atores, cavaleiros, "sportmen", o diabol

A primeira figura a nos deter a atenção é miss Beswick, uma ricaça que não acreditava absolutamente na morte. O que significa morrer não tinha sentido algum para ela. Não admitia por isso que a enterrassem e reservou pinque soma para o seu médico sob a condição de a assistir, visitando-a toda manhã, desde que entrasse a dormir o sono sem sonhos, do qual ninguém ainda despertou após Lázaro ou Jesus. Quando isso se deu, o médico escolhido, Dr. Charles White, embalsamou-lhe o corpo, depositou-o na água furtada e transferiu-se, com a família, para o pavimento superior da casa, o que lhe permitiu cumprir pontualmente, enquanto viveu, as disposições póstumas de sua cliente.

Já um outro convicto da imortalidade, Peter Labellière, admitia que o inumassim, mas de cabeça para baixo, porque estava certo, devido a um cálculo baseado sobre a rotação da terra, que, enterrado nessa posição, deveria fatalmente achar-se de pé no dia do Juízo Final.

Ana Lee, advertida por uma mensagem divina de que as relações sexuais é que constituem a causa de todos os males do mundo, separou-se corporalmente do marido e fundou a seita dos Shakers. Em vão, o marido aguardou uma contra ordem do Alto. Afinal, desforrou-se da dureza da esposa, convertendo à sua heresia uma das mulheres da seita, com a qual fugiu para a América.

Lord Rokeby, eremita, tinha a mania do banho. Metido em disfarces de anfibio vivia tão próximo do mar que, do seu esconderijo deslizava na água e aí passava a maior parte do dia. Já um outro eremita, que habitava nas proximidades de Stevenage, tinha o horror da água. Passava meses e meses sem fazer uma simples ablução. Quando emergia dessas prolongadas reclusões em seco tornava-se quase irreconhecível, devido à camada de sujo que lhe cobria a pele.

Celestina Collins, também eremita, tinha uma singularidade, também repulsiva: dormia invariavelmente com trinta sapos na cama.

O coronel Thornton era simplesmente um grande mentiroso. Dentre as suas célebres façanhas imaginárias a mais estarrecente era a de uma caçada, em que, caindo do animal, tivera a cabeça literalmente partida em duas pelo gume de uma foice que havia sido deixada por ali. Dizia o Coronel Thornton que somente ele, na Europa, sabia o que é ter a cabeça partida.

Mytton, o "esquire" John Mytton, teve uma vida curiosíssima. E, antes de conhecer os horrores da miséria, em que acabou, possuiu bastante dinheiro para satisfazer a todos os seus caprichos. Bebedor imoderado, chegava a tomar oito garrafas de vinho do Porto num só dia. O seu desdem pelo tempo levava-o a passear ao relento em mangas de camisa e, às vezes, inteiramente despido, com temperatura abaixo de zero. Não era menor o seu desprezo pelo "vil metal". Quando os criados lhe pediam dinheiro para qualquer coisa, atirava-lhes indiferentemente, sem as contar, as cédulas que tivesse no bolso. Uma noite, sacudido por um soluço impertinente, que não lhe deixava conciliar o sono, Mytton resolveu afugentá-lo ateando fogo à própria camisa de dormir. Quando o socorreram, encontraram-no, ainda em chamas, no meio do quarto, a pular de contentamento por ter escorregado o soluço. Com o susto provocado, o soluço espavoriu-se...

Lord Petershan tinha o requinte do luxo, estendendo esse requinte ao ajeamento dos animais que cavalgava. Entendido em rapés, usava uma caixa diferente em cada dia do ano.

Robert Coates, rico e grotesco, tinha a monomania do teatro. Propôs-se a corrigir Shakespeare, ufanando-se de haver alterado para melhor uma cena da peça

"Romeu e Julieta". Passando a representar em público o galante namorado de Verona, provocou tais crises de histeria entre os espectadores que, alguns destes tiveram de ser transportados para fora do teatro, afim de não morrerem sufocados de riso. Coates tinha a paixão também da briga, o que lhe valeu a comaradagem de um certo Barão de Geramb, um aventureiro austríaco, com proezas em todo o continente, e que, em Palermo, desafiara a um oficial italiano para um duelo a ser travado no cume do monte Etna, de modo que o vencido tivesse por túmulo a cratera do vulcão que ali fumega.

Em Margaret Fuller, uma americana incluída por Edith Sitwell entre os seus excêntricos, interessa-nos muito menos a circunstância de ser uma precursora do feminismo que a de ter convivido com



Excêntricos ingleses vistos
por Gustave Doré (1850).

Emerson, Carlyle e os poetas lackistas Margaret era uma tagarela dos diabos e teve a coragem de assanhar continuamente a ferocidade de Carlyle quando, hóspede deste, entrava a interromper-lhe a conversação. Ela contava de Wordsworth que, a exemplo do criador de Sartor Resartus, sem ser contudo tão irascível, jamais permitia que alguém lhe atalhasse a palavra, fosse para que fosse. O grande poeta de "The Prelude" não acertava nunca com o nome da pessoa a quem se dirigia. Conversava exaustivamente sobre os seus poemas e aprazia-se em conduzir as suas visitas até o terraço em que compôs a maior parte deles. Durante o inverno, costumava usar uma longa capa, "bonet" e cossês e grandes óculos. As suas visitas, que eram sempre numerosas, frangueava um chá simples e, raramente, um pouco de creme. Quando alguma delas manifestava o desejo de forrar melhor o estômago, Wordsworth não sentia o menor constrangimento em lhe cobrar a refeição.



Enchendo um coche — por Thomas Rowlandson.

A fleugma britânica teve em Richard Parson um dos seus maiores expoentes de todos os tempos. Quando em casa, Parson chumbava-se a uma cadeira horas e horas sem dar outro sinal de vida, além das baforadas que tirava do charuto. Os criados costumavam encontrá-lo de manhã na mesma posição em que o tinham deixado na véspera. Em casa dos amigos, porém, Parson desatrelava excessivamente a língua e era geralmente temido por ser um conversador cacetíssimo. Tornou-se memorável a sua discussão com o Dr. Johnson a respeito de li-



Tipos ingleses (1850) por G. Doré.

berdade da imprensa. O Dr. Johnson que, como se sabe, era muito temido por sua impetuosidade, tinha o hábito de falar ou discutir batendo fortemente com os pés. Parson nem só discutia desasombradamente com o ídolo de Boswell, o que já era forte audácia, como lhe replicou um por um o bater de pés, no correr da discussão.

O egoísmo humano não podia ter na Inglaterra um representante mais perfeito do que John Ward, a avaliar por uma oração que compôs para uso próprio, mas que, com ligeira modificação, poderia ser adotada por todos os somíticos do mundo. A oração, em português, seria assim: "O' Senhor, a Ti, que sabes que possuo nove propriedades na cidade de Londres e que, também, ultimamente, adquiri uma propriedade na região de Essex, eu Te suplico que preserves as regiões de Middlesex e Essex do fogo e do terramoto; e, como eu tenho uma hipoteca em Hertfordshire, peço-Te, igualmente, que tenhas um olhar de compaixão para essa terra. Quanto ao resto da terra, faz o que Te aprouver. O' Senhor, habilita o banco a satisfazer

as suas letras e faz de todos os meus devedores homens de bem. Faz com que seja feliz a viagem do navio "Mermaid", que foi segurado por mim; e, como Tu disseste que os dias do perverso são curtos, confio em que não olvidaras a Tua promessa, pois adquiri uma propriedade em reversão e que passará a ser minha por morte do dissoluto jovem, o senhor J. L. Keep, meu companheiro de farras. Preserva-me dos ladrões e arrombadores, e faz com que todos os meus criados sejam honestos e fieis, etc."

Spencer, o sizado Herbert Spencer, é lembrado no livro de Edith Sitwell, principalmente por seus preparativos extravagantes para tomar o trem. E' preciso lembrar que, na época, o trem era uma novidade... O filósofo dos "Primeiros Princípios" tinha o hábito de fugir às conversas que não lhe interessavam com um tapa-ouvidos que jamais deixava de trazer consigo. No correr do dia, verificava seguidamente o pulso. Quando em viagem, fazia deter frequentemente a carruagem para consultar a esse oráculo. Se o pulso batia normalmente, mandava seguir o carro, se não, voltava imediatamente para casa, ainda que estivesse a poucos instantes do fim da jornada.

Há muitos outros tipos e episódios divertidíssimos na procissão de excêntricos que Edith Sitwell arrancou à noite dos tempos. E' pena que a escritora tivesse se preocupado demais com os indivíduos que se notabilizaram somente por suas extravagâncias, não dando lugar de voto a outros que tanto o mereciam. Um deles é o Dr. Johnson. Outro é George Selwyn que, oriundo de uma família de parlamentares, teve assento na Câmara dos Comuns por longos anos, com a circunstância de haver feito apenas um "sketch", e rápido, em quarenta e tantos anos de vida parlamentar. Esse tranquilo "gentleman", que tinha horror à oratória, viveu no século XVIII e posou para Reynolds juntamente com o seu cão de estima. Era conhecido principalmente por ser um grande dorminhoco. Sua maior singularidade era, porém, o gosto que tinha pelo espetáculo das execuções capitais. Nada lhe despertava maior interesse que uma decapitação ou um enforcamento, salvo a presença de cadáveres, especialmente cadáveres de pessoas amigas. Devido a essa excentricidade macabra, os amigos de Selwyn, quando se achavam enfermos, temiam-lhe tanto a visita como a da própria morte. Mas a preocupação de Selwyn com as execuções e os cadáveres não ia ao extremo de fazê-lo esquecer as conveniências da vida. Como político, tinha uma orientação inflexível: estava invariavelmente com o governo. A cartilha política de Selwyn resumia-se em cinco princípios: "I — O governo é um grupo importante de personalidades às quais uma providência misteriosa confiou a disposição de um grande número de sinecuras bem pagas. II — Vale mais ter um sinecura que não tê-la. III — Todos os governos são dignos do nosso apoio enquanto houver a menor "chance" de obtermos uma sinecura, em troca do voto. IV — Injuriar a oposição tanto quanto vos aprouver; mas quando a oposição estiver no poder, tratá-la com todo o respeito. V —



O caçula por Felix Topolski.

Como consequência e conclusão dos preceitos precedentes, o Rei deve ser o senhor de sua própria casa".

Outro excêntrico, que tinha direito a um grande espaço na obra de Edith Sitwell, é William Beckford.

O autor de "Vathek", a novela de enredo oriental que tanto sucesso causou na sua época, provocando exaltado elogio de Byron, era um magnata que cultivava a misantropia em alto grau.

Em sua propriedade de Fonthill, Beckford fizera construir uma sólida muralha de pedra, com doze pés de altura

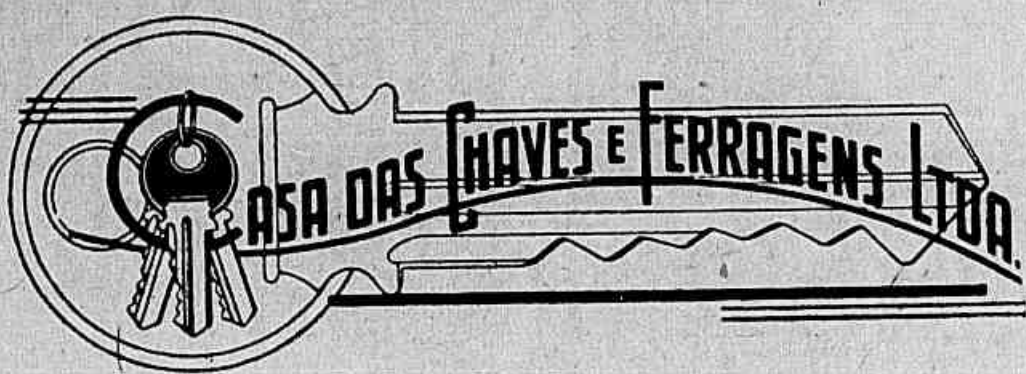
e nove milhas de circunferência, exclusivamente para evitar as visitas que vinham importuná-lo e caçar-lhe as raposas e as lebres. Tinha a obsessão das torres, e não foi sem grande desgosto que viu cair uma delas, a maior, de duzentos e setenta e cinco pés de altura, que mandara levantar em Fonthill.

Beckford, que morreu aos 84 anos de idade, residiu algum tempo em Portugal, onde chegou com um séquito de trinta criados.

Está visto que um livro é pouco para revelar os excêntricos ingleses...



Amor e Guerra, de Thomas Rowlandson.



SÃO PEDRO
DISSE!

**CHAVES — FERRAGENS —
FERRAMENTAS — ELETRI-
CIDADE — CUTELARIA —
TINTAS — ARTIGOS
DOMESTICOS**

◆ Executa-se qualquer tipo
de chave. Especialistas em
concertos de fechaduras e tra-
balhos de cutelaria em geral.

Rua da Carioca, 75 — Tel. 22-7565

A COMPANHIA DOCAS DE SANTOS E O RELATORIO DA DIRETORIA RELATIVO AO ANO DE 1943

Como habitualmente vem fazendo, constituiu um trabalho de alto valor econômico e de esclarecido tino administrativo, o relatório apresentado pela diretoria da Companhia Docas de Santos aos seus associados, correspondente ao ano de 1942.

Seguindo sempre uma orientação criteriosa, procurando imprimir aos seus negócios uma linha de honestidade e de elevada correção, a atual diretoria da Companhia Docas de Santos da qual participava a figura saudosa do Dr. Lineu de Paula Machado, tem colhido resultados satisfatórios, permitindo avaliarmos isso a situação de relativo equilíbrio financeiro de que desfruta a Companhia. Pela leitura do relatório, o qual foi aprovado pelo Conselho Fiscal, constituído pelos srs. Alfredo Loureiro Ferreira Chaves, Eduardo V. Pederneiras e Luiz Felipe de Souza Leão, vê-se que a renda bruta arrecadada em 1942 atingiu a cifra de Cr. \$ 62.410.090,25. As despesas de custeio foram de Cr. \$ 49.978.699,10, menor, portanto, que o de 1941 em Cr. \$ 3.985.507,20. Estas despesas representam 80,081 % sobre a renda bruta arrecadada, apesar das energicas medidas tomadas pela administração visando a maior compressão de despesas possível sem causar a desorganização dos serviços.

Assim, trabalhando com patriotismo e esperando o advento de dias melhores, a Companhia Docas de Santos vai consolidando o prestígio que lhe tem sabido grangear seus administradores.

UMA TRADIÇÃO EM PLENO CORACÃO DA AVENIDA

Há nas grandes capitais, como em todos os grandes centros populosos de uma nação, um ponto preferido, um local predileto, onde se comprime, a qualquer momento, compacta massa popular.

Ninguém ignora o que representa para a vida movimentada de Paris, por exemplo, o Quartier Latin, o Bois de Boulogne, o chá dos Ambassadeurs, etc. O populoso Tub, bem no coração da "city", em Londres, é uma espécie de refúgio para os industriais, homens de letras, escritores, jornalistas, e, em geral, de todos quantos perambulam pelo coração da metrópole inglesa. A literatura mundial já consagrou em crônicas admiráveis, estes recantos universalmente conhecidos e onde se passam cenas dos mais variados matizes.

No Rio de Janeiro, ninguém o desconhece, é a Galeria Cruzeiro a parada obrigatória do carioca. Naquela trecho bem brasileiro da cidade desfila, diariamente, a qualquer hora, verdadeira multidão de caracteres.

Irritado, lá o carioca recobra o seu bom humor; melancólico, assimila, contagia-se, a pouco e pouco, da alegria ambiente; enfim, o carioca vive na Galeria e esta no coração da cidade, vivendo consequentemente no coração de cada carioca.

Situada na parte mais frequentada da Avenida Rio Branco, a Galeria Cruzeiro reúne o que temos de mais expressivo e representativo, desde os altos donatários do país a todas as classes, quaisquer que sejam as suas condições sociais.

Na Galeria marcam-se encontros, revêem-se amigos, concertam-se planos, resolvem-se negócios, combinam-se passeios, examina-se a política, criticam-se governantes, discute-se futebol, comentam-se programas radiofônicos, elaboram-se artigos, promovem-se campanhas, forjam-se revoluções de progresso em todos os setores, tudo isso sem alteração do ritmo ambiente, sem prejuízo do clima ao mesmo tempo pacífico e rumoroso daquele pedaço do Brasil.

E' ali onde a cidade, maravilhosa, se espelha através da graça donairoza e da elegancia cosmopolita da mulher brasileira, tostada do sol ardente das nossas praias ou requemada pela canícula estival do setentrião.

Mas a razão de ser deste agrupamento popular, na Galeria, é bem explicável: ali está situado o afamado "Bar e Restaurante Brahma", sem duvida, o mais prestigioso e o mais tradicional do Rio de Janeiro.

Ha muito tempo é ele uma espécie de chefe do ceremonial da "urbs" encarregado de formular o "welcome" protocolar aos recém-chegados. E todos querem conhecer o Brahma precisamente porque a sua fama não se restringe apenas ao Brasil mas transpõe as fronteiras, indo repercutir no estrangeiro, convidando-o implicitamente a visitar a Cidade Maravilhosa, o que representa uma forma admirável de propaganda.

O "Bar e Restaurante Brahma", onde revivem as nossas mais belas e imorredouras tradições, o "bar" predileto dos estadistas e da alta roda, é uma casa onde palpitam nobres e puros sentimentos de brasilidade.

Tendo passado ultimamente por uma grande reforma, que entrosou os serviços de "bar" e restaurante, e introduziu uma orquestra capaz de atrair e agradar todas as sensibilidades, o Brahma satisfaz às mínimas e mais requintadas exigências, oriundas do nosso próprio desenvolvimento.

Dirigido atualmente pela firma Irmãos Cuquejo Limitada, constituída de elementos genuinamente brasileiros, o "Bar e Restaurante Brahma", pela correção dos seus auxiliares, pela sua higiene, pela distinção com que são tratados os seus freguezes, pela perfeição dos seus cosinheiros agrada a todos e todos o deixam sempre com um sorriso nos lábios, intercalando os seus comentários de pontos de admiração.

LITERATO DA PRAÇA
Maio de 1943

OS LOBOS NEGROS

(Continuação da página 11)

de seu natural impaciente e gastadiço, parece hoje mais susceptível que nunca de se irritar".

Estas palavras produzem grande impressão e — coisa curiosa! — as atuais notabilidades de Atnilope, isto é: os mesmos homens que, há quinze anos, destruíram Chiavatta, experimentam um mal-estar, uma espécie de receio que não podem de todo dominar... E' como se perguntassem uns aos outros ou cada qual a si próprio: Esse Sachem, que ia aparecer, conheceria a terrível verdade daquela noite memorável? Educado na companhia Dean, composta de Alemães, conservaria alguma noção ou lembrança dos fatos ocorridos? Chiavatta... Chiavatta...

Os mais otimistas argumentavam consigo mesmos. Qual! Eles próprios, Alemães, que se encontravam numa terra tão longe da sua terra por isso pensavam na pátria nem na família mais do que os negócios, o trabalho lhes permitiam. A questão principal, a verdadeira preocupação é ganhar a vida, comer, beber. E dessa verdade havia de estar compenetrado, como qualquer bom burguês, o derradeiro dos Lobos Negros.

Um silvo estridente, vindo do lado das cavaliças, interrompeu de repente as reflexões dos espectadores. Sachem, febrilmente esperado, surge enfim na arena. Na multidão das arquibancadas passa um murmúrio:

— E' ele... E' ele...

Depois, silêncio. Todos os olhares convergem para a figura do Chefe selvagem que se ergue no circo... sobre a sepultura dos seus. O seu porte é altivo — a altivez dum rei. O manto forrado de hermina branca, insígnia dos chefes de tribu, cobre-lhe a estatura soberba, o corpo leve e rijo que lembra o temido carnívoro das montanhas. O rosto, como esculpido em bronze, faz pensar na cabeça duma águia; e naquele rosto brilham dois olhos frios, dois olhos de Índio tão calado que os diríamos a tudo indiferentes.

Sachem passeia o olhar pelo público com certa expressão ameaçadora, como, se escolhesse uma vítima. Sobre a sua cabeça oscilam orgulhosamente as penas reais. Pendem-lhe da cinta um machado curto e uma faca de escalpar. Nas mãos, em vez de arco, traz a maromba clássica dos equilibristas do arame...

Eis, porém, que, chegando ao meio do recinto, solta um grito de guerra. E' o grito dos Lobos Negros.

Aqueles que trucidaram a população de Chiavatta, recordam bem aquela espécie de uivo sinistro. E — como explicar tal fenômeno? — os mesmos homens que, há quinze anos se não impressionavam com o brado dos guerreiros índios, sentem agora a testa inundada de suor frio...

— Cht!

O diretor aproxima-se do artista selvagem e fala-lhe como se quizesse convencê-lo ou acalmá-lo. Consegui-lo-á?

Conseguiu, sem dúvida, porque já Sachem sobe ao arame, o tenteia e nele se balança airoso. O fio metálico verga, cede profundamente; e fica balançando. De vez em quando, desaparece contra a luz; e então se tem a ilusão de o Índio ficar suspenso no ar. O artista sobe, desce, avança, recua, avança de novo, procurando manter o equilíbrio. Os seus braços alongados, cobertos pelo manto de hermina parecem asas enormes.

Cambaleia... Vai cair!... Não! Consegue firmar-se de novo. Soam aplausos, logo abafados à lembrança da recomendação do diretor.

Mas a fisionomia do Sachem torna-se bravia, de rancorosa ameaça. No seu olhar fito nas lâmpadas outra luz se acende pavorosa... E sai-lhe do peito um solene, formidável canto de guerra.

Mas, coisa estranha... O chefe canta em alemão. E aquilo causa certo alívio, certa desopressão nos espectadores alvoroçados.

— O chefe esqueceu a linguagem dos Lobos Negros. Ainda bem...

Mas o canto prossegue e toda a gente dá atenção à letra que se desenvolve naquela toada agreste, um tanto rouca, com acentos de ferocidade. E ouvem-se estas palavras:

"Depois das grandes chuvas, todos os anos, quinhentos guerreiros, saiam de Chiavatta para as grandes caçadas da Primavera.

E, à volta, se não traziam carne e couros de bisões, ostentavam pelo menos as cabeleiras escarpadas dos brancos.

E as suas companheiras os recebiam em festa e dansavam à glória do Grande Espírito.

Chiavatta era ditosa! As mulheres trabalhavam nos wigwams, as crianças de hoje eram as formosas moças e os valentes guerreiros de amanhã.

Chiavatta era poderosa quando os Caras Pálidas vieram de além dos mares para deitar fogo a Chiavatta.

Entraram furtivamente nos wigwams adormecidos; e as suas facas se enterraram no peito dos homens, das mulheres e das crianças.

Chiavatta deixou de existir. Em seu lugar ergueram os Brancos wigwams de pedra.

A tribu foi chacinada. E Chiavatta destruída clama por vingança! A voz do chefe foi se tornando cada vez mais rouca. O seu balanço no arame dá a idéia dum rubro arcanjo de vingança pairando sobre a

(Continúa na pag. 118)



O belo balneário de Scotsman, em Durban.



O Cabo da Boa Esperança, ponto extremo sul do continente africano.

UNION OF SOUTH AFRICA

(Especial para a "Revista da Semana".)

Coronel Lima Figueiredo.

A UNIÃO SUL-AFRICANA é uma jóia que pulou de mão em mão; inicialmente de negros para negros, depois de negros para brancos e, por último, de brancos para brancos. Seu fertilíssimo solo foi regado abundantemente de sangue, nas lutas de extermínio que ali foram travadas. A terra rica é como a mulher bela, todos desejam possuí-la.

Os primeiros senhores das ferazes terras sul-africanas foram os *hotentotes*, vencidos pelos *bushmen*, os *quívís*, por sua vez, foram esmagados pelos *bantús* que emigraram do norte. Foram estes os que tiveram de haver com os brancos no devassamento da terra.

Quem primeiro, da raça branca, pisou aquelas paragens, foi gente do lusófono Bartolomeu Dias, na época dos famosos descobrimentos.

Os bátaos, cubiçosos de tudo que os portugueses conquistavam, vinham-lhes ao encontro, com a bandeira da Companhia das Índias Orientais flabellando ao vento. Em 1651 fundou essa companhia a cidade do Cabo e, no outrora cabo das Tormentas, foi levantado o forte da Boa Esperança, ficando tudo às ordens de van Riebeck. Muito tiveram os holandeses de lutar com os nativos e com as feras.

Franceses e britânicos fazem investidas para desalojar seus irmãos europeus, daquele ponto magnificamente situado e de clima ameno e terra fértil.

As bandeiras da França e da Inglaterra chegaram a flamar naqueles rincões, porém a Holanda não deixa que os invasores firmem pé.

A perseverança britânica é proverbial. Depois que o povo inglês se mete numa empreitada, por maiores que sejam os obstáculos antolhados, por maiores que sejam os caudais de "sangue, suor e lágrimas", jamais desiste de ir até o fim.

Em 1814 firma seus direitos na promissora colônia, indenizando seis milhões de libras ao governo neerlandês.

Uma política de intriga se estabeleceu entre os *boers*, os nativos e os ingleses. Aqueles açulam os selvagens contra estes que se não cansam de tomar medidas capazes de acirrar os ânimos dos negros contra os *boers*. E acabam os dois contendores brancos em luta violenta de três anos com a derrota integral dos *boers*. A paz é assinada em 1902 e oito anos mais tarde é fundada a "UNION OF SOUTH AFRICA" que passou a ter dois vexilos e duas línguas. Aqueles: o inglês e o sul-africano, e estas: a de Milton e o *afrikan*, idioma dos *boers*, muito abundante em vv.

Da rica "União" apenas conheço duas cidades—Durban, a Natal de outrora, e Capetown, ou Cidade do Cabo como a chamam os do nosso idioma. Na primeira ainda se notam, aqui e ali, fortes traços da existência do negro, mas vestiram-lhe nova roupagem: grandes praças, belas avenidas, altaneiros edifícios, jardins, bars, hotéis, etc., mas ainda se vêem, em via pública, nativos com suas indumentárias características, ostentando complicados e extravagantes

penteados. Durban é uma cidade nova, com cerca de 220.000 habitantes. Nela há uma barreira intransponível entre as raças branca e negra. Tudo é separado. Até nas ruas há bancos com letreiros, *only europeans*.

Em Capetown, já se encontra sangue caldeado. O português, quem da Europa pisou primeiro aquelas plagas, leva a grande culpa de miscogeração, se bem que, à sorrelha, holandeses, franceses e britânicos também tenham contribuído com apreciáveis parcelas.

Capetown orça sua população beirando 300.000 habitantes e apresenta característica de uma *urb* essencialmente americana. Excelente comércio, muito movimento.

O preço da vida é elevado. Tudo custa uma libra que vale mais do que a esterlina da metrópole. Se bem que haja os *poor white*, a grande maioria de brancos estão bem economicamente, e raro, naquele pujante rincão que forma a ponta do coração africano, um europeu topa dificuldades irremovíveis. Os negros sim, para eles a vida é pior. Labutam nos campos e nas minas, sem conseguirem ver seus salários alterados, não digo ao nível dos de tez clara, mas ao menos numa proporção que os permita viver um pouco melhor.

Além das belíssimas cidades que visitei, ha outras de não menor importância, destacando-se entre todas a de Johannesburg, com mais de meio milhão de almas.

Pela sua riqueza e seu progresso, esta cidade ainda vive sua infância de criança prodígio. Nasceu em 1886, por ato do Governador Paul Kruger, o *boer* de imperecível memória, desejoso de ver os fazendeiros sob um abrigo seguro e agradável. Hoje é ela a *City of Gold* onde os judeus encontraram a nova terra da promessa.

Além dos grandes centros populosos já citados, há os de Pretória, Port Elizabeth, East London, Bloenfontein e outros mais. Todos ligados por boa rede ferroviária.

A atual *Union of South Africa* é formada pelas províncias do Cabo da Boa Esperança, Natal, Transvaal e o Estado Livre de Orange. O conglomerado obtido pelas mãos hábeis dos perseverantes ingleses é uma das mais ricas gemas que adorna a coroa resplandente de Jorge VI.

Se os negros que lá nascem ainda não adquiriram a mínima dose de liberdade política, pelo contrário os brancos sul-africanos fazem valer seu pensamento político. E, apesar do Governador Geral ser da escola do rei, a declaração de guerra aos países do *eixo* foi obtida por uma ínfima maioria.

O povo que, agora, dá sangue pela causa abraçada, foi ele mesmo, por intermédio de suas Assembleias Legislativas, que decidiu o caminho sem pedras do seu Destino.



Um rickshaman de Durban, com a sua vistosa indumentária.



Uma noiva zulú, preparando-se para a festa nupcial.

Escolha os seus sapatos

PARA ESTA ESTAÇÃO

CASA DO BASTOS
A CASA QUE CALÇA A ELITE CARIOCA
CATALOGO

Este assento tem interesse? Vede a luz desta cortina

RUA URUGUAYANA, 19
RIO DE JANEIRO

O CATALOGO
ORGANIZADO PELA

CASA DO BASTOS

CONTÉM CERCA DE
150 MODELOS DE
SAPATOS
PARA:

- SENHORAS
- HOMENS
- CRIANÇAS
- HIPISMO E
- WEEK-END

OS MAIS MODERNOS TIPOS PARA TODAS AS ESTAÇÕES

ENVIAMOS CATALOGOS GRATIS

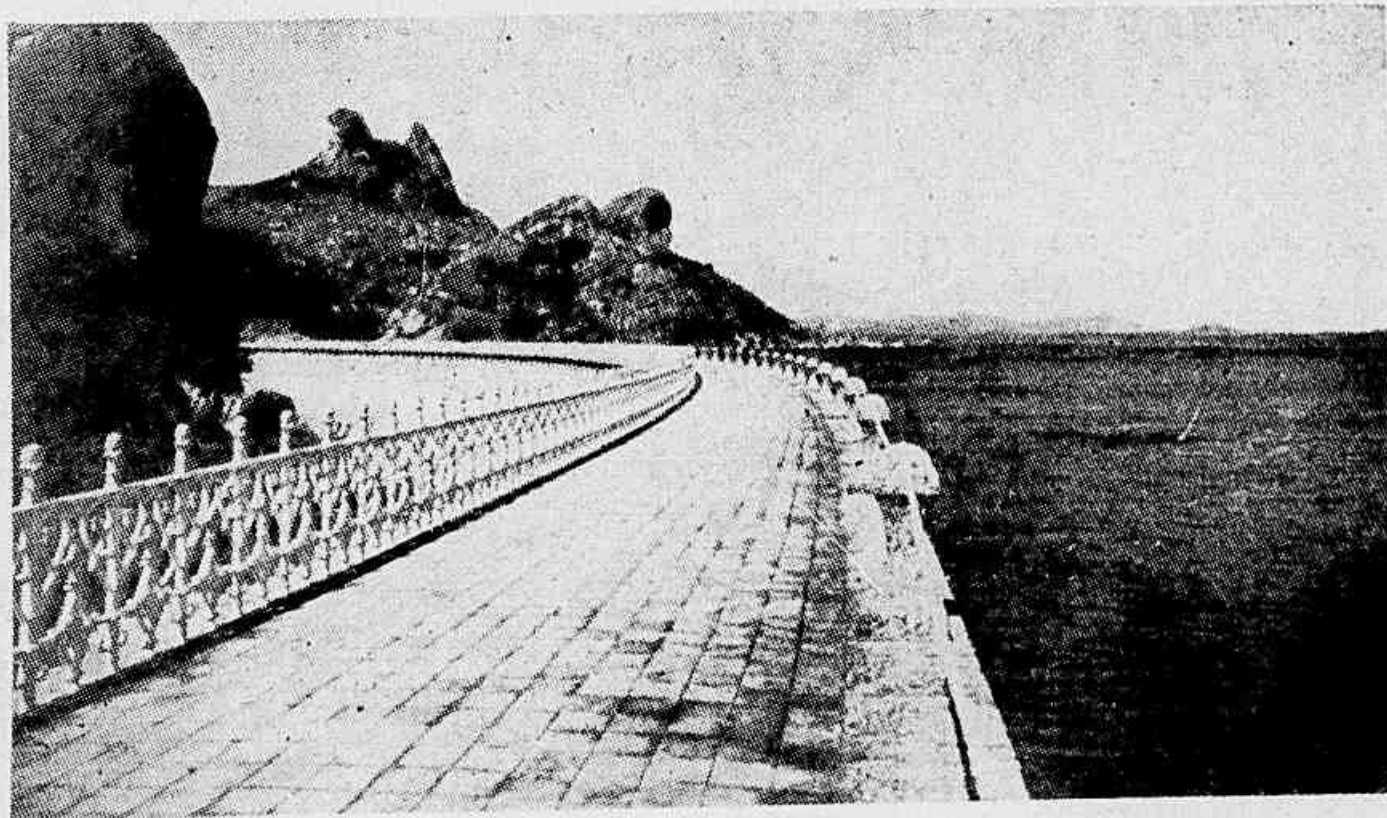
O VELHO ROMÃO

Conto de
GILBERTO VEIGA

Sentado á porta do rancho de taipa coberto de pindoba, o velho Romão chupava, pachorrenamente, o cachimbo de barro. De quando em vez pigarreava e cuspiá grosso. Em torno, uma serenidade absoluta. A lua cheia, no céu limpo de nuvens, boiava... A mata dormia envolta na sua própria sombra. O rio, rebrilhando, rolava morosamente, como uma cobra de prata, monumental. Corujas e grandes morcegos de vargem riscavam, de quando em quando, o espaço enlaurado. E o velho Romão, indiferente a tudo, cachimbava... Pensaria ele? Talvez. Talvez pensasse nos bacorinhos nascidos na vespera. Talvez pensasse nas bonecas do milharal, na pequena cama de fumo ou no feijão a que era preciso chegar terra. E, talvez, não pensasse em coisa alguma. Fumava e cuspiá, só se interrompendo para coçar algum lugar onde o muruim picava. Já estava bem velho! Setenta? Oitenta anos? Quem o saberia? Nem ele próprio! Interpelado sobre isto, respondia: — "Dizem que negro quando pinta, tem três vezes trinta." E ele já estava de cabeça inteiramente branca... O tempo havia jogado farinha do reino na sua carapinha. Tinha a face toda sulcada de rugas. Um verdadeiro labirinto... Dos dias idos ficaram-lhe, apenas, os dentes fortes e bons. Apenas, não! Ele tinha, também, no coração, uma antiga saudade. Quasi tão velha quanto ele próprio! Tanto ano que passou! E ele, entretanto, jamais esqueceu aquele dia longínquo... Também não fez empenho em esquecer-lo. Gostaria que isso se desse. Mas se desse sem o seu esforço. Naturalmente... Não lhe acontecera tanta coisa, em tanto tempo, que jamais recordára?! E por que não se esquecia, igualmente, daquilo?! Uma coisa tão á toa! Foi assim: — Era um moleque novo, cheio de pabulagem, bebedor de cachaça, e bem forte no sapateado, no corta-jaca miudinho. Um dia, ou melhor, uma noite de festa, na fazenda Duas Barras, depois de chupar quasi um litro, botou os olhos na mulher do feitor. Foi a conta! Ficou doido! E queria, á viva força, a companhia do outro. Queria porque queria! Fosse alguém lhe explicar que aquilo não era direito, não estava certo! Ele julgava-se senhor do mundo, e acabou-se! Sempre fora respeitador. Sempre! Mas, com um litro, ou quasi isso, na cáchola, não ha respeito que se aguento. Quem não quiz compreender assim foi o Zenobio, o feitor. E o resultado veio, incontinente: o rolo! Socos, ponta-pés, lufa-lufa. Até que brilharam as sardinhas. O aço tiniu e retiniu. E no fim, o feitor estirado, morto! Romão fugiu. Mudou de terra. Andou, mesmo, arrependido certo tempo. Depois esqueceu o crime. O que ele não conseguiu esquecer foi o "motivo" do crime. Aquela mulher, caboclinha igual a um sem numero de outras, mas que ele vira com os olhos da paixão e da embriaguez, aquela mulher que não chegara a possuir e, talvez por isso mesmo mais apetecida, mais desejada, jamais o deixou em paz! Jamais a esqueceu! Estava velho e acabado. No entanto, "ela" continuava moça, fresca e bonita... Esquisito! Os anos que lhe passaram sobre os ombros, não passaram sobre os ombros dela!...

Curiosidades da Natureza

Vista do Açude de Quixadá, no Ceará, tendo ao fundo o estranho rochedo chamado, pela sua configuração, "A Galinha Choca".



Um tiro quebrou o silencio da noite casta. E o velho Romão erguendo-se:
— A capivara caiu na armadilha.

Barra do Ceará

POR MARIA EUGENIA CELSO

Um crepúsculo vermelho.
E que vermelho!...

Violento, abrazado, excessivo, um vermelho onde ardentemente se condensam, se fundem e se exasperam todos os rubros da púrpura, do escarlata e do carmezim. Na fimbria extrema do horizonte, lá muito ao fundo, onde a gente não sabe mais se é mar ou céu, nessa enorme brecha de ouro e sangue pela qual o sol se vai majestosamente afundando, todo esse vermelho se inflama no esplendor de um encarnado de apoteose.



A refração luminosa desse brazeiro estria de longas placas de coral esmaecimento crepuscular da altura, degradando-se em matizes infinitos que vão do vivo carmim ao mais delicado, ao mais imponderável alaranjado. Tudo, em torno, se cobre de um maravilhoso tom côr de rosa...

Sobre a praia, alargada pela vasante e toda húmida ainda da água que há pouco a recobria, convergem, num espelhamento de magia, todos os reflexos incendiados deste céu e do verde intenso deste mar.

A praia é uma imensa opala sobre a qual o automovel desliza numa carreira de vertigem. E, — nota bem cearense, — apressada em demanda ao porto já próximo, uma vela de jangada, muito longe, a impressão de uma aza perdida de gaivota... Para o lado da costa, as altas dunas de areia, achamalcetada pelo vento,

JOALHERIA "A PORTUENSE"

(CASA FUNDADA EM 1915)

**PRATAS
PORTUGUESAS**

*Cangirão
D. João V.*

**VENDA
NO VAREJO
e ATACADO**

*Candelabro
D. João V.*

*Candieiro
D. João V.*

FILIGRANAS, JOIAS, RELOGIOS E
GRANDE QUANTIDADE DE OBJETOS
PARA PRESENTES DE NATAL

ALMERINDO GOMES IRMÃOS LTD.

MATRIZ: RUA URUGUAIANA, 133
FILIAL: " " 16
RIO DE JANEIRO

*Castiçal
D. João V.*

*Castiçal
D. João V.*

Serviço de Chá.

tão alvas, ao sol, tocâm-se agora de uns tons de carne rosada que o bafo mais fresco da tarde amorosamente arripia.



Na ponta de terra que avança em cabo, além do estuário esparramado do rio, um renque brônzeo de coqueiros, muito esguios e descabelados, se destaca em negro, como friso de onix sobre o grandioso afogamento do céu. A tarde rápida, sentindo que vai morrer depressa, intensifica até o desvario a projeção de sua beleza.

Não é de melancolia, porém, a impressão desta incomparável magnificência.

Não há nela o desfalecimento de agonia, a nostálgica renúncia dos outros crepúsculos.

A triteza de sua saudade não abate, exalta. Qualquer coisa quente, impetuosa, um pouco selvagem, qualquer coisa insensatamente apaixonada, a tudo sublima num transporte inexprimível, repercutido em nós em eco profundo...

Atrás dessas dunas está a terra das grandes energias nacionais, um pedaço deste bravo Ceará de que se divisa, na distância as linhas esbatidas da capital.

E no cáldo lirismo da hora, diante da glória tropical deste cenário que a alma nos faz mais emocionadamente brasileira, ah! como se compreende os amores de Iracema...

HOMENAGEM dos PORTUGUESES do BRASIL ao GENERAL FRANCISCO JOSE PINTO

Num gesto simpático, que bem caracteriza a amizade luso-brasileira, a Federação das Associações Portuguesas do Brasil promoveu expressiva homenagem póstuma ao general Francisco José Pinto, erigindo-lhe um mausoléu que foi inaugurado no dia 30 de Maio último, com a presença do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, viúva general Francisco José Pinto, ministro José Roberto Macedo Soares, representante do ministro das Relações Exteriores, major Ulha Cintra, representando o prefeito do Distrito Federal, ministro Ataulfo de Paiva, professor Frois da Fonseca, diretor da Faculdade Nacional de Medicina, ministro Jaime de Brito, sr. Herbert Moses, outras autoridades civis e militares, além de numerosos membros da Colônia Portuguesa.

A guarda de honra do túmulo foi feita por um destacamento de 10 cadetes.

Ao ser inaugurado o mausoléu, falaram o sr. Herculano Rebordão, em nome dos portugueses residentes no Brasil, e o tenente-coronel Afonso de Carvalho, pela Embaixada Especial que representou o Brasil nas comemorações dos Centenários de Portugal.

Em nome da família do ilustre militar, o sr. Vicente Galliez agradeceu a homenagem.

Em cima, à direita — O tenente-coronel Afonso de Carvalho, quando pronunciava a sua oração. Em baixo, à esquerda — Um aspecto da homenagem, quando falava o sr. Herculano Rebordão, em nome dos portugueses residentes no Brasil. Em baixo, à direita — A gravura nos mostra o túmulo erigido pelos portugueses residentes no Brasil ao general Francisco José Pinto.



NA
URCA



IMMA SUMACK

a voz india que interpreta, com o "Conjunto Peruano de Arte Folclorica", as liricas melodias do cancionero incaico, num espetaculo inédito no Brasil.

URCA

RESERVA DE MESAS

Tel. 26-5550

CYMA

ANTIMAGNETICO
O RELOGIO QUE SE RECOMENDA
POR SUA ALTA QUALIDADE



À Venda em todas as Relojoarias

del Rio



Um aspecto da elegante fachada do luxuoso mangazin, podendo-se apreciar a arte com que foram ornamentadas as suas vitrines.

Com a presença dos elementos mais representativos de sua elegante e distinta clientela, foram inauguradas no dia 3 as novas e luxuosíssimas instalações de "Del Rio", á rua Uruguaiana, 29.

Além das distintas clientes do elegante mangazin, compareceram á inauguração representantes da imprensa e do rádio, além de amigos e admiradores do Sr. J. Del Rio, a cujo dinamismo, inteligência e ope-

A REVISTA DA SEMANA, durante o ato da inauguração, colheu na loja "Del Rio" os flagrantes que ilustram esta página.



O Sr. J. Del Rio, cercado de Exmas. Senhoras, amigos, admiradores e representantes da imprensa.

rosidade a conhecida casa de modas deve o progresso e a prosperidade de que hoje goza.

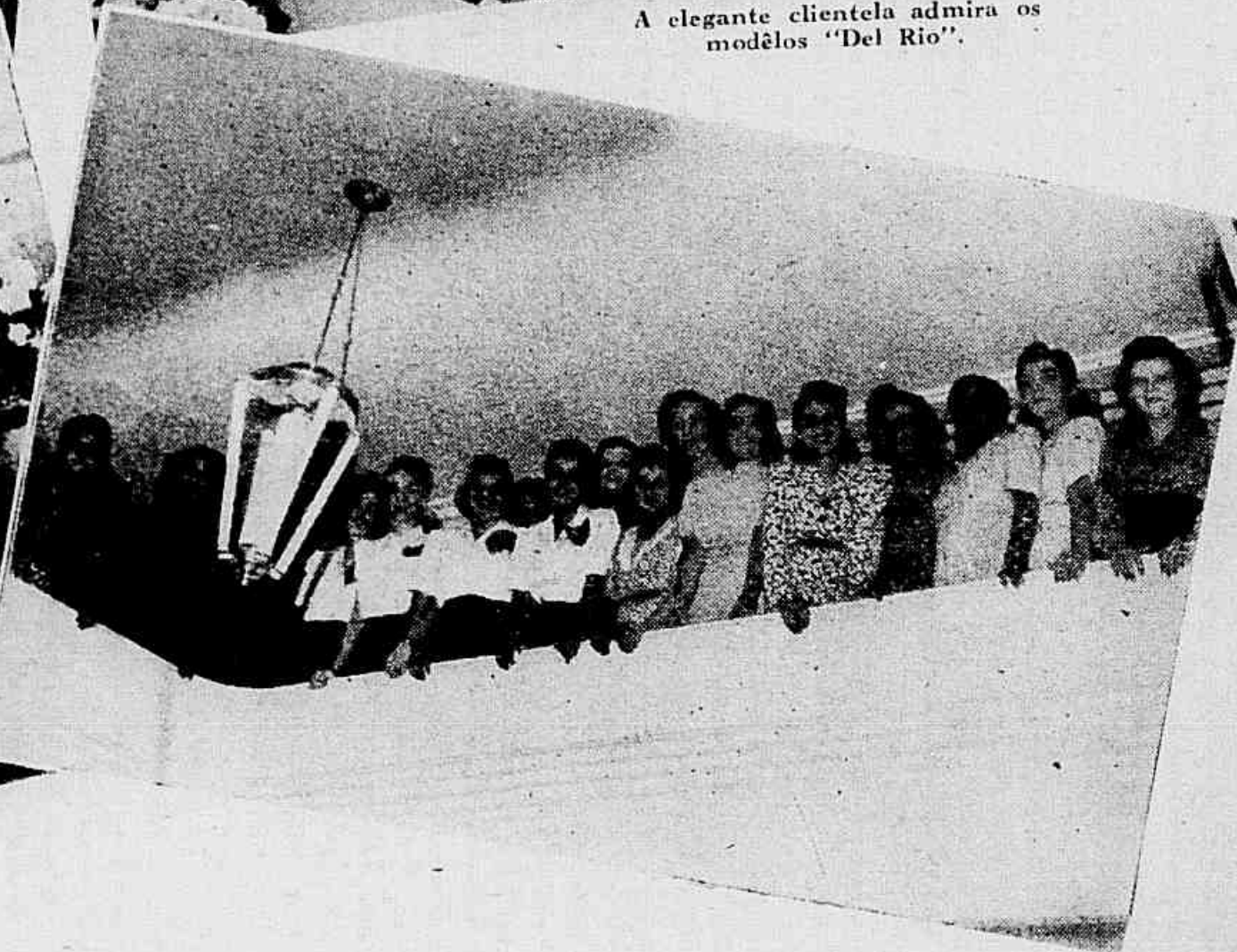
Todos os presentes á festa de "Del Rio" foram unanimes em elogiar os lindos modelos de chapéus, vestidos, manteaux, blusas, casacos, calças, slacks, bolsas e novidades, expostas nas artisticas vitrines da elegante casa.



Grupo de distintas senhoras e senhoritas presentes á inauguração.



A elegante clientela admira os modelos "Del Rio".



A esquerda — Um aspecto interno das artisticas vitrines de "Del Rio". A direita — Grupo de funcionarios de "Del Rio", vendo-se entre elas as "vendeuses" do elegante mangazin.

A Noite do Perfume



Um aspecto da seleta assistência que aplaudiu os numeros artisticos da "Noite do Perfume".

Flagrante apanhado durante a distribuição dos brindes Coty.



Como fora grandemente anunciado, realizou-se nos elegantes salões do Clube Ginástico Português, no dia 29 de maio ultimo, a "Noite do Perfume", festa de encantamento e bom-tom que, embora estivesse sendo ha muito esperada pelo nosso mundo elegante, superou a expectativa geral.

Durante esta "soirée" de arte e beleza, a qual compareceu a fina flor da alta sociedade carioca, foram executados números artisticos escolhidos, notando-se entre eles os bailados oferecidos á seleta assistência pela aplaudida bailarina patricia Madeleine Rosay e os trechos líricos cantados por Cristina Maristany. Atuou como anunciador dos números de arte o Sr. Ribeiro Martins.

A's distintas senhoritas que compareceram aos salões do Clube Ginástico Português, foram oferecidos, por meio de sorteio, custosos frascos de perfumes Coty. Presidiram a este sorteio os diretores da Fabrica Coty, que compareceram em conjunto ao magnifico baile de gala.



Cristina Maristany canta uma das árias que arrancaram vivos aplausos da numerosa e seleta assistência.



Madeleine Rosay, num flagrante sugestivo.



A mesa que presidiu ao sorteio dos prêmios, vendo-se as maquinas em que o mesmo foi feito.



Outra fase da entrega dos brindes.



Um grupo de gentis senhoritas presentes ao baile.

Ribeiro Martins, anunciando um dos numeros de arte.

Outro aspecto da entrega dos valiosos brindes dos perfumes Coty.



O Diretor de Festas do Clube Ginástico Português, Snr. Arthur Sobral, faz a entrega de brindes a Madeleine Rosay e Cristina Maristany.



NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS :

12 — Sra. d. Maria Gama, esposa do dr. Otávio Gama.

Senhores: — João Luso, da Academia Brasileira, nosso companheiro de redação; consul geral Mário Castelo Branco; Júlio Medeiros, nosso colega de imprensa; brigadeiro Antonio Guedes Muniz.

13 — Sra. d. Maria Lopes Rodrigues Alves, esposa do embaixador Rodrigues Alves.

Senhores: — jornalista Antonio Leal da Costa; dr. Antonio de Sales; prof. Feijó Junior; dr. Teles Barbosa; prof. Murilo Wanderley.

14 — Sra. Helena Madureira de Castro; prof. Aloísio de Castro, da Academia Brasileira.

15 — General Alvaro Mariante.

16 — Senhorinhas: — Nalidea Alvares Moreira, filha do casal Domingos—Avelina Moreira; Edite de Carvalho Coutinho; Leonor Martins Costa.

Sra. d. Isolina de Carvalho Cruz; d. Olga Brandão de Azevedo Ramos.

Senhores: Alte. João Francisco de Azevedo Milanez; prof. Inácio Raposo; ministro João Alberto; dr. Marcos de Sousa Dantas; dr. Aureliano Portugal; Renato de Paiva Rio.

17 — Senhoras: — D. Maria Emília de Oliveira Guia, esposa do sr. Armindo Guia; d. Ilka Matos.

Senhores: — Dr. Alair Prata Soares; dr. Manoel Gomes Tarlé; monsenhor José Lima Martins Alves da Rocha; dr. Artur Armando da Costa Ferreira; dr. Lafayette Belfort Garcia; Manoel Antunes Macieira, nosso colega de imprensa.

18 — Senhores: — J. Carlos de Brito Cunha, nosso colega de imprensa; dr. Manoel Antonio Ferreira; dr. José Cândido Almeida dos Reis, médico da Assistência Municipal; dr. Pedro Vergara, promotor nessa Capital e um dos dirigentes do Instituto Nacional de Ciência Política; Miguel Campanella.

Senhora José Pinto de Carvalho Osorio, com seus netinhos: José Carlos e Roberto José, filhos do casal dr. José Osorio.

Notas diversas



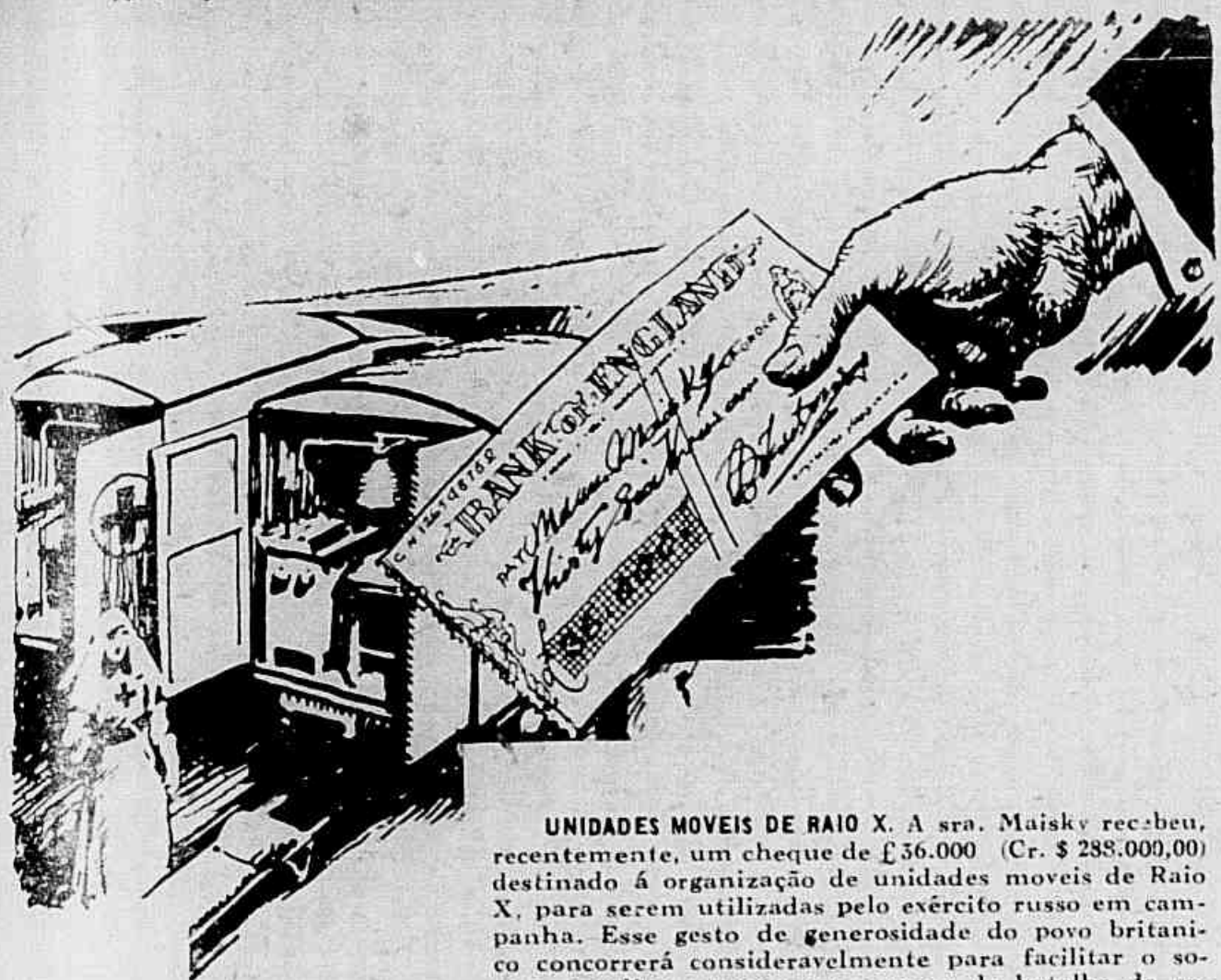
Maria Augusta Menezes de Oliva, a joven pianista brasileira, que se fez ouvir, com imenso agrado, no ultimo grande concerto promovido pela A. B. I., e, que, em breve, nos dará um recital de piano interpretando Scarlatti, Schumann, Fauré, Debussy, Mignone e Alexandre Sien-Rilvitz.



Transcorreu a 28 de Maio p. findo o aniversario natalicio do sr. Julio Gomes de Matos, destacado elemento da sociedade e do commercio cariocas e chefe da firma Julio de Matos & Cia. O aniversario foi alvo de carinhosas homenagens por parte de amigos e admiradores.



O sr. João Neves da Fontoura, embaixador da Brasil em Portugal e o sr. Rui Ribeiro Couto, secretario da Embaixada, quando tomavam o avião da Panair que os conduziu até Natal, no Rio Grande do Norte, de onde prosseguirão viagem em avião transatlântico.



UNIDADES MOVEIS DE RAO X. A sra. Maisky recebeu, recentemente, um cheque de £36.000 (Cr. \$ 288.000,00) destinado à organização de unidades moveis de Raio X, para serem utilizadas pelo exército russo em campanha. Esse gesto de generosidade do povo britânico concorrerá consideravelmente para facilitar o socorro medico urgente nos campos de batalha da extensa frente russa.



PROJETIS COLORIDOS PARA OS TREINOS DA RAF. Afim de economisar tempo, combustível, horas de vôo e dinheiro, os Centros de Treinamento da RAF adotam projetis com a ponta colorida, que assinalam a lona que serve de alvo. O numero de impactos alcançados por cada homem é calculado contando-se os buracos feitos pelas balas assinalados pela cor escolhida para ele.



EXPERIMENTANDO FARDAMENTOS. Para experimentar fardamentos destinados à guerra na região ártica, o explorador Sir Hubert Wilkins, metido num fardamento especialmente fabricado, encerrou-se num compartimento feito de aço e que reproduzia as condições climáticas do Polo. Do mesmo modo, deitou-se no meio da neve, afim de verificar como um sol'alo ferido suportaria o frio, usando o referido uniforme.

Rascunhos Londrinos n.º 2

Do B. N. S., exclusivo para a REVISTA DA SEMANA



COMO OS GUERREIROS ANTIGOS. Uma companhia de Gordon Highlanders, destacada para avançar através de um campo de minas no Egito, dirigiu-se para o combate com seus soldados encapitados no alto de tanques.

Pareciamos guerreiros da Antiguidade, indo para a batalha nos carros de guerra" — comentou um sargento.



VOANDO 50 VEZES EM TORNO DO MUNDO. Para proteger o grande comboio que conduziu as tropas aliadas à África do Norte, assim como os vasos de guerra que escoltaram, os Sunderlands, Hudsons e Liberators do Comando Costeiro da RAF, e Halifax enviados de reforço pelo Comando de Bombardeiros voaram uma quilometragem correspondente a 50 vezes a volta do mundo.



C. TARQUINO



IN HOC SIGNO VINCES

(Com este sinal vencerás)

Aclamado imperador, Constantino dirigia suas legiões contra Roma para abater seu rival Maxencio, quando apareceu-lhe no céu uma cruz com as palavras:

IN HOC SIGNO VINCES.

Desde então, a cruz foi o símbolo que figurou nos seus estandartes e o levou à vitória nas lutas para a conquista do Império.

NA LUTA CONTRA OS CABELOS BRANCOS O SINAL DA VITÓRIA É ASO

Os cabelos brancos denotam experiência, mas também declínio, velhice, e muito podem contribuir para que, erroneamente, sejamos julgados em condições de inferioridade, incapazes, portanto, de ocupar posições que exijam inteligência viva e energia. Quando uma falsa aparência de velhice torna-se um obstáculo às nossas aspirações, devemos recorrer ao ASO e continuar a luta confiante nos seus efeitos maravilhosos e infalíveis.

Porque ASO é um azeite perfumado, não é tintura, não pinta.
Porque ASO não engana, restitue o passado!



Peçam prospétos gratis aos LABORATORIOS ASO
Rua Domingos Ferreira, 92 - RIO

Figuras e Fatos



FERNANDO PESSOA DE QUEIROZ, foi a America do Norte como representante das Industrias Alimenticias afim de escolher o material e machinaria necessarios a fundação aqui do **INSTITUTO TECNOLÓGICO DE ALIMENTAÇÃO**, sob o presidente do dr. Josué de Castro, que tambem foi a America para estudar a organização dos seus cogenerees americanos.



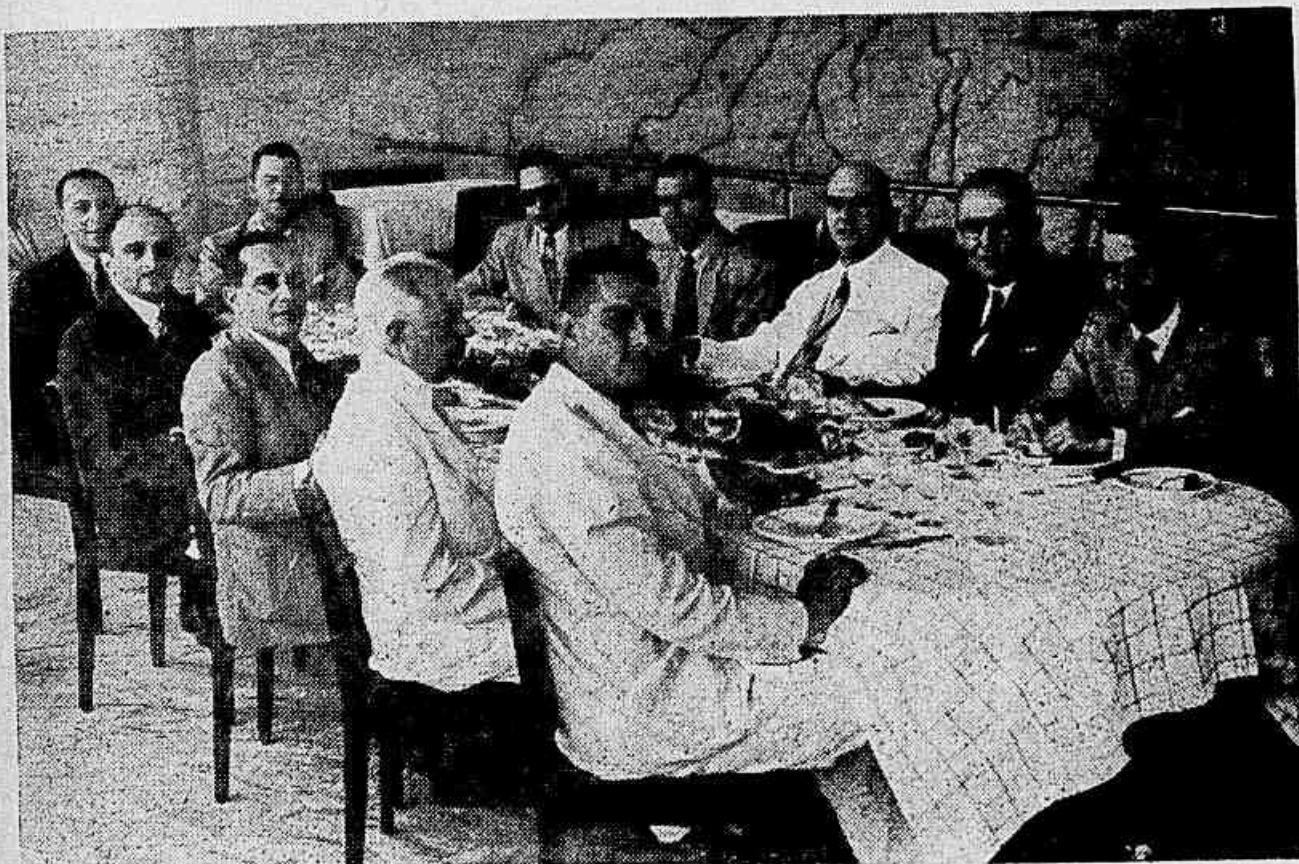
UM SEMEADOR — O almirante Henrique Boteux, estudioso infatigável dos problemas brasileiros, antigo colaborador da REVISTA, tem o virtuoso costume de assinalar sua passagem em uma região, com o plantio de uma árvore. Vêmo-lo aí, quando assim procedia no jardim do grupo-escolar Davi do Amaral, em Araranguá, Santa Catarina, ao visitar aquele Estado



O dr. Gerson Paula Lima, medico, psicologo, psicoterapeuta, presidente da Sociedade Supermentalista, este ano se excusou ás homenagens que lhe costumam prestar pelo seu aniversario natalicio. Um grande numero de seus amigos e admiradores, não se conformando, surpreenderam-no durante seu trabalho para cumprimenta-lo e testemunhar-lhe especial apreço. Vemos o dr. Gerson Paula Lima ao lado de sua exma. esposa, rodeado pelos medicos do corpo clinico da Sociedade Supermentalista e um grupo de amigos.



FESTIVAMENTE COMEMORADO O 4.º ANIVERSARIO DO BANCO NACIONAL DE DESCONTOS — No dia 29 de maio ultimo, comemorando o 4.º aniversario da fundação do Banco Nacional de Descontos, os funcionarios daquele prestigioso estabelecimento de credito reuniram-se num almoço de confraternização, que teve lugar no restaurante da Panair do Brasil, no Aeroporto Santos Dumont. A esta festa, que transcorreu num ambiente de grande cordialidade, compareceu o dr. Baptista da Silva, presidente do Banco, bem como os demais membros da Diretoria. O dr. Batista da Silva aparece na fotografia acima, sentado à cabeceira da mesa, ladeado pelo gerente do Banco Nacional de Descontos e pelos membros do Conselho Fiscal do referido estabelecimento.

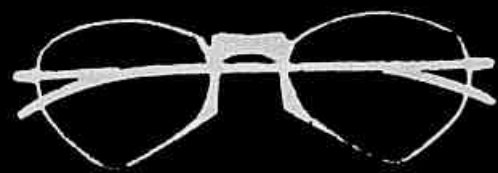


Transcorrendo a 22 de Maio ultimo o aniversario do major Garcia de Souza, ajudante de ordens da Presidencia da Republica, seus amigos ofereceram-lhe um almoço no aeroporto em regosijo pela data.



Em avião da NAB, da "carreira", chegou, na semana passada, a esta capital o dr. Leonidas Melo, Interventor Federal no Piauí. O ilustre chefe do executivo piauiense, que veio acompanhado de sua exma. esposa, teve concorrido desembarque, vendo-se, entre os que o foram receber no Aeroporto Santos Dumont, o major Landri Sales, diretor dos Correios e Telégrafos; dr. Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, membro do Conselho Nacional do Trabalho; major Berilo Neves, professor do Colégio Militar e nosso colaborador; dr. Freire de Andrade, ex-deputado federal; dr. Vieira da Cunha, diretor do Pessoal dos Correios e Telégrafos; dr. Bugija Brito, presidente do Centro Piauiense, numerosas familias e outros amigos de S. Ex.

**JOIAS - RELOGIOS
ARTIGOS PARA
PRESENTES**



O PINCE-NEZ DE OURO Uma organização completa em
LUIZ RICART Ótica
28, RUA DA CARIOCA, 28 - TEL. 22-4690

EVOCAÇÃO DA BOLÍVIA

De JORGE O'CONNOR DARLACH

Poucos países no mundo poderão oferecer a diversidade de paisagens e costumes que há em meu país e a infinita gradação de tons e expressões que ressaltam vigorosos ou atenuados, nesse grande quadro representativo de todas as zonas geográficas do Globo.

Fora de nossas fronteiras tem-se uma visão imprecisa do panorama físico e humano de minha pátria, unida a uma sensação de algo exótico, embora, isso, sim, profundamente americano. Essa visão seria a de um país assentado sobre uma extensa e elevadíssima meseta coberta de névoa que, ao rasgar-se a espaços, só deixa ver os contornos hieráticos dos mais altos cimos dos Andes e, como esfumadas na bruma — ao som lamentoso, semi-bárbaro e longínquo da quena pelas figuras silêntes e solenes dos últimos representantes de uma raça quase extinta que suportou, quando ainda formava uma nação de tipo patriarcal, o arremesso desigual e pujante desses centauros, quasi místicos também, que eram os conquistadores vindos de além do oceano.

Essa visão, si é parcialmente real, é, antes de tudo, fracionária, incompleta e, em seu conjunto, falsa. Procuremos retificá-la.

A Bolívia, ocupando um território dilatado, de mais de um milhão de quilômetros quadrados no próprio coração do continente sul, estende-se desde a cordilheira ocidental dos Andes, nos limites do Perú com o Chile, até as selvas brasileiras de Mato Grosso, e, desde os grandes afluentes do Amazonas, no Acre, até os do Prata em Tarija e no Chaco.

Nesta considerável extensão se encerra uma superfície traçada pelos deslocamentos geológicos de mais profundo contraste.

O ocidente da Bolívia está constituído, em sua maior parte e de norte a sul, pela meseta andina, denominada comumente Altiplano, situada entre os dois grandes braços da cordilheira e que encerra em suas entranhas uma riqueza mineral inesgotável. Região a mais industrializada e povoada e na qual se levantam muitas das principais cidades bolivianas, deu lugar a que no estrangeiro se aplicasse sua denominação a todo o país.

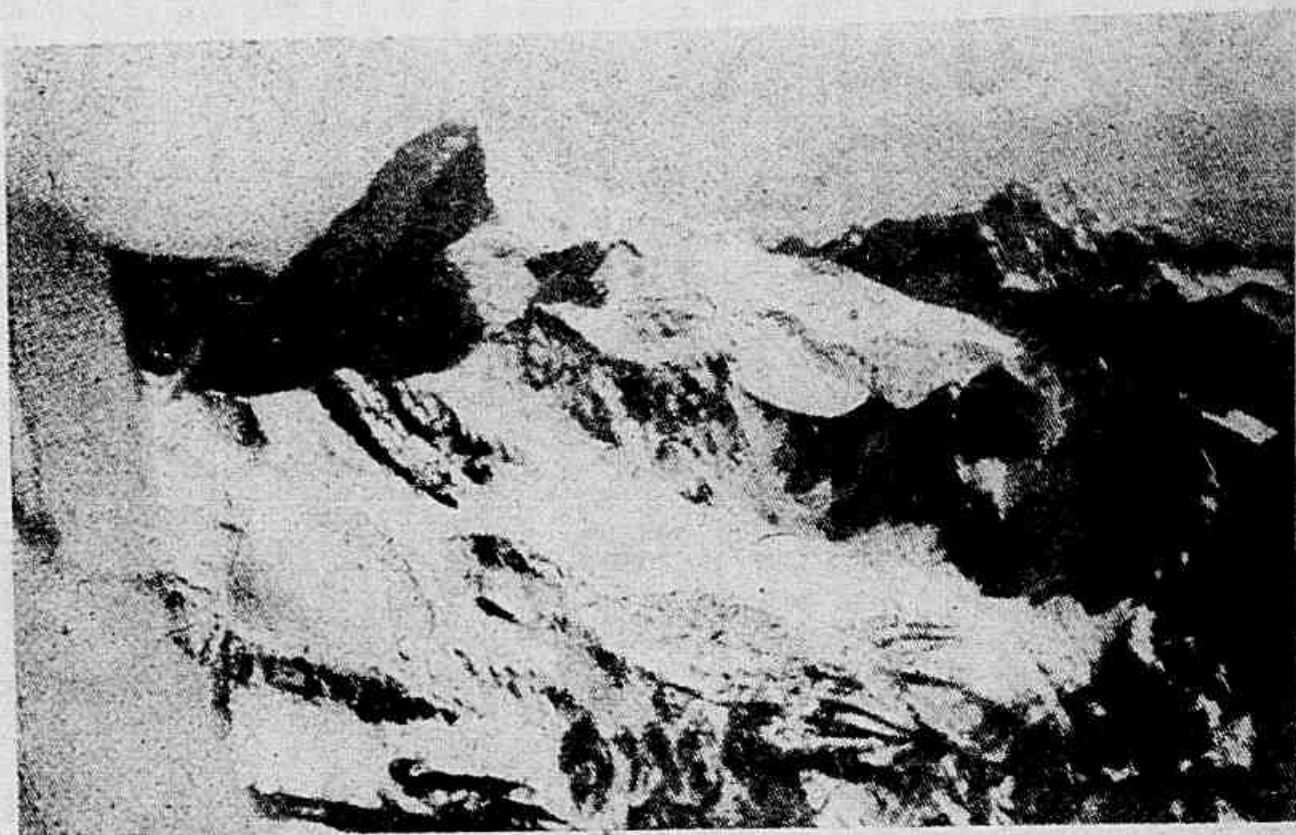
A zona central está formada pelos vales profundos, onde a natureza derrama o tesouro de seus dons e onde surgem, ridentes, num ambiente de plácida frescura, as cidades, as vilas e as aldeias de sosegado ritmo, mais apegadas à tradição.

O oriente, integrado pelas grandes planícies, de perspectivas infinitas, cruzadas pelo celere avião em estranha e singular disparidade com a carroça de bois que avança a passo lento, simbolizando essa concepção do tempo e da distância a tornar indiferentes à fugaz passagem dos dias e dos anos os homens acostumados à solidão.

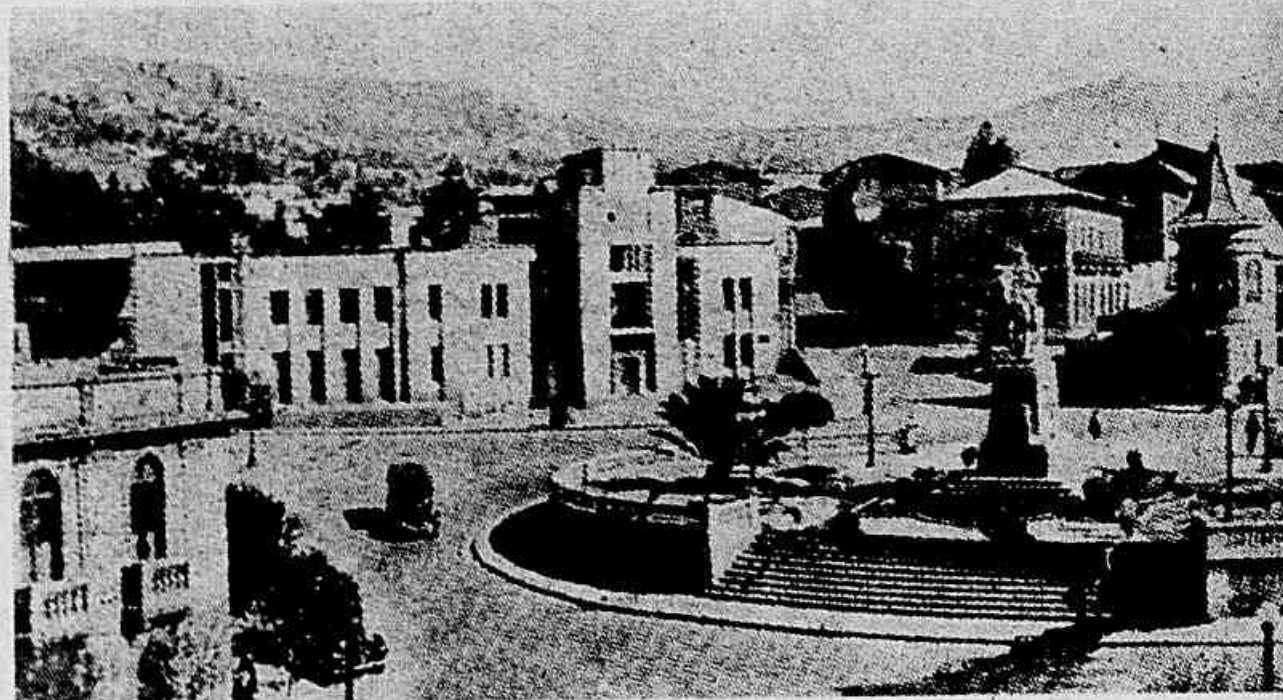
O noroeste e nordeste da Bolívia são essa imensa região que encerra ainda paragens desconhecidas e onde a selva, com toda a sua exuberante e luxuriosa frondosidade — eterno laboratório em que a vida se confunde com a morte —, abre passagem somente ao curso inquieto ou manso das grandes correntes d'água que vão em busca do pai dos rios, o majestoso Amazonas.

A região do Sudeste começa ao pé dos últimos socos dos Andes e se estende até a selva e o deserto chaquenhos, através de canons, desfiladeiros e montanhas, oferecendo quadros de uma suave e por vezes imponente grandiosidade e dominando aldeolais e granjas onde a hospitalidade é ainda o primeiro dos deveres.

Nas grandes rugosidades do Altiplano, esse pampa à primeira vista inalterável, emergem cidades como La Paz, uma das mais pitorescas que a pupila humana haja contemplado e que, com o soberbo Illimani por sentinela, encerra junto a suas joias de arquitetura colonial, a audácia e a arrogância de suas modernas construções. Ouro, a cidade industrial, cosmopolita e mineira, com algo, em nossa mediterraneidade, do ambiente salubre, mutável e aberto dos portos marítimos; Potosi, que foi a cidade mais povoada de todo o império espanhol quando, no auge da exploração do seu cerro lendário, atravessou seu nome as montanhas e os mares para converter-se em sinônimo de opulência e riqueza, que ainda mana de suas entranhas generosas e prolíficas; "Vila Imperial" em cujo escudo d'armas ainda abre suas azas a águia coleante e duplamente acéfala com que o assenhoreara Carlos V; "cidade única", no dizer do escritor argentino don Jaime Molinas, em cujas estreitas ruelas evocadoras das tradições de Omiste e dos Anais de Martinez y Vela, se crê perceber o rumor das lutas de vicunhas e vascongados ou o bulício de suas faustosas festas e onde se levanta a Casa da Moeda. São Lourenço e outras primorosas construções de arte hispanica e hispano-indígena da colonia, nas quais a raça quechua deixou



As neves eternas do Monte Huayna Potosi.



Plaza Roma, em La Paz.

a marca de sua maestria junto ao de seu primitivismo ingenuo; "cidade encantadora e encantada", como a define sedutoramente Gustavo Adolfo Otero, onde em cada esquina surge uma recordação estranha e em cada pedra de seus solares braçoados se tece a subjugante e delicada trama de uma lenda de sonho.

E' também no páramo da altura que se truncam as ruínas de Tihaanaco, ciclópicas, de civilização avançada e comparáveis aos monumentos egípcios, com os quais já quiseram encontrar-lhes estranha analogia. São obras ao aparecer de uma raça anterior a todas as que hoje povoam a meseta e cujas pasmosas construções deveriam ter-se visto sacudidas e derribadas por um cataclismo geológico profundo.

Mas o Altiplano é essencialmente a estepe, onde se apaga toda perspectiva, e seu habitante típico é o aymara, que cruza a cena sereno, indiferente, caminhante incansável junto à lhama essa camélida altaneira e arrogante que parece trilhar a desolada imensidade da planura sem inquietude nem tristeza, ao passo elástico e harmonioso de suas patas graciosas e finas, enquanto o vento perene da altura canta e ruge sua eterna sinfonia entre o capim bravo ou a tola, pequeno arbusto da puna.

A região dos vales encerra populações como Sucre, sede da velha audiência de Charcas, pulcra e luminosa cidade doutoral, em cuja Universidade de São Francisco Xavier de Chuquisaca, real e pontifícia, se gerou o movimento da Independência da América e em cujas aulas beberam o saber e amaram a liberdade os próceres de quatro nações. E Cochabamba, situada numa planície fértil e rica, "o celeiro da Bolívia", cujos filhos unem à fama de seu corajoso afan progressista a não menos justa de seu espírito aventureiro, que os faz chegar até os pontos mais distantes do planeta em busca de novas emoções e de novos objetos para sua atividade inesgotável.

A região da selva, profunda, misteriosa e em constante proliferação, de enormes rios que transbordam com as torrenciais chuvas de verão, inundando grandes extensões, logo secas por um sol de fogo que levanta um bafo sufocante, tem, por centros de povoação mais importantes Trinidad, à qual o Imbare e o arroio San Juan costumam invadir com suas enchentes; Villa Bella, Ribeiralta e Cobija, pombas brancas assentadas junto à água desses caminhos móveis que são os rios Madeira, Beni, Mamoré e Acre.

Nestas terras tudo é bravo e agressivo e, ao mesmo tempo, útil e agradável; a água que invade desoladora e que é caminho de comunicação; a selva que enfeitiza e obstrue e que dá as mais preciosas madeiras e os frutos mais raros; o selvagem que, feroz e homicida, logo depõe a lança e a flecha e entra na senda da civilização e constitui um auxiliar imprescindível de riqueza e progresso.

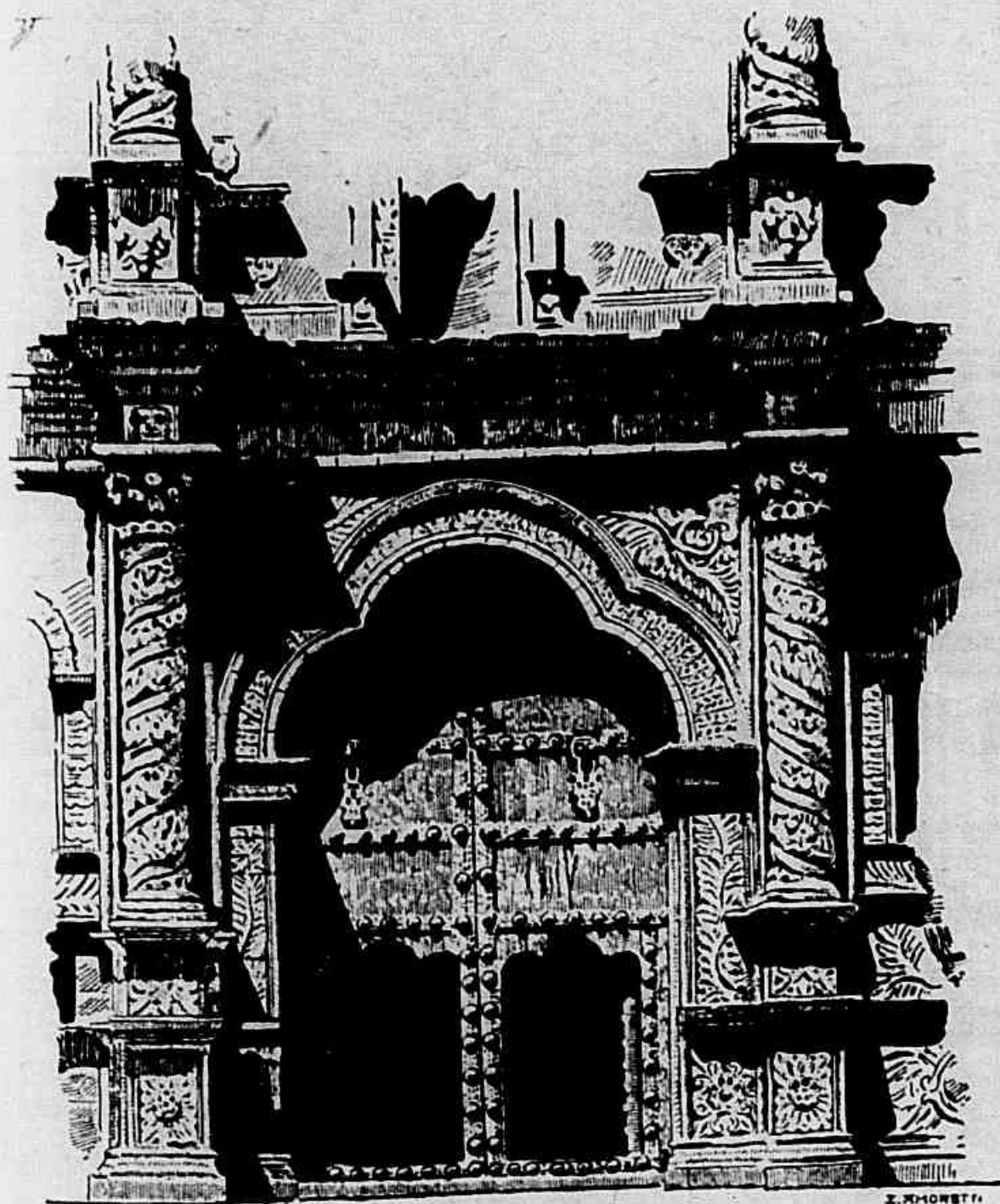
Na região do sul, a cidade de Tarija, às margens do rio que, sublinhando a semelhança do país com as vegas da Andaluzia batizaram os espanhóis de Guadalquivir — é uma povoação rodeada de pomares, onde, como em suas praças e passeios, domina a laranja, que, nas cálidas noites de estio embalsama o ar.

Região agrícola é esta, de vida sosegada e fácil, onde um clima túbio e calmante impôs suas características ao homem do campo acolhedor e leal, romântico e altaneiro em cujos lábios vibram ainda as vozes arcaicas do castelharo do século XVI. Cavaleiro em seu fiel cavalo inseparável, percorre entre o chocallar das rédeas guizalhantes, as feiras, os caminhos e as veredas de sua terra natal, ou com seus "guardamentos" de couro atravessa, fazendo prodígios de equilíbrio hipico, o túbido bosque que oculta a féra ou o gado arisco.

Povo poeta, namora com a guitarra e desafia no contraponto. Cada época do ano pulsa um instrumento diferente: a viola — feita por ele mesmo — na Páscoa da Ressurreição, sob os arcos de nardo onde passa a procissão popular; o dia de San Roque, no começo da primavera, a caña, larga de dois metros, com uma trombeta de chifre num extremo e á qual atribuem origem árabe; a caja, prima irmã da pandeireta espanhola, e o orque de origem nativa, nos dias de Carnaval.

Si ao que descrevemos acrescentais, na parte material, a riqueza mineral, agropecuária e petrolífera deste país, onde o acidentado da geografia deu lugar à construção dos ferrocarris mais custosos e ao desenvolvimento antecipado de sua aviação civil e comercial, tereis uma idéia muito aproximada da realidade desta Bolívia.

E logo depois de contemplar o grande quadro de contrastes e harmonias que é minha pátria, haveis de convir comigo que é lamentável não poder-la contemplar com a visão do mar livre, largo caminho para o vasto mundo, via insuperável de comunicação universal e de autentica vinculação americanista si o sulcarmos com a prôa voltada para o ideal resplandecente de fraternidade entre os povos deste hemisfério.



Portada central do Templo de S. Francisco, em La Paz (desenho de Amoretti).

BATE-PAPO DE GUERRA

Legendas de SONIA REGINA

Desenhos de LUIZ GOULART



Sem pensar em bombardeio
No salão todos se agitam.
Pequenas... jazz... esplendor.
Súbito, apitos... receio...
Black-out! — as gurias gritam...
Soberano, ri-se o Amor.

— A *Ruiva* é tão geniosa que seria capaz de lançar fogo numa esquadra.
— Quanto a isso não digo nada. Sei apenas que em menos de um ano declarou a *bancarrola* de dois milionários.

— Veja você: a Gertrudes com aquela cara de coruja e ainda querendo escolher. Diz que detesta rapazes gordos.
— Está certo. Ela se enquadra positivamente dentro da sua categoria.
— ...?
— Não é o tipo acabado do *canhão* anti-tank?

— Da-me um beijinho... só um. Amanhã vamos atacar Berlim e vou derrubar quatro nazistas somente por você...
— Pois sim; ha duas semanas você diz a mesma coisa. Pede beijo em cima de beijo e até hoje ainda não me trouxe nenhuma *swastika* de presente...

Não sei porque, mas sempre que vejo aquele fascinante rapaz tão indiferente e isolado assemelho-me a um soldado faminto que imaginasse, com indescritível melancolia, um caminhão de abastecimento completamente perdido no deserto.



Para as suas compras :

SEDAS, LÃS,

as ultimas novidades em cores e padrões, recebidas dos mais afamados fabricantes. E' realmente incomparavel o magnifico sortimento da NOTRE DAME.

MANTEAUX,

casacos e agasalhos modernissimos em puras lãs e tecidos modernos Modelos exclusivos, magnificamente confeccionados e com ótimo acabamento.

CRIANÇAS,

a mais completa Secção de Crianças do Rio de Janeiro. Para a presente estação, a NOTRE DAME apresenta os mais belos e originais modelos de roupinhas e vestidinhos para vestir com graça e elegancia os seus filhinhos.

NOTRE DAME

de PARIS

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO — OUIDOR, 182



O segredo

do toucador depende de certos cuidados — cabelos ondulados, sedosos e isentos de caspa — que se obtém usando.

Phenomeno

PERFUMARIA TARRÉ - RIO



SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

Comp. América Fabril
Fiação e Tecelagem

ESPECIALIDADES EM TECIDOS FINOS

VERIFIQUEM NA OURELA DOS NOSSOS
TECIDOS O NOME**América Fabril***Siberia*RECEBEU AS ULTIMAS CREAÇÕES
PARA A ESTAÇÃO DE INVERNO

RUA GONÇALVES DIAS, 51

A inspiração

Os museus estão inspirando os desenhistas de modas norte-americanos. Em seus *halls* e salas de exibição encontram a fonte de beleza que inflama todas as imaginações. Não copiam o passado mas usam-no numa sugestão para o futuro.

Aqui defrontam-se os modelos de hoje e os figurinos de ontem, sendo que, quatro dos vestidos apresentados, encontraram sua origem em vestuários masculinos.

1.º Vincent Coppola para Lord & Taylor apresenta esse casaco em crepe de lã negra e opaca, tirado de uma batina de Monsenhor.



O esplendor da beleza feminina refulgindo numa cutis tratada com esmero...

... e um fascinante sorriso de inefável prazer após uma aplicação de Leite de Rosas! *

Goste, Você, também, os benefícios da vida ao ar livre, protegendo sua cutis com Leite de Rosas.

Leite de Rosas

Limpa, clareia e acetina a cutis, eliminando espinhas, sardas, pontos e manchas. Desodorante ideal, conserva a pele e as vestes permanentemente perfumadas.

— O PREPARADO QUE DÁ "IT" —

vem dos museus

- 2.º Clarepotter, para Saks da 5.ª Avenida, apresenta esse pijama de calça de setim *rayon* negro e jaqueta bordada a *soutache*, inspirada num modelo militar do tempo do Império.
- 3.º Louise Barnes Gallagher para Nelson Hickson, baseando-se num camponês iugoslavo oferece um vestido de linhas quadradas em marinho com *pois* brancos.
- 4.º Mary Mooring para Bergdorf-Goodman apresenta a elegancia das roupas bordadas da corte de Luiz XVI refletida nesta jaqueta de setim verde.
- 5.º Vera Maxwell, para Abercrombie & Fitch, oferece um conjunto inspirado num traje de americana (1865) em lã verde e saia listrada.



AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

A
Torre
Eiffel

CAMISARIA
ALFAIATARIA

Artigos para
cavalheiros
e viajantes
ULTIMAS
CRIAÇÕES
PARA
O INVERNO

OUVIDOR 97/99

Duelo em Miami...



*descuida's
vossa
Beleza*

Só pode
ser, de fato,
bonita a
mulher do-
tada de uma
pele bôa.

Assim, quando
dizemos «FULANA
É BELA», estamos,
implicitamente
afirmando as bôas
condições de sua
pele!...

LEITE DE AMENDOAS MENDEL

Tem a propriedade de restaurar a vitalidade
da pele, corrigir as suas imperfeições, tornan-
do-a aveludada, clara e com a cor saudavel
da juventude.

Distribuidor geral LEONCITO AMBRAN
Av. Rio Branco, 109 — 4.º and. — Tel. 23-3947 — RIO
São Paulo — SANTOS NEVES & Cia.
Libero Badaró 443 - 5.º — Tel. 2-1046
Belo Horizonte — GERALDO M. GOMES & C. LTDA.
Rua Caetés, 524

USANDO ZIP **Reor**



V. S. SÓ SE SURPREENDERÁ
COM A SUA QUALIDADE

Sim, porque REOR oferece
absoluta segurança, mesmo
depois de um prolongado
uso. Fabricado com material
inoxidável de primeira qua-
lidade e pelos métodos mais
modernos, este zip nacional
supera em tudo os melhores
concorrentes estrangeiros.
REOR tem uma característica
variedade de tipos, nique-
lados, dourados e esmalta-
dos em todas as cores, para
os mais diversos usos, e é ven-
dido a preços econômicos.

COMPANHIA BRASILEIRA
DE METAIS

Reor



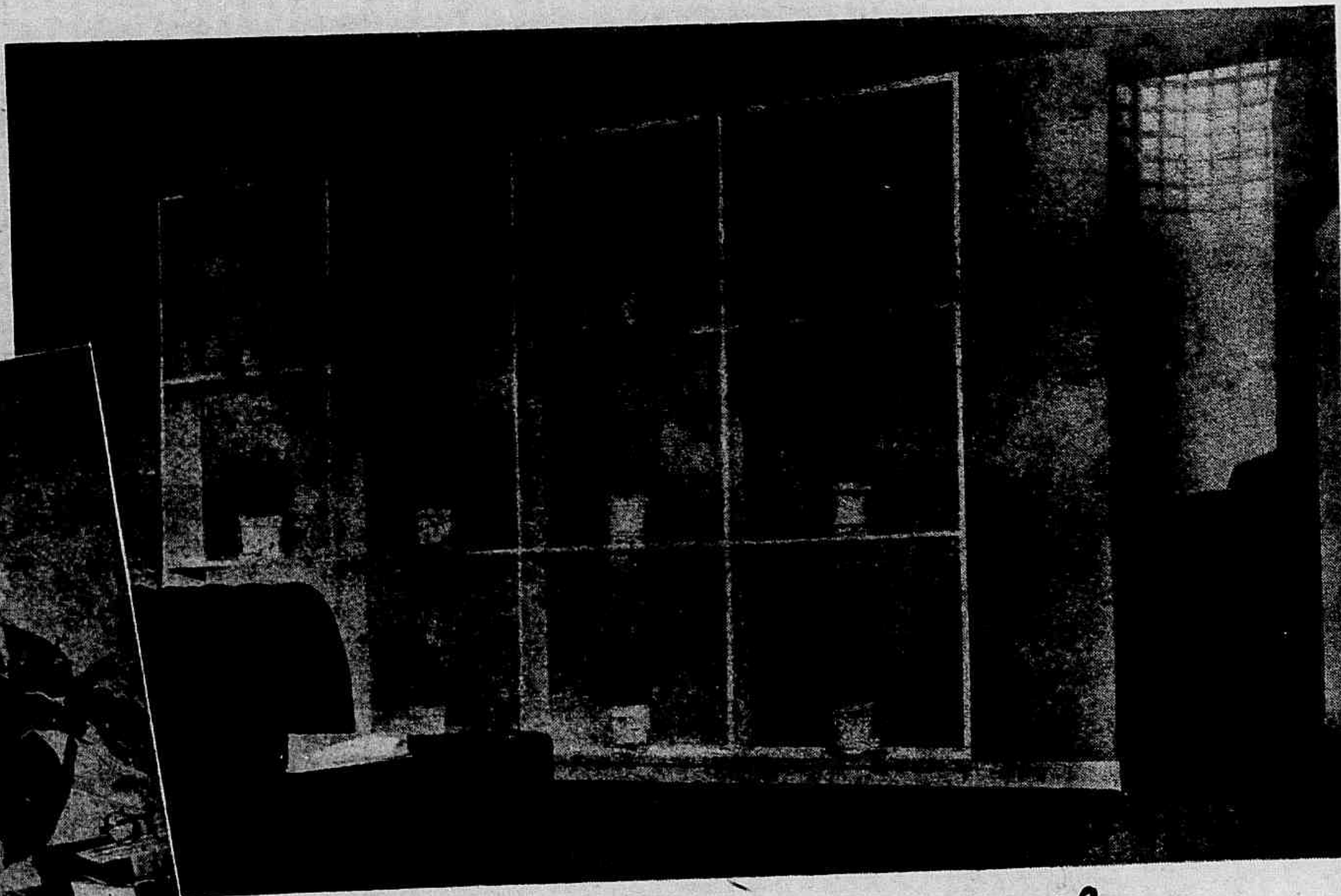
Jane Frazee, a linda estrelinha dos filmes cantados da Universal, apre-
sentou-se assim em Miami e fez um sucesso louco, tornando-se "abso-
luta"... Mas Deanna Durbin não podia perder... E um dia saltou
de um "hiate" com esse conjunto "a marinheiro". Não é preciso dizer
mais nada: A marinha de Tio Sam nunca foi tão bem represen-
tada. Que propaganda, hein? Essa Universal tem cada pequena...

**Casa
MUNDIAL**
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS - CINTOS - CARTEIRAS
RIO - R. CARIOCA, 63 - T. 22-2948
OS MELHORES ARTISTAS - PELOS MELHORES PREÇOS

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



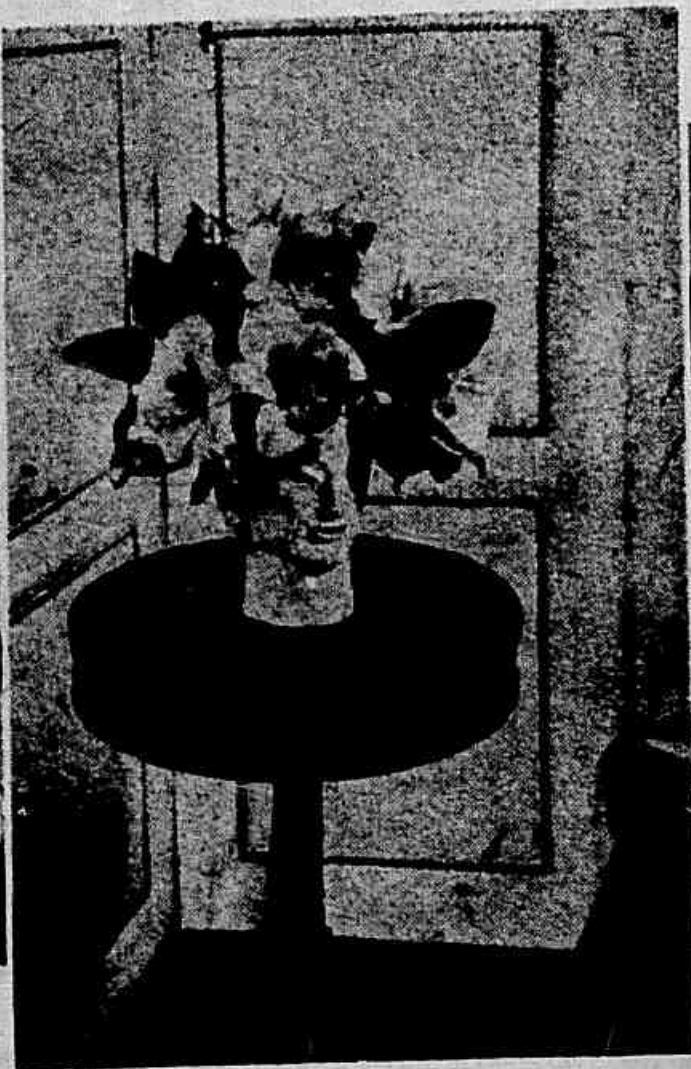
Flowers



para Madame



CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



Susan Sheridan, especialista em arranjo de flores, apresenta interessantes ornamentações para sua casa.



Ouvir os clássicos e os modernos já consagrados, é um prazer que o programa

Ondas Musicais

Ihe proporciona na interpretação de grandes artistas, em "studio" e gravações. Ouça, todas as terças-feiras, às 13 horas, os esplendidos programas especialmente organizados para satisfazer o mais requintado gosto musical.

COMPANHIA DE CARRIS, LUZ E FORÇA
DO RIO DE JANEIRO LTDA.

Sirva-se da Eletricidade
Caixa Postal 571 - Tel.: 22-5170



Os que se encontram...

Continuação da página 74

atividade humana têm, cada qual, a sua época boa. A boa época da mendicância é a da colheita. O vinho adoça a boca, toca o cérebro e abre o coração do povo.

O mendigo Serguei estava pisando a poeira da estrada, de vara na mão e saco de trouxas às costas, quando percebeu alguém a segui-lo. Volveu a cabeça. Era um cachorro. Um enorme animal cinzento, de costelas à mostra, com uma multidão de moscas a se banquetear em uma grande ferida na orelha. Serguei assustou-o com a vara. O cão recuou alguns passos, mas tornou a segui-lo. Jogou-lhe uma pedra. O animal recuou, deu um latido, parou um instante para deixar o velho se afastar um pouco mais e pôs-se de novo a caminho, seguindo as pegadas do indigente. De súbito e inopinadamente, voltou-lhe à memória a cena que o levou às barras do tribunal: abriu a portinhola da carroça e os cães aprisionados saltaram para fora num latido infernal, como se se regosijassem com a repentina e inesperada volta da liberdade perdida ou como se amaldiçoassem aquele que os fizera sentir a amargura do cativeiro e a apavoradora incerteza do destino que iriam ter... Uma vez fora da gaiola, cada qual correria numa direção, como ratos que escapassem da ratoeira, exceto um, o maior, que saltara sobre o aprisionador, enfiando-lhe os dentes na cara. Serguei olhou outra vez para trás e reconheceu naquele animal maltratado que teimava em segui-lo, o cão por cuja causa passara seis semanas, burguesamente despreocupado na prisão da Municipalidade. "Sim, não há dúvida — pensou o mendigo — é ele. Reconheceu-me. Como os cachorros sabem ser gratos! Afelçou-se a mim. Quer, naturalmente, agradecer-me a liberdade que lhe dei. E não só a liberdade: quem sabe se os cachorros, dentro da carrocinha, não sentem o mesmo que os franceses que, numa carroça, eram levados para a guilhotina de Robespierre?"

Serguei Dimitrevitch parou um instante. O cachorro, também, parou à certa distância, demonstrando precaução. Com um pedaço de pão e algumas palavras carinhosas, Serguei conseguiu captar a confiança do seu seguidor. Espantou as moscas que cobriam a ferida e o quadrúpede mostrou-se agradecido. Lambeu-lhe a mão e abanou o rabo.

A amizade, baseada em mútuo reconhecimento, estava definitivamente selada entre os dois desherdados da sorte.

E as vindimas chegaram trazendo consigo o habitual corolar de alegrias. Depois, um inverno inclemente e triste. E assim, no revezar das estações, ano após ano, o velho mendigo Serguei e seu fiel amigo foram vistos sempre juntos, participando por igual das alegrias das primaveras e dos sofrimentos dos invernos até que, um dia, ambos sumiram da pequena cidade vinícola ao sul de Kishinev.

E nunca mais se teve notícias deles.

OS LOBOS NEGROS

(Continuação da pag. 98)

multidão. O próprio diretor do circo se mostra inquieto. Há um silêncio de morte, no qual se ouve, mais trágica ainda, a ameaça de Sachem:

De toda a tribo resta apenas um filho.

Era pequeno e debil mas jurou ao Espírito que vingaria a sua gente.

Que veria os cadáveres dos Brancos, homens, mulheres e crianças desaparecer em sangue e fogo!

Estas últimas palavras mal foram articuladas. Mais um rugido que um canto. E por todo o circo se forma um rumor, semelhante ao dos ventos presagos. Mil perguntas sem resposta passam no ar.

— Que vai fazer esse lobo alucinado? Que anuncia ele? Quererá realmente vingar-se, sozinho? E nós, que devemos fazer? Ficar ou fugir? Mas fugir, como?

Eis que uma espécie de bramido, sem nada de humano, sai do peito do selvagem. Sachem balança-se mais fortemente, caminhando em direção ao lustre; e à armação deste se agarra como um gato da selva.

— Vai quebrar o lustre e inundar o circo de petróleo inflamado!

Todos os espectadores gritam de assombro e de medo. Uma voz ordena:

— Ninguém saia! Fiquem! Fiquem!

Mas o selvagem desapareceu! Não derrubou o lustre... Mas então que estará fazendo? Para onde foi? Que acontecerá ainda?

Ei-lo de novo. Desce à arena. Traz na mão uma cestinha de metal branco. E dirige-se, à volta, aos espectadores das primeiras filas:

— Senhoras e senhores, sejam generosos... Auxiliem o artista...

E' a minha parte na renda da função!

Os espectadores respiram, com o peito dilatado de alívio:

— Mas então... Tudo aquilo era do programa... Tudo para armar ao efeito...

E os dólares e meios-dólares caem em abundância na cestinha. Quem negaria a sua dádiva ao Chefe dos Lobos Negros? Não se estava em Antilope, sobre as cinzas de Chiavatta? E não era tudo ali gente de bom coração?

Depois do espetáculo, Sachem bebe cerveja, fraternalmente, com os matadores do seu povo. A influência do meio é nele evidente.

Como se lê a "Revista da Semana":



A intimidade com a Cruz nos primeiros tempos do Cristianismo

Por

SUSANA MONTES CARIDE

A cruz é, por excelência, o símbolo de Cristo e dos cristãos. Mas o costume de evocá-la com um movimento da mão é de tradição apostólica. Os primitivos cristãos, por uma questão de respeito e pelo receio de se denunciar, não faziam muito uso dela. Só muito discretamente, com grande união. Assim, depois de Constantino é que começou a exibir-se e formar-se, embora de maneira bastante elemental. O simples cruzamento de duas linhas bastava para recordá-la aos fiéis. Demonstravam a condição de cristãos com o auxílio de outros símbolos — uma âncora ou uma gama repetidos quatro vezes.

A conversão do imperador Constantino teve por consequência não só a eliminação de todos os obstáculos que se opunham ao desenvolvimento da nova fé, como também de valorizar e colocar em evidência a cruz. In hoc signo vinces! foi uma fórmula da vitória. Mas era uma cruz apenas esboçada, sem atávios artísticos.

Se os cristãos primitivos vacilavam em mostrá-la, é porque temiam que ela não fosse venerada suficientemente. Entretanto, aos poucos, foram surgindo cruzes nos lugares frequentados pelos fiéis, e assim, entre as representações mais antigas, conta-se a cruz triunfal existente em um sarcófago do museu de Latrão e outra em Barberino.

Um pouco antes de estalar a guerra, em Pompéia, descobriu-se uma cruz pintada no muro de uma habitação, perto do qual encontrou-se também um reclinatório.

Deveriam transcorrer muitos anos até que a imagem de Cristo fosse agregada à cruz. A única imagem do crucifixo que data da época da perseguição dos cristãos é um desenho de traço grotesco e infantil achado também nos restos de um muro, nas excavações do Palatino. Este desenho elemental parece que foi traçado no século III, na parte do palácio destinada à escola, e provavelmente foi uma brincadeira de algum dos escolares.

Os mais antigos crucifixos existentes, datam do século VI. Todavia, naquela época, evitava-se a representação do Salvador pregado à cruz. Querendo representar o mistério do Calvário, preferiam mostrar a Cristo triunfante sobre o instrumento de seu martírio.

Originalmente a cruz deve ter ostentado diversas formas. Semelhante a um X; parecida com um T, ou com duplo ou triplo travessão. Foi ainda representada como um Y, como um tronco com dois ramos para o alto, correspondentes a cada um dos braços.

A inscrição sobre a cruz onde Cristo foi proclamado rei, serve para recordar todos os títulos do Divino Salvador. Até o final do século XVI, uma extraordinária liberdade e diversidade se evidenciavam. Fixou-se, afinal, uma única — INRI — abreviação, segundo o texto de São João, da frase *Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum*.

Nos primitivos crucifixos, excluída como estava toda ideia de dor e de tortura, o Salvador aparecia em uma posição irreal. A cabeça levantada, o corpo direito, os braços abertos em uma posição perfeitamente horizontal, como se quizesse abraçar o mundo inteiro em sua imensa caridade.

Em todos estes crucifixos Jesus está totalmente vestido com uma larga túnica que, chegando-lhe até os pés, só lhe deixa desnudos os braços. Esse hábito é o *colobium*, empregado como veste sacerdotal para indicar que o Salvador era, ao mesmo tempo, sacerdote e vítima. Outras túnicas levam mangas, mas não são tão antigas como as anteriores, datando dos séculos XI e XII.

Geralmente, até os últimos anos do século XIII, a cabeça de Cristo permanece ereta, como se Ele fosse representado com vida sobre a cruz. Só quando a arte começou a ser mais realista e o representou morto ou moribundo, a cabeça calou sobre o ombro e o corpo arqueou, levemente.

A medida que os tempos foram transcorrendo, a imagem de Cristo tornou-se mais dramática. Da hierática atitude dos primitivos, até a dar exteriorizada pelos místicos tudo tem surgido.

No século XV aparecem os detalhes. Embora os evangelhos não o digam claramente, Cristo é representado com a coroa de espinhos que a perversidade dos pretorianos lhe teria colocado. Adotaram-se, então três cravos: um para ambos os pés e os outros para as mãos.

Igualmente, só quando se dá uma expressão realista à crucificação, aparecem os dois ladrões. Os antigos veneravam tanto a imagem de Cristo que não poderiam

admiti-la representada em companhia dos delinquentes. Quando os representavam, era sempre em cruzes mais baixas que as destinadas a Cristo, existindo quadros, como o de Messina, guardado no museu de Antuérpia, nos quais os ladrões não estão crucificados, mas simplesmente atados aos troncos.

A cruz, com os séculos, projetou a sombra sobre o mundo. Deixou de ser o símbolo exclusivo dos fiéis e, mais do que o sacrifício, simbolizou a esperança, a fé, a caridade. Em uma palavra, as virtudes proclamadas por Aquele que, sobre ela, expirou, numa época em que sua forma era imprecisa, sem perfil, sem estilo.



Na mulher, saúde e beleza são dois predicados intimamente entrelaçados podendo-se mesmo afirmar que são inseparáveis. Da boa saúde, quer dizer, do correcto funcionamento do organismo feminino, depende não só o bem-estar physico e a disposição para o trabalho ou os prazeres, como o bello aspecto do corpo, a graça do porte, o rosado das faces, o brilho dos olhos e a abundancia dos cabellos. Resguardar a saúde contra quaesquer perturbações deve constituir uma preocupação permanente de todas as mulheres. Nessa tarefa nenhum auxilio lhes será mais valioso que o uso d'A SAUDE DA MULHER. Tónico, regulador, sedativo, descongestionante, o grande remedio é uma garantia permanente de saúde, sem a qual a belleza não é possível

Manteiga e Amanteigados

A propósito da manteiga, que entra em quase todos os pratinhos gostosos e nos quitutes mais apreciáveis, oferecemos essas receitas que farão a delícia dos boas donas de casa:

MÃE BENTA

INGREDIENTES:

6 ovos,
250 gramas de fubá de arros,
250 gramas de açúcar,
250 gramas de manteiga,

NUNCA MAIS O CHAMARÃO

"POBRE
MENINO

COMO ESTÁ
MAGRINHO...!"



"Antes todos tinham muita pena dele. Era tão fraco e nervoso. Foi quando comecei a dar-lhe diariamente a aveia Quaker Oats - que diferença! Já aumentou varios quilos.,,

Realmente a aveia Quaker Oats é essencial para crianças desnutridas. É rica de todos os elementos exigidos pela natureza para um desenvolvimento firme e sadio do corpo, ossos e músculos. Ajuda a aumentar o peso e a estatura das crianças no período de crescimento. Enriquece o sangue, dá energia e combate o nervosismo e a fadiga. É igualmente proveitosa aos adultos. Dê com regularidade a aveia Quaker Oats a toda a família. Far-lhes-á bem e apreciarão o seu delicioso sabor.

Eis porque Quaker Oats de grão integral
é realmente um alimento

"SUPER" NUTRITIVO"



A aveia Quaker Oats é três vezes mais rica em Thiamina (vitamina B1) para combater o nervosismo e criar nova energia; três vezes mais rica em ferro tão necessário para enriquecer o sangue; três vezes mais rica em fósforo para fortalecer dentes e ossos. A aveia Quaker Oats é "super" econômica e de fácil preparo. Compre uma lata hoje mesmo.

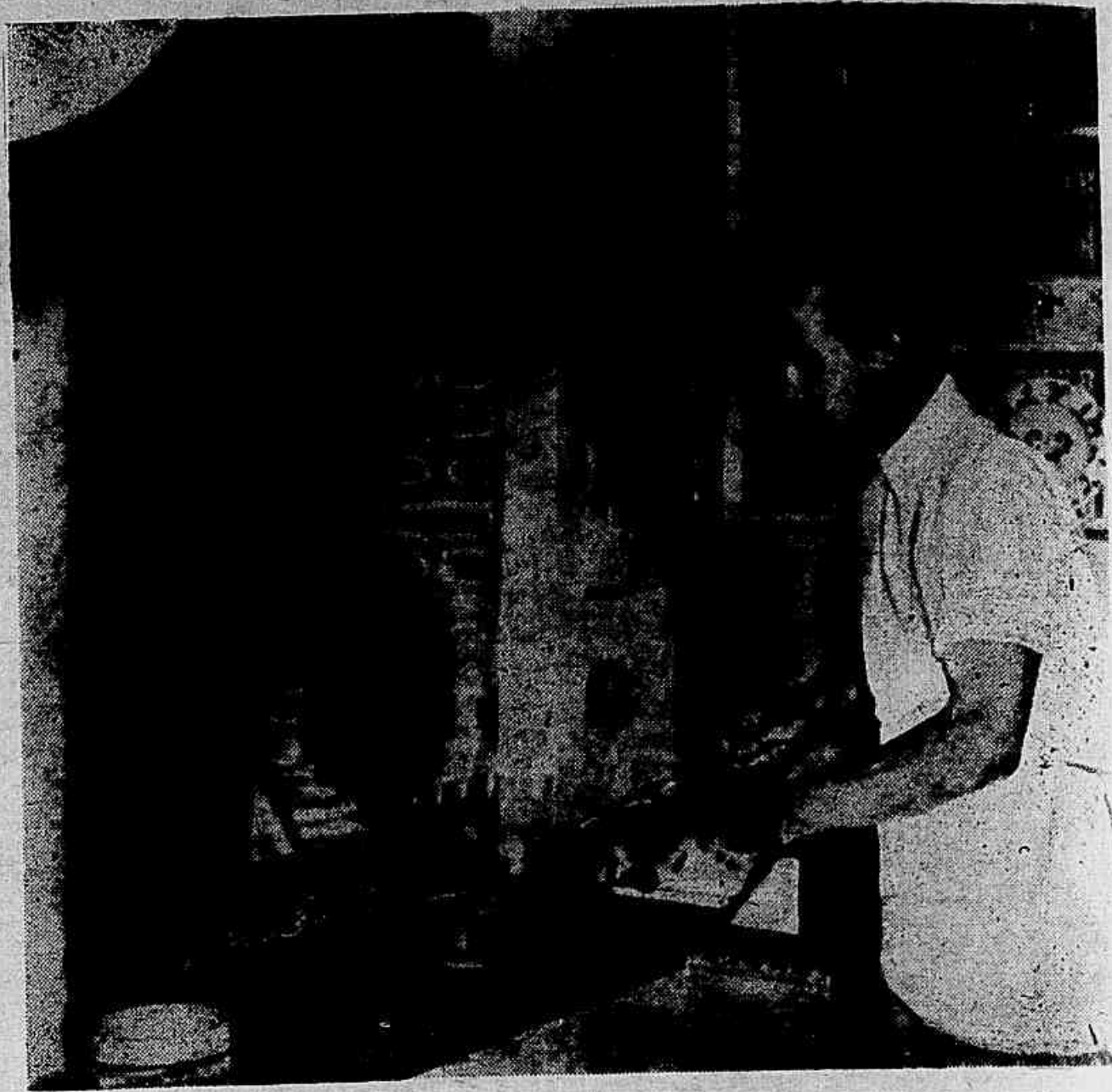
Há pessoas que às vezes se referem a avelas inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker - a original e legítima - identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



31 v.



$\frac{1}{2}$ côco ralado,
as claras em neve e herba doce q. b.
Bata exageradamente a manteiga com o açúcar, depois junte as gemas e as claras em neve, bata ainda, incorpore o resto e leve a assar em forminhas forradas com rodela de folhas de bananeiras passadas no forno ou no fogo.

BOLINHOS DE FUBA' DE ARROS E AMENDOAS

INGREDIENTES:

50 gramas de fubá de arroz,
100 gramas de manteiga,
150 gramas de açúcar,
200 gramas de amêndoas moidas,
6 ovos.

Bata bem os ovos com o açúcar, depois junte a manteiga e o resto. Leve a assar em forminhas. Em vez de amêndoas pode usar castanha do Pará.

BOLINHOS FOFOS DE MAIZENA

INGREDIENTES:

225 gramas de açúcar,
125 gramas de manteiga,
 $\frac{1}{2}$ pacote de maizena,
2 claras em neve e 1 colher de chá de Royal.

Bata a manteiga com o açúcar, depois misture pouco a pouco 2 gemas, as claras, sempre batendo, a maizena com o Royal. Leve a assar em fôrminhas untadas de manteiga. Forno quente.

BOLINHOS VIENENSES

INGREDIENTES:

125 gramas de farinha,
250 gramas de manteiga,
125 gramas de amêndoas moidas,
1 colher de açúcar,
3 ovos,
2 gemas.

Bata a manteiga com o açúcar, junte os ovos, as gemas, as amêndoas e a farinha. Leve a assar em fôrminhas untadas.

BOLOS:

BOLO DE MEL

INGREDIENTES:

1 ch cara de mel,
2 ch caras de farinha de trigo,
2 colheres de manteiga,
4 ovos, as claras em neve,
1 colher rasa de fermento Royal.

Bata a manteiga com o mel, junte os ovos e por ultimo a farinha com o fermento. Leve a assar em duas fôrmas e depois de prontas, una com um pouco de mel batido com 1 colher de manteiga. Cubra com suspiro.



Para tornar sua casa mais atraente sugerimos esses lindos modelos em renda de Milão e bordado sobre linho branco.

Centros de mesa

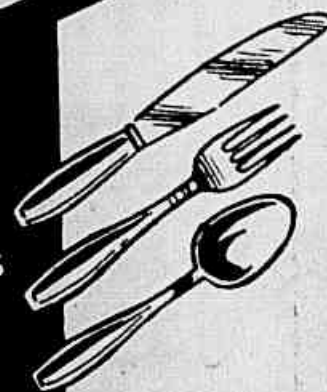
Torne seu lar um mundo maravilhoso

MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

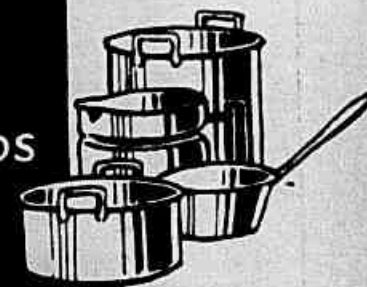
A Fábrica de Moveis "Lamas", expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos a que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.

ÚTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

Talheres



Aluminios



Artigos em geral para cosinha



Mesbla

Rua do Passeio

Visitem nossas Exposições internas

Número atrasado desta revista, em São Paulo
Procurar á Rua D. José. de Barros, 323 -- Telefone 47-866

PAPEL

DE TODOS OS TIPOS

Fornecedores da REVISTA DA SEMANA



REPRESENTANTES:

COMPANHIA IMPORTADORA SUECA LTDA.

Av. Rio Branco, 52 — Tel. 23-0632

♦ RIO DE JANEIRO ♦



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

APR. PELA CENS. SANIT. N. 96-J-6

Ensaio sobre a Poesia

(Continuação da pág. 86).

barismos, que submetem a arte ao risco de cair em habilidades vãs. Não havendo sentido o imperativo genésico de criar novos moldes, não quis fingir-me a necessidade de destruir os antigos. Sempre houve, afortunadamente, poetas, e sempre, á volta de cada autêntico inovador, eunucos saltadores e buliçosos se entregaram a imitações estéreis.

Até o mais subjetivo dos artistas cumpre o dever social de refletir seu tempo. Os nossos são obscuros, e isso origina a razão de que, apesar das numerosas fontes de informação, a Poesia tende a trocar-se em hieroglifo, que, quando não é obra de almas maiores, apenas deixa ao espírito outro gozo que o de vislumbrar, entre o labirinto de obstáculos, saídas e claros de sensações e de pensamentos. Ademais, Mallarmé afirmou que nomear um objeto é diminuir-lhe metade de seu encanto. E quanto às imagens tão perseguidas, tão exibidas, tão reivindicadas como contribuição atual pelos mestres do "gaio cantar" de hoje, recordemos que já Ovidio definia a Poesia como a arte de falar por imagens.

Escala: a de ascender e a de deter-se entre etapa e etapa da viagem, a de sons, a de emoções... Se num pomo cabe o perfume de uma floresta inteira, poder-se-á achar em minha desprezenciosa obra poética, com a melancolia de tentativas frustradas, o exemplo de uma vida posta a serviço dessas nove irmãs ao mesmo tempo mitológicas e reais, pelas quais o Mundo não se converte em um combate de egoísmo sem luz de beleza nem de esperança.



O BANCO NACIONAL ULTRAMARINO E O ESFORÇO DE GUERRA

Prestigioso estabelecimento de crédito, que faz apreciável movimento de operações em suas inúmeras filiais, distribuídas pelo Brasil, pelas colônias portuguesas, e Portugal, o Banco Nacional Ultramarino, associando-se a uma causa muito simpática aos nossos sentimentos patrióticos, além de vender obrigações de guerra e juros de 6% ao ano, acaba de subscrever 15 milhões de cruzeiros em letras do Tesouro Nacional que encerram o mesmo objetivo das citadas obrigações. Gesto como este demonstram o espírito de solidariedade comum, que une brasileiros e portugueses, solidariedade que hoje se torna mais acentuada em razão desta guerra que nos esforçamos por suprimir do concerto universal.

PRISAO de VENTRE?

Pílulas

**ALOICAS**REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS.

PARABENS

à

REVISTA DA SEMANA

por seu aniversário, de

Price Brothers Sales Corporation, Quebec, G. F. Steele & Co. Inc., Nova York, e dos seus exclusivos representantes no Brasil,

Murray, Simonsen & Cia. Ltd.

RIO DE JANEIRO

EMFIM, LIVRES
DAS
HEMORROIDAS

Quaisquer hemorróidas desaparecem, sem operação, com o uso das Pílulas de Herva de Bicho, extraídas da nossa flora.



CUSTAM
POUCO...
VALE M
SAUDE!

PILULAS DE
HERVA DE BICHO
COMPOSTAS IMESCARD

HOMOPATHIA

prefira



ENCONTRADA EM TODAS AS

FARMACIAS DO BRASIL

1858 · COELHO BARBOSA · 1943

Rua da Carioca, 32
RIO

Fornecemos nosso
indicador "GRATIS"
CAIXA POSTAL 602



PARA LIMPEZA DE
TALHERES,
LOUÇAS,
ALUMINIOS E
AZULEJOS

Crema SANITARIO

43 ANOS DE VIDA CULTURAL

(Conclusão da pag. 75)

tendo os preconceitos anti-culturais que a base de outrora alimentara. Na realidade a literatura só então começava a dar dinheiro. O escritor já podia obter alguma vantagem econômica com seu trabalho intelectual, vantagem muito pequena ainda, mas que assumia extraordinária importância, em cotejo com o que se dava há uns cinco anos atrás. As traduções iam aos poucos inundando o mercado. Era tudo feito sem direção, sem orientação, ou antes, com orientação geral, mas falha. Apesar disso, muita coisa se estava fazendo. Em matéria cultural parecia, então, que estávamos vivendo um romance de Wells.

NORTE E SUL E OUTROS ASPECTOS

Prescindidos pelos angustiosos problemas da vida e do meio, os romancistas do Norte sentem a necessidade imperiosa de refletir a realidade que os cerca. José Lins do Rego e Jorge Amado lançam modelos que se transformarão logo em "pontal". Mas enquanto os discípulos ficam nos "pontais", eles ultrapassam o documentário, derivando para o lirismo e a poesia. Embora nordestino, Graciliano não acompanha as diretrizes desse ciclo. Em lugar de focalizar o drama social, e concentrar através dos costumes, focaliza os desequilíbrios da personalidade que as desarticulações com o meio produzem. E realiza uma obra de grande força interior, ainda não suficientemente discutida. No Sul, novas vocações de romancistas reagem contra o objetivismo do Norte. Otávio de Faria, procurando fazer a análise de um pequeno mundo de adolescentes febris e inquietos; Lucio Cardoso, tentando o fantástico psicológico, à maneira de Julien Green. Mais ao Sul ainda, Erico Verissimo, embora mantendo certas qualidades literárias apreciáveis, faz romance para o grande público, conquistando, principalmente, centenas de leitores.

O romance do Norte encontrou, por assim dizer, seus fundamentos sociológicos na obra de Gilberto Freyre. O apare-

cimento de "Casa Grande e Senzala", em 1933, foi outra grande data da literatura brasileira. Gilberto iniciava verdadeiramente a interpretação sociológica da nossa História. E fazia com espírito de artista e cientista, ao mesmo tempo.

Torna-se impossível, em poucas linhas, dar uma idéia do movimento literário brasileiro nestes últimos doze anos. Além disso, como quase todas as figuras principais estão em franca atividade, seria imprudência fixar o sentido de obras que ainda não se completaram. Assinalaremos, apenas, uma reação da forma verificada neste último lustro, com o correspondente reflexo da crítica. Depois de uma livre eclosão de forças, entramos num período de depuração de valores e de controle.

Não se pode dizer que ao surto de 30 a 32 já esteja sucedendo um período de refluxo. Continuamos, pelo contrário, em franca vitalidade literária: mesmo a guerra não trouxe até agora nenhuma depressão em nossa vida cultural. O romance, a poesia, o conto, o ensaio, aí estão produzindo novos frutos. De 1939 em diante, a cotagem da literatura francesa começou a restringir-se a um público de elite, enquanto as literaturas americana e inglesa foram conquistando a grande massa de leitores. As traduções de "E o vento levou..." e "Cidadela" marcaram sucesso sem precedente em nosso mercado literário.

Aqui chegamos ao fim da nossa resenha falha e cheia de omissões mas na qual julgamos ter assinalado o essencial. Qualquer julgamento sobre a literatura brasileira dos dias atuais, deve ser feito com vistas no panorama desanimador de vinte anos atrás. Nessa ocasião, concedendo uma entrevista à imprensa, Monteiro Lobato, que se esforçava para fazer o Brasil ler, dizia, com seu sorriso melancólico: "Mas em nossa casa editora também fabricamos livros em branco e são esses os que mais se vendem. Parece que todo o mal do livro para o brasileiro já vir escrito..."

Hoje, o autor de "Urupês" já não encontra oportunidade para o seu "mot d'esprit".

BRITO BROCA.



SEUS MOVEIS
FICAM MAIS
BELOS E DE
APARENCIA
SEMPRE NOVA

Gleco de Peroba

BRITO OLIVEIRA & CIA.

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93 - TEL. 42-7046

RIO DE JANEIRO

Massa para Rolos

*Tintas para
Impressão*

*Artigos
Gráficos*

*Arames estanhados a fogo
e cobreados para:
encadernação, caixas de papelão
e fabrica de calçados*

STOCK PERMANENTE PARA ENTREGA IMEDIATA

**ESTES BOMBARDEIROS FALHARAM
PORQUE ENCONTRARAM UMA CIDADE
PREVENIDA!**



ROGER
A. O.

PREVINA-SE TAMBEM!



CONOMISE,

PENSANDO NO
FUTURO! ACUMULE SEUS MEIOS DE DEFESA
CONTRA AS ALTERNATIVAS QUE A VIDA OFERECE,
TÃO IMPREVISTAS COMO AS INCURSÕES AÉREAS.

Abra uma CADERNETA DE ECONOMIA na

**CAIXA
ECONÔMICA
FEDERAL**

**DO RIO
DE
JANEIRO**



SEDE
RUA 13 DE MAIO
33-35

A CAIXA ECONÔMICA vai ao seu encontro.
Em cada bairro há uma agência, para a sua
comodidade.